

DESPEDIDA DE
Polleina
AMANDE E CALEB

Mila Wander



Despedida de Solteira

Volume 3 – Amande e Caleb

Mila Wander

1º Capítulo

15 minutos depois...

Puxei os cabelos negros e grossos de Caleb, usando mais força do que o necessário. Meu corpo inteiro tremia, sentia-o completamente dentro de mim. Um espasmo intenso indicou o clímax que chegava aos poucos, juntava pequenas doses de prazer até se transformar em um oceano delicioso de ser navegado.

- Caleb! – gritei quando atingi o ápice, deixando meu corpo se contorcer livremente enquanto sentia que ele também estava próximo.

Aquele homem perfeito me encarou com ternura e, como previsto, inundou-me pela primeira vez. Senti um líquido quente me preencher, e a sensação foi tão gostosa que quase não acreditei que jamais havia feito aquilo antes. Não liguei por não termos usado preservativos – comecei a tomar anticoncepcional há algum tempo por causa do casamento –, tinha certeza de que estávamos bem seguros.

- Amande... – ele murmurou docemente.

O imenso véu que saía da pequena tiara em meu cabelo estava desganhado e nos envolvia de um jeito meio louco. As meias compridas de renda quase totalmente rasgadas pela força que Caleb havia posto nelas. Só usava um sapato; o outro devia estar em algum ponto desconhecido daquele quarto.

Depois de momentos incríveis e de um orgasmo maravilhoso, finalmente o peso das minhas ações vieram à tona. Não sei explicar, mas depois que Caleb depositou seu rosto entre os meus seios e eu pude respirar com mais calma, pensamentos ruins me acometeram. O casamento. Os convidados. Meus pais. A festa que jamais aconteceria. Minhas amigas. João.

João.

Meu Deus... Ele devia estar arrasado. Fui tão injusta, tão errada! Como pude deixar as coisas irem longe daquele jeito?

- Você está bem? – Caleb perguntou, observando-me atentamente. Seu semblante, de repente, havia ficado tão preocupado quanto o meu.

- Preciso fazer algumas ligações – respondi baixinho.

Um frio aterrorizante se apossou do meu corpo. Céus... Eu tinha um problemão para resolver. Uma igreja fervorosa, repleta de familiares, perguntava por mim enquanto eu fazia amor com o homem por quem havia me apaixonado uma semana antes do meu casamento. Parecia uma mentira... Mas era tudo o que eu possuía de mais real.

- Fique à vontade – disse Caleb, desencanaixando nossos corpos.

Eu estava tão cansada - parecia ter levado uma surra -, mas precisava encontrar forças ao menos para efetuar as malditas ligações. Não seria fácil, e o semblante de Caleb não negava. Sei que ele se sentia culpado, mas até aquele instante não havia me arrependido de nada. A sua cama era o lugar onde eu devia estar, e estava.

Levantei com cautela, sendo ajudada por ele. Seu corpo nu me segurava com firmeza enquanto tentávamos ficar de pé. Acho que Caleb também estava um pouco desnorteado. Pudera, eu tinha invadido seu apartamento do nada. Sexo foi a primeira coisa que pensamos em fazer. Sabia que precisávamos conversar sobre nós, mas a prioridade era avisar aos meus pais que estava viva, e bem.

- Vamos tomar um banho? – Caleb propôs, tocando-me a face e me observando como se conferisse o meu estado emocional.

- Sim, mas deve ter quinhentos grampos no meu cabelo... – falei, tentando soar divertida, porém meu timbre era um lamento.

- Eu tiro para você. Sente-se aqui. – Ele me puxou de volta para cama, mas continuou de pé, iniciando uma longa sessão de retirada de grampos.

Soltei alguns suspiros profundos durante o processo. Um nó se formava no meu estômago, deixando-me um pouco enjoada. Eu sentia o peso da culpa ser jogado em cima de mim sem rodeios.

- Amade... Tudo vai ficar bem – Caleb murmurou, percebendo minha inquietação. – Prometo. Vamos resolver tudo, eu estou contigo, do seu lado.

- Eu sei... É só que... Não parei para pensar nas consequências. Eu subi no altar, Caleb. Jamais devia ter feito isso. Não podia ter deixado as coisas irem tão longe.

Caleb parou o que estava fazendo e se sentou ao meu lado, segurando alguns grampos nas mãos.

- Você chegou a subir no altar? – Sua linda voz agora era pesarosa.

- Sim. Eu ia me casar... Ia forçar a mim mesma a prosseguir, mas... Não pude. Não pude, Caleb. Saí correndo deixando tudo para trás. – Balancei a cabeça, tentando evitar começar a chorar. Em vão.

Olhos azuis magníficos se entristeceram, e eu tive vontade de morrer. Não queria deixá-lo triste, afinal, eu havia seguido o meu coração.

- Desculpe, eu... – ele começou, mas o interrompi colocando meu dedo indicador nos seus lábios desenhados.

- A culpa não é de ninguém.

Caleb desviou os olhos, passando as mãos pelo cabelo. Estava visivelmente perturbado. Não encontrei palavras para expressar o quanto detestava vê-lo daquele jeito, e ele também nada falou.

Depois de alguns segundos, tornou a se levantar e continuou a retirar os grampos do meu cabelo, que permaneceu no lugar por causa da quantidade horrenda de laquê que segurava o penteado.

- Estou me sentindo suja – murmurei. Caleb parou e olhou para mim, entreabrindo os lábios de um jeito doentio. Foi então que percebi que ele havia me entendido mal. – Fisicamente, Caleb. Corri muito para chegar até aqui, peguei um táxi, chorei, gargalhei... – Ri de leve, deixando o clima um pouco melhor. – O taxista nem me cobrou pela corrida, deve ter me achado uma louca!

Caleb gargalhou, e meu coração vibrou em resposta.

- Você foi uma louca mesmo! Ainda não acredito que está aqui.

- Sou louca por você – falei e, no impulso, levantei da cama e lhe abracei com força. Caleb deu alguns passos para trás, assustado com meu ataque repentino. Eu estava usando apenas um sapato, então foi impossível manter o equilíbrio. Caímos no chão como dois bêbados, eu por cima dele.

Gargalhamos com muita força, até perdermos o ar. Foi hilário; duas pessoas nuas estiradas no chão, chorando de tanto rir.

Repentinamente, Caleb conseguiu se levantar e me puxou consigo, guiando-me até o seu banheiro enorme e sempre muito limpo. Antes de entrarmos debaixo do chuveiro, ele terminou de tirar minhas meias e o sapato branco que restara. Eu mal pude acompanhar seus movimentos, de tão rápidos que eles eram. Ainda estava rindo da nossa queda sem sentido, talvez por isso não estivesse prestando tanta atenção no que acontecia. Entretanto, tive que fazê-lo quando senti a água deliciosamente morna escorrendo pelo meu corpo, lavando a minha alma. Minha pele relaxou quase imediatamente, sendo tomada pelos dedos leves de Caleb.

Ele massageou meu corpo com muito cuidado e dedicação. Meus cabelos foram devidamente lavados, voltando a ficar macios. Caleb estava concentrado no que fazia, mas eu não conseguia parar de admirar o seu corpo nu tão perto do meu. Era excitante demais para ignorar.

Quando ele me virou de frente para si mais uma vez, não consegui me controlar. Já o beijava apaixonadamente, sendo correspondida com a mesma intensidade. Nossos corpos se grudaram com o movimento, e então me lembrei da última vez que estivemos em um banho juntos; na minha louca despedida de solteira. Apesar de estar completando apenas uma semana, tanta coisa tinha mudado que parecia fazer parte de um passado muito distante. Naquela noite eu estava confusa até demais, porém agora tinha certeza do que queria. Queria aquele homem. Muito.

- Amande... Não vou resistir... Você precisa fazer as ligações, lembra? – ele me alertou, murmurando entre os meus lábios. Sua ereção já se esfregava em mim de um modo divino. Mal havia me limpado direito e já estava pronta para me lambuzar dele.

- Isso pode esperar – rosnei e, com as mãos firmes, segurei seu sexo. – Isso aqui não pode.

Senti seu corpo tremer tanto pelo riso que lhe escapou quanto pela excitação sob o meu toque. Caleb logo me ergueu para si, encostando-me na parede de azulejos brancos. Enrosquei minhas pernas na sua cintura e, decididamente, usei as mãos para nos encaixar. Ele resfolegou com o

primeiro choque, e eu gemi com todos os outros. Sua pegada era forte, dura, carregada de uma necessidade que não tinha fim. Apertei sua pele branca entre os meus dedos, explorando seu corpo maravilhoso ao máximo. A sensação de preenchimento chegava a ser perfeita, como se ele fosse feito na medida certa para me proporcionar o maior prazer possível.

- Gostosa... – ele murmurou, enquanto socava dentro de mim de um jeito totalmente diferente do que havia feito na cama, há alguns minutos atrás. Caleb agora estava selvagem, e eu entrei no clima facilmente. Era natural. – Deliciosa...

- Delicioso... – comecei, mas o êxtase me tomou antes que pudesse completar a frase. No entanto, acabei concluindo em meio a gemidos. – É... Você...

Caleb parou o movimento bruscamente, enterrando-se em mim e deixando seu corpo soltar espasmos fantásticos. Seus braços tremeram ao meu redor, e então ele já estava com os lábios presos e os olhos semicerrados, encarando-me com seus dois oceanos azuis penetrantes.

- Amande... – sussurrou, inundando-me com seu prazer. De novo.

Céus... Difícil acreditar que aquele homem, agora, era só meu.

Ele me beijou longamente antes de nos desencaxar. Depois, limpou-me com a mesma concentração anterior, como se nada tivesse acontecido. Suas mãos não me largavam por nada, o que me deixava sempre com a sensação de conforto e proteção. Sabia que não estava sozinha. Eu confiava tanto no Caleb que chegava a ser espantoso.

Vesti uma camisa dele. Desta vez era azul-escura, com algumas faixas brancas na vertical. Não me senti confortável para vestir a calcinha com o minúsculo véu atrás, por isso Caleb também me emprestou uma de suas cuecas boxer. Ela ficou meio esticada em mim – por causa do meu horrendo quadril largo -, mas coube.

Quando finalmente ficamos prontos – Caleb usava apenas uma cueca samba-canção -, sentamos no sofá.

- Vou organizar suas coisas lá no quarto e te deixar à vontade, certo? – Ele pegou um telefone sem fio de uma base localizada em uma mesinha de apoio e me entregou. - Qualquer problema, é só gritar.

- Tudo bem.

Caleb me deu um selinho e se retirou, deixando-me sozinha na sala de estar. Eu nem queria imaginar o que me aguardava. Se parasse para pensar, talvez simplesmente sumisse. Ou, quem sabe, me jogasse da varanda. Uma queda do décimo sétimo andar talvez doesse menos do que ouvir minha mãe berrando assim que atendeu seu celular. Ainda bem que ela estava com ele.

- Amande? Onde você está? Meu Deus, filha, o que aconteceu? Estamos te procurando há horas! – Sua voz aflita indicava que estava aos prantos, preocupadíssima comigo. Senti-me culpada na velocidade da luz.

- Estou bem, mãe. – Foi o que consegui responder.

- Onde você está? Amande... O que você fez? Por que saiu correndo assim, sem mais nem menos? O que está acontecendo?

- Mãe... Prometo que tudo vai fazer sentido. Eu não podia me casar, acredite.

Mamãe ficou em silêncio por alguns segundos. Pelo que eu conhecia da dona Isabel, isso não era um bom sinal.

- Amande, você tem ideia do que fez aqui? A família do João está indignada conosco. O pai dele quase brigou com o seu pai não faz nem vinte minutos. Onde diabos você está?

Ai, meu Deus...

Passei as mãos pelos meus cabelos ainda molhados do banho. Meu estômago ardia de nervosismo. Acho que nunca senti tanta culpa na minha vida. Mas era apenas culpa. Arrependimento, não.

- Eu não posso me casar com quem não amo. Seria pior ter que me divorciar depois, não acha?

- Quando você decidiu que não ama o João? Foram nove anos de relacionamento, Amande. Não estou te reconhecendo. Jamais esperava isso de você. Foi uma irresponsabilidade... Uma vergonha para a nossa família... Para mim e para o seu pai. Uma vergonha para você.

As palavras dela soaram tão frias que não pude conter lágrimas doloridas.

- Eu sei, está bem? – falei, com a voz chorosa. - Peço perdão por tê-los decepcionado tanto... Mas eu não ia ser feliz, mãe. Entenda isso, por favor. Você me conhece, sabe que, quando tomo uma decisão, é porque já pensei muito antes.

- Eu sei, meu amor, eu sei... – Mamãe parecia mais amena agora. Devia ser porque ela nunca conseguia ficar com raiva de mim quando eu começava a chorar. – É por isso que estou tão assustada. Eu não esperava... Foi um choque para nós, filha. Estou aqui no hotel recolhendo as suas coisas e me perguntando o que deu errado.

- Está tudo bem agora, prometo. Vai ficar tudo bem, as pessoas vão esquecer o que aconteceu.

- Esquecer? Duvido muito, Amande. A família toda estava lá. Sua avó está muito preocupada. Aliás, todo mundo está, até suas amigas. Elas estão me ajudando a cancelar todos os serviços. Se bem que, nesta altura, nada vai poder ser ressarcido.

- Não quero dinheiro de volta.

- Você não quer, mas os pais do João estão indignados por terem gastado tanto para nada.

- Como assim? Eu paguei noventa por cento dessa droga! Está tudo quitado, você sabe que planejei bem.

- Eles estão nervosos, Amande.

- Diga a eles que João pode ficar com a nossa casa que está sendo construída. Pronto.

- Mas você investiu tan...

- Não quero mais nada. Tenho tudo de que preciso, acredite. Não preciso brigar por dinheiro com ninguém, muito menos com o João. Fiz uma burrada e reconheço, ele merece ficar com tudo o que restou do que tínhamos em comum.

Sério, eu nem acreditava que estava discutindo por causa daquilo. Parecia absurdo demais falar de coisas materiais quando as únicas coisas que me preocupavam eram os sentimentos.

Mamãe soltou um longo suspiro.

- Você é adulta e consciente. Sabe o que faz.

- Sim – respondi rispidamente.

- Amande... Onde você está, afinal?

Oh... Droga!

- Estou... Estou... – Olhei para os lados, observando a sala bem decorada de Caleb. – Leve minhas coisas para o meu apartamento, mãe. Deixe a chave com o porteiro – mudei de assunto.

- Sim, mas... Onde você está?

- Estou na... Estou... – No mesmo instante, Caleb apareceu na sala com uma caixa enorme em mãos. – Na casa de... Um amigo.

Ele me olhou, levantando uma sobrancelha. Eu murmurei um “desculpe”, e ele gesticulou um “tudo bem”.

- Que amigo?

- Um amigo, mãe – respondi com frieza.

- Amande... Pelo amor de Deus, não me diga que está com outro homem!

- Estou – confessei. – Leve minhas coisas, mãe, não esqueça. Tenho que ir, vou ficar bem. Prometo.

- Amande, você enlouqueceu?

- Tchau, mãe. Acalme o papai, sim? – Desliguei o telefone muito depressa.

Caleb ainda me encarava. Havia depositado a caixa em cima do sofá e sentado ao meu lado.

Quando menos percebi, já estava soluçando alto em seus braços.

- Vai ficar tudo bem... Amande, tudo vai dar certo. – Ele me consolava, abraçando-me de um jeito quase sufocante.

Balancei a cabeça, aquiescendo. Aquelas palavras soavam como verdades. Eu acreditei e, de imediato, senti-me mais calma.

- Não me arrependo... Não consigo me arrepender – falei. – Não consigo me importar como antes. Minha felicidade é a minha prioridade.

Caleb me abraçou ainda mais forte, de modo que estava quase deitada em cima dele.

- Isso está certo, linda. Eu já te disse uma vez, não há arrependimentos quando fazemos o que queremos.

- Eu quero estar aqui. Quero estar contigo – admiti. – Quero muito.

Ele me beijou docemente, mas percebi seu nervosismo. Parei um segundo para analisar sua expressão.

- Tenho medo de te machucar – ele disse finalmente, alisando-me a face. – Tenho medo de não ser bom para você.

- Você é perfeito para mim – murmurei entre seus lábios. – Jamais me arrependerei de ter te escolhido, Caleb. Nunca me senti tão viva quanto quando estou contigo... Você me faz bem. Sempre vou te escolher. Vai ser sempre o número cinco. – Ri, lembrando-me de quando adivinhei qual era o seu beijo, mesmo com os olhos vendados, na despedida de solteira.

Ele me deitou no sofá com um curto movimento, e logo depositava seu peso em cima de mim. Abracei-o com força, sentindo seu cheiro gostoso.

- Acho que não vou voltar para casa hoje – comentei. Sinceramente, não queria ficar sozinha nem tão cedo. Meus pensamentos calculados e reflexões exacerbadas podiam ser armas fatais contra mim.

- Eu não permitiria, de qualquer forma. Aliás, não quero que volte nunca. Minha casa é a sua casa, Amande.

- Vamos com calma, meu bem – alertei, beijando-lhe o maxilar em diversos pontos.

- Como preferir. Então, o que vai ser hoje?

Fiz uma careta, sem entender do que ele estava falando.

- O filme. Julia Roberts. O que vai ser?

- Hum... – pensei um pouco, e acabei tendo uma ideia. – Que tal “Tudo por Amor”?

Caleb sorriu torto, aquecendo meu coração, meu corpo e a minha alma simultaneamente. Era incrível como tudo mudava quando o canto esquerdo da sua boca se erguia.

- Adorei, mas também pode ser “O Poder do Amor”.

- “Lado a lado” – murmurei, dando-lhe um selinho estalado. Nem eu sabia que conhecia tantos filmes da Julia. Percebi que era uma viciada em comédias românticas tanto quanto ele.

- Sim... Ou talvez, “Todos Dizem Eu Te Amo” – completou.

Encarei-o.

- Você diz? – perguntei, sentindo uma coisa estranha na minha garganta.

- Digo.

- Então diga.

- Eu te amo, Amande.

Ai. Meu. Deus.

2º Capítulo

24 horas depois...

Foi um dia preguiçoso, mas intenso. Amande dormiu comigo e passou o dia inteiro no meu apartamento. Ela não queria voltar para casa, e eu a apoiei. Na verdade a apoiaria em qualquer coisa que me propusesse. Estava preocupado com seu estado emocional. Às vezes ela ria e parecia se divertir comigo, porém, em alguns momentos, ficava altamente reflexiva. De um jeito que me tirava do sério.

Não estava sendo fácil para ela, sabia bem disso. Largar um casamento – e ainda mais deixando o noivo no altar, isso sem contar os convidados – era no mínimo constrangedor. Amande chegou a ligar para suas amigas e mais uma vez para a dona Isabel. A mãe dela estava possessa, ainda mais porque Amande confessou que estava comigo.

Eu sabia que isso ia acontecer, não devia estar tão irritado. Os pais dela me odiariam por um longo tempo, talvez jamais chegassem a gostar de mim ou a me aceitar. Se descobrirem o que fui então... Quero nem imaginar. Certamente tentariam convencê-la a se afastar de mim, e eu não saberei o que fazer. Talvez simplesmente a deixasse partir. O problema é que cheguei muito longe para não lutar. Amande havia me escolhido. O que pudesse fazer para merecer a aceitação da sua família, eu faria.

- Acho que estou pronta para ir pra casa – ela falou em certo momento, quando terminamos de jantar.

Havíamos cozinhado juntos o dia todo; fizemos o café da manhã, o almoço e o jantar. Escutamos músicas. Assistimos a mais um filme. Jogamos um pouco de videogame. Aliás, descobri que ela era uma negação no videogame, mas pelo menos era empolgada, não desistia fácil. Ah, também fizemos amor. Umas três vezes, pelas minhas contas.

- Tudo bem, vou te levar – respondi.

Emprestei uma camisa e um short de academia para Amande. Seu vestido de noiva ainda estava em uma caixa, em cima do sofá, junto com todos os acessórios que ela estava usando quando apertou a minha campanha no dia anterior.

Apenas dois minutinhos de carro separavam nossos apartamentos – era uma coincidência incrível morarmos no mesmo bairro. O prédio dela era incrível, eu já o conhecia de vista. A fachada toda de vidro e mármore sempre me impressionou. Quem diria que o amor da minha vida morava exatamente ali?

Amande pegou as chaves com o porteiro e voltou para o carro, que eu havia estacionado mais ou menos em frente à portaria.

- Quer subir? – ela perguntou, e eu achei que havia sido apenas por educação. Talvez quisesse ficar sozinha, mas estava com vergonha de dizer.

- Tem certeza?

- Se você não quiser... – murmurou, desviando os olhos dos meus de um jeito triste. Franzi o cenho. Odiava quando fazia aquilo.

- Amande, não é por mim, é por você. Por mim eu ficaria contigo vinte e quatro horas pelo resto dos meus dias, mas entendo que você precisa de espaço.

- Eu não quero espaço – disse ela seriamente. – Preciso resolver a minha vida, mas não preciso te afastar por causa disso. Não tenho vergonha de você, nem medo do que vão falar ou pensar, Caleb.

- Você se faz de forte, mas sei que está magoada. Sei também que está com medo.

- Não estou magoada, só não posso dizer que estou alheia ao que aconteceu. E bem... Você também está com medo, não me julgue.

- É claro que estou. Não quero te perder.

Amande sorriu um pouco, mas voltou a ficar tensa.

- Não vai, Caleb.

Permanecemos em silêncio durante eternos segundos. Ela balançava a cabeça e pensava em alguma coisa que parecia estar distante do que eu estava pensando. Minhas reflexões giravam em torno de tudo o que podia dar errado entre nós. Cada ideia me perturbava e me entristecia. Via-me perdido numa situação complicada, mas estava disposto a continuar lutando. Só não sabia se isso era egoísmo demais da minha parte. Havia muitas razões de eu não ser o cara certo para a Amande. Apenas o amor que eu sentia – e que havia confessado olhando em seus olhos na noite passada – me fazia compreender que nada podia ser em vão.

- Eu não quero ficar sozinha – ela murmurou depois de um tempo. – Não quero ficar sem você.

Eu nada respondi. Desliguei o carro, peguei as chaves e saí. Dei a volta e, percebendo que ela não havia se mexido, abri a porta do carona. Assim que Amande saiu, encostei-a na lateral do veículo e a beijei intensamente.

- Você nunca vai ficar sem mim – falei quando nos separamos um pouco. Toquei-lhe a face e a encarei com seriedade, para que me entendesse de uma vez por todas. – Vou ser pior que um carrapato.

Rimos juntos.

- Precisamos conversar sobre nós – respondeu simplesmente.

- Discutir a relação? Oh, não! – Fiz uma careta de horror forçado. Amande riu e me deu um tapinha no braço.

- Seu bobo! Vou logo dizendo que eu sou perita em D.R. Nunca perco uma!

- Eu imaginei. Uma empresária bem sucedida e linda desse jeito não tem a menor chance de perder uma discussão.

Ela riu, mas corou um pouquinho. Fiquei a observando feito um bobo, até que Amande se desvencilhou e me guiou na direção da portaria. Peguei a caixa com as suas coisas no porta-malas antes de ir. Logo, estávamos no quinto andar, que era onde se localizava o seu apartamento.

O ambiente era amplo e muito, muito bonito. O que mais me chamou a atenção foram as cores dos quadros nas paredes e algumas esculturas maravilhosas que compunham a sala. Amande não parecia seguir um único padrão de decoração; havia artigos modernos, mesclados com antiguidades e acessórios altamente femininos – como por exemplo, almofadas e *puff* cor-de-rosa, combinando com a cor de algumas paredes. Era interessante e ao mesmo tempo engraçado. Seu apartamento não inspirava sobriedade e seriedade, como pensei que seria, mas apenas que ali morava uma mulher que, às vezes, podia ser tão menina quanto uma adolescente de quinze anos.

- Adorei, linda. Gostei muito do seu apartamento – comentei, dando-lhe um beijinho estalado depois de pôr a caixa em cima de uma mesa redonda.

- Não brinca, não chega nem aos pés do seu.

- Adoro tudo que lembre você. Este lugar é a sua cara, Amande. Tem pedacinhos de você em cada canto, adoro isso.

Ela corou um pouquinho e se virou, guiando-me em silêncio para que eu conhecesse cada cômodo, que seguia o mesmo padrão da sala – exceto que as cores mudavam como se um arco-íris estivesse passando por ali.

- Você gosta de cores – concluí quando chegamos ao seu quarto, que reluzia em tons de amarelo fraquinho e alaranjado. A mistura era interessante e encantadora. Fazia do ambiente um lugar alegre, ainda mais porque havia ursinhos de pelúcia estendidos em algumas prateleiras.

- Não consegui escolher apenas uma cor. Gosto delas, gosto de misturar. Ah, não ligue para os ursinhos e as bonecas. Acho que ainda não cresci. – Riu de si mesma.

Sinceramente, fiquei ainda mais fascinado por aquela mulher. Era impressionante como ela sempre foi capaz de me surpreender. Alguma coisa me dizia que continuaria fazendo aquilo mesmo quando eu a conhecesse por completo.

Amande encontrou sua bolsa em cima da cama, que estava forrada com um edredom de bichinhos. Retirou o celular e fez uma careta.

- Tem mais de cinquenta ligações. Quero nem ver de quem foi.

Tomei a liberdade de pegar seu celular e conferir eu mesmo. Amande permitiu e deitou-se na cama. Permaneci de pé, mexendo no aparelho com atenção.

- A maioria é antiga e repetida. Mãe celular, pai celular, Jéssica, Lara, Fabiana, Paloma, tia

Verônica, vovó casa... – comentei, mas parei em uma, sentindo o coração apertar. – E um tal de “amor”.

- João. – Amande suspirou profundamente. – De quando é?

- De hoje de manhã – falei, vendo que não havia mais nenhuma. Voltei à tela inicial e percebi o símbolo de mensagem.

Abri-a imediatamente:

“O que deu em você, Amande? Por que fez isso comigo? Decepcionante e vergonhoso, jamais esperei isso de você... Só liguei para dizer que, por favor, não me procure sob nenhuma hipótese. Não vou conseguir olhar para você. Faça-me o favor de não cruzar o meu caminho. É uma pena ter perdido tanto tempo contigo. João.”

- Tem uma mensagem dele – avisei à contragosto.

- É muito ruim?

- Mais ou menos. Só não o procure mais, certo? – eu disse friamente. Uma coisa ruim estava me fazendo perder o fôlego. - Posso apagar?

- Ele me chamou de algum nome feio?

- Não. Só disse para você não cruzar seu caminho.

- Não pretendia fazê-lo – respondeu Amande, fazendo uma careta. – Apaga.

Fiz o que pediu. Um nó grotesco se formava na minha garganta. Era um misto de ciúmes, tristeza e raiva... Sei lá. Eu não queria que as coisas fossem daquele jeito. Queria começar um relacionamento com a Amande de um jeito normal, sem precisar roubá-la de ninguém. Não era justo... Nada daquilo era justo. Ela sabia, por isso estava tão abalada.

- Amande... Quanto tempo de relacionamento vocês tinham? – perguntei. A mensagem do seu noivo, agora ex-noivo, havia me despertado a curiosidade.

- Nove anos – murmurou.

Quase caí para trás. Minha mente deu uma volta em torno de si mesma, e a visão meio que embaçou. Sentei na cama depressa, saboreando a sensação de torpor que invadia o meu corpo.

Era difícil acreditar naquilo. Nove anos?

Apoiei a cabeça entre os dedos, tentando calcular o tamanho do problema que tínhamos em mãos. Era enorme. Amande tinha uma vida com aquele cara, uma longa vida. Sua família estava acostumada com ele, o casamento era o que todos esperavam. Eu estraguei tudo. Meus caprichos estragaram uma história inteira de expectativas.

- Eu fui muito egoísta – sussurrei. – Jamais devia ter aparecido na sua vida.

Amande ficou calada, mas percebi que se sentou na cama e me observou.

- Nunca vou me perdoar por ter feito você passar por isso – continuei, sem olhá-la. – Todo esse tempo eu não fazia a menor ideia... Não parei para pensar melhor nas consequências, só quis você e pronto. Acima de tudo e de todos, de qualquer coisa...

- Eu tive uma escolha – disse Amande, e sua voz saiu chorosa o bastante para que me sentisse um completo idiota. Encarei-a, sabendo que a veria com lágrimas nos olhos. Acertei. – Fiz uma escolha e não me arrependo, Caleb. Eu não lamento por você ter aparecido na minha vida. Não lamento termos cometido erros atrás de erros, juntos. Fomos injustos, egoístas, só pensamos em nós e machucamos as pessoas. Mas... Sinceramente? Ninguém pode passar pela vida sem magoar alguém. Faz parte do processo. Uma pessoa que jamais foi egoísta nunca pensou na própria felicidade. Sei disso porque tentei agradar todo mundo durante vinte e sete anos. Quis ser correta, verdadeira, sincera... Quis definir e planejar tudo! Tentei ser justa, mas isso só me levou a um caminho longe dos meus maiores desejos.

Naquela altura, eu não conseguia mais me segurar. Meu rosto se esquentou e lágrimas quentes surgiram em grande quantidade. Ela também chorava, mas me encarava de um modo terno.

- Estamos tentando nos justificar, Amande – murmurei, rouco.

- Claro que estamos! Nós temos justificativas. Será possível que o que sentimos não justifica?

Ficamos calados por um longo período, apenas nos encarando.

- Olha, Amande... Não vou desistir de você. Eu não quero – defini. – Por mais que a situação me incomode, estou disposto a provar a você, a sua família e a mim mesmo que vamos dar certo.

Ela sorriu, mas ainda chorava.

- Eu quero que dê certo – falou. - Preciso que dê. Por favor, não desista.

- Não vou, meu amor... Não vou – falei baixinho, empurrando-a para trás com leveza até que se deitasse na cama. Nossos corpos se uniram, e eu a beijei apaixonadamente.

O momento começou urgente e continuou do mesmo jeito. As lágrimas secaram, dando lugar ao entusiasmo de estarmos juntos. O fogo que nos consumia estava de volta, aceso como sempre. Já a desejava como sempre desejei desde que a vi. Incansável. Inesgotável. Insaciável.

Amande gemeu baixinho, mas percebi algo diferente no seu timbre. Parecia uma espécie de sofrimento. Parei de beijá-la e a observei, franzindo o cenho. Ela fazia uma expressão esquisita.

- O que foi, linda? – perguntei baixinho.

- É que... Eu... É... – Parou.

- O quê, meu bem, diz pra mim.

- Eu... Estou meio dolorida, Caleb.

- Ah... Não se preocupe, prometo não fazer mais nada por hoje.

Amande se tranquilizou um pouco, mas foi só por um segundo. Logo, já estava aflita de novo.

- E se eu estiver dolorida amanhã? – perguntou.

- Vou esperar você sarar, não fique preocupada. – Ia voltar a beijá-la, mas ela me afastou com as mãos.

- Caleb... Eu... Não sei se vou acompanhar o seu ritmo. É fácil demais fazer amor contigo, mas nunca fui acostumada a fazer isso com a frequência que você necessita. Não sei, sinceramente, se vou dar conta. Tenho medo de... – ela ia continuar, mas a interrompi prontamente.

- Preste atenção, Amande. Olhe bem para os meus olhos – pedi, e ela me obedeceu. Nossos rostos estavam tão pertos um do outro que os narizes quase se encostavam. – Não se preocupe com isso por mais nenhum segundo, ouviu bem? Você não precisa entrar no meu ritmo, eu que vou entrar no seu. Não vou mentir e te dizer que vai ser fácil, eu realmente não faço a menor ideia. Só quero que confie em mim.

- Por favor, só me diga se estiver sendo difícil. Por favor.

- Nunca vou te esconder nada.

- Prometa que não vai voltar a se vender – ela praticamente implorou. Seus olhos ficaram marejados de imediato.

- Jamais, Amande. Eu sou seu. Fiz uma promessa e vou cumprir. Você é a minha última.

- Prometa que vai me dizer quando não me quiser mais – falou, desviando os olhos.

- Ei... Olhe para mim... – pedi de novo, e ela voltou a obedecer. – Qual a parte do “eu te amo” você não entendeu?

- É tudo tão louco... Tão novo. Estou um pouco perdida... Uma força me empurra até você e depois me repele. Não estou entendendo mais nada.

- Você está com medo de um risco que jamais vai correr. Confie em mim, Amande. Só isso que peço.

Beijamo-nos mais uma vez, só que decidi me comportar um pouco mais. O beijo foi mais leve, casual. Dei graças a Deus por ela ter me repelido, odiaria saber que a estava forçando a fazer algo que não queria no momento. Meu apetite sexual era intenso demais, precisava começar a mudar meus hábitos com urgência.

Deitei-me de lado e a aninhei em meus braços. Comecei a alisar sua pele dourada em diversos pontos, enquanto observava um pouco mais do seu quarto; as cortinas amarelas, o abajur moderno e uma penteadeira enorme de madeira alaranjada.

- Amanhã de manhã eu tenho uma reunião com o Sr. Jefferson, o dono da sapataria – lembrei. – Ainda nem liguei para o meu advogado.

Amande sorriu amplamente.

- Posso ir contigo? Aproveito e passo na loja. Deixei tudo organizado para funcionar sem mim

por uma semana por causa da lua-de-mel, mas nada me impede de conferir. Ah, também preciso devolver o maldito vestido de noiva.

– Pode ir comigo sim, mas acho que devia tirar essa semana para descansar – propus, achando que seria melhor que ela se recuperasse do que aconteceu antes de começar a trabalhar.

– Eu descanso trabalhando.

Dessa vez, fui eu quem sorri. Amande era obcecada pelo trabalho, mas aquela nova informação não me surpreendeu. Uma parte de mim já imaginava que fosse.

De repente, tive uma grande ideia.

– Tenho uma proposta irrecusável! – quase gritei de empolgação. – Minha irmã Júlia tem uma casa de campo a apenas uma hora de viagem. É um lugar muito bonito, Amande. Podemos passar alguns dias lá, o que acha?

Amande ponderou um pouco.

– Parece uma boa ideia, mas não sei se devo. Preciso ter uma conversa com meus pais... As meninas certamente irão me procurar também.

– Deixe isso para quando voltarmos. Você vai descansar, relaxar um pouco... Depois resolve as coisas. Não adianta fazer tudo de cabeça quente. O que me diz?

Ela soltou um suspiro, mas sorriu.

– Como você disse, é irrecusável – afirmou e, enlaçando seus braços no meu pescoço, beijou-me com seus lábios deliciosos.

3º Capítulo

72 horas depois...

Seguíamos na Charlotte, a BMW do Caleb – comecei a chamá-la pelo nome também, mesmo que isso não faça tanto sentido –, há trinta minutos. Era manhã de terça-feira. Uma bela manhã de terça-feira, por sinal. A estrada estava tranquila e o clima permitiu que abrísssemos as janelas ao máximo. Meus cabelos voavam em direções malucas, mas não liguei depois que vi Caleb tão despenteado quanto eu. Começava a adorar seu cabelo assanhado, ficava tão... sexy.

No dia anterior resolvemos todas as pendências; Caleb se encontrou com o dono da sapataria – graças a Deus deu tudo certo, ele já teria o espaço ideal para o seu estúdio até o fim do mês –, dei uma conferida na minha loja e devolvemos o vestido de noiva. Este processo acabou durando quase o dia todo, até porque levamos a Lulu e o Don Juan – os gatos do Caleb – para que a Júlia tomasse conta enquanto estivéssemos fora. No fim, passamos no meu apartamento, peguei minhas malas e dormi, mais uma vez, na casa dele.

Liguei para a mamãe, avisando que estaria fora até o domingo. Ela buscou mais detalhes sobre o fato de eu ter deixado de me casar por causa de outro homem, porém fui muito sucinta. Expliquei-lhe que usaria o tempo ausente para descansar e que conversaríamos melhor no meu retorno. Mamãe não ousou contar este lado da história para o papai. Ainda bem.

Lara me fez um milhão de perguntas quando apareci na loja. Ela parecia desesperada, preocupadíssima comigo, contudo foi mais fácil falar com ela do que com a minha mãe. Aceitou bem a situação depois que lhe confessei que estava absolutamente apaixonada. Ah, e que Caleb abriria seu próprio estúdio bem ao lado.

Olhei para ele, que estava concentrado na estrada, dirigindo prudentemente. Eu me sentia tão orgulhosa. Uma coisa boa vibrava no meu peito. Era bom demais estar com Caleb; era ótimo ser dele, era ótimo tê-lo só para mim. Cada gesto, cada toque, abraço, palavra, carícia, beijo... Tudo me deixava encantada. Não fazia ideia se aquilo era fruto de uma paixão avassaladora e passageira. Só sabia que era como se eu tivesse nascido de novo. Como se a vida me oferecesse outra oportunidade. Um recomeço.

– Você está tão caladinha – disse Caleb, diminuindo ainda mais o volume da rádio que estávamos ouvindo.

– Você também está!

– Não sei bem o que dizer... Estou feliz por estarmos aqui. – Ele se virou e me ofereceu seu lindo sorriso torto.

Sorri como resposta. Aquela viagem havia sido uma boa ideia, sem dúvida. Tudo o que eu mais queria era um tempo prolongado com o Caleb. Só nós dois, em um canto esquecido do mundo,

sem nada para nos atrapalhar ou afligir. Estava disposta a deixar todos os meus medos para lá. Queria apenas descansar e curtir o meu homem em paz. Pode parecer egoísmo passar bons momentos enquanto muita gente estava preocupada e sofrendo por minha causa, entretanto achei que já havia me preocupado e sofrido pelos outros por tempo demais.

Passamos por uma pequena cidadezinha interiorana quando atingimos quarenta minutos de viagem. Logo, Caleb pegou uma estrada de barro meio lamacenta. O lugar era muito bonito, porém deserto; montanhas se destacavam no horizonte, e o verde era a cor que predominava. Mato de um lado, mato do outro. Durante quase dez minutos, só conseguia ouvir o ruído mínimo da Charlotte vencendo a distância e algumas cigarras que acasalavam nas copas das árvores.

– Não se assuste, a casa fica bem afastada mesmo. É tipo um pequeno sítio – avisou Caleb. – A casa é bem simples, nada muito exagerado, mas aconchegante. Júlia ligou para os senhores que cuidam de tudo, são dois irmãos. Suas esposas moram com eles na mesma propriedade.

– Hum... Bacana. Aqui parece ser bem tranquilo.

– E é. Júlia adora vir de vez em quando, é como uma terapia.

– Queria conhecer a Júlia melhor. Ela parece ser alguém especial.

– Não faltarão oportunidades. Com certeza ela vai inventar alguma coisa, talvez até uma viagem em comum. O marido dela também é legal, mas acho que ele não gosta muito de mim.

– Por que acha isso?

– Não sei. Sou ruim de fazer amizades. Na verdade, sou péssimo.

Fiz uma careta. Já havia percebido que Caleb era uma pessoa fechada, mas não sabia que era tanto.

– Existe algum motivo? – perguntei, tomada pela curiosidade.

– Quando se faz o que eu fazia... – Ele parou, mas decidiu prosseguir. – Fui aprendendo a ser sozinho. É algo natural, é melhor ficar só do que ser julgado o tempo todo. Só traz problemas.

– Compreendo – murmurei, sem saber se estava sendo sincera. Acho que eu não compreendia. Era difícil entender como alguém podia viver sem amigos, visto que não conseguia me imaginar sem a companhia das meninas. – Mas isso acabou, certo?

Caleb olhou para mim e sorriu torto mais uma vez.

– Acabou.

Recomeço. Esta era a palavra de ordem. Recomeçar não era apenas o que eu estava fazendo; Caleb também lutava por isso. Simplesmente adorava a ideia de fazer parte de seu recomeço. Estar incluída era uma espécie de honra. Um orgulho. Ser um diferencial na vida dele me mantinha contente e esperançosa.

Foi com animação que atravessamos toda a estrada de barro e nos perdemos dentro de uma

propriedade com cercas de madeira. Algo bem rural, apesar de nem estarmos tão longe assim da cidade grande. O ar ali era respirado com mais facilidade e ainda vinha acompanhado por um odor delicioso de terra molhada.

Vi alguns cavalos adiante, por detrás de uma espécie de curral, enquanto seguíamos por uma trilha mais aberta.

– Você gosta de andar a cavalo? – perguntei.

– Sim, embora não faça com muita frequência. E você?

– Meu pai adorava ir a um pesque e pague aos domingos quando eu era adolescente. Nunca gostei de pescar, acho meio entediante. Tinha uns cavalos por lá, então ficava me distraíndo com eles – contei. – Um dia, perdi o medo e decidi experimentar a sensação de cavalgar. Adorei. Havia uma égua belíssima chamada Penélope. Só montava nela.

– O marido da Ju gosta muito de cavalos. Podemos montar mais tarde. O que acha?

Sorri. Fazia tempo que não montava, mas adoraria tentar de novo.

– Ótimo!

Estacionamos em uma construção de madeira que tinha o teto de palha, similar a um quiosque. Algo bem rústico, mas interessante. Ao lado, uma casa grande com as paredes de alvenaria. O teto era comprido, com telhas avermelhadas. Grandes vigas de madeira escurecida faziam do cenário algo mais rural impossível. Encantei-me de imediato com aquela típica casa de campo.

Desci do carro quase sem esperar o Caleb. Cruzei um pequeno quintal de terra batida, subi dois degraus de cimento e cheguei ao grande terraço do imóvel. Algumas cadeiras grandes de palha e bancos de madeira compunham um cenário perfeito, isso sem contar com a rede trançada no canto esquerdo e as janelas gigantescas. Inspirei o ar profundamente, percebendo que ali fazia um pouco de frio.

– Amei! – quase berrei, virando-me para trás. Caleb se aproximava devagar, rindo da minha reação empolgada.

– Sabia que ia gostar.

– Não gostei, amei! Posso entrar? – Apontei para a porta de madeira com uma maçaneta sofisticada.

– Só não sei se está aberta. Provavelmente sim, estamos sendo esperados.

Sequer esperei na dúvida, estava parecendo uma criança. Abri a porta e, para minha felicidade, estava aberta. O que vi foi uma sala grande que juntava três ambientes: sala de estar, jantar e uma pequena adega no canto. A mobília era mínima, mas muito bem disposta. O chão era revestido por um piso alaranjado interessante, combinando com as paredes e o telhado. Andei pelo ambiente e percebi uma cozinha comprida depois de uma passagem no final da sala. Uma mulher estava lá, e se assustou quando me viu.

– Ah, desculpe – falei. - Tudo bem? Sou a Amande.

A mulher aparentava uns sessenta e poucos anos. Era meio gorda e tinha um lenço colorido na cabeça. Ela se tranquilizou depois do susto inicial, oferecendo-me um sorriso com dentes faltando.

– Muito prazer! Meu nome é Olga – respondeu com um sotaque interiorano carregado.

– Olga! – Caleb se aproximou e abraçou a mulher sem dificuldades. – Quanto tempo, não é?

– Leb? – A senhora fez uma careta bem engraçada, olhando para ele. – Toda vez que você vem te acho maior e mais bonito. Eita, tamanho de homem!

Comecei a rir da situação, pois obviamente Caleb ficou envergonhado.

– Já terminei de limpar, está tudo em ordem – avisou Olga. – Se precisarem de alguma coisa é só chamar.

– Obrigado, Olga – disse Caleb. - Ah, poderia avisar ao Sr. Antunes para que prepare dois cavalos lá pelas... Sei lá, três horas da tarde? – Olhou para mim buscando consentimento.

– Três horas está ótimo – defini.

– Sem problemas. – Olga sorriu mais uma vez e foi embora, saindo por uma pequena porta localizada além da cozinha.

Caleb e eu trocamos um olhar meio selvagem quando nos vimos sozinhos. Nem sei explicar como aconteceu, mas de repente já estávamos nos beijando como loucos.

– Nossa, como é difícil passar uma hora sem te tocar! – ele disse mansamente. Depois voltou a me beijar, apoiando-me em uma parede fria. Guiou suas mãos perfeitas através do meu corpo, sem distinguir os locais mais íntimos.

Estava me sentindo pronta para ele, mas, de repente, Caleb apenas se afastou. Sabia o porquê de ele estar se comportando assim: ainda pensava que eu estava dolorida. Não fazíamos amor desde o domingo. Sinceramente eu havia decidido ver até onde Caleb podia chegar sem sexo. O problema era me manter na decisão. A dor já tinha ido embora, portanto contava apenas com a minha força de vontade, que não era lá essas coisas.

– Vou te mostrar os quartos e a área externa. Você vai gostar – falou, puxando minha mão.

A casa tinha duas suítes grandes, um quarto menor e mais um banheiro social. Todos os ambientes eram parecidos, as mesmas paredes de tijolos visíveis, mobília rústica mínima e um ar roceiro constante. As suítes eram mais bem equipadas e pareciam aconchegantes. Encarei uma das camas imensas e quase tive água na boca. Estava morta de desejo, doida para usá-la com aquele homem perfeito.

Caleb não percebeu o meu desespero, apenas me guiou até a área externa. A propriedade se estendia adiante – tomada por árvores de todos os tipos até se perder numa montanha –, porém havia um espaço considerável de lazer, composto por uma piscina redonda média, rodeada por espreguiçadeiras de madeira. Havia também um espaço gramado comprido, que logo percebi como

sendo um campo de futebol.

– A vista daqui é linda... O ar é puro... Amei, Caleb.

Ele me abraçou por trás. Ficamos observando a paisagem por alguns minutos. Particularmente, não conseguia desviar os olhos. Acho que eles brilhavam de empolgação. Eu devia estar numa lua-de-mel em Fernando de Noronha, mas nada me fazia acreditar que quase cheguei a perder o que estava diante do meu nariz naquele momento.

Virei meu corpo na direção dele, encarando seus lindos olhos azuis. Caleb ainda me segurava pela cintura, portanto encaixei meus braços no seu pescoço.

– Estou tão feliz de estar aqui contigo! – confessei, sorrindo amplamente. – Obrigada... Nem sei como te agradecer por tudo, Caleb. Você salvou a minha vida. Sou outra pessoa, algo em mim mudou desde que te conheci... Mudou para melhor. Eu realmente não sabia o que era alegria. Nunca me senti tão livre... Tão... Ah!

Sabia que tinha falado depressa demais, porém Caleb ouviu tudo em silêncio, com a expressão mansa e olhos ternos apontados para mim. Ele alisou minha bochecha com as costas dos dedos quando terminei. Não falou nada. Segurou-me a nuca e me beijou com vontade, fazendo nossas línguas brincarem na boca um do outro.

Quando achei que finalmente ia rolar alguma coisa – haja vista que já conseguia sentir sua ereção atravessando o jeans que usava –, Caleb se afastou.

– Está com fome? – perguntou naturalmente, como se nada tivesse acontecido.

Devo ter feito uma cara não tão boa assim.

– Estou *morrendo* de fome – respondi com ironia, sem me referir à comida alguma.

O maldito nem percebeu. Ou se percebeu, ignorou. Apenas me levou até a cozinha, onde comemos alguns lanches estocados em grandes armários.

Quando a noite chegou e o clima ficou extremamente frio, já estava exausta. Passamos quase a tarde toda longe da casa; montamos nos cavalos seguindo uma trilha longa, alimentamos as galinhas, jogamos pedacinhos de pão em um pequeno lago repleto de peixes – que se localizava no ponto mais distante da propriedade –, e andamos para lá e para cá dentre o matagal. Ah, também roubamos mangas e as comemos como animais. Tipo, melecando tudo. Foi engraçado.

Caleb é uma companhia e tanto. Ele parecia um menino na maior parte do tempo. Meio que esquecemos que éramos... Sei lá, namorados? O clima prioritário entre nós foi de amizade. Parece esquisito colocar as coisas assim, mas tê-lo também como amigo era importante. Descobrimos tantas coisas um do outro que eu podia escrever um livro. Seu papo era sempre inteligente e questionador, um tipo de conversa que me envolvia. Isso era um ótimo sinal, indicava compatibilidade.

Não podíamos basear nosso relacionamento apenas em sexo, certo? Aliás, nenhum relacionamento que se preze pode ser baseado em sexo, mesmo que este ponto seja bem importante. Tão importante que, depois de um banho quente – em que Caleb recusou compartilhar comigo

alegando que estava terminando de preparar o jantar –, eu só precisava daquilo para dormir em paz.

Fiquei descansando em uma espreguiçadeira, na beira da piscina, enquanto Caleb tomava banho. Pensei em me juntar a ele de surpresa, mas desisti. Ainda tentava manter um pouquinho de dignidade; minha ideia de esperar por mais tempo às vezes se mantinha firme. Só às vezes.

O clima estava tão frio que precisei usar jeans grossos, tênis e casaco de moletom. Conseguia ver o vapor saindo da minha boca a cada respiração. Estava tudo tão quieto que cheguei a estranhar. Ouvia apenas grilos e cigarras cantando ritmicamente. Libertei todos os pensamentos e apenas relaxei. Meu corpo se sentia agradecido, embora cansado.

Durante o jantar – regado a canja de galinha bem quente e torradas temperadas –, Caleb me explicou que a propriedade pertencia à família do Sr. Antunes e de seu irmão Beto. Ambos nasceram e cresceram ali, mas um problema financeiro os obrigou a pôr o lugar à venda. Ricardo, o marido da Júlia, se interessou pela compra, mas, depois de saber da situação difícil dos dois irmãos, fizeram um acordo para que eles permanecessem morando ali e cuidando de tudo como antes. A única coisa que eles precisavam fazer para o Ricardo era limpar a casa esporadicamente, que foi construída depois da compra, cuidar da piscina e dos cavalos. Basicamente, era como se o sítio continuasse pertencendo a eles. Achei isso bem legal.

Depois de arrumarmos a cozinha – dois loucos por limpeza precisavam arrumar alguma coisa –, fomos direto para cama. Caleb percebeu que eu estava sonolenta e praticamente nos obrigou a dormir cedo. Quando deitamos, ele nos cobriu com uma manta pesada e grossa, perfeita para aplacar o frio absurdo que fazia. Aninhei-me em seus braços e lhe beijei a boca. A força de vontade indo para o beleléu a cada vez que sua língua encontrava a minha.

– Boa noite, Amande – ele sussurrou e se afastou devagarzinho, virando-me de costas para si contra a minha vontade. Gemi de desgosto. – Você está melhor? – perguntou depois de um tempo.

– Não – respondi meio mal criada.

– Está passando alguma coisa? Uma pomada?

– Não.

– Tudo bem. Vai melhorar com o tempo. – Não havia resquício de decepção na sua voz. Não sei por que, mas aquilo me chateou. Eu estava toda desejosa, e ele nem aí.

Não consegui responder nada. Odiava mentir para ele, assim como odiava mentir para qualquer pessoa. Uma parte de mim estava desprezando o meu comportamento, afinal, Caleb precisava entrar no meu ritmo, e não que eu inventasse um bem mais lento do que o normal.

Depois de quinze minutos de silêncio – eu ainda estava de olhos fechados, pensando em sexo, depois em sexo e mais sexo –, Caleb se esgueirou e me beijou o pescoço. Não me mexi, mas fiquei surpresa. Pensava que ele já estivesse dormindo há muito tempo. De repente, começou a sussurrar uma canção. Não consegui entender direito, de tão baixinho que sussurrava, mas falava de uma princesinha e a mandava ir dormir.

Virei-me imediatamente, assustando-o.

– Pensei que estivesse dormindo... – Caleb parecia meio envergonhado.

– Cante de novo – murmurei, depositando minha cabeça no seu peito.

– Dorme, princesinha, no bercinho de cristal... Dorme, princesinha, pois ninguém te fará mal...

– começou, cantando com a mesma vozinha sussurrada. – Dorme, princesinha, meu destino é te proteger... Dorme, princesinha, estarei aqui até amanhecer...

Aaaaaaaaah! Que fofo!

Sério, o momento foi tão intenso que senti uma coisa boa dentro de mim. Uma sensação de aconchego e proteção. Senti-me amada, de verdade. Um amor puro e incondicional, um amor de conto de fadas.

– Que lindo, meu príncipe – falei, dando-lhe um selinho. – Foi a coisa mais linda que ouvi. De onde tirou?

– Meu pai costumava cantar para a Ju todas as noites, quando éramos crianças.

– Essa música deve significar muito para ela.

– Para mim também. Eu me sentia bem quando a ouvia.

– Sinto-me bem agora. Você cantou com o coração, deu para notar.

– Ela só pode ser cantada assim – ele disse, levantando o meu queixo para que eu pudesse olhá-lo. – Não é a primeira vez que canto para você.

– Sério?

Caleb apenas balançou a cabeça, aquiescendo.

– Eu tenho insônia.

Fiquei surpresa com sua confissão.

– Não se preocupe, já me acostumei. Quando estou contigo durmo bem melhor – completou.

Sorri de orelha a orelha.

– Dorme, lindo príncipe, no bercinho de cristal... – comecei, tentando manter o mesmo ritmo.

Caleb riu. – Dorme, lindo príncipe, pois ninguém te fará mal... Dorme, lindo príncipe... Er... Esqueci.

– Meu destino é te proteger.

– Meu destino é te proteger... Dorme, lindo príncipe, estarei aqui no amanhecer...

– Até amanhecer.

– Até amanhecer...

– Espero mesmo que esteja aqui em todos os amanheceres – disse ele, abraçando-me com força.

– Então vou ter que aprender a música para cantar todos os dias.

– Vou amar ouvir.

Movimentei nossos corpos até mudarmos de posição; Caleb agora estava com a cabeça apoiada em mim como se eu o protegesse, e não o contrário. Ele também necessitava sentir o que eu estava sentindo. Amor incondicional.

Aos poucos Caleb entenderia que, enquanto eu estivesse por perto, daria tudo para fazê-lo tão feliz quanto ele me fazia.

4º Capítulo

4 dias depois...

Acordar com a Amande nos braços era uma injeção de ânimo a cada manhã. Sua presença era a tinta que coloria o meu mundo inteiro; as coisas ganhavam novos sentidos e a minha vontade de viver era ampliada. Estava começando a me acostumar com aquelas novas expectativas, certamente sentiria muita falta nos dias em que dormíssemos separados.

- Bom dia, príncipe – ela sussurrou, erguendo os braços para se espreguiçar.
- Bom dia, princesa.
- Que calor! Estou toda suada.

Amande nos livrou da manta grossa que ontem à noite foi muito útil, mas que agora oferecia a sensação de que estávamos cozinhando. As roupas que usávamos também não ajudavam; camisas e calças compridas de moletom. Tirei a camisa rapidamente. Amande se levantou e fez o mesmo, só que tirou tudo e ficou apenas de calcinha. Meu cérebro fez questão de me trair mais uma vez, imaginando todas as coisas que eu podia fazer com ela naquele quarto. Sua pele dourada exposta e os seios deliciosos estavam praticamente berrando por mim.

Aquela abstinência estava acabando comigo. Podia sentir cada pedaço de mim arder de desejo, implorando para que fizesse alguma coisa a respeito. Minha ereção deu sinal de vida quase que imediatamente. Respirei fundo e desviei os olhos, tentando me concentrar em outra coisa. Amande não ajudava; desfilou graciosamente até uma das janelas e a abriu ao máximo, deixando o sol quente entrar e iluminar o quarto. Sua pele brilhou com o toque dos raios.

– Fique aí – falei, levantando-me. Ela virou na minha direção com uma expressão de dúvida nos olhos escuros, mas permaneceu rente à janela.

Abri o armário – organizamos todas as nossas coisas nas gavetas e compartimentos ainda no dia anterior – e peguei a bolsa que continha uma câmera fotográfica profissional. Precisava tirar uma foto daquilo.

Amande entendeu o que eu ia fazer e deixou o rosto corar.

– Cubra os seios com as mãos, linda – pedi, fazendo os últimos ajustes para conseguir o efeito que eu queria. Ela obedeceu, encarando-me de um jeito selvagem. Meu sexo latejou dentro da calça, a excitação atingindo um limite insuportável.

- É para sorrir?
- Você decide... Seja espontânea.

Tirei a primeira foto antes mesmo que Amande se preparasse. Ela não fez poses, apenas sorria de leve e me observava ternamente. A vista da janela era composta por uma vegetação verde e vasta, que contrastaram com os raios de sol e sua pele. Seus cabelos curtos voavam um pouco com algumas rajadas de vento que entravam sem pudor. Acho que tirei umas cinquenta fotos.

– Nem quero ver essas fotografias, devem ter ficado horríveis. Não pelo fotógrafo, mas pela modelo – falou, aproximando-se de mim.

– Ficaram belas, principalmente por causa da modelo.

– Duvido muito. A não ser que quem as ver gostar de contar estrias e celulites. Preciso emagrecer com urgência.

Larguei a máquina em cima de um criado-mudo, feito de madeira envelhecida, e a puxei com força. Amande soltou um grito fino, um pouco assustada com meu movimento brusco. Em segundos, ela estava deitada na cama com o meu corpo prendendo o seu.

– Em primeiro lugar, ninguém vai ver essas fotos. Eu não permitiria que ninguém admirasse a minha mulher desse jeito – rosnei. – Em segundo lugar, você é linda. Cada pedacinho seu me deixa louco, Amande. Pare de falar besteiras.

Ela respirava alto enquanto me observava com os olhos muito abertos. Seus lábios maravilhosos estavam presos de um modo quase intimidador. Entretanto, estava com a ideia fixa de preservá-la. Se não fosse isso, com certeza a foderia até que mudasse de ideia com relação a si mesma.

– Banho de piscina depois do café da manhã? – perguntei, levantando-me.

Amande também se levantou, mas não fazia uma expressão muito animada. Imaginei que não estivesse a fim de cair na piscina.

– Ou podemos fazer uma trilha na montanha – sugeri. – Vou levar a máquina desta vez, tirei aqui as melhores fotos de paisagens do meu portfólio.

– Queria aprender a tirar fotos também – ela comentou, pegando a câmera como se fosse um diamante.

Acho que meus olhos brilharam. Não fazia ideia de que Amande se interessava por fotografias, menos ainda de que tinha curiosidade de aprender a fotografar.

– Então se prepare para algumas aulas.

– Hoje?

– Você decide. – Peguei a máquina em suas mãos e a posicionei apontada para nós. Tirei nossa primeira foto juntos.

– Hum... Café da manhã, banho de piscina, trilha, almoço e tarde de fotografias.

– E à noite? – sussurrei, beijando-lhe o pescoço. Tirei outra foto e não parei por aí. Cliquei

diversas vezes, quanto mais espontâneas fossem, melhor.

– Vinho – definiu.

– Perfeito.

Amande começou a rir sem pausas. Eu nem sabia por que, mas aproveitei para tirar muitas fotos. Acabei rindo junto, sem motivo algum.

– Há pouco mais de uma semana eu não bebia um gole de álcool – explicou, ainda rindo. – Tipo, nunca. Agora já estou falando de vinhos como se sempre consumisse.

Permaneci calado. Não sabia o que dizer. Amande havia mudado, era visível, mas tinha sido algo natural. Ela parecia mais relaxada, sorridente, falante... Diferente de quando a conheci, porém tão igual que continuava me encantando.

– Isso não é tudo – continuou, sem deixar de encarar a máquina, que trabalhava insistentemente. – Sempre fui muito estrategista, sabe? Sempre odiei surpresas... Nunca faria uma viagem como esta assim, sem mais nem menos. É diferente viver sem saber o que vai acontecer... Sem definir o que vou comer ou como agirei. Eu não faço ideia de nada, mas, diferente de antes, isso não me perturba mais. Sinto-me segura e realizada assim, coisa que jamais aconteceria.

Uma coisa boa fez minha barriga arder. Acho que eram as chamadas borboletas no estômago, descritas nos livros. Nunca pensei que a sensação pudesse ser tão real.

– Há pouco mais de uma semana eu não te conhecia. Hoje nem consigo compreender como vivia sem você – falei.

Puxei Amande para ainda mais perto, deixando-a de costas para mim. Minha ereção dura esfregou no seu corpo, mas não me importei. Segurei-lhe os seios com uma mão e, com a outra, abaixei a máquina um pouco. Tirei uma foto nossa bem mais ousada.

– Tira de novo, acho que fiz uma careta.

– Por que você fez uma careta?

– Porque tem uma coisa me cutucando aqui atrás – ela disse, rindo. Comecei a rir também.

Tirei outra foto e me afastei, voltando a guardar a máquina. Meu autocontrole estava nos últimos segundos de vida, deixando o desejo à flor da pele. Sabia que era questão de tempo até que eu não conseguisse me conter, e então não sabia como Amande reagiria. Eu não queria machucá-la, mas passar vários dias sozinhos sem fazer nada me parecia uma ideia tão absurda que chegava a ser triste.

– Vamos nos alimentar, o dia vai ser longo – propus.

E realmente foi. Depois de um café da manhã reforçado, passamos horas na beira da piscina. Amande adora tomar sol, então enquanto sua pele ganhava alguns tons de achocolatado – ao som ambiente de algum pop rock nacional –, resolvi ler uma revista de fotografias debaixo de um guarda-sol. Minha pele branca não permite que eu fique exposto aos raios solares por muito tempo. Faço

isso apenas quando quero parecer um camarão frito, ou seja, nunca.

Estava me sentindo um pouco fraco, havia faltado muitos dias de academia, por isso larguei a revista em algum momento, fiz alguns exercícios de flexão e dei oito voltas ao redor do campo de futebol projetado pelo meu cunhado. Meio que me arrependi de ter feito exercício, visto que depois fizemos uma trilha exaustiva na direção da montanha.

Depois do almoço, cochilamos por uma hora e partimos para as fotografias. Amande aprendia rápido, era muito inteligente e observadora, por isso o momento foi bastante proveitoso. Fizemos fotos incríveis. Fui obrigado – sob forte ameaça – a posar para ela. Lembrei-me da minha época de modelo, percebendo que uma parte de mim sentia saudades. Já fiz trocentas tomadas ao ar livre; em praias, no campo, nas ruas, enfim. Eu conseguia ser mais compenetrado antes, porém os resultados ficaram bons. Amande me surpreendeu, principalmente quando conseguiu fazer um efeito digno de profissional com os meus olhos azuis e o gramado verde no fundo. Orgulho me definiu.

O clima foi esfriando a partir do momento em que começou a escurecer. Uma tempestade pesada se iniciou, e então ficamos trancados em casa. Não que fôssemos sair, estávamos bem cansados. Enquanto Amande tomava banho, tive uma ideia. O clima muito frio pedia, além de vinho, fondue. Separei vários ingredientes, retirados da geladeira e do armário, além das panelas e espátulas especiais.

Em menos de duas horas, estávamos sentados em um dos bancos compridos da varanda, afogando pedacinhos de pão italiano no molho de queijo. Amande morria de frio, por isso não largava os meus braços. Estávamos embrulhados com casacos, calças grossas e botas, mas parecia que não adiantava. A chuva ainda dava o ar de sua graça, não havia dado trégua desde então.

Paula Fernandes dedilhava seu violão em uma caixinha de som ligada ao meu notebook – onde descarregamos as fotos que havíamos tirado durante o dia.

– Sabe, eu estava pensando... – disse Amande, tomando mais um gole de vinho tinto. Acho que era o que estava nos mantendo aquecidos de verdade. – Você vai ter muito o que fazer quando voltarmos. Já pensou nos detalhes do estúdio? Tem toda a parte burocrática, o CNPJ... Isso é um saco. Além de que você precisa de funcionários para te ajudar.

– Eu sei, vai ser um trabalho e tanto, mas tenho muita coisa já pronta. Lembre-se de que eu já cheguei a ter um estúdio, só não cheguei a inaugurar.

– Não me lembre disso, tenho vontade de matar alguém quando penso.

– Ei... – Puxei seu queixo na minha direção e lhe dei um selinho. – Graças a tudo o que aconteceu, estamos aqui agora.

– É por isso que ainda não matei ninguém. – Ela riu de um jeito divertido.

– Você não mataria nem uma formiga, Amande.

– Você não sabe o que uma mulher apaixonada pode fazer.

– Coisas loucas, do tipo dar uma de “Noiva em fuga” – ironizei, provocando gargalhadas em

nós dois.

– É bem isso...

Peguei o último pedaço de pão, mergulhei na panela e ofereci a Amande. Ela comeu um pouquinho e deixou o resto para mim. Terminei a segunda taça de vinho em um só gole. Já estava me sentindo satisfeito, mas não pensava em outra coisa além da sobremesa; fondue doce, composto por pedacinhos de frutas cortadas mergulhadas em leite condensado com raspas de chocolate. Se existia alguma coisa mais deliciosa do que aquilo, só mesmo o sabor da mulher em meus braços.

– Vou buscar a sobremesa – alertei, levantando-me do banco e pegando as travessas vazias.

– Ah, não, está muito frio! Vou contigo. – A coitadinha estava toda empacotada, mas ainda se abraçava forte. Seus lábios tremiam de um jeito que dava dó.

– Depois eu que ia ser o carrapato. – Gargalhei, mas a puxei para mim. Amande soltou um gemido de indignação e fez beicinho, mas logo riu também.

– Que tal se a sobremesa fosse na cama? – ela propôs, então a encarei fixamente quase sem acreditar. Se soubesse o quanto eu a queria na cama, ou em qualquer outro lugar, jamais teria me perguntado. – Digo, no quarto – corrigiu. – Está maisquentinho lá.

– Ah... – Resfoleguei. – Ótimo, vamos fazer a mudança.

Recolhemos todas as coisas e migramos para o quarto. Era engraçado o fato de termos sempre que organizar as coisas; lavar e guardar os pratos e as panelas, manter tudo limpo, nos devidos lugares. Era algo consensual, fazíamos naturalmente, sem reclamar ou tecer quaisquer comentários sobre.

– Sabe, eu queria muito dar uma olhada nas coisas que você já tem... Em todas as papeladas... Enfim – disse Amande, acomodando-se em cima da cama. Ela me trocou pela manta pesada, e isso me deixou um pouco enciumado.

Sentei-me na cama também, depositando a bandeja com a sobremesa na nossa frente. O leite condensado fervente estava exalando um cheiro muito bom.

– Não quero te dar trabalho, linda. Você já tem suas coisas para resolver. Preciso de algum profissional de contabilidade, tem alguma indicação?

– Sim, meu contador é muito bom, vou conversar com ele quando voltarmos. Mas é sério, Caleb, não vou ficar despreocupada até analisar os papéis. Não será trabalho algum, apenas um prazer.

Suspirei fundo, espetando um morango e o entregando para ela. Amande o mergulhou no leite condensado e, imediatamente, fez uma careta. Depois, foi lambendo o leite até deixar o morango limpo. O movimento sensual da sua língua me fez esquecer completamente do que estávamos falando.

– Posso te dar algumas dicas, nem que seja apenas no começo – ela continuou, enquanto eu não parava de encarar sua boca deliciosa vencendo a fruta com maestria. – Além de que preciso analisar

os riscos e saber exatamente onde e em quê você pretende investir, os serviços prestados... Tem que existir todo um planejamento, e sei que vai ser muita coisa para fazer sozinho. Eu demorei dois anos para tirar minha loja do papel, mas compreendo que você não quer esperar tanto assim.

Desviei meus olhos e, tentando manter o controle, espetei um pedacinho de maçã.

– Nem poderia, estou oficialmente desempregado.

Amande sorriu.

– Então, você precisa lucrar no período de tempo mais curto possível. Isso é difícil, levando em conta seu grande investimento na compra do espaço, portanto uma análise mais segura deve ser realizada.

– Nada vai te fazer mudar de ideia, vai?

– Não!

– Então você já venceu antes mesmo de tentar me convencer. – Ri um pouco, inclinando-me para lhe dar um selinho. O momento demorou mais do que o previsto, pois Amande segurou meu rosto e fez questão de me beijar intensamente, enfiando sua língua saborosa dentro da minha boca. Nem precisou de outra coisa; minha ereção já estava rígida e mais do que pronta para o que desse e viesse.

Amande nos afastou devagarzinho e espetou uma uva verde, tomando o cuidado de me manter próximo. Depois que lambuzou a fruta com o leite, começou a me atizar na maior cara de pau, chupando-a com força antes de mordê-la. Prendi os lábios, louco de excitação.

– Amande... – murmurei, minha voz já rouca.

O clima frio já não me incomodava mais, pois meu corpo já havia se esquentado consideravelmente. Eu precisava, necessitava, ter aquela mulher. Estava prestes a explodir, meu autocontrole perdia feio dos meus instintos.

– Hum? – A maldita me encarou com olhos escuros selvagens, sem deixar de trabalhar na fruta; agora, era uma rodela de banana. Um pouco de leite condensado escorreu pelos seus lábios, obrigando-a a usar a língua para sugá-lo.

Contei até dez para não avançar sem dó nem piedade.

– Você está melhor? – perguntei de forma sussurrada.

Ela apenas balançou a cabeça, afirmando que já tinha melhorado. Se ela tivesse dito que havia ganhado na Mega Sena eu teria ficado infinitamente menos contente.

– Tem certeza?

– Sim. Caleb, eu... preciso te dizer uma coisa.

Puxei-a para mim antes mesmo que pudesse dizer a tal coisa. Beije-i-lhe a boca e deitei seu corpo sobre a cama, minhas mãos ligeiras já tocando seu corpo, buscando alguma brecha por dentro

do casaco de moletom.

– Essa coisa pode esperar? – praticamente rosnei em seu ouvido, beijando-lhe a orelha, o pescoço e descendo ainda mais.

Amande não respondeu. Apenas cruzou suas pernas na minha cintura, entregando-se para mim do jeito delicioso como sempre fazia. Havia uma tonelada de roupa impedindo nosso contato mais direto, porém minha pressa foi tanta que arranquei a calça jeans que ela usava. No outro instante, já desabotoava a minha calça e liberava a minha ereção latejante. Amande afastou a própria calcinha para o lado, como se também tivesse muita pressa. Não demorou até que eu estivesse empurrando dentro dela, com uma sede e uma urgência quase esmagadora. O movimento foi duro, intenso, sem pausas. Uma constância na medida certa.

Seus gemidos me invadiam os sentidos e se misturavam com os meus de um jeito louco e perturbador. Puxei seu casaco, a blusa de lã e o sutiã de qualquer jeito. Suguei-lhe os seios como se a minha vida dependesse disso. Amande estava totalmente derretida, entregue, e muito molhada.

Depois de no máximo cinco minutos, já havia desistido de fazê-la gozar antes. Eu estava perto demais, o desejo acumulado precisava se libertar. Não sei o que me deu, mas eu queria que Amande visse o que havia feito comigo naqueles dias de abstinência. Por isso que, assim que senti que entraria no clímax, desencaixei nossos sexos e mirei na barriga dela. Lambuzei-a com meu sêmen numa velocidade incrível.

Encarei-a de soslaio, para conferir sua expressão, e vi que estava um pouco horrorizada. Acho que ela nunca presenciou algo assim antes, porém não liguei. Não seria a última vez que faria aquilo, a não ser se ela me pedisse para não fazê-lo.

Sentindo-me um pouco mais aliviado, arrastei Amande pelas pernas até a beirada da cama. Ajoelhei no chão e, antes que ela pudesse adivinhar o que eu faria, atirei minha boca na direção do seu sexo. Ela soltou gemidos altos, deixando o ventre se contorcer de um jeito magnífico. Segurei suas pernas com força, obrigando-a a não se mexer. Uma grande parte de mim – a que me fazia sentir aquele desejo absurdo – estava selvagem, fora de controle.

Amande gritou ainda mais alto e me puxou os cabelos sem pena. Chegou a doer de verdade, mas isso não me fez parar. Nada me faria parar. A constância inabalável da minha boca lhe trouxe o clímax em poucos minutos.

– Oh... Caleb! – Como eu adoro quando ela grita o meu nome! Nunca vou me acostumar com isso, será sempre especial. Minha pele chegou a se arrepiar ao ouvi-la, e meu sexo já estava pronto de novo, como se sua voz fosse um interruptor poderoso que ligava o meu desejo de maneira infalível.

Depois de sugá-la até deixá-la limpa – mesmo que ela estivesse me expulsando desesperadamente –, afastei-me, retirando o meu casaco e a camisa que vestia. Puxei sua calcinha e a joguei longe. Antes de me levantar, dei-lhe um último beijo no sexo delicioso. Estava com saudades de seu sabor. Era um vício, uma dependência física.

Ergui Amande – confesso que sem delicadeza –, fazendo-a ficar de pé. Virei-a de costas para mim, esfregando minha ereção em sua bunda. Retirei seu casaco, a blusa e o sutiã em dois tempos, deixando-a apenas de meias. Guiei minhas mãos pela sua barriga, espalhando meu sêmen no seu corpo como se quisesse demarcar território. Ela não reclamou, apenas curvou seu corpo para trás, deixando-me livre.

– Você me deixa louco, Amande – rosnei em seu ouvido, trabalhando meus dedos ao redor de seus seios. Ela gemeu em resposta.

Eu poderia dizer muitas coisas, mas apenas as atitudes traduziriam melhor o quanto eu estava com saudades e o quanto ela me tirava do sério. Palavras para quê, se podia fodê-la até que entendesse o desejo absurdo que eu sentia?

Empurrei seu corpo para frente, fazendo-a ajoelhar-se na cama. Ela pareceu meio desnorteada por alguns segundos, por isso usei as mãos para guiá-la. Curvei-a para frente, indicando que apoiasse os braços na cama. Amande logo estava exposta para mim, com sua bunda deliciosa para cima.

Meus dedos brincaram com ela por alguns segundos. Rodearam-lhe o sexo de cima a baixo, ambas as aberturas. Amande pareceu meio apreensiva quando lhe toquei onde não estava acostumada.

– Relaxe, meu bem – murmurei. – Vamos cuidar disso depois. – Introduzi apenas a ponta de um dedo no local referido. Ela soltou um gemido, mas se afastou no impulso. Puxei-a de volta pela cintura, encontrando o caminho certo para penetrá-la.

Se eu disser que fui delicado estarei mentindo muito feio. Mesmo que minhas mãos a segurassem pelo quadril sem aplicar quase nenhuma força, isso não acontecia com o meu sexo, que era empurrado contra o seu até provocar um ruído alto e constante. Amande franzia os lençóis entre os dedos e gemia meu nome, instigando-me a ir ainda mais depressa. Meu coração quase saía pela boca. Eu estava começando a suar como se ali estivesse fazendo calor. Sabia que não era verdade, o calor vinha de dentro de mim; queimava tudo o que encontrava e me fazia explodir daquele jeito brutal.

O pensamento me fez diminuir o ritmo depois de alguns minutos. Não podia agir com brutalidade com a Amande. Ela não parecia estar achando ruim, mas aquilo não era nós dois. Nunca foi, nem quando a fodi pela primeira vez. Por isso que me afastei por completo e terminei de tirar a minha calça – por incrível que pareça, ainda estava com ela. Amande permaneceu no lugar como se aguardasse as minhas ordens.

Deitei na cama e a puxei para mim, aninhando-a em meus braços. Ela tomou a iniciativa de ficar por cima, depositando suas pernas cada uma em um lado da minha cintura. Apoiou as mãos no meu peito e começou a se movimentar vagarosamente. Deixei que criasse seu próprio ritmo; não interferei em momento algum. Em vez disso, fiquei a observando fixamente. Ela tinha os olhos cerrados e os lábios presos enquanto rebojava em cima de mim lentamente. Depois, subia e descia depressa, voltando a ir devagar após algum tempo.

Decidi usar um dedo para lhe estimular o sexo, o que de fato adiantou bastante. Amande se

contorceu por inteira em um raio de segundo, apertando-me a carne até provocar dor. A maldita abriu os olhos e me encarou de um jeito louco, chamando meu nome como se me obrigasse a também atingir o êxtase. Sequer neguei seu chamado, já despejava dentro dela doses generosas do meu prazer. Não conseguia vê-la gozando, era um fato consumado. Nem tentava mais me controlar, seria inútil.

Abracei-a com força depois que ela despencou em cima de mim. Na medida em que começávamos a esfriar, o ar congelante da noite se enraizava na nossa pele. Tive que nos cobrir com a manta grossa, pois Amande começava a tremer nos meus braços.

– Preciso me lavar – lamentou.

– Ainda bem que temos chuveiro elétrico. Vamos, eu levo você.

Depois de um banho rápido, tornamos a vestir nossas roupas. Fiz questão de ajudá-la no processo, e ela também me ajudou, por isso ficamos prontos depressa. A sessão deliciosa de sexo acabou nos dando fome novamente; voltamos a comer as frutas com o leite condensado na maior naturalidade do mundo.

Devoramos tudo com vontade, mas não foi com tanta vontade assim que largamos a cama para deixarmos as travessas limpas. A chuva havia cessado, mas o frio continuava de rachar.

De volta para a cama, parecíamos dois pacotes cobertos por, além de nossas roupas, um lençol e uma manta.

– Qual era a coisa que você ia dizer mesmo? – perguntei, lembrando-me de que ela havia ficado de me falar não sei o quê.

– Ah... Deixa para lá.

– Agora diga, fiquei curioso.

– Estou cansada. Amanhã a gente conversa, prometo.

– Tudo bem, princesa.

Beijei-lhe a boca docemente. Amande iniciou a adaptação da música da princesa, e eu ri com sua atitude. Não sabia que levaria a sério, mas aquilo encheu meu coração de alegria. Depois de murmurar a versão original para ela, simplesmente apaguei.

A insônia passou longe, muito longe.

5º Capítulo

120 horas depois...

Nem se tivesse passado anos planejando aquela viagem faria ideia das coisas boas que ela estava me trazendo. Meu recomeço estava tendo um bom começo, se me permite dizer assim. Eu não queria pensar no casamento, na vergonha que fiz a minha família passar e, sobretudo, no João. Quanto mais cedo isso fizesse parte do passado, menos eu sofreria.

Não posso dizer que não estava com medo. Contudo, antes de recear a própria situação, receava a mim mesma. Meu maior medo, naqueles dias maravilhosos com o Caleb, era sentir medo. Pode parecer esquisito e sem sentido, mas estava temendo temer. Sabia que, quando meu raciocínio voltasse a trabalhar como antes – se é que isso aconteceria –, talvez colocasse tudo a perder. No fundo, não queria que acontecesse. Preferiria viver o resto da vida com aquele meu novo jeito despreocupado de ser a voltar a me estressar com qualquer coisinha fora de ordem. Mesmo que a ordem fosse mais segura, sensata e controlada, temia retornar à ela.

Mesmo assim, por mais que quisesse me manter distante dos problemas que cedo ou tarde teria de enfrentar, eles sempre me alcançariam antes que eu estivesse pronta. Falando sério, quando eu estaria pronta para olhar para os meus pais e confessar que tinha largado um casamento “promissor” por causa de uma paixão por um ex-garoto de programa? Aquilo soava patético demais.

Não queria desmerecer o Caleb – só quem o conhece sabe o quanto é um homem maravilhoso –, mas pensar no seu passado e em tudo o que ele foi me dava ânsia de vômito. Certamente mamãe ficaria tão enjoada quanto eu quando soubesse desse detalhe sórdido. Papai, então, nem se fala. Seria impossível ter um pouco de paz com o Caleb. Isso estava me preocupando, de modo que já me sentia pronta para mentir; não relevaria, nem sob tortura, aquela informação.

Também decidi deixar o tempo passar antes que pudesse assumir algo mais sério com ele. Claro que já estávamos em um relacionamento sério, aquela viagem era a prova mais concreta de que precisávamos um do outro, mas não me sentia bem o suficiente para começar a sair com ele como namorado, nem deixá-lo frequentar reuniões familiares ou sequer apresentá-lo aos meus pais. Minhas amigas já o tinham conhecido da pior maneira possível, e isso me deixava possessa.

Tente entender que tudo isso são coisas que considero básicas em um namoro. Para mim, só funciona deste jeito; um namorado deve ser um cara além dos beijos e abraços. Ele deve manter uma convivência aceitável com a minha família e as minhas amigas, ou seja, com as pessoas mais importantes para mim. Deixar o Caleb de fora, pelo menos por um tempo, era uma péssima notícia.

Mas eu precisava ser inteligente. Agir passionalmente podia significar a minha ruína. Era uma necessidade vital do meu corpo e da minha alma fazer aquele relacionamento dar certo, mas, para isso, tinha que ter calma e muita paciência. Seria idiotice achar que nenhuma cliente o procuraria. Seria muito boba se fingisse que jamais cruzaríamos com alguém que ele tivesse fodido por dinheiro.

Eu, sinceramente, não sabia se estava preparada para enfrentar tais situações, só que não podia deixar o ciúme acabar com o que construímos.

– Você está tão pensativa... Fala comigo. – Caleb me apertou em seus braços.

Estávamos sentados sobre uma manta azul, debaixo de árvores enormes, fazendo uma espécie de piquenique. Era fim de tarde, por isso o clima ameaçava esfriar de novo. Dali a algumas horas estaria perto do insuportável, como na noite anterior.

– Estava pensando nos meus pais... Na conversa que preciso ter com eles.

Na posição que estávamos eu não podia vê-lo, pois estava sentada de costas para ele, mas sei que sua expressão não havia sido muito boa. Seu abraço ficou mais apertado, de repente.

– Hum.

– Não quero falar sobre isso – completei.

– Um dia vamos precisar falar sobre isso. Aliás... Você ainda não me falou o que ia dizer ontem.

– Pensei que tivesse esquecido. Acho que quero esquecer também, não é algo pelo qual me orgulhe.

Caleb se afastou um pouco e me virou de frente, deixando seus lindos olhos colorirem a minha vida mais uma vez. Prendi a respiração. Céus... Por que aquele homem mexia tanto comigo?

– O que houve, Amande? Por favor, não fique me escondendo as coisas. Preciso saber o que acontece nessa cabecinha. – Ele tocou na lateral do meu crânio e sorriu torto. Tão lindo!

– É que... – Fechei os olhos, com vergonha de olhá-lo. – Eu disse que estava dolorida, mas não estava de verdade... Quero dizer, eu estive dolorida sim, mas passou na segunda-feira.

Um segundo de silêncio. Acho que foi bem mais que um segundo, pois precisei reabrir os olhos para conferir se Caleb ainda estava lá. Bom, ele estava, e me olhando de um jeito sério.

– Desculpa... Caleb... Eu não queria mentir para você – murmurei, observando seu rosto contracenar uma expressão ainda mais sombria. Não fazia ideia de que aquilo o abalaria tanto.

– Então por que mentiu? – ele perguntou baixinho, sem desviar seus olhos, que agora estavam inquisitivos, dos meus. – Você não gosta de fazer amor comigo, é isso? Estou fazendo algo errado? Por favor, diga se estiver te machucando ou...

– Não – interrompi antes que se culpasse. Era absurdo demais ouvi-lo dizendo aquilo, haja vista o meu desejo quase incontrolável de tê-lo o tempo inteiro. Caleb era perfeito na cama, ponto final. Qualquer coisa inferior à perfeição ficava longe daquele homem. – Eu adoro fazer amor contigo, Caleb. Na verdade, amo tudo o que faz comigo. Não pense no contrário nem por um segundo.

Ele franziu o cenho e não disse nada. Apenas esperou que eu continuasse.

– Menti porque queria saber até onde você podia chegar sem sexo. Foi uma coisa idiota, eu

sei... E mais idiota ainda porque não consegui me controlar.

A expressão de Caleb se fechou ainda mais, obrigando-me a desviar os olhos. Não suportava vê-lo daquele jeito. A mínima menção de que eu o tinha magoado era algo horrível. Era difícil saber o que ele estava pensando, mas com certeza não era algo favorável. Por isso que odeio mentiras; muitas complicações são evitadas quando somos sinceros com as pessoas.

Cruzei as pernas na posição de borboleta, aprumando o vestido florido que eu estava usando. Fiquei desconcertada com o silêncio que se fez presente. Inspirei fundo, sentindo a brisa fria chacoalhar meus cabelos de leve. O clima não estava desagradável, mas daria tudo por um abraço quente do Caleb.

Voltei a encará-lo. Ele ainda me observava com o maxilar rígido. A boca era apenas um risco de tão franzida que estava. Tudo isso só exaltava ainda mais a sua beleza, por incrível que possa parecer.

– Por que é tão difícil para você confiar em mim, Amande? – perguntou por fim, com uma voz que dava dó. Seus olhos entristeceram de imediato, bem como o meu coração.

Prendi os lábios. Minhas mãos começaram a tremer, percebi quando coloquei alguns fios do meu cabelo para trás da orelha.

– Não é questão de confiança, eu confio em você.

Caleb balançou a cabeça.

– Está com medo que eu vá atrás de outras mulheres caso você não me satisfaça. – Sua voz ganhou um timbre raivoso muito depressa. – É isso o que pensa: que sairei correndo na primeira oportunidade. Acha que serei infiel.

– Não, não...

– Por qual outro motivo queria saber até onde eu podia chegar?

Permaneci muda. Simplesmente não sabia o que dizer.

– Sabe onde posso chegar, Amande? – continuou. – Respondo agora mesmo. Meu corpo não consegue ir tão longe, eu confesso... Esse tempo sem você foi um martírio, tudo porque te desejo tanto que chega a doer. Posso ser um fraco neste sentido, mas meu coração... – Ele tocou no próprio peito, os olhos escurecendo consideravelmente. – Meu coração, por você, pode ir além do que imagina. O amor que eu sinto é forte, Amande. Não estou brincando quando digo que sou seu, que só quero você.

Ai...

Um nó do tamanho de um elefante se formou na minha garganta. A culpa já me invadia, e eu não parava de me intitular uma idiota de carteirinha. Que estúpida eu havia sido!

– Desculpa, Caleb. Não posso fazer nada além de me desculpar. Foi um erro, não o cometerei novamente – consegui falar com dificuldade.

– O que me machuca de verdade é o fato de você não ter me dado um voto de confiança. É como se não acreditasse em mim ou nos meus sentimentos. Depois de tudo o que eu já falei... Depois de cada gesto calculado apenas para te agradar...

Fechei os olhos com força, contando até dez.

– Não é fácil para mim, está bem? – soltei meio sem pensar. – Ponha-se no meu lugar. Se eu tivesse sido uma garota de programa e você tivesse largado um casamento para ficar comigo... – Parei, vendo seu rosto se contorcer de dor. – Apenas compreenda que não é fácil.

Caleb aquiesceu, finalmente desviando o rosto. Suspirei aliviada, era difícil encará-lo de perto às vezes. Ele era intimidador quando queria, principalmente quando seus olhos escureciam daquele jeito.

– Eu queria ser alguém melhor para você, já que nunca consegui ser bom para ninguém – ele admitiu, fitando a manta abaixo de nós. – Queria que pelo menos você se orgulhasse de mim. Não posso mudar o passado, mas faria isso só para ser alguém mais digno do seu amor.

Ai, meu Deus...

Uma mão misteriosa e invisível esmagou o meu coração até que se tornasse uma massa ensanguentada. Caleb exalava tristeza novamente, e eu só queria me matar.

– Eu me orgulho de você – falei, atirando meus braços em volta do seu pescoço. Ele se assustou um pouquinho, mas logo me segurou pela cintura, apoiando-me no seu colo. – Caleb, você é mais do que digno de qualquer coisa que desejar.

– Só desejo você. Só quero o seu amor – ele sussurrou baixinho, tomado de emoção.

– Meu amor é seu.

Aquele homem magnífico soltou os lábios e resfolegou com força, parecendo admirado. Suas mãos apertaram o meu quadril.

– Então diga. Por favor, apenas diga.

Segurei a sua face com as duas mãos e encostei nossos narizes. Olhos azuis maravilhosos estavam vidrados em mim, extremamente próximos.

– Eu te amo, lindo príncipe – murmurei baixinho e o beijei com a maior delicadeza que reuni. Seus braços me envolveram completamente, deixando-me entregue em menos de um segundo.

Afastamos apenas as nossas bocas depois de um beijo prolongado e muito delicioso. Eu não podia me cansar de beijar aquele homem. Tudo nele era feito para mim; podia sentir em cada fibra do meu ser, em cada beijo trocado, em cada carícia compartilhada. Éramos apenas um.

Caleb me olhava como se me implorasse por alguma coisa. Sua carência era tão notável! Como alguém tão lindo, inteligente e educado podia sentir tanta necessidade de carinho? Ele devia ser uma pessoa amada em todos os sentidos. Quem, em sã consciência, seria capaz de sentir por ele outra coisa além de pura admiração?

– Caleb... Preciso de que me fale mais sobre a sua família. Você disse que apenas a Júlia mantém contato contigo... E os seus pais? Já são falecidos?

Seu rosto endureceu um pouco. A mão que me segurava apertou a minha carne quase imperceptivelmente.

– Não. Estão vivos.

Fiquei calada esperando que continuasse, mas ele apenas me encarou. Ainda estava sentada em seu colo de frente, por isso lhe puxei a cabeça e envolvi meus braços ao redor dela. Apoiei-a na região acima dos meus seios. Comecei a passar meus dedos através de seus cabelos macios.

– Não os vejo a pouco mais de sete anos – ele sussurrou, sem se mexer. Eu sabia que aquelas informações eram delicadas. Só estava tentando manter as coisas mais fáceis. O carinho que eu oferecia era uma tentativa de amenizar sua dor.

– O que houve?

– É uma longa história, Amande.

– Tenho todo o tempo do mundo – afirmei, sem ousar largá-lo.

Caleb soltou um longo e cansado suspiro. Afastou-se um pouco a fim de me encarar. Fui obrigada a me afastar também.

– Não tem final feliz – ele avisou, a voz embargada de dor.

– Então ainda não é o fim.

Ele riu torto, fazendo meu coração saltar. Não contive a vontade de lhe beijar mais uma vez. Ele retribuiu, mas senti que ainda estava tenso. Decidi me afastar de vez para não atrapalhá-lo, por isso levantei e sentei ao seu lado.

Esperei alguns segundos antes que finalmente começasse.

– Não vou tirar a minha culpa, por isso pode ser chocante demais para você. Só peço para que não sinta pena, as piores escolhas fui eu que fiz. Tudo teria sido diferente se não fosse a minha imaturidade e teimosia. – Caleb não olhou para mim nem por um segundo, e algo dizia que não o faria durante toda a narrativa.

– Apenas me conte tudo o que puder.

Caleb tomou fôlego e iniciou:

– Nunca me dei bem com o meu pai. Esta é a verdade. Desde pequeno me sentia solitário... Acho que não me preparei direito para ter uma irmã mais nova. De repente, todas as atenções estavam voltadas para a Júlia. Enfim... Só sei que meu pai nos tratava de um jeito tão diferente que nada me faz pensar que ele chegou a gostar de mim algum dia.

– Isso é impossível, você sabe – interrompi, mas me arrependi logo em seguida. – Desculpe. Continue.

– Meu pai é um advogado renomado, seguiu esta carreira a vida toda, bem como o meu avô. Hoje ele é aposentado, mas continua sendo uma pessoa séria, rígida e nada divertida. Para ele, um homem é um ser superior, acima de sua mulher e de seus filhos. Não estou brincando, ele sempre foi machista e autoritário. Como passava muito tempo fora, eu tinha que ser o homem da casa. As responsabilidades eram todas jogadas em cima de mim, e ele já tinha o meu futuro definido. Você pode adivinhar facilmente qual era.

– Ser um advogado como ele – concluí.

– Exato. No começo da minha adolescência isso não me parecia algo ruim. Eu queria ser como ele, apesar de nunca ter me dado razão para querer imitá-lo. Para ser sincero, eu o temia. Acho que temos um desejo secreto de sermos iguais a quem tememos, não sei.

– Ele te batia?

– Quase sempre.

– Sua mãe?

– Não, não... Ele jamais faria isso. Nunca encostou um dedo sequer na mamãe ou na Júlia.

Aquiesci, começando a sentir vontade de chorar. Estava disposta a me controlar ao máximo, mas sabia que as lágrimas me trairiam mais cedo ou mais tarde.

– Foi com dezesseis anos que comecei a me interessar pela fotografia. Comprava muitas revistas com o dinheiro que minha mãe me dava às escondidas, pois papai jamais aceitaria que eu me interessasse por algo tão “inútil”, como chegou a dizer um dia. Bom... Queria fazer um curso, mas todas as vezes que tomava coragem para pedir, ele recusava brutalmente. Uma vez chegou até a me bater, dizendo que fotografia era coisa de veado. Um pensamento muito preconceituoso e... Sei lá, lastimável.

Caleb suspirou pela milésima vez e balançou a cabeça como se quisesse espantar os fantasmas de seu passado.

– Tentei deixar meu interesse de lado, mas... Acho que as coisas saíram do controle quando fui chamado, aos dezessete anos, para conhecer uma agência de modelos. Uma mulher me viu saindo do colégio e quis conversar com meus pais sobre a possibilidade de eu trabalhar como modelo *teen*. Óbvio que papai rejeitou sem pensar duas vezes. Já eu, nunca havia me visto como modelo, apesar de as pessoas sempre dizerem que eu tinha beleza suficiente para tal.

“É claro que tem”, pensei, mas não cheguei a falar nada.

– A dona da agência deixou seu cartão de visitas para o caso de mudarmos de ideia. Mamãe ficou com este cartão, pois papai mal quis tocá-lo. Depois deste dia, passei noites em claro pensando em como seria trabalhar como modelo. Acabei ficando obcecado por isso, pois de algum modo eu estaria ligado à fotografia. Resumindo, consegui convencer a minha mãe a assinar, escondida do meu pai, todos os contratos com a agência. Estava tudo certo; quando largasse do colégio iria direto a agência. E assim, comecei a minha carreira como modelo.

- Queria ver algumas fotos sua desta época.
- Tenho pouquíssimas. Papai queimou o restante.
- Oh! – Levei uma mão à boca, estupefata.

– Ele demorou muito para descobrir que eu era modelo. Na verdade, demorou um ano exato, quando me recusei a prestar o vestibular para Direito. Estava com dezoito anos na época.

- Deve ter sido um choque para ele.

– Foi pior do que um simples choque. Acho que, se pudesse, ele teria me matado. Nunca apanhei tanto na minha vida. Ele queimou todo o material que eu escondia no meu quarto... Bom, o problema era que eu já me sentia um adulto. Era maior de idade e pensava que sabia me cuidar. Enfrentei-o de frente e, mesmo sob ameaças horríveis, mantive a firmeza na minha decisão.

Caleb parou. Pegou uma garrafa de água que havíamos trazido e tomou um gole generoso. Ofereceu-me depois, mas eu recusei. Nem mesmo água desceria pela minha garganta naquela altura do campeonato.

Fiquei esperando que continuasse, mas ele permaneceu mudo por muito tempo. Continuou sem me olhar. Eu sabia que uma verdadeira batalha interna estava sendo travada, mas tive medo de me intrometer. Apenas esperei pacientemente.

- Minha vida teria sido outra... – murmurou em tom de súplica, depois de longos minutos.
- Caleb...

Ele ergueu uma mão, impedindo-me de falar qualquer coisa.

– Depois de ter levado muitas surras, continuei sem mudar de ideia. Não ia seguir a carreira que ele escolhesse, estávamos falando da minha vida. Eu que devia decidir sobre ela, certo?

Aquiesci, mas Caleb não viu.

– Numa das discussões feias que tivemos, ele disse que preferia me ver morto a me ver trabalhando como um modelo. O jeito como ele falou a palavra foi repugnante, como se significasse algo tão podre quanto... - Parou, mas prosseguiu. - Quanto se eu dissesse que queria ser um garoto de programa.

Céus... Aquela história estava me deixando muito nervosa. Não sabia o que fazer, queria que Caleb parasse, entretanto precisava tomar conhecimento de tudo. Não adiantava ficar mascarando a verdade, nem fingindo que nada havia acontecido. Aquela loucura inteira fazia parte do homem que eu amo, querendo ou não.

– Senti tanto nojo dele que me vi incapaz de permanecer naquela casa. Nós éramos irredutíveis, não tinha jeito. No dia seguinte, fiz as malas e dei adeus. Ele me viu indo embora, fiz questão de me despedir de todos, mas não ficou abalado nem por um segundo. Em vez disso, avisou-me para nunca mais voltar, pois não me receberia de volta.

- Ah! – praticamente gritei, a respiração ofegante. - Meu Deus!

– Achei que estivesse fazendo a coisa certa... Eu tinha um emprego, uma carreira promissora a ser seguida. Minha remuneração não era lá essas coisas, mas tinha juntado um bom dinheiro desde

que comecei. Mamãe guardava tudo, já que eu não sentia necessidade de gastar... Sempre tive tudo o que quis. Nossa família mantinha padrões de classe média alta.

Caleb mudou de posição, deixando uma perna dobrada e a outra estirada para frente. Os braços se apoiaram no joelho arqueado. Nem a expressão tensa estampada em seu rosto era capaz de lhe diminuir a beleza.

– No começo tudo foi bom demais para ser verdade. Tive muito trabalho, mas consegui alugar um apartamento pequeno já mobiliado. O aluguel não era tão barato, mas dava para pagar. Continuei trabalhando na mesma agência, até que consegui um emprego melhor em outra. Comecei a ganhar relativamente bem, mas trabalhava dia e noite, com pausas curtas. As exigências eram cada vez mais intensas, as dietas que eu era obrigado a fazer eram desumanas... Meu corpo nunca estava bom o suficiente para eles. Via-me cansado, exausto, quase sem nenhum momento de lazer. Afastei boa parte dos amigos que tinha, simplesmente me fechei no mundo louco da moda. Não podia vacilar, pois se ficasse sem emprego estaria perdido.

– Isso é horrível!

Caleb olhou para mim de soslaio, mas logo fitou o chão novamente.

– Permaneci assim por uns três anos, na maior correria. Vivia constantemente exausto e doente. Comecei a rejeitar alguns trabalhos. Para um modelo isso significa o fim, mas eu não estava suportando a carga. Minha saúde ia embora aos poucos... Era como definhar. Para completar, procurava manter distância de outros modelos, sendo homens ou mulheres. Odiava fofocas e competitividade exagerada. O mercado era uma verdadeira guerra, que eu preferia combater sozinho. Isso dificultou muito a minha carreira, pois, quando precisei me afastar, fui facilmente substituído. Meu rendimento caiu, os serviços caíram e, conseqüentemente, passei a receber bem menos.

"Não demorou muito até que ficasse devendo um mês de aluguel que, depois, viraram dois, três, quatro... Quando percebi, estava cheio de dívidas. Eu tinha mais ou menos vinte e um anos, era um jovem exausto e estressado. Mamãe nunca concordou com a minha emancipação precoce. Nesta época ainda visitava a minha antiga casa vez ou outra, quando papai não estava. Só nos víamos nas festas de fim de ano ou nos aniversários da Júlia. Ele me ignorava na maior parte do tempo, e eu sempre fazia questão de mostrar o quanto estava me virando bem, mesmo que fosse uma grande mentira. Meu sonho era crescer e ser bem sucedido. Esfregaria o dinheiro na cara do meu pai, provaria que podia ser alguém importante. No fundo, sempre quis que se orgulhasse de mim."

Eu estava cada vez mais inquieta. Sabia que a parte horrível ainda viria. Uma lembrança me guiou de volta a minha despedida de solteira, quando Caleb disse que se prostituir havia sido sua melhor saída. Agora eu sabia por quê. Ele jamais voltaria para casa, o orgulho e a teimosia não suportariam aquele fracasso. Seu pai também não o receberia, ou talvez até recebesse, mas seria a duras penas.

– Estava entrando em desespero, quase sendo despejado, quando a dona da agência me fez uma proposta. Ela sempre me olhava de um jeito diferente. Eu percebia, mas ignorava. Tinha medo de ser despedido. Ela era bem mais velha do que eu, porém bonita, uma ex-modelo. Depois de ter dado em cima de mim várias vezes sem que eu correspondesse, resolveu me propor uma noite de prazer remunerada. A mulher nem teve vergonha ao me propor... Acho que estava acostumada a fazer aquilo.

Minha espinha praticamente congelou, e eu tinha certeza de que não era por causa da brisa fria.

– Estaria mentindo se disser que pensei duas vezes. Sequer hesitei, Amande. – Caleb me encarou. – Com o dinheiro que ela me pagou consegui quitar os aluguéis atrasados. Minha vida voltou aos eixos, pelo menos temporariamente. A grana da agência continuou curta. Eu estava com medo de passar necessidade de novo, por isso decidi arranjar outro emprego no período da noite. Isso me permitiria negar alguns dos trabalhos mais exaustivos.

“Logo, consegui ser contratado como garçom em um barzinho. Era um lugar simples, humilde, mas muito bem frequentado. A casa enchia quase todas as noites. O salário era fixo, coisa que eu não tinha na agência. Nunca sabia quanto ganharia no fim do mês, e esta incerteza me afligia muito.

“Descobri super depressa que o bar era muito frequentado por causa dos shows de *strip-tease* que rolavam no fim da madrugada. O lugar era, na verdade, um tipo de bordel. Nunca fui obrigado a nada, eu estava ali apenas para servir, mas as mulheres começaram a cair em cima de mim como loucas. Pensei em desistir do trabalho, porém ainda tinha medo de fracassar. Comecei a ser conhecido no lugar, apesar de nunca mais ter me vendido de novo. As mulheres meio que tentavam me conquistar, faziam propostas, pediam para que eu dançasse... Era uma bagunça.”

Tentei imaginar aquela cena na minha cabeça, mas quase coloquei para fora todo o lanche que tomamos. Era deprimente demais pensar em Caleb rodeado de mulheres. Aquilo me machucava, servia como um dedo que apertava uma ferida exposta. Procurei conter as lágrimas, mas finalmente fui vencida. Quando a primeira escorreu foi impossível conter as demais.

– O dono do lugar disse que eu tinha carta branca para ter clientes de verdade – Caleb continuou, sem fazer ideia de que eu já abria o maior berreiro. – Ele não me cobraria absolutamente nada pelos programas que eu fizesse, pois a minha presença ali chamava clientes para o seu bar, logo, o consumo aumentava e as vendas multiplicavam. Rejeitei por um longo tempo, até que... Até que...

Caleb parou e, por fim, decidiu me olhar. Ao ver que eu chorava, prendeu os lábios com força.

– Não vou continuar.

– Não, por favor! – implorei. – Continue, preciso saber.

– Está te machucando... Não quero te machucar, Amande.

– Por favor, Caleb. Conte-me tudo, eu quero a verdade. – Minha voz estava esganiçada. – Vou ficar bem, prometo.

– Promete? Mesmo?

– Sim. Continue.

Ele passou as mãos entre os cabelos. Moveu o corpo até que se deitou, apoiando a cabeça no meu colo. Alisei seu rosto, ainda com lágrimas nos olhos. Caleb fitou as árvores acima de nós e continuou:

– A dona da agência me demitiu. Ela... Sei lá, tentava ter alguma coisa comigo, mas eu não queria envolver trabalho com vida pessoal. A única noite que passamos juntos foi facilmente esquecida por mim, mas ela pareceu não ter superado. Seu orgulho ferido acabou me prejudicando.

– Que ridícula! Ela não podia ter feito isso!

– Sempre fiz tudo certo, os trabalhos sempre eram bem elogiados. Mas isso não interessa muito, a agência era dela. Podia mandar e desmandar. – Suspirou. – Depois que fui demitido, simplesmente desisti de procurar outra agência. Fiquei muito chateado, com raiva mesmo, sabe? Senti-me um infeliz, um fracassado. Foi o meu segundo erro. Eu tinha nome na praça, era capaz de encontrar uma agência, talvez até uma melhor. Fui um teimoso.

– Você não procurou nenhum outro emprego? – perguntei, a voz ainda chorosa.

– Eu me vendi no mesmo dia, Amande. Depois que me vendi mais uma vez, não parei mais. Pelo menos até a semana passada.

Soltei um soluço alto, repleto de dor. Puxei Caleb em meus braços e apoiei minha cabeça na sua. Chorei sem dignidade, de um jeito espalhafatoso. Ele tentava me consolar – como se fosse eu quem precisava de consolo –, alisando a minha pele em diversos pontos. Seus olhos indicavam que estava tão abalado quanto eu, mas nenhuma lágrima saiu deles.

– Quando eu tinha vinte e quatro anos... Quase dois anos depois de ter me tornado oficialmente um garoto de programa, meu pai descobriu o que eu estava fazendo – Caleb murmurou, dando continuidade a história. – Por ironia do destino, uma amiga dele, também advogada, estava em uma festa onde eu fui contratado para... Bem, você sabe. A mulher foi correndo contar para ele. Na época eu já estava ganhando muito bem com o que fazia, apesar de ter começado cobrando apenas trinta reais a hora.

– Trinta reais? – gritei. – Miseros trinta reais, Caleb? Como pôde? – Calei a minha própria boca com as mãos. Suspirei fundo, tentando me manter calma. A história ficava cada vez mais desastrosa. Parecia um pesadelo.

Caleb apenas ignorou a minha explosão repentina.

– Papai soube de tudo e ficou calado. Esperou a primeira oportunidade, que foi justamente no natal daquele ano. A família estava toda reunida. Ele arquitetou tudo para me desmascarar na frente de todo mundo. Foi a maior humilhação pela qual já passei na minha vida.

Sacudi a cabeça com força, sem acreditar. Que tipo de vida era a que eu vivia, sem fazer ideia de que coisas tão cruéis pudessem acontecer com uma pessoa só? Meu mundinho era uma redoma, um ambiente cor-de-rosa onde eu achava que tudo era perfeito. Agora eu estava ali, diante de uma realidade aterradora. A realidade do meu homem, do meu herói. Do meu amor.

– Meu pai proibiu que eu voltasse a pisar naquela casa. Proibiu a mamãe de me procurar, e a Júlia também. Ele me excluiu da família inteira que, claro, deu razão a ele. Alguns primos e tias chegaram a me procurar, mas logo sumiram. Eu já não tinha mais ninguém por mim. Demorou algum tempo até que Júlia saísse de casa e me procurasse. Até hoje, papai acha que não mantenho contato algum com ninguém. Minha mãe liga de vez em quando... Não muito, mas liga. Faz sete anos, Amande. Sete anos que não vejo a minha mãe.

– Oh, meu Deus... Meu Deus! Por que ela não te procurou? Por quê?

– Ela tem medo do papai. Acha que deve obedecê-lo acima de tudo. Não sei dizer com certeza, mas sinto que ela se decepcionou a ponto de me odiar.

– Nenhuma mãe odeia um filho, Caleb. Nenhum pai também. Eles só se magoaram, mas tenho certeza de que são capazes de te perdoar.

– Eu não tenho tanta certeza assim, mas nada importa agora. Vou recomeçar a minha vida com dignidade.

– Esse recomeço os inclui? – perguntei, enxugando as lágrimas.

– Não.

– Por que não?

– Porque não, Amande. A história acaba aqui.

Caleb se ergueu, voltando a se sentar na manta.

– Você precisa perdoá-los – falei. – E precisa também pedir perdão.

Uma rajada de vento mais fria do que de costume passou através de nós, balançando as árvores com velocidade. Olhei para o céu; algumas nuvens pesadas se aproximavam.

– Não estou pronto para perdoar ninguém.

– Mas você tem que...

– Você não faz ideia do que passei, Amande. Por favor, é sério. Não quero mais falar sobre isso. Não vamos estragar a nossa viagem.

Dei-me por vencida. Teríamos muito tempo para voltar ao assunto. Eu não iria desistir tão fácil assim. Um lado meu estava completamente horrorizado com a história dele, mas o outro estava feliz por finalmente poder conhecê-la.

Por mais louco que possa parecer, nunca senti tanto amor pelo Caleb quanto naquele momento. Um sentimento intenso de proteção se apoderou de mim. Sabia que morreria e mataria pela felicidade daquele homem. E, certamente, faria o possível para que resolvesse seus problemas. Seja com os pais ou com qualquer outra coisa.

Era óbvio que precisava de ajuda. Meu dever era ajudá-lo.

6º Capítulo

120 horas depois...

Amande estava muito abalada com as minhas confissões. Ter levado tudo à tona não havia me feito bem, porém reconheço que foi necessário. Ela precisava saber o que tinha acontecido comigo, bem como eu queria saber sobre a sua história. Sabia que a minha havia sido mais forte – ela não parecia o tipo de pessoa que sofreu tanto –, contudo era algo que eu pretendia superar. A sua presença na minha vida era um estímulo perfeito para minha mente processar tudo e arquivar em um espaço que não me atingisse. Infelizmente aquelas merdas ainda me atingiam.

Puxei Amande para o meu colo. Ela veio com facilidade, mas sua expressão ainda era de espanto. Os olhos estavam vermelhos por causa das lágrimas recentes, e as mãos tremiam um pouco. Não soube dizer se tremiam de frio ou de pavor.

A chuva estava se aproximando, porém me vi incapaz de largá-la. Beijeí sua boca com vontade, como se o ato dissolvesse todas as palavras que eu havia acabado de proferir. De fato, a cada vez que nossas línguas se perdiam, sentia os problemas deixarem o meu corpo. Beijar Amande era melhor que terapia.

Ergui minhas mãos e lhe agarrei os cabelos entre os dedos. Desci meus lábios na direção do seu pescoço, provocando-lhe arrepios. Fiz uma trilha lenta de beijos úmidos, espalhados do seu colo até a orelha. Amande fechou os olhos e deixou-se levar. O modo como se entregava às minhas carícias me tirava do sério.

Ela escorregou as próprias mãos através dos meus braços. Apertou-me a carne e, curvando-se para frente, tornou a envolver o meu pescoço. Seus dedos trabalharam no meu cabelo como sempre fazia, deixando-o assanhado.

– Amande... Não tenho certeza se estamos invisíveis aqui – murmurei.

– E daí? – respondeu, mordendo meu lábio inferior.

– Sr. Antunes ou Dona Olga podem aparecer – completei, mas Amande não me largou por nada. Começou a fazer um movimento louco com a cintura. Ela estava de vestido, por isso senti seu sexo se esfregando na minha calça jeans.

– Ah... Dane-se.

Afastei meu rosto depressa, surpreso com sua reação. Sorri de imediato.

– Está falando sério? – Impossível acreditar que Amande estava topando fazer sexo perigosamente, ao ar livre.

– Eu estou de vestido. Olhe...

Ela se levantou na minha frente, deixando meu rosto na altura de suas coxas. O vestido florido que usava chegava até um pouco acima dos joelhos. Olhei para cima, observando o que ia fazer. Amande me olhou de um jeito sensual, seus olhos escuros já me seduzindo sem esforço.

Suas mãos passaram pelo seu vestido e, com um movimento rápido, ela tirou a própria calcinha. Levantou uma perna de cada vez, desfazendo-se da peça íntima completamente. Meu desejo flutuou rumo ao infinito. Cheguei a prender os lábios enquanto assistia a ela se despindo.

Amande se ajoelhou ao meu lado, jogando a calcinha bem na minha cara. Segurei-a e inspirei profundamente. Tinha o seu cheiro; delicioso até demais.

– Você está muito safada – comentei, rouco. Não conseguia desviar meus olhos dela.

– Vai fazer algo a respeito? – ela perguntou, meio murmurante.

“Que mulher é essa?”, perguntei a mim mesmo, admirado. Amande era surpreendente. Em todos os aspectos, em todos os sentidos... A maldita sempre me surpreendia. Sempre.

– Preciso fazer uma pergunta – eu disse, lembrando-me do nosso diálogo. Estava com saudades dele. Sei que é loucura, mas aquele jogo me dava um tesão enorme.

– Faça logo – ela rosnou, guiando as mãos para os botões da minha calça.

Amande conseguiu livrar a minha ereção – já dura como uma rocha - mais rápido do que consegui acompanhar. Cheguei até a me esquecer das próximas palavras do diálogo.

– O que você quer? – continuei depois de um tempo, em meio a gemidos. Amande trabalhava os dedos ao redor do meu sexo. Meu estômago se contorcia a cada movimento, mas a louca não parou.

Uma rajada de vento frio assanou seus cabelos, por isso os puxei para trás. Estava só esperando que respondesse a minha pergunta. Eu já sabia a resposta, mas precisava ouvir sua voz me pedindo para surpreendê-la.

Amande se curvou, ficando de quatro diante de mim. Sua boca logo alcançou a minha ereção. Soltei um gemido, mas ela não parou. Trabalhou com sua língua deliciosa por toda extensão. A lentidão de seu movimento era um martírio gostoso de ser sentido.

Puxei-lhe os cabelos com uma mão, tentando impedi-los de cair para frente. Empurrei seu rosto na direção do meu sexo, obrigando-a a chupar duro. Ela obedeceu, acelerando com maestria, sua boca magnífica me envolvendo até onde conseguia. Um novo gemido me escapou imediatamente.

Com a outra mão, naveguei pelo seu vestido até a barra. Invadi-o por dentro até alcançar o seu sexo. Com um dedo, conferi o seu nível de excitação. Amande já estava mais do que pronta, toda lambuzada para mim. Introduzi o mesmo dedo com força, fazendo-a gritar.

– Me surpreenda!

“Rá! Era o que eu estava esperando, meu bem.”

Empurrei Amande para cima da manta e abri suas pernas o máximo que consegui. Ergui-as até os meus ombros, seu sexo ficando exposto e aberto. Penetrei-a com urgência, sentindo cada centímetro ser invadido. Parei quando tudo o que era meu estava dentro dela. Encarei-a com ferocidade, meus olhos queimando como duas brasas.

– Vou te surpreender, Amande - rosnei e lhe beijei a boca de um jeito louco. Retrocedi devagar para, logo em seguida, chocar nossos sexos com força. Ela gemeu alto entre os meus lábios, erguendo a cabeça e curvando-se para trás. Parei novamente, observando-a. - Não pare de olhar para mim.

Amande obedeceu. Comecei a nos afastar lentamente, de novo. Quando estava quase fora dela, empurrei com a mesma força aplicada anteriormente. Aquela mulher deliciosa gemeu de novo, mas permaneceu me encarando. Seus olhos roubaram a minha concentração. Precisei de alguns segundos para recomeçar, sempre lento para fora e duro para dentro.

Passei um longo tempo daquele jeito, e a cada choque sentia Amande se contorcer embaixo de mim. Ela estava muito ofegante, tinha os lábios entreabertos e os olhos vidrados em mim, quase não piscava. Eu não sabia se o que eu pretendia ia dar certo, mas estava disposto a tentar. A vontade de acelerar estava quase me consumindo, mas mantive o ritmo usando todo o autocontrole que aprendi a obter.

– Caleb... Por favor! - Amande fez um movimento rápido com a cintura, exigindo-me. Prendi suas pernas usando o peso do meu corpo. Ela tentou se mexer novamente, mas foi mais difícil.

– Quietinha, meu amor. Apenas relaxe - sussurrei.

Ela deixou os braços cair abertos em cima da manta, como se desistisse de lutar. Sorri torto e reiniciei a movimentação, beijando-lhe a boca, o queixo, a orelha, o pescoço... Descia pelo seu colo, que infelizmente estava coberto pelo vestido. Pensei em arrancá-lo, mas ela ficaria muito exposta. Por um segundo havia me esquecido de que estávamos ao ar livre, podendo ser flagrados a qualquer momento.

O perigo só aumentou o meu desejo. Sentia meu sexo vibrando dentro dela, mais louco impossível a cada vez que era bem recebido. Amande arquejou e iniciou uma sessão de gemidos excitantes. Eram baixinhos, porém carregados do desejo que também lhe ardia.

Depois de incontáveis choques, ela fechou os olhos e gemeu mais alto.

– Caleb! Por favor! – Tentou se mexer mais rápido, mas de novo consegui prendê-la. Ela gritou, e então senti suas pernas grossas tremerem. Seu sexo se espremeu ao redor de mim, expulsando-me.

Um novo choque e mais líquido de seu prazer havia sido fabricado, provocando um ruído característico. Ela estava muito perto. Eu precisava ser rápido e escolher o momento exato. Observei-a com ainda mais atenção enquanto mantinha os choques na mesma constância.

Não precisou de muito mais, contei uns três ou quatro. Amande permaneceu me encarando, mas seus olhos já não conseguiam me ver. Ficaram vagos enquanto seu corpo inteiro tremia. Gemidos loucos lhe saltaram da garganta, mesclados com o meu nome. Um orgasmo intenso, como planejado.

Esperei três segundos de seu êxtase – mantendo meu sexo parado dentro dela –, e decidi que era a hora certa. Separei-nos rapidamente, antes que perdesse o *time*, e me inclinei para baixo, mergulhando a minha boca em seu sexo que ainda explodia. Esperei mais um segundo e assoprei seu ponto mais sensível com força e constância, deixando meus lábios ao redor dele.

Amande gritou alto demais, chegou a ecoar entre as árvores. Puxou meus cabelos com força,

mas não parei de assoprar.

– Oh, droga! Ai, meu... – ela berrou, e então soube que havia atingido o meu objetivo; Amande havia entrado no segundo clímax, logo após o outro.

Ela ainda gozava quando senti o primeiro pingo de chuva. Praguejei internamente, mas meu corpo não ousou parar. Suguei-a até ter bebido seu orgasmo múltiplo.

– Vai chover – ela murmurou, ofegante. Sua voz totalmente distorcida. A chuva já estava fina, caindo sobre nós.

Levantei-me e sentei na manta, puxando-a para mim. Enterrei minha ereção nela com muita facilidade.

– E daí? – Minha voz saiu dura, repleta de desejo e ferocidade.

Apertei Amande pela cintura e fiz com que se movimentasse. Agora sim pude acelerar do jeito que queria. Os choques ficaram mais suaves, porém constantes, velozes. Enterrei minha boca no seu pescoço, beijando, sugando, lambendo tudo que encontrava.

A chuva engrossou depressa. O fim de tarde praticamente virou noite quando nuvens escuras cobriram o céu. Devia estar fazendo frio, mas Amande e eu éramos uma fogueira perdida no campo. Ficamos completamente ensopados em segundos. A camisa que eu vestia, bem como o vestido dela, grudou em nossos corpos. Segurei-lhe os cabelos molhados e beijei sua boca, deixando saliva se misturar com a água da chuva de um jeito perturbador. Se há felicidade no mundo, uma das formas de senti-la é fazendo amor na chuva com quem você ama.

Amande demorou um pouco para atingir o terceiro orgasmo. Foi duro esperar, confesso que quase não consegui, mas fiz o possível. Acabou dando certo, para o meu alívio. Minha experiência não ajudava muito quando se tratava dela. Eu tinha uma pressa, uma urgência incontrollável que me tirava a paciência. Nunca havia me ocorrido algo assim antes, pelo menos não com a mesma intensidade. E é por isso e por muito mais motivos que aquela mulher enlaçou o meu coração. Este laço jamais seria desfeito se dependesse de mim.

Entrei em um êxtase sem noção. A tempestade parecia fazer parte de nós, como uma única força que se movia rumo à satisfação completa. Gemi seu nome diversas vezes antes de finalmente parar. Entretanto a chuva continuou firme e forte. A realidade só voltou a me atingir quando percebi que Amande tremia de frio em meus braços. Ela estava completamente ensopada e lambuzada, tinha a respiração ofegante, os lábios entreabertos e trêmulos. Seus olhos escuros me olhando foi o único ponto de luz que consegui focalizar.

– Vamos sair daqui antes que fique doente, linda – falei alto para ser ouvido. O barulho da chuva era intenso, e as gotas grossas começavam a me incomodar. Sabia que devia estar incomodando antes, porém eu estava muito ocupado para notar algo tão desimportante.

Estávamos tão cansados naquela noite que não fomos capazes de fazer nada além de observar, deitados na rede do terraço, a chuva caindo. Fazia frio, mas dentro da rede a temperatura estava boa graças a dois lençóis grossos que nos cobriam e, claro, o calor humano. Amande cochilava e acordava nos meus braços; quando abria os olhos, beijava-me a boca de leve. Eu apenas observava seu sono como um homem bobo apaixonado, pensando em como a vida, finalmente, havia me dado uma trégua.

Eu só esperava que ela não tivesse me presenteado com algo tão bom apenas para me tirar depois. Seria muita crueldade. Sinceramente falando, acho que não suportaria. O amor que eu tinha para dar àquela mulher era forte. Estava levando tudo muito a sério, envolvendo-me como um

adolescente que descobre o primeiro amor.

Meu maior medo era sair machucado de modo irremediável. Ou, pior ainda, machucar a Amande de modo irreversível.

7º Capítulo

1 semana e 1 dia depois...

O domingo chegou mais depressa do que ditou a minha vontade. Para ser sincera, toparia me mudar para o campo e viver sozinha com o Caleb para sempre. Esqueceria o mundo, deixaria que o mundo se esquecesse de nós, viveria a intensidade de um sentimento que só fazia aumentar. Eu tinha certeza de que amava aquele homem muito mais do que no dia anterior. Sabia que o amaria mais ainda amanhã. Era uma coisa natural, uma sementinha que crescia com facilidade sob um solo fértil e preparado para recebê-la.

Claro, tudo era um sonho. Apenas um desejo platônico, baseado na irracionalidade que apenas os bons amantes possuem. A realidade viria e eu precisava estar pronta para encará-la. Minha vida me esperava, com tudo o que construí incluído. Não era possível destruir tudo e começar do zero – nem queria isso, afinal, lutei muito por cada conquista –, só precisava fazer uma reforma básica para que pudesse receber um novo amor.

A viagem de volta foi silenciosa. Acho que tanto Caleb quanto eu estávamos preocupados com o que nos aguardava. O medo me acompanhou o tempo inteiro, devo confessar. Precisava me acostumar com ele também, pois nada me faria recuar àquela altura do campeonato.

Passamos na casa da Júlia para pegarmos os gatinhos do Caleb. Lulu e Don estavam mais lindos do que nunca, Ju havia cuidado deles com muito carinho. Ela disse que amava gatos, mas que não os criava porque não tinha muito tempo. Acabamos jantando por lá, um convite que me deixou meio envergonhada, mas que se mostrou irrecusável.

Júlia era bastante persuasiva. Conheci um pouco mais da minha nova cunhada e também o Ricardo, seu marido. Eles me agradaram logo de início, pareciam pessoas alegres e com boas conversas. Ótimo sinal.

Estava ajudando a lavar os pratos, enquanto os homens conversavam sobre esportes na sala, quando ela tocou no assunto.

– Como estão as coisas, Amande? Digo, entre você e o Caleb... Sua família, o casamento... Enfim, você sabe. Deve estar a maior bagunça, não é? – Ju tinha um jeito peculiar de se comunicar. Primeiro porque ela sempre estava sorrindo e nunca, nunquinha, fazia apenas uma pergunta. Era bastante comunicativa e agitada, sem contar que era linda de um jeito intimidador. Dei graças a Deus por ela ser apenas a irmã do Caleb, do contrário sabia que me arderia de ciúmes.

– Estão meio confusas, é claro, mas preciso ser forte. Tomei uma decisão importante e não me arrependo – falei, pegando um paninho para enxugar os talheres.

– Você foi muito corajosa. Acho que nenhuma mulher teria tanta coragem assim. Olha, eu conheço o meu irmão, ele é uma pessoa incrível e sei que não te decepcionará – comentou Ju, derramando detergente numa esponja. – O jeito como ele te observa é algo pelo qual esperei a minha vida inteira... Alguém precisava salvá-lo.

– Eu sei. – Soltei um longo suspiro.

– Amande... Caleb é muito sensível – ela prosseguiu, largando tudo na pia para me encarar com um ar sério. – Ele construiu uma coisa grotesca ao redor dele durante anos, mas continua sensível até demais. Passei por cada fase rezando para que se encontrasse, e agora sei que você faz parte disso. A criação que recebeu foi muito rígida, ele sofreu muito... Na verdade mal me lembro de quando o vi tão relaxado assim.

Virei o rosto na direção da sala. Os rapazes não podiam nos ouvir, mas conseguia vê-los por uma abertura entre duas prateleiras. Caleb estava com seu velho sorriso torto nos lábios. Parecia contente.

– Fazê-lo se sentir bem é a minha maior alegria. Tento retribuir o que ele faz por mim.. Nunca me senti tão bem na minha vida. Acho que a transformação não é somente dele, mas de nós dois.

Ju se aproximou de repente, segurando meus ombros. Seus olhos azuis me encararam com firmeza. Imaginei que aqueles dois diamantes fossem tão importantes para o Ricardo quanto os irmãos deles eram para mim.

– Eu só te peço uma coisa, Amande – Ju murmurou, e então os mesmos diamantes brilhavam ainda mais devido a lágrimas que ameaçavam cair. – Não o machuque. Por favor... Você não faz ideia das tantas vezes que fui obrigada a vê-lo machucado por inúmeros motivos, sem que ele merecesse nenhum.

Balancei a cabeça, começando a me emocionar também. Era tudo tão complicado! O medo do porvir não atingia apenas a mim. Claro que eu tinha medo de machucá-lo, muito mais do que tinha de me machucar.

– Eu o amo, Júlia – admiti. – Não sei o que pode acontecer conosco, mas vou fazer o possível para que dê certo.

Júlia sorriu amplamente e se afastou devagar, voltando a trabalhar nos pratos. Continuamos o serviço, tomadas pelo mais completo silêncio. Não sei no que ela estava pensando, mas minha mente girava em torno de coisas que não faziam muito sentido. Acho que tinha me cansado de pensar naquilo; não queria raciocinar sobre a minha nova vida com o Caleb. Meu maior desejo era simplesmente vivê-la. Sei mais do que muita gente que raciocinar em demasia não faz bem.

Decidi voltar para o meu apartamento. Tinha passado uma semana inteira na companhia do Caleb, nós quase não nos desgrudamos desde então. Sentia que precisava voltar a dormir sozinha, sei lá... Não que eu quisesse, mas um toque de realidade talvez ajudasse em alguma coisa. Estava pronta para retornar ao trabalho. A viagem havia me feito um bem enorme, incalculável. Meu corpo estava relaxado e paciente. A disposição me atingia e eu dava boas-vindas à ela.

Caleb acabou subindo a fim de me ajudar com as malas. Não era muita coisa, mas estavam pesadas.

– Você vai ficar bem, linda? – ele me perguntou, olhando-me de um jeito quase doloroso. Era evidente que Caleb não queria que nos separássemos, mas a minha cabeça não conseguia engolir a

ideia de ficarmos juntos por tanto tempo.

– Sim, não se preocupe. Só vou tomar um banho e dormir. Amanhã acordarei cedo e trabalharei o dia todo. – Sorri.

– Você fala como se fosse passear e não trabalhar. - Caleb riu de um jeito fantástico. Seus olhos cerraram um pouco, de modo que sua expressão acabou lhe atribuindo ainda mais beleza. Era impressionante, não conseguia parar de admirá-lo nunca. Deus havia feito um trabalho e tanto quando o criou.

– Trabalhar é um prazer – informei.

O maldito sorriu torto. Sequer esperou meu coração se acalmar, foi logo me tomando pela cintura e me beijando. Foi um beijo suave e calmo. Senti cada contorno dos seus lábios desenhando os meus em um ritmo perfeito. Acho que jamais me acostumaria com a nossa química; era incansável e infalível. Apenas um beijo era o suficiente para me deixar pronta para ele. Totalmente entregue aos seus caprichos. Cada toque era tão intenso que parecia a primeira vez.

Caleb me apertou um pouco contra o sofá, colando seu corpo no meu. Não largou minha boca por nada, continuou compondo uma melodia deliciosa contra os meus lábios. Quase pedi para que ficasse. Na verdade acho que o faria, se a campanha não tivesse tocado, assustando-nos.

– Quem será? – murmurei, sentindo meu coração quase sair pela boca. Fiz uma careta horrenda, pois sabia que, seja quem fosse a visita, eu não queria sua presença tão cedo. Simplesmente não queria ver ninguém além do Caleb.

Caminhei até a porta e conferi no olho mágico. O que vi me deixou completamente paralisada. O sangue meio que parou de circular pelas minhas veias. Eu definitivamente não estava pronta para encarar os meus pais. Contudo, como ironia do destino, eram exatamente eles que estavam ali.

Caleb havia ficado perto do sofá e, quando me virei e o olhei, franziu o cenho. Pudera, eu havia entrado em desespero.

– São meus pais – murmurei. – Eles não podem te ver aqui. Não *mesmo*!

– Hum... Posso esperar irem embora escondido em algum lugar.

– Não vou te esconder no meu guarda-roupa, Caleb.

A campainha tocou mais uma vez. Pulei de susto novamente.

– Mas eles realmente não podem te ver aqui – concluí. – Jamais entenderiam. Não quero que passe por isso, não agora.

– Amande... Por mim está tudo bem.

– Não, Caleb. – Balancei a cabeça e fui até ele, puxando-o pelo braço e o guiando pelo corredor. – Vamos, fique no meu quarto enquanto tento fazê-los ir embora. Prometo não demorar.

– Mas deixei Lulu e Don sozinhos no carro...

– Eles vão ficar bem. Vai ser rápido, prometo.

Praticamente atirei o Caleb dentro do meu quarto. Antes de fechar a porta, conferi seu semblante. Lógico, ele não havia ficado muito satisfeito com a situação. Nem eu, porém sabia que era necessário.

A campainha tocou mais uma vez, seguida por outra. *Argh!*

Sem nada dizer, fechei a porta do quarto e voltei para a sala. Respirei fundo e, contando até dez, girei a chave.

– Amande! – mamãe praticamente gritou, abraçando-me como se eu tivesse acabado de ser resgatada de um sequestro relâmpago ou algo do tipo.

Papai foi mais comedido, apenas apertou meus ombros e me olhou de um jeito esquisito. Sua decepção era notável. Cada músculo do meu corpo se encheu de raiva de mim mesma por tê-lo decepcionado. Jamais, nunca mesmo, havia deixado meus pais tão preocupados.

A sensação de que eu era uma adolescente de quinze anos fazendo péssimas escolhas me deixou imediatamente desconsolada. Todavia, não podia transparecer confusão. Não para eles. Meus pais precisavam de me ver decidida, firme. Afinal, eu era uma mulher madura. Mesmo que tenha feito uma merda.

– Onde você estava, filha? – perguntou meu pai, sem abrir mão da expressão decepcionada instalada em sua face.

– Viajando. Precisava espairecer. Como sabiam que eu estava aqui?

Guiei-os até o sofá e apontei, indicando para que se sentassem. Decidi manter certa distância, sentando-me no sofá único que ficava ao lado do maior.

– Você não perderia mais de uma semana de trabalho, Amande. Deixaríamos de te conhecer se o fizesse – respondeu mamãe, parecendo cansada. Ela tinha olheiras horrendas e o cabelo meio assanhado. Céus... O que eu estava fazendo com eles? – Pela lógica, estaria em casa no domingo à noite para dormir com calma e acordar disposta a trabalhar.

Ela realmente me conhecia.

– Que tipo de viagem foi essa? Com quem estava? – papai insistiu.

Socorro!

Olhei para mamãe fixamente. Ela me encarava com olhos esbugalhados, parecia tão desesperada quanto eu.

– Precisava de um tempo comigo mesma – desconversei.

– Passou a semana inteira sozinha?

Sério. Senhor Hugo Martins era muito chato quando queria. O pior de tudo era que eu simplesmente não conseguia mentir para eles. Fiquei calada tentando pensar numa desculpa boa –

que necessitava estar longe da verdade –, mas nada saiu. O clima acabou ficando pesado, e então meu pai já sabia que a merda tinha sido jogada no ventilador.

– Amande... O que aconteceu? O que está nos escondendo? Queremos uma explicação – continuou. – Nunca esperei isso de você. Esse comportamento não condiz com a educação que te demos.

Vi o exato momento em que mamãe prendeu os lábios. Ela sabia da existência de outro homem. Não fazia ideia de quem era, mas tinha consciência da minha tamanha insensatez.

– Apenas percebi que estava prestes a cometer um grande erro, papai. Eu não amava o João, só estava acostumada com ele.

– Não poderia ter percebido isso antes do casamento? Foram nove anos, Amande. Vocês sempre se deram tão bem! João está em pedaços, vai demorar muito para se recuperar dessa. Homem de orgulho ferido é a coisa mais perigosa do mundo. Tenho até medo de que faça uma besteira, e então a culpa vai ser sua.

Ai, ai... Por que tinha que ser tão difícil?

As palavras rudes do meu pai me fizeram sentir vontade de chorar como uma criancinha. Sabia que merecia aquele sermão, mas a parte que tentava me justificar ainda estava de pé. Graças à ela que eu não abri o maior berreiro. Graças à ela que eu apenas observei o meu pai atentamente, fazendo uma careta que indicava que sabia muito bem o que tinha feito.

– Hugo... – mamãe murmurou, segurando as mãos do meu pai. – Não seja tão duro assim.

– Tudo bem, eu mereço. Podia ter evitado o estrago, mas infelizmente só percebi que precisava fazer algo a respeito quando cheguei à igreja.

– Não paro de receber ligações de toda a família – prosseguiu papai. Sua voz parecia calma, mas uma veia latejante no pescoço indicava o nervosismo que sentia. – Você nos envergonhou, Amande. Estou decepcionado. A família do João não quer nos ver nem pintados de ouro.

Desviei os olhos. Agora sim, a parte que me justificava começou a ruir. Foi doloroso. Começou pela base, e então tudo caiu ao chão. As lágrimas surgiram assim que a poeira dos escombros baixou. Só me restou um terreno devastado.

– Eu não podia me casar sem amor! – berrei. Uma reação imatura e bizarra demais para que meu raciocínio concordasse. – Não quero ser infeliz! Será que não entendem? Não me importo com o que a família está pensando. Não ligo para o João, nem para a maldita família dele. Não posso ser infeliz pelo resto da minha vida só para deixá-los contentes!

– Filha... – mamãe bem tentou me acalmar, mas eu a interrompi.

– Era isso o que queriam? Que eu fingisse sentir uma felicidade que não sentia?

– Claro que não, Amande – respondeu papai, que agora parecia sensibilizado pelas minhas lágrimas. Sua expressão estava bem mais amena. – Só não consigo entender como mudou de ideia tão

rápido. Há uma semana antes do casamento você estava feliz, contentíssima com o casamento. Não existia nenhum resquício de dúvidas no seu rosto. Por que não nos disse que estava com problemas? Tentaríamos te ajudar, somos seus pais.

Se papai soubesse que há uma semana antes do casamento eu realmente não estava com dúvidas... Era complicado demais omitir a parte mais importante daquela história. Nada faria sentido para ninguém enquanto eu não confessasse que tinha me apaixonado por outro cara. Porém não podia fazê-lo tão cedo. Já bastava a minha mãe me encarando de um jeito cúmplice irritante. Era como se ela estivesse com pena de mim por eu ter cometido um erro absurdo e irreparável. Como se lamentasse profundamente o rumo que minha vida havia tomado.

Balancei a cabeça e nada respondi. As lágrimas continuaram, mas eu tentava juntar os cacos da minha justificativa.

– Estou cansada – concluí por fim. – Quero esquecer que tudo isso aconteceu. Quero voltar a viver e gostaria que fizessem a mesma coisa. Não me orgulho, mas não me arrependo do que fiz.

Papai e mamãe ficaram calados. Eu não conseguia encará-los, mas sentia seus olhares tensos voltados para a minha direção.

– Só estamos preocupados – disse mamãe.

– Viemos ver se você estava bem – papai completou.

– Eu estou bem. Vou ficar melhor ainda se pararem de me julgar como se não soubessem quem sou. – Enxuguei as lágrimas e me recompus, recolhendo qualquer resquício de dignidade que tinha sobrado. Não era lá muita coisa, mas serviu para que não voltasse a cair no choro.

Meu pai soltou um longo suspiro. Foi então que me lembrei de que o Caleb ainda estava trancado em meu quarto. Por um momento havia me esquecido desse detalhe básico.

Levantei-me do sofá.

– Estou muito cansada. Prometo que os visitarei nesta semana.

Ambos se levantaram também, no impulso.

– Amande... Você ainda não disse onde e com quem esteve. – Papai ergueu uma sobrancelha.

O que eu podia esperar? Hugo Martins me conhecia muito bem. O relacionamento que eu tinha com meu pai era muito estreito. Sempre busquei a sinceridade e a transparência, principalmente com ele. Foi por causa disso que conquistei a sua total confiança. Porém, naquele momento, aquela coisa boa que havíamos construído estava sofrendo ataques ferozes. Infelizmente eu não podia ser sincera e nem transparente.

Sério, simplesmente não dava. *Que droga!*

– Estava na casa de campo de uma amiga – murmurei, sentindo-me um lixo, porém nem tanto. O fato de aquilo não ser mentira era um consolo.

– Que amiga?

– Ah, pai. Pelo amor de Deus, eu preciso dormir. Está tarde. Tenho muitas amigas, sabia?

– Não. Você só tem cinco e todas elas estavam preocupadas contigo. – Papai coçou a barba como sempre fazia quando estava desconfiado, mas pelo menos caminhou até a porta.

Sem dúvidas eu precisava conversar com as minhas amigas. Elas deviam mesmo estar horrorizadas com o fracasso do casamento – exceto, talvez, a Jéssica –, certamente iriam querer saber de tudo, tim-tim por tim-tim. Pelo menos com elas eu poderia me abrir. Claro que me julgariam, principalmente a Paloma, mas era muito mais fácil encará-las.

– Vamos embora, Hugo. – Mamãe finalmente decidiu me ajudar. Dei graças aos céus, pois havia perdido a língua em algum canto localizado no fundo da minha vergonha na cara.

Abri a porta e me despedi deles com um abraço tímido e sem jeito. Suportar o olhar do meu pai exaltando silenciosamente o quanto ficaria atento aos meus próximos movimentos foi horrível. Mamãe agiu diferente; ainda estava com aquela cara de “onde foi que eu errei?”.

Quando me vi sozinha na sala, soltei um suspiro de cansaço. Havia sobrevivido àquele encontro surpresa, porém não sem consequências. Meu coração estava sendo esmagado por um trator. A velha dor da culpa estava me amaldiçoando, mexendo com meu discernimento de um modo cruel. As palavras do meu pai só tinham aumentado a angústia que não largava o meu corpo desde que fugi da igreja.

Sabia que só uma coisa seria capaz de fazer com que eu me sentisse melhor.

Atravessei a sala quase voando, passei pelo corredor e abri a porta do meu quarto. Caleb estava deitado na minha cama com a barriga para cima e os braços abertos. Seus sapatos jaziam no chão, e tinha a camisa branca de botões aberta até a metade. Ele fitava o teto, mas me observou assim que me ouviu entrar. Sequer perdi tempo: pulei em cima dele e o beijei com urgência. Comecei a chorar durante o processo.

– Eu te amo – choraminguei, enquanto lhe beijava o pescoço e descia até o seu peitoral. Estava montada no Caleb, com as pernas abertas ao redor do seu quadril. – Eu te amo, eu te amo, eu te amo...

Ergui as mãos e assanhei seus cabelos sem parar de beijá-lo em diversos pontos. Adorava fazer aquilo, já tinha virado mania. Gostava de sentir a textura macia dos fios pretos entre os meus dedos.

Caleb nada falou. Na verdade ele não se mexeu nem para me tocar. Continuou com os braços abertos, mas fechou os olhos como se quisesse sentir as minhas carícias ao máximo. Aproveitei o momento para fazer o que me desse na telha: comecei a beijar, lamber, morder e sugar sua pele branca. Como aquele homem cheirava bem! Aliás, como o *meu* homem cheirava bem!

Céus... Desejá-lo era inevitável. Nem tentava mais lutar contra a vontade absurda que sentia de ser dele o tempo todo.

– Dorme comigo? – sussurrei em seu ouvido depois de longos minutos de desfrute intenso. Mordi o lóbulo de sua orelha e inspirei aquele cheiro de homem gostoso pela milésima vez.

Caleb finalmente abriu os olhos, deixando que dois oceanos esplêndidos me tirassem o fôlego.

– É sério? – perguntou baixinho.

– Sim – eu disse, só depois me lembrei de uma coisa que me fez pular super depressa. – Meu Deus, Lulu e Don estão no carro ainda! Vamos buscá-los!

Caleb nem pensou duas vezes. Descemos pelo elevador, meio preocupados com os bichinhos, mas acabamos constatando – com muito alívio – que estava tudo bem. Percebi que Caleb tentava esconder alguma coisa na própria calça enquanto pegava o Don. Eu segurei a Lulu, ambos já estavam dormindo calmamente no banco de trás. Demorei um pouco para perceber que era a sua ereção, que ainda estava firme por causa dos meus afagos. Comecei a gargalhar.

– Não tem graça – reclamou, porém riu torto. – Isso tudo é culpa sua.

– Eu sei. Trate de ficar assim até voltarmos, ainda não terminei com você – falei de um jeito insinuante. Caleb me encarou e fez com que faíscas de desejo vibrassem por entre a curta distância que nos separava.

– Como se eu estivesse conseguindo voltar ao normal...

Gargalhei ainda mais.

Ainda bem que estava tarde e a movimentação no prédio era quase nula. Subimos tão rápido quanto foi possível, pois de repente tínhamos pressa de voltar ao ponto onde paramos. Depositamos os gatinhos em cima de almofadas grandes e confortáveis, também deixei duas vasilhas com leite bem pertinho. Don foi o primeiro a bebericar o conteúdo, balançando sua pequena língua até provocar um barulhinho divertido. Lulu só quis saber de continuar dormindo.

Ainda observava o Don quando Caleb segurou a minha cintura por trás e me obrigou a sentir sua ereção encostada ao meu traseiro.

– Minha vez – rosnou e puxou meu corpo de modo que mal consegui entender como. Só sei que, de repente, estava sendo carregada como um saco de batatas, pendurada nos ombros do Caleb e tendo a minha bunda apalpada pelas suas mãos divinas. Soltei um grito fino de susto, mas logo comecei a rir.

Ele me guiou até o quarto e me largou na cama, invadindo-me com seu corpo maravilhoso logo em seguida. Sua boca encontrou a minha. Os problemas pelos quais eu passava foram embora numa fração de segundo.

Quando eu estava com o Caleb, tudo – absolutamente tudo – me justificava.

8º Capítulo

1 semana e 2 dias depois...

Estar desempregado não é tão ruim assim quando levamos em consideração o nosso antigo emprego. Claro que uma preocupação latente existia, era inevitável não pensar em até quando o meu dinheiro iria durar. Era bastante, mas não eterno, principalmente quando bem mais da metade seria usado na compra do espaço para o meu estúdio. Havia parado de me vender depois de muitos anos, e podia dizer com convicção: não estava sentindo falta de absolutamente nada da minha vida antes de conhecer a Amande. Por isso a preocupação era apenas genérica, uma coisinha chata que incomodava, mas não chegava a me tirar o sono.

Era segunda-feira e eu não tinha nada marcado em específico. Fiz questão de deixar Amande em sua loja e prometi que a buscaria no fim do expediente. Voltei para o meu apartamento, que havia permanecido fechado durante toda a semana. Iniciei uma limpeza geral – que incluía abrir espaço para a Amande no meu armário, no banheiro e em todos os ambientes, mesmo que ela não tenha concordado quando lhe sugeri que morássemos juntos –, fiz compras no supermercado e finalmente tomei a iniciativa mais importante para aquela nova etapa da minha vida: peguei a minha agenda e o celular, sentei no sofá e comecei a ligar para todas as minhas ex-clientes.

Tinha muitas ligações pendentes, pois eu havia ignorado todos os programas que estavam marcados. Precisava de um tempo sozinho para fazer aquilo, e só havia conseguido naquele momento. Pretendia mudar de número apenas depois de dar satisfações pelo menos às clientes mais assíduas. O restante simplesmente me esqueceria com o tempo, isso se já não o tivesse feito.

Comecei pela Isabelle, a minha cliente de todas as segundas pela manhã. A única que deixei na mão em toda a minha carreira, tudo por causa da Amande. Bom, não me arrependo. Foi o certo a ser feito. Isabelle ficou muito feliz por mim quando eu lhe disse que estava mudando de vida. Mesmo sendo uma surpresa, senti-me bem demais sabendo que ela se importava comigo. Não me demorei muito na ligação, mas havia começado super bem. Aquilo me deu ânimo para continuar.

Claro que eu não podia esperar boa aceitação de todo mundo. Realmente, algumas clientes se queixaram bastante. Outras não deram bola. A maioria me desejou sorte. Quatro pediram para que eu avisasse caso mudasse de ideia. Umas dez disseram que sentiriam saudades. Duas me trataram super mal e uma simplesmente não aceitou a situação: a ministra masoquista.

– Você não pode fazer isso, Christian – disse ela depois de eu ter lhe explicado mil vezes que não faria mais programas, insistindo em me chamar daquele jeito. Como alguém tão perturbada podia ocupar um alto cargo político?

- Caleb – corrigi. – Bom... É isso. Vou desligar, Fernanda – alertei, pois não queria parecer mal educado. Já estava cansado demais de lidar com uma louca. Ela jamais iria me entender, pois vivia em um mundo fantasioso, distante da realidade.

– Não pode fazer isso comigo! – gritou. – Não pode!

Claro que fiquei assustado. Seu grito chegou a deixar meu ouvido dolorido; foi repentino e muito, muito escandaloso. Afastei o celular no impulso, sem saber direito o que dizer. Pensei em desligar de uma vez, mas alguma coisa acabou me freando. Acho que foi o choro constrangedor iniciado logo após a explosão.

Olha... Eu nunca fui um cara insensível. Na verdade sempre tentei me manter firme, tranquilo e rígido, tinha conseguido desde então. Nunca me envolvi com cliente alguma, fazia parte do meu trabalho manter o profissionalismo, mas não significa que eu estivesse alheio às coisas. As lágrimas da ministra me fizeram calar no mesmo instante. Não fazia ideia de que reagiria daquela maneira. Tudo bem que era a minha cliente há muito tempo, mas o sexo BDSM que praticávamos jamais incluiu qualquer demonstração de afeto. Tudo não passava de desejo, e pior, um desejo que só pertencia a ela, não a mim.

– Fernanda... Tenho a minha vida para viver – decidi explicar mais uma vez, amansando a voz para que me compreendesse. – Não posso me vender para sempre. Sinto muito que esteja magoada, mas eu realmente preciso parar.

A mulher soltou mais um soluço. Conseguia imaginar sua cara esticada por botox fazendo uma careta bizarra.

– Quase três anos... Três anos! – choramingou. Fiquei surpreso com o número, não fazia ideia de que nos relacionávamos há tanto tempo. - Cada centavo que investi em você valeu a pena. Sabe que não foi pouco, Christian. Se quiser tanto parar, eu compreendo. Pare. Fique apenas comigo, posso te dar tudo o que desejar.

Puts!

Que loucura era aquela que estava me propondo? Foi difícil demais de engolir, pior ainda de me imaginar como eterno escravo sexual daquela maluca.

– Não posso fazer isso – respondi simplesmente. – Tenho outros objetivos. Preciso desligar.

Silêncio total. Ouvi mais dois soluços profundos e, por fim, resolvi desligar. Não adiantava ficar alimentando aquilo. No entanto, assim que afastei um pouco o celular do ouvido, escutei um rosnado cruel:

– Isso não vai ficar assim.

Levei meu dedo ao botão vermelho imediatamente. Desliguei o telefone, retirei a bateria e puxei o chip. Quebrei-o no meio. Minha respiração estava ofegante, a última frase da ministra me deixou em um estado de alerta que me tirou o fôlego. O modo como falou era ameaçador. Uma ameaça que tinha tudo para ser levada a sério, ainda mais contando com o fato de se tratar de uma louca que tinha muito dinheiro e influência.

A minha agenda indicava que eu devia ligar para mais duas clientes. Infelizmente elas teriam que esperar sentadas, pois, além do chip ter ido para o bebelê, eu estava em um estado reflexivo que

não me permitia continuar ligando e fingindo que aquilo me fazia bem. Resolvi dar um fim em tudo logo de uma vez.

Saí apagando todas as informações de clientes no meu celular; também peguei uma vasilha de ferro, uma caixa de fósforos e queimei a agenda física. Parece dramático queimar o passado literalmente, mas ia demorar muito para rabiscar todas as informações importantes que não deveriam ser encontradas no lixo.

Sorri quando percebi que não havia sobrado mais nada da minha antiga vida. A ideia de estar livre – realmente me sentia livre – era tão especial que me permiti esquecer a ameaça da ministra. Claro que ela nunca me faria mal, sequer sabia onde eu morava nem absolutamente nada sobre a minha vida. Aliás, a mulher parecia incapaz de saber o meu nome. A doida provavelmente procuraria pelo Christian Grey e isso a levaria para algum lugar em Seattle. Bem longe de mim. Longe *mesmo*.

Duvido muito de que conseguisse me achar e, se por acaso me encontrasse, o que iria fazer? Não podia se envolver em escândalos, caso contrário sairia prejudicada. Ela tinha muito a perder. Eu também, claro, a Amande era a minha vida resumida em uma mulher, mas, se algo mais sério acontecesse, eu lhe explicaria toda a situação. Não iria estressá-la com algo que jamais chegue a nos atrapalhar. Amande já tinha problemas e coisas embaraçosas demais para dar conta.

Peguei um chip novo em folha, que estava guardado em uma das gavetas do armário da sala – sempre mantive um número novo de reserva, pois o trocava assim que alguma cliente começava a dar chique. Era mais fácil trocar de número e nunca mais aparecer na vida da criatura do que tentar fazer com que parasse de encher o saco.

Meu primeiro impulso foi ligar para Amande, avisando-lhe da troca. Liguei também para a Júlia e, contra qualquer lógica, acabei ligando para a minha mãe. Não me demorei ao telefone, mas fiz questão de informar que estava prestes a abrir um estúdio. Mamãe ficou tão feliz que chegou a me comover. Ela perguntou se eu gostaria de falar com o papai, mas neguei prontamente. Não estava a fim de me estressar e me decepcionar mais uma vez, o que certamente aconteceria quando ele começasse a falar besteiras pro meu lado. Também duvido muito de que se animaria com a minha vitória: já superei o fato de ele não gostar de mim.

Informei à mamãe que estava namorando e que buscava mudar de vida. Prometi que em breve a visitaria, mas que teria que ser em um dia que o papai não estivesse em casa. Ela concordou de um jeito animado e muito emocionado. Eu não pretendia falar nada daquilo pra ela, mas as coisas simplesmente saíram. Acho que era o meu desejo profundo de lhe causar orgulho depois de tanto tempo lhe causando apenas decepção.

A conversa com a Amande durante a viagem tinha me feito refletir um pouco sobre os meus pais. Eu não estava pronto para perdoar – uma coisa forte dentro de mim simplesmente não engolia o fato de ser sido rejeitado de um jeito tão cruel – e nem sei se um dia estaria. Seria fácil demais para os meus pais me perdoarem depois de eu ter resolvido tudo. Era hipocrisia voltarem a falar comigo e me incluírem na família de novo. Em minha opinião, eles deviam ter feito isso muito antes. Afinal, amor de pai e mãe não é incondicional? Tenho que estar correto e andando na linha para que me amem, para que se relacionem comigo?

Estava muito magoado. De verdade. Não gostava nem de pensar nessas coisas, porém era inevitável naquele instante em que tudo estava mudando dentro de mim. Só sabia que morria de saudade da minha mãe. Precisava vê-la, e aquele era o momento certo. Eu a olharia com menos vergonha do que sou. Seria extremamente mais fácil encará-la de frente. No fundo, creio que não a procurei antes por este motivo: sempre tive vergonha na cara.

Passei a tarde trancado no quarto onde coloquei as coisas do estúdio. Recuperei todas as anotações do estúdio antigo e comecei a verificar as possibilidades. Também fiz um levantamento completo de todo o dinheiro que eu tinha. Juntei contas, imprimi informações e deixei tudo pronto para que a Amande analisasse. Ela tinha razão: eu precisava mesmo de sua ajuda. Estava pensando em contratar algum profissional da área de administração de empresas – não queria mesmo incomodá-la –, mas já que se prontificou e eu não consegui fazê-la mudar de ideia... Enfim, uma pessoa de confiança e competência analisando aqueles papéis era tudo o que eu queria.

Parei subitamente quando achei um cheque guardado dentro de um caderno de anotações. Sabia do que se tratava: era o dinheiro que recebi pelo fim de semana em que trabalhei na despedida de solteira da Amande. Eu ainda não havia descontado. Acho que jamais o faria.

Depois de muito raciocinar, decidi guardá-lo. Iria perguntar a Amande o que devia fazer com ele. Sei lá, senti-me um pouco perdido. Era um valor bom demais para ser ignorado, porém insignificante com relação ao que tive de fazer para obtê-lo. Qual era o preço de ter Amande na minha vida? Simplesmente nada podia pagar pelo que aconteceu entre nós.

Como o combinado, fui buscá-la às seis horas. Amande parecia animada, suas expressões estavam suaves e um meio sorriso não lhe escapava da face. Seu bom humor me deixou tranquilo imediatamente. Estacionei na frente de seu prédio após atravessarmos um trânsito caótico – que acabamos aproveitando bem na companhia um do outro.

– Quer subir? – ela perguntou depois de me dar um selinho e abrir a porta do carona. Prendeu os lábios logo em seguida, deixando seu rosto corar de leve. Eu já sabia o que estava pensando. Sua atitude me fez rir de leve, pois vê-la com segundas intenções era simplesmente maravilhoso. Será que um dia nos cansaríamos um do outro?

– Na verdade eu já ia subir pra te ajudar a pegar as coisas.

– Que coisas? – perguntou sem entender.

– Suas roupas. Tem espaço no meu armário para elas. – Encarei-a fixamente. Amande fez a linda careta de contrariedade que eu tanto amava.

– Caleb, eu não...

Ergui meu dedo indicador e travei seus lábios com ele. Não daria espaço para que falasse o que eu não gostaria de ouvir.

– Sei que é recente, sei que não consegue dar esse passo agora... – comecei. – Mas isso é apenas um fruto daquilo que você pensa. O que você quer, Amande? Eu te quero todos os dias, quero dormir contigo, quero acordar contigo... Não quero esperar. Quero agora, quero hoje. Se você me

disser que não quer, de verdade, vou te respeitar.

– Não se trata de querer ou não, meu príncipe. Eu simplesmente não posso.

– Por quê?

Amande suspirou fundo. Seu bom humor de minutos atrás deu lugar a uma preocupação crônica. Ela desviou os olhos e encarou o horizonte além do pára-brisa. Depois, começou a balançar a cabeça freneticamente, como se negasse algo a si mesma.

– Não posso. É sério. Não posso, Caleb. – Tornou a me olhar, inundando-me com as águas de seus dois lagos escuros. Prendi a respiração, sentindo todo o efeito que eles me causavam.

“O que há com você, Amande? No quê tanto pensa?”

– Tudo bem. – Sorri torto, porém não sentia a menor graça. – Eu te ligo amanhã.

Amande me encarou por longos segundos. Disse por fim:

– Não fique chateado.

– Ok.

Eternos segundos de puro silêncio. Ainda encarava a Amande e ela me encarava de volta com seriedade.

– Vai subir? – perguntou de modo sussurrante.

Eu poderia aprender muitas coisas na minha vida, menos a negar alguma coisa para ela. Seu desejo era uma ordem, um ultimato. Eu faria o que quisesse, iria para onde fosse, defenderia seus interesses com unhas e dentes até o fim. Eu simplesmente a pertencia. Pode parecer algo ruim, mas não era. Já dizia Camões, “é ter por quem nos mata lealdade”.

– É claro – respondi e recebi o seu amplo sorriso como prêmio.

O primeiro da noite.

9º Capítulo

1 semana e 5 dias depois...

– E estou vivendo num conto de fadas desde então – concluí, sorrindo de um jeito meio bobo. Estava me sentindo um pouco envergonhada por estar na berlinda. Um círculo foi formado e todas as integrantes pertencentes à ele estavam olhando para mim.

As reações para o que eu tinha acabado de narrar – uma descrição completa sobre como havia sido minha fuga da igreja, a viagem com o Caleb e tudo o que foi dito até então – foram distintas: Jéssica, de longe a mais animada, sorria de orelha a orelha. Ela chegou a dar gritinhos e bater palmas em alguns pontos mais altos da história. Leia-se os mais quentes, pois me obrigaram a falar sobre eles também, mesmo que sem muitos detalhes. Lara ria de leve, acompanhada pela Cláudia. Fabiana estava muito reflexiva, certamente ponderando os prós e contras. Paloma era a única que parecia achar aquilo tudo um absurdo.

Foi para ela que olhei. Sua opinião era a mais importante para mim, sem sombra de dúvidas. Paloma era estrategista, racional e inteligente. Não que as outras garotas fossem burras, mas eram passionais, agiam muito por impulso e achavam que a paixão a tudo justificava. Pode parecer meio contraditório da minha parte, afinal, eu precisava de uma justificativa boa para continuar me sentindo feliz, porém uma dose de realidade e um bom conselho de alguém de fora – que não fosse meus pais, pelo amor de Deus - eram fundamentais.

Alguma coisa dentro de mim tentava me alertar. Soava como um alarme ensurdecedor, mas a paixão que eu sentia me deixava cega, surda e muda. Apenas ignorava. Estava vivendo cada segundo como se fosse único, andando em corda bamba sem medo. Podia cair a qualquer momento, mas simplesmente não ligava. Não conseguia ligar. Aquela sensação de paz que somente a loucura é capaz de trazer era muito confortável.

– Você precisa tomar cuidado, Amande – Paloma, como previsto, foi a primeira a falar. Ela sabia que eu estava esperando que se pronunciasse. – Esse conto de fadas pode virar história de terror numa fração de segundo.

– Credo, Paloma! Vira essa boca pra lá! – berrou Jéssica, fazendo uma careta. Ela estava parecendo uma diva, usando os cabelos soltos e compridos meio cacheados nas pontas. A maquiagem e o vestidinho preto ressaltavam o verde de seus olhos.

Paloma a encarou impassivelmente, cerrando seus olhos até ficarem apenas dois filetes bem esticados. Sério, nem parecia que ela era apaixonada pela Jéssica. O pior de tudo era que só eu sabia daquilo. Pelo menos por enquanto. Paloma diria a verdade sobre ser lésbica naquele encontro. Eu estava pronta para lhe dar todo o apoio que fosse possível.

– Paloma tem razão – completou Fabiana, ainda muito pensativa. – Tenho certeza de que você

fez bem em não se casar, Amande, mas não significa que acho recomendável manter um relacionamento com um ex-garoto de programa.

Ai... Aquilo doeu. Sério. Mesmo sendo a mais pura verdade, é diferente quando tudo é exposto em voz alta. Pareceu-me algo muito mais cruel e improvável de acontecer comigo. Por um segundo achei que não estivessem falando sobre mim.

– Fala sério! Eles se amam, gente. *Tá* na cara! – defendeu Jéssica, deixando-me imediatamente esperançosa e animada.

– Vi o Caleb hoje quando foi deixar Amande na loja – falou Lara, descruzando as pernas grossas e se esgueirando para pegar seu copo com batida de limão feita pela Fabi. – Ele parece tão bobo quanto ela! Não há dúvidas de que estão apaixonados.

– Pelo que Amande contou devem estar mesmo – disse Cláudia. – Acho que estamos focando demais no fato de ele ser um ex-garoto de programa. Eu acredito que todo mundo tem uma chance, devemos dar crédito ao Caleb. Querendo ou não, sabemos que também teve coragem para mudar de vida por ela.

– É muito difícil confiar – alertou Paloma, balançando a cabeça. – A paixão pode estar intensa agora, mas isso tem fim. Todo esse mistério e novidade vão acabar. O que vai sobrar disso? Amande deixou uma vida para trás, gente. Vocês sabem a bagunça que foi aquele casamento.

Todo mundo se calou. Ficamos nos encarando como se fôssemos cúmplices de um assassinato. De repente, ouvi uma risada.

– Ainda morro de rir quando me lembro! – Jéssica gargalhou alto e incrivelmente foi acompanhada pelas garotas, exceto a própria Paloma.

Meu cérebro deu um nó.

– As tias do João Pedro começaram a berrar como animais! – Cláudia gritou, rindo do seu jeito característico. Até eu comecei a rir também. – A mãe dele meio que desmaiou, parecia uma novela.

– Amande arrasou! A saída dela foi digna de Hollywood – Lara tinha dificuldades para falar de tanto que ria.

– Nããããoooo!!! – gritou Jéssica, levantando-se bruscamente. Era óbvio que estava imitando a cena. Novas gargalhadas surgiram. – Foi demais. Nunca fui num casamento tão emocionante!

– Todo mundo começou a gritar de uma só vez!

– “Pra onde ela foi?”, “pra onde ela foi?” – Cláudia fez uma cara esquisita e ficou repetindo, olhando para todos os lados como se fosse uma louca.

As meninas riram e eu fiquei sem entender.

– O padre! – disse Lara, apontando. – O coitado ficou mais perdido que cego em tiroteio! Não parava de repetir: pra onde ela foi? Pra onde ela foi?

Jéssica já chorava, e desta vez até Paloma riu. Eu sei que devia estar achando aquilo tudo um absurdo, mas não conseguia parar de rir. Nunca pensei que o momento de achar graça de tudo o que havia acontecido chegaria tão cedo.

– Acho que a gente podia recuperar o vídeo com a equipe de filmagens. Vale a pena! – Fabiana sugeriu. Como estava na própria casa, ela se deu o direito de vestir apenas um shortinho e uma blusinha simples. Os cabelos castanhos estavam presos num rabo-de-cavalo definido.

– Não exagera! – reclamou Paloma. – Até porque dona Isabel cancelou o serviço e eles aceitaram o cancelamento.

– Sério? – Fiquei bastante surpresa. Não fazia ideia do que tinha sido cancelado ou não daquela cerimônia desastrosa. Mamãe estava cuidando muito bem de tudo, pois nenhuma informação passou por mim até então.

– Eu mesma ajudei. – Paloma voltou a ficar séria.

Soltei um suspiro longo e, de repente, já estava cabisbaixa. Pensando no João. Em toda a humilhação que o fiz passar, em todas as coisas ruins que eu podia ter evitado se tivesse mais clareza sobre os meus próprios sentimentos. Aquele era o tipo de coisa que não tinha perdão. Ele devia estar arrasado e assim ficaria por muito tempo. Talvez jamais se recuperasse, o que era uma ideia no mínimo esmagadora. Minha cabeça doeu quase de imediato, parecia que havia acabado de levar uma martelada bem no meio da testa. Usei as mãos para tentar aliviar a dor, mas não adiantou.

As meninas ficaram silenciosas, olhando para mim visivelmente preocupadas.

– O João... – murmurei, e então elas já compreendiam o que tinha me deixado tão abalada de um segundo para o outro. – Ele não merecia. Não merecia *mesmo*.

Silêncio.

– Ele vai ficar bem, Amande – foi Cláudia quem externou o lado esperançoso da situação. – Tente não pensar muito nisso, de nada vai adiantar. Seja feliz. João vai saber o que fazer com a própria vida, ele não é um adolescente.

– Tudo na vida se supera – completou Jéssica.

A frase dita por ela ganhou um brilho diferente. Jéssica havia sofrido da forma mais cruel que uma mulher pode sofrer e mesmo assim mantinha aquele sorriso sempre estampado no rosto. Ela fazia o que queria, falava o que dava na telha, não passava vontade, jamais se preocupava com as consequências e vivia a vida de acordo com suas escolhas. Queria ser como ela. Tenho certeza de que era mais feliz do que muita gente.

– Tudo bem, posso deixar de ser o assunto da noite agora? – perguntei, rindo um pouquinho. O conselho da Cláudia seria devidamente ouvido: não queria pensar no João Pedro, pois realmente de nada iria adiantar. Só me causaria dores de cabeça em vão, visto que jamais poderia mudar o passado e, mesmo se mudasse, ele sairia magoado da mesma forma. Eu não deixaria de escolher o Caleb.

– Eu tenho uma coisa importante para dizer! – Paloma ergueu o dedo indicador e se levantou. Ela estava sentada no grande tapete emplumado, que decorava a sala da Fabiana, mas o trocou pelo sofá para que todas nós pudéssemos vê-la melhor.

Já sabia do que se tratava, portanto apenas a incentivei com o olhar. Ela estava nervosa, mas, enfim, conseguiu expor tudo o que lhe afligia com maestria. Explicou cada passo tão detalhadamente que as garotas simplesmente não tiveram o que perguntar no meio da narrativa.

As reações das meninas foram de surpresa, exceto a da Jéssica. Ela só ficou encarando a Paloma com um ar confuso e, inexplicavelmente, permaneceu calada. Não disse nada sobre o assunto, o que era raríssimo se tratando dela.

– Que bom que conseguiu se encontrar – disse Fabiana, alisando os longos cabelos negros de Paloma. – O importante é ser feliz. Às vezes a gente tenta encontrar a felicidade nos lugares errados. O que aconteceu com a Amande é um ótimo exemplo disso.

– É verdade – ponderei. – Depois que a gente descobre e assume o que quer tudo fica mais fácil.

– Eu estou com medo. – Paloma se mantinha séria até demais. Ainda bem que eu a conhecia o bastante para saber que aquele jeito sério e controlado significava o mais completo desespero. Busquei suas mãos e as acariciei, entendendo que precisava de todo apoio possível.

Por um instante eu me vi nela. Também morria de medo do novo rumo que a minha vida tinha seguido, porém compreendia que a minha verdadeira felicidade estava naquela mudança. O fato de Paloma ter assumido sua homossexualidade lhe abriria inúmeras portas rumo à verdadeira satisfação.

– Não se preocupa, amiga – disse Lara, que estava visivelmente surpresa, mas fazia o possível para não transparecer. – Não há razão para temer, estamos do seu lado.

– É isso aí. – Cláudia, de repente, se levantou do sofá. – Gente! Essa despedida de solteira foi mesmo reveladora! – Gargalhou, provocando riso em todas nós. – Precisamos fazer de novo!

– Deus me livre! – praticamente berrei. – Nunca mais me levem para uma despedida de solteira, uma só foi o bastante!

Todas riram.

– Quem será a próxima a se casar? – perguntou Lara. – No fim, apenas a Cláudia se casou e já faz anos. Precisamos desencalhar, amigas!

Encaramo-nos por alguns instantes e constatamos que, além da Claudinha, apenas eu mantinha um relacionamento.

– Nem olhem para mim. Vou demorar anos para pensar em organizar outro casório – informei, virando os olhos. – Se é que um dia voltarei a organizar alguma coisa.

– Minha vida amorosa está uma merda – completou Fabi.

– A minha também – disse Lara.

– Nem me falem da minha – Paloma ironizou, olhando para a Jéssica de um jeito que considerei ousado.

Ninguém percebeu aquilo, exceto eu e, quem sabe, a própria Jéssica, que falou:

– Minha vida amorosa tem duas bases primordiais: jamais se apaixonar e sempre transar.

Não contive um riso idiota, que foi acompanhado pelas gargalhadas das garotas. Paloma riu um pouquinho, mas percebi que não sentia a menor graça. Era estranho saber de coisas que as minhas amigas não sabiam em sua totalidade. Nós sempre compartilhávamos nossos segredos e tudo o que nos rodeavam, sem exceções. Até aquele momento só a Paloma e eu tínhamos conhecimento de que a Jéssica era uma garota de programa, e a própria Jéssica nem sabia que a Paloma sabia. Eita, confusão!

Após mais uma noite de quinta-feira com as minhas melhores amigas, voltei para o meu apartamento, acompanhada por uma sensação de leveza. O fato de elas saberem cada detalhe do que aconteceu me deixava mais ciente de que não estava fazendo coisas erradas às escondidas, como uma adolescente que sai por aí fazendo besteira.

Era quase uma hora da manhã quando deitei na minha cama e, imediatamente, lembrei do Caleb. Seu corpo quente grudado ao meu fazia uma falta horrorosa. Não dormimos juntos naqueles últimos dias, e devo confessar que meu sono não estava sendo tão agradável. Acordava várias vezes durante a madrugada com a sensação de que algo estava errado, demorava muito para dormir de novo.

Resolvi ligar para ele:

– Linda? Chegou bem?

– Sim, estou em casa e pronta pra dormir. Desculpa ligar tão tarde.

– Eu te pedi para ligar quando chegasse, lembra?

– Não te liguei porque você pediu, liguei porque estou com saudade – murmurei, tendo consciência de que estava fazendo voz manhosa. Sabe aquela vizinha tosca que os apaixonados fazem ao telefone? Quase isso.

– Eu também estou. – Não tive a capacidade de responder nada, por isso Caleb simplesmente mudou de assunto: – Como foi lá?

– Melhor do que pensei. Amanhã te conto todos os detalhes, você deve estar com sono, já que acabo de te acordar.

– Nem estava dormindo, Amande.

– Estava fazendo o quê então, senhor Caleb?

– Testando algumas máquinas para o estúdio.

– Depois eu sou a viciada em trabalho. Está tarde, lindo príncipe, precisa dormir bem.

– Quer mesmo que eu durma bem? – ele perguntou, e sua voz já mudava de timbre aos poucos, transformando-se em algo tão sensual que foi capaz de mexer com a integridade da minha calcinha. – Então dorme comigo.

– Em breve – consegui sussurrar.

– Em breve o quê?

– Dormiremos juntos todos os dias.

Silêncio total.

– É uma promessa? – Caleb perguntou, rouco.

Ai, meu Deus. Por que ele mexia tanto comigo, o tempo todo? E por que eu não parava de pensar em besteira e me entregava à situação de vez? Se era para ser inconsequente e impulsiva, por que não ser até o fim?

Não. Eu estava tentando justificar a minha vontade de por os carros na frente dos bois. Isso não se faz, Amande!

“Siga a ordem natural das coisas, siga a ordem natural das coisas...”, comecei a repetir na minha mente.

– É uma promessa – falei, prometendo não apenas a ele, mas a mim mesma. Estava assinando um contrato que incluía assumir tudo o que me fazia bem sem me importar com as consequências e muito menos com o que pensariam ou fariam ao meu respeito.

Eu só precisava de um tempo. Minha consciência precisava digerir aquilo em pequenas doses para que a transformação não se tornasse algo que me trouxesse desconforto.

– Eu te amo tanto – Caleb sussurrou com certa sofreguidão. Meus olhos se encheram de lágrimas imediatamente. Tão lindo... Tão meu!

– Eu também te amo – respondi devagar, saboreando a doçura da verdade invadindo a minha língua.

Era mesmo muito, muito doce. Tão doce quanto leite condensado.

10º Capítulo

2 semanas depois...

Era manhã de sábado. Com muito custo convenci Amande a dormir comigo. Não faço ideia do que se passava em sua cabeça, mas ela estava se comportando de um jeito estranho. Simplesmente não sabia se estávamos bem ou mal, e essa dúvida me matava. Quando estava comigo Amande era divertida, carinhosa e muito atenciosa, porém algo acontecia quando nos separávamos. Era como se, de alguma forma, eu a estivesse perdendo.

Não sei se era o medo absurdo que sentia de perdê-la – às vezes nossos próprios medos nos pregam peças –, só sei que eu tinha receio de deixá-la sozinha, tentava fazer com que se distraísse pelo maior tempo possível. O fato de ela pensar demais em nós me consumia, pois eu nunca saberia qual seria o momento em que enfim chegaria à conclusão de que não daríamos certo juntos. O que, depois do sexo delicioso do dia anterior e de todas as declarações que trocávamos, parecia ser o maior absurdo do mundo.

Confesso que estava preocupado, por isso não tinha sono que desse jeito. Fiquei acordando inúmeras vezes durante a noite, observando-a dormir calmamente em todas elas. Amande mal se mexia, apenas entrelaçou suas pernas na minha, apoiou a cabeça no meu peito e ali mesmo ficou. Totalmente diferente de mim, que só não estava inquieto porque não queria acordá-la e muito menos afastá-la.

Os pensamentos inseguros me consumiram até as sete horas da manhã. Foi quando decidi me levantar e preparar o café da manhã. Amande gemeu um pouquinho quando me afastei, entretanto sequer abriu os olhos. Continuou dormindo do mesmo jeito, trocando-me por um dos travesseiros. Sorri pela milésima vez ao observá-la tão relaxada na minha cama. Era bom demais para ser verdade tê-la em minha vida. Nem sabia se eu merecia sentir tanto amor daquele jeito, só sei que era inevitável amar aquela mulher.

Fui à cozinha, dei comida aos gatos e limpei a caixa de areia – Lulu e Don haviam feito uma pequena bagunça na casa.

– Eu também não dormi – murmurei, enquanto os observava comer a ração especial para felinos.

Depois de organizar tudo, comecei a preparar o desjejum. Uma ideia surgiu assim que tudo ficou pronto: levaria o café da manhã na cama para Amande. Já marcavam oito e quarenta e dois no relógio da cozinha, portanto o horário não era tão ruim assim para acordar num sábado.

Organizei uma bandeja de prata – eu não tinha o aparato especial para levar café na cama, afinal, nunca havia trazido alguém para minha casa – e coloquei nela os alimentos, composto por tapioca bem quentinha, torradas com queijo, frutas cortadas em cubo e geleia de framboesa. Ainda

não tinha comido nada, portanto me incluí na refeição, acrescentando mais uma xícara na bandeja.

Amande dormia na mesma posição em que a deixei. O quarto estava escuro por causa das cortinas fechadas, portanto deposei a bandeja na beira da cama e as abri, deixando o sol da bela manhã iluminar o quarto. Ela nem saiu do canto, como se a luminosidade não lhe importasse.

Pensei em não acordá-la – cheguei a morrer de pena –, mas não queria que a comida esfriasse. Requentar também não era uma boa opção, metade do sabor iria embora durante o processo. Aproximei-me dela, puxando o lençol de um jeito que a obrigasse a acordar. Contudo, para minha surpresa, mesmo depois de totalmente descoberta, Amande permaneceu intacta.

Ela vestia apenas uma calcinha branca de algodão – estilo que devia lhe ser bem confortável, pois usava com frequência – e uma blusinha de alças finas, também branca. Claro que estava absolutamente sensual, aninhada com os joelhos flexionados até a altura de sua barriga.

Aquelas longas pernas expostas me fizeram pirar, junto com os contornos que sua bunda fazia na calcinha. Contando com o efeito dourado impressionante que sua pele ganhou por causa dos raios solares vindos da janela, era de se imaginar que o meu sexo não ignoraria. Realmente não ignorou. A excitação me pegou em cheio, deixando uma espécie de torpor mágico invadir o meu corpo.

Soltei um grunhido baixo e involuntário. Minhas mãos trabalharam nas pernas da Amande. Sua pele estava quente e mais macia do que o normal, incitando-me a ousar ainda mais. Alisei sua bunda, sentindo minha ereção latejar dentro da cueca samba-canção que eu vestia.

– Acorda, gostosa... – sussurrei, mas minha voz estava carregada de tanto desejo que foi quase impossível ouvi-la. Amande finalmente se mexeu. Pensei que acordaria, mas apenas mudou de posição, ficando de frente para mim. Seus braços terminaram abertos e as pernas se esticaram completamente.

Continuei a alisando de leve, percebendo que aquele novo ângulo era tão delicioso quanto o anterior. Usei as duas mãos e massageei suas coxas com mais força. Ela franziu a testa e soltou um suspiro, mas não acordou.

Puts! Isso que eu chamo de sono pesado. Mas ela ia ver só uma coisa...

Meus dedos encontraram o elástico da sua calcinha e logo invadiram o que ela escondia. Estava quente e úmido lá dentro, de um jeito que só me deixou mais louco ainda. Minha imaginação já estava longe demais, e meu maior desejo era seguir exatamente na mesma direção.

Disposto a fazer aquilo, puxei a perna esquerda da Amande para o lado, deixando-a exposta em um segundo. Chacoalhei o meu dedo lá dentro e a observei. Ela começou a se mexer e finalmente abriu os olhos. *Aleluia!*

Sua primeira reação foi soltar um gemido abafado de confusão. Não dei trégua, estiquei a calcinha para o lado e, posicionando-me melhor na cama, levei a minha língua até o seu sexo.

– Caleb... – ouvi sua voz linda misturando sono e desejo. Suas pernas tentaram se fechar com o meu estímulo, mas as mantive abertas usando as mãos.

Meus lábios começaram a trabalhar incansavelmente, o sabor do seu gosto me deixando cada vez mais sem juízo. Amande se contorceu de leve, soltando suspiros que indicavam ora reclamação ora excitação. Senti na minha língua quando começou a fabricar e expelir seu lubrificante natural. O gosto era divino, parecia mais adocicado, o que acabou me fazendo erguer os olhos para fitá-la, sem ousar tirar a minha língua dali. Ela estava me encarando com os lábios entreabertos, mas os prendeu com os dentes no segundo após nossos olhares se encontrarem.

Dei um beijo propositadamente estalado no seu sexo e me afastei, sem desviar meus olhos dos dela.

– Preciso estar em você, Amande – rosnei e fiquei de joelhos. Abaixei minha cueca e me fiz exposto na frente dela, que assistia a tudo como se ainda não estivesse entendendo se aquilo era parte de algum sonho erótico ou da mais pura realidade.

Puxei suas pernas para mim e praticamente rasguei a calcinha fora, tão brutal foi o movimento que fiz para tirá-la. Consegui ouvir o estalido do tecido cedendo, mas sequer me importei. Fiz meu sexo invadi-la com lentidão e só depois que ela o recebeu até o fim que me inclinei para frente, apoiando meus braços ao redor da sua cabeça.

Fiz nossos corpos se chocarem com força uma vez. Depois outra e mais outra, mantendo um ritmo intenso e meio selvagem. Amande já gemia no meu ouvido enquanto eu lhe beijava e mordia o pescoço e a orelha.

– Que delícia, meu amor – ela sussurrou entre gemidos, atijando minha vontade aterradora de fodê-la até ficar dormente.

Levantei a blusa que Amande estava usando sem tirá-la completamente.

– *Você* é uma delícia – respondi entre dentes. Desci meus lábios na direção dos seus seios. Fiz movimentos circulares com a língua e os suguei com força, adorando o modo como eles se arrebitavam a cada investida.

Amande passou a me arranhar as costas enquanto eu trabalhava neles, sua excitação ganhando forma aos poucos. Deu para sentir quanto ficou à beira do orgasmo, pois seu sexo prendeu o meu como se quisesse me roubar para si. Ele abriu espaços com mais líquido lubrificante e, quando percebeu a invasão total, contraiu-se até o retrocesso se tornar algo bem mais difícil de fazer.

– Goza pra mim, gostosa – rosnei, quase sem separar minha boca da sua pele. Mais dois choques foram o bastante para que Amande iniciasse uma sessão fantástica de gemidos indefinidos e contrações no ventre.

– Caleb! – gritou. – Ca-leb! – Os gemidos fizeram meu nome sair partido, o que só aumentou a minha vontade de preenchê-la com meu prazer.

Não demorou muito para que eu estivesse despejando dentro dela, inundando-a de um jeito delicioso, uma química singular que só era possível quando estávamos juntos. Cada vez que a tomava era como se fosse a primeira vez: a mesma excitação, o mesmo desejo insuportável que chegava a doer, a velha sensação de que meu mundo inteiro a pertencia. O sentimento vibrava dentro do meu

peito, satisfeito pelo fato de sermos apenas um enquanto fazíamos amor.

Ergui minha cabeça para beijá-la, mas ela desviou o rosto.

– Nem pensar, acabei de acordar e estou com um bafo de múmia.

Gargalhei instintivamente. Ainda estávamos encaixados, por isso meu sexo acabou se agitando dentro dela.

– Quem manda estar tão gostosa enquanto dorme?

– Só enquanto durmo? – perguntou, esfregando os olhos.

– Claro que não, sua boba. – Beije-i-lhe a bochecha.

– Se você me acordar assim todos os dias vou ficar mal acostumada – disse, sorrindo de um jeito descontraído.

– Se dormir comigo todos os dias é assim que será acordada – informei, encarando-a fixamente. A ideia de fazê-la morar comigo não tinha parado de martelar o meu juízo. Sentia-me impotente, perdia o controle total do nosso relacionamento quando ela ia embora. Era isso o que tanto me angustiava: a insegurança, o fato de não saber o que podia nos acontecer.

Amande me observou por longos segundos.

– Isso é uma promessa, lindo príncipe?

– É uma promessa, minha princesinha – falei e, contra a sua vontade, dei-lhe um selinho demorado. – Trouxe o café da manhã.

– Sério?

Fiz que sim com a cabeça.

– Vou mesmo ficar muito mimada! Você está criando um monstro manhoso, Caleb. Não reclame quando eu só aceitar acordar com sua língua em mim e com café na cama!

Rimos juntos.

Desencaixei nossos sexos e guardei o meu dentro da cueca. Fechei as pernas dela e beijei seus pelos pubianos que começavam a nascer em cima. Eles fizeram meus lábios pinicarem um pouquinho, mas a sensação foi boa.

Levantei, peguei a bandeja e coloquei na sua frente enquanto se sentava. Amande pegou o lençol e escondeu a nudez na parte inferior.

– Fez tudo isso? – Amande esbugalhou os olhos, começando a despejar o café que estava no bule em uma das xícaras. – De que horas acordou?

– Umas sete.

Ela fez uma careta.

– Por que tão cedo?

– Bom... Na verdade não consegui dormir direito. Já te falei que tenho insônia.

– Pensei que tinha superado isso.

– Eu também – murmurei, mas não quis prolongar o assunto. – Vamos, experimente a tapioca. É de coco, você vai gostar.

Começamos a comer tranquilamente. Amande estava com um ótimo humor, falante e brincalhona. Às vezes ela ficava me observando enquanto mastigava, e a ternura evidente em seus olhos fazia com que eu me sentisse muito amado.

– O que quer fazer hoje? – perguntei quando tínhamos acabado de comer e estávamos lavando a louça.

– Estou pronta para olhar os papéis que você andou organizando esta semana – ela respondeu, enxugando as mãos no pano de prato que estava no meu ombro.

– Hoje é sábado, Amande. Você quer mesmo trabalhar? – Ergui uma sobrancelha. – Estava pensando em fazer algo divertido. Sair para algum lugar, sei lá!

– Ainda é cedo, posso analisar suas coisas e à tarde nós saímos. Ou à noite. Podemos ir ao teatro, tem uma peça muito boa em cartaz! Você gosta?

– Faz anos que não vou ao teatro. Adorei a ideia, linda. – Puxei-a pela cintura e lhe dei um selinho.

Levei Amande até o quarto onde guardo as coisas do estúdio. Estava uma bagunça, visto que saí testando tudo o que encontrava pela frente, montando estantes, armários, tripés, sistemas de iluminação... Havia coisas que tinham se salvado do incêndio e estavam guardadas desde o primeiro estúdio que tentei montar.

Todos os documentos e informações estavam devidamente organizados em uma pasta classificatória. Entreguei tudo para a Amande.

– Onde quer fazer isso?

– Pode ser aqui mesmo. – Ela arrastou uma cadeira, que estava na frente de uma mesa de escritório semi-montada, e se sentou. Depois de abrir a pasta, seu olhar já estava fixo nos papéis.

Achei aquilo muito engraçado. Amande mudava da água para o vinho quando o assunto era trabalho; suas expressões ganhavam seriedade e exaltavam toda a inteligência que possuía. Fiquei plantado ao seu lado, observando-a com curiosidade.

Depois de cinco segundos, ela ergueu a cabeça e reclamou:

– Vai ficar aí me olhando?

– A vista não está nada mal – respondi, sorrindo torto.

– Está me distraindo!

– Nem pareceu! Vou ficar quietinho, prometo.

– Não, nem pensar! Vá, vá! – Amande balançou as mãos, expulsando-me. Seus olhos se voltaram para a pasta. Ela passou algumas páginas e tirou um determinado papel do compartimento de plástico. – É impossível prestar atenção em outra coisa com você tão perto.

Gargalhei.

Já estava decidido a obedecê-la quando percebi suas expressões se modificando para alguma coisa que ia além da seriedade. Amande ficou branca, da cor do papel que segurava e encarava com os olhos grandes muito abertos. Eles começaram a marejar instantaneamente.

Fiquei sem entender sua reação. Continuei no escuro enquanto ela resfolegava alto e colocava uma mão na boca como se quisesse conter um grito. Não fui capaz de falar ou fazer absolutamente nada, meu coração já batia tão acelerado que levou todo o meu fôlego embora. E o pior de tudo era que eu ainda não sabia o que estava acontecendo.

– Céus! – ela berrou de repente.

Levantou-se da cadeira, sacudiu o papel para longe e passou quase voando por mim. Não me mexi até que ouvi o barulho da porta do banheiro que ficava no corredor. Era uma porta que fechava lateralmente por meio de corrediça, por isso consegui identificar o ruído perfeitamente.

Peguei o papel que Amande jogou no chão e constatei que se tratava do meu orçamento. Toda a quantia que eu possuía estava discriminada ali.

Foi então que eu finalmente compreendi.

Saí correndo feito um louco e bati na porta do banheiro assim que a alcancei.

– Amande? Você está bem?

Não consegui ouvir nada além de murmúrios dolorosos demais para a minha mente suportar.

– Amande, fala comigo. Por favor!

– Não!

– Amande... – Se eu já estava aflito antes, naquele instante eu alcancei o limite do desespero. Um nó gigante apertava meu estômago e a minha garganta, deixando meu tronco meio contraído. Chegou a doer de verdade, tanto que acabei me arrastando para o chão. Sentei no azulejo frio, apoiei a cabeça na porta e fechei os olhos.

– Preciso digerir isso... – ouvi Amande choramingar. – Preciso engolir esse absurdo!

– Amande... – Tentei falar alguma coisa, mas ela me interrompeu.

– Lembro muito bem de quando me disse que havia gastado tudo e que recomeçou a economizar no ano passado. – Ela parecia estar tão desesperada quanto eu. – É isso o que ganha em

um ano, Caleb?

– Não, não é isso que ganho em um ano – respondi, sentindo meus punhos cerrarem de tanta raiva. Raiva de tudo e de todos. – Eu disse também que andei trabalhando demais.

– Demais *mesmo*! Quantas mulheres por dia? Dez? Quinze? Vinte? Cinquenta mil? – ela praticamente berrou. – DROGA!

– Amande... Por favor, abra a porta.

– Não!

– Por favor...

– Não... Eu não consigo. Não posso! Caleb, isso é demais para mim.

Reabri meus olhos. Amande falou exatamente o que eu tinha medo de ouvir. Flexionei os joelhos e apoiei meus braços neles. Abaixei a cabeça, sentindo-me derrotado.

– É só um número – tentei falar alto, mas minha voz já estava rouca por causa da vontade de chorar. – Não significa nada para mim.

– Você transou com cada um desses números – ela respondeu, rancorosa.

– Isso faz parte do que fui, não do que sou agora.

– O que você é agora vai precisar desse número! – voltou a gritar desesperadamente. – Droga! Droga! Argh!

– Não é um dinheiro limpo, mas é um dinheiro suado – comentei, voltando a apoiar a minha cabeça na porta. A dor já se instalara dentro de mim. Senti meus dedos ardendo de tanto que os apertava. Queria socar alguma coisa, mas sabia que de nada iria adiantar.

– Muito suado! – desdenhou. – Literalmente.

“Putá que pariu!”

Seu modo desdenhoso e frio de falar me machucava mais do que quando gritava aos prantos. Cada palavra era uma faca no meu coração. Difícil era acreditar que as coisas tinham explodido tão de repente. Jamais devia ter concordado em envolver a Amande naquela situação. Ela não precisava saber quanto ganhei transando com minhas ex-clientes.

– Olha... – Inspirei fundo. – Se essa for a única saída para que abra a porta e fale direito comigo, eu me desfajo desse dinheiro agora mesmo.

Amande não respondeu logo, mas ouvi o seu choro desesperado.

– É tão difícil! É tão difícil aceitar! Não posso ser tão egoísta a ponto de te fazer desistir de um sonho, Caleb. Eu seria uma filha da mãe desprezível se concordasse com isso. Você precisa desse dinheiro, mas a forma como o conseguiu me deixa... péssima. Arrasada!

Soltei o centésimo suspiro. Meu rosto ficou quente e então percebi que já estava chorando. Enxuguei as lágrimas e tornei a suspirar.

– Você precisa aceitar o que eu fui – falei, tentando escolher bem as palavras. Qualquer uma que estivesse fora do lugar significaria perder Amande para sempre. – Se quer mesmo ficar comigo, precisa compreender que a única coisa que me interessa é o meu futuro. Andei sim trabalhando muito. Não neguei nenhum serviço, tive muita dor de cabeça, noites sem conseguir dormir... Trabalhei feito um condenado, mas tudo pensando apenas no pote de ouro no fim do arco-íris. Fiz isso porque queria mudar e não via outra saída. As escolhas que realizei na minha vida me trouxeram até aqui. Não foram boas escolhas, mas tentei sobreviver. E sobrevivi. Estou aqui agora, querendo mudar, querendo escolher as coisas certas. Você apareceu na minha vida como um milagre, uma luz no fim do túnel que se transformou no meu maior motivo de querer mudar. Amande... Eu estava imerso na escuridão enquanto acumulava esse dinheiro. É diferente agora. É diferente contigo. Sou outro homem, por favor, entenda isso.

Cada palavra foi dita com muito controle. Uma tranquilidade que certamente eu não sentia. Por dentro eu estava ruindo, desabando em pedaços. Enxuguei novas lágrimas e apenas esperei. Um minuto eterno e doloroso de uma espera cruel.

Ouvi Amande cair num choro desesperado mais uma vez. Eu só queria abraçá-la. Era uma necessidade.

– É tão difícil aceitar que você viveu assim por tanto tempo – ela disse por fim. – Aceitar que teve tantas mulheres que mal consegue contar. Eu não consegui sequer especular diante daquele número, e ele se refere à apenas um ano. Um mísero ano!

– Eu sei que isso te assusta, Amande, mas não vamos a lugar algum se você não parar de focar no que eu fui. Faz parte de mim e sempre fará. Eu não posso mudar o passado. Faria isso por você, mas não está ao meu alcance. Simplesmente não me interessa com quantas mulheres transei. É só você quem eu quero. Já disse uma vez e vou repetir: você é a minha última.

Silêncio.

– Por que eu? – Amande murmurou baixinho, mas consegui escutar. – Podia ser qualquer outra mulher.

Então era isso. Ela não conseguia entender os motivos de eu tê-la escolhido. Amande não sabia por que eu a amava. Não compreendia o que a diferenciava de todas as mulheres com quem estive durante todos aqueles anos. A coitada devia estar tão insegura quanto eu.

Pensei numa resposta, mas a verdade era que nem eu conseguia explicar as propriedades da semente mágica que plantou aquele amor em mim.

Depois de muito refletir, falei baixinho:

– Podia ser qualquer outra mulher, mas foi você. É como se estivesse me perguntando por que o céu é azul, podendo ser qualquer outra cor. Mas não... O azul é azul. E a gente o admira e gosta dele como ele é.

Mais silêncio.

Subitamente, senti a porta se abrindo nas minhas costas. Afastei-me um pouco e olhei para trás, percebendo que Amande também estava sentada como se estivesse de costas para mim o tempo todo.

Quando nossos olhares se encontraram, senti a bendita semente exatamente no mesmo lugar onde foi plantada. Estava ali: existia, pulsava, crescia. Eu estava afogado em seus dois lagos negros. Era irreversível e inquestionável.

– Seus olhos são azuis – ela murmurou entre lágrimas, encarando-me do jeito que me deixou apaixonado. – Como o céu. Eu não queria que fossem de outra cor. Têm que ser azul.

– Eu não queria que fosse outra mulher – completei o raciocínio. – Tem que ser você.

Amande avançou na minha direção com selvageria. O impacto foi tão intenso que nossos corpos foram jogados para o outro lado do corredor. Bati minhas costas na parede, mas fui incapaz de sentir dor. Já encontrava o caminho para os lábios daquela mulher, da minha mulher. Ela me envolveu com suas pernas grossas, mantendo-me por baixo como se fosse minha dona. E era. Apertei-lhe a carne por dentro do shortinho jeans que usava.

– Eu te amo, Caleb. Te amo tanto, tanto. Eu sou uma boba! Uma estúpida! – choramingou enquanto me beijava com força.

– Amande... – murmurei, afastando-a um pouco. Estava completamente sem fôlego. Olhei seus olhos bem de perto. – Não me deixe ficar sem você. Por favor.

– Seria uma burra se fizesse isso – falou. – Eu vou parar de tanta estupidez, lindo príncipe. Só me dê um tempo, preciso me encontrar nesse relacionamento.

Compreendia que devia estar sendo difícil para ela, mas minha cabeça não conseguia conviver com aquele medo constante de perdê-la.

– Eu sei que está insegura. Também estou, Amande. Isso tem tirado o meu sono. Tenho medo demais de te machucar. Tenho medo de que vá embora e nunca mais volte. Tenho medo de que desista de mim.

Ela alisou os meus cabelos com muita delicadeza, jamais desviando seu olhar.

– Não tenho te passado a segurança de que precisa, ao contrário de você. Está fazendo de tudo para me deixar confiante e mesmo assim meu raciocínio não consegue processar – falou em tom de desabafo. – A culpa é minha, não sua. Vou melhorar, prometo que vou mudar essa minha mania de achar que tudo está errado entre nós.

Enxuguei as lágrimas que lhe molhavam a face enquanto falava.

– Estou confiando cegamente em você, Amande.

– Eu sei. – Balançou a cabeça. – Eu sei. – Ela, então, inspirou todo o ar que lhe foi possível e definiu: – Estou pronta para retomar à análise dos papéis.

Dessa vez fui eu quem balançou a cabeça, só que indicando negação.

– Nem pensar. Não quero ver você saindo correndo de novo. Nunca mais.

– A partir de agora, Caleb Duarte, eu, Amande Martins, estou aceitando quem você foi. Mas só se quem você é for apenas meu.

– Isso é inegável.

“E imutável”, pensei, sentindo o desespero anterior dar lugar à alegria. Uma montanha russa de emoções que me deixou meio tonto, mas não liguei. Os lábios da Amande foram suficientes para que eu voltasse a respirar.

11º Capítulo

1 mês e 21 dias depois...

– O que achou? – Caleb girou o corpo em torno de si mesmo com os braços abertos. A sala diante de mim era ampla e estava toda repleta de uma aparelhagem que eu não entendia.

No canto esquerdo, um local exclusivo para fotos de estúdio iguais aos que já tinha visto apenas na TV. Podia até visualizar modelos de todos os estilos sentadas num enorme e elegante sofá, que tinha sido deixado ali apenas para se ter uma ideia de como ficaria em uma tomada de fotografia. No fundo, um telão imenso vibrava na cor branca. Um tripé gigantesco apoiava um refletor maior ainda, que emitia uma luz amarelada e forte. Só ele era capaz de deixar toda a sala completamente iluminada.

– Perfeito, Caleb! – gritei de excitação. – Ficou maravilhoso!

– Esta é a sala para fotos em grupo, é maior e tem alguns acessórios mais elaborados. Como aquele sofá ali. Comprei hoje, achei que estava faltando alguma coisa.

– Lindo demais! – Aproximei-me do sofá branco e sentei, percebendo o quanto era confortável. A luz do refletor não incomodou a minha visão como imaginei que faria. Muito pelo contrário, trazia uma iluminação tão ideal que parecia que Caleb havia trazido o sol para dentro do seu estúdio.

Vi quando ele caminhou até parar por trás da primeira câmera que estava posicionada bem em frente a mim. Eu sabia o que ele ia fazer, mas estava me sentindo feia demais para aquilo. Tinha acabado de sair de um dia árduo de trabalho; receber fornecedores era mesmo muito cansativo. Certamente estava despenteada e suja. Meu blazer não estava mais tão bem passado como quando saí de casa e a blusa vermelha estava para fora da saia de alfaiataria. Um descaso só.

Claro, meus protestos não funcionaram. Caleb já me fotografava como um louco, parando apenas para fazer alguns ajustes na lente. Ele apertava altos botões e levantava alavancas que eu nem imaginava que pudessem existir numa câmera.

A inauguração do estúdio seria dali a duas semanas. Podia sentir toda a agitação que o meu lindo príncipe sentia: estava nervoso, mas ao mesmo tempo contente. Aquelas semanas haviam sido de muito trabalho para nós dois: a ocupação do espaço, as reformas que tiveram de ser feitas, a decoração, a contabilidade, os documentos... Ajudei-o em tudo o que consegui, de forma que estava segura com relação ao sucesso de seu empreendimento. Até porque o investimento no marketing seria maciço – superior ao que fiz quando comecei com a minha loja –, levando seu profissionalismo ao conhecimento das pessoas em uma velocidade impressionante. Não duvidava de que Caleb seria um dos fotógrafos mais conhecidos da região.

Aquilo me assustava e me animava ao mesmo tempo. Precisava aprender a conter o meu ciúme, pois era inevitável que fosse procurado por suas ex-clientes. Sabia que alguns problemas aconteceriam por causa delas e queria ser a última a me envolver neles. Prometi que o deixaria resolver cada situação, estando sempre ao seu lado e sem me chatear. Difícil, mas não impossível.

Caleb era um companheiro que ultrapassava o nível da perfeição. Nosso relacionamento tinha finalmente se encontrado depois do susto que tomei ao ver sua conta bancária. Fizemos muitas

promessas um ao outro, mas prometemos também que cumpriríamos devagar. No ritmo certo, tal qual quando fazíamos amor.

Aqueles quase dois meses de relacionamento tinham me feito um bem absurdo. O que eu sentia só fazia crescer, e estava pronta para dar o próximo passo. Ele não sabia, mas seria apresentado aos meus pais em um jantar que eu faria no meu apartamento naquela sexta-feira. Junto com isso, também daria a informação oficial de que me mudaria para o apartamento dele e colocaria o meu para alugar.

Mamãe já sabia de tudo e, depois de uma conversa séria com papai, ele estava começando a compreender que eu tinha mudado e precisava atender às minhas novas necessidades. Claro que detestou a ideia de me ver morando com um cara sem estar casada – principalmente tendo pouquíssimo tempo de relacionamento –, mas eu lhe expliquei que era madura o suficiente para levar a situação numa boa. Minha segurança e decisão o fizeram ao menos respeitar aquela atitude sem me julgar como tola.

– Sabe... Podemos fazer uma sessão de verdade neste fim de semana – Caleb disse, sem parar de vasculhar cada função da câmera e de, claro, tirar trocentas fotos minhas. – Chame suas amigas também, tive uma ideia boa.

– Uma tomada de fotografia conosco? – perguntei, começando a gostar daquilo. As meninas iriam adorar, com toda certeza.

– Sim, vou fazer alguns pôsteres e colocar na entrada. Ficarão parecidos com os da sua loja, nossa fachada vai chamar atenção redobrada.

– Vamos estar na sua fachada? – questionei, sorrindo logo em seguida para mais uma foto. Levantei os braços e fiz um carão, como sempre via as modelos fazendo em revistas.

– Não propriamente, você vai ver quando estiver pronto.

Era divertido e espontâneo demais estar com o Caleb. Sentia que posaria até mesmo nua estando com ele. Podia pensar na possibilidade, mas as fotos não teriam utilidade alguma, já que ficariam guardadas a sete chaves. Aquilo me fez pensar numa coisa.

– Você já posou sem roupa? – perguntei, mudando de assunto muito rápido.

Caleb parou de repente e me encarou com seus oceanos. As águas que me inundavam agora eram recebidas com reconhecimento. Mergulhava nelas como se, do nada, eu me transformasse em um peixinho e explorasse cada extensão, sentindo-me no meu habitat. Os olhos dele eram a minha casa.

– Sim, algumas vezes. Já saí em umas revistas masculinas, mas faz muito tempo.

Ai...

– Tipo a *G Magazine*?

– Bem menos conhecidas do que a *G*.

– Se eu procurar seu nome no *google* vou encontrar fotos suas sem roupa? – perguntei, fazendo uma careta e me sentindo uma estúpida por nunca ter pensado em fazer aquilo antes.

Caleb resfolegou. Sua expressão havia se modificado completamente, agora exibia seriedade e receio.

– Não começa, Amande.

– É sério. Vou ou não?

– Muito provavelmente. Faz muitos anos, já disse. Meu corpo nem era esse, talvez sequer me reconheça.

– Por que só estou sabendo disso agora?

Droga... Já sentia aquela coisa chata ardendo no meu peito. Ciúme. A porcaria do ciúme doentio que não conseguia evitar sentir por aquele homem. Como encarar o fato de o seu namorado ter sido de tanta gente antes de, enfim, ser seu? Eu havia parado de dar chique por causa da confiança e segurança inigualável que ele me dava, mas não significava que tinha parado de ser machucada inúmeras vezes a cada pensamento, até que uma camada grossa de ferida impedisse de fazer aquilo me tirar do sério. Estava ferido, mas estava forte. Não me atingia como antes, mas me atingia. Céus... Era complicado demais!

– Porque você nunca me perguntou.

– Por que eu nunca te perguntei?

– Porque nada disso importa e você sabe.

– Se você visse fotos minhas espalhadas pela internet? – desafiei.

– Ia até o inferno até que não restasse nenhuma – ele disse sem pestanejar.

– O que acha que estou a fim de fazer?

– A mesma coisa, mas não vai valer o esforço. Ou já se espalharam demais ou já nem existem.

Deixa isso quieto, Amande.

– Você sabe o que vou fazer, não sabe?

– Vai pesquisar assim que tiver oportunidade.

Sorri de leve.

– Exato.

– Vai se estressar e então tentar me afastar de você – continuou, saindo por trás da câmera para me observar melhor. Seus olhos soltavam faíscas que chegavam a me atingir. – Aí eu vou tentar fazer as pazes, falar coisas bonitas e dizer que te amo tanto que chega a doer. Você acabará cedendo, pois vai saber que é verdade, e vamos fazer amor de um jeito louco e fodidamente delicioso. Você vai gozar em mim e gritar o meu nome, Amande. E, enquanto eu estiver gozando em você, vai perceber que sou apenas seu e ponto final.

Meu Deus... Alguém me ajuda a não estar tão perdida por ele, por favor? Como resistir? Como? Ninguém nunca me ensinou. Nunca irei saber. Nunca vou querer saber.

Resfoleguei profundamente. Caleb disse tudo aquilo com uma naturalidade e uma ferocidade nos olhos tão grande que me deixou imediatamente excitada. Senti seu desejo evidente apenas o observando, depois daquelas palavras intensas. Cada fibra do meu ser tremeu e foi se preparando, organizando tudo para recebê-lo. Um espasmo delicioso fez minha calcinha se agitar. Era a força do efeito que Caleb me causava trabalhando a todo vapor.

Minha fonte de desejo inesgotável reservada apenas para ele começou a agitar suas águas. O impacto do desejo se misturou com meus sentimentos e, no impulso, comecei a chorar. Sério... A chorar. Muito deprimente!

Caleb parou, assustado. Deu alguns passos para frente e ergueu uma mão como se estivesse se aproximando de um animal selvagem prestes a dar um bote. Ele tinha tanto medo de me machucar! O problema era que ele não tinha me machucado. Muito pelo contrário, tinha me comovido e me deixado estupidamente pronta para ser dele mais uma vez.

A intensidade foi tamanha que realmente não pude suportar.

– Linda, não quis te ofender...

– Cala a boca – rosnei, interrompendo-o. – Não fale mais nada. Apenas pule todas as etapas que descreveu até chegar à última. – Um resquício de sorriso suavizou seu semblante outrora tenso. –

Eu quero agora.

Caleb entreabriu os lábios e depois os prendeu, voltando a me olhar de um jeito dolorosamente sensual. Minha selvageria repentina o deixou sem reação por um segundo, mas ele logo voltou a caminhar, agora decididamente, na minha direção. Como era lindo... Maravilhoso... Delicioso...

Meu.

E estava vindo. Oh, eu não aguentava mais esperar. Aqueles poucos metros que nos distanciavam viraram quilômetros até que, finalmente, ele me puxou do sofá. Tomou-me pela cintura e me beijou a boca. Sua língua deliciosa parecia brigar com a minha, mas era apenas uma maneira louca que encontraram de brincar. Senti cada contorno perfeito dos seus lábios no meu. Aquele beijo só podia ser o melhor do mundo, pois, enquanto o beijava, meu próprio mundo perdia e ganhava sentido.

Caleb começou a tirar as minhas roupas com lentidão, diferentemente da velocidade implacável do movimento da sua língua na minha boca. Meu blazer voou rápido, bem como o elástico que prendia o meu cabelo num coque, que àquela altura nem estava tão benfeito. Ele segurou os fios pela raiz e os puxou para trás, deixando meu colo livre e pronto para ser invadido.

Arrepiei-me.

Minha boca reclamou durante o curto segundo do qual a sua boca precisou estar longe para poder alcançar meu pescoço. Outro arrepio percorreu a minha espinha, fazendo minhas pernas abrirem involuntariamente. Caleb desceu uma mão até a barra da minha saia e me apertou o traseiro com força. Seu toque dizia claramente sem que eu precisasse ouvir: você é minha.

Eu estava tão entregue que não passou pela minha cabeça tirar a sua roupa. Apenas quando estava só de calcinha - tendo meus seios sugados com delicadeza - que comecei a desabotoar a camisa preta que ele vestia. Sua pele branca e quente logo ficou exposta, encostando-se à minha. Apertei seus braços fortes, guiei minhas mãos pelo seu peitoral e parei ao redor do quadril, colocando as duas mãos por dentro da calça que vestia. Dei uma bela de uma apertada no seu traseiro durinho de academia. Delícia!

Ele gemeu entre os meus seios, de modo que o ar que saiu de sua boca fez a ponta congelar e enrijecer. Senti minha excitação ensopar a calcinha. Céus... Como era difícil suportar aquele desejo. O doce sabor da antecipação circulava nas minhas veias junto com o sangue.

Levei minhas duas mãos para a parte posterior de sua calça até encontrar seu sexo, que já estava firme e latejante, do jeito que eu gostava. Caleb segurou meus braços e me tirou de lá, não me dando a chance de excitá-lo como ele fazia com uma de suas mãos, que brincava com a minha calcinha. Ele se inclinou para removê-la e acabou se ajoelhando para retirar também as minhas sandálias de salto. Massageou meus dedos dos pés durante o processo, trazendo ao seu toque a mistura perfeita entre o erotismo e o carinho.

Alisei seu cabelo macio, colocando-o todo para trás. Caleb se levantou e me empurrou, obrigando-me a sentar no encosto do sofá depois de colocar o meu blazer aberto como proteção. Abriu as minhas pernas até onde conseguiu. Depois, ajoelhou-se em cima do sofá; seus olhos já encaravam fixamente o meu sexo exposto. Já sabia o que ele ia fazer.

– Não, Caleb... Estou suja – murmurei, morrendo de vergonha e tesão ao mesmo tempo. Havia passado o dia inteiro fora, meu cheiro lá embaixo não devia estar tão agradável assim.

– Se está suja... – ele murmurou devagar, raspando sua barba por fazer na pele sensível entre as minhas coxas. Eu sinceramente não via a hora de senti-lo ali. Dei adeus ao meu receio de estar fedida

e me concentrei apenas no movimento que seu maxilar fazia para me estimular. – Então devo limpá-la.

O maldito colocou uma língua para fora. Não chegou a se encostar a mim, mas ficou me encarando com aqueles olhos penetrantes e irresistíveis. Sua linguinha exposta seguiu um trajeto curtíssimo que durou uma eternidade até parar no ponto mais sensível do meu sexo.

Gemi alto e desesperadamente. Apertei os braços dele, que me apoiavam as pernas para que eu não as fechasse e nem caísse. Caleb afastou a língua, mas não a guardou. Continuou me encarando. Ai... Lindo!

Meu sexo estava tão molhado que eu conseguia sentir uma pulsação sinistra partindo dele e soltando espasmos por todo o meu corpo. Foi difícil esperar Caleb voltar a me estimular com sua língua extremamente perturbadora. Acho que ele ficou com pena da minha expressão – que certamente indicava angústia completa –, pois finalmente decidiu me abocanhar com vontade.

Soltei gemidos altos, repletos do mais puro desejo. Meu ventre pedia por mais a cada vez que sentia sua boca se movimentando com precisão; a cada sugada, cada assopro e também quando balançava a cabeça bem rápido e me fazia sentir sua barba em toda a extensão do meu sexo.

Estava muito perto de gozar quando ele simplesmente parou. Falei alguma coisa ininteligível em tom de protesto.

– Quero que goze em mim – sua frase soou como uma ordem. Uma lei que eu me vi incapaz de não acatar.

Caleb se afastou um pouco e desceu o zíper da calça. Ficou exposto muito rápido, enchendo-me de vontades enquanto acariciava o próprio sexo. Um dia queria vê-lo se estimulando. Era tão perfeito observá-lo, parecia ter domínio do próprio corpo, conhecia cada pedaço de si e se sentia à vontade com ele. Não era de se admirar, mas mesmo assim eu me admirava.

Ele puxou meu corpo com força até me fazer escorregar do encosto do sofá até o seu colo. Minhas pernas ficaram muito abertas. Logo senti sua ereção latejante me invadir centímetro por centímetro. Maravilhoso! Uma delícia!

Caleb me abraçou pela cintura como forma de apoio. Meus seios colaram majestosamente no seu peitoral firme. Senti-o me preenchendo até o fim, para logo em seguida sair quase que completamente. Minhas costas arquearam para trás e as pernas buscavam mil maneiras de se abrirem ainda mais para ele. O sentimento de posse era mútuo, jamais foi uma questão de obtenção ou perda de controle: éramos livres e nos pertencíamos, completávamos um quebra-cabeça ora complicado, ora perfeito.

Os choques entre nossos sexos eram lentos, porém intensos. Sentia Caleb suando de prazer na medida em que fazia meu corpo descer e subir. Meus gemidos abafavam o som característico das minhas coxas batendo nas dele. Sentia meu clímax chegando, mas estava tentando contê-lo. A sensação de entrega era tão boa que eu não queria que acabasse.

Puxei o rosto do Caleb para que me olhasse. Ele estava olhando para baixo, observando nossos sexos investirem um no outro. Seus lindos olhos azuis me encontraram. Eu tinha alguma coisa para dizer, mas sinceramente me esqueci. Fiquei perdida num mundo que misturava todas as minhas ideias, deixando apenas a insensatez no comando.

– Você está me apertando, Amande. Eu vou gozar – ele rosnou, soltando um palavrão baixo. Não demorou muito até que soltasse outro, só que bem alto. Caleb entrou no êxtase, começando a gemer e se contorcer embaixo de mim. A expressão em seu rosto era divina. Seus braços me

segurando de modo trêmulo e os olhos perdidos me fitando foram suficientes para que eu tivesse a minha própria liberação.

– Caleb! – gritei, puxando seus cabelos até alcançar sua boca. Podia sentir o líquido quente do seu prazer jorrando dentro de mim.

Beijamo-nos por muito tempo. Nossos corpos relaxaram, esfriaram e secaram, mas continuamos nos beijando como se nunca tivéssemos feito aquilo antes. Isso era o que mais me surpreendia: a singularidade de todas as vezes que fazíamos amor. Nunca, jamais era igual.

– Acabamos de batizar o meu estúdio – ele murmurou entre os meus lábios e continuou me beijando e sorrindo. Sorri também.

– Acabamos de batizar o sofá do seu estúdio. Temos muitas outras coisas para batizar por aqui – informei, sentindo-me sensual.

Caleb desgrudou nossos lábios e fez uma careta maravilhosa.

– Estou criando um monstro manhoso e safado. – Sorriu torto, obrigando-me a prender a respiração.

– Sim. Eu avisei, não avisei? Agora aguenta.

– Eu aguento.

– Aguenta *mesmo*? – perguntei de forma insinuante. Estava me referindo a um segundo *round*, mas não sabia se ele iria entender.

Para minha surpresa, Caleb entendeu perfeitamente.

Ele deixou nossos corpos tombarem de lado e, abrindo as minhas pernas por cima das suas, retomou o ritmo como se não tivéssemos acabado de gozar. Seu sexo não estava tão firme, mas ficou depois de alguns choques contra o meu.

– Só me resta saber se *você* aguenta – sussurrou no meu ouvido, mas a firmeza em sua voz fez minha excitação voltar sem nem mesmo ter chegado a ir embora.

– Vou te mostrar que aguento – prometi, trazendo seu rosto para mim a fim de beijá-lo mais uma vez.

Gostoso!

Sinceramente, para quê passar por todas as etapas se aquela era a melhor? Caleb estava certo: não adiantava me estressar à toa com aquilo, só nos desgastaria. Permanecer no escuro era a melhor opção.

O que os olhos não veem o coração não sente, certo?

12º Capítulo

1 mês e 24 dias depois...

Os dias ficavam cada vez mais cansativos. As coisas que tive que resolver para conseguir abrir o meu estúdio o mais depressa possível me deixavam exausto, mas, por outro lado, nunca estive tão satisfeito. Ainda era uma alegria sem limites ver a minha vida se transformando, acho que demoraria muito até que eu enfim me acostumassem com cada detalhe que me fez sair de uma rotina indigna. Tentava aproveitar cada minuto que passava como se estivesse compensando todo o tempo perdido. A ideia era exatamente essa.

Depois que o espaço foi desocupado pelo Sr. Jefferson, dono da sapataria, comecei a reformar logo no dia seguinte. Os papéis não deram problemas graças à atuação do meu advogado juntamente com o Jaime, contador da Amande – que agora também era o meu. A situação do local estava muito boa, porém algumas adaptações tiveram que ser feitas. Acompanhei o passo a passo de cada detalhe, claro, com a ajuda fundamental da Amande. Ela deu um toque mais leve a todo o ambiente, com suas boas opiniões e um bom gostoso incrível, por isso o resultado não pôde ficar longe da perfeição.

Todos os ambientes internos haviam ficado prontos naquela semana, faltando apenas o salão que compunha a entrada. Ali ficaria a recepção. Só havia um grande problema: eu ainda não tinha uma recepcionista. Que, no meu caso, seria um recepcionista. Sabia que Amande morria de ciúmes de mim – mesmo que tentasse passar por cima disso pela maior parte do tempo –, portanto decidi que só trabalharia na companhia de homens. Era melhor assim.

Desta forma, além do contador, já tinha adicionado mais três membros à minha equipe: um zelador para cuidar da limpeza e dois colegas de sala da época em que fiz o curso de fotografia – foi uma sorte imensa eu ter encontrado dentro de um bloco de notas o telefone da turma inteira, se não me engano alguém havia conseguido os números e tirado xérox para que pudéssemos entrar em contato uns com os outros caso precisássemos. Já havíamos nos reunido várias vezes a fim de discutir sobre os serviços, funções, horários, preços e andamento de todas as atividades no estúdio. Eles estavam bastante animados para começarem – embora na prática já tenham iniciado e passavam pelo menos a metade do expediente testando equipamentos e dando opiniões profissionais –, permaneciam dispostos a me ajudarem no que fosse preciso.

A inauguração estava prevista para dali a duas semanas. Amande sugeriu que uma data fixa fosse estipulada de acordo com o planejamento – que repassávamos quase todas as noites para que não houvesse surpresas. Ela se propôs a organizar uma pequena festa de inauguração, que seria numa sexta-feira à noite. A abertura, de fato, aconteceria na segunda. Eu não estava sabendo sobre nada daquela festa – ela não me deixou saber, tomando para si toda a responsabilidade – além de que usaríamos o grande salão de entrada para receber as pessoas. Quem seriam essas pessoas não faço ideia, visto que meu círculo de amizades anda bem reduzido. Tudo bem que Amande sugeriu que fosse uma reunião aberta ao público – com a exposição de alguns dos meus trabalhos –, mas sabemos que esse tipo de coisa acaba sendo frequentada mais pela família do que por gente de fora. Bom, seja como for, estava animado.

Meu relacionamento com a Amande só fazia melhorar. A cada dia éramos ainda mais íntimos,

não apenas na cama, mas em todos os aspectos. Estava começando a desvendar as minúcias daquela mulher; já sabia do que ela gostava, o que a fazia alegre ou triste e também aprendi a manter certa frequência com seus pensamentos. Não se engane, Amande é um poço de mistérios que ainda não consegui desvendar em sua totalidade. Apenas compreendia que ia mais fundo a cada beijo trocado. Às vezes eu precisava voltar à superfície para tomar fôlego, porém sabia que jamais desistiria de chegar até o fim. Meu maior desejo era ir ainda mais longe.

Estarei mentindo se disser que nossa relação era perfeita. Não que discutíssemos ou algo assim, simplesmente nunca brigávamos. Amande era espetacular quando estava comigo, a nossa convivência era impressionante. O problema de tudo era o fato de, depois de quase dois meses, ela ainda insistir em me manter numa zona afastada, distante das coisas que sei que acha importante.

Por exemplo, mantinha-me distante de toda a sua família. Eu não devia estar reclamando disso, visto que eu mantenho a nós dois distantes da minha, e também tem o fato de ela ter abandonado um casamento, mas aquilo me irritava. Ela visitava os pais toda semana – além das amigas – e eu nunca podia ir, nem para ao menos levá-la ou buscá-la. Sei lá, dizer um oi. Eles não precisavam gostar de mim, mas o fato de ela fingir que eu não existia era demais.

Nesse meio tempo, Amande também participou de um aniversário de uma tia e de uma formatura de um primo. Foi sozinha. Sequer cogitou a minha ida. Eu não demonstrei estar me importando, mas aquilo doeu. De novo tentei me convencer de que seria estranho ela aparecer com outra pessoa em um período tão curto de tempo. As pessoas iriam falar um bocado, mas... Puts, que falassem!

Acho que chegou ao auge quando a ouvi no celular uma vez. Estava na varanda do meu apartamento, conversando com uma de suas amigas, acredito que era a Cláudia. Só sei que ela rejeitava algum convite, alegando que estava comigo e que não se sentia pronta para sair em casal.

Fiquei na minha. Não conversei sobre o assunto nem uma vez.

Pode parecer um erro da minha parte não expor um ponto que me incomodava – Amande o faria se fosse com ela –, só que eu sabia que estava sendo egoísta. Uma das promessas que fiz, e cumpria até aquele momento, foi deixá-la à vontade com relação a isso. Não fazia ideia de que seria tão difícil.

A impressão que tinha era a de que Amande estava se dividindo: a primeira parte me amava e fazia com que me sentisse o cara mais feliz do mundo, já a segunda era boa amiga e filha. Essas partes eram como água e óleo, não se misturavam, estavam alheias ao que acontecia com a outra. Mesmo estando com ela todos os dias, convivendo como nunca convivi com alguém, sentia-me distante. Seu aniversário estava chegando, e meu maior medo era de que comemorasse separadamente.

Buscava não me envolver na situação, até porque Amande voltou a conversar comigo muitas vezes sobre fazer as pazes com meus pais. Eu havia prometido à mamãe que a visitaria, porém ainda não tive coragem e nem tempo para tal. Precisava estar psicologicamente preparado para o momento, e não sabia se realmente chegaria a este estado. Mesmo assim, Amande buscava, aos poucos, mais informações sobre a minha vida antes de sair de casa. Ela também perguntava muito sobre meu cotidiano como garoto de programa, porém nunca respondia lhe dando todas as informações. Aquelas conversas a abalavam, podia ver claramente em seu olhar.

Eu fazia o possível para mantê-la segura com relação a nós dois. Nosso relacionamento é algo que defendo com unhas e dentes; prezo por ele como se minha vida dependesse disso. E depende. Sei

muito bem o quão derrotado ficaria caso ela resolvesse me deixar. Meu maior desejo era tê-la para sempre; queria me casar com ela, ter filhos e montar uma família saudável. Uma família que não tive.

Mas como teremos uma família se ela sequer me inclui na sua?

Esse pensamento me perturbava, mas eu tentava abafá-lo. Afinal, tudo era muito cedo. Qualquer coisa podia acontecer. A minha pressa era esmagadora, queria resolver aquilo tudo de uma vez. Por mim, casaríamos no dia seguinte e teríamos filhos no outro. Chegava até a sonhar com a casa cheia de crianças correndo para lá e para cá. O trabalho ia ser imenso, porém a satisfação seria maior ainda. Para quem estava desacreditado, só a ideia de viver em família de novo emocionava.

Foi com os olhos marejados, por causa das inúmeras reflexões que me rodeavam, que dirigi até o apartamento da Amande. Nem passei no meu, pois já estava tarde e eu certamente iria me atrasar. Precisava de um banho com urgência, mas tinha algumas roupas na casa dela. Fiquei despreocupado. Deixei o estúdio às oito horas da noite, estava entretido com alguns produtos que eu havia encomendado para a recepção e que finalmente tinham chegado.

Amande deixou bem claro que o jantar daquela noite seria especial. As noites de sexta geralmente eram especiais, pois significava que dormiríamos juntos depois de uma semana inteira de muita correria. O combinado tinha sido este: durante a semana dormiríamos em nossos apartamentos, mas, no fim de semana, a partir da sexta-feira, escolheríamos um deles e ficaríamos juntos até o domingo. Nem preciso dizer que acho tudo isso uma tamanha frescura, preciso? Contudo, se ela se sente melhor assim, é exatamente assim que faremos.

Toquei a campainha me perguntando o porquê de ainda não possuir as chaves do apartamento dela. Aquilo me colocava no mesmo nível de um convidado comum, o que era deprimente. Segurei o buquê de rosas vermelhas que tinha comprado – minha única pausa durante o caminho até ali tinha sido em uma floricultura que eu adoro – e apenas esperei. Amande abriu a porta e me encarou com aqueles olhos escuros maravilhosos. Foi instantâneo: todas as porcarias contidas nos meus pensamentos foram embora como em um passe de mágica. Estava encantado por ela, fascinado.

Encarei-a atentamente enquanto assistia ao seu próprio momento de encantamento. Tinha certeza de que aquela coisa esquisita sempre presente quando nos olhávamos abalava tanto ela quanto eu. Amande estava vestida com uma simples blusa verde e saia jeans escura. Os cabelos curtos – da mesma cor de seus olhos – estavam soltos de um jeito despreocupado. Não usava maquiagens nem nada. Olhei para baixo e constatei que calçava apenas uma sandália rasteira de tiras. Linda demais. Simples, natural, perfeita e minha.

Prendi os lábios tentando segurar o desejo que já me dominava. Amande ainda me observava, provavelmente passando seu próprio raio x.

– Oi, buquê de rosas – ela falou, abrindo um sorriso largo que fez meu coração disparar. – Pode entrar e ficar à vontade, vou arranjar um vaso pra pôr o Caleb.

Gargalhei instintivamente.

– Boba! – Entreguei-lhe o buquê. Ela cheirou as rosas e deixou seu rosto corar até ficar da cor delas.

– Fiquei em dúvida, não sabia se o buquê tinha me trazido você ou se você tinha me trazido o buquê. – Amande me puxou pelo pescoço e, ficando de ponta de pé, deu-me um beijo delicioso.

Não contive o ímpeto de lhe puxar pela cintura até que seu corpo colasse totalmente no meu. Fechei a porta atrás de nós e beijei sua boca deliciosa com vontade e muito, muito desejo.

– Lindo príncipe... – ela murmurou entre meus lábios. – Hoje o jantar vai ter que vir antes da sobremesa.

– Mesmo? Por quê? Gosto da sobremesa antes, durante e depois. – Sorri torto.

– Porque estamos esperando visita – disse, afastando-se totalmente de mim. Sua expressão serena mudou para algo mais sério.

Franzi o cenho. Nunca esperávamos visitas, nunca mesmo. Uma vez chamei a Ju e o Ricardo para jantar conosco lá em casa, e só. Imaginei que Amande havia feito a mesma coisa naquela noite.

– Júlia? – perguntei.

– Não. – Ela balançou a cabeça e foi andando até a cozinha de um jeito meio nervoso. Acompanhei-a, achando seu comportamento muito esquisito. Amande pegou um vaso, encheu de água e depositou as rosas dentro dele.

– Não vai me dizer o que está acontecendo? Quem estamos esperando?

Um silêncio meio constrangedor foi tomando forma até que Amande, enfim, se virou na minha direção. Suspirando fundo, falou:

– Chamei meus pais para jantar com a gente.

Minhas pernas vacilaram tanto que precisei de uma cadeira para me sentar. Ainda bem que estava bem perto de uma, que tinha as pernas longas e ficava de frente para um balcão. A notícia me deixou positivamente abalado. Era por aquilo que eu estava esperando há tanto tempo...

Encarei-a, piscando os olhos várias vezes para que as lágrimas não caíssem. Não queria demonstrar tanto desespero assim. Isso a assustaria.

– Desculpa não ter avisado, eu... Queria que fosse uma surpresa. Tenho conversado com eles sobre você e... Acho que está na hora de darmos o próximo passo, Caleb.

A coitada estava bastante nervosa. Era óbvio que morria de medo do que podia acontecer naquela noite. Não posso dizer que esse mesmo medo não me pertencia, porém estava mais do que pronto para encará-lo de frente.

Ergui um braço na sua direção, chamando-a para mim. Ela veio logo, e fiz com que se encaixasse entre as minhas pernas – aproveitando que estava mais alto por causa do estilo da cadeira. Contornei-lhe os lábios com os meus dedos. A evidência do receio estava estampada em seus olhos.

– Obrigado – murmurei, olhando-a fixamente.

La beijá-la até nossos lábios doerem, mas a campainha tocou, afastando-nos no sobressalto.

As apresentações não foram tão ruins assim. Dona Isabel, mãe da Amande, ficou surpresa por já me conhecer – ela ainda se lembrava do dia em que apareci para tirar as fotos antes do casamento. Aquela informação deixou Sr. Hugo, o pai, meio desconfiado. Na verdade suas expressões não estavam muito amistosas, mas era perceptível que tentava parecer agradável. Pelo menos ele não me olhou com cara feia em nenhum momento, coisa que pensei que faria.

A extrema educação da Amande fez todo o sentido para mim quando conheci seus pais. Eles eram agradáveis, inteligentes e cordiais. Sr. Hugo era mais calmo, quase não falava – ou não se sentia à vontade, não soube responder –, porém escutava tudo o que era dito com atenção. Já Dona Isabel fazia questão de participar das conversas – assim como eu, pois realmente queria passar boas impressões –, por isso conquistei certa compatibilidade com ela de imediato.

Estávamos saboreando o jantar delicioso que a Amande havia preparado quando Sr. Hugo achou que era o momento certo para tocar nos assuntos difíceis.

– Finalmente, como vocês se conheceram? – perguntou olhando para mim, certamente esperando que eu respondesse.

Meu coração, assim como todo o meu corpo, congelou. Simplesmente não soube o que dizer.

– Na minha despedida de solteira – respondeu Amande, adiantando-se. A verdade em suas palavras me fizeram ficar atento. Será que ela diria tudo? Não me sentia pronto para revelar toda a verdade. Não aquela parte, seria constrangedor demais.

Sr. Hugo enrijeceu as expressões.

– Quer dizer que ele tem a ver com você ter fugido da igreja, Amande? Não sabia disso.

– Claro que tem, papai.

Nossa! Amande estava realmente enfrentando a situação.

– Ah... – Dona Isabel resfolegou e, tentando ajudar, mudou de assunto: - Você sempre foi fotógrafo, Caleb? Trabalhava em algum lugar antes de montar seu próprio estúdio?

Amande me encarou e assentiu como se permitisse que eu falasse alguma coisa complicada. Que, naquele caso, seria a verdade. Ela só podia estar louca por imaginar que diria aos seus pais que tinha sido um garoto de programa durante dez anos da minha vida.

– Era *freelancer* – respondi simplesmente.

– O estúdio está ficando lindo! – completou Amande, novamente mudando de assunto. O pai dela ainda coçava a barba grisalha nervosamente. – A festa de inauguração vai ser o máximo. Vocês vão, não é?

– Vamos sim, filha. – Dona Isabel estava sendo muito gentil, como se soubesse as complicações da história e estivesse nos ajudando a passar por aquilo. – Claro que prestigiaremos o Caleb.

Sorri torto para ela, agradecendo internamente por ser tão agradável.

O restante do jantar teve conversas que giraram em torno dos preparativos do meu estúdio, além de algumas curiosidades sobre fotografias e outras coisas totalmente diferentes daquilo que me deixaria envergonhado. Sr. Hugo permaneceu calado durante a maior parte do tempo. Não participou da conversa nem pareceu estar prestando atenção depois do que foi revelado. Só se preocupou em comer e, às vezes, observar a Amande. Ela fingiu não perceber, mas quem a conhece sabe o quanto estava incomodada.

Nossos olhares se cruzavam vez ou outra. Buscava sorrir sempre que acontecia. Ela sorria de volta, um sorriso cúmplice e ao mesmo tempo condescendente. Minha alegria por Amande ter me dado aquela oportunidade, mesmo a situação sendo meio perturbadora, só fazia crescer. Finalmente nosso relacionamento daria um passo; e então era só uma questão de tempo para darmos todos os outros. Estava disposto a ir até o fim.

Quando acabamos de comer, Dona Isabel e Amande trataram de arrumar a cozinha, enquanto Sr. Hugo e eu fomos estrategicamente colocados no sofá. Café quente e cheiroso nos foi servido em xícaras de porcelana, o que foi ótimo, pois pelo menos eu teria algum lugar para olhar e onde colocar minhas mãos sem me sentir envergonhado. Tudo o que não queria era parecer um imbecil perto dele.

Depois de três goles e uma rápida conversa sobre a qualidade do café, decidi tomar a iniciativa:

– Acredito que precisamos conversar, Sr. Hugo.

Ele parou e me olhou com seus olhos tão escuros quanto os da filha. A diferença estava no tamanho; eles eram pequenos e um pouco puxados. A única semelhança entre os dois, que ninguém

podia protestar, era mesmo a personalidade. Sr. Hugo exaltava o mesmo mistério inteligente, reunido com elegância e uma postura altiva impressionante.

– Evidente – respondeu e esperou, encarando-me como se dissesse "olhe lá o que vai dizer, cara".

– Sei que não está satisfeito com o fato de Amande e eu termos iniciado um relacionamento de uma maneira errada. Compreendo que deve ser difícil para o senhor entender o que aconteceu, mas gostaria que desse um voto de confiança a nós.

Cada palavra pode ter dado a impressão de que eu estava absolutamente seguro e tranquilo, entretanto a verdade é que minhas mãos tremiam a ponto de eu temer derrubar a xícara de café que estava segurando.

Sr. Hugo coçou a barba grisalha e apertou os lábios. Algumas rugas lhe preencheram a testa.

– Realmente não estou satisfeito – disse e parou. Vendo que eu não diria mais nada, prosseguiu: - Amande investiu nove anos de sua vida em um relacionamento que tinha tudo para ser duradouro, quase perfeito. Havia um vínculo forte entre eles, até hoje não consigo entender como algo assim pôde ser quebrado tão facilmente.

Aquiesci, sentindo uma pontada dolorosa de ciúme. Dois meses não significavam merda alguma se comparados a nove anos. Seu ex-noivo a conhecia mais do que eu, e isso me chateava muito. É claro que eles tinham coisas em comum, principalmente lembranças. Amande possuía uma vida com aquele cara; uma parte grande e primordial da sua história havia sido vivida com ele.

Tomei mais um gole de café, sabendo que seria difícil conseguir engolir qualquer coisa.

– Ela fez uma escolha e eu também – afirmei. – Só quero que o senhor saiba que não tenho a capacidade de sequer imaginar que farei Amande sentir algo menor do que felicidade.

Sr. Hugo ergueu uma sobrancelha. Deu um gole no próprio café e pigarreou, meio desconcertado.

– Não foi com uma colocação tão boa de palavras, mas já ouvi isso antes. O último rapaz que disse que faria a minha filha feliz me deixou convicto de que realmente aconteceria.

– Sr. Hugo...

Ele fez um gesto com as mãos, indicando para que eu nada falasse.

– Caleb, não tenho o poder de decidir o caminho que a Amande vai seguir. Ela é uma mulher, um tipo raro de mulher. Quantas garotas de vinte e sete anos têm a própria empresa rendendo lucros enormes? Quantas são independentes, tem seu próprio carro, sua casa e é completamente autosuficiente? Ela planeja, economiza e ganha mais do que eu.

Aquilo me deixou de boca aberta. Não fazia ideia de quanto ela ganhava – nunca achei apropriado perguntar –, mas sabia que era bastante. Sabia também que Sr. Hugo estava certo, Amande é um tipo raro de mulher. Enxerguei isso desde que coloquei meus olhos sobre ela pela primeira vez.

– Ela é incrível – murmurei.

– Amande sempre soube o que estava fazendo, Caleb. Não posso duvidar agora, mesmo que tudo me deixe irritado. Se ela quiser ficar com você, que seja. Meu dever como pai é apoiá-la e aconselhá-la, mas nunca impedi-la.

Aquiesci novamente, percebendo o quanto Amande era sortuda. Eu queria muito, muito mesmo, ter tido um pai como o Sr. Hugo. Ele não era grosseiro, indesejável, machista, intransigente e inflexível como o meu.

Só essa ideia me fez criar um sentimento de admiração intensa pelo meu sogro. Um respeito incalculável. Cheguei até a me recriminar por estar fodendo a filha dele.

– O senhor é um ótimo pai – falei. – Amande é realmente uma mulher iluminada. Tenho certeza de que o crédito por ela ser tão genial é do senhor e da dona Isabel.

Sr. Hugo, enfim, sorriu pela primeira vez naquela noite.

Fiquei com medo de que ele perguntasse alguma coisa sobre os meus pais. Não saberia o que responder, ficaria meio feio para mim o fato de não manter contato com a minha família. Todavia, para o meu alívio, Amande e dona Isabel voltaram da cozinha, cada qual segurando a sua xícara de café.

– Acho que você não deveria pôr para alugar, filha – dizia dona Isabel, sentando-se no sofá ao lado do marido. – Deveria mantê-lo como refúgio, conviver com alguém não é tão fácil quanto pensa.

Amande se sentou ao meu lado, fazendo nossas pernas se encostarem. Depositei meu braço nos seus ombros.

– Pode ser, ainda estou pensando – ela respondeu, só depois percebi que não sabia do que estavam falando. Ainda pensava em como os pais da Amande eram legais.

– Eu também acho que não – comentou Sr. Hugo, e estranhei por ele saber qual era o assunto. – Você não precisa do dinheiro do aluguel.

– Tenho planos para esse dinheiro, mas acho que vocês têm razão, é bom ter um refúgio, pelo menos por enquanto. Preciso aprender a conviver, não é só porque terei um lugar para ficar sozinha que vou me dar o direito de usá-lo a cada probleminha que aparecer.

– É verdade. – Dona Isabel sorriu amplamente, olhando para mim. Devolvi o sorriso, mas continuava boiando. – Você é tão bonito, Caleb, já pensou em ser modelo?

Meu sorriso se entortou. Tive certeza de que corei de vergonha.

– Na verdade já fui modelo, dona Isabel, obrigado. Faz algum tempo... Prefiro ficar por trás das câmeras.

– Ah... Muito bom. Só Isabel está ótimo, certo?

– Certo, Isabel.

Amande se virou e me beijou na bochecha, deixando-me ainda mais corado.

– Quantos anos você tem, Caleb? – Isabel perguntou, e imaginei que aquele seria o momento do interrogatório.

– Trinta e um.

– Hum... Ele é mais velho que o João Pedro.

– Mãe... – Amande reclamou.

– Desculpe, só pensei alto. – Ela se levantou e recolheu a xícara do Sr. Hugo. Amande pegou a minha e ambas retornaram à cozinha. De lá, Isabel gritou: - Vamos indo, Hugo? Está ficando tarde!

– Vamos sim. – O pai da Amande se levantou e ofereceu uma mão para mim como sinal de cumprimento. Apertei-a de imediato. – Cuide da minha princesa.

Sorri torto.

– Cuidarei.

– Ela é tudo o que tenho de mais precioso.

– Posso dizer o mesmo, Sr. Hugo.

13º Capítulo

1 mês e 24 dias depois...

Assim que meus pais foram embora, Caleb se virou na minha direção e me ofereceu um sorriso de tirar o fôlego. Sua satisfação era a minha maior alegria. Graças aos céus aquele jantar havia dado certo, só Deus sabe o quanto tinha rezado para que nada de desagradável acontecesse. Quando percebi que todos sobreviveram àquilo, pude finalmente relaxar.

Sério, soltei todo o ar dos pulmões e senti meu estômago parar de se contorcer aos pouquinhos. O alívio foi tão grande que precisei deitar no sofá e esticar as pernas. Caleb logo sentou e as apoiou em cima dele, tirando minhas sandálias e iniciando uma massagem espetacular nos meus pés. De imediato, remeti-me à minha despedida de solteira e o modo singular como havia me massageado. Suas mãos ainda me tocavam daquela mesma maneira; sensual, intensa, gostosa... Um momento delicioso de relaxamento em todos os sentidos. Meu mundo inteiro amansava quando suas mãos investiam na minha pele.

– Não foi tão ruim, foi? – ele perguntou depois de um tempo de puro silêncio. Um sorriso bobo ainda estava brotado na sua linda face.

– Foi... perfeito, meu príncipe. Você foi perfeito, você é perfeito. Nem acredito que demorei tanto... – Parei, soltando um longo suspiro. Ele começou a girar o meu calcanhar, fazendo-me derreter com o movimento.

– Tudo tem seu tempo, Amande.

– É. Amei dar esse passo contigo.

– Quando será o próximo? – ele perguntou em tom de brincadeira, embora eu soubesse que estava falando sério. Mal sabia ele que as surpresas do dia ainda não tinham acabado. As mudanças precisavam ser feitas. Eu não aguentava mais ter que ficar mascarando os meus sentimentos. Não suportava pensar no certo o tempo todo, planejando as coisas como se o meu amor fosse um número que pudesse ser calculado sem subjetividade alguma.

– Agora – respondi simplesmente.

Caleb parou de puxar o meu dedo mindinho com força calculada e me encarou fixamente.

– Como? – Fez uma linda careta confusa.

– Agora que meus pais já te conhecem e aceitam o nosso relacionamento... – Sentei e me endireitei, aproximando-me dele. – Podemos dar o próximo passo, Caleb.

Ele continuou me olhando como se não acreditasse. Sua carência já estava de volta, mostrando-me o quanto o meu novo namorado era vulnerável e sensível. E eu adorava aquilo nele, mesmo sabendo que não era justo que se sentisse assim. Acho que era uma espécie de egoísmo. Saber o quanto eu mexia com o Caleb era uma honra para mim, um motivo de orgulho.

– Que... Que passo? – gaguejou, e então eu soube que sua respiração estava ofegante.

Segurei suas mãos.

– Vem comigo.

Atravessamos o corredor e chegamos até o meu quarto. Minha cama estava uma bagunça; malas de variados tamanhos ocupavam toda a extensão. Também tinha sacolas e objetos espalhados aqui e

ali, coisas que eu não tive como encaixar em lugar algum.

Caleb olhou para cama sem nada entender. Acho que ficou espantado com meu desleixo e também com o fato do quarto estar praticamente vazio.

– Eu não quero nada dessa casa, apenas o que está em meu quarto – ponderei, caminhando até a beirada da cama. – Tudo de que gosto e preciso está aqui, reunido, só não sei se vai caber no lugar onde quero colocá-lo.

Virei-me e encarei o Caleb. Um par azul de confusão estava fixo no entulho.

– Mas sei que você tem um quarto sobrando... Então podemos colocar lá até conseguirmos encaixar nossas coisas. Quero dizer, se você quiser, claro.

Silêncio completo. Quase ouvi grilos cantando de tão mudo que o Caleb ficou.

– Acho que o meu carro e o seu são suficientes para levar tudo – prossegui, sentindo-me meio envergonhada. Já começava a ter dúvidas de que ele estava gostando da ideia. Seu rosto estava duro como uma pedra, inexpressivo. – Talvez dê apenas uma viagem. Queria levar a minha cômoda, gosto muito dela, mas acho que precisa ser desmontada antes. Sei que a mala da Charlotte é grande, porém tenho certeza de que não vai caber no elevador. Pela escada vai ser complicado porque...

Caleb me puxou com tanta força que dei um grito fino de susto. Meu corpo foi praticamente atirado de encontro à porta do armário, provocando um barulhão. Sua boca me invadiu sem demora e uma confusão de línguas e lábios foi iniciada. Mãos macias apertaram o meu traseiro e logo me ergueram com força, obrigando-me a abrir as pernas. Em questão de segundos, já estava completamente perdida e entregue nos braços dele.

– Obrigado, meu amor – murmurou enquanto beijava o meu pescoço. – Obrigado... Obrigado...

Aaaaaaaaah! Impossível não me derreter com aquele homem lindo e gostoso mostrando toda a sua carência com palavras sussurradas. Contudo, Caleb precisava saber que eu não estava fazendo aquilo por ele, mas por nós dois. Eu precisava da sua companhia tanto quanto ele precisava da minha.

– Lindo príncipe... – tentei falar, mas estava sem fôlego por causa de seus beijos distribuídos ao longo da minha pele. – Sou eu quem deve agradecer por tudo... Por você me receber na sua casa e na sua vida. Por estar mais do meu lado do que eu mesma.

Caleb parou para me observar de perto.

– Vou te fazer a mulher mais feliz do mundo, Amande – falou, e meus olhos se concentraram no desenho perfeito da sua boca. – Prometo. Juro. Cada coisa que eu fizer será por você e para você. Minha casa é sua... Assim como a minha vida.

– Amo muito... – Apertei meus braços ao redor de seu pescoço, puxando seu rosto para tão perto que nossos narizes se encostaram. – Para sempre.

– Também te amo para sempre, princesinha.

Ele me beijou mais uma vez, só que seu toque estava menos urgente. Apenas uma doçura sem limites podia ser sentida.

– Embora eu queira muito e essa sua saia não esteja ajudando, não vou fazer amor contigo aqui, Amande. Vamos para a nossa casa.

Começamos a pegar as coisas que estavam separadas. Deu um trabalhão enorme subir e descer o elevador praticamente carregado de malas, sacolas e objetos que eu considerava importantes. Pedimos ajuda ao zelador do prédio, que se prontificou imediatamente, tornando o trabalho um pouco menos pesado. Caleb deu uma viagem com a Charlotte e demorou muito para voltar – certamente com

dificuldades para subir as tralhas até o seu andar –, por isso começamos a encher o meu carro também.

Estava tão cansada que decidi deixar algumas coisas no apartamento – as primordiais já haviam seguido para o apartamento do Caleb –, pois podia pegá-las depois. Aos poucos recolheria tudo de que precisava. Tinha pressa para estar no meu novo lar.

Para uma pessoa como eu, mudar um objeto do lugar certo é o fim do mundo. Agora imagine como estava me sentindo com aquela mudança geral na minha vida. Saboreava uma sensação de felicidade misturada a resquícios de angústia e certo pavor. O novo me apavorava desde sempre, naquele instante não podia ser diferente. Apesar de animada e disposta a tudo, o medo não me deixava nem por um segundo.

Simplesmente o ignorei. Busquei a coragem que só quem tem medo possui, abri meu coração e a mente. Permiti-me ser surpreendida. Ainda era louco demais me imaginar daquela forma, porém o louco nunca me foi tão atraente.

Dávamos a última rodada no elevador do prédio do Caleb quando percebi que estava exausta. O dia havia sido bastante cansativo; preparar o jantar, a visita dos meus pais, a mudança... Era muita coisa para processar, mas estava agradecida por ser sábado no dia seguinte. As meninas e eu havíamos combinado, como sugeriu o Caleb, de tirarmos fotos no estúdio. Elas estavam muito animadas e começaríamos cedo. Jéssica arrumou até uma cabeleireira e uma maquiadora para nos deixar com pinta de modelo. Ia ser uma festa, e claro, uma ótima oportunidade para o Caleb começar a conhecer de verdade as minhas amigas. Queria integrá-lo na turma, deixá-lo conviver com elas.

Percebi que ele sorria como um garotinho enquanto me observava.

– O que foi, príncipe?

– Nada. Estou feliz.

Sorri.

Ia beijá-lo, mas o elevador, que pegamos na garagem, acabou se abrindo na portaria. Uma mulher entrou, encolhendo-se em um canto que não estava sendo ocupado pela minha bagunça. Ela tinha os cabelos pretos compridos, trajava um vestidinho curto de festa como se tivesse acabado de chegar de uma. Realmente era tarde, acho que a hora girava em torno das duas da manhã.

Assim que apertou o botão de número dezesseis, ela resolveu olhar para nós. A porta se fechou.

– Oi, vizinho – saudou o Caleb, mas não olhou para ele por muito tempo. Em vez disso, passou um raio x completo em mim até que parou nas coisas ao nosso redor.

– Oi. – Olha, eu conheço cada timbre que o Caleb usa. Aquele significava educação forçada. Fiquei alerta imediatamente e o observei. Suas expressões estavam distintas das de um segundo atrás.

Foi então que eu percebi. Aquela mulher e ele... Enfim. Nem vou completar a frase.

– Está se mudando? – a morena perguntou, ainda olhando para mim. Quase dei língua pra ela.

– Não... Bom, essa é a minha... esposa Amande, sua nova vizinha de cima. – Abraçou-me lateralmente, puxando minha cintura até nossos corpos se grudarem.

Ui! Esposa? Fiquei muito orgulhosa. Acho que o orgulho conseguiu ultrapassar o ciúme corrosivo que tentava deixar meu cérebro em frangalhos. Nem me dei o trabalho de tentar fazer uma cara mais agradável.

A mulher resfolegou profundamente, sorrindo de um jeito falso logo em seguida. Depois de alguns segundos de puro silêncio e constrangimento, ela continuou:

– Não sabia que tinha se casado.

– Pois é.

O elevador parou, apitou e abriu as portas. O décimo sexto andar finalmente havia chegado.

– Prazer, Amande. Se precisar de açúcar, já sabe. – Riu de um jeito que não me convenceu.

– Ótimo – falei. – Prazer.

“Desprazer”, pensei.

Ela saiu rapidamente enquanto eu tentava me recompor. Se eu fosse algum bicho certamente estaria com as pelos totalmente arrepiados, pronto para dar o bote ou entrar em uma briga por causa do macho alfa. Um absurdo, eu sei, mas foi uma reação involuntária do meu corpo.

Assim que o elevador se fechou de novo, fui logo perguntando:

– Então é essa a cara?

Caleb fez uma careta.

– Que cara?

– A cara que você vai fazer toda vez que encontrar alguém com quem já trepou.

Ele suspirou, passando as mãos pelo cabelo.

– Não vou negar, Amande. E não sei que cara é essa, mas provavelmente é ela que irei fazer.

Apertei os lábios, buscando forças. Ciúme.

C-I-Ú-M-E. Muito ciúme!

– Tudo bem, pelo menos estarei avisada.

– É essa a cara que vai fazer quando quiser matar alguém com quem já trepei? – Sorriu torto.

Safado!

Nem respondi. Em vez disso, fiquei com cara de raiva.

– Porque se for, vou ser obrigado a rir todas as vezes.

Hunft!

– Nem venha com graça, senhor Caleb, não estou feliz com a ideia de ter uma ex-foda sua morando no andar de baixo. Quantas mais nesse prédio?

Caleb voltou ao estado sério. Arrependi-me, pois o preferia irônico e divertido.

– Acho que só ela, Amande, não costumava fazer programa aqui no prédio. Ela não foi um programa.

– Quer dizer que... você... fez com ela porque quis?

– Sim.

Arfei.

– Ok, tá... Tá. Tá. Deixa para lá.

– Você pareceu o professor Girafales agora. “Tá, tá, tá, tá, tá!” – imitou o personagem, certamente tentando deixar o ambiente mais leve. E conseguiu. Comecei a gargalhar, tentando me esquecer do que tinha acabado de acontecer.

Se eu fosse me estressar com cada ex-foda do Caleb eu estaria ferrada.

14º Capítulo

1 mês e 25 dias depois...

Acordei sentindo o meu corpo inteiro soltando espasmos loucos. Um calor fora do comum me fazia suar tanto que, no princípio, achei que tinha adoecido. Demorei alguns segundos para perceber que a quentura partia do meu sexo, e mais alguns para entender o que estava vendo quando decidi olhar para baixo.

Meu sexo estava completamente exposto e ereto, tendo a ponta sugada loucamente por uma boca deliciosa que possuía um sinalzinho fodidamente sexy no canto superior direito. Um rosnado felino saiu das minhas entranhas e me escapou pela garganta. Foi inevitável.

A temperatura do meu corpo subiu ainda mais depois que os resquícios do sono deu lugar a um tesão absurdo. Amande não parava de me lambe, sugar, chupar e alisar seus lábios em toda a minha extensão. Ela olhou para mim quando percebeu que eu estava desperto, e a visão não poderia ter me deixado mais excitado.

Uma sensualidade incrível partiu dos seus olhos escuros e me atingiu em cheio.

– Safada – sussurrei, levando uma mão até os seus cabelos. Puxei-os pela raiz. – Você me pegou.

Ela colocou a língua de fora e deu uma bela e lenta lambida, que foi da base do meu sexo até a ponta. Fez tudo isso sem desviar os olhos dos meus, incitando-me, deixando-me mais louco do que nunca. Senti outro espasmo intenso, capaz de me fazer contorcer. Apertei ainda mais os cabelos dela, e a outra mão franziu os lençóis abaixo de mim.

Fechei os olhos. Prendi os lábios com força. Meu coração batia tão rápido que era possível senti-lo. Toda a minha concentração estava direcionada aos pontos em que os lábios da Amande tocavam.

Depois de um tempo incontável de movimentos lentos – que quase me fizeram implorar –, ela decidiu investir sua boca maravilhosa em mim bem depressa. Ia até onde conseguia e voltava, tornando a me preencher sem me dar tempo de respirar. Cerrei os dentes. Sabia que, daquele jeito, explodiria num instante.

– Amande... – murmurei, começando a realmente implorar.

Ela não parou por nada. Estava disposta a me tratar com crueldade, só pode. Para piorar, começou a massagear as minhas bolas enquanto trabalhava incansavelmente, deixando-me completamente perdido. Não ousei interferir no ritmo, era perfeito para que eu atingisse o clímax.

Amande começava a me conhecer como ninguém, já sabia o que fazer e como fazer. Senti-me pertencente a ela. E isso significa dizer que me senti tão feliz e realizado que chegava a comover.

– Amande... Vou gozar – avisei, pois respeitava seu receio de tomar o meu sêmen. – Agora...

Ela sempre se afastava quando a alertava de que gozaria, porém, naquela belíssima manhã, a maldita decidiu que iria até o fim. Não parou nem diminuiu o ritmo, quase enlouqueci de tanta vontade de gritar. Óbvio, explodi tão rápido e intensamente que soltei gemidos loucos e altos. Aqueles pequenos segundos em que minha consciência e meu corpo se juntavam para se curvar diante dela eram os melhores da minha vida.

Amande fez uma careta e parou o movimento quando sentiu os primeiros jatos do meu prazer invadir a sua boca. Mesmo um pouco contrariada, ela não se afastou até que nada mais saiu.

Minha respiração ofegante era a única coisa que eu podia ouvir no meu quarto – ou melhor, no nosso quarto. Amande foi se afastando aos poucos, ainda com uma careta esquisita estampada no rosto. Fiquei a observando curiosamente e tentando me acalmar. O êxtase que havia atingido foi de uma intensidade impressionante.

– É a coisa mais esquisita que já engoli na vida – ela falou e sorriu, o que me deixou surpreso. Pensei que ainda estivesse com o meu sêmen na boca, pensando se engoliria de vez ou cuspiria.

Sorri torto.

– Ruim? – questionei.

– Não sei direito. É estranho... Não sei se faria de novo.

– Tudo bem, princesa... Vem cá. – Puxei-a pelos braços até que se deitou ao meu lado. – Você me pegou. Vou precisar de alguns minutos agora.

– Nada de alguns minutos, estamos na hora exata para chegarmos pontualmente. Vamos logo, as meninas estão animadíssimas com as fotos.

Ela fez que ia se levantar, mas a impedi.

– Nada disso, e você?

– Eu o quê? – Espremeu a testa, mas depois pareceu entender. – Príncipe, fiz isso por você e por mim, eu amo te dar prazer. Não espero nada em troca. Agora vamos, o café está pronto e a Lulu não para de miar. Não achei a razão em parte alguma.

– Vou te ensinar onde achar tudo.

Amande aquiesceu e sorriu mais uma vez, alegrando o meu dia consideravelmente. Nossa primeira noite morando oficialmente juntos havia sido maravilhosa. Eu só tinha boas expectativas para a nova fase das nossas vidas. Não podia estar mais feliz e surpreendido.

Ela se levantou e caminhou até a porta, porém a chamei antes que saísse do quarto.

– Hum?

– Você quer mesmo acreditar que não vou te fazer gozar enquanto usa essa camisola?

Amande olhou para si mesma: estava trajando uma camisola bege de seda tão curta que mal lhe cobria a calcinha de renda branca. Estava sem sutiã, e seus seios arrebitados berravam pela minha boca.

Impossível resistir.

Chegamos ao estúdio às dez horas em ponto. As amigas da Amande já estavam nos esperando, pois havíamos marcado às nove e meia. O atraso foi toda culpa minha, mas não me arrependi nem por um segundo – apesar de Amande ter ficado contrariada por não ter conseguido ser pontual. Jamais me arrependeria de fazê-la sentir prazer: era um momento único que eu sabia aproveitar.

Suas amigas me receberam muito bem. Elas eram divertidas, os assuntos nunca morriam e as risadas se tornavam constantes. Eu estava animado, mas ficava cada vez mais quando percebia o quanto elas se empenhavam. Tinham mesmo levado a sério a tomada de fotografias em conjunto; levaram roupas e se aprontaram no camarim que eu havia feito questão de ter no meu estúdio.

Como havia apenas uma cabeleireira e uma maquiadora disponível, toda a arrumação ia demorar – uma mulher já demora a se aprontar, imagina seis? –, porém elas se divertiam muito durante o processo. Fui expulso do camarim quando resolveram trocar de roupa, mas não deixei de ouvir as gargalhadas. Decidi fazer algumas fotos individuais na medida em que ficavam prontas.

Aproveitei a oportunidade para conversar com elas separadamente, mesmo que não soubesse direito o que falar. Só queria conhecê-las um pouco mais, pois sabia que eram importantes para a mulher que eu amava. Foi um momento bem interessante, eu diria.

As amigas da Amande eram diferentes entre si: seus modos de agir e falar, até mesmo suas aparências exibiam belezas distintas. A mais engraçada era a Cláudia – sua risada fazia todo mundo rir quase obrigatoriamente. Jéssica era a mais louca, sempre falava alguma coisa pervertida ou sem nexos. Já a Paloma era muito fechada. Tentei puxar assunto, mas não conseguimos trocar mais do que poucas palavras. Ela também não conseguiu relaxar durante a sessão individual, não como as outras. Entretanto, sua beleza oriental notável fez com que o trabalho ficasse muito bonito. Particularmente, adorei as fotos dela. Fabiana e Lara eram mais quietas, porém tinham bom senso de humor e conversa fácil. Considerei-as agradáveis logo de cara.

– Caleb... Posso fazer uma pergunta meio esquisita? – Lara era a quinta garota que eu fotografava naquele dia. Amande havia ficado por último, oferecendo sua vez para ela.

Estava concentrado demais no que fazia, de modo que demorei um pouco para responder. Lara tinha uma beleza particular, queria aproveitar cada detalhe. Era gordinha, e suas curvas avantajadas estavam bem dispostas num vestido preto muito elegante. Os cabelos soltos e cacheados apenas nas pontas lhe deram um ar meio selvagem. Os olhos escuros bem marcados pela maquiagem fechou seu estilo com chave de ouro: uma verdadeira *femme fatale*. Contudo, acredito que ela mesma não estava confiante em si. Sua timidez visível e as diversas vezes em que corou enquanto eu pedia que sorrisse me fizeram ter certeza de que não se achava bonita o bastante. O que era uma pena, pois beleza não lhe faltava. Quem disse que uma mulher precisa ser magra para ser linda? Lara podia ser uma modelo *plus size* muito facilmente.

– Claro. Pode perguntar qualquer coisa – falei, tentando deixá-la à vontade.

– Você por um acaso... tem falado com o Fernando?

Desviei os olhos da câmera em minhas mãos e a encarei. Seu rosto estava numa cor que misturava pimentão, morango, beterraba e camarão frito. Foi divertido ver o quão vermelha havia ficado. Lara tinha traços infantis, e o fato de estar querendo enfiar a cara dentro da terra lhe deixou ainda mais parecida com uma garotinha.

– Para ser sincero, faz mais de um mês que não o vejo.

– Ah...

Ela começou a entrelaçar os dedos, sinal de puro nervosismo.

– Hum... Você quer o telefone dele? – resolvi perguntar.

– Nã... Não, não. Não estou a fim de... Ah, deixa quieto. Eu não te perguntei isso.

Ótimo. Será possível que outra paixão havia acontecido naquela despedida de solteira? Para mim ficou super claro: Lara sentia alguma coisa pelo Fernando, nem que fosse uma quedinha. Do contrário jamais ultrapassaria a vergonha para me fazer aquela pergunta.

– Lara... Vou te dizer uma coisa – comecei, aproximando-me dela. Sentei ao seu lado, no sofá menor que tinha comprado para fotos individuais. – Eu não sei o que aconteceu entre vocês naquele fim de semana, mas o Fernando gostou muito de você. Desde o início era você quem ele queria.

A cor da Lara mudou. Do vermelho-pimenta passou para o branco-fantasma.

– Não... Não tente me enganar – murmurou. Seus lábios pequenos em forma de coração começaram a tremer.

Sorri torto. Coitada. Fiquei com pena de sua autoestima baixa.

– Eu jamais te falaria alguma coisa sem que fosse verdade. Acredite, ele realmente se interessou por você.

– Não sou boba, Caleb. As meninas são muito mais bonitas do que...

– Você é linda, Lara, pare com isso – interrompi-a. – Fernando ficou meio fissurado. Ele me contou que quebrou uma regra contigo.

– Uma... Uma regra? – Lara estava começando a ficar como um pimentão de novo.

– Sim. Ele te beijou.

– Isso significa quebrar uma regra? – perguntou, fazendo uma careta.

– Sim. Nós estávamos proibidos de beijar. Ele me contou que não conseguiu resistir.

Pimentão total. Contive minha vontade de rir, pois poderia ofendê-la.

– Isso é uma besteira... Sabe, diante do... do que fizemos. Ai, não acredito que eu te disse isso! Caleb, vamos terminar logo, Amande está esperando a vez dela.

– Ok, mas... Enfim, só queria que soubesse. Eu tenho o número dele... Não sei o que anda fazendo da vida, mas você poderia ligar.

Lara virou o rosto e encarou o além. Pareceu refletir um pouco sobre aquilo. Não sabia se estava fazendo a coisa certa, mas o Fernando era um cara legal. Merecia ter uma vida diferente da que eu tinha vivido. Não desejava o cotidiano de um garoto de programa para ninguém, muito menos para ele.

Ergui a câmera e tirei uma foto de perfil daquela Lara pensativa. Ela meio que pulou de susto com o barulho, nem sabia que estava tão concentrada nos próprios pensamentos. Ri um pouquinho.

– Não posso, Caleb. Melhor não.

– É só um telefonema, Lara. Vocês podem conversar um pouco, sem pressão. Podem se encontrar em um lugar mais calmo e...

Ela balançou a cabeça.

– Quanto custaria esse encontro? – questionou. – Não, Caleb. Você e Amande deram sorte, só isso. Um raio não cai duas vezes no mesmo lugar.

– Duvido de que te cobraria alguma coisa, Lara. Pelo amor de Deus, eu sei como o Fernando vive. Pode parecer estranho, mas também temos vida amorosa. Tenho fé nele, sinceramente. Você podia ajudá-lo a sair dessa.

– Eu?

“Não, o papa!”

– Claro. Se estiver mesmo a fim, não desista.

– Isso vai dar em merda. Não quero me machucar à toa. Já bastam os relacionamentos desastrosos que tive.

– Olha... – Saquei meu celular do bolso e procurei pela agenda eletrônica. – Vou fazer a minha parte e te dar o número. O resto quem decide é você. Certo?

Lara suspirou profundamente, revirando os olhos.

– Está bem, mas não garanto nada.

Peguei uma caneta e um *post it*, que guardava em um pequeno armário no fundo da sala. Assim que entreguei o papel, Lara o guardou dobrado entre os seios. Ajustou-se no sofá e, sorrindo de leve, indicou que estava pronta para concluir o trabalho.

O pigmento vermelho-pimenta lhe acompanhou até o fim da sessão.

15º Capítulo

1 mês e 28 dias depois...

Eu não tinha certeza se estava fazendo a coisa certa. A questão era realmente complicada: nada parecia certo ou errado quando o assunto era aquele. Sabia que daria um passo estranho, passaria por uma situação difícilíssima que talvez, somente talvez, desse certo. Se desse errado eu estaria ferrada, mas minha consciência achava que valia a pena correr este risco. Costumo ouvir o que diz a voz da minha razão.

Foi com muito medo que encontrei a Júlia naquela manhã – uma ensolarada manhã de terça-feira. Ela veio me buscar em casa como o combinado. Realmente precisaria de sua ajuda para resolvermos, juntas, aquela questão.

Caleb nem sonhava que eu não tinha ido trabalhar, dei uma desculpa qualquer para fazê-lo ir ao estúdio sem mim.

– Bom dia, Amande! – Júlia saudou quando entrei em seu carro. – Preparada?

– Bom dia! Olha... Sinceramente eu não sei. Estou nervosa.

– Eu também. Estou me sentindo cúmplice de algum crime hediondo. – Ela riu, mas tenho certeza de que não sentiu tanta graça. – Mas... É por uma boa causa.

– Não gosto da ideia do Caleb não saber disso. Sua reação pode ser muito diferente da que espero. – Girei um envelope grande em minhas mãos. – Queria que fosse algo especial, mas pode acabar sendo um pesadelo... E a culpa vai ser minha.

– Sua nada, nossa. – Ju deu partida e seguimos rumo ao desconhecido. Quer dizer, pelo menos para mim era desconhecido. – Mas relaxa, Amande. Vai dar tudo certo. Tem que dar.

“Tem que dar”, repeti essa frase na minha mente diversas vezes, enquanto percorríamos o trânsito caótico da cidade. Nem sabia que a antiga casa do Caleb era tão longe, do outro lado da cidade. No fim, achei que toda aquela distância só podia ser proposital, o que me deixou um pouco desanimada.

Não queria sentir a sensação de que estava invadindo a vida dele e, pior ainda, sem permissão. Contudo, pensando direitinho, era exatamente aquilo o que eu estava fazendo. Foi por isso que, quando finalmente paramos numa rua estreita composta por muros extensos e altos, um atrás do outro, meu maior desejo era dar meia volta e ir para bem longe dali.

– Chegamos. É aquela casa ali. – Ju apontou para um muro branco enorme, com portões de alumínio. – Faz um tempinho que não venho aqui.

– Por quê?

Ela pensou bem antes de responder.

– Não sei, meio que tento evitar.

– Pensei que se dava bem com seus pais.

– Ah, eu me dou. O problema é que o fato de ter pais maravilhosos, e meu irmão não, me irrita. Não concordo com o que fazem com o Caleb, Amande. Isso precisa acabar.

– Vai acabar – consegui murmurar, voltando a me sentir confiante. Com uma nova dose de ânimo, abri a porta do carona.

Depois de tocarmos três vezes na campainha, uma senhora atendeu a porta. Soube depois de uma recepção calorosa entre ela e a Júlia que se tratava da secretária da família, que trabalhava naquela casa há mais de vinte anos. A mulher havia praticamente criado a Júlia e o Caleb. A admiração que senti por ela foi instantânea, até porque sua simpatia notável e sorriso amplo não me permitiram sentir outra coisa.

A casa era enorme e bem aconchegante. Os móveis seguiam o padrão *vintage*, dando-me a impressão de que estava entrando em um lugar antigo. Talvez fosse verdade, pois não conhecia a história da casa ou da família. Tudo o que eu sabia sobre aquela gente era o pouco que o Caleb havia me contado. Ele não gostava de tocar no assunto, era como se nada daquilo existisse ou fosse importante.

A tapeçaria era muito interessante. Passei longos minutos observando a peça que tomava toda a sala de estar enquanto esperávamos a dona Maria de Lourdes aparecer. A mãe da Júlia e do Caleb não sabia que iríamos visitá-la. Chegamos assim, de supetão mesmo.

O nervosismo me consumia. Às vezes me sentia uma idiota por estar fazendo aquilo. Não devia estar ali sem ele, não fazia sentido. Entretanto, era tarde demais para voltar atrás. Teria de ir até o fim.

– Mãe! – Ju gritou de repente, despertando-me do transe. Ela praticamente voou em cima da senhora que havia aparecido na sala silenciosamente.

– Filhinha, que surpresa boa! Estava com saudades – disse a mulher, dando-lhe um abraço forte. – Nunca mais veio visitar sua mãe, estou me sentindo esquecida.

Ju deu de ombros, permanecendo muda.

Levantei-me do sofá e esperei ser notada. Foi rápido, dona Lourdes me olhou, buscando algum tipo de reconhecimento, mas, óbvio, não encontrou. Sorriu um sorriso com dentes enfileiradinhos e dois furinhos na bochecha. Ela aparentava uns cinquenta e poucos anos, tinha os cabelos presos tão pretos quanto os dos filhos. Os olhos eram igualmente escuros, o que me deixou admirada. Sempre a imaginei com olhos azuis. A mãe do Caleb também parecia cansada, apesar de ser bem mais jovem do que imaginei.

– Sua amiga, Ju? – perguntou, aproximando-se para me dar beijinhos no rosto. A emoção que senti ao vê-la foi intensa. Fazer o que o Caleb não fazia há sete anos encheu meu coração de sentimentos estranhos e tão profundos que foi impossível não ter vontade de chorar. Controlei-me como pude.

– Na verdade, esta é a Amande, mãe. Namorada do Lebinho – Júlia foi direta.

Dona Lourdes abriu tanto os olhos que achei que desmaiaria, sei lá. Pareceu ter levado um susto enorme enquanto me observava incrédula. Júlia chegou a segurá-la lateralmente.

– Ele está aqui? – quis saber. Sua voz mal saiu, estava embargada de sentimentos que não consegui identificar. Foi uma espécie de medo misturado com algo mais.

Balancei a cabeça, negando.

– Oh, meu Deus... – Dona Lourdes sentou de uma vez no sofá e depositou a cabeça entre as mãos. Estava visivelmente perturbada. Júlia sentou ao seu lado e, imediatamente, achei que eu estava mesmo cometendo um erro. Mexia em feridas que sequer compreendia.

– Amande tem algo a dizer, mãe – Ju murmurou. Parecia bem controlada e séria, mas era óbvio que aquilo tudo também mexia com ela.

– Por que ele não veio? Por quê? – questionou, levantando a cabeça e olhando para mim. Seu

rosto já estava tomado por lágrimas.

Céus... O que eu havia feito?

– Dona Lourdes... É muito difícil para ele – comecei. – Pode ter certeza de que Caleb queria estar aqui, queria muito... Mas ele tem... Tem medo, vergonha... – Suspirei. – É complicado.

Ela aquiesceu como se compreendesse perfeitamente. Respirei aliviada. Contudo, o momento de alívio foi demasiado curto. A explosão veio logo em seguida.

– Eu quero o meu filho... – ela choramingou, entrando em desespero. – Quero meu filho de volta! Não aguento mais isso!

Eu estava prestes a dizer alguma coisa que a consolasse – embora me sentisse tão desconsolada quanto ela –, mas alguém entrou na sala e nos roubou a atenção.

– Lourdinha? – Um senhor de mais ou menos uns sessenta anos estava rente à porta da sala. A visão me fez congelar imediatamente, pois foi impossível não identificar aqueles olhos.

– Pai! – Júlia correu diretamente para ele, dando-lhe um abraço. – Não sabia que estava aqui.

E não sabíamos mesmo. Escolhemos um dia de semana em que Ju tinha certeza de que ele não estava em casa. Eu realmente não me via pronta para encará-lo, pois não sabia como me portar diante da pessoa responsável por toda a dor e trauma que o amor da minha vida possuía. Foi duro demais perceber, logo de cara, o quanto eram semelhantes. Sr. Caleb Duarte – acredite ou não, no fim do nome do Caleb tem um “filho”, só soube disso quando analisei os documentos do estúdio – tinha os cabelos brancos e os olhos tão azuis quanto os dos filhos. Os traços do rosto também eram parecidos com o do Caleb; nariz, boca, maxilar... Parecia uma versão dele, só que bem mais velha.

– Princesa! Nem sabia que estaria por aqui – ele disse, depois finalmente me percebeu sentada no sofá. Sequer consegui me levantar, estava paralisada.

Dona Lourdes ainda chorava baixinho. Eu também chorava, mas era algo que acontecia por dentro.

– O senhor não devia estar no clube?

– Ah... Estou com dor na coluna faz duas semanas. Nada de tênis enquanto não passar, o médico proibiu. Mal consigo andar direito, princesa.

– Precisa cuidar disso, papai. Vem se queixado dessas dores há muito tempo, não é algo de duas semanas para cá.

– Estou bem, princesa. Então... Quem é a linda mocinha ali? – ele perguntou, voltando a me observar. Ainda estava parada, quieta, muda e incapaz de respirar. – E por que sua mãe está chorando? Essa mulher só vive chorando agora, por Deus! O que você tem, mulher?

– Vamos sentar, pai, precisamos conversar um pouquinho. – Ju ajudou seu pai a se sentar ao lado de dona Lourdes. Logo em seguida, sentou-se ao meu lado no outro sofá. – Pai, esta é a Amande. É... Ela é...

– Sou namorada do seu filho, senhor – falei no impulso, esticando uma mão para frente.

Uma mão que ficou no ar.

– Que filho? – o homem sussurrou baixinho, desviando os olhos dos meus. Guardei minha mão com a maior pressa que reuni.

Senti meu rosto esquentar de tanta raiva. Ju deve ter percebido, pois segurou meu ombro como sinal de apoio. Eu mal soube o que pensar naquele instante, parecia estar vivendo um sonho, uma vida que não era a minha.

– Você tem um filho, papai. Sabia? Pare de fingir que ele não existe, pois nem a mamãe e nem

eu queremos continuar participando desse circo que o senhor armou. – Júlia mostrou toda a sua indignação. Prendi os lábios para não falar besteiras.

– Não armei circo algum, princesa – disse Sr. Caleb, naturalmente. Sua firmeza era notável, não havia resquícios de nada além de seriedade em sua voz. – Quem fez isso foi o seu irmão, e o palhaço fui eu. O que ela faz aqui, afinal?

Levantei-me no sobressalto.

– Des... Desculpe. Vou... Vou embora.

Ju me puxou pelo braço, obrigando-me a voltar a sentar.

– Ninguém vai embora, não até fazermos tudo o que viemos fazer – definiu.

– Mocinha, o seu namorado é uma farsa. – Sr. Caleb me fitou de um jeito cruel, indicando nojo. – Ele só namora se pagarem para ele. Por que uma jovem tão bonita iria pagar por *isso*? Você consegue alguém melhor.

Levei uma mão à boca, sentindo as primeiras lágrimas esquentarem a minha face. Estava completamente chocada.

– Não fale assim do nosso filho, do *seu* filho – Dona Lourdes defendeu. – Vamos ouvir o que elas têm a dizer.

– Não quero ouvir nada sobre ele.

Queimei de raiva. Estava quase entrando em ebulição, tinha certeza de que não demoraria a explodir. Júlia voltou a apertar os meus ombros, tentando me acalmar, mas não funcionava mais. Como alguém que não vê o filho há tanto tempo consegue rejeitá-lo daquela forma? Se meu pai estivesse ali, certamente diria poucas e boas. Ele não admite esse tipo de coisa.

Nem eu. Afinal, fui criada com todo amor e carinho.

– Papai... Por favor... Por mim – Ju implorou, já com lágrimas nos olhos.

Minhas mãos e lábios tremiam muito. Uma parte de mim estava horrorizada, mas a outra tentava achar algo bom naquilo: pelo menos o Caleb não estava recebendo aquela rejeição pessoalmente. Odiaria ver seu lindo rosto se contorcendo de puro sofrimento.

Sr. Caleb tirou os olhos cruéis de cima de mim e, imediatamente, transformou sua expressão fria para algo terno quando encarou a filha. Uma mudança drástica e difícil demais de entender. Por que Caleb também não merecia o seu carinho?

Ele soltou um longo suspiro, que veio acompanhado de um assovio estranho.

– Fale logo o que quer, mocinha – falou, voltando a me encarar. Olhos azuis hipnóticos traduziram toda a amargura que aquele homem sentia. Foi uma pancada no meu coração. – Não sei por que ele te mandou vir aqui. Se tinha algo para dizer, que falasse ele mesmo. Não passa de um covarde.

“O único covarde aqui é o senhor!”, gritei internamente, prendendo os lábios com força. Meus dentes doíam de tanto que os cerrava um contra o outro.

– Na verdade, senhor, ele não sabe que estou aqui – respondi calmamente, decidida a ser a mulher madura que cresceu na vida, e não uma menininha chorona que se intimida por qualquer coisa. – Vim por conta própria, pois considero muito triste ver uma família distante desta forma. Ele sente muito a falta de vocês, mas é tão teimoso quanto o senhor.

Pensei que Sr. Caleb me ofenderia com palavras grosseiras depois da minha ousadia, mas ele permaneceu calado, fitando-me impassivelmente. Era espantoso chegar à conclusão – toda vez que o analisava – do quanto era parecido com o filho. Até o jeito rígido de seu maxilar se contraindo era

similar.

– Eu sinto falta dele – dona Lourdes ainda estava emocionadíssima. – Diga a ele, Amande. Diga que venha me ver.

– A senhora pode fazer melhor, dona Lourdes – falei, pegando o envelope grande que tinha depositado ao meu lado no sofá. Entreguei-o a ela, mas Sr. Caleb pegou antes que tocasse.

– O que é isto? – ele perguntou.

– É um convite – expliquei. – Caleb está abrindo seu próprio estúdio de fotografias, e a inauguração será na sexta-feira que vem. Todas as informações estão no convite, a hora exata, o endereço...

Dona Lourdes puxou o envelope das mãos do Sr. Caleb.

– Ele tinha me ligado avisando. Eu vou. Estarei lá sim, quero ver meu filho. Preciso pedir perdão por muitas, muitas coisas...

– Perdão pelo quê, mulher? – Sr. Caleb reclamou, voltando a pegar o papel. – Eu não irei, portanto você não vai.

– Vou sozinha.

– É claro que não.

– Mas, por quê? Não está vendo que ele mudou de vida? Nosso filho é um homem e agora tem um futuro pela frente.

– Ele nos envergonhou, Lourdinha. Sua atitude para com a nossa família não tem perdão. Demos tudo o que ele quis, toda a educação necessária... Tudo para quê?

– Será possível que o senhor não ama o próprio filho? – perguntei alto demais. Ju apertou meus ombros, e então desisti de prosseguir. Não valeria a pena discutir.

– Eu levo a senhora, mamãe – Júlia definiu. Seu pai, desta vez, encarou-a com ferocidade.

– Eu a proíbo, Júlia – rosnou.

– Proíbe nada, papai. Sou uma mulher, tenho carro e posso vir pegar a minha mãe quando quiser. Irei levá-la, o senhor não irá nos impedir. Se ela quer ir, que vá. É um absurdo essa sua teimosia, esse orgulho infundado... Nunca vi coisa mais estúpida, papai. Quem está nos envergonhando é o senhor!

Sr. Caleb finalmente pareceu ter sido atingido. As palavras da filha o fizeram calar a boca por longos minutos. Depois de um silêncio sepulcral e altamente constrangedor, ele finalmente se levantou do sofá e se referiu a mim antes de deixar a sala:

– Não é questão de amor, mocinha. Um homem de verdade e temente a Deus deve ter consciência de seu lugar, de seus deveres. Na idade dele eu já estava casado e com dois filhos para criar. Não estava pelo mundo vadiando, muito menos por dinheiro. Caleb me decepcionou muito e não sei se estou pronto para perdoá-lo.

Oh, céus...

– O senhor vai saber o que fazer – murmurei. – Antes que seja tarde, fará a coisa certa. Um homem temente a Deus nunca abandona o próprio filho.

Ele não voltou mais durante todo o restante da nossa visita. Dona Lourdes nos ofereceu chá e biscoitinhos. Ju queria ficar um pouco com a mãe, por isso aceitei permanecer por mais tempo do que o planejado. Minha sogra era uma mulher tranquila, falava baixo, tinha um jeitinho amuado, porém muito inteligente. Depois de tanto procurar por alguma coisa nela que lembrasse o Caleb, finalmente achei: a personalidade calma, a sensibilidade e a paciência extremosa.

Júlia me deixou na loja. Fui direto para a minha sala, pois percebi que precisaria de um tempo para me recuperar daquele encontro. As emoções foram fortes, mas pelo menos havia concluído uma etapa muito importante. Mais um passo foi dado. Agora era só colher os frutos e rezar para tudo dar certo.

Eu disse que lutaria pela felicidade do Caleb, e não estava brincando. Ele era a minha prioridade. Nossa primeira semana morando juntos estava mais do que perfeita, parecíamos nos encaixar bem; nossas necessidades estavam em sintonia e, aos poucos, a rotina ia se moldando. Sentia uma felicidade tão grande que tinha medo de acordar e constatar que tudo não havia passado de um sonho.

Os preparativos para a noite de inauguração estavam a mil. Eu me distraía fazendo aquilo, ou melhor, me divertia. Fiz questão de organizar tudo pessoalmente, pois queria que o acontecimento fosse memorável. Afinal, aquela não era apenas uma simples inauguração, era o começo de uma nova vida, com expectativas renovadas e uma linda promessa de futuro promissor.

Caleb merecia cada detalhe.

16º Capítulo

2 meses e 4 dias depois...

Amande já tinha separado a roupa que eu usaria, nem me pergunte a que horas ela fez aquilo, pois não a vi parar quieta nem por um instante. Deixou o traje em cima da cama com um bilhete, avisando que chegaria um pouco mais tarde e que eu deveria ficar pronto logo.

Um homem geralmente não demora a se arrumar – pelo menos sou bem rápido –, mas fiz questão de ir devagar. Um nó deixava meu estômago embrulhado, fiquei com dor de barriga durante quase o dia todo, mas sabia que era tudo psicológico. Não posso negar: podia até nadar no meu nervosismo. Uma apreensão maciça tomou conta de mim e, apesar de fazer vários exercícios de respiração – similares àqueles que as grávidas fazem para ter o bebê –, de nada adiantou.

Não fazia ideia do que estava me aguardando. Amande simplesmente não me permitiu entrar no estúdio. Havia organizado todos os pôsteres e quadros que seriam expostos, mas sequer me deixou pendurá-los. Tinha certeza de que ela havia exagerado na comemoração, porém deixei quieto. Motivos para comemorar não me faltavam, portanto nada mais justo do que exagerar.

Um exagero que pedia terno preto com camisa azul-clara e gravata lilás. Uma combinação interessante e charmosa, que só podia ter sido escolhida por ela. Gostei do que vi no espelho, e gostei mais ainda da sensação de estar recebendo seus cuidados. Acho que estava ficando mimado com a atenção constante e sempre romântica que Amande me dava.

Ela chegou à nossa casa e me achou no banheiro quando eu terminava de espirrar um pouco de perfume – sabia que gostava daquele. Como previsto, beijou a minha boca e inspirou o meu cheiro com muita vontade.

– Estou quase arrancando este terno de você, mas não podemos nos atrasar.

Percebi que já estava maquiada e penteada de um jeito elegante que só ela conseguia ficar, provavelmente havia frequentado um salão. Como todo homem deve fazer com a mulher que ama, elogiei sua beleza. Voltei a soltar mais elogios quando ficou pronta, usando um vestido vermelho divino, que combinava com a cor de seus lábios carnudos.

– Estou quase arrancando este vestido... Mas, enfim... Não podemos nos atrasar – sussurrei em seu ouvido, tendo consciência de que sua pele dourada havia se arrepiado durante o processo.

Amande se virou na minha direção e, como se adivinhasse todos os meus receios e soubesse exatamente o que eu queria ouvir, disse com a voz suave:

– Vai dar tudo certo, lindo príncipe.

Sorri torto, incapaz de não acreditar nela.

Sinceramente, pouco importava se tudo daria certo ou não. Assim que chegamos à entrada do estúdio, tive certeza de que já tinha valido a pena. Só a fachada estava impressionante; com faixas prateadas dispostas de modo estratégico e que ficavam ainda mais brilhantes por causa da iluminação apontada para elas. Além disso, pude identificar várias fotos que eu havia tirado em nossa viagem para a casa de campo da Júlia. Paisagens perfeitas, bem iluminadas e dispostas em uma espécie de banner que tinha um caimento similar ao das faixas, seguindo basicamente o mesmo trajeto. Meu queixo caiu.

Enquanto me aproximava, abraçando a Amande lateralmente, perdi a fala. Um segurança elegantemente vestido nos cumprimentou assim que passamos por ele, mas quase não tive capacidade de cumprimentá-lo de volta.

Amande nos fez parar de repente e virou o rosto na minha direção.

– Antes de entrarmos, preciso fazer uma pergunta.

Sorri torto, criando expectativas que me assustavam tanto quanto me deleitavam.

– Faça logo – consegui dizer.

– O que você quer?

Pensei direitinho antes de dar a resposta óbvia. Percebi que *realmente* queria que ela me surpreendesse. Queria muito, e sabia que o faria.

– Me surpreenda. – Assim que murmurei a resposta, ainda meio embasbacado com a fachada perfeita, Amande nos guiou para o interior do estabelecimento.

Minhas pernas vacilaram quando entrei no grande salão da recepção. As paredes estavam ocupadas ordenadamente por quadros enormes que continham fotos recentes e antigas, todas tiradas por mim. Uma parte do meu cérebro se perguntou como a Amande as havia conseguido, porém a outra parte estava paralisada, mandando-me ficar quieto e calado. Tinha mais fotografias penduradas no teto por ganchos pequenos, que devia ter dado um trabalho imenso para serem colocados.

Sofás charmosos jaziam aqui e ali no salão, todos na cor branca. No centro, uma escultura fantástica de uma pessoa apoiando uma câmera fotográfica no rosto. Quando vi a obra-de-arte, meu instinto foi me aproximar. Estava disposta em cima de um tipo de mesa que parecia especial para aquilo. Analisei de perto; a figura na verdade era um homem – parecido comigo, por sinal, embora não desse para ver seu rosto por causa da câmera. A escultura não era de corpo todo, começava na altura do abdome. Perfeita. Espetacular.

– Foi a Paloma quem fez – disse Amande. – Quase não dava tempo. Ficou linda, né?

Não respondi. Até cheguei a abrir a boca, mas não deu. A paralisia ainda tomava conta do meu corpo. Encarei a Amande fixamente, pronto para chamá-la de um monte de nome feio – ou bonito, vai saber –, porém fui surpreendido por um garçom, que servia taças com um líquido escuro. Nem me movi. Amande acabou pegando duas taças e me oferecendo uma. Fez um pequeno e silencioso brinde e tomou um gole. Acompanhei-a.

– Cha... Chablis? – murmurei. Era o meu favorito. Como ela sabia que Chablis era meu vinho favorito?

– Aham. Como sabe? – Franziu o cenho.

– É o meu favorito, Amande. – Minha voz ainda era um sussurro rouco e indefinido.

– Ah. – Sorriu amplamente. – Dei sorte. E então, príncipe, o que achou da sua festa de inauguração?

Olhei ao redor, começando a perceber que não estávamos sozinhos. Não havia enxergado as pessoas que circulavam por ali, observando as fotos com atenção e cochichando entre si. Não eram muitas, talvez umas dez, mas, assim que as notei, acabei despertando meus sentidos para a música clássica que tocava a um volume confortável. Percebi também que outros garçons saíam da abertura que eu sabia que dava para uma pequena cozinha, local onde pretendia servir café e demais alimentos para suprir tomadas mais prolongadas.

– Quem são essas pessoas? – perguntei aos murmúrios, ignorando sem querer a pergunta que tinha me feito. Eu tinha respondido mentalmente, mas me esqueci de falar.

- Não faço ideia. Futuros clientes, curiosos... Enfim. Coloquei sua inauguração no jornal mais importante da cidade. Também saiu em alguns sites e blogs, então...
- Sites e blogs... – repeti suas palavras, sentindo-me um idiota.
- Sim. Colunas sociais, essas coisas.
- Com licença. – Um rapaz jovem e muito bonito nos chamou a atenção. Acho que era modelo.
- O senhor que é o Caleb Duarte?
- Si... Sim.

A noite foi basicamente assim. As pessoas se aproximavam para falar comigo, até que comecei a circular para lá e para cá como um louco, tentando dar atenção a todo mundo. Muitos pediam contatos, teciam elogios e faziam perguntas, todas voltadas à fotografia. Não conhecia a maioria, mas fiquei feliz por contar com a presença das amigas da Amande. Esperava pela Júlia, sabia que ela viria, mas estava apreensivo com sua demora.

Tive algumas pequenas surpresas. Duas ex-clientes apareceram meio desconfiadas, mas pareceram se distrair com as fotos. Ter elas ali me angustiava, porém queria agir com normalidade. Fiz questão de ficar perto da Amande a maior parte do tempo, às vezes eu a arrastava junto comigo. Ela era o meu escudo, uma proteção contra possíveis constrangimentos.

Quando dei por mim, o lugar estava tão cheio que me sentia um pouco tonto. Claro que o Chablis ajudava a trazer aquela sensação de torpor, mas eu sabia que a alegria também fazia parte disso. Fiz tantos contatos importantes que perdi as contas; dois representantes de agências se interessaram bastante no meu trabalho. Tirei fotos para algumas colunas sociais, sites e jornais que eu nem sabia quais eram. Diversos profissionais de fotografia estavam presentes, gente que eu conhecia e admirava. Entre eles, um dos professores do curso, que se mostrou contente demais por mim.

Estava conversando com a Lara e a Paloma, em frente à escultura que ela delicadamente fez para mim, quando senti batidinhas no meu ombro. Dei de cara com o Fernando, que tinha os cabelos longos soltos e um estilo social moderno lhe atribuindo muito charme.

Nem falei nada, dei-lhe um abraço apertado, grato demais pela sua presença. Ele nem sabia, mas tê-lo ali era muito importante para mim.

– Cara, da próxima vez que inaugurar um estúdio não me deixe saber pelos jornais – reclamou, mas sorriu logo em seguida.

– Desculpa, foi tudo coisa da Amande. É muito bom te ver, Fernando, obrigado por vir. – Segurei seus ombros com força.

– Você conseguiu a noiva? – Ele pareceu espantado, levou até uma mão à boca.

Aquiesci, sorrindo amplamente. Fernando gargalhou.

– Estou feliz por você, mano. Parabéns mesmo... Pela noiva, pelo estúdio! – Ele ainda sorria, mas percebi o exato instante em que mudou de expressão. Seu olhar seguiu para além de mim.

Olhei para trás: as meninas ainda estavam lá. Paloma deu um “tchauzinho” para o Fernando, mas a Lara estava com a mesma expressão que ele fez estampada no rosto. Tornei a encará-lo, ele ainda a observava como se ela fosse um fantasma.

Depois de alguns segundos sem que ninguém soubesse o que fazer ou falar, Fernando finalmente voltou a sorrir e as cumprimentou com um aceno tímido de cabeça. Lara permaneceu do mesmo jeito, o rosto todo cor-de-rosa, sem desviar os olhos dele.

– Fernando, fica à vontade – falei, dando batidinhas em suas costas. Não demorei a fazer o que

tinha em mente: – Lara, pode mostrar as fotografias a ele? Vou ver o que a Amande está fazendo, ela sumiu do nada. Vem comigo, Paloma.

Uma estratégia óbvia e meio constrangedora, mas alguém precisava fazer o serviço sujo. Não sabia se o Fernando queria conversar com a Lara, mas certamente ela tinha o que dizer. Esperava que desse certo, pois torcia pelos dois. Mesmo sem conhecê-lo o bastante, colocava fé nele; sei que teve uma consideração imensa por mim fazendo questão de estar presente na inauguração. Minha felicidade aumentou muito quando pensei nisso. Acho que devia começar a investir mais naquela amizade, pois sentia que valia a pena.

Paloma seguiu seu próprio rumo depois de me olhar com a cara feia. Apenas ignorei, estava feliz demais com a escultura que tinha feito para mim. Tentei procurar a Amande, mas não consegui. Fui parado aqui e ali pelas pessoas que circulavam. Tirei mais fotos com gente que não conhecia como se fosse uma celebridade. Respondi a algumas perguntas de um jornalista, que me pediu autorização para publicar. Fui abordado por outra ex-cliente, porém me desvencilhei rápido. Queria distância de confusão.

Vi o pai e a mãe da Amande analisando as fotografias que tirei das meninas. Elas tinham ficado realmente muito boas, as garotas pareciam modelos de verdade. Meus sogros não pouparam elogios ao meu trabalho, fazendo-me sentir um tipo de orgulho diferente. Percebi que a opinião deles era mais importante para mim do que eu imaginava.

– Cadê a Amande, Caleb? Não a encontramos ainda – disse dona Isabel. Ela e Sr. Hugo tinham as mãos entrelaçadas, um gesto de carinho que considerei bonito. Por um instante imaginei a mim mesmo com as mãos entrelaçadas com as da Amande depois de muitos anos de casamento. É isso o que eu quero para nós: um futuro repleto de amor e respeito mútuo.

– Não faço ideia, ela sumiu e não consigo encontrá-la. Já revirei tudo, só falta a saída. Acho que vou lá conferir.

– Tudo bem, diga que já estamos por aqui. Vamos ver as outras fotos, estou adorando essa exposição. Mais uma vez, parabéns!

– Obrigado, Isabel. – Sorri torto, afagando a lateral de seu braço.

Segui na direção da saída do estúdio a passos largos. As pessoas notaram que eu estava com pressa e me deixaram passar mais livremente, sem obstáculos. Olhava de um lado para o outro, tentando identificar pelo menos o vestido vermelho que Amande estava usando. Não obtive sucesso.

Quando me virei na direção da porta dupla – que dava para a saída –, senti meu mundo inteiro parar. Simplesmente travei com o que vi, pois era inacreditável. Tive certeza de que estava sonhando, por isso fiquei apenas me esperando acordar. Longos segundos se passaram e eu não acordei nem consegui tirar os olhos dela. Ela estava ali, na minha frente, olhando para mim com lágrimas nos olhos.

A minha mãe.

17º Capítulo – Por Lara

2 meses e 4 dias depois...

Ele estava bem na minha frente e eu não podia acreditar. Não dava. O fato de estar tão diferente da última vez que o vi me deixava tão perturbada que foi inevitável dar uma de imbecil: fiquei parada o encarando enquanto sentia meu rosto ferver de vergonha. Eu devia ter me vestido melhor. E me maquiado melhor. E emagrecido. Mas não... Lá estava eu, usando calça jeans escuras, que me incomodavam na cintura porque minha barriga tinha ganhado vida própria depois que comi uns sete canapés, e uma blusa que me deixava parecendo um balão de gás.

Gorda, gorda, gorda. Ridícula até dizer basta. Vai pra academia, Lara! Ou morre logo de uma vez, é o melhor que você faz. Aliás, tudo era melhor do que encarar aqueles lindos olhos verdes, sabendo que jamais – nunquinha mesmo – seria dona deles. Eles tinham muitas, muitas donas. Cada uma pagava uma quantia grotesca por aqueles olhos, acho que meu salário podia tê-los por umas duas ou três horas.

Deprimente. Senti toda aquela depressão invadir o meu corpo quando Caleb sugeriu que eu lhe mostrasse as fotografias da inauguração. Dava pra ser menos sutil, por favor? A vergonha que senti só não foi maior do que minha vontade de matar o Caleb bem devagarzinho, observando seu sangue escorrer como pingos de chuva em janela de vidro.

Quando me vi sozinha, sem nem um apoio moral – todas as garotas sumiram no meio da multidão -, achei que minha vida poderia ter um basta ali mesmo. Seria um ótimo momento, o ideal. Mas, como nada para mim nunca dá certo, fiquei apenas encarando o Fernando como se ele fosse o Matt Bomer ou sei lá, o Henry Cavill. Qualquer cara muito gostoso, tesudo e que incitasse nas mulheres uma vontade de dar até a morte.

Ele sorriu. E foi como se o sol sorrisse para mim, visto que o Fernando era, basicamente, dourado. Sua pele muito bronzeada estava do mesmo jeito de que me lembrava, combinando com os cabelos castanho-claros – tristemente maiores e melhores do que o meu, mas já me vinguei quando os puxei com vontade na despedida da Amande – e os olhos verde-mel. Naquele instante, estavam verdes. Bem verdinhos.

Podia ver o comecinho da tatuagem que tinha nas costas – e que eu conhecia muito bem – aparecer em seu pescoço grosso, másculo. Fernando estava vestido socialmente; uma camisa azul-clara dobrada na altura do seu cotovelo – eita, dava para ver mais resquícios de tattoo ali –, calça social e sapatos sociais pretos. Dei mesmo uma olhada geral no sujeito, e daí? Me prendam por isso.

– É bom te ver, Lara... – ele murmurou, parecendo meio constrangido. Ainda bem que era só meio, porque já bastava eu estar totalmente.

– É... B-bom te v-ver ta... também – gaguejei idiotamente. Feia, gorda e tapada. Combinação perfeita para espantar qualquer homem com um pinguinho de amor-próprio. Por isso que não havia ligado para ele. Ficar gaguejando ao telefone? Fala sério, eu ainda não tinha perdido totalmente a noção do ridículo.

O que a minha gloriosa pessoa ainda estava fazendo ali? Devia ter saído correndo, mas minhas pernas nem se moveram quando tentei. Uma lembrança fez meu corpo esquentar ainda mais: as

palavras do Caleb no dia da nossa tomada de fotografias. Ele havia me dito que o Fernando tinha gostado de mim. Uma coisa inimaginável, rara e até sem sentido, visto que minhas amigas eram pelo menos uns quinze quilos mais magras do que eu. Eu disse pelo menos. Isso me deixa em óbvia desvantagem, pois o mundo atual é delas. Não me resta nada além de me conformar e me matricular em uma academia nova a cada mês, tentar gostar de puxar peso e aguentar a monotonia que é ficar correndo sem sair do lugar em cima de uma esteira.

Mas isso até dá pra fazer. O que não dá é fingir que doces não existem. Como a coisa mais deliciosa do mundo pode ser ignorada? Só que eu trocava facinho uma barra de chocolate por mais uma noite com o Fernando. Ele é mais gostoso do que qualquer doce que possa existir. Sei disso porque provei de todas as formas que me foi permitida. Ainda podia sentir suas mãos me segurando com firmeza.

– Lara? Você está bem?

Quando menos percebi, ele estava me sacudindo pelos ombros. Tomei um susto tão grande que precisei dar alguns passos para trás, protegendo-me de seu toque. Feia, gorda, tapada e avoadada.

– Ahn?

– Você ficou... Esquisita. – Fez uma careta engraçada.

Feia, gorda, tapada, avoadada e esquisita. Ótimo.

– Er... Vou... mo-mostrar o... o... as fotografias. – Virei as costas e apontei para o primeiro quadro que vi pendurado na parede. Uma paisagem maravilhosa foi fotografada pelo Caleb de uma expectativa interessantíssima. Mas é claro que eu não estava prestando atenção em nada, só queria acabar com aquele sacrifício.

– Muito bonita. Não é que o filho da mãe é bom nisso? – Fernando murmurou baixinho, e então percebi que estava logo atrás de mim. Ele era horrendamente maior do que eu, devia ter um e oitenta e tantos de altura, contrastando com meus um e sessenta e dois. Isso não era de todo ruim. Meu tamanho horizontal era todo encoberto pelo seu vertical, fazendo com que não ficássemos destoantes. Ou não, sei lá.

– É.

Alguém me mate.

– Lara...

– Hum?

Senti suas mãos tocarem meus ombros. Elas estavam quentes até demais, por isso foi inevitável deixar a minha pele arrepiar até me prender em um estado catatônico de paralisia.

As mesmas mãos foram escorrendo pelos meus braços de um jeito sensual. Continuei observando a foto do Caleb na minha frente, incapaz de me mover.

– Você está mesmo bem? – perguntou de um jeito sussurrante. Olhei para os lados, procurando por uma corda ou qualquer outro objeto que me ajudasse a fugir. Só encontrei pessoas andando para lá e para cá, falando sobre fotografias e rindo entre si.

– Estou – respondi baixinho.

Fernando se pôs na frente da paisagem. Tanto faz, aquela também era boa. Caleb podia fotografá-lo, certeza de sucesso absoluto. Senti-me uma idiota, uma estúpida. E essa sensação me fez ter raiva. Queria chorar, mas sabia que me sentiria pior se o fizesse, principalmente na frente dele.

– Tem certeza? – Ele se inclinou para frente a fim de me encarar de perto. Seu rosto maravilhoso de menino travesso me fez prender a respiração. Fernando tinha uma pele espetacular,

lisinha feito bunda de bebê. Na verdade, ele era mesmo um bebê. Só tinha vinte e quatro anos.

E eu, quase vinte e oito.

Feia, gorda, tapada, avoadada, esquisita e velha.

Dei alguns passos para trás, começando a achar que eu podia fazer dança de salão. Tango, sei lá. Passos para frente, passos para trás, pro lado, pro outro. Enfim, todo lugar estava seguro desde que ficasse longe das mãos dele.

– Aquela também é legal – aponte para cima, no canto esquerdo. Mais uma paisagem encantadora foi apreciada pelo Caleb. Andei até ela, tendo a consciência de que Fernando havia me seguido. Sem querer perder tempo, comecei a andar vagarosamente pelo salão, desvencilhando-me das pessoas e apontando para os quadros e banners expostos.

As mesmas mãos quentes me obrigaram a parar depois que tinha percorrido grande parte do local.

– Espera. Quero ver aquelas ali. – Encarei o Fernando e depois mirei na direção em que apontava. Havia uma espécie de painel gigantesco expondo a seleção de algumas das fotos que as meninas e eu tiramos.

Sem esperar respostas, Fernando me puxou até lá. Obviamente, encontrou minhas fotos individuais e passou longos minutos as encarando como se eu não estivesse ali. Poxa, ele podia encarar a original, para quê estava encarando a porcaria de uma foto? Ah, mas eu não queria ser encarada. Tinha me esquecido desse detalhe. Pensando bem, melhor que olhasse as fotos. Pelo menos eu estava bem vestida e maquiada nelas.

– Gostei dessa daqui. – Fernando apontou para uma fotografia em que eu estava de perfil. Caleb tinha batido de supetão enquanto conversávamos. – Parece pensativa.

– Pois é. Também gostei, ficou espontânea – completei, mas a verdade é que eu tinha gostado porque não dava para ver o meu corpo, apenas o rosto. E ele não tinha ficado tão redondo quanto era.

– Estou curioso, no quê estava pensando?

– Em você – soltei. Claro que me arrependi.

Fernando deixou seus olhos lindos quase saírem das órbitas, virando-se para me encarar. Ele ficou tão espantado que minha única reação foi permitir que meu rosto pegasse fogo de tanta vergonha.

Feia, gorda, tapada, avoadada, esquisita, velha e estúpida.

– Digo... Caleb estava falando sobre você – falei cara-de-paumentado.

– Sobre mim?

Aquiesci, sacudindo a cabeça.

– O que ele estava falando?

Pensei um pouco na resposta, mas obviamente de nada adiantou.

– Que você tinha gostado de mim... naquele fim de semana.

Alguém precisava me tirar dali. Seria um ótimo momento para um sequestro relâmpago, mas eu não tinha dinheiro para o resgate, portanto nenhum bandido barra-pesada estaria disposto a fazê-lo.

Fernando continuou me olhando. Ficou sério demais. Nunca o tinha visto tão sério, na verdade. Um segundo se passou e, contra toda a lógica possível, ele se aproximou até seu corpo saradão – o mais malhado que eu já tinha desfrutado na vida – me encobrir totalmente. Tive que virar minha cabeça quase toda para cima a fim de continuar observando seus olhos.

– É verdade? – sussurrei a pergunta.

Ele apenas balançou a cabeça, confirmando. Aproximou-se até nossos corpos ficarem quase colados. Apoiou as mãos na minha pseudo-cintura. Depois de eternos segundos de silêncio mortal, tornou a balançar a cabeça, só que, desta vez, negando. Largou-me depressa. Fez uma careta intraduzível e soltou a frase que eu estava mais do que acostumada a ouvir:

– Desculpe, Lara... Eu não sou bom o bastante para você.

E voltamos ao tango... Passos para trás. Muitos passos para trás. A decepção já não me surpreendia, mas me sentia muito mais do que decepcionada. Sentia-me humilhada. De um jeito cruel que foi capaz de tirar o meu fôlego.

Fernando não desviou os olhos nem se mexeu, mas suas expressões pesarosas não combinavam com seu rosto. Realmente não conseguia entender como, depois de levar tantos foras, podia ter feito papel de otária mais uma vez.

Uma lágrima escorreu, foi inevitável.

– Não é nada contigo, Lara – ele disse baixinho, mas aquilo era só mais uma frase feita que me deixava exausta. – Só não quero te machucar.

– Já machucou.

Ele deu de ombros, apertando os lábios.

– Melhor agora do que depois – disse. – É o mais justo.

– Não precisa arranjar mil justificativas bonitinhas só para tentar me fazer entender que não valho a pena para você – proferi baixinho, colocando toda a minha raiva na voz embargada.

– Não é nada disso. Apenas sei qual é o meu lugar. – Senti tristeza em sua voz, mas não me deixei enganar.

– Também sei o meu – respondi, sentindo mais lágrimas escorrendo. Minha cara de pavor devia estar totalmente deformada. – Bem longe de você.

Virei as costas e caminhei com pressa até o sanitário. Não fui seguida.

Feia, gorda, tapada, avoada, esquisita, velha, estúpida e... Ah, vai pro inferno.

18º Capítulo

2 meses e 4 dias depois...

– Mãe... – murmurei tão baixo que, pela distância que nos separava, com certeza não me escutou. Se é que o que via era mesmo real. Ainda pensava que estava vendo coisas quando, de repente, percebi alguém passando um braço ao redor dos ombros dela.

Era o meu pai. Eu acho. Ele estava diferente. Aliás, ambos estavam muito diferentes da última vez que os vi.

Balancei a cabeça, absolutamente certo de que estava ficando louco. Achei que tinha tomado muito Chablis para uma só noite. Virei o rosto e passei as mãos pelos cabelos. Fechei os olhos com força e inspirei todo o ar que meu pulmão permitiu. Depois, soltei-o devagarzinho.

Tomando coragem, voltei a observar os fantasmas do meu passado: para minha surpresa, ainda estavam lá, porém se aproximavam lentamente, como se estivessem receosos. Minha mãe chorava não tão silenciosamente. Seus gemidos e soluços foram aumentando na medida em que ficava mais próxima. Fechei e esfreguei os olhos, tentando parar de ver miragens. Quando os abri de novo, de nada havia adiantado.

Quando mamãe desistiu de se aproximar devagar e praticamente se atirou em meus braços, chorando e falando coisas ininteligíveis por causa dos soluços constantes, percebi que não estava sonhando. Aquilo acontecia. O impossível estava acontecendo.

– Meu filho! Meu filho... Meu filho... – ela gritava desesperadamente, apertando-me a carne, ficando na ponta do pé a fim de passar seus braços no meu pescoço. Inclinei-me no impulso, e então ela começou a me beijar no rosto. Suas lágrimas quentes se encostaram a minha pele. – Meu filho, me perdoa... Perdoa a sua mãe. Estou tão orgulhosa de você, meu filho. Como está lindo!

Suas palavras vieram acompanhadas de um desespero completo, uma urgência que mal pude assimilar. Eu ainda estava estático, o choque absoluto não me permitiu sequer abraçá-la de volta. Só o fiz quando senti que também estava chorando.

Assim que a envolvi em meus braços, achei que o mundo poderia acabar: eu morreria feliz e satisfeito. Pleno. A felicidade havia me encontrado e então nada mais poderia exigir da vida, pois seria absurdo e impensado que pudesse existir algo que eu quisesse que não fosse o que tinha naquele instante.

Nada falei. Apenas chorei baixinho nos braços da minha mãe, com olhos fechados e os dentes se apertando um contra o outro com bastante força. Toda a dor de anos simplesmente foi embora. Pensei que seria impossível me livrar dela depois de sofrer tanta rejeição – a raiva, o orgulho e a incapacidade de perdoar se dissiparam, e então só queria a minha família de volta.

Foi pensando nisso que ergui meus olhos, observando por trás dos ombros de mamãe. Meu pai nos encarava de perto. Ele estava tão mais velho! O cabelo outrora grisalho agora parecia algodão de tão branquinho. Mais rugas haviam surgido aqui e ali, a aparência cansada aumentou consideravelmente.

Papai me olhou seriamente quando o observei. Não falou nada. Manteve o rosto rígido, fechado e impassível, como sempre. Eu sinceramente poderia lhe dizer mil coisas: enumerar todos os

absurdos que fez comigo, jogar na sua cara toda a tristeza que senti o tempo todo por causa de sua rejeição, falar o quanto o achava detestável, sei lá, mandá-lo embora. Mas não pude. Não dava.

Poderia tê-lo feito, mas tudo mudou de um segundo para o outro. As peças do meu quebra-cabeça interno se modificaram a partir do momento em que ele ergueu uma mão e apertou meu ombro. Provavelmente o gesto mais carinhoso que me ofereceu em pelo menos quinze anos. Sua expressão se tornou uma careta profunda com milhares de rugas sobressaltadas. E então seus olhos profundamente azuis – os mesmos que eu havia ironicamente herdado – ficaram brilhantes por causa das lágrimas que ele teimaria não derrubar até o fim. Aquilo só me fez chorar com ainda mais força. Um soluço imenso explodiu, partindo do fundo da minha alma.

Mamãe ainda me abraçava forte, pendurada no meu pescoço como se quisesse fazer dele seu novo lar. Com uma mão mais livre, puxei o meu pai para mais perto, obrigando-o a fazer parte daquele abraço. Ele veio timidamente, desviando os olhos e dando batidinhas nas minhas costas. Notei quando uma quarta pessoa se juntou a nós: era a Júlia, que já chorava freneticamente.

De novo achei que o mundo poderia acabar. As pessoas mais importantes da minha vida estavam ali. O meu recomeço seria mesmo um belo recomeço. Procurei na minha memória alguma coisa que eu tenha feito para merecer tanta alegria. Acho que o destino cansou de me dar coices. Aleluia!

– Senti tanta saudade, filho... – mamãe falou, um pouco mais calma. Ela se afastou um pouco, mas nosso abraço não findou. Já papai se afastou completamente, apenas se mantendo próximo. Ainda estava mudo. Pegou um lenço do bolso do terno cinza que estava vestindo e o ofereceu à minha mãe.

– Eu também – admiti baixinho, a voz falhando.

As pessoas estavam começando a parar para nos observar, o que me incomodou um pouco. Procurei me acalmar, apesar de ser algo quase impraticável, pois a emoção que sentia era tanta que chegava a me tirar o fôlego.

– Onde está a Amande? – perguntou minha mãe, sorrindo e chorando ao mesmo tempo enquanto me observava, alisando o meu rosto como se buscasse reconhecimento. Sem dúvidas eu era um cara diferente do idiota de sete anos atrás.

– Amande? – Fiz uma careta. – Como você sa...

– Tudo isso aqui foi por causa dela, Lebinho – respondeu Ju, ainda muito emocionada. Estava maravilhosa como sempre. – Ela tomou a iniciativa de procurar nossos pais e convidá-los para a inauguração.

Balancei a cabeça, incrédulo. Amande tinha feito aquilo tudo às escondidas? Nós mal falávamos sobre isso, pois sempre procurei evitar o assunto. Ela sabia que tudo ainda me magoava, mas mesmo assim decidiu apostar suas fichas. Foi um risco imenso, precisou de uma coragem que nem pude calcular.

Aquela informação me fez amá-la em um nível tão grande e insuportável que não evitei tornar a chorar como uma criança. Meu coração bateu tão acelerado quanto foi possível, e fiquei agradecendo internamente pela grande sorte que tive. A vida me deu um presente maravilhoso chamado Amande Martins, portanto só podia agradecer e jurar cuidar dela para sempre.

– Estou tão feliz por você, meu filho. – Mamãe voltou a chorar, abraçando-me forte de novo. – Não aguentava mais ficar longe... Rezei todos os dias para que ficasse bem! Graças a Deus... – Ela começou a me apalpar em diversos pontos. – Graças a Deus você está bem, inteiro, lindo como

sempre... Meu filho...

Depois de alguns minutos abraçando e beijando a minha mãe, busquei ficar mais calmo. Papai e Júlia, bem como o Ricardo – eu nem tinha visto ele antes –, estavam vendo as primeiras fotografias que havia logo no início, pareciam entretidos. A emoção de tê-los ali jamais cessaria, porém eu precisava encontrar a Amande. Queria beijá-la como um louco. Mal podia esperar até que a inauguração acabasse e pudéssemos voltar para a nossa casa.

Sendo assim, deixei mamãe com o pessoal e prometi que voltaria logo, trazendo a Amande. Sentia que precisava conversar melhor com meus pais, mas não era uma boa ideia fazê-lo naquela noite. Afinal, seria uma conversa bem difícil. Só queria curtir a presença deles, o resto que ficasse para depois.

Procurei pelo lado de fora do estúdio, mas não a encontrei. Começava a ficar preocupado de verdade quando, circulando pelo lado oposto do estúdio, encontrei-a saindo do banheiro feminino. Estava conversando animadamente com alguém, de um jeito distraído. Linda demais. Aquela noite não era minha, era dela. A filha de uma mãe tinha preparado tudo com perfeição; não devia estar admirado com sua capacidade de pensar em tudo, mas era difícil acreditar que uma mulher tão mágica era minha.

Nem olhei para os lados, corri até ela e, com pressa, tomei-lhe pela cintura. Prendi seu rosto no meu e beijei sua boca com toda paixão que ardia no meu peito. Amande, mesmo tomada pelo susto do meu ato repentino, correspondeu ao meu beijo. As pessoas ao nosso redor deviam estar me achando um louco, mas tudo bem, era exatamente assim que eu me sentia. Aquela mulher tirava o meu juízo.

Quando enfim resolvi largá-la, ela me mostrou um sorriso bobo e logo virou o rosto para o lado.

– Desculpa, ele é meio incontrolável às vezes – falou para alguém.

A montanha-russa emocional voltou com força total quando conferi com quem Amande estava falando. Abri os olhos ao máximo e precisei de alguns segundos para entender que aquilo ainda não era um sonho. Um sonho que estava se tornando pesadelo. A surpresa foi tanta que puxei Amande com força e a coloquei atrás de mim, protegendo-a acima de tudo.

– O que faz aqui? – perguntei baixinho, foi um rosnado que ela certamente ouviu.

Na minha frente, com um sorriso doentio nos lábios, a ministra masoquista dos infernos se materializou.

19º Capítulo

2 meses e 4 dias depois...

– Olha quem está ali! – Jéssica apontou para trás. Assim que me virei, vi Fernando conversando com o Caleb do outro lado do salão. – Merda! Olha a cara da Lara! Tadinha, gente!

– Isso não vai prestar! – completou Fabiana. – Se eu visse o Edu de novo acho que não ficaria com uma cara muito diferente. O que ele está fazendo aqui, afinal?

Ninguém respondeu. Ficamos quietas, observando o modo caloroso como Caleb recebia o colega. Lara estava com cara de mosca morta, encarando o Fernando como se ele fosse uma aberração. Paloma logo lhe segurou uma mão, dando apoio moral. Um apoio que não deve ter adiantado, pois Lara continuou do mesmo jeito: petrificada.

Tudo piorou quando o Fernando a percebeu ali. E então ele estava tão estático quanto ela. Nossa reação em conjunto foi uma só: começamos a rir. Não foi culpa nossa, juro, a Cláudia quem começou a gargalhar como uma hiena.

– Alguém está gravando a cena? Digam que sim! – ela falou alto demais, por isso Fabiana lhe deu um beslicão e levou o dedo indicador à boca, sinalizando para que falasse mais baixo. – Meu Deus, olha como eles estão conectados!

Fernando foi incapaz de desviar os olhos da Lara. Cláudia tinha completa razão: pareciam ligados por algo que não conseguíamos enxergar. Tudo bem que tinham passado uma noite juntos na minha despedida, mas nada justificava aqueles olhares intensos. Não daquela forma tão explícita. Será que...

– Se eu não conhecesse a Lara, diria que está caidinha por ele – murmurei.

– Conhecendo-a perfeitamente, digo que está sim – Jéssica definiu. Perdi a fala, pois não tinha o que questionar. As evidências estavam bem na cara.

Vimos quando Caleb falou algumas coisas e puxou Paloma à força, deixando-os sozinhos. Claro que ele também tinha notado que alguma coisa acontecia entre os dois. Não sei se faria igual, mas estaria sendo hipócrita se dissesse que o Fernando não era um cara que a Lara devesse se envolver. Portanto, decidi me manter em cima do muro e não emitir opinião alguma sobre isso. Ela era adulta, afinal.

– Olha o jeito como ele olha pra ela! – dessa vez foi a própria Fabi quem falou alto demais. Sussurrámos um “ssshh” em uníssono.

Neste momento, um garçom passou por nós e parou, desviando nossas atenções. Trocamos nossas taças, pegando as cheias e tomamos, quase ao mesmo tempo, generosos goles. O Chablis estava delicioso; eu havia gostado mais do branco do que do tinto.

– Vou perguntar ao Caleb o que ele disse – falei e me movi depressa demais para o lado. Não deu outra, acabei esbarrando em uma mulher loira muito bem vestida. A metade do conteúdo da minha taça foi parar em seu vestido azul-marinho elegante. Parecia caro. – Ai, meu Deus, me desculpa!

A mulher olhou para si mesma e pareceu espantada com a mancha enorme que se espalhava ainda mais, mediante o Chablis ia escorrendo. Um garçom parou e nos ofereceu um lenço. Pedi

desculpas mil vezes até que a mulher resolveu parar de me ignorar.

– Tudo bem, querida. Não foi nada – disse educadamente.

– Vamos ao toalete, vou ajudá-la a se secar – propus e, devagar, seguimos rumo ao sanitário.

Era um espaço razoavelmente grande. Tinha apenas duas cabines, mas a área entre elas e as pias modernas era maior, contando com um banco de madeira trabalhada, para dar apoio, e espelhos gigantes.

Peguei um monte de papel absorvente e começamos uma luta frenética para fazer o vestido voltar a ganhar o tom azul-escuro certo.

– Não se preocupe com isso – disse a mulher, e só então parei um pouco para observá-la melhor. Estava tão envergonhada que meio evitava olhar seu rosto.

Fiquei surpresa ao perceber que ela era mais velha do que eu imaginava. Seu corpo era bonito – não era magro, mas tinha tudo em cima –, parecia de alguém mais jovem, porém seu rosto não negava. Linhas de expressões lhe atribuíam uma idade que poderia facilmente estar entre cinquenta e cinco a sessenta anos, apesar de ter certeza de que ela já havia feito alguma intervenção cirúrgica por ali. Seus cabelos compridos e loiros chamavam atenção para si de um jeito diferente. Tinha os olhos escuros bem maquiados, inspirando charme.

– Acho que está melhorando – comentei sem deixar de dar batidinhas com os lenços bem em cima da mancha.

– Está sim. Você é muito gentil, obrigada.

– Que é isso, sou mesmo muito desastrada. – Rimos. Dando mais uma olhada nela, percebi que, na verdade, não me parecia muito estranha. Não mesmo. Tive certeza de que já a tinha visto antes. – Acho que conheço a senhora de algum lugar.

– Muito provavelmente. Sou Fernanda Pires, ministra da saúde.

– Céus! É mesmo, como não reparei? Excelência, muito prazer. Que honra tê-la aqui.

Ela riu. Fiquei ainda mais envergonhada com a situação, praguejando internamente. Já não bastava ter dado aquela furada, ainda mais sendo com alguém tão importante?

Passei alguns segundos me corroendo por dentro, contudo, de repente, lembrei-me de um detalhe muito importante: o que uma ministra estaria fazendo em uma inauguração de um estúdio de fotografias?

Uma pulga foi instalada bem atrás da minha orelha.

– Está gostando das fotos? – perguntei, meio desanimada. Queria extrair um pouco mais dela, meu desconfiômetro já apitava sem parar. Minha mente só repetia: ex-foda, ex-foda, ex-foda, ex-foda...

– Adorando! São lindas. Sou apaixonada por fotografias.

– Legal, eu também.

– Você trabalha na área? – perguntou.

– Não... Sou apenas uma convidada – menti. Não estava disposta a me expor tão rápido, dizendo que era a namorada do fotógrafo.

De repente, a porta do banheiro se abriu e Lara correu apressadamente até a pia, soltando soluços intensos. Fiquei tão assustada que deixei os lenços caírem no chão. Corri para acudi-la.

– O que houve, Lara? – quase gritei a pergunta, puxando seus ombros. Ela inclinou a cabeça na direção da pia, chorando como uma criança. – Fala pra mim, o que aconteceu?

Percebi que a ministra também se aproximou, olhando para Lara com cara de pena.

– Ele é um idiota! – ela berrou. – Um... Um... Um estúpido!

Meu sangue ferveu em minhas veias. Raiva. Muita, muita raiva. Odiava ver qualquer uma das minhas amigas daquele jeito, pior ainda por causa de um cara. A ministra começou a alisar os cabelos da Lara, como se soubesse exatamente de quem ela estava falando.

– O que o Fernando fez?

– Veio com um papinho furado, falando que não é bom o bastante para mim, que o problema é com ele... Conversa fiada! Estou cansada, cheia de ser tratada dessa forma.

Fiquei muda. Não sabia o que dizer. Estava com tanta raiva que não conseguia ver um palmo à minha frente. Olha, pode parecer estranho, mas a Lara não sofre como qualquer uma das minhas amigas, que acabam esquecendo sem muitas dificuldades. Seu sofrimento é bem maior, sei perfeitamente o quanto fica se martirizando por causa de fracassos, rompimentos e coisas que dão errado na sua vida amorosa. E o pior de tudo é que, mesmo sendo uma mulher espetacular, algo sempre dá errado. Os motivos são os mesmos: escolhas ruins. Lara não sabe escolher, isso é um fato.

– Não se preocupe, meu bem. Você é tão jovem e bonita, vai encontrar alguém que te valorize – Fernanda Pires falou de um jeito tão delicado que Lara simplesmente parou de chorar e a encarou fixamente.

– Obrigada... Mas é tão... Tão difícil! – choramingou. – Sei que não devia, mas sinto uma coisa estranha por ele. Não pensei que me sentiria assim tão magoada. Devia estar acostumada!

– Querida, sei que não parece, mas estou sofrendo com a rejeição neste exato momento. Estou aqui, de pé, mesmo assim. Uma mulher deve saber o que quer. Se você o quer tanto precisa lutar por ele. – Com certeza a ministra não sabia de quem estávamos falando, por isso aconselhava como se Lara estivesse sofrendo por um cara “comum”. A situação toda era bem mais complicada. Eu, mais do que ninguém, sabia o quanto era difícil.

– Lutar? – Lara berrou, voltando a chorar desesperadamente. – Está tudo perdido, seria uma luta vã. Não vou lutar por quem não merece!

– Tenha calma, Larinha – consegui, enfim, falar. – Você vai esquecê-lo, sei que as coisas foram intensas, mas lembre-se de que aquilo tudo era ilusão. Eu apenas dei sorte, uma coisa rara aconteceu.

– Verdade. Você está certa, eu sei, mas tem um buraco vazio no meu peito. – Ela pegou alguns lenços e começou a enxugar as lágrimas. Respirou fundo e, então, estava mais tranquila. – Tudo o que ele fez por mim foi uma ilusão. Preciso aceitar isso. Todos os cuidados, as carícias... Não significou nada para ele.

Meu Deus... Quantos problemas mais aquela despedida de solteira nos traria? Era como se tivéssemos sido amaldiçoadas ou algo assim. Bom, no meu caso, foi uma sorte extrema, um acontecimento marcante que mudou a minha vida para melhor, porém nada foi fácil. Sofreria cada consequência pelo resto dos meus dias, sendo elas boas ou ruins.

Temí pela Lara. Não queria que as coisas fossem daquele jeito, merecia um relacionamento saudável com um cara tão legal quanto ela. Não conhecíamos o Fernando, podia ser um homem totalmente diferente do que mostrou ser na despedida. Se ele mesmo disse que não era bom o bastante, talvez estivesse com a razão. E então estaria fazendo um favor a Lara, impedindo uma aproximação que poderia lhe causar dor desnecessária.

– Sei como é... – disse Fernanda, balançando a cabeça como se lamentasse profundamente. Seu jeito preocupado acabou me agradando bastante. Não era qualquer pessoa que podia ser gentil

daquele jeito. – Sou do time das que fazem dar certo, mas tem momentos que é melhor deixar o tempo passar.

Lara e eu soltamos um longo suspiro quase ao mesmo tempo.

– Ainda bem que não liguei para ele quando Caleb me deu seu telefone...

– Caleb te deu o telefone dele? – perguntei, fazendo uma careta. Não estava sabendo de nada daquilo. Então quer dizer que Caleb estava incentivando aquele encontro? Deve até mesmo tê-lo chamado para a inauguração.

– Semana passada. Ai... Estou tão envergonhada. Fiz papel de otária. – Voltou a chorar novamente e, de novo, peguei mais lenços para lhe enxugar a face.

Algumas mulheres entravam e saíam do banheiro vez ou outra, mas o fluxo era pequeno. Ficamos ali até a Lara se recuperar completamente. Mudamos de assunto depressa para deixar as tensões aliviadas; a ministra tinha um bom papo e não deixou que ficássemos caladas nem por um segundo.

– Então, Amande, não sei se entendi direito, mas você é namorada do Caleb Duarte? O fotógrafo? – ela perguntou quando estávamos terminando de retocar nossos batons para sairmos com a cabeça erguida. Seu vestido já havia a muito secado, e a mancha, saído.

Outra vez a encarei com desconfiança. Precisava parar de achar que toda mulher era uma ex-foda do Caleb. A ministra Fernanda Pires era uma política de respeito. Era divorciada, mas sua vida pública não lhe permitia entrar em certos escândalos, não é? Um garoto de programa não era uma coisa discreta e segura o bastante para uma mulher como ela manter.

– Sim, meu namorado – respondi, forçando um sorriso.

Ela sorriu amplamente em resposta.

– As fotografias dele são excelentes. Ainda não o encontrei, mas queria lhe parabenizar pessoalmente.

– Então vamos, ele deve estar circulando por aí. Lara, você já está melhor?

Duas mulheres entraram no banheiro, sorridentes. Eram lindas demais, acho que eram modelos de alguma agência. O lugar estava repleto delas.

– Pelo amor de Deus, alguém me abana! Que homem maravilhoso é esse Caleb!

Ambas começaram a gargalhar. Meu sangue ferveu instantaneamente. Prendi os lábios com força para não iniciar um barraco ali mesmo.

– Minha filha, o que é aquilo? – a outra disse. – Nunca vi coisa igual! Minha presença na segunda-feira está garantidíssima, vou fazer um book com ele.

Lara segurou minha mão e me arrastou na direção da porta. Segui seus movimentos como uma marionete, deixando-me levar. O ódio e o ciúme já trabalhavam a todo vapor. Fernanda também me deu apoio, guiando-me pelo cotovelo como que fazendo um escudo.

– Ah, eu também vou fazer! Com um homem desses, eu faço qualquer coisa! – Riram. – Ô, lá em casa, hein?

Tentei fazer meu corpo voltar para, quem sabe, dar belos socos na cara de cada uma, mas Lara e Fernanda me seguraram com força e me tiraram dali super depressa. Assim que saí, foi como se tudo tivesse mudado. O lugar estava cheio de gente, a inauguração bombava mais do que quando entrei no banheiro. A felicidade que tive ao ver todas aquelas pessoas prestigiando o trabalho do Caleb me fez esquecer aquelas vadias. Pelo menos por enquanto.

– Nossa, quanta gente! – comentei, admirada. – Um sucesso!

– Você está bem, Amande? – perguntou Fernanda, largando-me devagar. Lara fez o mesmo, porém foi mais cautelosa.

– Estou ótima! Deixa aquelas idiotas pra lá, não vou me estressar por causa delas. Olha isso, que orgulho! – Apontei para o grande salão.

– Ai, meu Deus, ele está logo ali. – Lara apontou para o outro lado. – Vou ficar bem longe, tchauzinho! – Saiu correndo na direção do lado oposto.

A ministra começou a rir assim que Lara se foi. Não sei por que, mas acabei rindo junto. Que doideira era a nossa vida! Cada qual com um problema diferente, um carma para superar. As coisas não eram fáceis para ninguém, disso eu tinha certeza absoluta.

De repente, senti mãos quentes me puxando. Uma boca ansiosa procurou a minha e, antes mesmo de se encostarem o bastante, uma língua deliciosa já investia com necessidade. Demorei a me recuperar do susto, mas o reconhecimento foi rápido: o cheiro do Caleb tomou meus sentidos instantaneamente. Nem me dei ao trabalho de me afastar, se ele queria me beijar como um louco ali mesmo, que seja. Tomara que aquelas idiotas tenham saído do banheiro para ver aquilo. Um sentimento de posse e orgulho se apoderou de mim, portanto fiz questão de beijá-lo como se quisesse deixar claro que ele me pertencia.

Assim que sua boca desgrudou da minha, vi um sorriso lindo estampado em seu rosto. Sorri também, porém me lembrei de que havíamos sido muito indelicados, afinal, a ministra Fernanda Pires ainda estava por ali. Virei o rosto na direção dela, que nos encarava seriamente.

– Desculpa, ele é meio incontrolável às vezes – falei.

Do nada, Caleb me empurrou para trás de si, um movimento brusco que me fez pular de susto pela segunda vez. Quase caí para trás, mas suas mãos firmes me seguraram com força.

– O que faz aqui? – rosnou de um jeito rígido que eu, sinceramente, nunca tinha visto nele. Olhei para a ministra, ela o encarava com um sorriso estranho. Diferente dos que tinha me oferecido até então.

Ai. Meu. Deus.

Simplesmente não pude acreditar. Foi demais para mim. Eu sabia que alguma coisa estava errada, sabia! Sabia que aquela mulher era uma possível ex-foda, devia ter escutado a voz dos meus instintos.

A vergonha que senti foi tanta que puxei minhas mãos com força, tentando me livrar dele. Caleb não permitiu meu movimento, continuou me mantendo distante da Fernanda. Não compreendia o porquê de ele estar sendo tão dramático, não havia necessidade daquilo.

– Me solta, Caleb – murmurei baixinho, sem querer chamar atenção.

– Fique aqui, Amande – disse friamente, sequer olhando para mim. Continuou encarando a ministra como se ela fosse um monstro. – Fiz uma pergunta, o que faz aqui?

– Só estou vendo suas fotos, senhor. Nada demais. – Fernanda chacoalhou as mãos para frente como se quisesse pedir paz ou algo assim.

As mãos do Caleb começavam a me deixar dolorida. Ele estava usando força desnecessária.

– Me solta, Caleb... Me solta, está me machucando! – Puxei as mãos com tudo, desta vez conseguindo me livrar.

– Não quero você aqui – disse para a ministra, ainda sem me olhar. Pensei em sair dali, mas a curiosidade falou mais alto. – Vá embora antes que eu peça para o segurança vir lhe buscar.

– Não há necessidade disso, senhor. – Fernanda deixou o sorriso estranho morrer. – Só vim ver

suas fotos.

– Vá embora.

Céus... Por que ele estava agindo daquele jeito? Que horror! Por um instante, tive verdadeira pena da Fernanda. Ela estava sendo tão educada e respeitosa. Poxa, só porque era uma ex-foda não significava que devia ser tratada como um bicho. Além do mais, percebi que outras ex-fodas circulavam por ali – estava me mantendo atenta a tudo e a todos – e nem por isso o barraco precisou ser armado. Acho que o Caleb havia exagerado no Chablis.

– Caleb, não... – tentei falar alguma coisa, mas ele virou o rosto na minha direção e me mostrou um olhar que dizia claramente: “cale a sua boca”. Um olhar frio, calculista... Dominador. Fiquei muda imediatamente.

– Já estou indo, senhor – Fernanda disse tristemente. Estava tão envergonhada quanto eu. – Foi um prazer, Amande. – Sorriu para mim, meio cabisbaixa.

Meu Deus... Meu Deus. O que estava acontecendo ali?

– Venha, Excelência, eu te acompanho até a saída – falei, segurando-lhe uma mão.

– Não. – Caleb me puxou tão bruscamente para si que quase caí. Seu olhar ainda estava muito estranho. – Deixe que ela vá.

– Você está sendo estúpido, Caleb. Solte-me.

Ele não soltou.

– Não, Amande... Deixe... Deixe, eu estou indo. Boa noite.

Fernanda Pires se afastou a passos largos. Fiquei sem reação. Completamente embasbacada com a cena ridícula que tinha acabado de acontecer. Olhei para o Caleb com raiva; sua expressão havia se modificado da água para o vinho. A ferocidade foi embora, dando lugar a um olhar perdido.

– O que foi isso? – perguntei, visivelmente chateada. Só me restava perguntar mesmo. Eu jamais chegaria a uma conclusão sozinha.

– Depois conversamos.

– Por que foi tão grosseiro?

– Era preciso, do contrário ela jamais iria embora.

Céus...

Um raio de lucidez me fez compreender o tipo de relação que Fernanda teve com Caleb. O mero pensamento me assustou, porém estava tão óbvio que só consegui sentir mais raiva.

– Sim... Sua submissa precisa de um dominador – rosnei, livrando-me de suas mãos que ainda me prendiam. – Quer saber? Não quero fazer parte disso. Mantenha-me ignorante, pelo amor de Deus.

– Depois conversamos, Amande, não quero falar sobre isso agora e muito menos brigar contigo. Estou feliz demais com o que fez por mim hoje, essa mulher não vai tirar a minha felicidade.

Soltei um longo suspiro e fechei os olhos, buscando calma. Até quando eu ia suportar situações daquele tipo? Qual era o meu limite? E se um dia simplesmente me cansasse? E se resolvesse desistir, vencida pelo cansaço?

Será que tudo valia mesmo a pena? E se Caleb e eu estivéssemos fadados ao fracasso?

– Amande... – Caleb me abraçou ternamente. – Não faça essa cara, por favor. Olha pra mim.

Encarei-o, e então meu mundo cinzento de pensamentos ruins desabou e teceu fios de esperança. Fios azuis e brilhantes, da cor dos olhos dele. Em um segundo, pouco me importava com o

que ele tinha sido para outras mulheres. Só importava o que ele era para mim.

– Seus pais estão aqui e... os meus também. – A informação fez meu corpo congelar, ainda mais porque foi dita com muita emoção. – Você é uma filha da mãe – disse sofregamente, murmurando em meu ouvido. – Eu te amo demais... Amo tanto que mal consigo esperar pela hora de chegarmos a nossa casa. Preciso estar em você, princesa.

Ri de leve, emocionada e automaticamente excitada. Então meus planos haviam dado certo! O reencontro tinha acontecido, depois de sete anos. Meus sogros estavam ali, curtindo o filho. Nossa... A felicidade que senti foi tanta que me atirei nos braços do Caleb, beijando-o apaixonadamente.

Meu Deus... Perdoe-me por ter pensado, por um segundinho, que não valia a pena.

É claro que vale.

20º Capítulo

2 meses e 5 dias depois...

Meus pais conheceram os pais da Amande. Foi meio engraçado e emocionante ao mesmo tempo. Estive nervoso – não queria que nada desse errado com esse encontro –, mas tudo deu certo. Nós usamos a estratégia de nunca deixá-los sozinhos, pois poderiam percorrer por assuntos não tão agradáveis. Por isso, Amande e eu ficamos de mediadores, cuidando para que nada fosse dito fora de hora.

Mamãe não quis me largar nem por um segundo. Não foi nem um pouco incômodo para mim, a saudade que eu sentia demoraria a passar; prometi que lhe visitaria com frequência, mesmo meu pai não tendo feito uma cara tão boa assim quando sugeri isso. Mais teimoso do que uma mula manca. Bom, pelo menos ele não impediu.

As pessoas começaram a ir embora aos poucos. Esperamos todas elas saírem, o que acabou não demorando tanto assim. Quando nos despedimos de todos e fechávamos o estúdio – a arrumação teria de ficar para o dia seguinte – meu relógio de pulso demarcava quase três horas da manhã. A noite realmente tinha durado mais do que esperava.

E duraria ainda mais.

Não via a hora de estar sozinho com a Amande. Os meus planos para a outra metade da madrugada eram quentes. Ela nem imaginava que tantas coisas me passavam pela cabeça, e estava disposto a por em prática cada uma delas.

– Ufa! Deu tudo certo. Amém! – disse assim que chegamos à nossa casa. Ela colocou sua bolsa dentro de um móvel logo na entrada e se inclinou para tirar as sandálias.

Não permiti que o fizesse. Puxei-lhe pelos braços e a abracei, permitindo que nossos rostos se encostassem, testa com testa.

– Você me deu a noite mais feliz da minha vida – murmurei. – Aliás, todas as noites contigo são as melhores da minha vida, Amande.

– Da minha também, meu lindo – falou baixinho, roubando-me um beijo casto e breve.

Segurei seu rosto e lhe admirei, compreendendo que estava com meu mundo inteiro nas mãos. Nunca pensei que pudesse amar tanto alguém. Aquilo só fazia crescer, enraizava-se em mim de um jeito que eu sabia que era irreversível. Amande precisava ser minha para sempre, era obrigatório. Faria o possível para que acontecesse.

– Sei que está cansada... Também sei que está chateada, mas...

– Deixa isso quieto, príncipe, por favor.

Soltei um suspiro. Pretendia deixar aquilo quieto apenas naquela noite. Uma conversa complicada teria de ser abordada, Amande precisava ouvir tudo. Seria melhor para nós dois colocar os pingos nos is. Deixar espaços para que começasse a imaginar coisas não era uma opção atraente. O diálogo aberto fazia parte da segurança que eu fazia questão de lhe passar. Nosso relacionamento não vai a lugar algum se Amande não estiver segura comigo.

– Estou querendo dizer que quero te agradecer por tudo o que fez por mim – concluí, sentindo-me emocionado. Incrível como a minha sensibilidade havia se afluído em noventa e nove por cento

desde que a conheci.

Eu não era daquele jeito, estava longe de ser tão romântico. Em contrapartida, aquele novo homem que nasceu me agradava. Afinal, ele agradava à Amande. Tudo o que a agradava me agradava também.

– Príncipe... Você é a minha recompensa. Seu sorriso é tudo de que preciso.

Sorri torto automaticamente. Amande me puxou pela nuca e me beijou mais uma vez. Inclinei-me e lhe peguei no colo, levando-a para o banheiro do nosso quarto. Acho que ela pensou que eu a levaria para a cama – claro que o fim seria lá, mas não tinha pressa. Apesar do cansaço e de ter me emocionado de modos distintos naquela noite, jamais me cansava de agradar aquela mulher. A minha mulher.

Todo homem inteligente o bastante deve fazer da sua companheira a pessoa mais realizada do mundo. Não existem desculpas, os que não o fazem são preguiçosos ou egoístas. Eu não sou nenhum dos dois, muito menos quando se trata dela.

Depositei Amande sentada na beirada da banheira. Ela me encarou sem entender, mas eu apenas sorri.

– Confia em mim? – perguntei, ajoelhando-me diante dela. Ficamos cara a cara.

– Confio tudo o que sou a você, príncipe – disse, alisando meus braços que pousavam ao seu redor.

– Quero que se preocupe apenas em sentir tudo o que eu fizer em você, princesinha. Não pense no tempo nem em mais nada. Esqueça tudo.

Ela fez uma careta engraçada. Sorri torto.

– O que está planejando, seu safadinho? – Balançou o dedo indicador na ponta do meu nariz.

Pensei no que responder. De repente, percebi que era sério demais.

– Se eu disser não será surpresa... Mas, se for demais para você, é só avisar. Está bem?

Seus olhos escuros se abriram bastante. Pensei que questionaria. Me enganei.

– Estou excitada só de imaginar, ainda mais com você me olhando desse jeito. Mal consigo esperar. Olhe. – Amande puxou uma das minhas mãos e fez com que ela atravessasse suas coxas, por baixo do vestido vermelho fodidamente sexy que vestia. Abriu as pernas, facilitando que meus dedos encontrassem sua calcinha, que já estava ensopada, e, conseqüentemente, seu sexo pronto para mim.

Devo ter soltado um grunhido de tanto tesão. Ela riu de leve, provocando-me arrepios na espinha. Eu também mal conseguia esperar, e foi por isso que lhe beijei loucamente ali mesmo, ajoelhado. Minhas mãos percorreram suas pernas macias, ainda cheiravam a hidratante – um odor que eu já conhecia perfeitamente. Fazia parte dela.

Findei o beijo e me levantei decididamente, abrindo a torneira de água quente da banheira. Um jato forte começou a escorrer, provocando um barulho que ecoava em todo o banheiro. Amande permaneceu no lugar, exatamente como eu queria.

– Não se mexa, linda – avisei, e fui obedecido.

Abri um dos armários e peguei alguns óleos e sais especiais. Todos afrodisíacos. Ainda estavam lacrados; sempre gostei de aromas, mas meu tempo para desfrutar deles como devia era reduzido. Costumava fazer essa atividade sem companhia. Amande era parte de mim – a melhor parte –, portanto nada mais justo que vivenciássemos juntos. O que eu tinha em mente exigiria um trabalho completo.

Trabalho? Era estranho pensar em trabalho relacionado ao que íamos fazer. Jamais gostaria de

misturar prazer com trabalho de novo. Reformulei a frase mentalmente, trocando a palavra trabalho por dedicação, enquanto retirava um monte de velas de variados tipos de dentro da última gaveta de outro armário – aquele ficava embaixo da pia.

Também retirei duas pedras e um aparato para incenso líquido. Aquele era maior, feito para caber as pedras. Enchi o aparato com a água quente que saía da torneira da banheira e acendi a chama com um isqueiro. Deixei-o em cima da pia. Só então comecei a acender todas as velas. Eram muitas, de forma que o ambiente ficou quente, perfumado de um jeito incrível e iluminado.

Olhei para a Amande. Ela estava no mesmo lugar, dividindo sua atenção entre mim e as velas. O terno que eu vestia começou a quase pegar fogo. O calor era imenso. Retirei a gravata, o terno e a camisa, depositando-os dentro de um cesto preto, estrategicamente embutido.

Desliguei a torneira de água quente e liguei a de água fria. O choque térmico fez muito vapor invadir o ambiente. Comecei a jorrar os óleos e sais na banheira, além de um líquido esverdeado que prometia fazer espuma na medida certa.

– Nunca senti um cheiro tão excitante em toda a minha vida – Amande murmurou.

Caminhei até o interruptor e desliguei as luzes. O banheiro ficou iluminado apenas pelas velas; sombras a meia-luz faziam do ambiente um lugar surreal, diferente. Parecia que tínhamos entrado numa espécie de caverna, algo rústico, mas ao mesmo tempo aconchegante.

– Uau! – Ela ficou impressionada, guiando seu olhar para todos os lados. Eu também fiquei, porém minha concentração funcionava incansavelmente.

Devagar, voltei a me ajoelhar diante dela. Puxei seu pé direito e comecei a retirar suas sandálias de salto, massageando-lhe a panturrilha até os joelhos durante o processo. Minhas mãos buscavam todas as habilidades que adquiri com a massoterapia, e então meu corpo e mente já estavam conectados à pele de Amande. Foi algo espontâneo e ligeiro, uma mágica que nem eu sabia explicar. Tudo se intensificava porque, além de todo prazer que o ato me oferecia, amava aquela mulher mais do que eu mesmo.

Terminei de retirar seus sapatos, mas minhas mãos não pararam de lhe estimular. Levantei a cabeça para conferir suas reações; Amande tinha os lábios presos e uma expressão que evidenciava todo o desejo que já sentia. Aquilo era só o começo. Mal sabia o que lhe aguardava.

Meus dedos formularam movimentos ora rígidos ora suaves, fazendo uma trilha circular em suas coxas grossas. Sua pele cedia a cada movimento, dava-me boas-vindas e me excitava com tanta permissividade.

Foi lentamente que alcancei o elástico da sua calcinha bege. Aproximei meu rosto até quase beijá-la, mas não o fiz. Mantive-me perto, às vezes alisando a pele fininha entre suas coxas com o meu rosto enquanto brincava com o elástico. Ouvi seu primeiro suspiro de excitação. Meu objetivo era lhe arrancar quantos mais forem possíveis.

A outra mão ainda trabalhava, e assim permaneceria até o fim. Aquele primeiro momento precisaria apenas de uma: a que eu deposei, depois de um longo tempo apenas ameaçando, dentro de sua calcinha. Estava muito molhado e quente ali dentro, seu sabor havia sido divinamente fabricado. Meu maior desejo foi prová-lo, mas a hora certa chegaria. Precisava manter a calma.

Amande soltou um gemido delicioso de ser ouvido. Minha ereção pedia socorro dentro da calça, e um espasmo grotesco fez meu corpo tremer assim que aquele gemido irrompeu da boca apetitosa dela. Chacoalhei meus dedos, devagarzinho, fazendo outro gemido ecoar pelo ambiente. O cheiro exótico ainda estava no ar, intensificava-se a cada segundo que passava e se misturava com o

cheiro dela. Para mim, não podia existir combinação mais perfeita.

Meus dedos começaram a lhe massagear o sexo, imitando os mesmos movimentos que eu havia feito em suas coxas. Sempre ritmado e lento, repleto de sutilezas que me deixavam orgulhoso a cada gemido excitante que Amande soltava.

Apoiei sua perna esquerda no meu ombro direito e abri a outra até se apoiar no outro lado da beirada. Ela ficou abertinha para mim, entregue, sem saídas. Sua respiração se tornou ainda mais ofegante, percebi que seu peito subia e descia numa velocidade incrível.

Meus dedos ainda trabalhavam, mas decidi acelerar o ritmo. Mesmo assim, apesar de rápidos, tentei manter os movimentos leves, sem grosseria. Não queria machucá-la. Era muito importante que Amande não se sentisse desconfortável nem por um segundo.

Seu ventre começou a se contorcer rápido, e os gemidos ficaram ainda mais altos e constantes. Percebi quando mais líquido lubrificante foi fabricado, então ela estava tão molhada que meus dedos basicamente patinaram por ali. Aquilo facilitou que eu acelerasse ainda mais. Ela gritou alto e seu corpo pulou pelo menos três vezes antes que eu sentisse seu sexo enrijecer e estar pronto para o orgasmo. Que veio alguns segundos depois.

– Caleb! – gritou o meu nome como sempre fazia, puxando meus cabelos com uma mão. Eu tinha consciência de que fazia uma careta esquisita, pois minha excitação estava perto do limite. Seu quadril remexeu durante um tempo prolongado, e a respiração forte ficou bem pior depois que o êxtase passou.

Assim que todos os resquícios do orgasmo foram embora, retirei meus dedos e os suguei com avidez. Seu gosto maravilhoso era o meu néctar, meu manjar favorito. Saber que aquela delícia havia sido feita para mim chegava a ser doloroso de tão estimulante.

O calor do banheiro já estava insuportável. Minha pele estava suada e a de Amande, principalmente depois do clímax, tinha gotas de suor escorrendo. Levantei-me devagar e fechei a torneira de água fria, tornando a ligar a de água fervente. Conferi a temperatura; realmente estava precisando ficar mais alta. O banho seria quente mesmo. A sensação era de que estávamos numa sauna.

Retirei meus sapatos e as meias, bem como a calça social que vestia. Fiquei apenas de cueca boxer cinza. Nem me preocupei em esconder minha ereção firme, não ia adiantar. Estava óbvia demais.

Encarei a Amande. Ela me olhava fixamente, ainda com as pernas meio abertas. Esperava pacientemente por algo que nem sabia o que era, sinal de confiança incondicional. Enchi-me de orgulho e alegria, pois considero confiança a coisa mais difícil de obter de alguém – mais até do que o próprio amor.

Abri uma gaveta comprida e peguei uma esponja grande, macia e redonda. Depositei-a ao lado da Amande, e só então a puxei pelos braços, fazendo com que se erguesse. Ela cambaleou um pouquinho, mas tratei de segurá-la com força. Beijeí sua boca suavemente assim que seu corpo colou no meu.

Durante o beijo, terno e sem pressa, abri o zíper que prendia seu vestido escarlate nas costas. O tecido era pesado, porém, como era justo – o que fazia suas curvas serem perfeitamente desenhadas –, precisei de um pouco mais de força para fazê-lo cair no chão.

Amande vestia um sutiã bege sem alças, da cor da calcinha. Minha boca largou a sua e iniciou uma caminhada excitante que passava pela sua orelha, descia pelo pescoço e parava no seu ombro.

Não perdi tempo e logo desfiz o fecho do sutiã, largando-o no chão. Seios espetaculares ficaram expostos; minhas mãos já estavam neles antes mesmo que pudesse vê-los.

Foi impossível impedir a minha boca de seguir um caminho repleto de beijos até eles. Chupei-os devagarzinho, sentindo-os enrijecer entre os meus lábios. Amande, que me alisava os cabelos e às vezes descia para meus braços, decidiu guiar suas mãos na direção da minha ereção, porém a impedi no último instante, afastando-me estrategicamente. Ela ia reclamar, mas desistiu quando me viu agachando para retirar sua calcinha completamente.

Dei-lhe um selinho no sexo ensopado e voltei a me erguer. Abracei-a fortemente.

– Eu te amo – sussurrei, fechando os olhos para sentir toda a verdade que a frase carregava. Impressionante como três pequenas palavras podiam significar tanto. No meu caso, valia a minha existência.

– Eu também te amo – sua resposta veio tão sussurrada quanto a minha.

Beijei-a mais uma vez, intensamente. Ela guiou suas mãos pelo meu corpo, explorando-me, exigindo-me para si. Parecia indecisa sobre onde pegar, fazendo seus braços subirem e descerem rapidamente, tocando-me o cabelo, a nuca, as costas, ombros, braços... Desceu por trás e me apertou a bunda. Depois, alisou a lateral das minhas pernas.

Estava quase me deixando levar, mas o momento era somente dela. Por isso, retirei suas mãos de mim e a guiei até a banheira. Fechei a torneira e conferi a temperatura: agora sim estava perfeita, na medida certa. Uma espuma cheirosa já havia se formado. A água estava meio espessa, parecia que continha óleo puro, mas era apenas o efeito de um dos produtos.

Amande colocou uma perna de cada vez dentro da banheira. Fiz com que ela se sentasse no meio. Seu rosto fixava uma expressão deliciosa de desejo, e se intensificou quando seu corpo foi tomado pela água, que ficou na altura dos seus seios. Linda. Perfeita. Jamais me cansaria de admirá-la. Aquele fim de noite seria especial. Tinha completa certeza, pois eu daria tudo de mim. Absolutamente tudo.

Retirei a minha cueca enquanto sentia que ela me observava. Minha ereção ganhou liberdade, estava tão firme que doía um pouquinho. Notei que Amande a analisava fixamente; acabei sorrindo torto, achando graça. Entrei na banheira espaçosa – cabíamos perfeitamente –, sentando-me logo atrás dela. Minhas pernas escorreram pela lateral das suas. Abracei-a por trás, fazendo nossos corpos quentes se encostarem.

A água estava interessante. Ao mesmo tempo em que refrescava, trazia uma sensação de calor que provocava a luxúria. O cheiro era espetacular, único. As velas ainda trabalhavam incansavelmente, e a meia-luz em que se encontrava o banheiro despertava ainda mais o desejo, o torpor. Um cenário perfeito, nem eu sabia que ficaria tão bom.

O corpo da Amande estava quente e mais lisinho impossível, principalmente porque estava sob o efeito dos óleos. Minhas mãos percorreram seus ombros, desceram pelos braços e pararam nos seios, apertando-os. Ela gemeu, deixando meu sexo – que se encostava a algum ponto muito perto da sua bunda maravilhosa – soltar um espasmo gostoso.

Meus lábios encontraram a pele cheirosa do seu pescoço. Beijei suavemente. Ela gemeu de novo.

Pensei em lhe dizer alguma coisa, mas qualquer palavra seria supérflua demais. Deixaria que o momento falasse por si. Só ele era capaz de traduzir o intraduzível; o amor que eu sentia, o medo de perdê-la, a saudade de algo que estava na minha frente, a urgência em tê-la o tempo todo, o ciúme, o

carinho, a vontade, a necessidade. Só o silêncio poderia dizer o quanto eu a pertencia e o quanto amava pertencê-la.

Peguei em seus cabelos. Eles ainda estavam presos num penteado bonito, portanto comecei a retirar, devagar, os grampos que os prendiam. Fui colocando cada um na lateral da banheira, entretido no movimento que as mechas faziam quando se viam livres. Quando finalmente consegui retirar todos eles, iniciei uma massagem ritmada em seu couro cabeludo.

Percebi quando seu corpo se arrepiou. O arrepio veio acompanhado por mais um gemidinho delicioso. Inclinei-me e lhe beijei o pescoço mais uma vez, descendo pelos ombros, sem afastar meus dedos que trabalhavam intensamente.

– Acho que vou ter um orgasmo assim mesmo – falou baixinho. Rimos de leve.

Fiz um movimento comprido no topo do seu crânio.

– Você vai ter muitos orgasmos hoje, Amande – murmurei, ciente de que ela não fazia ideia do que a aguardava. Aquilo me enchia de expectativa e desejo, tudo ao mesmo tempo.

– Hummmmm...

Sem pressa, estimulei cada pedacinho do seu rosto. Era tão bom tocá-la. Seus contornos eram lindos, um conjunto sinfônico de perfeição que me fazia pirar. Estava tão entretido em massageá-la que fechei os olhos e senti cada movimento como se fosse eu quem recebia a massagem. De fato, a sensação de relaxamento era a mesma, e por que não dizer, maior.

Percebi que o momento se tornava mais íntimo a cada segundo; era diferente da primeira vez que a massageei na despedida, pois não a conhecia. Naquele instante, notei que nunca conheci alguém como a conhecia, em todos os âmbitos, de todas as formas: seu corpo, pensamentos, gestos, atitudes, cheiro. O mais incrível era que, apesar de conhecê-la tanto, Amande ainda era um mistério. Tudo porque sabia que ela tinha uma fonte inesgotável de informações e novidades para me passar. Aquilo acontecia aos poucos, em doses homeopáticas. Talvez eu morresse afogado se bebesse aquela fonte toda de uma vez. Não sei, só sei que morreria feliz.

Minhas mãos escorreram pelos seus braços até encontrar as suas. Comecei a massageá-las, as duas ao mesmo tempo. O óleo contido na água ajudava o movimento, fazendo meus dedos trabalharem do jeito que queria. Amande depositou a cabeça no espaço entre o meu queixo e o meu peitoral. Vi quando prendeu os lábios.

Seus seios ficaram a mostra por causa da posição. Não resisti: peguei-os imediatamente. Ela gemeu de novo.

Resolvi deitar, apoiando a cabeça no encosto da banheira feito exatamente para isso. Arrastei-a comigo, deixando que se deitasse sobre o meu corpo. Puxei a ponta dos seus seios com força medida. Amande se contorceu um pouco e suspirou. O curto movimento fez minha ereção encontrar um espaço entre suas coxas, e lá permaneceu. Ela percebeu o que tinha acontecido e abriu as pernas, levando uma mão para a ponta do meu sexo.

Não permiti que o tocasse por muito tempo. Peguei suas mãos e comecei a massageá-las de novo, mas Amande continuou com as pernas abertas, resolvendo depositá-las uma em cada lado da banheira.

– Você está tão safada - sussurrei em seu ouvido. Sua cabeça estava apoiada no meu ombro direito.

– É o seu efeito sobre mim.

Com a mão esquerda, fiz seu rosto se virar na minha direção, deixando nossas bocas coladas.

Beijei-a meio lateralmente, foi um beijo composto mais de línguas do que de lábios. Uma delícia sem limites. Minha mão direita seguiu trajeto para dentro da água, passando pela sua barriga e encontrando seu sexo exposto, abertinho para mim. Ela gemeu quando o atingi.

Meus dedos trabalharam no seu ponto mais sensível. Estava durinho, provocando-me.

Amande se inclinou um pouco para frente e voltou a mexer na minha ereção, só que desta vez conseguiu ser mais rápida. Quando menos esperei, já a penetrava deliciosamente. Ela tornou a se deitar no meu ombro, mas suas pernas se flexionaram na lateral da banheira, ajudando-a a iniciar um movimento lento, porém profundo, em cima de mim.

Aquilo não estava nos meus planos, mas ela estava tão excitada que não impedi. Meus dedos aceleraram o ritmo, fazendo-a gritar alto. Eu suportaria se fosse rápido, portanto a faria gozar depressa. Sentir seu sexo cedendo a cada movimento era insuportavelmente delicioso. O pior momento foi quando ele começou a me expulsar, contraindo-se, apertando-se ao meu redor.

Usei toda a minha experiência com o autocontrole para tentar não gozar junto com ela. Acelerei ainda mais os meus dedos, fazendo com que soltasse gritos e gemidos ainda mais altos. Meio segundo foi necessário para que começasse a gozar em mim.

Abracei seu quadril com a mão livre, obrigando-a a parar de se mover. Afastei meu sexo rapidamente, sentindo o clímax batendo a porta. Não o deixei entrar. Meus dedos trabalharam até que seus espasmos cessaram completamente.

– Não vale – choramingou depois de alguns segundos apenas tentando respirar. – E você? – Tentou segurar minha ereção novamente, mas a impedi. Dei-lhe um abraço apertado.

– Ver você gozar é melhor do que gozar, princesinha – murmurei. – Não tenha pressa. Relaxe... Apenas relaxe.

Voltei a lhe massagear com cautela. Sua respiração foi se acalmando aos poucos, na medida em que sua pele cedia aos meus dedos. Peguei a esponja que havia separado ao lado da banheira e comecei a passá-la em seu corpo. Vagarosamente.

Amande voltou a relaxar muito depressa. Ficou tão quieta e calada que pensei que havia dormido. Só descobri que estava acordada quando, do nada, levantou-se depressa, apoiando as mãos na lateral da banheira. Meio que levei um susto com seu movimento brusco. Senti um frio horrível quando se afastou – mesmo sabendo que o clima no banheiro estava cada vez mais quente –, um vazio enorme que chegou a doer dentro de mim.

Ainda bem que sua distância foi quebrada logo: Amande se curvou e sentou em mim de frente, apoiando as mãos ao lado da minha cabeça. Encarou-me por muito tempo, e me vi incapaz de tecer qualquer comentário. Comecei a massagear suas costas, descendo pela bunda e chegando até as coxas. Ela continuou me olhando, mas abriu um pouquinho a boca.

Eu tinha completa consciência da minha ereção encostada ao seu sexo, aquilo me deixou perturbado e quase me fez perder o controle. Soltei um longo suspiro e me contentei em sentir sua pele entre meus dedos.

Amande aproximou seu rosto devagar, até que me beijou suavemente. Não dava para cansar de sentir o sabor dos seus lábios no meu. Aquele beijo era magnífico, sabia que havia se tornado o meu vício.

– Não acredito que estou excitada de novo... – falou entre meus lábios. Sorri torto, achando que meu coração não podia bater mais forte do que aquilo. Se acontecesse, talvez eu sofresse um infarto.

Meu sexo soltou um espasmo difícil de conter, fazendo meu ventre dar uma leve contorcida.

Acho que ela notou, pois, movimentando seu quadril, fez com que seu sexo alisasse toda a extensão do meu. Os pelinhos que ela tinha ali pinicaram um pouco, mas foi tão excitante que não pude evitar novo espasmo. Soltei outro suspiro e preendi os lábios, buscando o autocontrole.

Precisava fazer alguma coisa. Demorei alguns segundos para ter uma ideia, e logo a pus em prática. Segurei a Amande e a arrastei até a lateral oposta da banheira, fazendo com que se sentasse na beirada. Abri suas pernas e as segurei firmemente. Encarei-a. Ela segurava meus cabelos, já os apertando como se tivesse começado a fazer o que sabia que eu faria.

Mirei seu sexo exposto, servido de bandeja para mim. Meu corpo ardia de tanto tesão – estava quase implorando para ser liberto, porém precisava esperar a hora certa. Com vontade e certa selvageria, abocanhei seu sexo como se fosse uma fruta suculenta. Contracenei um beijo intenso de língua no seu ponto sensível. Amande já gemia muito, contorcendo-se bastante.

– Príncipe... – disse entre gemidos, sofregamente. – Você quer me matar?

Não respondi. Suguei, beijei, fiz movimentos circulares, usei meus lábios e a minha língua de todas as formas que minha mente – já fora do juízo normal – conseguiu imaginar. Tomei seu líquido lubrificante quando ele começou a ser fabricado em excesso, misturando-o com minha saliva e deixando seu sexo bem molhado. Não parei por nada. Amande se contorcia, gritava, agitava-se, chegou até a tentar me afastar, porém permaneci segurando suas pernas com força e investindo minha boca contra ela.

Amande gritou alto quando atingiu o êxtase, chamando meu nome diversas vezes. Sinceramente, pensei que demoraria mais. Aquela era a terceira vez dela, e parecia a primeira, de tão entregue que estava. Afastei-me assim que bebi seu gozo até a última gota.

– Eu quero te viver, princesa – só então a respondi, ajoelhando-me na banheira para lhe beijar a boca. – Vamos tirar essa espuma.

Entramos no box e terminamos de retirar, no chuveiro, os resquícios do óleo e da espuma. Deixei a banheira esvaziando enquanto Amande se enxugava com sua toalha cor-de-rosa. Abrimos a porta do banheiro e trememos de frio – o choque térmico foi intenso.

Deitei-a na cama e pus meu corpo em cima dela.

– Não terminamos – informei. Amande arregalou os olhos, mas nada falou. Ela até tentou dizer algo, que foi imediatamente calado com um beijo. – Fique aqui, volto já.

Comecei a trazer as velas para o quarto, deixando-as dispostas no criado-mudo, em cima de alguns móveis e também no chão. Abri uma das portas do armário comprido e retirei um colchonete, armando-o no meio do quarto. Cobri-o com um lençol branco. Sabia que Amande estava me olhando, atenta aos meus movimentos, porém não fez perguntas.

Peguei um óleo específico – que tinha uma embalagem redonda bem interessante, além do aparato que esquentava as pedras. A água já estava muito quente, por isso desliguei a chama com um assopro e coloquei as pedras em cima do colchonete, no canto direito.

– O que está pensando em fazer, amor? – finalmente ela perguntou.

Não respondi.

Chamei-a fazendo um movimento com o dedo indicador. Ela se levantou da cama e se aproximou devagarzinho, como se estivesse receosa. Apontei para o colchonete.

– Deite-se de barriga para baixo.

Fez o que pedi.

Tive o vislumbre do seu corpo delicioso; a bunda redondinha exposta para mim era como a

cereja em cima do bolo. Mas precisava me concentrar. Foi pensando nisso que peguei e vesti, na primeira gaveta do armário, uma calça branca de flanela bem folgada, o elástico estava quase saindo. Usava-a para dormir, mas não dormia vestido desde que Amande se mudou para cá.

Quando me ajoelhei no colchonete, já estava decidido a fazer a melhor massagem que já fiz na minha vida. Peguei o óleo enquanto esperava as pedras esfriarem um pouco, não queria queimar a Amande. Derramei grande parte do conteúdo em suas costas. Era um líquido viscoso e grudento, que dava uma sensação refrescante na pele. O cheiro parecia ter sido tirado de um jardim, ou de uma floresta.

Pedi para que Amande deixasse seus braços esticados ao lado do corpo. Comecei a estimulá-la pelos ombros, usando movimentos de diversas naturezas. Já tinha retirado alguns pontos de tensão das suas costas, tratei de lhe reduzir mais um único que tinha sobrado. Ela permaneceu silenciosa, com os olhos fechados. Estava muito relaxada e à vontade, combinação perfeita para um bom resultado.

Minhas mãos navegaram toda a parte posterior do seu corpo, e só depois disso comecei a usar as pedras que adquiri depois das aulas que tive de termoterapia. Estava massageando freneticamente seu traseiro fantástico quando Amande pareceu acordar, remexendo-se um pouco sob o meu toque. Resfolegou quando fiz um movimento circular que unia e afastava as nádegas. Gostosa!

Foi inevitável voltar a me excitar. Minha ereção em um instante ficou visível por baixo da calça branca. Continuei lhe massageando, até que jorrei mais óleo por ali, deixando-o escorrer por suas duas aberturas. Ela gemeu.

– Caleb... – murmurou.

– Hum?

– Acho que não vou sobreviver a esta noite.

– Não deixaria que isso acontecesse.

– Eu o quero tanto... tanto... – choramingou. Sua voz saiu tão fininha que achei mesmo que estava chorando, por isso me inclinei para ver seu rosto. Alarme falso. Era só manha. Estava criando uma garotinha dengosa e um monstro selvagem no mesmo ambiente. Sorri torto com este pensamento.

Levantei-me e peguei, em cima de uma cadeira dupla, uma almofada grande e triangular. Puxei Amande e fiz com que se deitasse em cima dela, mantendo seu traseiro na parte mais alta e o corpo inclinado para baixo. Ela protestou, mas me atendeu. Ficou com o rabo exposto para mim, divinamente posicionado.

Abri um pouco suas pernas e encontrei um espaço para me ajoelhar entre elas. Retomei a massagem como se nada estivesse acontecendo: comecei a lhe estimular do mesmo modo como fazia antes. Ela se contorceu muito, franzindo o lençol entre os dedos. Uma mão boba não resistiu e lhe tocou as duas aberturas simultaneamente. Amande gritou.

Prossegui a massagem por ali mesmo, desenhando os mesmos movimentos que havia feito ao longo do seu corpo. Ela empurrava a bunda na direção das minhas mãos, exigindo-me, implorando. Sua posição extremamente sensual e permissiva me deixava louco. Meu maior desejo se tornou evidente: queria fodê-la de quatro.

Contive-me.

A noite era dela, toda dela. Eu estava obrigando a mim mesmo a fazer papel de escravo sexual, proporcionando todo prazer possível sem se preocupar com o meu. Não sei se aquela atitude advinha

do meu costume de me manter sempre servindo sexualmente, mas jamais havia vivido momentos tão intensos daquele modo. A servidão proposital era um ato de amor, não um negócio, um acordo. Queria lhe servir porque a amava, e era esse amor que fazia tudo ser tão especial.

Meus dedos iniciaram uma confusão de movimentos rápidos e precisos. Amande soltava gemidos e suspiros, até que se esgueirou para trás e segurou meus pulsos com força.

– Amor... Eu quero você. Quero te sentir em mim. Por favor – implorou, ainda com aquela vozinha manhosa.

Quem sou eu para negar? Já estava louco para fodê-la, e ainda mais recebendo um pedido delicioso daqueles...

Com uma lentidão dolorosa, peguei o óleo e derramei nela. Só então abaixei a calça e encontrei o caminho para penetrá-la com força, sem rodeios. Nem fingi que não estava doido para fazer aquilo. O primeiro choque foi cruel, algo insano que fez nós dois gritarmos.

Apertei seu quadril, puxando-o para se chocar contra mim. O ritmo acelerado começou a provocar ruídos, ainda mais por causa do óleo que se dividia entre nossas peles. Amande se contorcia e gritava, e a cada choque via a minha liberação chegando. Tentei esperá-la o máximo que pude, juro que fiz um esforço absurdo para isso. Mas sua quarta vez demorava a chegar, enquanto a minha primeira começou a explodir involuntariamente, preenchendo-a.

Simplesmente gritei como um louco. Amande se contorceu e me prendeu, iniciando seu próprio êxtase. Foi então que percebi que, na verdade, era ela quem estava me esperando. Filha de uma mãe!

Tirei a almofada embaixo dela e deitei meu corpo sobre o seu, beijando-lhe a nuca suavemente. Ela ainda resfolegava, curtindo os últimos segundos do quarto clímax. Minhas mãos cobriam as suas, permanecendo entrelaçadas.

– Acho que não aguento mais – ela disse baixinho.

– Acha ou tem certeza? – fitei nossas mãos se acariciando.

– Sei lá... Pensei que não conseguiria desta última, mas foi natural. As coisas se modificaram.

– Tudo bem... Vou fazer as coisas se modificarem, então.

Amande grunhiu e eu me levantei, virando seu corpo para que ficasse de frente.

– Relaxe, princesa – murmurei baixinho, pegando o tubo de óleo para derramar entre seus seios, descendo pela barriga. – Não tenha pressa.

- Como consegue ser tão perfeito, príncipe?

Sorri torto, parando para encará-la. Estava linda demais, olhando para mim sob a luz de velas do nosso quarto. Seus olhos escuros brilhavam.

– Não sou perfeito. Eu só te amo.

Ela sorriu. Mais uma vez precisei agradecer à vida por me presentear um sorriso tão singelo, carregado de um misto de emoções que eu adorava sentir.

Iniciei uma massagem completa na parte da frente do seu corpo, fazendo os mesmos movimentos e trajetos que havia realizado na de trás. Depois, seguindo a mesma ordem, comecei a utilizar as pedras. Amande permaneceu com os olhos abertos, observando-me com atenção. Não sei o que pensava, mas sua respiração ficava inconstante toda vez que lhe massageava os seios ou o sexo.

Acredito que demorei mais na parte da frente. O momento estava uma delícia, meu corpo relaxava vendo o dela tão quieto. Esqueci de todo o erotismo que nosso ato acarretava e me concentrei apenas em sentir sua pele ao máximo.

Comecei a investir em seu sexo depois de quase meia hora naquele estado de torpor. Jorrei

mais óleo, mesmo percebendo que ele ainda estava ensopado com meu sêmen. Circulei meus dedos em toda extensão, e Amande abriu as pernas no impulso.

Levantei a cabeça para vê-la depois que fez isso. Ela sorria.

– Acho que as coisas se modificaram... – murmurou, ainda sorrindo.

– Isso é ótimo, porque aqui também se modificaram bastante. – Peguei sua mão para que tocasse na minha ereção já firme, por baixo da calça que tornei a levantar quando comecei a massageá-la de novo.

Deixei meus dedos acelerarem o movimento. Amande não me largou, continuou segurando-me firme e, às vezes, dava uma chacoalhada que me tirava do foco. Usei as duas mãos para deixá-la sem saídas; com uma, enfiei dois dedos em sua abertura, já a outra lhe estimulava bem depressa. Percebi que estava meio inchada, mas não parei. Sua expressão não era de dor, só demonstrava desejo.

Ela gemia baixinho, ritmicamente.

Curvei-me e deixei o movimento ainda mais intenso, estocando meus dedos dentro dela de um modo meio inclinado. Fiz isso até ela começar a me expulsar e, mesmo quando o fez, continuei a invadindo. Ela gritou meu nome entre gemidos abafados e suspiros intensos, uma confusão louca de palavras ininteligíveis.

Antes mesmo que concluísse, peguei-a no colo com jeito e nos fiz levantar. Joguei-a na nossa cama, depositando meu corpo sobre o dela. Quase não tive tempo de abaixar a minha calça, já a invadia com tanta vontade que pensei que fosse morrer de desejo.

– Princesa... – sussurrei em seu ouvido, investindo pesadamente contra ela. Amande ainda gemia loucamente, abrindo-se para mim como se não tivesse atingido o quinto orgasmo da noite. – Tenho problemas com números ímpares.

Quando o seu sexto orgasmo – agora sim ficaria satisfeito – e o meu segundo foi atingido, nem me pergunte quanto tempo depois, percebemos que o quarto estava mais claro que antes. Conferi o relógio de cabeceira, ainda dentro dela, constatando que já eram oito horas da manhã. Isso mesmo, oito da manhã!

As cortinas escuras do quarto pararam de fazer efeito por causa do sol forte lá fora. As velas ainda estavam acesas, outras tinham simplesmente se acabado. Amande também olhou ao redor, empurrando-me para que saísse dela. Solto um gemido.

– Tenho certeza de que ficarei dolorida.

– Valeu a pena?

– Cada segundo, lindo príncipe – murmurou, voltando a me puxar para si. Beijou-me a boca docemente, um beijo leve e rápido. – Estou faminta, acho que posso comer um boi. Só não comeria porque iria dormir antes que acabasse. Estou exausta também!

– Vou preparar o café – levantei-me.

– Nem que a vaca tussa – puxou minha mão. – Não fará nada por mim nos próximos cinco milênios. Não depois dessa.

Curvei-me para lhe dar um selinho.

– Nem que a vaca tussa esperaria tanto – retruquei seriamente, encarando-a.

Ela me puxou com força, obrigando-me a envolvê-la de novo. Ficamos abraçados, acabados, exaustos, famintos, sonolentos e muito, muito satisfeitos. Podia-se ouvir o silêncio que dizia coisas profundas sobre nós. Pelo menos a minha mente sussurrava o quanto eu era um homem feliz.

– Príncipe... – Amande murmurou depois de um tempo. Sinceramente, estava quase dormindo.

- Hum?
- Promete que nunca vai deixar nada nem ninguém nos separar?

Apertei seu corpo contra o meu.

- Prometo.
- Nadinha? Mesmo?
- Sim, linda. Nadinha.
- Nem eu mesma?

Parei para refletir.

- Promete que não vai deixar você nos separar? – perguntei.

Ela suspirou.

- Prometo. – Virou-se para me beijar. – Prometo.

21º Capítulo

3 meses e 18 dias depois...

O cotidiano andava muito corrido. Eu me envolvi completamente com a proposta de um grande fornecedor para a revenda de seus produtos, que acabavam de chegar à cidade. Minha loja foi escolhida a dedo, o que me deixou tão feliz que não pude fazer nada além de meter a cara no trabalho para atender a todas as exigências.

Caleb se ocupou tanto que só conseguia vê-lo tarde da noite. Paramos de ir juntos ao trabalho, pois seu horário estendido não permitia que saísse no horário comercial – eu precisava chegar mais cedo para organizar a casa e preparar o jantar.

Isso me frustrava às vezes, porém a alegria que sentia quando via seus olhinhos brilhando de expectativa por causa de novos trabalhos me fazia manter a paciência. Sabia que o meu apoio era fundamental, portanto comecei a fazer o papel de boa companheira, facilitando sua vida ao acordar mais cedo para fazer o café, separar suas roupas e a mochila que sempre levava com alguns artigos de higiene e demais suprimentos.

Sempre esperava ele chegar para que jantássemos juntos. Às vezes eu não tinha tempo para preparar nada, e então pedia comida para viagem em algum *drive thru* ou simplesmente ligava para a pizzeria da qual sabia que ele gostava. Tentei acompanhá-lo na academia em nosso horário de almoço, mas desisti. Sentia-me sonolenta após as refeições, totalmente sem forças. Resolvi começar a fazer caminhadas na praça do bairro, à noite, na semana passada – estava engordando demais com as guloseimas que ele sempre preparava no tempo livre. A praça era um local arborizado e movimentado, de modo que me exercitava tranquilamente e tirava todo o peso da minha consciência.

Os fins de semana eram sempre muito esperados, pois Caleb definiu que não atenderia a nenhum cliente nas manhãs e tardes de sábado ou domingo – a não ser que fosse um caso de extrema importância –, ficando esta responsabilidade para seus dois funcionários. Mesmo assim, ele precisava cobrir algumas festas à noite e eu acabava o acompanhando, até ajudava com algumas coisinhas. Nunca frequentei tantas formaturas, casamentos e afins em toda a minha vida quanto no último mês.

Foi quando voltávamos de um dos casamentos, cujo Caleb havia sido o fotógrafo contratado, que uma ideia fixa surgiu na minha mente. Na verdade não foi bem uma ideia, mas sim um tipo esquisito de obsessão. Depois de ter visto uma cerimônia perfeita e a felicidade clara estampada nos olhos dos noivos, uma depressão sem limites tomou conta de mim, deixando-me reflexiva.

Aquilo simplesmente não passou.

Dia após dia fui alimentando a culpa do que eu tinha feito ao João Pedro. O sentimento era amargo e me fazia chorar escondida quase todas as noites antes de dormir. Pesadelos horrendos se tornavam cada vez mais reais, trazendo-me um sono turbulento e uma sensação constante de cansaço. Dores de cabeça surgiam do nada, e eu tentava mascarar toda aquela angústia ingerindo grandes quantidades de remédio.

Caleb não fazia ideia. Jamais o aborreceria com algo que eu sabia que era proveniente da

velha Amande; o desespero de ter sido errada e injusta fazia parte de mim há anos. Quem pensava que era para achar que aquilo mudaria, do nada? O fato de estar absolutamente feliz ao lado do homem que amava gerava uma culpa ainda maior, pois sabia que, enquanto minha vida era presenteada com as melhores coisas do mundo, João sofria por causa de toda a humilhação que lhe causei.

Vi a mim mesma procurando o João Pedro: comecei mandando algumas poucas mensagens. Precisava conversar com ele seriamente, um papo aberto e sem rodeios. O respeito que eu sentia ainda se mantinha, mesmo sabendo que ele havia perdido todo o respeito por mim, visto que sua primeira mensagem em resposta foi um chingamento que me fez chorar calada quase o dia inteiro. Foi merecido. O pior castigo por tudo o que fiz foi compreender que nunca mais teria a consideração de alguém que sempre me colocou em primeiro lugar. De alguém que, antes de qualquer coisa, era o meu amigo. Uma pessoa que eu conhecia e admirava, alguém com quem construí uma história sólida, repleta de lembranças que eu não podia – nem devia ou queria – esquecer.

Mesmo correndo o risco de me machucar – ou pior, de deixá-lo ainda mais machucado –, comecei a ligar para ele. As mensagens não estavam adiantando, pois estava disposto a me responder apenas com grosserias. Eu não mandava muitas, não queria correr o risco de aborrecê-lo até que resolvesse trocar de número. Foram só umas três ou quatro, no máximo, dentro de duas semanas.

A princípio João se recusou a me atender. O telefone só fazia chamar, às vezes ele rejeitava a ligação e desligava o aparelho para que eu não insistisse. Isso não me fez desistir, nem me pergunte por quê. Estava obcecada pela ideia de pedir perdão e lhe explicar melhor tudo o que havia acontecido. Se fosse comigo talvez eu quisesse saber o quê exatamente ocorreu. Seria melhor do que ficar fantasiando, buscando culpados e tentando entender algo que não ficou claro.

Demorei a compreender que a nossa história terminou de um jeito ridículo, não somente por causa da minha fuga no meio da cerimônia, mas também porque nada foi esclarecido. Sério, depois de nove anos convivendo com ele, deixar as coisas sem explicações era algo tão tosco quanto a ideia de terminar um relacionamento por telefone ou algo do tipo.

Foi em uma noite de pura solidão – Caleb precisou trabalhar até muito tarde – que João decidiu me atender pela primeira vez. Ele não foi nada cortês e muito menos educado, mas concordou marcar um encontro comigo quando soltei a sugestão. Pelo menos não me chingou de nenhum nome feio.

Busquei ter muita paciência, ignorando cada desaforo explícito ou não que ele usava como arma contra mim. Eu já estava decidida, de modo que não houve espaços para arrependimentos. Segundo João, estava aceitando nosso encontro apenas para que eu lhe deixasse em paz, pois sua vontade real era de nunca mais cruzar o meu caminho.

– Que seja, João. – Soltei um longo suspiro, deitada no sofá de um jeito largado. Meu celular estava depositado sobre o meu ouvido, eu mal conseguia segurá-lo. – Amanhã conversaremos. Não se esqueça, às duas horas.

– Aham. Tchau. – A dureza de suas palavras doía muito, mas, por saber que merecia, estava aceitando com resignação. Ele desligou o celular antes mesmo que pudesse me despedir. E, antes mesmo que pudesse desligar meu próprio celular, já estava com lágrimas nos olhos.

O momento de depressão pura foi passageiro. Depois, veio apenas o susto: Caleb estava inclinado no encosto do sofá, encarando-me seriamente. Gritei fino e segurei o peito com uma mão, assustada.

Ele nem se mexeu. Continuou me olhando de um jeito sério que eu odiava.

– Caleb... – tentei falar alguma coisa, mas ele levantou uma mão, sinalizado para que eu nem começasse. Continuou mantendo seu olhar azul sobre mim. Abriu a boca, mas nada saiu dela. Voltou a fechar, desistindo. – Há quanto tempo está aqui? – Minha voz saiu tão baixinha que me deixou assustada.

Caleb balançou a cabeça, exasperado.

– O bastante para não conseguir entender o que eu ando fazendo de tão errado.

Fiz uma careta, já sentindo novas lágrimas escorrerem.

– Você não está fazendo nada errado, príncipe. Muito pelo contrário...

– Por que ligou pra ele, Amande? Por que está marcando um encontro às escondidas? O que está acontecendo, afinal? Não fazia ideia de que seu humor péssimo dos últimos dias era por causa desse cara. Está arrependida de tudo, é isso? Quer ele de volta?

– Não! – praticamente gritei, sentindo o sangue gelar nas minhas veias. – Claro que não, Caleb, não é isso! Não é nada disso, pelo amor de Deus!

Ele prendeu os lábios, permitindo que seu maxilar rígido ficasse tão duro quanto pedra. Não via aquela expressão sofrida em seu rosto desde a sessão de fotografias antes do meu suposto casamento.

– Então, o quê?

– Preciso pedir perdão, Caleb – chorei e falei ao mesmo tempo, uma atitude desesperada que o assustou visivelmente. – Não suporto tanta culpa, tanta dor... Odeio o fato de perder a amizade dele, de ter ido embora sem explicações como se seus sentimentos não fossem importantes. Odeio ter sido injusta, odeio tudo o que o fiz passar sem que merecesse nada! Preciso ao menos explicar o que aconteceu, mesmo que depois ele continue me odiando... Preciso fazer a minha parte!

Caleb aquiesceu como se compreendesse, mas um segundo foi necessário para que eu percebesse que não tinha entendido bulhufas.

– Por favor, Amande... Não minta pra mim. Não me esconda as coisas como vem me escondendo. Acha que não percebi que estava diferente? Pensei que fosse apenas cansaço ou que minha ausência estivesse lhe irritando, o que tenho certeza de que está... Mas não fazia ideia que sentia a falta desse cara.

– Sinto a falta dele, mas não é como imagina. Está longe de ser assim, não o quero mais como homem, Caleb. Meu homem é você, eu te amo e sempre vou te amar. Você é a minha escolha, não me arrependo nem por um segundo de ter te escolhido.

Acho que ele decidiu ignorar tudo o que eu havia dito. Só pode ser.

– Por que vai se encontrar com ele? Quando pretendia me dizer isso?

Abaixei a cabeça e decidi ser sincera.

– Não pretendia.

– Por quê? – rosnou, muito contrariado. Meu coração, que já batia em descompasso, pulou dentro de mim até me deixar sem fôlego.

– Porque não queria que brigasse comigo como está fazendo agora – choraminguei.

– Não estou brigando contigo, só quero entender por que, depois de tanto tempo, insiste em falar com ele de novo. Pensei que essa história tivesse morrido, mas o fantasma desse otário ainda vive entre nós.

– Ninguém vive entre nós, Caleb! – berrei, agora já com um pouco de raiva.

– Não quero que se encontre com ele, Amande. Simplesmente não quero.

Sua atitude me surpreendeu muito. Passei alguns segundos para mostrar qualquer reação; sentia a raiva aumentando a cada instante. O que era esquisito, pois meu corpo não sabia o que era sentir raiva do Caleb. A sensação foi tão ruim que chorei ainda mais.

– Não adianta chorar, Amande, eu não quero que o veja de novo.

– Não pode fazer isso... Não pode me impedir de fazer o que preciso fazer...

– Não estou impedindo. Isso não é uma ordem, sequer é um pedido. Estou apenas informando que eu não quero que você se encontre com esse imbecil. Se o fizer, saiba que estará fazendo contra a minha vontade. Só isso.

Levantei do sofá, achando tudo aquilo um absurdo. A conversa estava seguindo rumos estranhos. Nunca havíamos nos tratado daquela forma desde que assumimos um compromisso. Caleb estava sendo ciumento e controlador de um jeito incomum, nem parecia que era ele ali, diante de mim.

Eu tentava controlar o ciúme que sentia por ele o tempo todo em prol do nosso relacionamento e ele não podia se controlar um pouquinho para que eu resolvesse super rápido algo que me incomodava? Fala sério!

– Seu ciúme é infundado. Quando recobrar o juízo, voltaremos a conversar. – Fui caminhando na direção da cozinha.

– É mesmo infundado? Você tem uma vida com esse idiota, Amande.

– Não fale dele assim, isso me irrita.

Ele riu, mas sem sentir a menor graça. Um riso desdenhoso que odiei.

– Viu só? Depois diz que ele não está entre nós. Você procura por ele, chora por ele deitada no sofá e agora o protege. – Caleb já tinha o rosto vermelho.

– Meu Deus, não é nada disso!

– Amande... Diga a verdade. Só isso que peço.

Fiz uma careta do tamanho do mundo. Aquela desconfiança toda não combinava com ele. Não mesmo. Nem parecia que Caleb me conhecia tão bem falando daquele jeito.

– Sabe quem está entre nós? As milhares de ex-fodas que você tem. Pensa que não sei que elas te procuram todos os dias em busca dos seus serviços de fotógrafo, quando na verdade querem outros tipos de serviço?

Caleb se calou.

– Se você acha que João está entre nós só porque quero deixar o passado para trás, então deve concordar comigo quando digo que suas ex-fodas também estão. Se for pra pensar desse jeito, tem tanta gente entre nós que acho inútil prosseguirmos.

Caleb praticamente correu até mim, imprensando-me na parede.

– Não fale isso nem de brincadeira, Amande. – Agarrou meus cabelos, seu cheiro já invadindo os meus sentidos. Céus... era impossível parar de desejá-lo, mesmo estando chateada.

– Pareço estar brincando?

Ele prendeu os lábios, que estavam perto demais dos meus. Olhos azuis maravilhosos deixaram de demonstrar frieza e agora traduziam todo o desejo e amor que eu sabia que ele sentia por mim.

– Se for pra te perder, eu prefiro morrer. – Sua frase foi tão definitiva que eu realmente acreditei nele. E não foi só porque meu coração dizia a mesma coisa.

Prendi meus braços ao redor do seu pescoço, fazendo nossos corpos se colarem.

– Vamos tirar todas essas pessoas da nossa frente, lindo príncipe. Por favor...

– Sim, amor, vamos sim. Vamos sim. Olha... – Fechou os olhos com força. Eu sabia que não queria aquilo, mas se esforçou para dizer: - Encontre-se com ele se é o que quer, mas, por favor, não se deixe machucar de novo. Por favor, Amande. Não quero que ele te machuque. Você é minha agora, o meu tesouro... Se ele fizer alguma merda juro que vou atrás dele pessoalmente.

– Não será necessário. Prometo.

– Se tiver qualquer problema, não deixe de me ligar. Vai ser amanhã?

– Sim. Às duas horas.

– Certo... Certo. – Caleb segurou meu rosto e me beijou do mesmo jeito sem igual como sempre me beijava. Nós dois trabalhamos arduamente para deixar que o restante da noite transformasse nossos medos em pura confiança.

Foi um trabalho natural e muito, muito prazeroso.

Fiquei o dia todo apreensiva. Os resquícios da discussão com o Caleb me angustiavam mais do que o encontro com o João. Não queria que aquilo prejudicasse nosso relacionamento, mas, como já disse, estava decidida a fazer a minha parte. O certo geralmente é uma opção difícil, porém isso é só no começo. O errado se torna difícil depois que vêm as consequências, e então já é tarde demais para corrigir.

Estava sentada numa das mesas da padaria perto do meu trabalho quando vi o João entrando no estabelecimento. Aquele lugar significava algo para nós dois, pois costumávamos comer sonho e tomar chocolate quente toda vez que ele decidia me pegar no trabalho. Era algo raro, mas eu adorava quando acontecia.

Desanimei quase imediatamente. Nossos bons encontros eram raros por minha culpa. Eu estava me separando do João sem ao menos perceber. O que tínhamos era como um contrato onde ele precisava fazer tudo o que eu queria, enquanto eu só fazia permitir ou não. Senti-me aliviada no instante seguinte, assim que me dei conta de que sair de sua vida foi a melhor coisa que tinha feito para ele.

João estava inexplicavelmente mais gordinho. Acho que andou se entupindo de doces, coisa que adorava fazer, mas não o fazia porque eu mantinha uma dieta natureba e não permitia que comesse besteiras na minha frente. Enquanto ele caminhava na minha direção, olhando-me como se eu fosse um ET, também notei que estava sem os óculos. Coisa rara, afinal, ele não enxergava nada sem eles.

– O que quer, Amande? – Sentou-se na cadeira da frente e desviou os olhos, deixando claro toda a sua insatisfação.

– Conversar. Explicar tudo o que aconteceu.

João bufou.

– Por que agora? Por que aqui? Não quero você de volta, nem tente. Simplesmente não comece, pois mal consigo olhar para sua cara.

Resfoleguei de indignação.

– Não quero voltar para você, só quero tentar explicar.

– Não faz diferença para mim. O que eu sentia se transformou em decepção. Só isso.

– Ainda bem, João. Foi melhor para você. Jamais seríamos felizes.

Ele finalmente me encarou. Seus olhinhos pequenos castanho-claros, os quais eu havia admirado a minha vida toda, prenderam os meus firmemente. Com certeza João havia trocando os

óculos por lentes de contato. O resultado lhe trouxe muita beleza, sem dúvida alguma. Sempre o achei lindo, mesmo que muita gente achasse o contrário. Era estranho vê-lo sem abraçá-lo.

– Não me vem com essa, Amande. Sei que está com outro cara. Há quanto tempo me traía?

Levei uma mão à boca. Nem soube direito o que sentir.

– Acha que eu mantinha outro relacionamento? Você realmente não me conhece.

– Achei que conhecesse. – Ele estalou os lábios. – Não... Não conheço.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Foi instantâneo.

– Eu não te traía, João. Sempre fui fiel, acredite. Fui sincera o tempo todo contigo, menos uma semana antes do casamento. Foi quando tudo mudou e fiz coisas horríveis. Minha vida virou de cabeça para baixo e então me vi sem saídas.

João passou as duas mãos pelo cabelo curtinho. Evitou meu olhar ao máximo, mas acabou me encarando, e sua expressão era de pura dor.

– Você conheceu o cara.

– Sim.

– Quando? Como?

– Na despedida de solteira.

– Puta merda... Cacete! Sabia que não era boa ideia te incentivar a ir. Sabia que algo acabaria dando em merda, mas não fazia ideia de que se apaixonaria por outro cara e me largaria no meio da cerimônia – João cuspiu cada palavra como se sentisse um nojo absoluto. Na verdade era bem isso mesmo o que ele sentia. A repulsa havia se instalado em seu semblante.

Permaneci calada durante algum tempo, até que, cansada de tentar me justificar, disse tudo do que eu precisava em apenas uma frase:

– Só quero que você seja feliz de agora em diante.

– Eu serei muito feliz sem você – João murmurou baixinho, desviando os olhos de novo. Claro que ninguém se convenceu, mas ambos precisávamos.

– Espero que um dia me perdoe por tudo.

– Está pedindo perdão agora? Não vejo arrependimento em você.

– Não estou arrependida por não ter casado contigo. Estou arrependida por ter te feito sofrer sem necessidade... E é por isso que estou pedindo perdão.

João sorriu com desdém. Balançou a cabeça e pareceu refletir sobre algo que lhe causava sorrisos irônicos.

– Quem é esse cara, Amande? Como o conheceu? Estou curioso.

Suspirei fundo. Diria a verdade antes que ela chegasse até o João sem que fosse através de mim. Sabia que um dia chegaria, cedo ou tarde. Mentiras têm pernas curtas.

– Um dos garotos de programa contratado pela Jéssica para nos servir na despedida de solteira.

João me olhou e gargalhou como se eu tivesse contado uma piada. Acho que não acreditou no que falei, pois, assim que percebeu que eu havia permanecido séria, fechou suas expressões consideravelmente.

– Só pode *tá* brincando comigo.

– É a verdade. Fui fiel em todos os anos que passamos juntos, o que sentia por você era real... Tudo foi real, nossa história foi de verdade. Mas... Não pude prosseguir. Aconteceu.

João voltou a balançar a cabeça, desta vez me olhando como se eu fosse um pedaço de lixo.

– Você é decepcionante. – Levantou-se devagar. Antes de ir embora, inclinou-se na minha direção e soltou: – Espero que esse cara te machuque tanto quanto você me machucou. Vai ser bem merecido, Amande. Nem acredito que conseguiu ser tão ridícula. E eu pensando que o otário havia sido eu.

Assim que fiquei sozinha, observei as pessoas ao redor. O movimento era pouco e ninguém prestava atenção em mim. Infelizmente tudo mudou quando soltei um soluço imenso e comecei a chorar como uma criança, apoiando minha cabeça nos braços, que se entrelaçaram em cima da mesa.

Depois de longos minutos, ergui o rosto e enxuguei as lágrimas. Suspirei e dei por encerrado aquele capítulo na minha vida. Peguei meu celular e liguei para o Caleb. A página precisava ser virada, e bem que podia ter um jantar delicioso no início do próximo capítulo. Foi o que sugeri naquela ligação e, como eu já esperava, fui muito bem aceita.

22º Capítulo

4 meses depois...

– E aí, mano! – Fernando cruzou o salão da recepção do meu estúdio e veio me encontrar atrás do balcão. Eu estava separando alguns envelopes, trabalho que me vi obrigado a fazer por não ter conseguido um recepcionista. Depois de três estagiários, um mais tapado do que o outro, simplesmente desisti de encontrar alguém de confiança para o serviço.

Mas minha desistência durou pouco. Lembrei-me do Fernando depois que vi a Lara saindo da loja da Amande no dia anterior. Parecia meio triste, cabisbaixa... Quase se esqueceu de me cumprimentar de volta quando o fiz. Perguntei à Amande o que tinha e ela me disse que Lara ainda sofria por ele.

Soube de toda a história que aconteceu na inauguração e, para mim, estava mais do que claro que o Fernando havia feito aquilo porque achava que Lara era demais para ele. Resolvi deixar para lá, afinal, cada um sabe o que faz. O problema era que eu precisava de um recepcionista, e a Lara, depois de dois meses, ainda pensava nele. Ou seja, uma ótima oportunidade de juntar o útil ao agradável.

– Ei, cara! Como estão as coisas? – Cumprimentamo-nos com um abraço lateral.

– Caminhando. Fiquei surpreso com a sua ligação.

– Pois é... Preciso te fazer uma proposta, podemos conversar?

– Claro!

Sentamos de um jeito largado no sofá do escritório. Eu estava meio cansado, e o Fernando não tinha cerimônias, o que deixou o ambiente leve e informal, mesmo que o assunto entre nós fosse sério. Fiz uma proposta direta, sem enrolação. Falei da minha necessidade e dificuldade de arranjar alguém apto para o cargo, descrevi cada função detalhadamente e, por fim, lancei um valor que achava justo para o pagamento.

Fernando ouviu tudo em silêncio, encarando-me com seriedade e atenção. Não pareceu estar gostando ou odiando a proposta, por isso, depois que falei tudo, simplesmente não sabia dizer se havia conseguido um novo funcionário ou não.

– Caleb... Eu tenho um emprego – essa foi sua única resposta.

– Sei que tem, mas não te desejo esse emprego. Você é muito novo, Fernando, dá tempo de recomeçar antes que seja tarde. Aqui ou em qualquer outro lugar, queria muito que deixasse esse tipo de vida. Não vale a pena.

Ele ficou me olhando com uma expressão estranha. Havia um meio sorriso em seus lábios, porém não consegui ver qualquer resquício de graça em seu olhar. Na verdade Fernando parecia desconcertado, o que acabou me fazendo perceber que a minha abordagem foi patética.

Claro que Fernando ganhava muito mais com a vida de garoto de programa. E certamente trabalhava bem menos. Sei disso porque minha rotina se tornou extremamente mais cansativa e estressante do que quando vendia o meu corpo.

As horas passavam mais rápido e era difícil pensar direito nas coisas. Tudo só piorava quando me via pensando em sexo o dia inteiro; meu corpo e mente às vezes exigia, reclamava a abstinência.

Eu chegava à minha casa tão exausto que várias vezes não conseguia fazer amor com a Amande do jeito que queria – muitas noites sequer encontrava forças para transar –, e então acabava frustrado.

Bom... Pelo menos as coisas no estúdio estavam rendendo bons frutos. Estava positivo com relação ao futuro: só alguns meses e eu poderia me dar certos luxos que incluía sair mais cedo do trabalho. A presença de um recepcionista competente é um dos pontos fortes para que isso seja possível.

– Hum... Desculpa, acho que fui com muita sede ao pote. Nem perguntei o que você realmente pretende fazer da vida.

Fernando riu, ainda sem graça.

– Sou um cara muito diferente de você.

– Gostaria de te conhecer, Fernando.

E era verdade. Ele deve ter percebido que eu estava falando sério, pois se ergueu um pouco no sofá e soltou um pequeno suspiro.

– Não tenho tantas expectativas assim.

– Por quê?

– Não sei, cara, sempre fui doidão. Desde os quatorze anos as únicas coisas nas quais pensei foi em rock’n roll, skate e mulher. Isso sem falar nas drogas, que só consegui me livrar a pouco tempo. Sou instável, Caleb, não quero te trazer problemas.

Suas confissões me deixaram bem alerta. Inclinei-me para frente, apoiando os cotovelos nas pernas. Continuei o encarando sem nada falar. Estava dando sinal verde para que prosseguisse.

– Não sou alguém com quem queira se envolver. Seu estúdio está show de bola, cara, desejo todo sucesso do mundo para você e tenho certeza de que encontrará uma pessoa mais apta para trabalhar contigo.

Por um instante prolongado, pouco me importava a porcaria do estúdio. Minhas atenções se voltaram para o Fernando e os seus problemas. Não consegui conter a surpresa.

– Você largou mesmo as drogas?

– Faz dois anos. – Sorriu. – Larguei as drogas, mas alguma coisa precisou ficar no lugar dela. Escolhi o sexo. Até agora funciona muito bem, não tenho recaídas e quase não sinto mais falta.

Engoli em seco. Puta que pariu, não fazia ideia daquele absurdo.

– Certo... Então acha que se “largar o sexo” vai acabar voltando para as drogas – minha mente concluiu em voz alta.

Fernando prendeu os lábios e desviou os olhos.

– Não sei. Não faço ideia.

– Poderia tentar. Tenho fé em você.

– Eu agradeço, mas não arriscaria. Como te falei, não quero arranjar problemas. Estou bem assim, Caleb.

– Não pode fazer isso para sempre, Fernando. Quero te ajudar, de verdade. Não acredito que não queira fazer outra coisa... Sei lá, estudar?

– Até quero fazer outra coisa, Caleb, mas tenho medo. Você não faz ideia do que já passei, foi duro demais. Não quero voltar a ser o que era antes... Esse lance de drogas começou justamente na faculdade. Eu fazia psicologia numa instituição privada, meus pais resolveram me bancar quando perceberam que eu jamais ingressaria numa universidade pública. O pessoal era meio loucão, acabei me juntando com pessoas erradas... Eu sempre faço isso, acho que atraio gente pirada. – Suspirou. –

Enfim, fui obrigado a trancar o curso e abandonar tudo para tentar me tratar. Só resolveu de fato quando percebi que me sentia bem ganhando dinheiro como garoto de programa.

Sinceramente, perdi até a fala. Consegui me ver no Fernando; uma pessoa que teve problemas e foi praticamente atirado no mundo da prostituição. Era triste, porém não estava disposto a ficar indignado. Recusei-me a sentir pena, acho que existe algum motivo forte para as pessoas sofrerem determinadas coisas. Assim como não me lamento por ter passado pelo que passei, não busquei me lamentar pelo que ele passou.

– E a Lara? – perguntei do nada. Tudo havia ficado ainda mais claro para mim com relação a eles. Só me restava saber se o Fernando estava interessado de verdade.

– Hã? – Ele pareceu ter levado um susto com a minha pergunta.

– Soube do que rolou na inauguração, cara. Lara contou para Amande que me contou.

– Ah... Pois é, Caleb, de quê adianta eu me aproximar da Lara? Claro que nunca daria certo.

– Por que não? Deu certo entre mim e Amande.

– Vocês dois são um caso raro que só acontece em filmes. Um lance sinistro de amor à primeira vista, algo louco e incomum. Eu não amo a Lara, apenas gostei dela desde que a vi.

– Eu também gostei da Amande desde que a vi...

– Não, você a amou desde que a viu, é diferente.

– Tudo bem, tudo bem... Entendo seu lado, Fernando. Até agradeço por ter recuado, a Lara é meio sentimental.

– Sei disso, tenho certeza de que fiz a coisa certa, embora não tenha um dia que não pense nela... – Fernando se calou e abriu bem os olhos. Eu fiz praticamente o mesmo.

– Você pensa nela?

– Deixa pra lá, mano, é sério. Minha vida não é um conto de fadas.

– A de ninguém é, Fernando, só precisamos fazer por onde merecer o que queremos. Nada disso aqui seria possível se eu não corresse atrás. – Abri os braços, sinalizando para o espaço que nos rodeava.

Fernando tornou a ficar largadão no sofá, prendendo seu cabelo enorme com um elástico preto e fino. Uma mecha caiu para frente e chacoalhou para cima quando ele soltou mais um suspiro longo.

– É tudo tão recente. Acho que não estou pronto. Além do mais, odiaria te causar problemas, Caleb. Imagino o quanto deve estar sendo difícil organizar tudo.

– Fernando... Só me responde uma coisa... Você quer mesmo continuar na situação em que está?

– Claro que não. Queria ser um cara normal, né? Mas não sou, então só preciso esperar e ver o que acontece. Sua proposta é boa, eu gostei muito, mas não posso aceitar.

– Você podia tentar. Um mês, dois... Sei lá. O que acha?

Ele pareceu refletir sobre isso antes de dizer:

– Isso me faria perder clientes. Lembre-se de que sou novo na área, é bem mais complicado pra mim do que era pra você.

De fato, quando comecei quase não tinha clientes, por isso que me vendia bem baratinho. Demorou anos para que eu começasse a ganhar realmente bem, deixando a clientela estupidamente mais seletiva.

– Você que sabe. A mudança precisa partir de você – falei, já desanimando. Não podia ficar

insistindo, ninguém pode mudar por ninguém. Transformação pessoal é um trabalho solitário. – As portas continuarão abertas.

Fernando aquiesceu, mas sua expressão era insatisfeita. Sei que devia estar sendo difícil para ele. Aliás, pensando melhor, acho que não faço ideia. Nunca sequer provei qualquer tipo de droga.

– Quer beber alguma coisa? Estou com um horário livre agora, podíamos tomar um café.

– *Tô dentro!*

Seguimos até a padaria que ficava na esquina. Aquele encontro acabou se estendendo bastante, pois Fernando começou a fazer várias perguntas sobre a minha vida, como se quisesse compensar o fato de ter me contado algo sobre ele que o deixava envergonhado. Acredito que se sentiu melhor quando descobriu que minha trajetória era tão vergonhosa quanto a dele. Chegamos até a rir das nossas próprias desgraças.

Fiquei bolado quando me contou sobre as consequências do seu período de dependência química. Fernando chegou a vender metade dos móveis da casa para comprar drogas, se envolveu em esquemas de tráfico e só não foi pego por pouco. Uma doideira. Seus pais o internaram em uma clínica, onde passou longos sete meses, depois que ele mesmo percebeu que precisava de ajuda.

O papo fluiu de um jeito espontâneo. Conversar com um amigo de novo me trouxe uma sensação que considereei nova, afinal, não sentia aquilo há muitos anos. Por mais problemas que o Fernando pudesse ter, não consegui parar de desejar sua amizade. Terminamos nosso café e precisamos retomar nossas rotinas, mas com a promessa de que nos encontraríamos novamente.

Fernando não falou nada sobre aceitar ou não a minha proposta. Mesmo assim, antes de nos despedirmos, deixei claro que ele podia me ligar quando quisesse ou precisasse.

Assim que voltei para o estúdio, vi Lara na entrada da loja da Amande. Ela fingia estar distribuindo um panfleto qualquer. Sei que fingia, pois na verdade não tirava os olhos da direção onde outrora estava estacionado o carro do Fernando.

– E aí, Lara? – chamei, visto que a coitada nem tinha me notado ali, tão pertinho.

– O-oi, Caleb...

Sorri torto e entrei no estúdio. Pensei mil vezes sobre contar para a Amande o que o Fernando havia me dito. Por fim, resolvi ficar na minha. Amande certamente contaria para Lara e eu ainda não sabia se isso era bom ou ruim.

Devo ter algum problema mental, mas ainda acreditava nos dois. Meu mundo estava funcionando de um jeito romântico inovador, confiante em tudo o que fosse relacionado à paixão.

Naquela mesma noite, quando eu já estava em casa aninhado com a Amande na nossa cama – mais um triste dia sem nadinha de sexo –, meu celular tocou. Era o Fernando.

– Eu topo – foi a primeira coisa que disse, antes mesmo do “alô”.

23º Capítulo

4 meses e 7 dias depois...

Cheguei ao trabalho super atrasada. Caleb não me deixou sair de casa sem antes me dar um banho delicioso com direito a um orgasmo esplêndido; ele mesmo lavou meus cabelos e os escovou, passou hidratante na minha pele e escolheu a roupa que eu vestiria. A combinação entre meu vestido tubinho verde-musgo e os sapatos de salto vermelhos era interessante, por incrível que possa parecer meu namorado entende de moda. Ou, pelo menos, de cores. Mas isso não me surpreende, um bom fotógrafo precisa entender de cores, e Caleb é bem mais do que um bom fotógrafo.

Eu sabia que toda aquela atenção especial advinha da sua necessidade de se desculpar pelas noites em que estava cansado demais para fazer amor comigo. Sinceramente falando, usei cada uma delas para descansar meus hormônios. Foram pausas bem-vindas. Tentei explicar isso, mas ele mantém uma autocrítica constante, não suporta a ideia de ter me "deixado na mão". Estou me transformando em uma verdadeira safada, admito que meu ritmo sexual aumentou bastante desde que o conheci, mas ainda não sou nenhuma louca que não pode passar algumas noites sem sexo.

Caleb me inspira desejo o tempo todo, isso é um fato, mas o que sinto é algo global; sinto desejo de ficar com ele abraçada sem nada fazer ou falar, de assistirmos a um filme juntos, jogarmos videogame, jantarmos alguma coisa leve ou engordativa, escutarmos música, conversamos sobre qualquer besteira... Enfim. Eu amo o nosso sexo, mas também amo todos os outros momentos que passamos juntos.

– Hoje vou largar mais cedo – avisou assim que estacionamos nossos carros. Fizemos uma reforma básica que juntou os estacionamentos da minha loja e do seu estúdio, tornando-o uma coisa só. Isso ampliou consideravelmente o número de vagas.

Chegamos em carros separados, pois Caleb tinha alguns clientes para atender fora do estúdio e não queria me deixar sem veículo.

– Não se preocupe, príncipe. – Dei-lhe um selinho casto. Não gostava muito de ficar com ele perto do nosso trabalho, parecia-me uma atitude anti-profissional. – Tenha um ótimo dia.

– Você também, linda. – Caleb puxou meus braços antes que eu pudesse me desvencilhar e me deu outro selinho, só que aquele foi mais demorado. – Você fica uma gata com esse vestido.

– Culpa do meu *personnal stylist*, ele é um gato.

Meu homem lindo sorriu torto, e imediatamente já estava disposta a encarar mais um dia de trabalho. Caleb me trazia inspiração. Os projetos pelos quais eu batalhava davam certo graças a minha vontade absurda de prosseguir com ele. Eu queria mais do que já tínhamos. Sempre tive ganância para ir além, porém agora tinha um motivo inquestionável; precisava juntar um dinheiro bom para fazer a viagem dos meus sonhos: um *tour* completo por vários países da Europa.

Já estava em meus planos realizar essa viagem na nossa lua-de-mel. Mas, para isso, Caleb precisava me pedir em casamento. Então nos casaríamos na beira da praia, como o combinado, e seguiríamos viagem. É claro que eu já estava projetando o nosso futuro, minha mente não consegue sobreviver sem projetar. Prometi que não organizaria porcaria alguma do nosso casamento, mas confesso que a primeira coisa que fiz quando entrei na minha sala foi ligar o computador e continuar

minhas pesquisas sobre cerimônias ao ar livre.

Depois do meu encontro com o João, busquei superar cada palavra rude que me ofereceu e procurei também meios de provar – não a ele, mas a mim mesma – que está errado. Caleb e eu daríamos certo. Ponto final.

O dia estava mais parado do que de costume. As coisas que precisei resolver foram mínimas, minhas funcionárias eram treinadas e dedicadas, de modo que noventa por cento dos problemas comuns sequer chegavam até mim. Trabalhei mecanicamente, haja vista que fiquei empolgada depois que encontrei o site de uma loja especializada em vestidos de noivas para ambientes externos. Era cada coisa linda que foi difícil escolher um. Não que eu fosse escolher naquele momento, claro. Ainda precisava ser pedida em casamento.

Bem que o Caleb podia adiantar as coisas logo, né?

“Calma, Amande, tenha calma!”, minha mente repetiu diversas vezes. Continuou repetindo quando encontrei um blog que listava praias e serviços fundamentais para que um casamento na beira da praia desse certo.

Estava tão entretida nas minhas pesquisas – anotando tudo em uma agenda nova que tirei do plástico só para começar a projetar o bendito casamento – que me esqueci de ir almoçar. Era meio-dia e quarenta quando Lara bateu na minha porta e me entregou uma encomenda. Tratava-se de uma caixa preta bem incomum.

– Isso veio pelos Correios? – perguntei.

– Não, acho que foi transportadora. Meio esquisito, pois não precisei assinar nada.

Peguei a caixa e vi meu nome e o endereço da loja com uma letra branca impressa que se destacava super bem.

– Que esquisito, vou ver o que é. – Peguei um pequeno estilete e comecei a passar pela caixa, fazendo uma abertura discreta.

Lara me deixou sozinha sem mais nada comentar. Ela andava tão tristonha ultimamente! Seu bom-humor se tornou raridade. Desde o lance do Fernando no lançamento, Lara não conseguia trabalhar direito. Esquecia coisas que não eram de seu feitio esquecer. Eu estava apenas sendo compreensiva, sabia que cedo ou tarde aquilo ia passar. Rejeição é um saco.

As coisas tinham ficado ainda mais tensas porque o Fernando agora trabalhava para o Caleb. Acho que era o terceiro ou quarto dia dele como recepcionista no estúdio. Ainda não o tinha visto por aí, mas certamente Lara já sabia, pois sua expressão sofrida havia se intensificado bastante naquela semana. Eu nem quis me meter nessa história. Caleb confiava no Fernando e estava precisando de um funcionário, eu não tinha outras sugestões e também concordo que todo estabelecimento precisa de alguém responsável pela recepção que não seja o dono.

Ver minha amiga sofrendo era triste, porém rezava para que algum tipo de milagre louco acontecesse. Caleb me disse outro dia que o Fernando gostava de verdade da Lara, só não conseguia admitir. Sendo assim, minha única saída era cruzar os dedos, torcer e assistir ao rumo dos acontecimentos.

Assim que abri a caixinha, encontrei um papel ofício dobrado e um *pen drive* branco bem pequeno. A estranheza da encomenda só fez aumentar. Desdobrei o papel e li as seguintes palavras, que estavam impressas:

"Veja o arquivo e me encontre na cafeteria da galeria ao lado. Estarei esperando. Não ignore."

Meu coração meio que saiu pela boca. Nem sabia do que aquilo se tratava, mas sentia cheiro de confusão no ar. Depositei minhas costas no encosto da cadeira e afundei, segurando o *pen drive* em uma mão e o papel na outra.

"Isso vai dar merda...", pensei. "Deve ser alguma ex-foda do Caleb... Alguma mulher querendo nos separar."

Apertei o *pen drive* entre os dedos. Já estava com ódio mortal. O que diabos tinha ali? Algumas fotos? Vídeos? Algo que certamente me abalaria. Sendo o que fosse, minha única certeza era aquela: a filha da puta me abalaria.

Conectei o *pen drive* no *notebook*. Minhas mãos trêmulas tornaram o serviço algo complicado de se fazer. Já sentia vontade de chorar, mas tentei ficar calma. Podia ter qualquer coisa ali dentro. Podia ser alguma surpresa do Caleb, sei lá. Eu estava sendo muito pessimista.

Reli o conteúdo do papel.

"Isso é uma ex-foda, Amande", minha mente insistiu.

Eu não estava preparada para confrontar uma ex-foda, mas protegeria até o fim o que era meu. Se uma vadia qualquer pensava que iria me atingir estava muito enganada! Ok, não estava enganada. A maldita me atingia antes mesmo de eu ter visto o conteúdo.

Abri uma pasta e quase morri do coração quando percebi que continha um arquivo de vídeo. Céus... Eu não ia superar tão cedo um vídeo de foda entre o Caleb e outra mulher. Lágrimas escorreram imediatamente, e precisei respirar fundo algumas vezes.

Depois, voltei a encarar a pasta. O nome do arquivo era: traição.

Hunft. Traição? Por favor, né? Dá licença. Caleb jamais me trairia. Não importava o que estivesse ali, não era um vídeo recente.

Levantei da cadeira, disposta a seguir para a cafeteria e tirar aquilo a limpo. Ia armar o maior barraco mesmo. Podia até rolar socos e puxões de cabelo. Não precisava assistir ao vídeo, certo? Certo.

Errado.

Eu precisava assistir àquela porcaria. Chegar à cafeteria ignorante poderia ser uma enorme desvantagem. Eu não queria dar socos na vadia sem saber os motivos reais. Tinha que ser forte e dar ao menos uma conferida. Só uma olhadinha básica.

Tornei a me sentar e dei dois cliques no vídeo sem pensar duas vezes. A tela demorou a abrir, mas já deixei a setinha apontada para o "x". Seria rápido; uma espiadinha e eu encerraria a exibição.

Dois segundos de puro horror se passaram até que o vídeo finalmente começou a ser exibido. Claro que o horror não passou depois que a primeira cena se desenrolou na minha frente.

A imagem era nítida até demais, de modo que pude ver perfeitamente o Caleb fodendo uma mulher loira de quatro. Ok, eu estava preparada para uma foda. Não, não estava preparada, mas pelo menos já imaginava. Eu só não fazia ideia de que ele podia foder alguém que estava completamente amarrada à cama, enquanto a chicoteava com força. Cada chicotada provocava um estalido que misturava gritos e gemidos. Comecei a pular de susto em cada um deles, enquanto mais lágrimas se acumulavam e escorriam em jorros fartos.

Caleb parecia estar se deliciando com aquilo. Seu olhar era brutal, o rosto se mantinha rígido, mas havia algo diferente nele. Não consegui ver o rosto da mulher loira, afinal, a maldita estava com a cara enterrada nos lençóis vermelhos. Aliás, tudo era vermelho, até a parede do fundo. O dossel da cama também era revestido por um tecido fino vermelho. Sim, reparei em tudo. Tudo mesmo, pois em

vez de um segundo de foda, acabei assistindo ao vídeo até o fim.

Entre a angústia e o desespero que me fazia chorar alto, vi quando o Caleb chicoteou a mulher doze vezes – eu contei, pois ele a fez gozar na sétima e gozou depois da décima terceira. Ele gritou de prazer, mas seu urro foi mais alto e feroz do que o normal. O pior de tudo foi quando chamou o nome dela: Anastasia.

Doeu. Doeua muito, muito mesmo.

O vídeo não era tão longo assim. Foram apenas quatro minutos de puro terror. Os piores quatro minutos da minha vida. Só assisti uma vez – não sou masoquista como aquela mulher –, mas reparei em todos os detalhes. Até mesmo a data do vídeo, que era da semana passada. Busquei minha memória e percebi que havia sido um dia em que o Caleb chegou tarde em casa. Super cansado.

"Não... Não... É mentira! Ele jamais te trairia. Esse vídeo foi editado, Amande."

"E se..."

"Não!"

"Mas se o Caleb estiver..."

"Claro que não, Amande!"

"... Sentindo falta de..."

"Para de pensar nisso, caramba!"

Céus... Meu mundo virou de cabeça para baixo. De novo.

Desesperada, só me restou fechar tudo e sair correndo. Passei pela loja como um foguete e corri até a cafeteria. Ainda com lágrimas nos olhos, procurei pelas poucas mesas do estabelecimento. Havia apenas uma mulher loira no local.

Identifiquei muito rápido. Era ela.

A ministra Fernanda Pires.

"Eu vou te matar, filha de uma mãe!", meu cérebro berrava enquanto ia me aproximando. A cínica apenas me acompanhou com um olhar calmo e um sorriso doentio estampado na cara esticada. Pensei trezentas vezes em esbofeteá-la antes mesmo de falar alguma coisa. Assim que cheguei perto o bastante, lembrei-me de que ela era uma ministra e o fato de agredi-la acabaria sobrando para mim.

– O que quer? – vociferei depois que me sentei completamente sem jeito em uma cadeira de ferro diante dela. – Não vai tê-lo de volta. Desista.

Fernanda apenas sorriu ainda mais amplamente. A ideia de esbofeteá-la voltou. Cerrei os punhos e senti mais lágrimas quentes escorrendo. Que ódio!

– Você nunca o terá completamente, Amande. Acho que quem deve desistir é você. – Impressionante como sua voz soava tranquila, tal qual quando a conheci na inauguração do estúdio. Seus modos elegantes permaneciam intactos, e me perguntei se alguma coisa era capaz de atingi-la de verdade.

– Não seja ridícula. O que fez foi coisa de garota de colegial. Não caio em armadilhas infantis.

– Seu namorado é um garoto de programa. Sabia disso? Ele te contou?

– É claro que eu sei que o meu namorado é um ex-garoto de programa.

A louca parou de sorrir. Por aquilo ela não esperava. Ponto para mim.

Infelizmente seu momento de contrariedade durou pouco. Ela logo voltou a exibir seus dentes brancos e perfeitos. Jogou os cabelos loiros e compridos para o lado e me olhou como se tivesse pena de mim.

– Ele te trai.

Dessa vez fui eu quem ri. Só que foi uma gargalhada, que se misturou com minhas lágrimas. Elas estavam incessantes, por mais que eu tentasse controlá-las.

– Você mente.

– Você é uma boa submissa, Amande?

Meu Deus. Que louca!

– Não existe esse lance de apanhar e bater entre nós. Não me importa o que ele precisou fazer para te dar prazer, foi tudo um trato. Você não passou de uma cliente.

– Pode ser, mas é disso que ele gosta. Assistiu ao vídeo? Conseguiu ver a carinha de satisfação que ele fez? Eu sei dar prazer, você não.

Argh! A raiva já tinha ultrapassado os limites. Novamente precisei cerrar os punhos para não bater bem no meio da cara feia dela.

– Não vai colar comigo, Fernanda – murmurei ferozmente. – Esqueça. Conheço o Caleb muito bem. Confio nele e sei que me ama. Seus esforços foram em vão, colocar uma data qualquer em um vídeo é a coisa mais fácil do mundo hoje em dia.

A vadia permaneceu silenciosa. O sorriso cínico ainda estava lá.

Enxuguei as lágrimas e sorri também. Se era para ser cínica, abríamos uma competição. Eu estava disposta a ganhar. Jamais deixaria aquela bruxa vencer.

– Estou tentando te abrir os olhos, Amande. Gostei de você. Educada, gentil, bonita... Num instante arranjará outra pessoa. É nisso que dá tentar ser amiga.

– Agradeço muito a sua amizade, queridinha, mas o Caleb é meu. Sinto muito, você perdeu.

Meio que me arrependi de ter dito aquilo. As consequências foram cruéis para que meu cérebro entendesse. Fernanda sorria em um segundo, já no outro apertava meu braço com força, enfiando unhas compridas na minha carne. Gemi de dor, olhando ao redor. Ninguém nos reparava, até porque nossa mesa estava um tanto afastada das demais. A maldita havia calculado até isso.

– Solte-me! – rosnei, puxando meu braço com força. A unha dela se enfiou ainda mais em mim, provocando uma dor absurda. Não consegui me soltar.

– Você vai terminar esse namorinho estúpido hoje mesmo. – Sua voz agora parecia o grasnado de um ganso. Uma coisa horrível de se ouvir.

– Quero ver você me obrigar. – Puxei meu braço de uma só vez e consegui me afastar, mas percebi que estava sangrando. Peguei um bolo de guardanapo e pressionei o ferimento.

Céus... Que loucura era aquela? Minha cabeça latejava com tanta força que achei que fosse desmaiar. O estômago havia se transformado em pó, entretanto não daria a ela o gostinho de parecer uma fraca.

– Amande, não me subestime.

– Você que está me subestimando. Não há nada que possa fazer para que eu me separe do homem da minha vida.

Ela riu.

– Venho te vigiando durante muito tempo. Será fácil demais contar aos seus pais que tipo de homem é o seu namorado. Sei onde eles moram. Sei seus nomes, idades... Sei tudo sobre eles.

Congelei. Arregalei os olhos ao máximo.

– Você é uma bandida.

– Não, meu bem... Não sou uma psicopata, jamais faria mal aos seus pais. Mas nada me impede de enviar aquele vídeo a eles. E a toda a sua família, um a um.

O triste fim da minha sanidade.

Enfiei minhas unhas em seu braço com a maior força que reuni. Olho por olho, dente por dente. Conseguia sentir o ódio deixando minha visão embaçada. Quero dizer, achei que fosse o ódio, mas só eram as lágrimas.

Fernanda tentou puxar o braço, mas cravei as unhas da outra mão também. Parecia um animal selvagem, mas e daí? Foda-se o mundo, só estava defendendo o que me pertencia.

– Não tenho medo das suas ameaças. Faça o que quiser. Conte a eles. Não ligo. Já disse que nada irá nos separar, muito menos você. Não tenho vergonha do que ele foi.

A louca quase caiu para trás tentando se desvencilhar de mim. Já podia sentir sua carne cedendo sob meus dedos, mas não parei. Só pararia quando sangrasse. O meu guardanapo sujo caiu em cima da mesa, melecando tudo. Aquela loucura estava um nojo. Tirei minhas mãos assim que percebi o quão perigoso era aquele jogo de sangues. Vai que aquela idiota tinha alguma doença? Eu que não arriscaria.

Sendo assim, afastei-me antes mesmo que sangrasse. Droga. Eu podia usar uma faca, mas seria assassinato. Dupla droga!

– Acho que você ainda não entendeu quem eu sou.

– Uma louca? Vadia? Masoquista? Tenho muitas sugestões!

– Tenho um cargo político de alta importância, Amande. Não faz ideia do quanto é fácil fechar um estabelecimento. Uma loja de cosméticos talvez. Só alguns problemas com a receita federal e adeus. *Bye, bye.*

Balancei a cabeça freneticamente, sentindo-me tão ameaçada quanto jamais me senti na vida. Um soluço profundo me escapou pela garganta. Mal dava para acreditar que a idiota estava ameaçando fechar a minha loja se eu não terminasse o namoro com o Caleb. Que absurdo! Que... Que... Meu Deus, que droga era aquilo que estava acontecendo comigo?

– Louca! – gritei, chamando a atenção de todo mundo. – Você é louca!

Um garçom se aproximou meio segundo depois. Acho que ele deve ter corrido, sei lá. Não reparei. As coisas estavam em câmera lenta. Só conseguia visualizar o sorrisinho da ministra diante do meu ataque histérico.

– Algum problema, senhoras?

– Não... Desculpe-nos – Fernanda tratou de respondê-lo. – Minha amiga aqui está desabafando uma coisa ruim que aconteceu com ela.

– Tem certeza?

– Sim. Não é, Amande?

– É... Desculpe... – choraminguei.

– Tudo bem, estarei à disposição.

– Obrigada. – É uma cínica mesmo! Céus... Como uma louca podia ser ministra da saúde? Por isso o país estava uma bagunça.

O garçom se afastou.

– Quero ver você tentar – informei. – Tente, Fernanda. Tente fechar a minha loja. Tente me tirar tudo, eu não vou abrir mão de quem amo. Apenas tente, não vai funcionar... Caleb vai te odiar mais do que tudo quando eu contar o circo que armou hoje. Acha que vai te querer? Melhor arranjar outro cara pra te chicotear.

Fernanda fez uma careta sinistra, digna de filmes de terror. Quase saí correndo, mas o ódio no

seu rosto acabou me atingindo com uma onda de alegria. Quanto mais a atingisse, melhor. Ou não.

Acho que não.

Afinal, sua reação foi cruel.

– Posso fechar qualquer estabelecimento, Amande. Lojas de cosméticos, estúdios... Você quem sabe. A decisão está nas suas mãos.

Levei uma mão à boca. Não. O estúdio do Caleb não.

– Não pode fazer isso – sussurrei, imaginando o quanto seria duro ver o Caleb sem seu estúdio. Era o sonho dele. Um sonho que havia se tornado realidade com muito custo.

– Posso e vou. Você tem até a meia-noite para sair do apartamento dele. Não vai adiantar fugir, tenho uma equipe inteira à minha disposição para te vigiar. Seus telefones estão sendo monitorados. Se não fizer o que mandei irei fechar a sua loja e o estúdio dele. Acredite, nem vai demorar. Conheço muita gente influente, querida.

Solucei alto.

– Não... Não...

– Vou acabar com os dois. Escolha, Amande. Apenas escolha. Sei que vai fazer o que é certo.

Todo o ar deixou os meus pulmões muito depressa. Minha vista escureceu e fiquei tonta. Sentia meus nervos se partirem, movidos pela força daquelas ameaças.

– Se contar pra ele só vai ser pior – continuou. – Não faz ideia do que sou capaz. Tiro tudo o que ele tem e depois faço a minha proposta. Eu tenho dinheiro e posso oferecer muitas coisas a ele, inclusive um tipo de prazer sexual que você não é capaz de oferecer.

– Caleb nunca vai querer ficar contigo... Nunca... – Sentia-me derrotada. Era óbvio que Fernanda jamais ficaria com o Caleb, mas eu definitivamente não podia deixar que seu estúdio fechasse. Ele não suportaria aquilo.

– É o que veremos. Sei que ele gosta daquele estúdio, não queria vê-lo sofrendo quando fechar... Você pode ser mais prática e evitar toda a dor. O resto é comigo. Apenas se afaste e todos sairão ilesos. Seus pais não vão precisar saber de nada, sua loja continuará a mesma, bem como o estúdio. Não vai ser tão difícil assim, certo?

Levantei-me lentamente. Para mim, aquela conversa já tinha encerrado. Fernanda não me impediu, mas falou assim que comecei a me afastar:

– Você tem até a meia-noite, Amande. Não duvide.

Eu não duvidava.

24º Capítulo

4 meses e 7 dias...

Cinco horas da tarde e mal dava para acreditar que já estava voltando pra casa. Liguei o som da Charlotte no volume máximo. Sabia que Amande já tinha deixado a loja, pois seu carro não estava estacionado. Não queria estragar a surpresa, portanto sequer liguei avisando que chegaria mais cedo. Se ela tivesse ido resolver alguma coisa em outro lugar, daria tempo até de preparar um jantar.

A presença do Fernando no estúdio me deixou extremamente mais tranquilo e com menos serviço. Era seu quarto dia de trabalho. Ele tinha algumas dificuldades, mas era esperto e aprendia rápido. O melhor de tudo é que estava sempre disposto a realizar as atividades. Seu jeito calmo era um diferencial, atendia os clientes com um sorriso no rosto e uma paciência louvável.

A felicidade estava nítida em suas expressões, o que só me deixou ainda mais contente. Perguntava diariamente como ele estava se sentindo. Era importante que fosse sincero comigo; não queria que aquele trabalho o prejudicasse. Pretendia cuidar bem para que ele permanecesse satisfeito em estar ali.

Ele ainda não tinha mantido contato com a Lara. Bom, pelo menos não que eu tenha visto. A única cena que presenciei foi quando eles saíram para o almoço no mesmo horário. Seguiram rumos diferentes e fingiram que não se viram. Foi até engraçado de se ver, ambos ficaram desconsertados e olharam para o chão.

Estacionei na garagem do apartamento com um sorriso bobo no rosto. O carro da Amande estava ali, ou seja, sobremesa antes do jantar. Um tesão sem fim se apossou do meu corpo só de imaginar. Empolgado, peguei o elevador e quase não suportei a espera. Assim que entrei no apartamento, encontrei Amande na cozinha, dando comida para os gatos. Lulu e Don se esfregavam em suas pernas, perpassando seus rabos peludos como sempre faziam com ela. Nunca comigo. Buscava não ter ciúmes, afinal, quem não a amava naquela casa?

– Querida, cheguei – murmurei baixinho e me aproximei por trás dela, abraçando-a pela cintura. Meu nariz encontrou um espaço entre seu ombro e pescoço, permanecendo ali durante alguns segundos.

Amande se virou bruscamente e me puxou para si, beijando a minha boca com avidez. Uma urgência tão grande que quase me desculpei mais uma vez por ter sido tão ausente nos últimos dias. Entretanto, não podia perder tempo me desculando. Eu tinha maneiras muito mais interessantes de pedir perdão, por isso tratei logo de erguê-la em cima da bancada.

Ela usava um vestidinho florido, que foi logo levantado até sua cintura pelos meus dedos ansiosos. Eles desceram até a alça fininha da calcinha que usava. Os lábios da Amande ainda estavam nos meus; incansáveis, insaciáveis.

De repente, ela me abraça forte. Muito, muito forte. Aproveitei para abraçá-la, mas fiquei preocupado depois que senti seu corpo tremer. Amande chorava.

– O que foi, meu amor? O que houve? – murmurei no seu ouvido. Afastei-me um pouquinho para observar seu rosto e meu medo se intensificou de imediato. Ela estava com os olhos vermelhos e inchados, como se tivesse chorado por longas horas. Sua linda face chegou a se deformar um

pouquinho, até rugas haviam aparecido do nada em sua testa.

Ela sequer me respondeu. Iniciou um choro doloroso.

– Amande... O que aconteceu? Por favor, conta pra mim.

– Eu vou embora. – Uma voz rouca irreconhecível deixou a cozinha tão bizarra quanto um castelo mal-assombrado.

– O... O... quê? – consegui perguntar.

Amande soltou um soluço alto.

– Vou embora, Caleb. Estou voltando para o meu apartamento – ela disse entre lágrimas e soluços.

Eu tinha basicamente criado raízes ali. Meu corpo congelou, de modo que me vi incapaz de realizar qualquer movimento. Até minha respiração pareceu ter parado. Só o que trabalhava era o meu coração, que batia forte.

– Por quê? – Balancei a cabeça. – Não, Amande. Você não vai, pare de dizer isso.

– O motivo está no seu e-mail. – Ela me fez afastar completamente, empurrando-me de leve. Meu corpo rígido amoleceu sob seu toque. Quase caí para trás, mas a pia amparou a queda.

Saquei meu celular de dentro do bolso da minha calça nem sei como. Abri minha caixa de entrada; realmente havia um e-mail novo, sem assunto. Um único arquivo havia sido anexado, abri-o imediatamente.

Amande tentou se afastar, mas a segurei com a mão livre e a encarei com ferocidade, indicando para que ao menos esperasse eu saber o que estava acontecendo. Ela desviou os olhos e continuou soluçando. A droga do arquivo demorou segundos eternos a abrir, mas acabou fazendo. O que vi me espantou consideravelmente, tanto que precisei buscar equilíbrio para permanecer de pé. Fiquei enojado. Contudo, não foi bem espanto ou nojo que demonstrei. O ódio me invadiu por completo, fazendo-me atirar o celular longe. Ele bateu na parede e se espatifou.

– Vai me deixar por causa dessa vagabunda? – gritei a plenos pulmões, segurando a Amande. Ela chorou mais forte, desesperada.

– Me solta, Caleb. Por favor... Por favor, deixe-me ir...

– Eu não concordei em gravar a porra de um vídeo. Nunca gravei um vídeo, jamais permiti. Ela gravou escondido e está tentando nos separar! Não dê esse gostinho a ela, Amande, é isso o que quer?

Soltei-a devagar, pois enxerguei um desespero profundo em seus olhos escuros. Nunca vi Amande tão descontrolada em toda a minha vida. Suas expressões superaram quaisquer outras que tenha me oferecido.

– Não posso viver contigo desse jeito – cuspiu as palavras. – Acabou. Por favor, entenda que não dá mais.

– Amande... – Tentei me aproximar, mas ela recuou, dando vários passos para trás. Virou-se e saiu da cozinha. Claro que corri atrás dela. – AMANDE!

Puxei seus braços quando alcançamos a sala. Praticamente a joguei no sofá, prendendo seu corpo embaixo do meu. Beije-i-lhe a boca com raiva. Fui correspondido com a mesma intensidade, porém havia algo mais naquele beijo. Um mau presságio que indicava despedida.

Quase pirei mediante a ideia de perdê-la. Comecei a sussurrar entre seus lábios, desesperadamente:

– Eu te amo. Você me ama. Prometi que não deixaria que nada nos separasse. Você prometeu

que jamais deixaria você nos separar. Pare com isso, Amande. Pelo amor de Deus, pare.

– Caleb... Por favor, Caleb... Por favor!

– Essa ridícula nunca vai nos separar, Amande. Nunca.

– Saia, Caleb... Preciso ir. Preciso ir! – Ela me empurrou com força e se levantou.

Caminhou decididamente até o canto da sala. Uma mala enorme de rodinhas estava ali. Foi então que percebi que Amande falava sério. O pesadelo era real, aquilo não era uma briga comum, um mal-entendido ou uma birra que ela estava fazendo. Havia decidido ir embora e iria com facilidade se eu não tivesse chegado mais cedo.

A verdade me destruiu.

Amande puxou uma aba e saiu arrastando a mala até a porta.

– Você não pode ir. Não pode. Amande... Não me deixe.

– Viu a data do vídeo, Caleb? – Virou-se na minha direção. Eu ainda estava ajoelhado no sofá.

– Como vou viver com alguém que transa com outras pessoas daquele jeito? Um sexo doentio, tenebroso...

– Eu fiz coisas que não queria, Amande. Era o meu trabalho: proporcionar prazer. Pelo amor de Deus, nada daquilo era real. Só é real quando estou contigo. E não, não vi a data do vídeo, mas o que importa? Está no passado.

– Sete dias atrás não é um passado tão distante assim, Caleb.

“Agora fodeu mesmo!”

Senti meu rosto contracenando uma careta. O que ela queria dizer com aquilo? Que eu a traía com outra mulher? Com *aquela* mulher? O fim da picada!

– Isso não aconteceu há sete dias. Não *mesmo*. – Criei forças para sair do sofá e caminhei na direção dela. Amande abriu a porta, tentando se afastar. Ódio mortal me definia. – Nunca te trai, Amande. Acredite em mim, jamais faria isso. Eu te amo, cacete!

– Não dá, Caleb! – gritou. – Entenda que não dá! Já suportei coisas demais! Não aguento, está bem? É demais para mim! Já chega!

Puxei-a com tudo e fechei a porta atrás de nós. Prendi meus braços ao redor da sua cintura.

– Não me deixe... Não me deixe... – implorei. As primeiras lágrimas deixaram meu rosto bem quente, pegando fogo. A dor era tanta que achei que morreria antes mesmo de vê-la ir embora. Eu preferia, sinceramente.

Amande prendeu os lábios e me abraçou forte.

– Em cima da cabeceira – sussurrou baixinho no meu ouvido.

– Hã?

– Deixe-me ir. Por favor – falou mais alto desta vez.

– Não entendi o que disse.

– Entendeu. Deixe-me ir. Não me procure. Não me ligue. Por favor.

– Amande... Não... Não. Não vou deixar. Nunca te traí, eu juro. Confia em mim, por favor, meu amor. Confia em mim!

Ela se afastou um pouquinho e me beijou ternamente. Suas lágrimas se misturaram com as minhas. Eu realmente cheguei a pensar que fosse ficar.

Estava enganado.

– Preciso ir agora.

“Cacete! Que cabeça-dura!”

– NÃO! – berrei, juntando todo o ódio e desespero que eu sentia. Acho que nunca gritei tão alto com alguém. – NÃO VOU DEIXAR, QUE DROGA! SERÁ POSSÍVEL QUE NÃO CONFIA EM MIM?

– Não, não confio! Você não é de confiança! Não quero vê-lo nunca mais! Adeus, Caleb. – Amande se afastou, pegou a mala e tornou a abrir a porta. Suas palavras me paralisaram, por isso apenas assisti a sua partida. Ela não me olhou nem falou mais nada, saiu rápida e sistematicamente. Ouvi o barulho das portas do elevador se abrindo. Ele nem tinha saído do andar.

Minha primeira reação foi cair no chão, completamente sem forças. A base que me mantinha de pé havia se desmoronado. Chorei alto, sem dignidade. Chorei como um garoto que teve seu doce roubado.

– ARGH! – gritei, morrendo de ódio. Puxei meus próprios cabelos até quase arrancá-los. A dor física doía bem menos do que aquilo que fazia tudo dentro de mim estilhaçar.

Soquei a porta inúmeras vezes, provocando um barulhão. Os vizinhos iam ouvir aquilo, mas não me importei. Nada mais importava. O amor da minha vida foi embora. Disse adeus, assim, do nada. Sem dó. E ainda disse que não confiava em mim!

– Por quê? Por quê? – perguntei ao vento, desesperadamente. Depois de tudo o que fiz, por que Amande não confiava em mim? Porra, será possível que ninguém confiava em mim?

Passaram-se longos minutos até que consegui me levantar. Abri a porta de um armário da sala e retirei de lá uma garrafa cara de whisky. Nem busquei um copo, o primeiro gole foi direto do gargalo. Bem como o segundo, o terceiro, o quarto, quinto...

Continuei chorando de forma inconsolável, até que um raio de lucidez me fez entender o quanto Amande havia sido estranha. As coisas que dizia nem pareceram ter saído dela. Poxa vida, construímos algo forte durante um bom tempo... Como podia jogar tudo fora tão rapidamente? Foi tão fácil, tão simples... Não, alguma coisa estava muito errada.

Tomei mais um gole do whisky.

“Se estava tão decidida a ir embora por que tinha me beijado com vontade?”

Toquei meus próprios lábios. O sabor, o cheiro e tudo dela ainda pairavam sobre mim. Impossível acreditar que aquilo estava acontecendo. Parecia um pesadelo.

Entre lágrimas e whisky, fui ao nosso quarto e deitei na cama. Minha cabeça latejava, estava doido para apagar. Tornei a sentar e procurei alguns remédios na cabeceira. Foi quando achei um bilhete.

Sim, era mesmo um bilhete. A letra da Amande estava meio borrada, trôpega, mas consegui ler:

“Eu te amo, lindo príncipe. Sempre vou te amar e sempre vou lutar pelo nosso amor. Nada nem ninguém irá nos separar. Confio a minha vida a você, pois sei que estou em boas mãos. Veja no seu e-mail o que chegou até mim hoje. Não se preocupe, ela bem que tentou, mas não me atingiu com esse vídeo.

Precisei ir embora porque a maldita Fernanda Pires está nos ameaçando. Ela é louca e alucinada, grampeou nossos telefones e está nos seguindo. Sabe-se lá até que ponto está nos monitorando. Ela é perigosa, meu amor. Prometeu que faria minha loja e seu estúdio fecharem se eu não fosse embora do seu apartamento hoje. E ainda ameaçou mostrar o vídeo a minha família. Não pude arriscar, mas também não aceitei a ideia de te perder. Jamais vou te perder.

Infelizmente precisaremos manter a calma e fingir que brigamos. Ninguém pode saber. Tome cuidado com o que fala e faz, até mesmo com o paradeiro desta carta. Sei que vamos quase morrer

de saudades, mas não me ligue nem me procure, amor. Não até que tudo esteja resolvido. Vou procurar ajuda, meu pai certamente vai saber o que fazer. Não pode ser tão difícil desmascará-la. Se pensar em algo legal, arranje um modo de me informar. Mas... Tenha cuidado. Muito, muito cuidado. Não sei do que ela é capaz.

Estou com medo, mas vou ficar bem. Não sofra e nem chore, prometo que tentarei não fazer isso. Só sei de uma coisa: eu vou voltar. E, quando eu voltar, quero casar com você.

Não se esqueça de que eu te amo. Amo para sempre.”

Sorri de alívio e chorei de amores. Ou o contrário.

25º Capítulo

4 meses e 8 dias depois...

Nem sei dizer como consegui dirigir até o meu apartamento. Meu corpo inteiro tremia de medo, tristeza, angústia e tudo de ruim que você possa imaginar. Deixar o Caleb foi a coisa mais difícil que já fiz, vencendo de lavada até mesmo da minha fuga à igreja. Realmente, fugir de um casamento foi mais fácil do que fugir do homem que eu amo.

Ver toda dor em seus olhos azuis sem nada poder fazer para consolá-lo foi como uma facada certa no meu coração. Entrei no meu apartamento chorando como se estivesse em um enterro. O ambiente estava meio empoeirado, afinal, fazia quase dois meses que eu não marcava presença ali, mas quem ligava?

Corri até meu antigo quarto e pulei na cama. Chorei. Chorei de todas as formas até que não consegui mais ficar de olhos abertos. Praticamente desmaiei, e acordei chorando várias vezes durante a madrugada. Tive muitos pesadelos. O pior, o único do qual me lembro bem, mostrava Fernanda e Caleb juntos, em cima de um altar. Ambos diziam sim e sorriam um para o outro, visivelmente felizes.

Era loucura, claro. Minha mente pregava peças, reunia meus medos e os intensificava com pensamentos tolos e ideias impensáveis. Não me lembro de ter sentido tanto medo como naquela longa noite. Até o ruído da minha respiração ofegante me deixava assustada. As sombras do quarto pareciam monstros, e o frio que fazia jamais pôde ser aplacado. Senti falta da canção de ninar que Caleb cantava para mim antes de dormir. A da princesinha. Eu também cantava para ele... E não deixei de cantar. Cantei de um modo sussurrante, cortando o silêncio e deixando a solidão escorrer como sangue.

Esperava alguma ligação dele, mas só me restava ouvir o vazio. Meu mundo foi atirado num poço escuro, repleto de incertezas. Só queria ouvir a voz do meu lindo príncipe, em contrapartida sabia que era perigoso demais.

Amanheceu e eu não saí da cama. Bem que tentei, mas meu corpo doía como se eu tivesse levado uma surra. O ferimento no meu braço latejava: desenhos das unhas da ministra estavam visíveis e ainda meio ensanguentados. Morri de raiva com a ideia de não tê-la feito sangrar também.

Lara me ligou por volta das dez horas da manhã. Informei que tinha pegado uma gripe forte – não estava a fim de dar satisfações –, e ela acreditou. Também disse que Caleb tinha ligado procurando por mim, perguntou se estava tudo bem entre nós. Expliquei que havíamos brigado e só. Ela entendeu que eu não queria dar detalhes.

Recebi uma ligação anônima no meu celular às onze horas da manhã. Ainda estava chorando na cama, com uma garrafa de café forte e uma caneca grande. Era o que tinha para aquele triste dia.

– Alô? – minha voz rouca era irreconhecível.

– Fez a escolha certa, querida. Parabéns!

Nem me dei o trabalho de perguntar como Fernanda Pires havia descoberto qual era o meu número. Pelo visto ela estava completamente infiltrada na minha vida. Senti-me exposta, vulnerável.

– Vá pro inferno.

– Vou ao paraíso, Amande. Seu ex-namorado é o meu paraíso particular.

Rangi os dentes.

– Ele nunca vai te querer de novo. Aliás, ele nunca te quis.

– Você é tão bobinha! É claro que ele sempre me quis. Como acha que comprou aquela BMW?

Foram três anos de encontros semanais, eu sempre paguei bem, querida. Eu o conheço mais do que você.

Um sabor amargo de desilusão se instalou na minha boca. Logo em seguida, veio um gosto azedo de bile. Aquela mulher me dava nojo. O fato de ter se relacionado com o Caleb durante tanto tempo me encheu de amargura.

– É difícil entender que ele não se envolvia emocionalmente contigo? – falei aquilo para mim mesma, antes de qualquer coisa. – Ele só queria o seu dinheiro. Digo e repito: ele nunca te quis.

– Posso ser bem persuasiva quando quero, Amande. Não era você quem nunca abria mão dele? Olhe para si mesma agora.

– Às vezes a gente precisa abrir mão de certas coisas por quem amamos – respondi. Não ia ser estúpida e dizer que não o tinha abandonado. Fernanda precisava estar convencida de que eu havia desistido do Caleb.

– Pessoas como você abrem mão. Sou bem diferente.

– Foda-se.

Ela riu. Sua risadinha sarcástica quase me fez esmagar o celular em minhas mãos.

– Oh, sim, vamos foder bastante. Vai ser ótimo. Sabe, você é tão bonitinha, acho que um dia podemos marcar de fazer a três. Que tal?

– Nem morta. Você é nojenta.

Desliguei o telefone. Não precisava ficar ouvindo aquilo. Fernanda estava me provocando, tirando a minha paz. Eu já tinha feito tudo o que ela queria, não permitiria que continuasse me atingindo. Que palhaçada!

Rezei internamente para que o Caleb tivesse encontrado o meu bilhete. Rezei também para que Fernanda não descobrisse que eu tinha arranjado um modo discreto de contar para ele. Se meus planos derem errado... Já era. A merda estaria feita e seria quase impossível reverter a situação.

Eu realmente não ligava se aquele vídeo vazasse para o mundo inteiro assistir. Também não me importava com a loja, eu faria outra em dois tempos. O que mais doía era a ideia de ver o Caleb sem seu estúdio. Aquilo sim era inadmissível.

O telefone tocou mais uma vez, dando-me um baita susto. A aflição me deixava com os nervos à flor da pele. Conferi a tela e constatei que era um número anônimo. De novo. A filha da mãe estava mesmo disposta a me atazanar.

– O que quer? Pare de me ligar, me deixe em paz!

– Amande, se você der qualquer passo em falso será o seu fim. Está me entendendo? Nunca mais desligue o telefone na minha cara. Sou eu quem desligo.

E desligou mesmo.

AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAFFFFEEEEEE!!

Gritei alto, abafando o som com o travesseiro. Mordi os lençóis e deixei que mais lágrimas fossem fabricadas. A fonte era inesgotável. Meus olhos já doíam muito, pareciam estar coberto de areia. O medo só não conseguia ser maior do que o ódio.

Eu já sabia o que a Fernanda ia fazer, pois cometeu a burrice de me informar: ameaçaria o

Caleb como havia feito comigo. Faria chantagens e o obrigaria a ficar com ela. É claro que o Caleb não arriscaria a integridade de ninguém. Ele não é uma pessoa que pensa em si, está sempre preocupado com o bem dos outros além do seu próprio.

– Não... Por favor, não... Não... – choraminguei alto e desesperadamente, imaginando os dois transando daquele jeito bizarro. Caleb totalmente sem escolhas, tornando a usar seu corpo do modo como prometeu jamais usar de novo.

Céus... Que dor! Que... Absurdo!

Eu precisava fazer alguma coisa. Urgente. Antes que fosse tarde demais. Não podia deixar o Caleb cair nas armadilhas daquela bruxa. Por mais que o perdoasse depois, sei que jamais se perdoaria. Seria demais para ele.

Comecei a pensar nas possibilidades que eu tinha. Se é que tinha alguma, pois o que mais fiz foi descartar ideias. Cada pensamento parecia mais sem-noção e impossível. Juro que cheguei até a refletir sobre a possibilidade de matar aquela mulher. Depois disso, percebi o quanto me encontrava instável e maluca. Eu jamais sairia daquela situação sozinha.

Precisa da ajuda de alguém. Meu pai era uma ótima opção – o rosto dele ia e vinha na minha cabeça -, mas tive medo. Envolvê-lo seria uma boa ideia? Se eu estava sendo seguida, certamente me seguiriam para onde quer que eu fosse naquela altura do campeonato, incluindo a casa dos meus pais. Saberiam que estava contando tudo para ele se me vissem por lá. Ligar também estava fora de cogitação. Meu celular estava sendo rastreado e eu já tinha pedido cancelamento da conta do telefone fixo ali no apartamento.

Nenhuma amiga minha estaria segura se as procurasse. O advogado da loja podia ser uma boa opção, mas não queria me expor daquela forma para um desconhecido. Eu o havia contratado há pouquíssimo tempo, pois o serviço do anterior havia me desagradado em alguns pontos. Precisei trocar de profissional. Além do mais, o que um advogado poderia fazer?

"Muita coisa, Amande, eles trabalham com isso o tempo todo."

É isso aí. Eu precisava de um advogado.

Peguei meu celular e procurei o número do Hailton. Depois vi o quanto estava sendo imbecil. Pra quê ligar pro cara se a ligação ia ser rastreada do mesmo jeito?

"Pensa, Amande, pensa!"

"Ótimo, eu podia ligar de um orelhão."

"Ia ser seguida até lá, cabeçuda!"

"Poxa, mas eu não posso ligar nem procurar ninguém? Como vou sair da situação?"

"Você está perdida."

Soltei um soluço.

"Tem de haver um jeito..."

"Pense um pouco mais, né?"

"..."

"Eu podia comprar um celular com chip novo em folha."

"Boa ideia, gênio, corre!"

"Ah, não... Vou ser seguida!"

"Argh... É mesmo..."

"Acho que vou tentar."

"Tenta. Custa nada tentar."

Eu sabia que estava imunda. Ainda usava o vestidinho florido do dia anterior, sequer havia tomado banho ou trocado de roupa. Minhas axilas talvez estivessem com o cheiro vencido. Mas, e daí? Lavei a cara, escovei os dentes, peguei minha bolsa e desci para a garagem. Entrei no carro e saí cantando pneus. Nunca fui seguida – não sabia como dirigir despistando –, mas bem que tentei.

Parei na primeira loja de eletrônicos que vi. Pedi o primeiro aparelho da vitrine e comprei o produto em dois tempos. Também solicitei à moça do balcão que me ajudasse a ligar para a operadora, precisava desbloquear o chip para começar a usá-lo.

– Está feito, vai desbloquear em cinco minutinhos.

– Ok, obrigada! - Sorri nervosamente. Talvez eu não tivesse cinco minutos.

Quando meu celular antigo tocou e vi o número anônimo na telinha, percebi que eu definitivamente não tinha cinco minutos.

– O que é? – fui grossa mesmo.

– O que pensa que está fazendo, Amande? Saia daí agora. – Fernanda Pires parecia indignada.

– De onde? *Tá* maluca?

– Saia dessa loja agora, Amande. Não estou brincando.

Senti vontade de gritar, chorar e espernear, mas apenas sorri para a vendedora, que me entregava a sacola com a minha nova aquisição dentro dela.

– Ok, estou saindo.

Enfiei a sacola na minha bolsa, agradecendo por ela ser grande o suficiente. Quase não consegui fechar direito, mas coube. Não podia sair dali com um embrulho nas mãos.

– Você é muito burra, Amande. Merece um castigo por causa disso.

Cada fibra do meu ser se pôs em alerta. O que aquela louca ia fazer?

Permaneci muda e segui de volta para o meu carro, o aparelho ainda encostado ao meu ouvido.

– Sua vaca! – vociferei depois que me sentei no banco, já dentro do veículo. Minhas mãos tremiam tanto que não tive a capacidade de girar a chave na ignição.

Fernanda riu de leve.

– Gosto muito quando perde a pose e desce do salto.

– Me deixe em paz!

– Vou deixar assim que você nos deixar em paz, Amande. Desista, ele é meu.

– Eu já desisti! – menti. – Pra mim já deu! Fique com ele, não ligo!

– Você mente tão mal. Não sei como conseguiu convencê-lo ontem. Eu ouvi tudo.

Sabia! Sabia que aquela louca estava nos monitorando de verdade. Não faço ideia de como, mas meu coração dizia que devia encenar uma briga com Caleb, e assim fiz.

– Ele me odeia agora. Você conseguiu, Fernanda. Chega.

– Quero que consiga um namorado novo.

– O quê?

– Um namorado. Um cara bem bonito, grande... Você quer um? Eu te dou de presente.

– Você é mais louca do que imaginei. Do que está falando, ô, maluca?

Ela não me respondeu de imediato. Pensei até que tivesse desligado, mas sua voz cínica soou segundos depois:

– Dirija até a sua loja, é hora do almoço.

– Não vou trabalhar hoje. – Na verdade eu não queria ver o Caleb. Quero dizer, queria sim. Queria muito, mas não naquelas condições.

– Não precisa trabalhar, preguiçosa. Um namorado incrível estará te esperando na entrada da sua loja.

Bufei, rindo forçadamente.

– O que quer com isso, Fernanda?

– Nada, meu amor. Ele vai te beijar exatamente às 12:35. Dirija rápido, dá tempo de sobra.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Finalmente entendi o que Fernanda estava querendo. Caleb sai para almoçar exatamente neste horário, todos os dias. Ele me liga sempre as 12:30 em ponto, perguntando se já podemos ir. Costumávamos seguir juntos para um pequeno restaurante de que gostávamos, localizado na mesma avenida.

– Ainda está aí? – a ministra perguntou, sua voz agora muito divertida.

Perdi a fala. Simplesmente.

– Amande?

Soltei um gemido dolorido, incapaz de responder.

– Quero que seja bem convincente, querida. Estarei assistindo a tudo. Entendeu bem? Vai ser um beijo de novela... Não se preocupe, ele é lindo. Não como seu ex-namorado, mas enfim, é quase impossível achar igual. Você devia me agradecer, tive grande esforço para achar alguém realmente encantador.

– Filha da puta! – berrei. – Eu te odeio, sua ridícula! Isso não vai ficar assim!

– Quem faz as ameaças sou eu, Amande. – Fernanda enrijeceu a voz consideravelmente. Não demonstrou preocupação, apenas uma rigidez que só reafirmava que estava no comando total da situação. – Agora pare de gritar e dirija.

– Não vou. Não posso fazer isso.

– Claro que pode. É isso ou adeus estúdio. Adeus loja. Sabe, acho que vou por o vídeo na internet.

Permaneci muda, saboreando o ódio que amargava a minha língua.

– Vejo você na loja. Beijos, querida. Ah... Faça o favor de jogar o celular que acabou de comprar no lixo. Vai ser melhor para você.

E desligou.

Enfiei minha cara no volante e chorei tanto e tão alto que nem sei como ninguém do lado de fora ouviu.

Eu estava perdida. Totalmente sem saídas. Sem solução. Sem planos.

Só me restava rezar para que aquele inferno terminasse logo.

26º Capítulo

4 meses e 8 dias depois...

Reli a carta da Amande pelo menos umas mil vezes. Chorei a cada palavra descrita, por motivos diferentes: amor, ódio, raiva, esperança, medo, carinho... O alívio que senti foi imenso, mas era difícil espantar as recordações daquele adeus. Mesmo tomando consciência de que aquilo tudo havia sido necessário, foi traumatizante. Ainda estava assombrado, assustado como um garotinho amuado no canto, tremendo de pavor.

Eu não queria, podia ou conseguia perdê-la nem de mentira. A ideia era insuportável, mesmo eu tendo a certeza de que só havia lhe trazido problemas atrás de problemas. Amande não merecia aquela confusão, a culpa era apenas minha. Sentia-me ainda mais culpado pelo fato de ter ignorado os meus instintos que haviam me dito que Fernanda aprontaria alguma coisa séria contra nós. Devia imaginar que ela não descansaria depois de sua aparição na inauguração.

A falta que Amande me fazia tirou o meu sono. Não preguei o olho nem por um segundo, permaneci imerso em pensamentos malucos que tentavam solucionar nosso mais novo problema. Uma situação horrível, embaraçosa e dolorida. Fernanda Pires precisava pagar cada centavo do que estava fazendo conosco.

Perguntei-me se Amande estava sofrendo tanto quanto eu. Provavelmente sim. Ela me ama. Não tenho dúvidas disso, só alguém que ama muito passaria por tudo aquilo por uma pessoa e ainda manteria a ideia de se casar com ela.

Sorri.

Prometi a mim mesmo que seria dela para sempre quando aquilo acabasse. Queria pertencê-la, juntar nossas vidas, almas e nomes. Seríamos apenas um. Teríamos filhos... Eu queria uma menina. Uma menina linda com olhos escuros iguais aos dela. Seria meu xodozinho, meu docinho, meu tesourinho precioso. Eu seria o cara mais feliz do mundo, o pai mais carinhoso e atencioso do Universo. Daria a ela tudo o que não tive.

Continuei bebendo o whisky, mesmo que numa velocidade amena. O calor que fazia estava insuportável, por isso retirei todas as minhas roupas e deitei usando apenas cueca no sofá. Deixei a porta da varanda aberta, e uma brisa fresca tomou conta da sala, porém o calor continuou intenso. Eu sabia que aquilo tudo era o ódio que queimava dentro de mim como a chama de uma fogueira.

Fernanda Pires havia se comportado de modo incontrolado. Seu desespero ao ameaçar a Amande não negava, ela se encontrava instável e até mesmo vulnerável. Alguém como ela se expor daquele jeito era muito perigoso. Do mesmo modo em que ela nos deixou a sua mercê, uma parcela sua ficou exposta. E era exatamente esta parcela que nos faria virar o jogo.

Eu não podia enfiar processos na cara dela sem provas. A mulher é importante demais para ser processada sem fundamento, tudo acabaria sobrando para nós. Precisava de algo concreto, alguma coisa que a desmascarasse. Eu podia procurar a polícia, mas, por se tratar de alguém importante, o tiro poderia sair pela culatra. Quem estava, de fato, trabalhando para ela? Claro que precisava de uma equipe para nos espionar, ela não estava sozinha naquilo. Se essa equipe fosse composta por policiais corruptos, então eu estaria cavando minha própria cova.

Cheguei a procurar algumas escutas no apartamento, mas não achei nada. Eu precisava fazer uma varredura completa, mas o desânimo me atingiu e acabei deixando para lá. Ninguém havia entrado ali sem a minha permissão. Sei que o porteiro é de confiança... Ou não. Vai saber. As pessoas fazem tudo por dinheiro.

Precisava estar à frente, ser mais inteligente e usar os pontos fracos daquela louca. Sei que Fernanda preza pelo seu alto cargo político. Três anos de encontros extremamente discretos e cuidadosos fora suficientes para me fazer entender que, apesar de doida, ela não é tão idiota assim. Talvez um escândalo surtisse mais efeito do que um processo. Para isso, a mídia podia ser uma ótima aliada. Eu só precisava do material, e, por ironia do destino, a vadia havia nos presenteado com ele.

Fui até o escritório levando a garrafa comigo. Liguei o notebook e logo abri o vídeo que ainda estava no meu e-mail. Assisti-o completamente. Uma onda de repulsa, nojo, culpa e arrependimento me fez chorar enquanto assistia a cena medíocre diante de mim. Ver meu rosto modificado como se fosse um animal selvagem enquanto fodia aquela mulher e lhe chicoteava severamente foi mais do que um choque. Envergonhei-me ainda mais pelo fato da Amande ter presenciado aquilo.

Por um instante, percebi que Amande não merecia se relacionar com um cara perturbado como eu. Eu estava sendo egoísta demais. Que tipo de cara sente prazer em fazer aquela barbaridade? A quem estava tentando enganar? Claro que eu sentia prazer, eu tinha orgasmos intensos com aquela louca, por mais que fantasiasse e pensasse em outra coisa/pessoa. Pela primeira vez na vida, admiti a mim mesmo que não era só o dinheiro que me movia naquele caso, eu gostava de dominá-la, adorava ver o quanto se submetia a mim, fazendo tudo exatamente do jeito que eu queria sem pestanejar. Minhas palavras eram ordens, meus comandos eram leis.

Eu a fodia com ódio, descarregava tudo de negativo que existia em mim. Batia nela como se fosse culpada por toda a desgraça da minha vida. Quando acabava eu me sentia um lixo, ficava exausto e arrasado, prometia a mim mesmo que jamais voltaria, mas na outra semana lá estava eu de novo, sentindo um misto de nojo e antipatia, fingindo para mim mesmo que só fazia aquilo pelos malditos três mil reais. Chamava-a de louca como se não estivesse sendo tão louco quanto ela.

Eu a odiava. Sempre a odiei desde o início, mas era o ódio por ela que me permitia sentir prazer com aquela foda. Era loucura... Muita loucura. Fernanda sempre me pagava e nunca demonstrava qualquer interesse além daquilo que fazíamos no quarto vermelho. Não somente ali, mas em todos lugares ela me tratava de forma respeitosa, sempre me chamando de senhor como se fosse minha empregada. Só passei a entender seu comportamento quando li “Cinquenta tons de cinza” e resolvi pesquisar mais sobre o relacionamento dominador x submissa. Eu entendia muito pouco desde então, apesar de já ter chicoteado outras masoquistas como ela.

Depois de verificar minuciosamente aquele vídeo, percebi que Fernanda havia sido esperta o suficiente para editar o conteúdo de modo que não mostrasse seu rosto nem um pouquinho. Aqueles quatro minutos só mostravam a maneira brutal como eu fodia uma mulher loira. Nada mais. Ele não serviria para o escândalo que eu tinha pensado. Estava disposto a colocar minha cara à tapa e divulgar aquele vídeo, mas de nada adiantaria se não tivesse como provar que era ela ali comigo.

Chorei desesperadamente quando percebi o quanto a situação machucava meu relacionamento com a Amande. Teríamos que ser espertos para sair daquela. Eu precisava fazer alguma coisa, era um fato, e as ideias que me circundaram depois que percebi que precisaria de um material envolvia um grande esforço da minha parte. Mesmo assim, achei cada uma plausível. Podia dar certo.

Amande valia todo o esforço, todo o sacrifício.

Pensei mais um pouco nas possibilidades e articulei um plano. O começo seria a partir do momento em que Fernanda me procurasse. Sabia que ela o faria em breve, pois eu era seu objetivo maior. Depois que já tinha amanhecido foi que percebi que meu celular ainda estava espatifado no chão, e talvez por isso não tivesse recebido nenhuma ligação da ministra.

Recolhi os cacos e peguei o chip, colocando-o em um aparelho antigo que eu usava antes de ter comprado o novo. Não havia mensagens pendentes, apenas uma ligação anônima perdida. Era dela, certeza. Havia sido às duas horas da manhã. Olhei o relógio da cozinha e percebi que já eram sete.

Tomei um banho, coloquei uma roupa leve, peguei uma máquina digital – a menor que eu tinha – e fui ao trabalho. Minha vontade real era de ficar em casa até que a morte me levasse, mas isso não faria as coisas mudarem. Havia trabalhos importantes pendentes no estúdio, ficar se lamentando entre quatro paredes não traria a Amande de volta nem resolveria nosso problema. Eu esperaria pela ligação da Fernanda com paciência e fazendo a única coisa do mundo capaz de me distrair: fotografias.

E, claro, rezaria com fervor, imploraria aos céus e a tudo que existisse de mais sagrado para que a Amande ficasse bem. Aquele inferno ia acabar depressa se dependesse de mim. Assim que cheguei ao estúdio não contive o ímpeto de ligar para a loja da Amande. Quem atendeu foi a Lara, dizendo que ela não tinha aparecido ainda.

Fiquei imediatamente preocupado.

Uma hora depois, assim que terminei uma tomada de fotos com alguns modelos, olhei pela janela e o carro da Amande ainda não estava no estacionamento. Liguei para a loja de novo, e Lara me avisou que Amande estava em casa e tinha pegado uma gripe. Perguntou também o que aconteceu entre nós, já que ela também informou que havíamos brigado. Respondi-lhe que foi um desentendido. Lara não fez mais perguntas.

De certa forma, fiquei bem mais aliviado. Claro que Amande estava triste e magoada – ela não falta trabalho nem se estiver prestes a morrer –, mas pelo menos estava em casa, segura. Era tudo de que eu precisava saber naquele instante.

Fernando percebeu a minha agitação. Eu estava nervoso e esperando uma ligação que custava a chegar. Se ainda tivesse minha antiga agenda de clientes já teria resolvido aquilo, mas havia dado fim a tudo que pertencia à minha vida de prostituição. Sabia onde a ministra morava, mas aparecer por lá sem mais nem menos levantaria muitas suspeitas. Teria que ser algo mais espontâneo, convincente. Meu plano não podia dar errado.

– Você quer que eu traga seu almoço, Caleb? – Fernando me perguntou, abrindo a porta do meu escritório depois de duas batidinhas. – Vi que Amande não está na loja.

Olhei meu relógio, eram meio-dia e meia. Exatamente o horário em que eu devia ligar para a Amande para que almoçássemos juntos. Tentei não ficar triste com aquilo.

– Você já almoçou?

– Não... Estou terminando de separar uns arquivos.

– Vamos agora? Depois você termina.

– E a recepção?

– Vou pedir ao Kaio pra dar uma olhada – referia-me ao colega fotógrafo que contratei para me ajudar nos serviços.

Eu não sentia a menor fome. Sinceramente não me lembrava de ter comido alguma coisa o dia inteiro. Só sabia que não queria almoçar sozinho, e Fernando era sempre uma ótima companhia. Bom,

pelo menos ele era engraçado. Antes mesmo de sairmos ele já estava comentando sobre uma cliente que tinha uns setenta anos de idade e resolvera fazer um *book* totalmente pelada. Ela tinha procurado o estúdio naquela manhã e começou a fazer muitas perguntas. Fernando, claro, controlando-se para não ralar de rir e respondê-la calmamente.

– *Cê é louco, cara, a mulher era mais amassada que um maracujá. Tenho pena de você! Acho que ela vai acabar fechando conosco.* – Abrimos a porta de vidro do estúdio e saímos pela calçada. Gargalhei instintivamente.

– São ócios do ofício. Tudo fica belo numa fotografia, é só saber fazer.

– Isso é um dom, mano. Não dá pra ver beleza naquela... – Fernando parou de imediato. Sua expressão se modificou drasticamente, parecia que tinha visto um fantasma.

Olhei na direção em que ele encarava fixamente, agora mudando sua expressão para algo perto do descontentamento. Quase não acreditei no que vi bem diante do meu nariz: ali, na frente das vitrines da loja da Amande, lá estava ela aos beijos com um cara loiro enorme.

Meu coração disparou e a minha vista escureceu. Abri a boca e resfoleguei, sem conseguir desviar os olhos. Amande estava completamente entrelaçada nos braços do cara, dava até para ver as línguas para lá e para cá, contracenando um beijo digno da novela das oito. Suas mãos até seguravam os cabelos dele, exatamente do mesmo jeito como fazia comigo. O homem a segurava pela cintura, ousando até encostar suas mãos nojentas perto da bunda dela.

Senti o exato momento em que o ódio explodiu dentro de mim e me fez gritar alto, correndo na direção dos dois. Nem sei quantos segundos se passaram até que estivesse atingindo o cara com socos e mais socos, sem dó nem piedade. Minhas mãos doeram, mas não parei de socá-lo por nem um segundo, muito menos quando Fernando e o segurança da loja da Amande tentaram me tirar de cima dele. O sujeito não revidou, apenas tentou se proteger e gritou para que eu parasse. Ele era bem mais alto e forte do que eu, mas a minha raiva era maior.

Eu só conseguia gritar e rosnar. E ouvir o choro da Amande.

– Caleb! – ela gritou quando o rosto do cara já estava todo ensanguentado. Acho que tinha lhe quebrado o nariz.

De qualquer forma, sua voz me fez parar, e então uma fraqueza grotesca me atingiu, facilitando o trabalho do Fernando de me separar do otário que tinha beijado a minha mulher. Olhei para ela com a vista embaçada pelas lágrimas e pelo suor frio que tomava conta do meu rosto. Amande chorava copiosamente. Lara lhe abraçava como podia, mas ela parecia estar prestes a desabar no chão.

Que merda era aquela que estava acontecendo?

– Vamos sair daqui, Caleb... – Fernando me puxou, mas o impedi.

– Não...

Por que a Amande estava beijando outro cara? Por quê?

“Por quê???”

A resposta veio muito depressa, a ficha caiu pesadamente sobre o meu cérebro. É claro que aquilo tudo era uma armadilha. Fazia parte dos planos da Fernanda. Ela queria me ver livre da Amande, queria que brigássemos de uma vez por todas. Não descansaria até que acontecesse. Ficaria nos torturando, flagelando nosso relacionamento até nada sobrar.

Por quais situações ela estava obrigando Amande a passar? Que tipos de ameaça fazia? Não sabia... Não fazia ideia, só comecei a compreender que aquela louca não ia deixá-la em paz até que nos separássemos de vez. Então Amande sofreria fortes consequências até lá. E eu... Eu não podia

permitir.

“É claro... Óbvio. Uma armação. Uma armação medonha”, tentei convencer a mim mesmo, ultrapassando o ciúme que quase me consumia e a vontade de gritar e morrer e espernear e matar alguém a machadadas.

Ceguei bem perto da Amande. Seus olhos escuros demonstravam um sofrimento tão grande que precisei me controlar para não abraçá-la. Seria pior. Muito pior. Tentei pensar em algum sinal que lhe dissesse que o que eu ia fazer era encenação, mas eu nunca consegui piscar o olho direito. Ia ser tão sutil quanto se um elefante aparecesse do nada, por isso não o fiz.

Se Fernanda queria que nos separássemos, era exatamente isso que teria. Eu não podia arriscar o bem-estar do amor da minha vida.

Ceguei bem perto dela, que ainda estava sendo aparada pela Lara. Meu maior desejo era beijá-la, desculpar-me por tudo e lhe pedir em casamento ali mesmo. Entretanto, em vez disso, prendi os lábios e, reunindo toda a força que me restava, berrei:

– SUMA DA MINHA VIDA!!!

Amande esbugalhou os olhos. Por um segundo, tudo ficou em câmera lenta. Nem eu consegui focalizar alguma coisa. Acho que só saí do transe quando Fernando me puxou com força e me fez entrar no estúdio.

Só tive tempo de ouvir a Amande chorar alto e desesperadamente.

27º Capítulo – Por Fernando

4 meses e 9 dias depois...

Caraca, era difícil acreditar no que estava acontecendo! Que doideira, velho! Nunca vi coisa mais tosca na minha vida; sinceramente não entendi porra nenhuma. Amande beijando outro cara, Caleb pirando na batatinha, esbofeteando o sujeito – ele ganhou uma força tão grande que eu não conseguia puxá-lo de modo algum – e depois sendo absurdamente grosseiro com ela. Tudo bem que se fosse comigo eu viraria bicho, mas ficou óbvio para mim que alguma coisa muito estranha acontecia. Amande ama o Caleb, isso é tão claro!

O grito dele doeu até em mim, quem dirá na Amande? A coitada quase teve um troço, deu muita dó de ver. Se não fosse a Lara ali com certeza teria se estrebuchado no chão. Aliás, a Lara estava tão linda... E me evitando também. Como sempre.

– Cara... O que foi isso? – Ajudei o Caleb a sentar no sofá da recepção. Ele também chorava, estava muito descontrolado. Nunca o tinha visto tão vermelho. Suas mãos tinham sangue do homem desconhecido, que havia corrido para longe assim que se viu livre.

– Fernando... Ajude a Amande a chegar bem em casa. Por favor, vá. Leve-a para casa. – Porra, que desespero do caralho!

– Tudo bem, mas e você? Melhor alguém te levar também, a gente resolve as coisas aqui.

– Não... Eu... Vou ficar no escritório... – Caleb se levantou com dificuldade e foi se arrastando até as escadas. – Cuida dela, Fernando. Faça o que for preciso, por favor. Vou ficar te devendo uma enorme.

Acho que passei eternos segundos observando o Caleb subir as escadas lentamente, fazendo pausas para controlar o choro. Deu muita pena. Muita mesmo! Tive tanta dó que não consegui ficar observando aquilo por muito tempo, logo saí do estúdio e fui ver a Amande. Ela ainda chorava nos braços da Lara, que estava perdida, sem saber o que fazer.

Muitas clientes da loja dela saíram para ver o que acontecia. Os seguranças tentavam dispersar a multidão. Nenhum sinal do homem que beijou a Amande. Ainda bem, pois se ele estivesse ali, eu mesmo daria conta de esbofetear o filho da puta!

Aproximei-me das garotas.

– Vou levá-la para casa. Vamos, Amande.

Ela continuou chorando, não me respondeu. Lara olhou para o outro lado e fingiu que eu não estava ali. Fala sério!

– Caleb pediu para eu levá-la para casa.

– Eu a levo. – Lara puxou a Amande. – Vamos, amiga. Está com a chave do seu carro aí?

– Faço questão de levar. – Amande entregou sua bolsa para mim e fez um gesto como se me mandasse procurar as chaves. Foi o que fiz.

– *Eu* faço questão de levar! – Lara estava sendo chata de propósito. Puta que pariu, ô mulher implicante!

– Levo as duas. Amande vai precisar de você, Lara.

Ela me olhou pela primeira vez em muito tempo. Seus olhos castanhos e amendoados me

obrigaram a prender a respiração. Como era linda! Porra, que mulher linda do cacete! Deu até raiva. Principalmente porque sua boquinha pequena e brilhante, por causa do brilho labial que usava, chamava-me aos gritos: FERNANDO! FERNANDO! BEIJE-ME!

E eu tentava ignorar pra não dar uma de maluco. Eu certamente ganharia um tapa generoso na cara se tivesse tanta ousadia. Lara é osso duro de roer, tá pensando o quê? Seus um sessenta viram dois metros e dez com facilidade. Em nossa primeira transa, na despedida de solteira da Amande, a mulher virou uma gigante enquanto cavalgava em mim. Ah, meu Deus, meu pau tá ficando duro!

Desviei os olhos para a bolsa da Amande e encontrei suas chaves.

– Está aqui. Vamos! – Devolvi-lhe a bolsa. Amande voltou a apoiá-la no ombro, mas não deixou de chorar nem por um instante.

– Vou só avisar a Fabíola para que segure as pontas na loja. Volto já. – Lara saiu rebolando na minha fuça e eu tentei me distrair segurando a Amande. Levei-a até seu carro e a deposei no banco de trás.

– Vai ficar tudo bem, Amande. Vou conversar com o Caleb, ele só está nervoso. Não sei o que aconteceu, mas vocês se amam. Não pode acabar assim.

– Acabou, Fernando. Não quero mais vê-lo. Não o quero mais! – a mulher gritou e chorou como uma louca. Suas palavras me deixaram irritadíssimo. Queria os dois juntos, mas eu estava do lado do Caleb. Porra, o cara tinha feito tudo por ela! Por que o tratava daquela forma? O que ele havia feito de tão grave?

Lara chegou antes que eu pudesse falar mais alguma coisa.

– O que você fez? Ela está chorando mais do que quando a deixei!

– Não fiz nada, Lara, não enche! Vamos logo. – Minha irritação se tornou visível, mas fiz de tudo para voltar a me tranquilizar.

Lara se sentou junto com a Amande no banco de trás. Abraçou-a forte, dizendo-lhe que tudo ia ficar bem repetidas vezes. Dirigi com cuidado e pressa ao mesmo tempo. Amande parou de chorar na metade do caminho, mas ficou calada e com uma expressão tão sofrida que minha raiva deu lugar à pena.

Lara me ajudou a dirigir até o apartamento da Amande, mostrando-me o caminho. Falou comigo normalmente, sem implicância, o que me deixou bem agradecido. Estacionamos na garagem do prédio e tomamos o elevador. Resolvi esperar na sala de estar quando Lara guiou a amiga na direção de um corredor amplo e entrou em um dos quartos.

Sentei em um sofá confortabilíssimo e esperei. Esperei tanto que peguei no sono. Sentia-me cansado por estar acordando cedo para trabalhar. Eu costumava acordar depois das duas da tarde, pois a maioria dos meus trabalhos como garoto de programa rolavam durante a madrugada.

Minha vida era nova agora. Podia me acostumar. Sinceramente, não estava sentindo falta. Tá, ok, eu sentia falta de transar. Mas só isso. Continuava sem sentir vontade de usar drogas, e isso era tudo de que eu precisava. As coisas só saíam dos eixos caso aquele horror voltasse a acontecer. Puts, não queria nem imaginar...

– Fernando? Fernando? – meu corpo era chacoalhado com força. – Acorda!

Sentei-me num sobressalto e vi Lara me olhando com desaprovação. Havia deitado no sofá e dormido tão profundamente que pensei estar na minha cama. Acho que rolou até uns sonhos, mas não consegui me lembrar.

– O que pensa que estava fazendo? – Lara tinha os braços cruzados na altura de seus seios.

Hum... Seios...

– Dormindo. Sabe o que é dormir? – Soltei um longo bocejo.

Lara se sentou ao meu lado, parecia cansada.

– Amande dormiu.

– Ótimo. Acho que vou embora, que horas são?

– Umas quatro e pouco. Preciso voltar para loja antes das seis. Eu que vou fechar hoje.

– Vamos então.

– “Vamos” nada. Não vou contigo.

– Também estou indo para lá, pensei que pudéssemos ir de táxi.

– Vou pegar um ônibus, obrigada.

A teimosa se levantou e caminhou até a cozinha. Como se fosse dona da casa, começou a abrir as portas do armário e da geladeira.

– Não tem nada aqui pra ela comer quando acordar. Meu Deus... O que raios está acontecendo?

Vou ligar pro Caleb, preciso ter uma conversinha com ele.

– Melhor você conversar com a sua amiga. Foi ela quem beijou outro cara na frente dele.

– Tenho certeza de que foi um mal-entendido. Amande ama o Caleb.

– Caleb ama a Amande, só ficou puto com aquele cara. Quem é o sujeito, afinal?

– Nunca o vi mais gato.

Argh.

Resfoleguei, indignado.

– Não sabia que tinha dado tempo de você paquerá-lo. – Certo, eu estava com ciúmes. Muito ciúme, tipo, mesmo. Minha vontade foi de esgoelar aquela garota. Caralho, aquela merda que eu sentia por ela estava piorando.

– Não o paquerei, só não sou cega. O cara era enorme, parecia um lutador. O mais estranho foi ele não ter revidado nem um pouquinho. Caleb quase acabou com a cara dele.

– Também achei isso estranho. Aliás, tudo foi estranho. Amande disse alguma coisa?

– Nadinha. Não falou nem um piu. – Lara terminou de conferir o último armário. Também estava vazio. – Não posso deixar minha amiga assim, sozinha e sem comida. Vou à loja, fecho e depois volto.

– Podemos comprar algo no caminho.

– Podemos?

– Venho contigo. Vai precisar de companhia, pois acho que ela só acorda amanhã.

Lara, que tinha se abaixado gostosamente para conferir uma gaveta que estava perto do chão, levantou-se e me encarou com seriedade. Passou longos segundos me torturando com seu olhar sedutor.

– Nem pensar, Fernando.

Suspirei de um jeito cansado.

– Precisamos conversar – falei, levantando-me do sofá. Meus pés seguiram até a cozinha e parou bem na frente dos dela.

Precisamos? Nem eu sabia disso.

– Não tenho nada para falar contigo.

– Tem razão, não temos nada para falar.

Decidido, toquei sua face e me curvei para lhe beijar a boca. Lara pensou em fugir, mas depois

que minhas mãos prenderam sua cintura e nossos corpos se colaram com um choque excitante, ela simplesmente se deixou levar.

Sentir sua boca na minha de novo, depois de tanto tempo, acordou em mim algo que havia adormecido. Um desejo enorme, uma coisa louca que queimava meu corpo. Caramba, nosso beijo era incrível!

Eu só queria sentir mais da Lara. Queria tê-la de novo. Meu corpo implorava pelo dela, por isso comecei a lhe tocar em diversos pontos. Suas curvas avantajadas me trouxeram ainda mais tesão. Meu pau já estava tão duro que chegava a doer, pedindo somente por ela. Lara pareceu escutar aquele apelo, pois, como se quisesse me enlouquecer, segurou-o por cima da calça.

Ela me empurrou até uma parede e eu a empurrei até uma cadeira de pernas altas, do outro lado. Parecíamos dois malucos, investindo nossas bocas um no outro. Fiz com que se sentasse na bendita cadeira, e ela abriu as pernas ao redor de mim sem perder tempo. Caralho... Eu ia fodê-la ali mesmo. Já estava decidido.

– Fernando... Não... Aqui não. – Lara murmurou bem baixinho entre meus lábios, mas logo se afastou e me empurrou com força. – Aliás... Assim também não! Quem pensa que sou?

Perdi a fala. Tudo porque eu realmente refleti sobre uma resposta e não consegui dizer em voz alta. Só vinha na minha cabeça que ela era a mulher mais incrível que já tinha conhecido. Era isso o que eu pensava dela, mas o pensamento me assustava. Que merda, velho, não era possível que aquilo estava acontecendo comigo! Puta que pariu, me fodi bonito!

Lara bem que esperou uma resposta, mas desistiu depois de alguns segundos. Desceu da cadeira e foi até a sala, pegando sua bolsa.

– Vai ficar aqui? Estou indo embora e não vou deixar você sozinho com a minha amiga.

– Espera um pouco, meu pau ainda está duro.

Para minha surpresa, Lara riu. Na verdade gargalhou alto, deixando-me envergonhado. Tentei acompanhá-la na risada, mas o som que saiu da minha boca foi patético. Fiquei apenas lhe admirando enquanto ria de mim até sair lágrima de seus olhos. Por que tinha que ser tão bela?

Fui até a sala e parei na frente dela. De novo. Lara se calou diante da minha aproximação. Levantou a cabeça ao máximo como sempre fazia para me olhar de perto. Percebi, naquele instante, que aqueles olhos eram mais importantes para mim do que imaginei.

Por isso que eu estava tão fodido!

– Me perdoa, Lara.

Ela fez uma careta.

– Pelo quê?

– Aquele dia na inauguração. Me perdoa. As coisas mudaram um pouco agora. Se você deixar, posso explicar tudo.

– Não sei, Fernando... Passei meses magoada e você sequer se importou.

– Eu gosto de você – confessei. – De verdade.

Ela sorriu. Foi um sorriso gentil, simples... Um sorriso leve, que mostrava toda a inocência que possuía. Meu coração disparou consideravelmente. Então... Era aquilo. Exatamente aquilo que os apaixonados sentiam. Poxa vida, era bom. Era gostoso.

Lara ficou na ponta dos pés e passou seus braços em volta do meu pescoço, agarrando-se em mim com força. Segurou a raiz dos meus cabelos, provocando-me arrepios. Seu rosto se fixou na altura do meu peito, e então ela chorava baixinho. Minhas mãos alisaram seus longos cabelos

castanhos.

– Me perdoa – senti a necessidade de repetir. Não queria tê-la magoado. Sua tristeza me entristecia. Uma reação nova que eu não conseguia compreender, mas era a verdade. Eu me importava com ela como nunca me importei com alguém.

– Eu também gosto de você! – choramingou.

Toquei no seu queixinho infantil, erguendo sua cabeça para lhe beijar de novo. Foi um beijo diferente. Sem pressa. Muito mais gostoso do que o anterior, se é que isso podia ser possível.

Putá merda, ela me mostrou que podia.

28º Capítulo

4 meses e 9 dias depois...

Caleb estava de mãos dadas com a ministra Fernanda Pires. Pareciam confortáveis um com o outro, sorridentes. Ele vestia um terno escuro maravilhoso, com direito a gravata-borboleta. Estava elegante, cabelos cortados, barba feita. Uma beleza rara que só ele possuía. Seus olhos azuis eram direcionados para ela com frequência. Aposto tudo de mim que ele usava o perfume que eu tanto amava.

Fui me aproximando devagar. Tenho certeza de que havia lágrima nos meus olhos. Passei por uma multidão que apenas me ignorava; o lugar estava lotado, mas de um modo refinado, pois todos se vestiam bem e bebericavam um líquido espumante em taças cristalinas. Parecia um baile, onde as mulheres utilizavam seus melhores vestidos de festa. Olhei para mim mesma e percebi que apenas eu estava mal vestida, usando shortinho jeans e uma blusa curta que mal me cobria a barriga.

Horrorosa.

A ministra foi a primeira a me notar. Pensei que fosse ficar infeliz com a minha presença, porém tudo que fez foi abrir um largo sorriso. Caleb, que a observava de perto, virou-se na direção em que Fernanda sorria. Tive vontade de morrer quando ele ofereceu seu lindo sorriso torto para mim.

Eu ainda tentava me aproximar, passando pelas pessoas, tentando encontrar brechas. Vi quando Fernanda falou alguma coisa no ouvido do Caleb. Algo que certamente era muito engraçado, pois ambos gargalharam alto. Senti minhas lágrimas escorrendo no mesmo instante. Um desespero incomum se apossou de mim; quanto mais andava, mais longe ficava de alcançá-los.

– Caleb! – gritei, erguendo minha mão para tocá-lo.

Ele ignorou meu apelo e se virou de costas, tornando a prestar atenção na Fernanda. Aliás, ela estava muito bonita, na medida do possível. Trajava um luxuoso vestido prateado, deixando os cabelos longos e loiros escorrendo divinamente. Uma maquiagem forte e bem feita lhe conferia um ar mais jovem.

Caleb voltou a gargalhar, sei disso porque ouvi o som da sua risada. Tudo pareceu ficar em câmera lenta enquanto escutava o doce timbre que saía de sua boca. Ele ainda estava de costas para mim, porém, depois de um longo salto, consegui alcançá-lo. Para minha surpresa, assim que se virou novamente na minha direção, não era mais o Caleb ali.

Não *mesmo*.

Um homem loiro de quase dois metros de altura segurou minhas mãos com firmeza. Seus olhos eram azuis, mas diferentes dos *meus* olhos azuis. Aqueles não eram os dois oceanos brilhantes pelos quais me apaixonei. Estava longe de ser.

Ele sorriu maliciosamente e me tomou em seus braços, deixando-me sem saídas. Meu corpo inteiro paralisou de imediato; não conseguia gritar ou me afastar. Lábios urgentes se uniram aos meus, e eu nada podia fazer além de corresponder às suas investidas. O beijo demorou longos segundos; para mim, foi uma eternidade.

Quando o loiro finalmente se afastou, recobrei todos os meus movimentos. Muitas pessoas passaram por mim depressa, fazendo ombros trombarem até que fiquei igual a uma barata tonta no meio de tanta gente esquisita.

O homem sumiu.

Fernanda e Caleb também.

– Caleb! – Minha cabeça girava e girava, as pessoas não paravam de me empurrar em todas as direções, até que alguém apareceu bem na minha frente.

Era ele. O meu amor. Meu lindo príncipe.

Ainda com lágrimas nos olhos, praticamente me atirei nos braços dele. Entretanto, antes que pudesse tocá-lo, ele deu passos largos para trás. Meus braços ficaram no ar, de modo que quase caí no chão.

Soltei um gemido de angústia e o encarei. Caleb estava com o rosto sério, impassível. Seus olhos estavam mais escuros do que o normal, haviam perdido o brilho sempre constante.

Pus-me a chorar e, mais uma vez, tentei alcançá-lo. Jamais desistiria dele.

Desta vez, ele segurou meus punhos e, deixando nossos rostos muito próximos, gritou bem na minha cara:

– SUMA DA MINHA VIDA!

Gritei alto. Muito, muito alto.

De repente, tudo havia sumido e dado lugar ao meu quarto. Quero dizer, ao meu antigo quarto. A ficha foi caindo aos poucos, enquanto os fantasmas do meu pesadelo iam embora. Quanto mais eu compreendia o que tinha acontecido, mais vontade sentia de chorar.

– Amande? Amande, você está bem? – Lara apareceu na porta e logo correu até mim. Comecei a chorar como um recém-nascido. – Ôh... Amiga... Não fica assim. Foi um pesadelo.

– Um pesadelo bem real! Estou dentro dele! – balbuciei. Nem sei se ela entendeu o que eu disse, mas me abraçou forte mesmo assim, deitando-se comigo na cama.

– O que houve? – ouvi uma voz masculina. Era o Fernando. Ele me olhou com curiosidade e pena. Não sei por que, mas vê-lo me fez chorar ainda mais alto.

– Ela teve um pesadelo – Lara respondeu por mim.

– Puts... Que saco... Calma, Amande, tudo vai ficar bem.

– Não vai! – choraminguei desesperadamente, sentindo a onda de pessimismo me envolver. Minhas esperanças eram mínimas. Sabia que devia ter fê, mas não conseguia buscá-la dentro de mim. – Não vai ficar nada bem!

– Shh... Amiga... Claro que vai. Você vai ver.

– Cara... Pra mim já deu. Vou ligar pro Caleb agora mesmo. – Fernando sacou o celular do bolso.

– Não! Não, por favor, não! – Corri até ele e puxei o aparelho. Apenas medo circulava nas minhas veias. Aliás, era mais do que medo. Aquilo já tinha virado pavor.

– Isso não pode ficar assim. Olhe pra você, Amande... Caleb não quer que fique desse jeito. Não quer *mesmo*. Eu o conheço, sei que ele te ama. Essa merda de desentendido precisa acabar.

– Vocês não entendem... Não entendem...

Meu corpo encontrou uma parede e se apoiou nela. Eu estava fraca. Na verdade minha vista nunca esteve tão escura. Observando melhor, percebi que não conseguiria enxergar nada mais claro do que aquilo. A luz do meu quarto estava desligada – apenas o abajur estava aceso – e as janelas

mostravam que já era noite.

– Que horas são? – consegui perguntar.

– São três horas da manhã – Lara saiu da minha cama e veio ao meu encontro. – Aposto que não comeu nada o dia todo. Vamos, tem café quentinho e bolo de fubá.

– Não tenho fome... Só vontade de morrer – admiti. Já que não podia dizer o que estava acontecendo, pelo menos desabafaria o que estava sentindo.

Fernando bufou, visivelmente indignado. Ele pegou o celular das minhas mãos e foi andando até a sala.

– Isso vai acabar agora!

Tentei segui-lo, mas Lara me segurou.

– Deixe que ele resolva, amiga.

– Não... Não posso.

– Pode sim. Venha... Deite-se.

Larinha praticamente me jogou de volta na cama. Cobriu-me com o edredom e só então percebi o quanto ali estava frio. Meus lábios tremiam muito, bem como todo o resto do meu corpo. O medo não me deixava sequer respirar direito.

– Vou trazer algo para você comer.

– Não... Fica aqui comigo. Por favor.

– Tudo bem.

Lara se enroscou em mim. Permanecemos abraçadas, olhando uma para outra. De certa forma, já me senti melhor apenas com a sua presença e o seu olhar gentil. Chorei baixinho enquanto ela me alisava os cabelos. Parecia uma mãe cuidando da filha. Senti-me protegida, mesmo sabendo que continuava tão vulnerável quanto antes.

– O que o Fernando está fazendo aqui? – perguntei depois de um tempo. Por mais que estivesse triste, a curiosidade falou mais alto. Afinal, eram três da manhã e aqueles dois, que há muito tempo não trocavam sequer uma palavra, estavam juntos no meu apartamento.

– Nem eu sei dizer direito... Ele fez questão de me fazer companhia.

Sorri, mesmo sem ter parado de chorar completamente.

– Acho que ele gosta de você.

– Ele disse isso hoje. Ou melhor, ontem.

– Sério? – Afastei-me um pouco para observá-la.

Lara aquiesceu e corou um pouquinho.

– É tudo meio recente. Nem sei o que pensar.

– Nem pense em nada, Larinha. Vá ser feliz! – Por um instante, esqueci-me de toda a dor que se instalara no meu peito. – Onde estão dormindo?

– Sei lá, a gente mal chegou a dormir ainda. Eu estava cochilando no sofá e ele assistindo a um filme.

– Ah, não... Nada disso. Se vão ficar aqui comigo, precisam estar bem instalados. Já basta a força que estão me dando, não quero ninguém ficando torto no sofá.

Lara riu um pouco, certamente achando graça da minha mania de deixar tudo organizado, não importam as circunstâncias.

Arrumamos rapidamente o quarto de hóspedes, o que me distraiu um bocado. Eu mantinha um quarto semi-arrumado, pois meus pais às vezes vinham me visitar e eu gostava quando eles dormiam

por lá. Normalmente acontecia quando meu pai exagerava no vinho ou quando mamãe queria ficar mais tempo perto de mim.

Bom, eles quase não me visitavam na casa do Caleb, o que era uma pena. Meu pai ainda não se sentia à vontade para tal.

Caleb... Nosso apartamento... Nosso quarto...

Comecei a chorar assim que todas as roupas de cama estavam trocadas. Lara me abraçou forte.

– Amande... Quem era aquele cara que te beijou?

Eu não sabia o que responder. Passei longos segundos chorando sem pausas, até que Fernando nos encontrou.

– Só faz chamar e ninguém atende... – alertou. – Acho que vou lá no apê dele.

Soltei um longo soluço. Estava preocupada. Nervosa. Com medo. Angustiada. Arrasada. Chocada. Partida ao meio. Nunca estive tão péssima em toda a minha vida.

O pior de tudo era a dúvida. Eu não sabia se Caleb havia encontrado o meu recado. Estava torcendo para que seu grito tivesse sido encenação. No entanto, seu rosto estava tão...

Não. Não podia ficar me lembrando daquilo. Doía demais. Machucava de um modo insuportável.

Respirei fundo e engoli o nó da minha garganta.

– Não, Fernando, relaxa. Está tarde. Preparamos este quarto aqui para vocês ficarem essa noite.

Fernando olhou para a cama de casal fixamente. Depois, olhou para a Lara. Ela corou de vergonha. Ele ficou visivelmente desconcertado. Achei por bem não deixá-los daquele jeito.

– O sofá lá na sala na verdade é sofá-cama, se você quiser abri-lo, Fernando... Fica à vontade.

Eu sinceramente pouco me importava se eles dormissem juntos. Podiam pintar e bordar como quisessem. Seria até bom, pois pelo menos teria uma amiga feliz. Já bastava eu estar daquele jeito deprimente.

– Tu... Tudo bem.

Fernando saiu do quarto.

– O que foi isso? – perguntei à Lara.

– Ai, Amande, não me faz pergunta difícil. A gente já quase transou no seu sofá mais cedo. E na cozinha também. Estou envergonhada e desconcertada, tentando resistir. Por ele já tinha rolado, mas não quero ser desrespeitosa.

– Amiga, relaxa! Fica à vontade, chama ele pra cá.

– Nem pensar! Você *tá* ficando é doida.

– Olha, Lara... O importante é se permitir e ser feliz. Antes que seja tarde e... – Calei. Lara voltou a me abraçar.

– Não é tarde demais, Amande. Você e Caleb têm um futuro juntos. Eu acredito em vocês, acredito no que construíram e no tanto que batalharam para chegarem até aqui.

Àquela altura, já estava chorando de novo, porém as palavras da Larinha me trouxeram um pouco de calma. Eu precisava me manter positiva, sem desespero. Caleb tinha lido o meu recado, com certeza. Ele jamais gritaria comigo daquele jeito. Aquilo tudo foi encenação.

“Sim, Amande, não se preocupe. Foi encenação”, tentei me acalmar.

– Eu preciso de um banho – falei, percebendo que ainda usava a mesma roupa desde que havia saído do apartamento do Caleb. Não tinha comido nada e nem me lavado desde então. Eca! – Vocês

dois fiquem à vontade. Vou tentar dormir depois do banho, não se preocupem comigo.

– Tem certeza de que vai ficar bem?

– Tenho.

Claro que não tinha.

Entrei no meu quarto e tranquei a porta. Queria dar sossego aos pombinhos, mas também queria ficar sozinha. Tomei um banho de cabeça, deixando a água do chuveiro se misturar com as minhas lágrimas.

Vesti uma camisola limpa e confortável. Deitei-me na cama e passei longos minutos observando o teto. Virei de um lado, virei do outro, e nada do sono chegar. Fui conferir a hora no meu celular, percebendo que não conseguiria dormir, pois já havia dormido um bocado durante o dia anterior.

Para minha surpresa, haviam quatorze chamadas não atendidas e seis mensagens de texto. Todas as chamadas eram de um número anônimo.

Meu coração voltou a bater forte, desta vez me causando tontura. As ligações foram realizadas em horários diferentes, bem como as mensagens. Depois de tomar coragem, decidi que as leria.

Eram todas dela. Fernanda Pires.

12:57 pm

Você foi ótima, querida, parabéns!

13:46 pm

Acho melhor atender ao telefone, meu amor.

13:51 pm

Tudo bem, sei que está chateada. Mas só queria te parabenizar. Você foi perfeita. Adorei. Que beijão, hein? Gostou? Ele é um gato, não é?

15:02 pm

Estava pensando... Acho que seria legal se você também tivesse um vídeo gravado. Seu ex-namorado ia adorar assistir.

– Ai, meu Deus! – murmurei. – Isso não, por favor. Por favor!

Levei uma mão à boca, completamente transtornada. Eu jamais gravaria um vídeo fodendo com outro cara. Nem pela minha loja, nem pelos meus pais ou pelo estúdio do Caleb. Simplesmente não dava. Era demais para mim. Preferia perder tudo a me entregar a outro homem... Seria o mesmo que ser estuprada, uma vivência terrível pela qual nenhuma mulher jamais deveria passar.

18:15 pm

Você foi realmente maravilhosa, Amande. Deu tudo certo! Adivinha quem está vindo me visitar?

– Porra! Não! – gritei, mas logo tentei manter a calma. Não queria preocupar Lara e Fernando.
– Céus... Não... Não, Caleb. Não faça isso, meu amor.

Tive medo de abrir a última mensagem. Meus dedos trêmulos apertaram o botão nem sei como. Prendi a respiração e esperei pelo pior.

21:26 pm

Ele fica mais lindo ainda na minha cama. Beijos, Amande. Nem precisa atender às ligações, vou te deixar em paz. Obrigada pela sua contribuição! P.S.: Se você ainda quiser o loirinho é só avisar. Ele até que gostou de te beijar.

– Meu... Deus...

Dor. Dor... Dor. Apenas a dor me resumia.

Fechei os olhos e esperei alguma coisa acontecer. Um milagre, talvez. Se bem que, àquela altura, a merda inteira já havia sido feita. Caleb se rendeu às ameaças daquela louca. Deviam ter fodido a noite inteira.

– Não... Não, príncipe. Por que fez isso? Por quê? – murmurei para o nada. Dava para sentir o sofrimento instalado na minha voz.

A janela do meu quarto nunca me foi tão atraente. Por um instante, pensei seriamente em me jogar dali. Só queria sumir... Desaparecer... Evaporar. Tudo estava perdido. Não havia esperança.

Minhas lágrimas já tinham secado quando, de repente, escutei a campainha tocar incessantemente. Conferi as horas de novo; eram quase três e quarenta da manhã. Meu Deus... Só podia ser má notícia.

Levantei-me da cama bem depressa e corri até a porta, voando pelo corredor e batendo a perna no encosto do sofá. Gritei alto, mas a angústia foi tão grande que senti o mundo girar. Minha vista escureceu quase completamente. Ainda deu tempo de abrir a porta e ver Caleb bem na minha frente.

Ele me abraçou forte e me apertou até que eu não consegui mais respirar.

– Acabou, meu amor. Acabou – sussurrou no meu ouvido.

Depois, tudo se transformou na mais cruel escuridão.

29º Capítulo

4 meses e 9 dias depois...

Foi tarefa impossível tentar me acalmar. Não dava para ter calma diante daquela situação. Ver Amande beijando outro cara me deixou mais ferido do que ele. A maldita Fernanda Pires ia pagar cada centavo pelo que estava fazendo conosco. Meu ódio por ela só fazia aumentar a cada segundo, e a maldita demorava demais para me procurar!

Lavei minhas mãos sujas de sangue, perguntando-me quando me tornei tão violento. Jamais bati em alguém daquele jeito, acredite se quiser, nem sabia que era capaz, para ser bem sincero. Nunca havia perdido a cabeça a ponto de agredir uma pessoa. Sempre achei que a violência era uma atitude para aqueles que não têm argumentos.

Mas o cara mereceu. Faria de novo, socaria o sujeito da mesma maneira. Não havia arrependimento, apenas uma vontade absurda de ter a minha vingança. Só conseguia pensar no momento em que aquela puta desgraçada ia me ligar. Teria que me conter para fazer tudo certo, qualquer passo em falso custaria muita coisa. Eu tinha tudo a perder.

Pensava e repensava seguidas vezes em cada passo. Às vezes tinha pensamentos cruéis demais para o meu gosto, coisas que eu sabia que não fazia parte da minha personalidade, apenas do ódio ardente jamais sentido por mim com tanta força. Descartei cada um desses pensamentos. Eu queria matar aquela vadia, mas era só vontade. Há coisas piores do que a morte, agora sim eu sabia disso. Uma dessas coisas, para mim, é ver Amande com outro homem.

Não consegui trabalhar. Repassei todas as sessões para os rapazes, inventando mil desculpas para os clientes que já estavam marcados e que faziam questão de serem fotografados por mim. Fernando sumiu com a Amande, nem procurei ligar para ele. Sabia que estava cuidando dela como pedi, e isso me deixava mais aliviado.

Deitei no sofá do escritório com o telefone em mãos. Só me restava esperar e aperfeiçoar meu plano. Eu queria muito ter certeza de que o que eu pretendia iria ser suficiente para me livrar de vez daquela louca. Tentei pesquisar na internet, mas não achei muita coisa interessante ou relevante. E o que achei de interessante simplesmente não consegui entender. Precisava conversar com um advogado, alguém acostumado com esse tipo de coisa.

Imediatamente, lembrei-me do meu pai. Ele saberia o que fazer, mas meu telefone estava sendo rastreado, e provavelmente o da loja também. Não correria o risco de ser seguido até a casa dos meus pais, não podia envolvê-los naquela merda. Pedi o celular do Kaio emprestado e me vi digitando o número da casa deles. Foi papai quem atendeu logo no segundo toque.

Passei longos segundos ouvindo sua voz dizendo “alô” diversas vezes. Que diabos eu estava fazendo? Meu pai nunca entenderia a situação. Mal havíamos nos falado depois da inauguração. Acho que visitei a mamãe duas vezes no máximo e ele meio que me ignorou. Tudo bem que me cumprimentou e perguntou se estava precisando de alguma coisa, mas só. Não quis mais papo comigo.

– Pai? Sou eu, Caleb.

Decidi abrir o jogo. Tranquei-me no galpão que havia nos fundos, pois não queria correr o risco de estar sendo monitorado. Tenho certeza de que ninguém havia entrado no galpão, só eu tinha as chaves e o deixava muito bem trancado. Achei que aquele era o único lugar seguro do mundo para ter uma conversa restrita.

Papai ouviu tudo sem nada dizer. Expliquei a situação do começo ao fim, omitindo apenas o fato da ministra ser submissa e me ter como seu dominador. Ele não precisava saber daquilo, embora essa informação seja fundamental. Na verdade era a única coisa que garantiria o sucesso dos meus planos. contei o que tinha em mente e falei do sofrimento que a Fernanda estava nos causando.

No fim, achei que meu pai tinha desligado o telefone.

– Pai? Está aí ainda?

Ele pigarreou.

– Que mulherzinha ridícula essa Fernanda Pires. – Meu pai tinha um jeito próprio de falar. Senti graça por ter conseguido imaginar a expressão exata que ele contracenou ao dizer aquilo.

– O senhor acha que vai dar certo?

– Não sei, meu filho. – Ok. Meus olhos se encheram de lágrimas por ele ter me chamado assim. Fazia muito, muito tempo... – Ela me parece uma louca. Na cabeça dos loucos tudo funciona diferente. Só sei que você não pode pensar apenas no escândalo, precisa provar que ela é uma bandida, pois é isso o que ela é. Artistas, celebridades e políticos entram em escândalos o tempo todo, eles se livram fácil dessas coisas, controlam as mídias e tudo acaba dando em nada. Ela precisa mesmo é de um processo, e dos grandes.

– Hum...

– Você precisa de um material que a incrimine, cuidando para não abrir brechas e acabar se incriminando também. Acredito que não deve apenas chantageá-la, deve processá-la e ir até o fim, mesmo que isso acabe te expondo. Tenho amigos que são advogados criminalistas excelentes, com certeza irão te ajudar se eu pedir.

– Entendo... – Fiquei muito reflexivo.

– Cuidado com essa história, Leb. Não estou nada feliz por você ter se metido nessa, não pense que concordo com essa palhaçada. Não quero discutir contigo de novo, sua mãe e a sua irmã vão ficar me enchendo o saco, mas depois de todos esses anos espero que saiba que suas escolhas foram erradas. Está apenas colhendo o que plantou.

– Eu sei. – Tentei não ficar triste com isso. Ele estava certo, afinal.

– Só não quero que você se complique logo agora que conseguiu o que quis. – Essa também era nova. Papai achando legal o fato de eu ter um estúdio. Bom, melhor do que ser garoto de programa, né? – Amande também não merece essa situação, ela é uma moça muito boa. Não a faça sofrer, Leb.

Sorri torto.

– Ela é. Obrigado, papai. O senhor me ajudou muito... Não vou me esquecer disso. – Não queria tomar mais do seu tempo.

– Nem vou falar pra sua mãe que você ligou, ela vai fazer mil perguntas e ficar preocupada.

– Tudo bem, melhor não dizer mesmo.

– Cuidado, Leb. Sei que não quer se expor, mas essa mulher é perigosa, ela tem poder para fazer exatamente o que disse que faria. Seja esperto. Se tudo der errado, ligue pra mim. Vamos resolver a situação.

Apoio. Ele estava me dando apoio?

– Certo. Obrigado – tive dificuldade para dizer.

– Se der certo me ligue também. Vou querer saber. Reunirei alguns contatos importantes enquanto isso... Tenho um amigo delegado muito bom e competente, confio muito nele. Ah, tem o Sr. Jairo Costa, é um juiz. Amigão meu.

– Ok, mas não entre em contato com ninguém por agora. Vou tentar fazer o que te falei.

– Espero que consiga.

Vai dar certo. Tem que dar certo.

– Sim, eu ligo. Até mais, pai.

– Até.

Assim que desliguei o celular, comecei a chorar como um menino. Não sabia se sentia tristeza ou alegria. O apoio do meu pai havia sido mais importante do que imaginei, jamais pensei que ele ao menos me escutaria. Ligar para ele havia sido uma atitude desesperada que deu retorno. Aquela conversa me ajudou a repensar os planos, e alguns minutos refletindo foram suficientes para que já eu tivesse reformulado.

Eram cinco e meia da tarde quando Fernando apareceu no estúdio. Disse-me que Amande estava muito triste, mas havia caído no sono. Lara ia voltar para ficar com ela durante toda a noite, e ele estava disposto a acompanhá-la. Achei perfeito. Só queria que Amande estivesse protegida enquanto resolvia nossa situação.

Fernanda demorava demais para dar o próximo passo. Já estava impaciente e nervoso. Não conseguiria passar mais um dia sem a Amande, mais um dia de martírio e dúvidas. Minha saudade só não era maior do que o medo de perdê-la.

Eram seis horas da noite quando meu celular começou a tocar. Por mais que eu estivesse com o aparelho nas mãos esperando impacientemente, levei um susto assim que ele vibrou. O número era anônimo.

Sabia que era ela, mas fingi naturalidade. Meu alô foi o mais despreocupado possível.

– Christian? – Sua voz me deu ânsia de vômito. A raiva que me consumia fez minha cabeça esquentar.

– Hum... Fernanda? – continuei fingindo desinteresse.

– Sabe que eu não gosto que me chame assim, senhor... – Ótimo. Voz melosa. Eu mereço. Alguém exploda meus tímpanos para que não precise ouvir essa mulher nunca mais.

– Desculpa, é que estou com uns probleminhas... Como você está? – Falsidade é uma arma.

– Estou bem, senhor. Quais problemas, algo que eu possa resolver?

Ridícula. Argh. Nojenta. Falsa. Cínica.

“Meu problema é você, sua mocreia!”

– Ah, fim de relacionamento. Sabe como é, né?

– O senhor e a Amande terminaram? – fingiu surpresa. Fingiu muito bem, por sinal. Quase acreditei nela.

– É... Enfim, é a vida. Fui trocado. – Suspirei teatralmente. – Por falar nisso, Anastasia... Queria me desculpar pelo modo indelicado como te tratei na inauguração.

Fui muito injusto, perdoe-me.

Ela riu, causando-me repulsa.

– Tudo bem. Não se preocupe.

– Ótimo. Sabe, pensei que Amande valia a pena, mas me enganei.

– Mas vocês acabaram mesmo? Pareciam tão apaixonados! - falou como se sentisse pena. Praguejei mentalmente centenas de palavras distintos.

– Sim... Acabou. Ela não é quem pensei que fosse. Mas não quero falar sobre ela. Diga-me, a que devo a honra dessa ligação?

Permanecemos em silêncio. Meu coração batia forte, mas sabia que precisava conter a ansiedade. Tudo devia partir dela, não de mim, para que não houvesse desconfiança. Aquela louca ia ver só uma coisa.

– Estou com muita saudade.

“Não posso dizer o mesmo...”

– Saudade? De quê?

– Do senhor... Do seu cheiro... Dos seus beijos...

"QUE NOJO!"

– Hum... Eu vou castigá-la. – Prendi os lábios. Uma grande parte de mim sentiu nojo, a outra, que era bem pequena, mas existia, ficou excitada. Dá pra acreditar?

Fernanda se calou. Não sei se fui longe ou depressa demais, porém não tive tempo de pensar muito sobre isso. A louca pareceu ter engolido a isca. Pior ainda, excitou-se com a ideia. Soube disso pelo seu timbre de voz suavizado e meio rouco:

– Por qual motivo, senhor?

– Por você ter aparecido na inauguração sem a minha permissão – mantive minha voz extremamente firme. – Devia ter avisado. Sabe disso, Anastasia.

– Desculpe, senhor... – a voz dela quase não saiu. Nossa... Ela já estava totalmente na minha. Entregando-se, submetendo-se como sempre fazia.

Afastei o telefone, fechei os olhos e tomei fôlego. Voltei a falar, com a voz tão firme quanto foi possível:

– Oh, Anastasia, você vai pedir desculpas assim de novo, mas vai ser de outra forma. Vou te colocar nos meus joelhos... Juro que só vou parar quando tiver vermelha. Depois vou te foder tão profundamente que você nunca mais vai esquecer.

– Oh... – Claro que a filha da mãe já estava queimando de tesão. Eu só conseguia sentir pena de mim mesmo por estar ficando excitado.

E ódio também.

– Você quer isso, Anastasia?

Silêncio.

– Responda-me.

– Sim.

– Sim o quê? – rosnei grosseiramente.

– Sim, senhor. Estou esperando... No lugar de sempre. Você vem?

– É claro.

Desliguei o telefone. Praguejei baixinho, envergonhado, angustiado... Nervoso.

“É só um sacrifício, Caleb. Vai ser rápido... Ou isso ou perder a Amande. Faça sua escolha.”

Ri sozinho. Eu conseguia ser muito otário às vezes. Minha escolha já estava feita, não tinha o que pensar. Amande era a minha prioridade. A palhaçada precisava ter fim, mesmo que eu tivesse que agir como um palhaço para que isso fosse possível.

Demorei a deixar o estúdio, mas finalmente peguei a Charlotte e dirigi até o apartamento da

ministra. O som alto tocava Paula Fernandes. Amade estava incluída em cada verso, mais viva do que nunca, porém era incrível como as músicas mais tristes agora faziam mais sentido do que as outras.

*"Eu me perdi, perdi você
Perdi a voz, o seu querer
Agora sou somente um
Longe de nós, um ser comum"*

Tentei não chorar para não parecer arrasado diante da ministra, mas foi impraticável. Minhas lágrimas tinham vida própria, escorriam aos montes e deixavam meu peito apertado. Eu só precisava de sorte. Rezava baixinho para o Universo me dar outra oportunidade de ser feliz.

*"Agora sou um vento, só escuridão
Eu virei pó, fotografia,
Sou lembrança do passado...
Agora sou a prova viva de que nada nessa vida é pra sempre
Até que prove o contrário"*

O trânsito estava intenso, por isso demorei quase uma hora para chegar no bairro podre de chique, onde só tinham mansões e prédios luxuosíssimos. Toda a alta sociedade morava ali.

Eram quase oito horas da noite. Estacionei com um pouco de dificuldade e recolhi todo o material de que precisava. Entretanto, o que eu mais precisava naquele instante era de coragem. Isso sim não podia faltar de modo algum.

O porteiro já me conhecia, mas precisou conferir a minha identidade. Meu nome estava na lista de visitantes, como previsto. Quase não raciocinei enquanto pegava o elevador enorme com espelhos do piso ao teto. Tudo ali parecia caro, e era.

Uma das empregadas, a que sempre me recebia – e sorria para mim como se quisesse muito ser uma das minhas clientes –, já me esperava no hall de entrada. Como de costume, ela me levou até a imensa sala de estar.

Fernanda Pires me esperava, sentada elegantemente no sofá, empunhando um drink de coloração esverdeada. Acho que era absinto. Meu coração quase saiu pela boca de tanta repulsa que senti ao vê-la. Contive a vontade de atirá-la pela sacada, que tinha uma vista impressionante e privilegiada da cidade.

– Christian – levantou-se e caminhou na minha direção. Parou muito perto, encarando-me com olhos escuros submissos. Era como se sentisse pena de si mesma por estar absolutamente entregue a mim. Por outro lado, um meio sorriso mostrava contentamento.

Quase desviei os olhos, mas me segurei ao máximo. Não podia vacilar.

– Anastasia... – segurei a raiz do seu cabelo loiro e puxei. Ela continuou me olhando, mas entreabriu os lábios como se estivesse quase gozando com o meu toque.

Aproximei nossos rostos perigosamente. Meu Deus, eu só queria acabar logo com aquilo.

– Espera... – Fernanda se afastou devagar. – Mande preparar um jantar para nós dois. Sei que nunca fizemos isso, mas faço questão, senhor. Por favor, jante comigo hoje.

"Droga! Aquilo ia demorar mais do que planejei..."

– Como quiser.

Sentamo-nos à mesa, que foi posta na varanda. Deu para notar o requinte de tudo, desde a toalha de mesa até as taças, pratos, talheres e a decoração com velas e umas flores vermelhas

pequenas. A miserável realmente não estava querendo poupar, mandou um serviçal abrir o vinho mais caro que eu conhecia e uma empregada com trajes escuros começou a nos servir o jantar.

Pensei que nada entraria pela minha garganta, mas a comida estava tão boa que acabou sendo fácil. Comi pouco, mas o bastante para não fazer feio. Mantinha a seriedade e o olhar dominador que fazia Fernanda parar diversas vezes para me encarar e suspirar alto. Ela nada falou durante um bom tempo, o que me deixou animado. Por alguns instantes até esquecia que estava ali, absorto com a vista magnífica. Foi uma bela distração.

Estávamos na sobremesa quando ela decidiu abrir o assunto. Acho que uma parte dela sabia que eu não seria capaz de comer nada falando sobre aquilo.

– Conte-me o que aconteceu com a Amande. Ela foi tão gentil comigo, vocês formavam um belo casal.

– Traição – murmurei, tentando fingir que aquilo não me machucava. – Nosso relacionamento era recente e não deu para levar adiante. Gosto de fidelidade.

– Eu também.

"Oh.. Claro!"

Encarei-a fixamente. Ela desviou os olhos.

– Não tire seus olhos do meu – alertei.

– Desculpe, senhor...

– O que estava fazendo na inauguração?

– Queria te ver. Não sabia que ia abrir um estúdio... Vi nos jornais e decidi ir. Estava aberto ao público, então eu pensei que...

– Pensou errado. Tudo o que fizer terá que me informar. Entendeu? – Sabia que estava pegando pesado. Nunca a tinha dominado com tanta convicção quanto naquele instante, por isso fiquei com medo de ser retraído.

Mas Fernanda Pires sequer se importou.

– Sim, senhor.

– Sabe que vai ser castigada por isso, não sabe? – tentei fazer minha voz mais sensual. A hora de agir se aproximava.

Fernanda se amou na cadeira, mas abriu um meio sorriso.

– Sim, senhor.

– Já está satisfeita? – Apontei para a mesa, referindo-me ao jantar.

Ela aquiesceu.

– Ótimo. Quero você no quarto agora.

Fernanda pediu licença e se retirou em menos de dois segundos. Meu sangue circulava tão rápido que achei que teria um pire-paque. Olhei para o horizonte, pedindo um pouco de sorte e uma dose generosa de coragem. Os empregados vieram retirar a mesa. Nenhum olhava diretamente para mim, apenas fizeram seus serviços enquanto eu esperava a coragem chegar.

Não conseguia parar de pensar na Amande. Resisti à vontade de chorar e me levantei, seguindo por várias salas e subindo uma escadaria pequena no fim de um corredor. Eu já conhecia tudo por ali.

Assim que abri a porta, fechei-a atrás de mim e a tranquei com uma chave dourada. O quarto vermelho estava intacto e com cheiro de limpo. Tudo no mesmo lugar de sempre; a cama com dossel, uma mesa comprida, os chicotes de diversos tamanhos pendurados nas paredes, as correntes que

terminavam em algemas e alguns armários.

Fernanda Pires estava logo na entrada. Usava apenas uma calcinha branca de renda, ajoelhada no chão com as pernas abertas. Seus seios siliconados, grandes e durinhos apontavam para frente. Os cabelos estavam trançados e ela olhava para baixo. Meu sangue ferveu, e de novo contive a vontade de chorar. Contive também uma ereção, começando a me sentir um desprezível.

Como podia me excitar com uma mulher tão ridícula? Como? Eu a odeio! Eu queria matá-la, mas também queria fodê-la. Aliás, queria chicoteá-la enquanto a fodia. E isso só me trazia pânico.

Apenas os olhos da Amande rodopiavam a minha mente. Visualizei as correntes penduradas no dossel e respirei fundo.

"Sorte e coragem, Caleb."

Eu sabia que a ministra não ia se mexer, mas deixei claro para que permanecesse quieta, olhando para baixo. Havia um motivo: precisava começar a gravar aquilo do começo. Se iniciasse apenas no momento primordial, o vídeo acabaria me incriminando também. Papai me alertou quanto a isso, e fiquei esperto.

Depositei minhas coisas em cima da mesa comprida, tentando disfarçar. Descarreguei minha carteira, as chaves do carro, o celular – que já estava no silencioso – e a câmera digital. Deixei o celular no gravador de voz, só para o caso da câmera não conseguir captar do jeito que eu queria. Deixei tudo em cima da mesa, lado a lado.

Também retirei minha camisa preta de botões, os sapatos e as meias. Evitei ligar o som como sempre fazia. Não queria prejudicar a gravação de voz. Também adoraria ouvir os gritos daquela monstra sem nada atrapalhando. Aquela era a minha vingança. Fernanda Pires ia pagar por tudo que fez a Amande passar.

Suspirei profundamente e conferi bem rápido se a câmera já tinha começado a gravar. Estava tudo certo, mas as coisas teriam que acontecer na cama para que fosse possível a captação.

Caminhei na direção dela. A vadia ainda estava do mesmo modo como a deixei, mas percebi que respirava forte. Excitação. Ia ver só no quê aquela excitação ia se transformar. Estava disposto a fazê-la conhecer o inferno. Nem que para isso eu tivesse que ir junto.

– Levante-se.

Fui obedecido imediatamente.

– Olhe para mim.

Argh. Fingida. Ódio... Ódio mortal.

Prendi os lábios e aproximei nossos rostos. Eu sabia que meu corpo inteiro tremia, mesmo que eu tentasse buscar autocontrole.

“Isso vai acabar, Caleb... Concentre-se. Faça o que deve ser feito.”

– Você foi muito má – grunhi, sabendo que “má” era pouco demais para traduzir o que ela tinha sido.

Fernanda continuou me olhando daquele jeito submisso que me dava nojo.

– Desculpe, senhor.

– Você vai me desculpar... Mas vai ser do jeito que eu quiser.

Ela aquiesceu, sacudindo os ombros.

Puxei sua trança com força para baixo. Ela gemeu e fez uma careta, contorcendo-se para trás. Tomei-lhe pela cintura.

– Venha.

Arrastei-a até a cama de dossel, sem largar seu cabelo. Tocá-la estava me machucando demais, mas alguma coisa dentro de mim estava focada o bastante para manter a seriedade. Assim que chegamos perto da cama, Fernanda prendeu suas mãos em meu rosto e encostou seus lábios nos meus.

“ECAAAA!”

Desviei-me instantaneamente.

– Não encoste em mim – rosnei baixinho e lhe espalmei a bunda com força. Ela gemeu alto. Puxei sua trança e fiz com que me encarasse. – Eu vou te prender, Anastasia... Você é minha?

– Sim, senhor.

– Posso te prender?

– Pode fazer tudo comigo, senhor.

Ótimo. Que fique bem claro que ela permitiu que eu a prendesse na cama. Aquele detalhe era muito necessário, pois não podia parecer que eu a tinha obrigado de alguma forma e a amarrado à força.

Fiz com que se deitasse de barriga para cima. Ela resfolegou e se contorceu por inteira quando retirei sua calcinha, jogando-a para longe. Vê-la nua, absolutamente entregue e com o sexo tão exposto me fez ter uma ereção. Droga! Que ódio!

Aquela vadia ia pagar caro por estar fazendo aquilo comigo.

Concentrei-me em amarrar suas mãos. Deixei que ficassem abertas, totalmente esticadas, de modo que ela não podia mover os braços nem um pouquinho. Fiz o mesmo com suas pernas; a ministra ficou totalmente vulnerável em questão de minutos. Sua expressão era de desejo absoluto. Tive vontade de bater nela, mas precisei me controlar.

Depois de tudo pronto, afastei-me e abri um dos armários. Peguei alguns grampos e vibradores, ia precisar de uma ajudinha. Quanto menos eu encostasse diretamente naquela louca, melhor. No caminho da volta, peguei a câmera digital e a deposei ao lado, num criado-mudo. Fernanda Pires não conseguia me ver, pois eu havia lhe tirado qualquer chance de movimentação.

– Christian... Por favor... – implorou nem sei dizer pelo quê.

A câmera estava na posição perfeita. O rosto dela era muito bem visualizado, e era tudo de que eu mais precisava.

Voltei para cama e espalhei os brinquedinhos eróticos por ali. Peguei o primeiro grampo e, sem pena, coloquei-o em seu sexo, no ponto mais sensível. Fernanda gritou alto e se contorceu. Eu o retirei depressa.

– As coisas vão ser simples, Anastasia... – falei, esgueirando-me para olhá-la de perto. – Preciso fazer algumas perguntas e você vai me dizer a verdade.

Fernanda continuou me encarando, mas sua expressão se modificou um pouco. Agora ela realmente parecia assustada.

– Certo? – Utilizei o mesmo grampo em um dos seus seios. Ela gemeu de novo, cerrando os olhos com força.

Fiquei esperando uma resposta, mas ela nada falou.

– Certo? – rosnei, voltando a grampear seu sexo. Fernanda gritou e se contorceu muito. Seu ventre soltou espasmos, cheguei a pensar que estava gozando, mas ela parou. Deixei o grampo lá.

– Sim, senhor – choramingou.

– Muito bem... Eu queria saber por quanto tempo você contratou meus serviços. Tenho memória fraca, pode dizer?

- Três anos, senhor.
- Toda quinta-feira, não era?
- Sim, senhor.

Peguei um grampo duplo, interligados por uma corrente. Prendi cada um em seus seios, sob gemidos e gritos de prazer. Eu estava excitado e morrendo de raiva, tudo ao mesmo tempo. Só de pensar que Amande veria aquele vídeo...

Droga, precisava me concentrar mais.

- Como você me pagava?
- Sempre em cheque...
- Estou perguntando de onde tirava o dinheiro. Eu te cobrava três mil reais a hora... Às vezes passávamos duas, três... É muito dinheiro, não é?

- Sim...
- Quantos reais chegava a gastar comigo por mês?
- Não sei, senhor.

Puxei a corda que interligava os grampos. Seus seios foram esticados para frente. Aquilo devia doer pra caramba, mas ela gemeu.

- Responda.
 - Entre doze e quinze mil, senhor! – gritou.
 - Ah... Ok... Boa menina.
- Tirei o grampo do seu sexo.
- Christian... Por favor...
 - Você quer gozar? – perguntei firmemente em seu ouvido.
 - Por favor... Sim...

“Nunca, sua cadela. Prefiro morrer a te fazer gozar de novo.”

- Vai precisar continuar me respondendo. Será rápido, prometo. Está disposta a cooperar?

Ela balançou a cabeça com pressa.

- Ótimo. De onde tirava o dinheiro?
- Eu sou rica.

– Ah, claro que é. Você é a ministra da saúde... Mas, tem algo errado. Seu salário não mantém um garoto de programa como eu. Estou certo?

Fernanda Pires não respondeu. Encarou-me com os olhos esbugalhados. Puxei a corrente de novo e a ouvi gritar.

- Fale de onde tirou o dinheiro, Anastasia. Você andou desviando dinheiro público?
- Não!

– É mentira! Não minta para mim! – No impulso, penetrei-lhe um vibrador elétrico. Ela gemeu diversas vezes e se contorceu. Retirei-o depressa. Aquela louca não podia gozar.

– O que quer de mim? – perguntou, finalmente desconfiada. Sua expressão se transformou em pavor, mas ainda existia o desejo.

– Quero que diga a verdade. Chega de mentiras, meu bem... – Deixei meu rosto muito próximo do dela. Não suportava a ideia de lhe beijar a boca, por isso acabei beijando seu pescoço e subindo pelo queixo. Minha barba por fazer alisava sua pele esticada. – Você não confia em mim, Anastasia?

– murmurei sem desencostar meus lábios nela. Senti vontade de chorar pela milésima vez.

- Confio...

– Então... Diz pra mim... Prometo que te deixo gozar bem gostoso... – sussurrei em seu ouvido, beijando-lhe a orelha. Por fim, encarei-a de tão perto quanto me foi possível.

– Precisei fazer algumas coisas para te pagar...

– Que coisas? Dinheiro público, sua malvadinha? – Sorri torto e fingi estar me divertindo com ela.

– Sim. Mas foi por uma ótima causa, não acha, senhor?

RÁÁÁÁ!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

– Ótima causa... Obrigado. Você contribuiu muito hoje.

Introduzi-lhe o vibrador novamente.

– Senhor! Por favor, por favor! – gritou desesperadamente. Espasmos faziam seu corpo de cirurgia plástica pular.

– Só preciso saber se você está nos gravando neste exato momento... – murmurei, voltando a retirar o vibrador. – Soube que andou nos gravando. Isso não se faz, Anastasia.

Ela esbugalhou os olhos novamente. A respiração ofegante fazia seu peito subir e descer muito depressa.

– Não se preocupe, nem me importei com isso – disfarcei. – Só não quero que faça escondido de mim. Jamais me esconda nada, Anastasia, entendeu bem?

– Sim, senhor... Eu... Não estou gravando nada, eu juro. Foi só uma vez, nunca mais faço isso de novo!

– Ótimo. Também nunca mande nada para alguma namorada minha. Certo?

– Certo.

– Certo o quê?

– Certo, senhor, prometo.

Retirei os grampos que estavam em seus seios. Depois, ergui-me e caminhei até a câmera. Finalizei a gravação, percebendo que já tinha material necessário.

– Obrigado, Fernanda, meu vídeo ficou melhor que o seu – falei, mostrando a máquina a ela.

– O quê?

– Eu gravei tudo.

Ela começou a se contorcer na cama, tentando se livrar.

– Você me enganou?

“Dããã!!!”

– É claro que sim. Como você foi burra, hein?

Fui até a mesa grande e, pegando um pequeno cabo que havia trazido, passei o arquivo da máquina para o meu celular. Fernanda começou a gritar como uma louca, mas não me importei.

– Já cuido de você, deixa só eu espalhar esse arquivo na internet.

– Não! Não pode fazer isso!

– Você que não podia brincar comigo. – Ela gritou muito alto. – Pode gritar à vontade, você mesma protegeu a acústica do seu quartinho da dor. Sua louca!

Coloquei o arquivo no meu e-mail e mandei uma cópia para o meu pai. Não tinha como perdê-lo.

– Quanto você quer? – Fernanda estava desesperadíssima.

Ri forçadamente. A doida queria me comprar? Fala sério!

– Zero real. Nenhum dinheiro do mundo paga o que você me fez de ontem pra hoje, sua vadia.

Os anexos ficaram ok e pude enviar os e-mails.

– Não faça isso comigo! Eu te amo, Christian! EU TE AMO!

Caminhei até a parede de chicotes. Peguei o maior e segui para a cama.

– Ama nada! – rosnei alto e grosseiramente. – Você mal sabe o meu nome, sua louca! Você é maluca! Pensou que podia nos ameaçar?

O primeiro açoite foi forte e bem na coxa dela. Fernanda gritou e virou o rosto para me encarar. Estava apavorada, contorcendo-se para se libertar. Tudo em vão.

Aproximei nossos rostos de novo. Desta vez, pude demonstrar todo nojo, ódio e raiva que se instalara no meu peito.

– Eu vou acabar contigo, Fernanda – sussurrei, puxando sua trança para o lado até o máximo. Ela gritou e esperneou.

Ergui-me e chicoteei sua barriga com força. Uma marca vermelha grotesca surgiu em sua pele. Um rastro que podia trazer complicações para mim depois. Droga. Esqueci que não podia bater nela.

– Se voltar a nos ameaçar de novo... Juro que te denuncio, sua cadela. Um passo em falso e você estará fodida. Vai perder tudo o que tem. Ouviu bem?

– Não! Christian, não faça isso comigo! Eu te amo!

– Pare de me chamar de Christian! – tornei a lhe puxar a trança. Minhas mãos coçaram e acabei lhe açoitando novamente, desta vez, na outra coxa.

Fernanda pires gritou. Quando voltei a encará-la de novo, ela já estava chorando desesperadamente.

– Não tenho medo de você e das suas ameaças – deixei bem claro. – Não tenho medo do seu videozinho de merda. Mande seu pessoal parar de nos seguir. Se não fizer isso eu vou até o inferno se for preciso pra te ver atrás das grades, entendeu?

– Não... Não... Por favor! Jamais pediria para alguém lhe seguir!

– Mas seguir a Amande sim, não é mesmo? Nunca mais quero olhar para sua cara – rosnei. – Fique longe da Amande, sua filha da puta. Fique longe de nós!

– Eu te amo... Eu te amo... – começou a balbuciar loucamente.

– Você não sabe o que é amor! Amor é o que eu sinto pela Amande e sempre vou sentir. Espero que tenha compreendido bem o que aconteceu aqui agora. Você está em minhas mãos, sua bandida.

– Não... Não...

– Acabou, Fernanda. Você se fodeu.

Fui me afastando devagar. Ela continuou gritando coisas sem sentido, mas ignorei tudo e me concentrei apenas em sair dali. Recolhi minhas coisas e vesti minhas roupas. Antes de sair, falei:

– Você vai ter tempo para pensar na merda que fez. Daqui para que te encontrem... Será meio constrangedor, não?

– Não! Não me deixe aqui! Volte! Volte!

– Adeus, vadia.

Cuidei de abrir e fechar a porta depressa, antes que alguém escutasse seus gritos. Depois de fechada a porta, sabia que ninguém jamais a escutaria até que notassem sua ausência.

Passei pelo mesmo caminho que tinha usado para chegar ao quarto vermelho. Uma empregada estava plantada na sala, e lhe pedi para que me mostrasse a saída. Ela me seguiu até o hall de entrada educadamente.

No fim, decidi entregar as chaves do quarto vermelho para ela.

– Fernanda disse que queria um pouco de paz, está meditando. Pediu para que a servisse com chá daqui a uma hora. Não a interrompa antes disso.

– Oh, sim, tudo bem. Obrigada! – A moça pegou as chaves e nem percebeu o meu amplo sorriso de satisfação.

Saí daquele prédio sentindo o doce sabor da liberdade.

30º Capítulo

4 meses e 10 dias depois...

Abri os olhos devagar. Estava nos braços do Caleb, soube disso antes mesmo de conseguir vê-lo. Seu cheiro maravilhoso já perturbava meus sentidos. Ele me olhava com muita preocupação e suspirou de alívio quando acordei.

– Ah... Meu Deus, você acordou. Já ia te levar ao hospital.

– Meu príncipe... – murmurei. Ainda estava tonta como se tivesse bebido a noite inteira. – Você está aqui mesmo?

Ele sorriu torto. Oh, céus... Por favor, que não seja um sonho. Por favor...

– Estou, meu amor... Estou. – Caleb encostou seus lábios nos meus e, de repente, começou a chorar baixinho. Acabei o acompanhando.

– Não... Você não era para estar aqui! – Afastei-me devagar, mas Caleb não deixou que me distanciasse. Logo, tornou a me envolver.

– Já resolvi nosso problema, princesa.

– Já?

– Sim. Conversamos sobre isso daqui a pouco. – Caleb olhou para frente, e então percebi que estávamos no sofá-cama, que havia sido armado na sala. Lara e Fernando estavam nos observando atentamente. O mais legal foi que eles estavam abraçados de um jeito carinhoso.

Que lindo casal! Sorri instantaneamente.

– Ela não comeu nada hoje, Caleb, deve ser por isso que desmaiou – disse Lara, denunciando-me.

Meu homem lindo e maravilhoso me encarou, tentando fingir descontentamento. Logo percebi o quanto estava diferente; os olhos inchados e fundos – quase não se via o brilho natural que eles tinham –, o rosto sofrido e a barba por fazer. Caleb parecia arrasado.

Mais lágrimas escorreram pelo seu rosto enquanto me olhava. Enxuguei-as com os dedos e o abracei forte.

– Senti tanta saudade! – choraminguei. Toda a dor que eu sentia começava a se dissipar, como nuvens pesadas sendo vencidas por fortes raios de sol.

– Eu também, minha linda. Não parei de pensar em você nem por um segundo.

– O que aconteceu? Como conseguiu...? – Em um instante, lembrei-me das mensagens da ministra e de suas ameaças. Claro que me desesperei. Abri o maior berreiro. – Ah, não... Não, Caleb...

– Shhh... – Ele calou a minha boca com um dedo e afastou meus cabelos para trás. – Depois conversamos. Agora você precisa se acalmar e comer.

– Quero saber se ela... Se ela...

– Amande... Não. Por favor.

Sua expressão foi tão sofrida que calei o choro.

– Ainda tem bolo de fubá – Lara lembrou.

Sentamo-nos à mesa e realizamos um pequeno lanche no meio da madrugada. Lara e Fernando haviam comprado algumas coisas; além do bolo de fubá, tinha leite, café e alguns pãezinhos, que acabei comendo com manteiga. Estava faminta, mas não conseguia me manter longe do Caleb. Comi tudo no colo dele, como se fosse uma criança.

– Estou feliz que tenha vindo, cara – Fernando disse enquanto bebericava café quentinho numa caneca. – Fez a escolha certa.

Caleb sorriu. Na verdade todos nós sorrimos, menos o Fernando, que se manteve meio esquisito. Às vezes ele olhava para nós com pesar. Perguntei-me o que ele sabia daquela história, visto que não conseguia compreender suas atitudes.

Depois de ter devorado quase toda a comida, Caleb me carregou até o meu quarto, pois ainda não tinha conseguido me desgrudar dele. Deixamos Lara e Fernando na sala – eu sinceramente não soube dizer o que eles fariam nem onde dormiriam. Pareciam estar em dúvidas se dormiam juntos ou não, mas, antes de ir com o Caleb, agradei mais uma vez a força que estavam nos dando e informei para que ficassem à vontade.

Assim que o meu lindo príncipe me deitou na cama e voltou para trancar a porta, estiquei meus braços para cima, chamando-o para mim. Ele veio rapidamente, deitando seu corpo maravilhoso por sobre o meu.

Abraçamo-nos fortemente, entrelaçando nossas pernas.

– Não acredito que está aqui... – Voltei a chorar. – Foi tão difícil... Tão... Foi horrível, meu amor. Nunca senti tanto medo na minha vida.

– Eu também... Foram as piores horas que já passei. Infelizmente precisamos conversar sobre isso... Está com sono ou pode ser agora?

Caleb se afastou para me encarar. Ainda havia sofrimento em seu rosto, e isso me assustou.

– Você transou com ela?

Ele meio que se sobressaltou.

– Não, claro que não! Deus me livre.

– Então está tudo bem, príncipe.

Caleb se afastou completamente, sentando-se na cama.

– Não vou me sentir bem até que saiba exatamente tudo o que aconteceu, Amande. Eu fiz coisas terríveis... Cruéis...

Levei uma mão à boca, estupefata.

– Você matou a desgraçada?

– Não, Amande! – Ele chegou a sorrir um pouquinho, mas voltou a ficar sério.

– O que aconteceu, meu amor? Eu não aguento mais sofrer.

– Sei disso... Me perdoa, Amande. Só te trago problemas. – Ele começou a chorar. Tipo, de verdade. Não silenciosamente, mas exalando um desespero que me deixou paralisada. – Eu não mereço você. Estou falando sério, eu... Eu agi muito mal! Passei a noite inteira pensando em mil formas de te dizer adeus e...

– Adeus? – Meu coração foi espremido por uma mão forte e invisível. – Como pôde pensar em algo assim, Caleb? Por que queria me dizer adeus?

– Porque eu não presto!

– Príncipe... Pare com isso. Está me assustando...

Caleb começou a me contar sobre tudo o que havia acontecido desde que leu a minha carta

em cima da cabeceira. Contou sobre como armou um plano, desculpou-se mil vezes por ter gritado comigo mais cedo – ele realmente estava encenando, pois havia se ligado que aquilo tudo era obra da ministra dos infernos –, falou sobre a conversa que teve com seu pai e, por fim, desabafou cada detalhe do seu encontro com a ministra.

Entregou-me seu celular e praticamente me obrigou a assistir ao vídeo. Eu não queria assistir, mas ele continuou dizendo que jamais teria paz se eu não soubesse exatamente o que aconteceu. Confesso que chorei durante toda a exibição. Caleb me abraçava forte e chorava junto, o que acabou me trazendo conforto. Nossa dor quando compartilhada se tornava um fardo mais leve de ser carregado.

– Depois que eu desliguei a câmera, Amande... Comecei a agredi-la moralmente e fisicamente. – Caleb ainda chorava. Sua tristeza me deixava arrasada, mas mesmo assim busquei forças para abraçá-lo. – Falei para ficar longe de nós... Prometi que a colocaria atrás das grades se não parasse de nos ameaçar e... Eu... Peguei um dos chicotes e... Fui muito agressivo. Muito mesmo...

– Bateu nela? – perguntei baixinho. Nem sabia o que sentir. Só queria que Caleb parasse de chorar e fizesse amor comigo. O resto era desimportante. Quem ligava se ele tinha batido naquela louca? Eu faria a mesma coisa.

– Bati! Três chicotadas, ficaram até as marcas. Ela... Estava... Sem defesa alguma... – Caleb começou a soluçar. – Sou desprezível, Amande! Estou envergonhado pelo que fiz!

Ai, meu Deus...

– Príncipe... – Puxei-o para mim e fiz com que voltássemos a deitar. Deixei seu rosto na altura do meu peito e alisei seus cabelos escuros, macios. – Se me dessem uma faca e ela estivesse na minha frente, eu a mataria. Acha que vou te julgar por ter batido nela?

– Foi diferente, Amande. Naquele vídeo que ela te mandou eu a chicoteava de um modo consensual. Ela estava gostando daquilo, podia machucá-la quanto quisesse que a maldita ia gostar. Ontem foi diferente... Foi uma agressão. Eu me senti tão péssimo depois que a ficha caiu... Não consegui te procurar... Fui pra casa e prometi que não deixaria você se envolver comigo de novo!

– Meu Deus... A que horas saiu da casa dela?

– Umas dez horas, não sei direito.

– E passou esse tempo todo se culpando?

– Amande, não quero ser egoísta contigo. Eu te amo demais... Amo tanto que quero te proteger até de mim. Não me senti merecedor do seu amor depois que tive a capacidade de bater numa mulher. Se o Fernando não tivesse me ligado...

– Fernando falou contigo? – Fiquei surpresa.

– Sim. Foi ele quem me convenceu a vir. Depois que me disse o quanto você estava mal... Pensei em deixar sua dor ir embora, mas... Não consegui. Não consigo te ver sofrer, meu amor. – Caleb me apertou como se tivesse medo que eu desaparecesse do nada. – Não quero te ver sofrendo nunca mais, muito menos por minha culpa...

Ok, Fernando mentiu quando nos informou que Caleb não havia atendido ao telefone. Conte-lhe esse detalhe.

– Fernando não sabia que eu viria, apesar de ter tentado me convencer. Acredito que ele achou melhor dizer que não conseguiu falar comigo, pois eu tinha dito que não voltaria para você...

Meu coração parou só com a ideia de quase ter perdido o amor da minha vida. Sinceramente, não estava nem um pouco tocada com aquilo. Por mim Caleb teria espancado, esfaqueado, esgoelado

a maldita, eu realmente não me importava. O que ela fez comigo havia sido tão cruel quanto um esfolamento.

– Não diga algo assim nem de brincadeira, Caleb. Supere isso, pelo amor de Deus! Não vou te julgar por nada, você fez o que devia ser feito. Tudo por nós... Tudo pelo nosso amor. Sua atitude foi desesperada, você estava com raiva, ódio... Eu também senti essa raiva, esse desespero... Pare de se torturar, meu amor. – Inclinei-me um pouco e ergui sua cabeça para que me encarasse. Beijeí seus lábios desenhados com ternura.

– Você me perdoa, Amande? Por tudo? Por toda essa droga que eu fiz? – Sua voz saiu como um sussurro. Olhos azuis maravilhosos me fitavam com amor e angústia, uma mistura poderosa que me tirou o fôlego.

– É claro que sim, lindo príncipe. Não foi culpa sua. Por favor, não pense em me deixar. Minha vida não faz sentido sem você... – Deixei meu corpo cair por cima do seu, trocando a posição; agora era ele quem me tinha em seu peito.

– Estou pensando em processar a maluca.

– Não vamos falar nisso agora, por favor – pedi choramingando. – Não quero essa maldita entre nós por um loooongo tempo.

Caleb se levantou um pouco, deixando nossos lábios quase unidos.

– Eu te amo... Amo muito, Amande. – Uma lágrima voltou a molhar seu lindo rosto. Enxuguei-a com um beijo.

– Eu também te amo... Príncipe, eu te conheço muito bem. Sei que é o meu homem, meu escolhido. Confio em tudo o que faz, confio minha vida a você... Promete que não vai deixar você nos separar?

Caleb sorriu de leve, atribuindo novas cores à minha vida.

– Prometo.

Ele me tomou em seus braços e, silenciosamente, fizemos amor. Um amor sem pressa, maravilhoso, quase dolorido de tão intenso. Vimos o dia amanhecer e nossos corpos permanecerem unidos, necessitados um do outro. Nossas almas agradeciam aos céus a nova chance oferecida.

Demos adeus a cada uma das angústias e deixamos que apenas o que sentíamos um pelo outro tomasse conta, sabendo que aquilo era mais do que o bastante para prosseguirmos. Mais juntos do que nunca.

31º Capítulo – Por Lara

4 meses e 10 dias depois...

As últimas horas haviam sido tão fora de noção que às vezes eu me perguntava se tudo aquilo estava mesmo acontecendo. Não dava para assimilar; fiquei igual a uma imbecil tentando ajudar a Amande e me desvencilhar do Fernando. Ele parecia um bicho no cio, ficava me beijando, pegando nas minhas gorduras horríveis como se não fossem tão horríveis assim. Na verdade ele parecia sentir desejo o tempo todo, o que era tão esquisito quanto o fato de ver minha amiga beijando outro cara sem mais nem menos.

Acho que o mundo virou pelo avesso. Ou sei lá, se ele tivesse virado eu devia estar magra, não devia? Era tão irreal a ideia de beijar o Fernando que só cheguei a uma conclusão: ele estava querendo apenas uma transa. Sim, afinal, soube que tinha largado a vida de garoto de programa recentemente. Claro que estava matando cachorro a grito, pegaria qualquer trambolho facilmente. Eu era o trambolho ali, disponível, apaixonada e pronta para abrir as pernas na primeira oportunidade.

Só que eu tenho um pouquinho de amor próprio, ouviu bem? Fernando não podia achar que seria fácil me usar e depois jogar fora. Confesso que não estava conseguindo evitar seus beijos e carícias – também não sei dizer se beijá-lo me fazia bem ou mal, só estava deixando porque era gostoso e arrancava de mim a saudade enorme que sentia de seus lábios –, mas uma trepada ele não teria nem a pau!

Até porque estava usando uma calcinha mais larga do que a da minha avó. E tinha me esquecido de fazer os cantinhos. Ok, não me esqueci, apenas não sinto necessidade de me manter depilada sabendo que ninguém terá o interesse de conferir. Claro que não estava nenhuma Mata Atlântica – não sou tão nojenta quanto pareço –, só que as garotas dos filmes pornôs sempre têm a danadinha toda lisinha como se nunca tivesse existido um pelo ali.

Fernando obviamente estava acostumado com mulheres depiladas. Quero dizer, eu me depilaria perfeitamente se tivesse horário marcado com ele – já estaria pagando pra ser comida, seria humilhante ao dobro se não fizesse nem um agradinho pro sujeito ter mais motivos para se animar além do dinheiro –, por isso acredito que suas clientes o faziam.

Ah, também tinha os meus peitos. Não sei, mas depois que passei dois meses comendo sem parar enquanto sofria por ele, havia engordado pelo menos uns seis quilos – claro que não me pesei, balanças e eu não ocupamos o mesmo recinto sem que role confusão – e meus seios estavam se rendendo à gravidade. Ficavam o tempo todo apontados para o chão, cabisbaixos. Isso sem falar da minha barriga. Dela nem vou comentar, pois não quero ficar de luto pelos desenhos de bacias hidrográficas que minhas estrias faziam na coitada.

Mas como eu já disse, tenho amor próprio e não ia dar para o Fernando. Ele pensava o quê? Que podia aparecer do nada, num dia totalmente incomum, falar que gosta de mim depois de dois meses me deixando deprimida e ainda querer dormir comigo? Não mesmo! Sou uma mulher madura, meus vinte e sete anos me levaram a ter certeza de que nenhum homem presta. Principalmente quando você é gorda. É raro encontrar um cara que aceite que você é imperfeita. E logo uma imperfeição tão

óbvia.

Quando Amande começou a organizar um quarto para nós dois, quase me atirei pela janela. Estava disposta a deixar o Fernando dormir ali enquanto eu esgueirava minhas banhas pelo sofá, mas graças à Nossa Senhora das Gordinhas, santa das dietas impossíveis, ele saiu do quarto dando a entender que ficaria no sofá quando Amande nos livrou da saia justa, dizendo que seu sofá magicamente virava uma cama.

Ufa!

Mas claro que eu não consegui dormir depois de toda aquela confusão. Amande estava triste, e ainda peguei as roupas erradas quando passei em casa – pasme, Fernando me levou em casa e esperou que eu pegasse algumas roupas antes de voltarmos para ali, o que deixou minha mãe super curiosa, e minha irmã mais nova, magra e perfeita, fez questão de dizer bem alto que não acreditava que eu tinha arranjado um namorado tão lindo. Fernando corou, eu corei, mas a situação piorou quando meu pai chegou do trabalho e precisei explicar mil vezes que não ia dormir na casa dele e sim na da Amande. Ninguém acreditou e eu quis morrer. Mas o pior de tudo foi quando minha mãe perguntou qual era o shampoo que o Fernando usava. Gente! Isso é pergunta que se faça para o suposto novo namorado da sua filha?

Mas sim, só estava tentando dizer que acabei pegando as roupas erradas; pensei que tinha pegado minha blusa preta e comprida, a que me fazia parecer magra, mas acabei pegando uma curta e justa, que me fazia parecer uma... fruta preta e redonda... Jabuticaba!

Fernando riu quase o caminho inteiro rumo à casa da Amande e ainda ria um pouquinho quando se lembrava da confusão que foi armada lá em casa só porque tive a ideia estúpida de deixá-lo sair do carro enquanto esperava. Jamais devia ter aceitado a sua carona. Aliás, não devia ter permitido que entrasse na minha vida logo quando me sentia um pouco mais recuperada do pé na bunda que me deu na inauguração do estúdio do Caleb.

Agora eu me via confusa, sabendo que, quando toda a situação for resolvida, voltarei a me entupir de brigadeiro de panela com Coca-Cola Zero – o zero é só para não me sentir totalmente no fim do poço – enquanto ele exhibe seu corpo perfeito e deliciosamente tatuado por aí. Eu estava em total desvantagem.

Por mais que tentasse dormir, não conseguia. Virei de um lado para o outro pelo menos dez vezes por minuto, odiando a sensação de perda que a distância do corpo dele me trazia. Fernando devia estar na sala, mas, para mim, viveria eternamente em um Universo longe do meu. Oceanos nos separavam. Oceanos e quilogramas. Ah, e uma calcinha da vovó.

Quando Caleb apareceu, lá pelas três e tantas da manhã, eu estava pensando seriamente em tirar a calcinha da vovó e aparecer na sala só com o shortinho do pijama. No escurinho o Fernando nem repararia no meu cantinho cabeludo e muito menos nas estrias. Estava quase cedendo à ideia, mas claro que alguma coisa precisava acontecer para que eu não fizesse besteira. Foi um sinal dos céus, um aviso do meu anjo da guarda.

Não podia comer durante a madrugada – não faça isso em casa nunca, engorda muito, sabia? – portanto rejeitei o bolo de fubá e só bebi uma xícara de café enquanto via Caleb e Amande se reconciliarem como se necessitassem um do outro tanto quanto o ar que respiram. Era lindo demais vê-los juntos. Fernando me abraçava vez ou outra e sorria para mim de um jeito lindo, mas era diferente. Sabia que só me queria na cama e pronto. Tentava não me iludir para não sofrer tanto depois.

Quando Caleb praticamente arrastou Amande até o quarto – na verdade ele a carregou no colo, o que me fez lembrar de que o Fernando jamais faria isso comigo, a não ser que ele quisesse ter sérios problemas de coluna depois – meu martírio foi reiniciado. Ficar sozinha na sala com o Fernando é um perigo. Um minuto depois e ele já tinha me deitado no sofá-cama e estava com seu corpo grande, perfeito, com músculos evidentes e um cheiro de homem que sabe o que quer em cima de mim.

Minhas coxas gordurosas se mantiveram abertas para tentar encaixar o quadril perfeito que ele tinha. Senti um volume deliciosamente duro se encostando ao meu pijama, e então minha calcinha de vovó deve ter sofrido consequências similares a um tsunami.

Mas eu não podia dar para um cachorro no cio. Por mais que eu gostasse dele, não queria fazer o tipo cadela. Por isso que me desvencilhei. Foi difícil afastá-lo, admito, Fernando era grande e pesado, mas consegui. Sentei-me na cama.

– Lara... O que você tem? Poxa vida, não aguento mais sentir tanto tesão – reclamou, impedindo-me de ficar de pé. Continuei sentada, encarando-o sob a penumbra da madrugada. Ele permaneceu deitado. – Sei que precisamos conversar sobre nós, mas... Caraca, não estou conseguindo suportar. Eu quero você, quero agora.

Permaneci calada. Não sabia o que responder. Suas palavras só confirmaram minha teoria de que estava subindo pelas paredes. Depois de muito pensar, soltei:

– Você quer qualquer vagina, Fernando.

Acho que exagerei. Devo ter exagerado mesmo, pois ele se levantou e sentou ao meu lado. Tirou suas mãos de mim como se eu tivesse uma doença contagiosa.

– É isso o que te perturba? Já falei que gosto de você, Lara. Por que não entende isso? Não acredita em mim? – Fernando parecia tão abalado que me senti mal pelo que falei. – Quero apenas você.

– Até quando? – minha voz saiu grosseira sem querer.

– Até quando for possível. Lara, deixe disso... Acredite em mim, por favor. Sei que não fui legal contigo, sei que fui um estúpido e não tive a capacidade de te explicar meus motivos... Eu te magoei, mas nunca quis que sofresse por mim.

Meus olhos se encheram de água, mas estava cansada de bancar a gordinha sentimental.

– Mas sofri. Ainda sofro... E sei que vai ser pior se eu dormir contigo. Esquecer uma noite foi difícil, esquecer duas vai ser impossível.

Ele soltou todo o ar dos pulmões e me puxou para si. Minha cabeça meio que girou, parecia um *looping* em plena montanha-russa, mas quando percebi estava sentada no colo dele, sendo firmemente abraçada. Coitado, meu peso estava todo nele.

– Eu também não esqueci a nossa primeira noite, está bem? Penso nela todos os dias.

Por um instante me perdi na profundidade dos seus olhos clarinhos. Seu lindo rosto de contornos másculos quase tirou toda a minha concentração. Tive que resistir à minha vontade louca de beijá-lo e deixar que me possuísse ali mesmo no sofá. Com ou sem a calcinha da vovó.

– É muito fácil falar coisas bonitas para me convencer. – Saí do seu colo e fiquei de pé, afastando-me. – Já conheço esse quadro, não vou ser objeto de mais ninguém. Nunca mais.

– Objeto? – Fernando também se levantou. Ergui minha cabeça a fim de manter seus olhos nos meus e fui dando passos para trás.

Decidi mudar de assunto. Não queria falar de todos os meus relacionamentos ruins.

– Você mal me conhece, Fernando, por que diz que gosta de mim assim, do nada?

– Você também disse que gostava de mim, sendo que mal me conhece.

– Sei disso, mas eu gosto de verdade. Não importa o que faz ou quem você é, gosto de você por tudo o que me fez sentir. Gosto de tudo vindo de você, sendo bom ou ruim, sendo justo ou não... Sou uma idiota! – Confirmei o que estava dizendo deixando lágrimas rolarem até fazer minha voz se esganiçar. – Não sei por que me apaixonei! Que merda!

Achando que já tinha ultrapassado minha dose diária de burrice aguda, corri para o quarto de hóspedes e me atirei na cama, chorando debilmente. Não demorou nem um segundo para que eu ouvisse o ruído da porta se fechando. Erguendo minha cabeça, vi quando Fernando girou a chave na maçaneta e se deitou na cama, bem ao meu lado. Não disse nada, porém me puxou com força até me fazer chorar em seu peito. Molhei tudo por ali. Havia uma tatuagem meio tribal descendo até seu abdome, e não contive o ímpeto de contorná-la com a ponta do dedo.

Quando finalmente parei de chorar, Fernando resolveu abrir o bico:

– Está mais calma?

– Sim... – Voz chorosa e digna de pena.

– O que te faz pensar que você tem o direito de se apaixonar por mim e eu não? Por que acha que só você pode gostar de mim sem razões óbvias?

– Porque você é lindo e eu sou gorda! – gritei e chorei. Tive até medo do Caleb e da Amande terem ouvido meu grito, mas acho que eles estavam ocupados demais àquela altura do campeonato.

Fernando se ergueu e imprensou seu corpo no meu. Prendeu meus braços com os seus e os colocou acima de mim. Entrelaçou as pernas nas minhas, tirando-me qualquer possibilidade de movimento. Seu rosto ficou tão perto que dava para sentir sua respiração. Ele me olhou firme por eternos segundos. Seus cabelos foram caindo pelos lados e para cima aos poucos, na medida em que ele se curvava para me observar. Não me lembro de tê-lo visto tão magnífico antes. Era um deus-grego, uma coisa de louco.

– Eu estou completamente apaixonado por você, Lara – sussurrou. Sua voz era sempre descontraída, mas naquele instante estava tão séria que foi impossível duvidar de suas palavras. Meu cérebro processou como a mais pura verdade.

– Mas... Como? Como pode? – Balancei a cabeça, sentindo novas lágrimas. – É impossível...

– É muito possível. Eu me apaixonei por uma mulher linda, gostosa, inteligente, sensual, divertida, sensível... O que há de errado nisso?

Já abria o maior berreiro. Foi desconcertante.

– Mas... eu... você... você é tão perfeito...

– Não mesmo, Lara. Não sou perfeito e faço questão de te mostrar todas as minhas imperfeições, pois é contigo que quero melhorá-las.

– Co... Comigo? – minha voz saiu fraquinha como um paciente terminal.

– Sim... Quero que me conheça completamente... – Fernando começou a me beijar o pescoço, ainda me mantendo presa. Seus lábios subiram pela minha orelha e seguiram pelo meu rosto. Minha pele ardia, permitia seu toque sem questionar. – Prazer, meu nome é Fernando. Tenho vinte e quatro anos, sou do signo de Áries e estou apaixonado por você, Lara.

Minhas lágrimas deixaram seus lábios úmidos quando ele beijou os meus olhos. Depois de ter beijado todo o meu rosto, finalmente trabalhou na minha boca. Sua língua deliciosa fez a minha implorar por mais.

Assim que Fernando largou meus braços para tocar meus seios por debaixo da maldita blusa justa, passei minhas mãos pelo seu longo cabelo castanho-claro. Ele era tão macio! Gostoso demais de pegar e brincar. Fiquei entretida com ele enquanto sentia uma boca ansiosa sugando minha barriga até chegar à ponta dos meus seios.

Fernando se levantou e me ajudou a retirar a blusa. Jogou-a longe e depois se curvou para continuar sugando meus seios. Os movimentos que fazia eram incríveis, cada nervo que me mantinha neurótica foi se acalmando e me deixando relaxar. Guiei minhas mãos nos contornos de cada tatuagem de seu corpo. Eu gostava de cada uma delas, sobretudo da rosa com espinhos perto do seu pescoço. Era bela, mas ao mesmo tempo intrigante. Beijeí exatamente ali e soltei um gemido. Ele tinha mordido de leve a ponta do meu seio esquerdo.

Minhas pernas se abriram quase involuntariamente. Minha ideia inicial de não dar naquela noite havia ido para o espaço. Estava mais do que pronta para ser dele de novo. Fernando comprovou isso quando resolveu explorar o que o aguardava por debaixo da minha calcinha de vovó. Seus dedos brincaram por ali, fazendo-me soltar mais gemidos.

– Eu te quero tanto, Lara... Você é tão gostosa...

Passei meus braços pelo seu pescoço e o puxei para mim, dando-lhe um beijo longo e quase selvagem. Seus dedos ainda brincavam comigo, deixando-me sempre entregue e muito ansiosa para tê-lo. Queria senti-lo em mim logo.

Mas também não queria que visse a minha calcinha da vovó.

Foi por isso que o empurrei com força e fiquei por cima. O movimento fez sua mão sair de mim, mas ele logo a colocou na boca e lambeu tudo. Devo ter corado de vergonha, será que eu estava cheirosa por ali? Não faço ideia, mas seu rosto só demonstrou desejo.

Fiquei de joelhos ao seu lado e tirei a calcinha junto com o short, ficando completamente nua. Ele ficou me observando, admirando meu corpo como se eu fosse a Gisele Bündchen.

Senti-me amada. Acreditei piamente que era tão bonita quanto qualquer modelo de passarela. Fernando fazia com que eu me sentisse mulher, e, como tal, sabia que tinha o poder de seduzir e de deixá-lo louco, em minhas mãos.

Assim que fiquei nua, tornei a subir nele. Suas mãos logo navegaram por todo o meu corpo, provocando-me arrepios deliciosos. Inclinei-me e o beijeí intensamente. O caminho ficou livre para que ele segurasse minhas coxas com firmeza, fazendo movimentos que imitavam o vai e vem da entrega.

E como eu queria me entregar... Queria muito mesmo.

– Quero ser sua, Fernando – sussurrei baixinho.

– Você é minha... – Adorava sua voz quando carregada do mais puro desejo. Era quente... Sensual... Continha promessas deliciosas. – Eu sou seu.

– É? – Sua afirmação me deixou assustada. Tudo aquilo ali era meu? Tipo, só meu?

– Sou...

Nem sei dizer se eu ri ou chorei, só sei que me abaixei e, decidida, arranquei sua calça jeans. Depois lhe deixei livre da cueca. Devo acrescentar que Fernando tinha um belo monumento escondido ali. Era um monumento mesmo, devia até estar sendo exibido em algum museu de tão lindo que era. Todo perfeitinho e depilado, durinho só pra mim. Gosto demais... Morria de saudade de sentir seu gosto na minha boca, e foi por isso que o chupei até cansar. Minhas bochechas ficaram meio dormentes, mas era impossível parar de ouvir seus gemidos sôfregos.

Só parei quando achei que era a hora de tê-lo dentro de mim. Fiquei em pé na cama e passei uma perna pelo seu quadril. Fui descendo devagar e me apoiei nos joelhos, cuidando para nos encaixar. Mal havíamos nos encostado e Fernando me segurou pela cintura, fazendo nossos corpos girarem depressa até que ele estava por cima de novo.

Só descobri o que ele ia fazer quando seu rosto desceu até a altura embaixo do meu umbigo. Morri de vergonha e receio, mas Fernando pareceu não se importar com meus pelos ali embaixo. Sugou tudo com uma perfeição tão grande que gozei na sua boca em menos de cinco minutos. Um orgasmo intenso, que prometia me fazer mais relaxada durante a noite inteira.

Agradei por não ter demorado nada para atingir o clímax, pois assim o teria em mim mais cedo. E foi o que aconteceu. Depois de ter lambido todo o líquido do meu gozo, Fernando se viu pronto para me possuir. Penetrou-me devagarzinho, inclinando-se aos poucos até que parou com o rosto grudado ao meu.

Foi me invadindo sem pressa, deixando que cada centímetro de mim lhe desse permissão. Eu estava tão relaxada que senti um prazer absurdo a cada investida sua, principalmente quando acelerou o ritmo e não parou até me fazer gozar novamente.

Foi então que me lembrei que estávamos fazendo sexo inseguro.

– Ai... Esquecemos da camisinha... – murmurei resfolegante, ainda sentindo o êxtase circulando nas minhas veias.

Fernando fez uma careta, mas não desacelerou. Dois segundos depois, começou a gemer baixinho, deixando suas lindas expressões de prazer encherem a minha vida de alegria. Adorava vê-lo gozar. Era lindo demais, perfeito!

– Tarde demais... – falou assim que parou de me preencher com seu sêmen. Deu para sentir tudo lá embaixo.

– Tudo bem.

– Você toma pílula?

– Não.

– Por que não? – Ele fez uma careta engraçada, encarando-me de perto. Seu corpo ainda estava no meu. Nem amolecido tinha, incrível!

– Porque eu não transo, Fernando. Só quando arranjo um namorado, o que acontece de eras em eras.

Inexplicavelmente, ele riu.

– Amanhã passamos numa farmácia, ok?

– Ok. – Viva a pílula do dia seguinte.

Passamos longos minutos ainda um no outro. Eu abracei o Fernando até que seu peso ficou todo em mim. O silêncio falou muito por nós, mas sequer abrimos a boca.

– Lara? – sussurrou docemente.

– Oi...

– Quer namorar comigo?

Meu coração disparou instantaneamente. Achei que fosse morrer. Precisei até de que ele se afastasse um pouco, caso contrário morreria asfixiada. Não estava preparada para aquilo. Não mesmo!

Era felicidade demais para que eu acreditasse que fosse comigo.

– Que... Quero...

– Não senti firmeza... – Fernando riu um pouquinho e me beijou de leve.

– Claro que quero. Quero muito.

Quero demais da conta! É o que eu mais quero no mundo! Mais do que ser magra ou ganhar na loteria. Mais do que qualquer coisa.

32º Capítulo

10 meses depois...

Estacionei em frente a uma das joalherias mais famosas da cidade. Não estava acostumado com aquele carro, mas só me restava aprender a gostar dele. Bem que aquele HB20x era bonito e estiloso – Amande o chama de *Black Cat*, por ser um modelo preto e também porque eu amo gatos –, mas nada se compara à minha querida Charlotte. Uma pena, mas precisei de me ver livre dela e comprar um carro bem mais barato. Até porque minha nova condição de vida estava mais para um Hyundai do que para uma BMW. Não que um Hyundai fosse pouca coisa, muito pelo contrário.

Estava feliz demais. Animadíssimo com a nova etapa que nossas vidas estavam seguindo. Foram seis meses de tanta correria que mal consegui parar para respirar. Tudo isso por causa do meu pai, mas ele, no fim, tinha total razão. E, graças a ele, aquela loucura havia acabado mais cedo do que planejei. E da melhor forma possível, por sinal.

Assim que Amande voltou para o nosso apartamento – não quero nem me lembrar de como foi um pesadelo viver vinte e quatro horas sem ela –, recebi uma ligação séria do meu pai e marcamos de nos encontrar. Ele havia movido céus e infernos para conseguir mobilizar amigos de variados níveis da área jurídica. Depois que viu meu e-mail, simplesmente virou bicho. Sei bem que o velho é teimoso que nem um gado empacado; não ia desistir, mesmo sob meus protestos. Por milagre divino, ele sequer me deu sermão por ter agido de um jeito esquisito no vídeo que gravei para incriminar a Fernanda Pires. Sua indignação foi tanta que tentou me convencer de todas as formas a processar a maluca.

Amande ficou com medo no início, mas, depois de uma longa conversa com o papai, ele também acabou a convencendo. Na mesma semana, uma equipe de perícia rodeava nosso apartamento, procurando as escutas e verificando os nossos celulares. Depois que descobrimos um microfone diminuto atrás do sofá, foi impossível não desejar acabar de vez com a raça da maldita.

Tínhamos tantas evidências contra ela que foi considerado fácil abrirmos os processos; Amande tinha mensagens de texto em seu celular, ligações anônimas que logo foram analisadas para que encontrássemos o número correto, até mesmo o *pen drive* que tinha sido mandado pela ministra. Eu tinha o vídeo, que a incriminava de desviar dinheiro público. Claro que tudo geraria uma confusão sem tamanho, o escândalo seria a nível nacional e todo mundo estava se preparando para aquilo.

Não tive dúvidas de que era o certo a ser feito depois que meu pai disse seriamente que eu estaria ajudando o país inteiro se a denunciasse. Afinal, a saúde pública estava nas mãos de uma louca perturbada. Ele completou dizendo que eu não devia ser egoísta e poderia utilizar aquilo para me redimir da minha antiga vida “de pecado”. Suas palavras me tocaram de um jeito incrível, fazendo-me compreender que processá-la não era uma mera opção, mas sim um dever.

Amande acabou abrindo o jogo para seus pais. Achou melhor contar tudo de uma vez do que esperar a bomba explodir nas mídias, o que certamente aconteceria, mesmo eu tomando todas as precauções, ajudado pelo meu pai, para me manter o mais discreto possível. Claro que eles detestaram a situação, principalmente o Sr. Hugo, que passou meses me olhando atravessado. Acho

que ele nunca superaria aquilo totalmente, mas pelo menos jamais me tratou mal ou foi desagradável comigo. Dona Izabel foi bem mais amena, ofereceu-me seu mais sincero apoio, pelo qual agradei bastante.

Passamos seis meses tentando segurar uma barra pesadíssima. O início foi realmente tenso. As coisas ficaram tão ruins para Fernanda Pires que ela foi obrigada a deixar o cargo logo de cara. Abriam inquéritos, descobriram ainda mais bandidagens sobre ela, que incluía o fato de manter mais dois garotos de programas além de mim e uma roubalheira envolvendo medicamentos genéricos.

Foi um escândalo. O país inteiro ficou chocado e não se falava de outra coisa. Precisamos estar presentes em inúmeras e infundáveis sessões. Todo nosso material permaneceu restrito, de modo que nenhuma mídia teve acesso a ele. Mesmo assim, jornalistas nos procuravam constantemente, e tudo piorou quando alguém resolveu revirar a minha vida e descobrir que eu era um ex-garoto de programa. Foi a parte mais difícil, sem dúvidas. Precisei ser o mais discreto possível, evitei me expor ao máximo, mas qualquer passo em falso podia significar minha reputação. Uma preocupação que, mais tarde, descobri ser inútil, pois meu conhecido envolvimento com a ministra ladra fez meu estúdio lotar de um dia para o outro. Nunca atendi a tantos clientes. Até contratei mais três funcionários neste meio tempo para dar conta de tudo.

Contudo, não se engane, essa foi uma das poucas vantagens. Eu não queria envolver a Amande em mais confusão, portanto fomos obrigados a morarmos separados por uns dois meses, até a poeira baixar e pararem de me assediar. Quanto menos relacionassem meu nome ao dela, melhor. Papai ajudava o tempo todo, além da cadeia de profissionais sérios que acompanhavam o caso e estavam ao meu favor. Foi nessa época que precisei me desfazer da Charlotte. Começou quando uma revista fez questão de dizer que a ministra mantinha meus luxos, que incluía uma BMW. Aquilo gerou tanta confusão que achei melhor vendê-la. Doei todo o dinheiro a um asilo, mas quem disse que a porcaria da revista falou algo sobre isso?

Descobri que os meios midiáticos mentem mais do que podemos imaginar. Que o dinheiro paga qualquer coisa, inclusive a confiança de gente que você achava que conhecia. Isso inclui o porteiro de seu prédio, que pode ser facilmente comprado e permitir que alguém entre no seu lar sem permissão. O sujeito foi demitido, mas, enfim, muita gente foi demitida com aquilo. Toda a equipe da Fernanda Pires foi afastada, era composta desde policiais que faziam sua segurança a simples empregados.

Claro que a louca contratou advogados caríssimos para se defender das acusações. Chegou até a me acusar de agressão, o que me fez viver os momentos mais sufocantes da minha vida. É insano demais ser acusado de qualquer coisa que seja. Entretanto, não contei inverdades, tudo o que aconteceu entre nós foi devidamente narrado. Demorou pacas, mas meu pai é tão bom no que faz que fui absolvido de todas as acusações. Já a Fernanda...

Vários processos contra ela ainda estão abertos, mas minha participação naquilo tudo teve fim na semana passada. A maldita respondeu em liberdade por muito tempo – e aposto que jamais chegará a ser presa de verdade, pois gente assim nunca vai à cadeia –, mas mudou de estado e ingressou na prisão domiciliar. Também está proibida de chegar perto tanto de mim quanto da Amande.

Por falar nisso, nós ganhamos uma indenização super bem-vinda – papai é fogo! –, que ainda não havia chegado a nossas contas, mas decidimos que a guardaríamos até estudarmos melhor o que seria feito com ela. Eu votava sempre na doação. Amande achava digno, porém sei que pensava em

alguma coisa diferente. Uma coisa que não quis me dizer, por mais que eu tentasse sondar.

Sendo o que fosse, não aguentava mais esperar. Tínhamos dez meses de relacionamento – e mais da metade de confusão, admito –, um tempo que considero pouco para o que quero viver com ela e o suficiente para o que estava prestes a fazer. Eu estava pronto para o próximo passo. Agora que estávamos livres de tudo, nada mais justo do que seguirmos adiante, sem olhar para trás.

Cada segundo que se passava eu sabia que a amava ainda mais intensamente. Por mais loucos que foram aqueles meses, não deixamos de passar bons momentos juntos e nem de alimentarmos o nosso amor. Ela fez aniversário, eu fiz aniversário, passou-se nosso primeiro Natal e Ano-novo juntos... Construimos nosso castelo particular com bases firmes e paredes de concreto. Pouca coisa conseguia nos atingir, nada abalava a vontade que tínhamos de continuarmos juntos.

Estava convicto de que Amande era a mulher da minha vida. Sobretudo, jamais me esqueci do que tinha escrito naquela carta, que agora estava em um dos meus bolsos. Quase nunca me separava dela.

“E, quando eu voltar, quero casar com você.”

Lia e relia aquela frase todas as noites. Passei a fazê-lo pela manhã quando Amande finalmente voltou para ficar, há pouco mais de um mês. Porém só me senti livre para fazer aquilo depois que a loucura acabou e a guerra foi vencida. Tudo na vida tem seu tempo, não me arrependo de ter esperado. Sei que será perfeito justamente porque não tive pressa.

Foi difícil demais fazer uma escolha. Cenas de tudo o que vivemos passaram na minha cabeça, desde a primeira dança na despedida de solteira até o sexo incrível que fizemos na noite anterior. Tudo o que Amande significava para mim seria traduzido em um simples objeto. Claro que não era fácil encontrá-lo.

Vivi um momento meio surreal enquanto procurava sem cansar, sendo embalado pela sensação clara dos lábios dela nos meus. Sua voz, seu cheiro... A pele dourada, os cabelos, os olhos... Cada detalhe da minha linda princesinha se enraizou na minha alma. Fazer aquilo me causou um prazer imenso, de modo que nem me incomodei por estar fazendo a vendedora, super paciente e educada, mostrar cada sutileza de todos os produtos que compunham a loja.

Por fim, escolhi o par perfeito. Assim que bati o olho simplesmente me apaixonei. A vendedora logo se animou, pois o infeliz era um dos mais caros do estabelecimento. Deve ser por isso que foi um dos últimos a serem mostrados – acho que ela teria me mostrado aquele primeiro se eu tivesse chegado com a Charlotte.

Sequer me importei com o valor, apesar de estar me controlando bastante com relação ao dinheiro. Estava acostumado a levar uma vida de excesso de gastos, mas agora eu ganhava bem menos, trabalhava mais e queria dar todo o conforto possível para a Amande, embora ela tivesse condições de fazê-lo por si mesma.

– Só pode ser este – decidi, pronto para dividir aquele exagero em quantas parcelas fosse preciso. Pagaria cada centavo com a maior boa vontade do mundo.

Afinal, nós merecíamos cada detalhe do que eu tinha em mente.

Já estava com quase tudo pronto, só faltava um detalhe. Talvez o principal, visto que jamais daria um passo tão importante para que acabasse causando desconforto depois. Chega de trazer problemas para a Amande. Ela merecia um pouco de paz, e sei que estávamos desfrutando um período de alívio muito bem-vindo, portanto não queria provocar outros motivos para que esta paz nos fosse tirada.

Ainda mais porque as minhas intenções eram as melhores possíveis.

Decidido a deixar tudo em ordem, segui rumo à casa dos pais da Amande. Liguei para dona Isabel informando da minha inusitada visita – jamais havia aparecido por lá sozinho – e como sempre ela foi bem receptiva. Sr. Hugo possuía uma loja enorme de produtos eletrônicos, localizada ao lado de sua casa. Sabia que ele estaria lá no período do almoço. Não queria atrapalhar seu descanso, mas eu só precisava de alguns minutos e uma resposta, afinal, minha ideia não passaria daquele fim de semana para ser concretizada.

Meus sogros me atenderam super bem. Isabel me obrigou a almoçar com eles, mesmo que isso me deixasse envergonhado. De fato, eu tinha certa fome, mas estava tão empolgado com tudo que tinha me esquecido de comer alguma coisa. Utilizei a primeira folga que tive no estúdio para ir à joalheria e acabei me demorando lá mais do que o previsto.

Sr. Hugo estava muito introspectivo, provavelmente achando estranho demais o fato de eu estar ali sem a Amande. Não quis conversar sobre aquilo durante o almoço, pois acho deselegante falar sobre coisas sérias durante as refeições. Além do mais, era difícil até mesmo parar para respirar quando se está saboreando a comida incrível da minha sogra. Sendo assim, esperei a sobremesa e abri a boca quando estávamos no cafezinho. Já não sabia mais sobre quais outras banalidades falar, e eles se mostravam um pouco ansiosos para ouvirem o que eu tinha a dizer.

– Bom... Sei que vocês não devem estar muito satisfeitos comigo... Meu passado é algo que tento esquecer, pois não é algo de que eu me orgulhe... – Sr. Hugo deixou a xícara de café no ar e me olhou severamente. Dona Isabel começou a alisar meu braço, e por um instante me lembrei da minha mãe. – Sei que podem achar que sua filha merece alguém melhor, menos problemático e mais digno...

– Vocês vão se casar? – foi Isabel quem praticamente berrou.

– É o que eu pretendo. – Sorri torto. Sr. Hugo nem tinha movido um músculo sequer. Acho até que prendeu a respiração. – Estava esperando essa loucura inteira passar, e agora que estamos livres de tudo acredito que seja o momento.

– Ah... Meu Deus! – Dona Isabel riu e continuou me alisando, só que desta vez subiu para os meus cabelos. Ficou colocando algumas mexas para trás da minha orelha. Era engraçado o modo como ela me tocava; eu ficava envergonhado, mas ela era assim mesmo, sempre carinhosa.

– É... Pretendo pedi-la em casamento neste fim de semana... Estou montando uma surpresa, mas minha consciência não ficaria tranquila se não tivéssemos essa conversa. Se não for do agrado de vocês, estou disposto a esperar um pouco mais.

– Ah, Caleb... Sinceramente não vejo como não ficar feliz pela minha filha. – Dona Isabel sorria amplamente. – Ela te ama muito, e mudou tanto desde que começou a namorar contigo... Tenho certeza absoluta de que você só faz bem a ela.

Comecei a me animar, mas Sr. Hugo pigarreou quase no mesmo instante, fazendo meu sangue virar gelo. Não era bom quando ele pigarreava. Não mesmo. Significava que ele iria começar a dizer coisas complicadas de serem ditas.

Encarei-o seriamente e esperei. Só me restava esperar mesmo.

– Caleb, não acha que está cedo demais? – Ótimo. Pelo menos ele não disse que não logo de cara, o que era o meu maior medo. Claro que era educado demais para que fizesse aquilo, mas mesmo assim tinha sentido muito medo de ser cortado depressa.

– Sinceramente, senhor, não acho. Já estamos morando juntos há algum tempo, não vejo por que prosseguir sem firmar um compromisso duradouro.

– Não falo do relacionamento de vocês, falo de toda essa confusão que aconteceu nos últimos meses. Os jornais ainda estão falando sobre isso. Você se expôs bastante, todo mundo com o mínimo de informação sabe quem você é.

– Hugo, não... – Isabel ia falar alguma coisa, estava visivelmente descontente com o comentário do marido, mas eu a impedi de prosseguir segurando suas mãos. Entendia perfeitamente as preocupações do Sr. Hugo, visto que também eram minhas.

– Penso nisso o tempo todo... Mas creio que não dá mais para ficar adiando a nossa felicidade. Temos um relacionamento muito firme...

– Sei que você se esforça por ela, Caleb, mas tente entender que, como pai, não era bem isso o que eu desejava para a Amande. Ela fugiu de um casamento há pouco tempo, a família ainda não esqueceu o que ocorreu. Agora todos sabem que ela se apaixonou por um... – ele parou, desviando os olhos. Inspirou profundamente e prosseguiu: – Isso é muito vergonhoso.

– Eu sei. – E sabia mesmo. Era bastante vergonhoso, principalmente para mim.

Comecei a praguejar internamente. Droga de vida de garoto de programa! Que ódio por ter me envolvido em tanta merda! Por que não podia ser um cara normal, por quê? Eu só queria paz... Só queria ter um lar, uma família. Era tão errado assim?

– Isso ficou no passado, Hugo – Izabel defendeu. – Ninguém vai esquecer o que aconteceu, vai ser inevitável lembrar. Amande precisa prosseguir e não parar no tempo.

Passamos eternos segundos calados. O silêncio foi aterrorizante, já estava quase arrependido de ter ido ali. Estar na berlinda me trazia muita infelicidade, afinal, a balança sempre daria um jeito de pesar contra mim.

– Caleb, só o fato de você ter vindo aqui significa que tem ótimas intenções e que é um homem digno de respeito. Não é qualquer um que teria essa coragem, admito, mas realmente não sei se você trará mais felicidade do que problemas à Amande.

– Eu sei... – Balancei a cabeça, sentindo-me abalado. – Sei que só tenho trazido problemas, mas acabou. Só quero ser feliz com ela.

– Não tenho dúvidas disso... – completou Izabel.

Sorri torto para ela. Certo, senti muita vontade de chorar, mas que tipo de credibilidade eu teria se comesse a abrir o maior berreiro como um menininho mimado? Tinha que parar de ser tão sentimental quando o assunto era a Amande. Precisava me comportar como um homem decidido, não como um adolescente apaixonado e inconsequente.

– Entenda que um pai sempre quer o melhor para a sua filha. – Sr. Hugo terminou o seu café e se levantou, pedindo licença. Foi até a pia e começou a lavar sua xícara e pires. Izabel e eu ficamos o observando.

Aquiesci, silencioso. Então era isso. Eu não era o melhor para a Amande, segundo o seu pai. Em muitos momentos pensei o mesmo que ele, não tinha como julgá-lo, pois provavelmente estava com a razão.

Ok... Ótimo. Só que não tinha ido tão longe para desistir. Se eu não era o melhor para a Amande, quem mais seria? Quem a amava mais do que tudo no mundo? Quem fazia tudo, absolutamente tudo, por ela? Quem a colocava em primeiro lugar sempre? Quem a protegeria até no quinto dos infernos?

Soltei um longo suspiro. Sr. Hugo acabou retornando depois de um tempo, sob o olhar afetado de sua esposa. Ele também suspirou, voltando a se sentar conosco.

– Eu lavo as minhas mãos, Caleb – concluiu, por fim. – Amande é uma mulher e vai se casar com quem bem entender. Ela deixou isso claro fugindo da igreja. Se for você o escolhido, tudo bem. Pelo menos sei que você a respeita e se esforça para acertar. Continue assim e não nos decepcione.

Devo ter descarregado uns quinhentos quilos de peso na consciência com as palavras dele. Senti-me leve instantaneamente. A maldita balança estava pesando ao meu favor? Um milagre mais do que bem-vindo.

– Não vou decepcioná-los. Prometo. Minha vida vai ser dedicada apenas a fazê-la feliz.

– Não prometa, apenas cumpra.

Aquiesci, sorrindo torto. Ele mal sabia o quanto eu queria cumprir com cada uma das minhas promessas. Era o meu maior desejo.

33º Capítulo

10 meses e 4 dias depois...

Mais uma sexta-feira bem esperada. Quando se mora com um homem feito o Caleb, as sextas ganham um brilho intenso, uma expectativa que parece que algo grandioso vai acontecer. E sempre acontece, pois estar com ele é uma grandiosidade. Desde que eu havia voltado para ficar – e antes também, claro –, nossos fins de semana eram sempre especiais, mesmo quando sequer saíamos da nossa cama. Curtir momentos "preguicinha" com ele era incrível.

Eu estava particularmente cansada por causa do encontro entre amigas da noite anterior – as meninas estavam tão animadas que acabei bebendo mais do que devia e chegando mais tarde do que planejei –, portanto tinha trabalhado contando as horas para estar em casa. Precisava de uma boa noite de sono e de acordar com café da manhã na cama, como sei que Caleb sempre fazia aos sábados. Depois nós costumávamos nos exercitar juntos, dando algumas voltas ao redor da praça do bairro, aproveitando o friozinho que sempre fazia antes do clima realmente começar a esquentar. Na volta, sei que faríamos amor ainda no chuveiro.

Prepararíamos o almoço ouvindo som. Descansaríamos na varanda; ele lendo alguma revista de fotografia e eu afundada nos meus livros. Desde o meu retorno, Caleb se deu o luxo de não trabalhar cobrindo eventos nos fins de semana, deixando todo o serviço para os seus funcionários. Segundo ele, não importava se deixasse de ganhar dinheiro, pois nada pagaria por aqueles momentos que passávamos juntos. Eu concordo, mesmo parecendo egoísmo da minha parte.

À tarde, assistiríamos a alguns filmes. Jogaríamos videogame, e eu como sempre tentaria vencê-lo em vão. Podíamos jantar fora ou comer qualquer besteira gordurosa na barraquinha de lanches que se instalava perto da pracinha. Daríamos outra volta na praça, mas desta vez em nível de passeio, curtindo a brisa fria da noite. Faríamos amor durante a madrugada. Acordaríamos tarde no domingo e visitaríamos os meus pais ou os pais dele – mantemos essa regra fundamental, pois era importante para nós dois que não deixássemos de nos relacionar com a nossa família.

Assistiríamos programas de auditório péssimos quando chegássemos a nossa casa. Comeríamos as sobras do almoço que minha mãe ou Dona Lourdinha faziam questão de pôr em uma vasilha para que trouxéssemos. Dormiríamos no sofá, tendo Lulu e Don Juan em nossos braços, e depois Caleb me carregaria para cama. Dependendo da minha disposição, faríamos amor bem tranquilamente.

E então já estaria feliz, satisfeita e absolutamente plena para iniciar mais uma semana de trabalho.

Cheguei em casa louca para seguir a nossa rotina de fim de semana. Encontrei Caleb na sala cutucando uma câmera profissional, estava com os cabelos molhados e vestido como se fosse sair.

Droga.

Achei imediatamente que ele precisava cobrir um evento naquela noite. Não fazia parte dos meus planos, mas tudo bem...

– Oi, princesa – saudou quando me viu, levantando-se do sofá para me dar um selinho. – Como foi o dia?

– Normal... Aonde você vai, amor? Está tão cheiroso. – Deliciosamente cheiroso. Queria muito redescobrir o que tinha por debaixo daquela camisa azul de mangas compridas, que combinavam com os olhos dele.

– Aonde *nós* vamos... Você vem comigo.

– Eu?

– Sim, senhora. Vamos jantar fora hoje.

– Hum... Alguma ocasião especial? – Entrelacei os dedos em seu pescoço e lhe beijei a boca desenhada.

– Estar contigo é uma ocasião especial, Amande. Vamos? – Sempre romântico. Céus... Eu havia tirado a sorte grande. Não enjoava nunca de escutar suas lindas palavras, e ele parecia não enjoar de dizê-las.

– Claro, só preciso de um banho. Pode?

– Pode! Vista roupas quentes, está frio lá fora.

Tomei um banho revigorante e, decidida a obedecê-lo, escolhi uma calça preta com botas escuras, blusa branca de mangas e separei um casaco leve. Não sabia para onde ele me levaria, mas certamente estaria frio por lá, caso contrário não me diria o que vestir. Pelo menos essa havia sido a minha leitura.

Não encontrei metade dos meus artigos de higiene e maquiagens. Não estavam em parte alguma do banheiro, nem do quarto. Fiquei gritando perguntando onde estavam as minhas coisas, mas Caleb disse que estava fazendo uma arrumação e que eu colocasse qualquer outro perfume por enquanto. Disse também que era um pecado aplicar maquiagem no meu rosto, pois ninguém teria coragem de pintar por cima de uma obra de arte.

Gargalhei com isso, achando lindo mesmo sem concordar com ele, mas acabei saindo de cara limpa. Usei apenas o gloss labial que vivia na minha bolsa. Caleb era tão persuasivo! Às vezes não conseguia me livrar da impressão de que ele me tinha em suas mãos. Depois eu ficava achando que era o contrário. Acho que a gente se pertencia, e isso era tão estranho quanto maravilhoso.

Seguimos no *Black Cat*; o trânsito do horário de pico já havia terminado, portanto Caleb correu mais do que o de costume. Estranhei um pouco, pois ele sempre foi bem certinho. Resolvi não ligar, principalmente depois que ligou o som e colocou uma seleção das melhores músicas da banda Kid Abelha. Outra trilha sonora do nosso relacionamento.

Ficamos cantando em voz alta e rindo de nós mesmos. Caleb começou a contar algumas situações engraçadas que às vezes rolavam no estúdio, o que acabou me distraíndo bastante. Chegava a chorar de tanto rir, e achei ótimo não ter que me preocupar com rímel manchando. Acho que passaria a usar menos maquiagens quando estivesse na sua companhia. Sentia-me especialmente divertida e espontânea naquela noite.

Depois de cruzarmos a cidade vizinha e entrarmos numa BR, percebi que jantaríamos longe até demais. Onde raios Caleb estava me levando? Perguntei na hora.

– Relaxa, Amande. Você vai gostar, prometo.

– Faz uma hora que entramos no carro, estamos viajando sem eu saber? – A ideia me deixou perturbada. Caleb sabe que tenho aversão a viagens de última hora. Uma parte de mim se preocupa exageradamente e se sente insegura. Aliás, ele sabe muito bem que tenho problemas em aceitar surpresas. Se bem que as dele jamais me decepçionavam, eu já estava acostumada, mas não deixavam de me angustiar.

– Confia em mim, princesinha? – Caleb fez uma carinha linda de pidão enquanto me olhava bem rápido. Voltou a prestar atenção na pista.

– Claro que confio, mas você é um... – Parei. Juntei A mais B em um segundo. Estávamos seguindo pela BR, minhas coisas desapareceram... Claro que não íamos apenas jantar fora, afinal, a que horas retornaríamos? Eram quase nove da noite. – SAFADO! Você está me sequestrando! – Aquilo não foi uma pergunta.

Caleb gargalhou.

– Foi só um sequestro relâmpago básico, linda – disse na maior cara de pau.

– Básico? Você planejou todo o crime! – Gargalhei de mim mesma, e ele acabou me acompanhando. De repente, meu estômago congelou e me calei. A preocupação finalmente me atingiu. – Tem certeza de que está trazendo tudo?

– Pensando bem, acho que me esqueci das suas calcinhas.

– Ai, meu Deus! – Minhas mãos começaram a tremer. Foi inevitável. Sim, sou complicada.

Caleb riu ainda mais.

– Estou brincando, Amande. Confie em mim, se me esqueci de alguma coisa com certeza não foi de nada relevante.

Permaneci em silêncio. Caleb já me conhecia, portanto segurou minha coxa esquerda e falou ternamente:

– Amor, não se preocupe. Confia, está bem?

– Tudo bem, príncipe. – Sorri. Aquilo certamente era melhor do que tê-lo cobrindo algum evento. Um fim de semana juntos em qualquer lugar do mundo era magnífico, sendo assim, tratei logo de me acalmar. – Não adianta perguntar para onde estamos indo, certo?

– Certo!

– Aaaaah... Diz pra mim, príncipe!

– Nem morto! Nada vai me fazer falar.

Ajeitei-me no banco carona. Olhei a pista escura a nossa volta; só tinha mato de um lado e mato do outro. Estávamos seguindo rumo ao litoral sul, então obviamente não iríamos ao sítio do Renato e da Júlia.

Queria matar o Caleb por me deixar tão curiosa. Ele sabe que não consigo sentir aquela coisa esquisita chamada antecipação. Eu podia torturá-lo para que me dissesse logo. Acabei tendo uma ideia muito louca...

Virei meu corpo na sua direção e lhe encarei maliciosamente.

– Nada mesmo?

– Nadinha.

– E se eu... – Curvei-me devagar, começando a passar minhas mãos pelo seu corpo. Não disse mais nada. Caleb olhou para mim sem entender, depois guiou seus lindos olhos até onde eu estava dedilhando: os botões e o zíper de sua calça.

– Amande... Enlouqueceu? – Ele começou a rir. Senti-me uma idiota, mas não retirei minhas mãos dali. Com certo esforço, consegui achar o zíper e começar a abri-lo. Caleb reduziu a velocidade de imediato.

– Aonde vamos? – perguntei baixinho, deixando meus dedos encontrarem o tecido da cueca que ele usava. Não conseguia ver nada por ali, apenas sentia.

– Isso não vai funcionar...

– Certo... Continue dirigindo e não me diga nada. – Com a ajuda da outra mão, consegui lhe livrar do botão. O acesso ficou bem mais fácil para mim. Caleb suspirou e fez seu corpo retesar, mas ele estava perdido. Sem saídas.

Foi fácil demais arrancar seu sexo para fora. Ele não estava firme, mas era só uma questão de tempo. Caleb grunhiu baixinho.

– Amande... Isso é perigoso! – Tentou se livrar das minhas mãos, mas novamente não conseguiu. Eu estava me divertindo muito com aquilo, cheguei até a rir alto enquanto ele se contorcia e tentava me expulsar.

Ri mais ainda quando percebi que sua ereção dava sinal de vida. Chacoalhei-a com jeito entre meus dedos, alisando-a logo em seguida. Caleb se contorceu um pouquinho e suspirou.

– Isso é golpe baixo, Amande.

– Diz, amorzinho, diz para onde vamos, vai... – sussurrei com a boca encostada em seu ouvido.

– Torturadora! – Ele riu, soltando um espasmo que indicava que havia se arrepiado por inteiro. Sua ereção estava gostosamente pronta para mim. Movimentei minhas mãos com lentidão forçada, parando para alisar a ponta.

Caleb soltou um gemido involuntário.

– Diz, amor...

– Desse jeito não vamos chegar nunca! – Percebi que estávamos sendo ultrapassados, mas como a pista era dupla, não me preocupei tanto quanto deveria. Sério, eu devia ter perdido todo o meu juízo.

A lógica me dizia que era mais fácil deixar aquilo de lado e chegarmos logo do que prosseguirmos e eu continuar na curiosidade por mais tempo.

– Diz, amor! – Fiz a minha última tentativa.

– Princesa, posso gozar quantas vezes você quiser enquanto dirijo... Não vou dizer nem sob tortura.

– Hunft!

Desistindo de vez, tornei a vesti-lo devagar. Foi complicado, pois Caleb ainda estava excitado e sua ereção vibrante não queria voltar a se esconder dentro da calça. Rimos demais daquilo tudo durante muito tempo. Quando finalmente conseguíamos parar e o carro voltava a ficar silencioso, tornávamos a rir de novo.

Meia hora depois comecei a ficar angustiada com a estrada que seguíamos trajeto. Eu conhecia aquele lugar. Quando pegamos o acesso para uma cidade litorânea, meu coração acelerou drasticamente. Era a mesma praia da minha despedida de solteira. Uma sensação de nostalgia quase deixou meu cérebro em frangalhos.

Fiquei calada, só imaginando o que o Caleb havia aprontado. Só me senti mais aliviada quando pegamos outra rota, bem diferente da utilizada para chegar à casa de praia onde havíamos nos conhecido. Sei lá, uma parte de mim queria voltar para aquele lugar, mas a outra queria distância. Estranho, não? Acho que tinha receio de recordar um período da minha vida em que estive tão confusa quanto foi possível.

Entretanto, minha surpresa foi bem maior quando, depois de seguirmos pela orla em que o cheiro de maresia se fazia presente, entramos em um hotel imenso. Tipo, grande mesmo, com cinco estrelas enormes e bem acesas na frente. Havia um chafariz monumental na frente e tudo era tão brilhante que foi impossível não soltar um “uau” assim que cruzamos largos portões de ferro.

– Mentira, né, Caleb?

– Verdade, princesa. – Ele sorriu torto.

– Há quanto tempo planeja isso?

– Acho que a minha vida inteira – respondeu baixinho.

– É sério, amor, desde quando planeja isso tudo? – Seguimos através de um amplo estacionamento, mas só paramos na frente da porta da gigantesca recepção do local. Tudo ali reluzia.

– Uns quatro dias, Amande.

– Você é um filho de uma mãe! – Rimos.

Descemos do carro, e Caleb deixou as chaves com um manobrista trajado tão elegantemente que senti pena de mim mesma. Devia ter colocado salto e, definitivamente, feito uma maquiagem aprimorada. A brisa marítima estava tão fria que precisei pôr o casaco logo de cara.

Caleb abriu as malas do *Black Cat*, e um funcionário retirou duas bagagens grandes de dentro dela.

“Meu Deus, espero que ele tenha trazido meu biquíni”, pensei na hora.

Morreria e mataria por algumas horas queimando ao sol; minha pele estava com uma coloração esquisita, pois não ia à praia desde... Desde a minha despedida de solteira.

O chão da recepção estava tão encerado que era possível usá-lo como espelho. Nunca havia entrado em um ambiente tão limpo na minha vida. Meus olhos ficaram brilhando, atenta a cada detalhe do lugar, enquanto Caleb pegava as chaves do quarto reservado e dava entrada nos nossos documentos.

Sorria amplamente, parecia uma boba. Aquele homem maravilhoso jamais me decepçionava. Parecia estar vivo apenas para me surpreender. Olhei-o demoradamente; conversava com o recepcionista como se tivesse domínio completo de si mesmo e do mundo. Céus... Como eu o amava! Era tanto que senti vontade de chorar.

Contive-me. Suspirei fundo e sorri para ele quando pegou as chaves. Fomos acompanhados pelo funcionário que carregava nossas malas. Subimos alguns andares do elevador e depois percorremos um amplo corredor repleto de portas chiquérrimas, todas trabalhadas.

Entrei no quarto reservado muito depressa, parecia uma criança curiosa. Era lindo; amplo, organizado, com cheirinho de flores e produto de limpeza. Do jeito que meu senso calculista adorava. A cama era enorme e estava coberta por uma colcha grossa de estampa florida. Os armários e todos os móveis eram de um azul bem clarinho – quase branco –, trazendo harmonia junto com os artigos decorativos. Um luxo.

Abri a porta do banheiro e vi um ambiente tão grande quanto o quarto. Maravilha! Acho que cabiam umas dez pessoas dentro do box, além de que uma banheira de hidromassagem redonda e convidativa jazia no canto. Pias imensas e espelhos adornados completavam o ar requintado.

– Vem aqui, Amande – Caleb me chamou lá fora. Segui sua voz, passando pelo quarto e por uma pequena sala onde havia uma mesa redonda, sofás e tapetes que pareciam caríssimos.

Ele me esperava na varanda, debruçado em uma barra de proteção dupla feita de madeira. A vista era toda voltada para o mar. Uma imensidão azul-escura, quase negra, se fez presente bem diante de nós. O cheiro de maresia me trouxe calma, o vento frio não chegava a incomodar e achei que a vista estaria ainda mais bela pela manhã.

Dei um beijo tão grande no Caleb que achei que o engoliria. Foi uma briga de línguas e lábios que nos deixou lambuzados de saliva, mas quem disse que me importei? Estava emocionada.

Surpreendida.

– Te amo, lindo príncipe – sussurrei no seu ouvido.

– Eu também, princesa. – Ele sorriu torto e me olhou de um jeito tão meigo que achei que fosse derreter. – Vamos. Está com fome?

– Uhum.

Quase perdemos o horário do jantar oferecido pelo hotel. O restaurante era imenso, mas tinha horários corretos para cada uma das refeições. Caso o hóspede perdesse a hora, teria que comer no seu próprio quarto ou no bar localizado no terraço em frente ao mar. Eu não ligaria em comer no terraço, mas dentro do restaurante estava mais quentinho.

O serviço de *buffet* era impressionante. Mal conversamos naquele meio tempo, pois a comida estava uma maravilha, composta de uma variedade assustadora. Comi tanto, mas tanto, que foi difícil tirar meu traseiro da cadeira. Bem que tentamos voltar para o quarto, mas minha incapacidade de me locomover fez com que sentássemos em uma das cadeiras do terraço – na verdade pareciam poltronas de tão grandes, pesadas e confortáveis.

Não tinha muita gente por ali, mas Caleb e eu ficamos mais tempo do que o previsto. A escuridão do mar nos atraía, além de que nosso papo acabou fluindo naturalmente. Conversamos sobre tantas coisas que não vimos as horas passarem. Quando menos percebemos, o lugar estava cheio de gente, e, no palco adiante, estavam montando alguns equipamentos de som. Ficamos para ver que tipo de música rolaria, e adoramos quando uma verdadeira seresta se deu início.

Animamos de tomar algumas taças de vinho enquanto ouvíamos o melhor da MPB. Cantamos junto com os outros hóspedes, foi bem descontraído. Depois de três taças e uma hora de música boa, Caleb simplesmente se ergueu e me ofereceu uma mão.

Fiquei sem entender e o encarei fixamente, sendo absolvida pelo seu olhar azul. Uma onda nostálgica se apoderou de mim; lembrei-me do momento em que ele me chamou para dançar pela primeira vez. Havia sido exatamente daquele modo, sem nada dizer.

Acredito que demorei séculos apenas o encarando. A atração que eu sentia por ele era mesmo mágica. Algo acontecia dentro de mim toda vez que nossos olhares se cruzavam, e nada foi capaz de modificar isso. Acredito que nada jamais modificaria.

– Senhorita Amande, será que essa dança vai te atrair desta vez? – Caleb finalmente falou, provocando risos em nós dois. Óbvio que ele também se lembrou.

– Você me atrai – respondi e peguei sua mão sempre macia e aconchegante. Ele sorriu torto.

– Foi exatamente isso que pensei naquele dia, quando você me perguntou o que me atraía... – Puxou-me devagar. Fui me levantando aos poucos, até que ele me apoiou pela cintura e foi me levando para perto do salão. Alguns casais também dançavam.

– Sério que pensou isso?

Caleb aquiesceu e me deu um selinho, começando a me embalar numa dança bem lentinha. Só então que prestei atenção na música que tocava:

Como vai você?

Que já modificou a minha vida

Razão de minha paz já esquecida

Nem sei se gosto mais de mim ou de você

Arrepios intensos percorreram o meu corpo. Sério, tive vontade até de chorar. Nunca ouvi uma verdade tão grande quando aquela: eu realmente não sabia se gostava mais do Caleb ou de mim

mesma.

Entrelacei meus braços em sua nuca, e ele enterrou o rosto no meu pescoço, sussurrando a música bem baixinho:

Vem, que a sede de te amar me faz melhor

Eu quero amanhecer ao seu redor

Preciso tanto me fazer feliz

Meu Deus, alguém me ajude! Quase pedi socorro e saí gritando. Achei que havia passado vários momentos de verdadeira emoção com o Caleb, mas... Depois de tudo o que aconteceu, depois de cada palavra dita, de cada gesto, cada toque, cada situação em que nos amamos, e também nas em que discutimos... Depois dos dez meses mais intensos da minha vida... Podia dizer com convicção que nunca o amei tanto quanto naquele instante; sentindo suas mãos em mim, desejando-me, sua voz rouca no meu ouvido, mostrando as verdades de cada verso... Foi tão significativa e intenso que jurei a mim mesma que viveria apenas por ele.

Vem, que o tempo pode afastar nós dois

Não deixe tanta vida pra depois

Eu só preciso saber

Como vai você?

Depois daquela inusitada dança, acho que o Caleb pensou a mesma coisa que eu pensei. Precisava ser dele com urgência, meu corpo implorava pelo seu. Gritava tanto que me deixava desesperada. Não dava para esperar. Mesmo sem que disséssemos nada, terminamos com nossas taças de vinho e subimos para o quarto.

Começamos a nos beijar loucamente assim que ele fechou a porta atrás de nós. Ele praticamente expulsou as minhas roupas de mim, deixando-me completamente despida tão rápido que chegou a assustar. Fiz o mesmo com ele, mas de um jeito sem noção; empurrávamo-nos pelas paredes enquanto investíamos nossas bocas uma na outra. Foi difícil até de entender nossos gestos, principalmente porque eu estava sob o efeito do vinho.

Chegamos à cama já totalmente nus. Caleb depositou seu corpo sobre o meu e penetrou em mim sem mais delongas. O primeiro choque é sempre intenso, mas aquele superou todas as expectativas. Gritei alto de prazer e um pouquinho de dor. Uma dor deliciosa, que significava que o meu homem havia me invadido, tomado para si o que já era seu.

Fui me entregando em doses homeopáticas. Apesar de sentir pressa – quem não teria pressa para amar aquele homem mais que perfeito? –, tentei me acalmar e curtir cada segundo da entrega. Tê-lo em mim era a melhor sensação do mundo. Meu sexo cedia a cada investida e vibrava, exigia, queixava-se do retrocesso e gargalhava maliciosamente com o choque.

– Eu te amo, Amande... Te amo tanto, tanto... – ele sussurrou resfolegante, sem diminuir o ritmo. Sua expressão de desejo era quase sofridora. Faíscas azuis saíram dos seus olhos e me afogaram em um mar de desejo e prazer.

Caleb nem me esperou responder, prendeu seus lábios nos meus e só se afastou depois de longos minutos, quando o meu êxtase não pôde mais ser contido. Havia, finalmente, me entregado de vez.

– Caleb! – gritei seu nome bem alto. Queria que entendesse o quanto meu corpo, e tudo o que acontecia nele, era seu.

Ele gritou alguns segundos depois, acelerando o ritmo até se tornar uma coisa indefinida. Só

me lembro de ter soltado gemidos repletos do mais completo deleite. Senti o exato instante em que começou a me preencher, deixando espasmos percorrerem seu corpo e me atingirem em cheio. Céus... Eu amava ser o motivo do seu clímax.

– Amande – murmurou de um jeito sofrido, tornando a me beijar.

Sabia que a noite estava apenas começando. Sabia também que, se dependesse de mim, todas as noites do restante das nossas vidas seriam exatamente daquele jeito.

Minha certeza só não conseguia ser maior do que o meu amor.

34º Capítulo

10 meses e 5 dias depois...

Quem disse que consegui dormir? A droga da insônia pairou sobre mim durante todo o restante da noite. Só havia um motivo para tal, visto que cansaço eu tinha de sobra: nervosismo. Parecia que eu tinha engolido uma bola de basquete; meu estômago doía e precisava respirar fundo para que oferecesse um pouco de alívio.

Vi as horas passarem e os planos para o dia seguinte serem reformulados centenas de vezes dentro da minha cabeça. Nenhum parecia bom o suficiente, embora saiba que estava fazendo o possível e que, provavelmente, Amande adoraria cada detalhe. Tive medo de parecer um idiota. De algo dar errado. Pior ainda, cheguei até mesmo a pensar em uma resposta negativa partindo dela.

E se Amande não quisesse casar comigo?

Sabia bem que tudo isso era fruto da minha capacidade de autoflagelamento. Quando se trata dela é assim mesmo que fico: perturbado e inseguro. É difícil demais tentar agradar a pessoa mais importante da sua vida. Devia ser simples e natural, na verdade minha intenção sempre foi ser espontâneo, mas... Não dava. Eu precisava de que aquilo desse certo.

Amande dormiu como uma pedra; amanheceu e ela ainda não tinha se movido. Deu até inveja. O nosso dia seria longo e eu não queria estar sonolento; mais um detalhe que me deixou frustrado. Contudo, não teve jeito, levantei assim que o relógio alertou que já era uma hora aceitável para se acordar.

Pedi nosso café da manhã no quarto – precisava aproveitar o dia ao máximo, não ia deixar Amande acordar tarde daquela vez – e fui direto para debaixo do chuveiro. A água foi me trazendo um pouco de calma e paciência; meu corpo agradeceu e se encheu de empolgação. Apesar do nervosismo, era inevitável me sentir alegre. Passei por muitas merdas para estar ali, vivendo aquele instante agradável.

Levei um susto enorme quando mãos quentes tocaram as minhas costas. Amande riu bastante do pulo que dei – quase fui parar no teto –, mas não parou de me acariciar. Juntou-se a mim no chuveiro, deixando a água tirar sua carinha linda de sono. Comecei a lhe passar sabonete por todo corpo, mas ela o roubou de mim e foi passando no meu.

Fui relaxando devagar. Era bom demais ser tocado por ela, sentia-me protegido. Minha alegria aumentou consideravelmente enquanto absorvia todas as suas carícias.

– O que vamos fazer hoje, amor? – Ela parecia muito animada. Mantinha um sorriso lindo estampado no rosto.

– Muitas coisas. Vamos começar pelo café da manhã, que deve estar chegando.

– Hummm, que delícia... Mas acho que meu desjejum será outro – falou de um jeito louvável, guiando suas mãos para o meu sexo. Ensaboou tudo por ali magistralmente. Claro que cresci nas mãos dela na mesma hora.

– Você está tão safada, Amande.

– Quem manda ser tão lindo o tempo todo? A culpa não é minha.

– É sua sim. Não sei mais o que fazer contigo...

– Sabe sim... – Encarou-me maliciosamente.

Meu apetite sexual não havia se alterado em absolutamente nada. Eu estava sempre pronto para ela; qualquer hora era hora, qualquer lugar era lugar. Sei que Amande aumentou muito seu ritmo por minha causa, às vezes eu tinha medo de estar exagerando, mas ela também me procurava bastante.

Mesmo tendo feito amor comigo a noite inteira, a maldita estava ali. Procurando-me mais uma vez.

– Tem razão, eu sei – rosnei e a virei de costas para mim, agarrando-a pela cintura. Prendi minha ereção na sua bunda deliciosa. Sorri enquanto erguia seus cabelos e lhe beijava o pescoço de um jeito meio selvagem. – Gostosa... – murmurei em seu ouvido. Amande se contorceu um pouquinho, empinando-se para mim.

Minhas mãos navegaram livremente pelo seu corpo molhado, aumentando meu desejo até se tornar quase insuportável de ser sentido. Apertei a ponta de seus seios quando passei por eles, fazendo-a soltar um gemidinho que foi capaz de me deixar mais louco ainda. O monstro que habitava em mim já estava acordado há algum tempo, aquilo foi só a gota d'água para que ele agisse.

Inclinei Amande para frente, obrigando-a a apoiar os braços no vidro do box. Ela se curvou e ficou ainda mais empinada para mim. Esfreguei o meu sexo firme no seu durante alguns segundos antes de penetrá-la profundamente. Ela gritou, mas eu não parei. Sequer pensei em ir devagar; choquei nossos corpos com força e muita vontade.

Prendi os lábios e apertei seu quadril, puxando-o e o empurrando, fazendo com que se mexesse depressa. Sentir Amande em mim sempre foi sensacional, seu corpo quente me recebia com perfeição. Tanto faz se fizéssemos amor com calma ou se praticássemos sexo selvagem, ambos eram perfeitos. Enchiam-me de um tesão fora do comum, alimentavam o desejo ardente que eu nunca deixaria de sentir por ela.

Depois de um tempo, fiz Amande se curvar para trás, encostando suas costas no meu peito. Não diminuí o impacto da entrega.

– Tá gostando do desjejum? – rosnei feito bicho.

– Uma de... lí... cia... – Sua voz saiu cortada por causa das pancadas intensas que faziam nossos corpos vibrarem.

– É assim que você quer, safada?

– É! – gritou entre gemidos.

Tornei a incliná-la para frente. Espalmei seu traseiro com força calculada e deixei nossos sexos se colidirem ainda mais rápido, provocando um barulho enorme, que ecoou pelo banheiro. Amande gritava como uma louca, chamando-me de gostoso e me mandando ir mais rápido; por mais depressa que eu estivesse indo, arranjava um jeito de acelerar ainda mais.

Comecei a gozar antes que ela, foi inevitável. Soltei um rosnado indefinido, uma coisa bem animalasca. Prendi uma mão no seu seio e cerrei os olhos, consciente da intensidade daquele clímax. No impulso, fui colocando um dedo em sua abertura de trás. Amande meio que me proibia de encostar ali – e eu aceitava –, mas daquela vez aquilo lhe rendeu um orgasmo instantâneo. A louca gritou tão alto que achei que o pessoal dos outros quartos iriam lá verificar se eu não estava batendo nela.

Assim que seus gritos cessaram e nossos corpos relaxaram, ouvi batidas na porta. *Ferrou!* Tinham ouvido tudo aquilo e certamente iriam reclamar. Ou confirmar se estava tudo bem, vai que eu era um homicida, né?

Deixei Amande terminando o banho e saí depressa, enrolando uma toalha na cintura. Mal deu tempo de deixar minha ereção voltar ao normal. Estava meio envergonhado em ser chamado atenção, porém fiquei aliviado quando vi que era apenas nosso café da manhã. Duas funcionárias ficaram olhando disfarçadamente para o meu corpo semi-exposto enquanto organizavam a mesa na pequena saleta.

Eu tinha pedido tanta coisa que achei que não comeríamos tudo. Ledo engano, devoramos até aquelas geléias que vem em embalagens individuais, de modo que não sobrou nada. Amande estava tão animada que foi impossível não me deixar contagiar. Apesar do nervosismo que não conseguia ir embora, ainda mais sabendo que, a cada segundo que passava, estava mais perto de tê-la não apenas como namorada, mas como noiva.

Sei que já morávamos juntos e isso não mudaria em nada nosso relacionamento, mas entenda que jamais noivei e, portanto, eu estaria indo com a Amande tão longe quanto jamais fui. Para mim, era um motivo forte de satisfação e alegria.

Isso me fez pensar no que aquilo tudo seria para ela. Amande já havia noivado, portanto teria que casar comigo se quisesse ir mais longe do que jamais foi. O pensamento me deixou ainda mais nervoso. Precisávamos casar logo.

Pode parecer besteira da minha parte, mas morri de ciúmes do seu ex-noivo. Não conseguia me livrar da sensação de que estava sendo menos importante para ela do que ele, mas tentei como pude parar de pensar nisso.

– E agora, príncipe? O que faremos? Espero que tenha planejado nosso itinerário também! – Amande já estava com a porta do armário aberta, procurando pelo seu biquíni. Sei disso porque ela ama praias, certamente estava louca para tomar sol.

– Vamos dar uma volta na praia.

– Oba! – gritou, erguendo as mãos para cima.

Sorri torto. Parecia uma criança. Era incrível a forma como a Amande se modificava de um instante para o outro. No banheiro havia sido uma mulher com M maiúsculo, e agora nada mais era do que uma garotinha. Eu amava isso.

Vinte minutos depois estávamos ultrapassando a saída que dava exatamente na praia. Havia alguns bares por ali, servindo as pessoas que descansavam debaixo de inúmeros guarda-sóis enfileirados. Crianças corriam para lá e para cá; outras levavam suas boias até o mar, algumas choravam, um bocado ria. Mas todas fizeram com que eu me perguntasse quando finalmente teríamos a nossa.

“Calma, Caleb! Uma coisa de cada vez...”

Passamos por toda aquela gente. Amande estava vestindo seu já conhecido biquíni cor-de-rosa – eu só tinha trazido aquele para que não lhe desse outra opção – por baixo de uma saída de banho branca. Ela não usava chapéu ou óculos, gostava de se expor ao sol. Por isso eu havia lhe aplicado generosas camadas de protetor solar. Ela também colocou em mim, mas eu estava de bermuda, camisa, chapéu, óculos de sol e a certeza de que nada disso adiantaria. Eu viraria um camarão frito do mesmo modo.

Peguei uma máquina digital e fui tirando fotos de tudo o que me chamava atenção. Claro que basicamente só fotografei a Amande. Ela corria, voltava, jogava areia para o alto, se sujava caindo no chão depois dava um mergulho no mar. Em nenhum segundo me pediu para largar a máquina e acompanhá-la. Amande sabia que aquele era meu jeito de me divertir com ela.

Toda vez que eu percebia que estávamos chegando perto meu coração gelava, mesmo o clima estando quente. Depois de quarenta minutos de caminhada – com mais pausas do que previ por causa da Amande – finalmente chegamos. Ela nem se deu conta, mas percebi que já estava meio cansada. Havia desistido de correr.

– Vamos descansar um pouco antes de voltarmos? – sugeri e sentei logo na areia para não haver negativas. Depositei a bolsa quadrada que protegia a máquina fotográfica ao meu lado.

– Sim, acho que andamos demais. Aproveito para me bronzear.

Amande me fez carregar sua bolsa de palha durante a maior parte do percurso, mas estava leve. Só tinha uma canga estampada, um tubo de bronzeador, um batom e uma garrafa de água. Ela retirou sua saída de banho, pegou a canga e a abriu na areia, bem ao meu lado. Sentou-se lindamente.

Inspirei todo o ar que foi possível. Ela ainda não havia percebido.

– Amor... Lembra-se da última vez que usou esse biquíni? – falei como quem não queria nada. Amande pegou o tubo de bronzeador e começou a passar o produto nos braços e pernas.

De repente, parou. Olhou para o horizonte por alguns segundos, para logo em seguida me encarar e sorrir.

– Claro que me lembro... – aquiesceu, balançando a cabeça. Acho que as lembranças também invadiram a sua mente. De fato, havia muito a ser lembrado.

Ela se inclinou e me roubou um selinho.

– Você continua linda nele.

Amande corou um pouquinho, mas continuou sorrindo.

– E com vergonha também... Acho que nunca senti tanta vergonha do meu corpo quanto naquele dia. Mas você não ligou, seu safado! – Deu-me um tapinha no braço.

– Claro que não, uma mulher gostosa desse jeito... Tinha mesmo que aproveitar a chance. Rimos.

– Não sei onde vê tanta gostosura!

– Em tudo o que é seu, Amande. Mas naquele dia confesso que aconteceu algo fora do comum. Não foi apenas o desejo que me moveu... Sempre existiu algo mais, desde que te vi. – Tirei os óculos escuros e os guardei. Queria olhá-la nos olhos, e assim fiz. Amande me encarava com ternura.

– Era pra ser... Sei que era – ela disse baixinho.

– Sim... Quando é pra ser... É.

– É.

Beije-i-lhe a boca de leve e me afastei com calma. Sorri torto quando vi seu lindo sorriso de perto, logo após ganhar meu beijo.

– É estranho estarmos de volta – falei como quem não quer nada.

– Hã?

Ergui os braços, sinalizando para o nosso redor.

Amande abriu a boca e se virou para trás muito depressa. Acabei me virando também, e vimos juntos os muros imensos e o portão da mansão em que nos conhecemos.

– Ai, meu Deus! Caleb!

Aquela mulher linda levou uma mão à boca e continuou olhando a casa. Dali não dava para ver muita coisa, apenas a sacada do quarto em que ela ficou. Aquilo era o bastante para mim. Foi naquele quarto que tivemos nossa primeira noite juntos. Foi ali que descobri que estava completamente apaixonado por ela.

– Está vendo a sacada? – perguntei, apontando.

– Aham... – Amande ainda estava pasma. Sua voz saiu embargada de emoção.

– Lembra do que me disse?

Ela refletiu um pouco.

– Ai, como fui cruel... Eu disse que precisaria esquecer a nossa noite...

– E esqueceu?

– Claro que não! Jamais vou me esquecer! – Sua voz saiu totalmente esganiçada. Sua emoção era óbvia.

A minha não era tão óbvia assim, mas tudo porque tentava me controlar.

– Você disse que não ia me esquecer... Porque não queria.

Amande se virou na minha direção.

– Estava certa, mesmo parecendo loucura na época...

– E eu lutando contra o que já sentia por você.

– Foi tão de repente, príncipe... Foi tão louco...

Ela praticamente se atirou nos meus braços. Beijamo-nos por longos minutos, emocionadíssimos. Depois, ficamos apenas abraçados. Tentei respirar, mas estava cada vez mais difícil. Controlava minha emoção como podia, mas havia um nó latente na minha garganta.

– Lembra-se da conversa que tivemos aqui, na praia?

Amande balançou a cabeça.

– Foi desconcertante... Você tentava me desvendar, mas fazia isso só olhando pra mim. Até hoje ainda faz. – Ergueu a cabeça e segurou meu queixo, obrigando-me a olhá-la. – Eu tentei resistir, príncipe, mas foi impossível. Meu mundo parou a partir do momento em que vi seus olhos, e isso não é mentira. Tudo mudou depois que eu te escolhi... – Uma lágrima escorreu pela sua face. – Como se na verdade fosse você quem tivesse me escolhido só pra ter o prazer de transformar a minha vida.

Engoli o maldito nó. Agora ele já era do tamanho de uma laranja.

– Quando você me falou sobre as coisas que te incomodava... Aqui, exatamente aqui... Só consegui pensar em como tudo era injusto. Passei o fim de semana inteiro achando que você merecia alguém que te fizesse sentir bem... Que te compreendesse... Que te transformasse, mas que, no fim, fizesse com que continuasse a mesma. Afinal, eu não podia me apaixonar por ninguém que fosse diferente de você.

Amande sorriu amplamente, mas continuou chorando. Pareceu incapaz de falar qualquer coisa.

– Nunca em um milhão de anos imaginaria que essa pessoa podia ser eu – concluí.

– Mas é você.

Balancei a cabeça, concordando. Era eu. Sim... Só podia ser eu. Quando é pra ser, é.

– Preciso fazer uma pergunta – murmurei. Minha voz quase não saiu de tanta emoção que sentia. Meu coração já batia muito forte e as mãos tremiam, contudo nada me faria voltar atrás.

Amande sorriu amplamente. Ela também adorava nosso diálogo.

– Faça logo...

Encarei seus lindos olhos. Busquei um pouco de calma. Soltei o ar que preenchia meus pulmões e me afastei um pouquinho. Só o suficiente para conseguir pegar a caixinha que havia guardado dentro da bolsa da câmera.

Revirei-a entre os meus dedos antes de entregá-la a Amande. Ela franziu o cenho. Na verdade fez uma careta tão engraçada que só não ri porque estava prestes a ter um infarto.

– Quer casar comigo?

35º Capítulo

10 meses e 5 dias depois...

Um soluço me escapou pela garganta. Bem que tentei respirar, mas era como se o ar do planeta tivesse acabado, mesmo tendo consciência da brisa marítima que nos atingia. Olhei para a caixinha preta aveludada em minhas mãos. Olhei para o Caleb. Tornei a olhar a caixa. Voltei a observar o Caleb.

Quando guiei meus olhos na direção da caixa novamente, já não conseguia ver mais nada. Minha visão havia embaçado por causa das lágrimas grossas que escorriam sem pudor. Prendi os lábios e a abri, pois a curiosidade falou mais alto. No início vi uma aliança dourada mais grossa do que o comum, com o desenho de um coração, onde metade era brilhante e a outra era fosca, em baixo relevo. Enxuguei as lágrimas e percebi que na realidade eram duas alianças; a que tinha a metade fosca do coração era maior.

Puxei a que tinha as pedrinhas brilhantes, mas a outra veio junta. Minhas mãos tremiam tanto que demorei um pouquinho para entender que elas possuíam imã exatamente onde se localizava o coração. Soltei um longo suspiro e olhei para o Caleb. Ele parecia apreensivo. Tinha até uma ruguinha entre suas sobrancelhas.

Voltei a chorar de imediato. Sabia que aquele safado estava aprontando alguma coisa, mas não fazia ideia de que era aquilo. Depois de tantos momentos difíceis achei que demoraríamos mais para darmos outro passo. Parei até mesmo de pesquisar sobre cerimônias ao ar livre. Tentei esquecer essa história toda de casamento durante todos aqueles meses, de modo que estava mais do que espantada.

Mais uma vez... Aquele homem lindo me surpreendia.

– Sim... – murmurei baixinho, curtindo cada instante de sua expressão se modificando. A ruguinha sumiu, o sorriso apareceu. Os olhos da cor do mar brilharam. – Sim! – gritei, rindo e chorando ao mesmo tempo. – Sim, mil vezes sim!

Atirei-me em seus braços, quase derrubando as alianças. Tentei segurá-las com firmeza e empurrei Caleb até a areia. Não desisti até que seu cabelo ficou todo sujo e meu corpo inteiro por cima do seu.

Beije-i-lhe como uma maluca. Enfiei minha língua na sua boca sem dó nem piedade. Parava apenas para rir e chorar mais um pouquinho. Caleb só ria largamente e alisava meus cabelos, cuidando para deixá-los atrás da minha orelha.

– Gostou da aliança?

– É linda! – Ainda sentada em volta da cintura dele, curvei-me para trás e as observei mais uma vez. Percebi que estavam grafadas por dentro. Na que tinha brilhantes estava escrito em letras pequeninas e cursivas: “me surpreenda”. Na maior, “o que você quer?”.

Dei um grito fino, achando aquilo a coisa mais perfeita que já tinha visto na vida. Caleb gargalhou e se sentou, apoiando-me pela cintura até me acomodar melhor em seu colo. Pegou as alianças e as dividiu.

– Achei que não faria sentido você usar um anel de noivado sozinha. Optei pelas alianças, bem mais bonitas e também posso usar. *Tá*, admito, eu queria usar.

Rimos.

– São perfeitas, meu príncipe. Você é perfeito.

– E você agora é a minha noiva.

Aquiesci.

– E futura esposa.

Sorri e lhe dei um selinho estalado. De repente, um pensamento fez meu sorriso morrer. Lembrei-me de que já tinha passado três anos noiva do João Pedro, e tudo deu errado. Quero dizer, certo. Quero dizer, você entendeu...

É duro demais pensar que passei três anos organizando um casamento que não deu em nada. Não queria me estressar daquela vez; por mim, seria algo simples e sem frescuras. Nosso amor era assim: simples. Eu não precisava de uma igreja lotada de gente que sorri falsamente para o nada. Só queria meus familiares mais próximos e as minhas amigas. Até porque sei que seria julgada por gente que não faz diferença na minha vida. Sei perfeitamente que é loucura casar tão cedo depois do que me aconteceu. Sei também o que vão pensar: que irei sair correndo de novo, tornando-me a versão mais recente da Noiva em Fuga.

Só queria que estivessem presentes as pessoas que confiam em mim e compreendem as minhas atitudes. Mas, mesmo assim, é inevitável que a notícia se espalhe na família e a situação fique chata. Por isso eu não queria demoras. Quanto mais cedo estiver casadíssima, melhor.

– Não quero demorar a ser sua esposa, lindo... É sério. Vamos fazer isso depressa, eu quero me casar contigo.

Caleb sorriu torto. Aproveitei para lhe dar mais um beijinho. *Coisa linda!*

– Essa é a minha ideia, Amande. Não quero demorar nadinha... Só não me caso com você amanhã porque sua mãe fez questão de preparar um almoço de noivado.

– Sério? Amanhã? – Fiquei surpresa. – Meus pais sabem disso tudo?

Ele aquiesceu, puxando minha mão direita.

– Para quem você acha que pedi sua mão?

Gargalhei instintivamente só de imaginar o Caleb falando com meus pais sobre aquilo. Papai ficaria louco!

– Tá brincando, né?

– Claro que não.

“Como não, meu Deus?”

Caleb foi colocando a aliança com o meio-coração brilhante no meu dedo anelar. Coube direitinho, na medida. Depois, ele levou minha mão até a sua boca e beijou o anel demoradamente, deixando seus olhos maravilhosos fixos em mim.

Céus! SOCORRO!

Só me restou sorrir com cara de bocó. Dava para sentir tudo dentro de mim derretendo aos poucos por tudo o que aquele homem me fazia. Caleb tinha o dom de fazer cada instante com ele ser perfeito.

Peguei a aliança maior e lhe puxei o dedo com ternura, repetindo seus gestos. Beijei sua mão e, logo em seguida, beijei sua boca. Não foi um beijo qualquer. Foi um beijo longo, repleto de desejo, amor, carinho. Repleto de todas as coisas que nos faziam estar ali naquele momento.

– Princesa... Lembra-se de quando combinamos que casaríamos na praia?

– Não tiro isso da cabeça... Já cheguei até a fazer um monte de pesquisas na internet. Posso

dizer que sei tudo sobre cerimônias ao ar livre, tenho até salvo nos favoritos o modelo de um vestido lindo!

Ele fez uma careta, mas depois sorriu.

– Mesmo?

– Uhum. Não me diga que achou ser o único que pensava em casamento! – Rimos.

– Quero que seja aqui – informou mansamente, alisando-me os cabelos.

– Aqui? Aqui, aqui?

– Aqui!

Olhei a nossa volta. Aquela parte da praia era pouco movimentada, quase não passava ninguém. Além de que era espaçosa o bastante, dava tranquilamente para realizar um casamento.

– Outro dia pensamos em todos os detalhes – sugeriu, sem esperar minha resposta. – Agora quero aproveitar o fim de semana com a minha noiva.

Caleb tirou centenas de fotos nossas usando as alianças. Eu havia aprendido a gostar de pousar; nosso apartamento era repleto de fotografias em todos os cantos, até no banheiro. Ele também estava juntando material para “re-personalizar” sua parede. Eu a adorava daquele modo – só com fotos dele –, mas era difícil convencê-lo a deixar como está. Já tinha desistido de fazê-lo mudar de ideia.

Despedimo-nos do palco onde nosso amor nasceu, prometendo que voltariamos muito em breve. Podíamos almoçar no hotel, mas Caleb fez questão de me levar em um restaurante especialista em frutos do mar. Como sempre adorei – ele sabe bem disso – sequer reclamei. Comi tanto que bateu logo uma fraqueza. Foi por isso que decidimos voltar para o quarto e descansar um pouco. Eu não cheguei a dormir, mas ele pregou os olhos assim que nossos corpos se aninharam.

Passei a maior parte do descanso namorando a minha aliança. Desculpa, sou mulher e, como tal, piro quando vejo qualquer joia. Aquela era linda, perfeita. De muito bom gosto. Revirei-a de todas as formas até chegar à conclusão de que havia sido cara. Aquelas pedrinhas certamente eram diamantes.

Foi inevitável pensar no meu antigo noivado. João Pedro não havia falado com meus pais, foi logo falando comigo, afinal, sempre fui complicada de se lidar. Chegou a meu apartamento em um dia comum dizendo que já era a hora de casarmos. Eu topei depois de refletir bastante, como se tivesse pensando se assinaria um contrato ou não. Compramos as alianças juntos, pois ele dizia que era muito difícil me agradar e que não entendia nada sobre joias. Por ele, comprava a mais baratinha. Bom, acabamos comprando uma razoável e bem simples, apenas um círculo dourado e fino.

Soltei um longo suspiro. A diferença era tão grande que chegou a me perturbar. Não houve emoção com o João Pedro. Nem uma raspinha daquilo que eu estava sentindo com o Caleb. Só houve conveniência mesmo. Fui muito burra em achar que estava tudo certo, nos eixos. Não fazia ideia de que podia ser diferente. Que podia me trazer tanta felicidade que me via incapaz de suportá-la.

Sorri.

Caleb me fazia a mulher mais feliz do mundo. Eu precisava fazer alguma coisa por ele. Algo grandioso, especial, único. Ele merecia, principalmente depois de todas as controvérsias pelas quais passou. Depois de ter sofrido tanto, seria natural se Caleb fosse um homem rígido e frio, mas era exatamente o oposto.

Fiquei pensando e repensando, tentando colocar as coisas em ordem. Estava tão eufórica que

nada conseguiu vir à minha mente, mas não desistiria tão fácil. Precisava retribuir tanta dedicação, tanto romantismo... tanta... Sei lá, é difícil explicar. Ser amada é muito bom, mas tenho certeza de que ser amada pelo Caleb é sensacional.

Depois do descanso, fizemos um *tour* pelo hotel. O lugar era enorme e bonito. Tiramos muitas fotos e nos divertimos nos balanços e escorregadores do *playground*. Parecíamos duas crianças. O jantar acabou sendo no hotel mesmo e, depois de uma volta noturna na praia, onde quase fizemos amor entre uns coqueiros, decidimos não nos arriscar. Amamo-nos no conforto do quarto.

Fiz questão de fazer uma massagem nele – já havia obrigado o Caleb a me ensinar alguns movimentos, assim não me sentiria tão inútil por não conseguir fazê-lo relaxar tanto quanto ele me fazia. Eu não era lá tão boa naquilo, mas bem que tentava. Ele era tão receptivo e ficava tão quietinho que não duvidava de que estivesse gostando.

O domingo chegou, fechando nosso primeiro dia de noivado. Depois de um café da manhã reforçado e de eu ter finalmente pegado um bronze decente na beira da praia, seguimos de volta para casa. Quero dizer, para a casa dos meus pais. Confesso que estava nervosa com aquele almoço. Não sabia quem estaria lá, mas Caleb me garantiu que ia ser uma reunião bem simples. Apenas para não deixar passar em branco.

Fazia uma hora que estávamos viajando no *Black Cat* quando ele mostrou que estava pensando no casamento tanto quanto eu:

– Quem serão os nossos padrinhos?

– Hum... Acho que não cabe ter minhas amigas como damas de honra de novo... Até porque a cerimônia vai ser bem mais simples. Quanto aos padrinhos... Talvez eu possa escolher um casal e você outro.

– Boa ideia...

Passamos longos minutos refletindo sobre aquilo.

– Acho que os meus padrinhos serão a Cláudia e o Renato – falei. – Eles são casados há alguns anos... Não consigo pensar em um melhor... AH! Que tal a Lara e o Fernando?

– Muito bom, princesa! Adorei. Eles foram fundamentais para a nossa trajetória, nada mais justo do que convidá-los.

Estava decidido. Lara e Fernando haviam nos ajudado tanto que me envergonhei de não ter pensado neles logo de cara.

– E você, já escolheu? – perguntei.

– Sim, Júlia e Ricardo.

– Ótimo! Fechou!

Caleb me olhou de soslaio, fazendo uma caretinha linda.

– Agora só falta o resto.

– Só? Todo o resto, né? – Rimos.

Realmente, havia muito a ser feito. Sei perfeitamente que um casamento dá trabalho de ser planejado – escute a voz da experiência! –, mesmo um simples. É tanto detalhe minucioso que aparece... As coisas vão crescendo por si só. Sem planejamento é impossível levar qualquer ideia adiante.

Claro, eu estava louca para começar a planejar. Planos podia ser meu sobrenome facinho.

Estava quase cuspidando meu coração quando chegamos à casa dos meus pais. Eles tinham um belo quintal, por isso achei que o almoço seria realizado ali. Realmente não me enganei. Fomos

aplaudidos quando chegamos, e pude ver as pessoas mais especiais da minha vida reunidos ali. Além dos meus pais, óbvio, estava a minha avó por parte de mãe e meu avô por parte de pai, ambos eram viúvos. Vi também minha tia Zilda e seu marido, a quem chamo de tio também.

Pronto, eram os únicos familiares.

Fabiana, Jéssica, Paloma, Cláudia e Renato, Lara e Fernando também estavam presentes, fechando o círculo de amigos. Para a minha surpresa, os pais do Caleb marcaram presença, bem como a Júlia e o Ricardo. Ele ficou visivelmente emocionado, pois não esperava vê-los ali.

O almoço estava delicioso. Fiquei sabendo depois que Dona Lourdinha havia se juntado com a minha mãe nos quitutes. As duas cozinhavam super bem e, pelo visto, tinham usado esse talento em comum para iniciarem uma boa amizade. Claro que fiquei nas nuvens! Tudo o que eu mais queria era que nossas famílias se unissem.

Fizemos o convite aos padrinhos ali mesmo. Júlia chegou até a chorar de emoção quando Caleb a convidou para ser sua madrinha. Lara e Fernando não pouparam agradecimentos. Eles eram tão lindos juntos! Tudo bem que só tinham seis meses de namoro, mas viviam num grude que nem Caleb e eu conseguíamos compreender.

Ficamos por lá até anoitecer. Jéssica fez questão de fazer o entretenimento do ambiente, todo mundo ria das coisas que ela falava. Principalmente quando a Claudinha ria como uma hiena, aí sim ninguém conseguia ficar calado.

Voltamos para casa acompanhados por um sentimento único de aconchego. Caleb estava tão feliz e realizado que, pela primeira vez na nossa história, dormiu primeiro que eu. Permaneci sentindo seu cheiro e pensando em como seríamos felizes juntos. Passei horas encarando a minha aliança e sorrindo para o vento.

Do nada, tive uma ideia. Finalmente uma ideia à altura do meu lindo príncipe.

36º Capítulo – Por Fernando

Lara entrou no carro sem falar nada; coisa tão rara que me deu medo no mesmo instante. Será que estava de TPM? Se estivesse, sabia que não adiantaria que eu falasse merda nenhuma. Aliás, seria até pior se falasse, pois ela com certeza me comeria vivo! Nunca queira ver a Lara de TPM. Ou ela chora ou vira bicho. Pela cara que fazia, entendi que estava pior do que uma leoa braba.

Eu seria o cara mais burro do mundo se aticasse.

Foi por isso que liguei o som – gosto de tudo que for rock, mas naquele dia estava a fim de Charlie Brown Jr., por ser mais light. Se eu colocasse Metallica ou Sepultura a leoa que habitava em Lara atacaria sem pensar duas vezes.

Fiquei curioso para saber o que tanto a estressava, mas supus que fosse algum problema na loja ou em casa. Sua irmã mais nova sempre a deixava possessa, e por motivos idiotas, vale salientar. Não gostava de vê-la daquele jeito, mas entenda que é melhor ficar sem gostar e se manter intacto do que ficar ouvindo gritos e chororô à toa.

Eu estava particularmente feliz. Aquele era meu terceiro dia de aula na faculdade de psicologia. Resolvi voltar a estudar depois que percebi que não devia culpar a faculdade pelo meu envolvimento com as drogas. Precisava parar de ficar trancando os semestres, por isso só agora, depois de pouco mais de dois anos mantendo distância, decidi que era o momento de voltar. Conversei com o reitor, professores e vários coordenadores. Vou precisar pagar novamente algumas matérias, mas a maioria que já havia pagado conseguiu se manter intacta no meu currículo.

Óbvio que fazia aquilo por mim, mas sei que também era pela Lara. Ela já era formada e tinha duas pós-graduações, o que me deixava com cara de tacho. Não que pensasse em deixar a loja da Amande – ela ganhava muito bem, tinha todos os benefícios e gostava de vender cosméticos. Segundo ela, era uma coisa que sabia fazer como ninguém. Todos os dias vinha me dizendo que conseguiu esgotar o estoque disso e daquilo outro. A loja da Amande só fazia crescer, e Lara via um futuro muito promissor fazendo parte deste crescimento. Eu apoio, claro!

Mas velho... É horrível ficar se sentindo um demente na frente de alguém tão inteligente como a Lara. Ela conversava sobre todas as coisas do mundo, enquanto eu só sei falar direito sobre skate, seriados, rock e psicologia. Isso nunca chegou a perturbá-la – pelo menos jamais havia se queixado –, mas era uma necessidade minha voltar a estudar, a exercitar a mente.

Eu também não pretendia deixar o Caleb tão cedo. Se acontecesse, seria para montar uma clínica ou algo assim, porém realmente estava aprendendo a gostar de tudo relacionado à fotografia. Andei fazendo até alguns cursos mais básicos para não ficar totalmente por fora. Caleb às vezes parava tudo o que estava fazendo só para me ensinar algo novo, e cada aprendizagem me deixava ainda mais encantado.

Não sentia necessidade de ganhar mais do que estava ganhando. Minha vida como garoto de programa me rendeu uma boa grana, mas como nunca fui de gastar tanto assim, andei economizando e tenho o bastante para bancar o resto da minha faculdade. Para mim já é o bastante, mas...

Lara estava me preocupando. Desde que havíamos sido convidados para ser padrinhos do casamento da Amande e do Caleb, ela não falava sobre outra coisa. Soltou dois milhões de indiretas

– e diretas também, ainda me lembro da noite em que chegou para mim e perguntou: você pensa em casar um dia, Fernando? –, obrigou-me a pesquisar sobre decorações de casamentos, decidimos oferecer toda a decoração da festa como presente, e passou horas levantando a teoria de que jamais ficaria bem dentro de um vestido de noiva.

E então eu usava de toda a psicologia para convencê-la de que os seus problemas com relação ao próprio corpo existiam apenas em sua mente. Mas Lara odiava quando eu falava sobre isso, portanto decidi parar de dar uma de psicólogo para o lado dela. Não adiantava, Lara precisava de um profissional que não podia ser eu.

Falando sério, só conseguia me perguntar como iria casar aos vinte e quatro anos, sem uma faculdade, sem casa própria – meu apartamento era alugado –, e claro, sem saber se nosso relacionamento daria certo.

É claro que eu a amo, isso não está em questão. Só que ela simplesmente NÃO ENTENDE QUE EU A AMO!!!!!!!!!!!!!!

Lara tem um puta ciúme de mim. Nenhuma mulher pode olhar pra minha cara que ela acha ruim, isso inclui senhoras de idade e pré-adolescentes. O problema de tudo é que chamo muita atenção, pô, eu tenho um metro e oitenta e seis de altura, meu corpo é todo tatuado e meu cabelo quase bate na minha bunda! CLARO que um monte de gente olha pro meu focinho, seja homem ou mulher, mas Lara não entende!

Se um dia der uma louca nela? Se decidir me deixar, do nada? Se desistir de lutar contra esse ciúme maldito? Cara... Como vou casar com alguém tendo essas dúvidas me tirando o sono? Não podia. Simplesmente não dava para ser inconsequente e fingir que tudo estava a mil maravilhas. Não podia me magoar, muito menos magoá-la.

Tínhamos um problema sério para ser resolvido, porém eu não sabia mais o que fazer. Já estou meio cansando de mostrar o tempo todo que ela é a mulher que escolhi para ser minha. Se Lara ao menos entendesse isso e parasse de se achar feia e gorda o tempo todo, tenho certeza de que noventa e nove por cento dos nossos problemas teriam fim.

Estacionei em frente à sua casa. Estava acostumado a lhe dar carona todos os dias; Lara não tinha carro por opção, mas me sentiria um filho da puta se deixasse que voltasse para casa de ônibus. Até porque aquele era um momento em que conversávamos um pouco. Nossa rotina era corrida, portanto aproveitávamos ao máximo cada segundo que passávamos juntos.

Em dias de semana era quase impossível termos um pouco de paz, e agora que minha faculdade começou, ficou um tanto pior. Já não fazíamos amor há umas duas semanas, pois precisei trabalhar no sábado passado – Caleb me pagava um extra generoso para dar uma força aos outros funcionários. Além de tudo, o pai da Lara não gostava muito de que ela dormisse lá em casa, e eu não tinha cara de dormir em dela. Até porque não adiantaria muito, pois Lara divide o quarto com a irmã. Eu seria jogado no sofá e ficaria por isso mesmo.

Por causa desses fatores que cada chance, mesmo que diminuta, era devidamente usada para matarmos a saudade que não nos abandonava.

Pena que naquela noite ela decidiu me ignorar.

– Até amanhã, docinho – falei, inclinando-me para beijá-la. Lara nem saiu do lugar. Também nem olhou para minha cara. *Fodeu!* Será que ficou com raiva porque a chamei de docinho? Ela não gostava que eu a chamasse assim porque doces engordam. Tentei justificar dizendo que doces são gostosos e irresistíveis como ela, mas não colou. – Não vai me dar um beijo?

Lara pegou sua bolsa, retirou o cinto de segurança e saiu do carro.

– Puta que pariu... – murmurei baixinho antes de decidir sair também. – Lara! Lara! – Ela andava vagarosamente na direção do jardim da sua casa. Puxei-lhe uma mão assim que a alcancei. – Para com isso, amor...

– Não dá pra aguentar esse bando de puta olhando pra você! – rosnou baixinho, desvencilhando-se de mim.

Agora me diga uma coisa: que culpa tenho em tudo isso? Caralho, eu só fazia amar aquela mulher. Mais nada. Só pensava nela o tempo todo: Lara isso, Lara aquilo, será que a Lara dormiu bem? Será que a Lara já almoçou? Acho que a Lara vai gostar disso... ARGH! Que raiva!

– O que você quer que eu faça? – gritei, puto da vida. Jamais havia me alterado daquele jeito. Nunca levantei a voz para ela, mas foi inevitável. Simplesmente saiu. – Me diz, o que quer que eu faça, Lara?

Ela se assustou bastante. Puts, susto foi apelido. Lara ficou tão estarrecida que passou longos segundos apenas me observando, com olhos esbugalhados e os lábios trêmulos. As lágrimas escorreram rapidão.

– Não faça nada, Fernando... – disse com sua voz infantil. Deu vários passos para trás, deixando-me plantado como um dos arbustos do jardim. – Não precisa fazer nada.

AAAAAH, VELHO! Que saco!

Sem saber se sentia pena dela ou de mim mesmo, acabei pensando um pouco mais em mim e voltei para o carro. Os pensamentos me acompanharam por todo o caminho até a faculdade. Eu precisava fazer alguma coisa, nosso relacionamento não podia seguir aquele rumo. Não por causa da insegurança de Lara.

Mas, cara... A culpa não era minha!

Jamais a trairia com qualquer outra mulher que fosse. Sentia uma falta absurda de sexo, admito, mas isso não significa nada. Sequer conseguia imaginar transar com alguém que não fosse ela. Lara era a minha mulher. Era quem me fazia feliz, apesar de todos seus problemas de insegurança. Ela me completava em todos os âmbitos da minha vida. Não queria perdê-la.

Não conseguiria perdê-la.

Andei pelos corredores da faculdade pensando nela. Quase passei direto pela minha sala. Estava um pouco atrasado, por isso pedi licença ao professor – que já tinha começado a aula – e me sentei lá no fundão. Todo mundo olhou para mim. Sinceramente eu já estava acostumado com aquilo; não significava que estava sendo paquerado, pois as pessoas me olham, acima de tudo, com curiosidade.

Depois que a aula recomeçou, percebi que continuava sendo observado. Virei para o lado instintivamente e percebi duas garotas olhando para mim. Desviei os olhos e abri o caderno, fingindo que estava prestando atenção.

Fala sério... Tá, tudo bem, se todo mundo olhasse para Lara onde quer que fosse eu ficaria igualmente puto. O pior de tudo é que muitos homens a paqueram, só que Lara nunca acha que é com ela. Só eu percebo, e então seguro sua mão, puxo-a para o outro lado, encaro o sujeito... Faço qualquer coisa para o otário desistir de paquerá-la. Não gosto da situação, mas também não me estresso com isso.

Depois de três horas sentado pensando na Lara e em como era ridícula a sensação de vazio que sentia por causada nossa discussão – e, claro, quase mandando Freud, Piaget e Behavior tomarem

em seus devidos rabos –, percebi que eu podia facilitar as coisas. Refletindo melhor, cheguei à conclusão de que podia me expor menos, pelo menos quando estivesse trabalhando.

Assim que as aulas acabaram fiz o meu primeiro teste: coloquei o casaco, cobrindo todas as minhas tatuagens, e dei umas mil voltas no meu cabelo até que ficasse devidamente preso. Saí da sala e fui caminhando por vários corredores. Quase passei despercebido. Digamos que a atenção sobre mim foi reduzida em uns oitenta por cento.

Sentindo-me animado e esperançoso, liguei para ela. Chamou e ninguém atendeu. Que porra...

Liguei de novo. Nada. Decidi mandar uma mensagem. Quando Lara tinha piti e não queria falar comigo, pelo menos respondia via SMS.

Quero você hoje. Estou indo te pegar. Diga a seu papaizinho que não estou nem aí com a opinião dele sobre isso.

Mandei, mas logo me arrependi. Fui meio grosso, sei lá. Affe, que merda, por que consigo ser tão imaturo?

Sua resposta chegou em menos de meio minuto:

Nem pensar.

Suspirei profundamente, caminhando até o estacionamento. Entrei no carro e dei partida. No caminho, tirei o casaco e soltei o cabelo. Era inútil ficar me mascarando. Será possível que preciso deixar de ser quem sou? Eu não tenho vergonha de mim, mesmo sendo constantemente criticado e sofrendo muito preconceito. Cada tatuagem tinha um significado, havia uma história importante por trás delas. Lara conhecia todas. Aliás, ela amava minhas tattoos. Na verdade ela amava tudo o que era meu, podia sentir cada fibra do seu amor. Puts... O que eu estava fazendo de tão errado para que ela não conseguisse sentir o *meu* amor?

Simplesmente me desesperei. Coloquei o som do carro no volume mais alto e fui dirigindo para minha casa. Aquela seria mais uma noite solitária e confusa. Odiava o sentimento de estar perdendo a Lara. Doía muito, velho...

Estava na metade do caminho quando meu celular apitou. Era uma mensagem da Lara. Quase morri antes de conseguir abri-la:

Não queria estar assim contigo, bebê.

Sorri um sorriso amplo de orelha a orelha. Quando Lara voltava a me chamar de bebê significava que a raiva já tinha ido embora.

Respondi bem rápido, já mudando o meu trajeto. Passaria na casa dela de todo jeito, não importava se era tarde. Precisava ao menos beijá-la.

Eu te amo. Dorme comigo hoje.

Estava desesperado mesmo, e daí? Ela sabia disso, pois conhecia cada um dos meus instintos. Além de que tudo ficava bem entre nós depois que fazíamos amor. Lara ficava com a autoestima elevada durante alguns dias, fazendo deles os melhores.

Ela não me respondeu de imediato, mas nada me faria voltar. Assim que estacionei na frente da sua casa, recebi outra mensagem:

Papaizinho liberou. Estou te esperando.

– RÁÁÁÁ, moleque!!! – praticamente gritei, gargalhando à toa.

Meus dedos digitaram a mensagem tão rápido que as palavras saíram todas erradas:

T^o te esprand na fren te da sua csa.

A porta que dava para o jardim se abriu dois minutos depois, e ela veio lindamente, segurando

uma mochila. Assim que entrou no meu carro, nem esperei que falasse mais merda alguma: beijei sua boca com tanto desejo que fiquei excitado. Poderia fodê-la ali mesmo, mas me controlei. Respirei fundo e me concentrei em dirigir.

– Desculpa, bebê – murmurou. A vizinha de criança que Lara fazia me deixava louco. Reduzia todo o meu raciocínio a pó.

– Tudo bem.

– Tudo bem nada. Eu sou uma burra. Sempre estrago tudo! – Percebi sua voz se modificando para uma chorosa. Segurei sua recheada coxa esquerda. Do jeito que eu amava. Fala sério, quem gosta de osso é cachorro. Faço do tipo leão, pra combinar com a leoa que habitava nela. Sou carnívoro assumido.

– Isso vai acabar no dia em que perceber que só tenho olhos para você.

– Ah, bebê, eu sei, mas é que... Dá muita raiva!

– Não, você não sabe, Lara. – Observei-a, mas tive que prestar atenção na pista. – Não faz ideia do quanto eu te amo. Tento fazer com que entenda, mas não consigo.

Ela se inclinou e pegou uma mexa do meu cabelo. Puxou devagar até me obrigar a chegar bem perto dela. Continuei olhando para frente, mas senti sua boca pequena encostar ao meu ouvido. Caracas... Fiquei todo arrepiado!

– Eu também te amo, meu gostoso – sussurrou de um jeito sexy.

Putá merda, chega logo, apartamento!

Depois dessa dirigi tão rápido que em menos de dez minutos já estávamos subindo pelo elevador. Começamos a nos beijar loucamente ali mesmo, aproveitando que eram onze e pouca da noite e não havia movimento no prédio.

Prendi Lara contra o espelho do elevador e deixei todo o meu corpo envolver o seu. Ela fez questão de segurar meu pau duro por cima da calça, deixando-me ainda mais excitado. Se entrasse alguém antes do meu andar nem haveria como disfarçar.

Quando finalmente chegamos, Lara já tinha a blusa erguida e um lado do sutiã para baixo, deixando um seio exibido. Sequer permiti que tornasse a se vestir: abri a porta rapidamente e a puxei, guiando-a diretamente para o meu quarto.

Ela deixou sua mochila cair em algum lugar da sala. Meu apartamento era pequeno, mas bem equipado e organizado. Eu limpava tudo sozinho – não que fizesse isso frequentemente, pois morria de preguiça –, então fiz questão de um canto pequeno para não dar trabalho desnecessário. O meu quarto era o ambiente mais espaçoso e limpo, afinal, era onde passava a maior parte do tempo.

Joguei Lara na minha cama. Ela soltou um grito divertido, e acabamos rindo juntos. Tirei minha camisa, o tênis e me atirei em cima dela. Beijei-lhe a boca, mas logo fui descendo pelo seu pescoço, inspirando seu cheiro mesclado com o perfume que usava.

Lara tocava todo o meu corpo, guiando mãos deliciosas e ousadas pelos caminhos exatos para me deixar ainda mais excitado. Quase morri de tesão quando senti seus dedos desabotoarem a minha calça. Ela fez meu pau ficar pra fora em poucos segundos, e já começou a remexê-lo.

Eu tinha tanta pressa – foi quase como se servissem um banquete a um faminto – que tratei de retirar sua blusa e, junto com ela, seu sutiã. Minhas mãos envolveram seus seios. Fui sugando-os de uma forma meio indecisa; não sabia se beijava um ou o outro. Queria os dois e ponto final.

Lara se contorcia um pouco e soltava gemidos fininhos, mas não largou minha ereção por nada. Sua mão já estava meio lambuzada pelo líquido que me lubrificava, deixando-me pronto para estar

nela. E eu sinceramente não conseguia mais esperar.

Levantei-me até ficar de joelhos na cama. Desabotoei seu shortinho jeans e o retirei junto com a calcinha; pra quê demorar, né? Não posso deixar de comentar que a visão da Lara completamente nua na minha cama é a coisa mais linda e excitante do mundo. Cheguei até a soltar um suspiro de desejo, que partiu do fundo da minha alma. Como aquela mulher gostosa podia se sentir feia?

Passei minhas mãos pelo seu corpo, sentindo meus olhos arderem. Lara me olhava com uma expressão muito sensual. Parei meus dedos na sua bela vagina, deixando-os brincarem um pouquinho naquele território abençoado pelos deuses. Lara gemeu e, instintivamente, abriu bem as pernas.

Foi impossível não querer enfiar minha língua nela. Por mais pressa que eu tivesse para possuí-la, jamais ignoraria aquilo. Foi por isso que me curvei diante dela, abri suas pernas ao máximo e caí de boca. Mandeí ver nos movimentos, deixando-os sempre bem acelerados. Sentir seu gostinho saboroso entre meus lábios foi tão bom que por um instante pensei estar sonhando. E mais ainda quando Lara envolveu meus cabelos em suas mãos e os puxou, gozando de um modo intenso.

Quase a aplaudi. Seu corpo se contorcendo, soltando espasmos frenéticos, e sua boca emitindo sons maravilhosos era uma cena digna de Oscar. Lara mal terminou de gozar e foi se levantando, ainda com meus cabelos em suas mãos. Eles lhe serviram como rédea para me fazer deitar na cama.

Logo em seguida, ela terminou de retirar minha calça e a cueca. Meu pau ainda estava firme como rocha, o danado mal podia esperar para ver o que ela ia fazer com ele. Lara é uma verdadeira amante do sexo oral; sua boca pequena é um espetáculo quanto se trata do assunto. Fazia aquilo tão bem que alguém devia lhe premiar.

Tentei me controlar para não gozar rápido. Admito que havia aprendido a segurar o clímax quando ingressei na vida de garoto de programa, por isso que quase sempre conseguia. Foi uma tortura esperar que ficasse satisfeita de me sugar. Estive perto do êxtase pelo menos umas três vezes. Ela sabia disso, pois meu corpo parecia convulsionar toda vez que acontecia.

Depois da eterna sessão de tortura, ela finalmente parou e foi beijando o meu corpo. Fazia pausas para lambe o contorno de cada tatuagem, seguindo trajeto do meu abdome até o pescoço. Velho... Foi excitante. Excitante pra caralho!

Soltei um gemido alto quando pernas grossas se abriram ao redor da minha cintura e, sendo ajudada pelas suas mãos, minha ereção encontrou conforto dentro dela. Lara curvou-se para trás; ergueu a cabeça e abriu a boca, emitindo seus malditos gemidinhos infantis. Não dava para esperar, muito menos para deixar que controlasse os movimentos.

Foi por isso que segurei sua cintura com força e, apoiando minhas costas na cama, comecei eu mesmo a movimentar meu quadril. O ritmo se tornou bastante acelerado, fazendo nossas peles baterem uma na outra com força. Lara aumentou drasticamente a frequência dos seus gemidos. Puxei-lhe os cabelos castanhos, obrigando-a a quase se deitar sobre o meu peito. Ela inclinou para frente, apoiando os braços em mim.

Curvando-me um pouco, abri o caminho para beijá-la. Línguas necessitadas brincaram e dançaram, contracenando malabarismos e nos enchendo de ainda mais desejo. Nosso beijo era incrível; fazia nossas bocas se encaixarem perfeitamente.

Lara entrou no segundo orgasmo depois de longos minutos rebolando em cima de mim. Ela estava tão quentinha e molhadinha! Não permiti que se afastasse nem para gemer; ela se contorceu lindamente e gozou em silêncio, prendendo seus lábios nos meus.

Seu corpo estremeceu de um jeito tão gostoso que foi impossível não gozar junto; tive um

orgasmo intenso e igualmente silencioso. Não deixei que nossos corpos se desgrudassem nem por um segundo.

Permanecemos daquele jeito até que nossos corpos suados de prazer finalmente se esfriaram. Havia uma mistura de cabelos castanhos – o meu era alguns tons mais claros – espalhados pelo colchão, e assim permaneceu. Lara depositou sua cabeça no meu peito e relaxou. Ainda estávamos encaixados.

– Como não ter ciúme de tudo isso? – ela disse baixinho. – Não consigo não ter ciúme da melhor coisa que já me aconteceu.

– É só confiar nessa coisa... – murmurei. Segurei seu queixo, obrigando-a a erguer a cabeça para me olhar. – Eu te amo, Lara. Não deixe esse ciúme nos separar. Por favor... Não sei mais viver sem você.

Ela balançou a cabeça positivamente. Depois, voltou a depositá-la no meu peito. Enrolou algumas mexas do meu cabelo entre os dedos.

– Não vou deixar – definiu.

E eu sinceramente acreditei nela.

37º Capítulo

11 meses e 20 dias depois...

É engraçado o modo como as coisas mudam tão depressa. Mais engraçado ainda é perceber o quanto as pessoas mudaram. Começando comigo; há quase um ano vivia imerso no meu mundinho vazio, quase sem esperanças, sem amigos, família... Eu era outro homem. Um cara que hoje em dia tento esquecer, mesmo sabendo ser impossível. Querendo ou não, ele faz parte de mim. Tenho certeza de que sou o que sou porque ele existiu.

Todos os dias antes de dormir – e depois de ter cantado a música da princesinha para a Amande –, abraço-a fortemente e agradeço por tê-la comigo. Fico pensando em como o simples fato de termos escolhido um ao outro acabou se transformando numa grande bola de neve, arrastando e moldando não apenas as nossas vidas, mas a de muitas pessoas.

Lara e Fernando, por exemplo. Eles jamais voltariam a se encontrar se não fosse toda uma teia confeccionada pelo destino. Seria uma pena caso o namoro deles não chegasse a ocorrer, pois adoro observá-los. Fico muito feliz, sobretudo pelo Fernando; esses meses trabalhando juntos nos proporcionaram uma ótima amizade.

Tenho certeza de que o relacionamento com o meu pai também nunca mudaria se eu não estivesse com a Amande. E isso significa muito, visto que até o relacionamento dele com a mamãe e com a Júlia se modificou. Nossa família enfim se redimiou, esquecendo-se dos longos anos de desentendimento. Isso sim eu fiz questão de esquecer de vez. Papai me ajudou tanto nos últimos meses – lutou com unhas e dentes por mim – que não podia ser capaz de sentir nada além de admiração. Eu o perdoei completamente por toda a mágoa que outrora me causou.

Há um ano pensei que seria impossível perdoá-lo um dia. Isso tudo prova que, sinceramente, não sabemos de nada sobre a vida. Somos estúpidos em achar que nada pode ser feito, que as coisas são como são e nunca deixarão de ser. Só posso mesmo sentir graça dessa reviravolta.

Hoje eu acredito na vida. Acredito no amor e na amizade, duas coisas que antes eu não sabia direito o que eram. Não como agora. Creio que tudo tem um propósito, pois há muitas evidências de que nada, absolutamente nada, é em vão. Isso inclui uma festa de despedida de solteira em um dia e local quaisquer. Nada me tira a ideia de que naquele dia o destino estava tecendo suas longas teias. Não apenas para mim, mas para todo mundo.

Amande estava linda naquela noite, mas enfim, eu não a achava menos do que linda nunca. Entramos no estabelecimento e ficamos de boca aberta. Nunca vi decoração japonesa tão encantadora, parecia que estávamos mesmo no Japão. Logo na entrada, fomos convidados a retirar nossos sapatos e ingressar no clima oriental. Havia uma mesa reservada para nós, por isso fomos caminhando na companhia de uma funcionária vestida de gueixa, admirando todas as alas individuais pelas quais passávamos até chegarmos a uma que estava vazia. Ali tinha uma mesa longa e de pernas bem curtinhas. Almofadas estampadas faziam o papel das cadeiras. Sentamos no chão de madeira encerada e limpa, soltando um "uau" do tamanho do mundo. Amande ficou encantada, mas eu não estava tão diferente disso.

– Gente, que lugar incrível! – Mal tínhamos nos sentado e terminado de pedir drinks japoneses

com nomes esquisitos quando a Jéssica apareceu berrando. – A-DO-REI!

Levantamos para cumprimentá-la. Aquele encontro seria especial. Na verdade eu estava ali meio que de penetra, pois era quinta-feira e as garotas decidiram que seu encontro quinzenal seria ali, no restaurante que o Marcelo havia acabado de inaugurar. Ele fez questão de nos chamar, fiquei até admirado com a sua ligação durante a semana.

Passamos longos minutos ao telefone, pois fiz questão de saber cada detalhe daquela novidade. Marcelo havia desfeito o contrato com o Marlos logo após aquele fim de semana. Pensei que eu tinha sido o único que desistiu, mas, depois de muito refletir, ele decidiu pegar a grana que estava juntando para montar algo só seu.

Demorou um bocado para tirar as coisas do papel, precisou fazer ainda vários programas, mas finalmente havia conseguido. Contou com a ajuda de um sócio: Henrique. Depois de alguns meses, ele também resolveu mudar de vida. Se fiquei contente? Quase explodi de tanta alegria, ainda mais quando Marcelo me disse com todas as letras que a conversa que tivemos na despedida da Amande foi fundamental para que tomasse uma atitude definitiva. Aproveitei para lhe contar que estava noivo da Amande e que o Fernando namorava a Lara há uns sete meses. Ele quase não acreditou, ficou super feliz por todos nós.

Enfim... Claro que não podia deixar de prestigiá-lo. Fiquei com pena por não tê-lo convidado para a inauguração do meu estúdio, se bem que, na verdade, mal cheguei a convidar alguém. Foi então que pensei que se o Fernando não tivesse ido à minha inauguração, não estaria com a Lara agora. O destino e suas teias...

Enquanto conversávamos animadamente, as garotas foram chegando aos poucos; Fabiana e Paloma vieram juntas. Lara acabou trazendo o Fernando, para o meu alívio. Ia ficar me sentindo um peixe fora d'água dentre tantas mulheres. Ele logo se sentou ao meu lado, tendo Lara do outro, e deu início a suas conversas sempre divertidas. Mesmo que abordássemos outros assuntos entre nós, o papo acabou sendo geral; incluímo-nos nas conversas das garotas e nos divertimos bastante. Elas são tão engraçadas juntas! Até a Amande fica diferente na companhia delas.

Cláudia foi a última a chegar. Veio sozinha e, diferentemente de todo mundo, estava um pouco séria. Pelo que conhecia do seu humor, era completamente incomum que estivesse tão quieta. Depois de vinte minutos ela ainda não tinha rido do seu jeito característico, portanto as meninas logo perceberam que estava diferente.

– O que houve, Claudinha? – Amande foi a primeira a cortar o assunto em evidência e externar sua preocupação.

Cláudia revirou seus grandes olhos verdes, virou um copinho de saquê – a pirada da Jéssica havia pedido uma bandeja com trinta doses, um exagero que ninguém reclamou, pois todo mundo estava tomando – e soltou um longo suspiro.

– A gente combinou que hoje podíamos trazer os rapazes, não foi? – perguntou, pegando outro copinho. – Então... Pedi ao Renato para vir comigo hoje, mas ele não quis!

– Ah, amiga, relaxa! Assim você se diverte mais! – Jéssica berrou, jogando um metro de cabelo oxigenado pro lado.

– Não é só isso, ele não quis vir porque as quintas que nos encontramos é o dia oficial de ele sair com os amigos também.

– Mas qual é o problema nisso? – indagou Paloma, fazendo uma careta. O fato de ser descendente de japoneses fazia com que combinasse com todo o ambiente. Era engraçado. Tive

vontade de tirar uma foto, e foi o que fiz, retirando minha máquina digital do bolso da camisa. Ela olhou para mim e sorriu.

– Deixa o coitado, vai ver são tão amigos quanto a gente, que não perde uma reunião por nada – disse Lara.

– É, mas nas nossas reuniões nunca tem homens, principalmente desconhecidos – Cláudia disse de um jeito meio irritado. Revirou um pedaço de sushi que jazia no prato e o comeu como se não tivesse dito nada de mais.

Todo mundo ficou calado, encarando-a. Fernando olhou para mim e fez uma careta. Senti-me meio envergonhado por estar ali, aquele papo certamente era para acontecer apenas entre mulheres. Afinal, elas se conheciam e externavam suas preocupações há anos.

– Conta essa história direito, mulher... – Fabiana pediu, meio apreensiva. – O que quer dizer com isso?

– É, não entendi nada! Você viu o Renato se encontrando com uma mulher? – Jéssica foi logo matando a charada. – Não acredito!

Amande apertou a mão que estava em cima da minha coxa. Observei-a e notei que tinha ficado muito chateada com a situação. Voltei a analisar a Cláudia; ela prendeu os lábios grossos, depositou o cotovelo na mesa e apoiou o queixo na palma da mão.

– Eu não disse para onde ia... Ele acha que estou em um bar qualquer da cidade. Saiu antes de mim e... – Suspirou. – No começo dessa avenida tem um barzinho de beira de rua, sabe? Não sei se vocês viram, com umas mesas e cadeiras na calçada...

– Sei, ali é legal. Rola até karaokê! – Jéssica falou animadamente, como se a amiga não estivesse falando nada sério. Perguntei-me se ela era capaz de levar alguma coisa a sério. Acho que não. Cláudia estava sentada ao lado dela, por isso sorriu e a empurrou de leve com o ombro. Sua atitude fez o clima melhorar um pouquinho, pois pelo menos ela não tinha ficado zangada.

Amande continuou séria e visivelmente chateada. Aliás, todas as garotas ficaram com cara de enterro. Menos a Jéssica, mas isso não surpreendeu ninguém.

– Deixei a Gabriela na casa da mamãe, como sempre faço nas quintas, e vim direto pra cá – continuou. – Fiquei passada, gente. Renato está com uns três amigos e umas... Sei lá, cinco mulheres nesse bar aí. Isso porque me disse que a reunião ia ser só de homens...

Caraca!

– Meu Deus! – Lara ficou horrorizada.

Amande levou uma mão à boca, com o rosto vermelho. Jéssica parou de rir e finalmente ficou séria. Paloma balançou a cabeça em desaprovação

– E você passou direto e ficou por isso mesmo? – Fabiana quis saber.

– Eu ia fazer o quê? Armar o barraco?

– Claro, amiga! Vamos lá, eu te ajudo! – Jéssica sugeriu, preparando-se para levantar. Apesar de doida, ela estava falando sério. Seu rosto havia ficado rígido.

– Fica quieta, mulher louca – Paloma puxou Jéssica antes que se levantasse. – Para com tuas ideias, fazer isso não vai adiantar nada.

– Pois é, até porque estavam só conversando... Não vi nada de mais... íntimo.

– Mesmo assim, não acho certo o que ele fez – Amande comentou. – Vocês precisam conversar.

– É... – Cláudia suspirou. Pegou mais uma dose de saquê. – Eu sei... Mas não quero estragar nossa noite. Ele que fique lá.

Uma garçonzete apareceu para nos servir de uns pratos esquisitos. Paloma começou a explicar o que tinha em cada um deles, e então o clima tenso foi se amenizando aos poucos. Cláudia pareceu ter ficado melhor depois que desabafou; começou a participar mais das conversas e até me sugeriu que tirasse várias fotos daquela noite especial.

Henrique e Marcelo apareceram na nossa ala depois da segunda rodada da bandeja de saquê. Admito que minha cabeça girou um pouquinho quando nos levantamos para cumprimentá-los. Foi um reencontro animado e até meio nostálgico. As garotas os convidaram a se sentar conosco, e eles o fizeram sem cerimônia.

– É muito bom ver vocês de novo, senhoritas! – brincou Marcelo. Ele estava diferente; havia cortado o cabelo bem curto. – Quem diria que estaríamos aqui agora, não é?

Mal conseguia entender a gritaria que se iniciou; as meninas começaram a falar ao mesmo tempo, tecendo milhares de perguntas tanto para o Marcelo quanto para o Henrique. Cláudia, Jéssica e Fabiana estavam visivelmente alteradas pelo saquê. Não de um jeito muito óbvio, só supus isso por estarem mais alegres e falantes do que quando chegaram.

– Amande vai se casar de novo, bem que podíamos ter outra dose daquelas! – Jéssica gritou, animadíssima. Todas gritaram em uníssono, menos a Amande, que começou a negar com veemência qualquer possibilidade de aquilo acontecer.

– Mas acho que só quem está lá é o Edu e o João! – lembrou Henrique. – Por falar nisso, eles estão aqui também...

– Aqui? Edu e João? – perguntei, interessado. Que legal seria reencontrá-los!

– Sim, estão em outra ala!

– O que estão esperando? Chamem eles para cá! – Jéssica sugeriu. Todo mundo concordou com muita animação. Menos a Fabiana. Acho que não ficou muito satisfeita com a ideia de reencontrar o Edu, mas foi só algo que supus.

Em alguns minutos estávamos todos nós sentados ao redor da mesa. Nunca ri tanto na minha vida, sinceramente. Cada coisa que era dita gerava gritarias e gargalhadas. João e Edu estavam iguais à última vez que os vi: bem-humorados, conversadores e receptivos. Edu, sempre com sua malícia, tratou de sentar exatamente ao lado da Fabiana. Ela não escondeu seu desconcerto, mas depois de algumas doses de saquê, estava ingressa em um papo individual com ele.

João também se sentou perto da Jéssica, mas os dois pareceram ter se unido apenas para nos fazer rir com seus papos loucos. Não vi nenhum tipo de ligação mais íntima acontecendo entre os dois; o que era engraçado, pois todos nós sabíamos que haviam transado na despedida da Amande. Bom, era assim mesmo. Os dois, por serem profissionais, achavam aquilo a coisa mais natural do mundo. Eu também acharia se não tivesse mudado tanto em tão pouco tempo.

– Espera aí, tenho algo a falar! – pedi a atenção de todo mundo, do nada. Amande franziu o cenho e me encarou de um jeito esquisito. Foi difícil, mas enfim ficaram calados e prestaram atenção em mim. – Estão todos convidados ao meu casamento com a Amande. Quero todos lá, sem exceção!

Gritos e mais gritos. Se Marcelo e Henrique não estivessem ali, com certeza eu teria medo de sermos expulsos do lugar. Tudo bem que estávamos em uma ala individual, mas, calculando melhor o volume dos gritos, dava para nos escutarem até no verdadeiro Japão.

– Príncipe, você está bêbado – Amande sussurrou no meu ouvido.

– Eu não, linda... – Ri debilmente.

– Está sim.

- Não estou... – continuei rindo.
- Nunca te vi bêbado, por isso sei muito bem que está bêbado.
- Ué? Não fez sentido!
- Ok, ok, mas eu dirijo hoje.
- Você quem sabe, princesinha. – Acariciei sua bochecha e lhe dei um selinho.

Não me sentia nem um pouco bêbado, mas se Amande estava dizendo...

Virei-me para o Fernando instintivamente, sorrindo de um jeito estranho. Só então percebi que ele estava me chamando há algum tempo e eu sequer tinha sentido seu toque no meu braço. Resolvi dar razão à Amande de vez: eu estava bêbado.

- Vamos ao banheiro, queria falar um troço contigo... – ele disse baixinho.
- Beleza!

Levantei mais devagar do que o normal. Meu mundo girou um bocado, mas fingi que não. Amande percebeu meu desequilíbrio, mas não falou nada, apenas ficou me olhando de um jeito divertido, como se quisesse dizer: “não falei?”.

Entramos no banheiro chiquérrimo do estabelecimento. Tudo era tão refinado que tirei um bocado de foto. O que foi meio ridículo, claro. Tirar foto de banheiros era demais até para mim. Fernando riu quando percebeu que eu estava para lá de Bagdá.

– Esquece, você não está em condições para me responder nada! – Gargalhou, colocando sua intimidade para fora e começando a fazer xixi em um dos mictórios. Fiz o mesmo, escolhendo dentre os mil que tinha ali, o mictório que estava ao lado dele. Fernando me empurrou com o ombro e fez um jato do meu xixi voar longe. Rimos tanto disso que chegamos a chorar. Alguns caras que entraram no banheiro ficaram nos olhando como se fôssemos doidos. Ou gays, vai saber.

- Vai, cara, desembucha o que ia me falar! – falei, ainda gargalhando.

Fernando enxugou as lágrimas, respirou fundo, olhou para mim e... começou a rir de novo.

- Vai logo, mano!
- Pô, o que tenho pra falar é sério, não dá pra ser com você mijando o banheiro dos outros!
- Foi você quem me empurrou!
- E você quem veio mijar do meu lado! Tão velho e não conhece as regras dos banheiros masculinos? Que coisa mais gay, Caleb. Você vai mesmo se casar com a Amande ou resolveu mudar a casaca?

Gargalhamos ainda mais.

- Olha, Fernando, você é um gato com esses cabelos esvoaçantes, mas eu sou espada e amo a Amande. Desculpa te decepcionar!

Fernando riu, mas foi de um jeito diferente. Depois de alguns segundos, sua expressão já havia se fechado.

- O que tá rolando? – perguntei, ficando sério também.
- Qual foi o momento em que você teve certeza de que queria se casar?
- Hum... Acho que sempre tive certeza. Por quê?
- Nada não.
- Agora fala, cara... – Aproximei-me dos espelhos e comecei a lavar minhas mãos. Ele fez o mesmo.
- É a Lara. Ela quer casar comigo.
- Isso é ótimo, Fernando! Ela te falou?

– Não, apenas sei. Só não sei se estamos prontos para isso. Você sabe, Lara e suas inseguranças...

– Sei sim. – Fernando me contou sobre os problemas que eles enfrentavam por causa do ciúme da Lara. Aquilo era mesmo muito chato, mas eu sinceramente não achava que ela estava totalmente equivocada. Tudo bem que devia confiar mais no Fernando, confiança é a coisa mais importante em um relacionamento, porém devia ser ruim demais suportar a atenção que ele chama.

Eu diria apenas que o Fernando precisava ter paciência e construir aquela confiança aos poucos, com uma base sólida. Lara mudaria aquele comportamento com o tempo, pois enxergaria que seu ciúme só os estava afastando. Esse sempre foi meu conselho para ele.

– Vejo você e a Amande... São tão perfeitos um para o outro... Passaram por tantas coisas e continuaram firmes e fortes... Cara, se algo bizarro acontecesse comigo e a Lara, não tenho certeza de que passaríamos por cima como vocês fizeram.

Começamos a enxugar nossas mãos.

– Entendo... Bom, Fernando, talvez vocês precisem amadurecer mais. Lara é mais velha, mas se comporta como uma adolescente às vezes. Acho que precisam crescer juntos.

– Sim, eu sei... Concordo totalmente, mas... Mano, não suporto a ideia de perdê-la um dia. Nosso relacionamento está esfriando, estamos sem tempo, esperando oportunidades para ficarmos juntos, sabe? Isso é um saco.

– É mesmo... Sei como é. Por que vocês não começam a morar juntos? Fiz isso com a Amande, meio que fizemos uma experiência para saber se nossas rotinas dariam certo juntas. Pode ser uma boa opção, e não precisam pensar em casamento por agora.

– Pode ser, mas... Sei lá, tem os pais dela. Eles são meio chatinhos de lidar.

– Hum... Não custa nada conversar com ela e fazer essa proposta. Vai que dá certo? Precisa tentar antes de achar que não vai rolar.

– É verdade. Tem razão. Vou tentar.

Voltamos para a nossa ala, e encontramos o mesmo clima descontraído de sempre. A diferença notável foi que o Henrique havia se transferido para perto da Cláudia, e ambos estavam conversando individualmente. Fernando e eu trocamos olhares significativos na mesma hora.

Amande sussurrou no meu ouvido assim que voltei a me sentar ao seu lado:

– Amanhã tenho fornecedores para receber no primeiro horário, amor. Vamos embora?

– Tudo bem, vamos sim.

Despedimo-nos de todo mundo, prometendo que voltaríamos a nos encontrar mais vezes. Para a nossa surpresa, Fabiana e Edu também disseram que iriam embora. Ao mesmo tempo. Juntos.

Que doideira, não?

38º Capítulo

1 ano depois...

O despertador tocou e fui obrigada a interromper um sonho maravilhoso. Há semanas sonhava – e tinha pesadelos também – com o casamento. Faltavam ainda três meses para a cerimônia, e eu não sabia dizer se era muito ou pouco. Era muito porque não via a hora de estar casada com o Caleb, e pouco porque eu estava enlouquecendo para que tudo saísse de um jeito pelo menos aceitável.

Caleb e eu estávamos decidindo tudo em conjunto, o que é extremamente mais complicado do que se eu estivesse planejando sozinha. Mas preciso entender que ele não é como João Pedro, que se contentava com qualquer coisa. Caleb é tão perfeccionista quanto eu; fez questão de participar de cada escolha, teceu mil e uma sugestões e, admito, teve as melhores ideias. A de contratar um gerador próprio para fornecer energia, por exemplo. O casamento seria realizado em um sábado, às três horas da tarde, mas conhecendo nossas famílias e amigos era óbvio que a festa duraria até anoitecer. Precisariamos de luzes. Além do mais, casamento sem música não dá. Mesmo que ainda não soubéssemos como providenciar a música – Caleb votava em uma banda simples, mas não havíamos encontrado alguma interessante o suficiente –, era óbvio que precisariam de energia.

No geral, estávamos ganhando muitos presentes. Como já possuíamos tudo dentro de casa, não fizemos questão de ganhar presente de convidado algum, mas as poucas pessoas que compareceriam estavam se reunindo para nos oferecer as coisas do próprio casamento. Júlia, por exemplo, fez questão de providenciar todos os doces. Ela tem uma grande amiga que trabalha com trufas deliciosíssimas – ela me fez provar tudo antes de contratá-la – e variados doces finos, todos personalizados.

Fernando e Lara estavam arrasando na decoração. Ficamos estudando milhares de fotos de casamentos na praia; eles escolheram a mais linda e estão providenciando cada detalhe de modo que fique o mais parecido possível. Se bem que, em minha opinião, estava ficando melhor do que a foto. Todo dia Lara vinha com uma coisa diferente para encaixar; montamos uma espécie de planta da área e devo dizer que está tudo muito organizadinho.

Na verdade quem montou essa planta foi o Caleb, pois, segundo ele, era bom que alugássemos toldos caso chovesse ou o sol estivesse muito forte. Sendo assim, procuramos uma boa empresa de toldos, e meus pais fizeram questão de pagar pelo aluguel. Nem eu sabia que custava tão caro. Bom, os que escolhemos eram mesmo caros, pois possuíam um material resistente e diferenciado, próprios para casamentos. Fomos escolher na semana passada, vão ser três; dois circulares para a área da festa e um retangular para a cerimônia.

Meu pai também está pagando pelo meu vestido – resolvi comprar e não alugar. Mesmo que jamais volte a usá-lo, seria tão bom guardá-lo de recordação! Além de que, se tivéssemos uma filha, faria questão de que ela o usasse em seu casamento. O modelo é exclusivo, lindo de morrer, e está sendo costurado por uma profissional super renomada. Foi caro, mas meu pai quis porque quis pagar por ele.

Os pais do Caleb estão pagando pelo cerimonial. Pensamos em não contratar um, mas vai ser impossível manter a ordem na beira da praia sem alguém responsável por isso. Mesmo com apenas

cinquenta e dois convidados – pasme, depois de cortarmos aquele tipo de familiar que só comparece em enterros e casamentos, nossas famílias, juntas, somaram este número exato –, o cerimonial daria apoio necessário para que as coisas fluíssem ordenadamente.

Ganhamos também outros detalhes; alguns familiares estão nos presenteando com o aluguel da limusine, para que eu chegue à praia com estilo. Os funcionários do Caleb fecharam o aluguel de suas vestimentas – e também vão fazer toda a cobertura com relação às fotografias. Marcelo se juntou com o Henrique, Edu e o João para nos presentear com o aluguel das mesas e cadeiras. Pensamos que não, mas isso custa o olho da cara. Principalmente por causa do deslocamento. Ainda estávamos escolhendo as variadas opções, mas estou animadíssima. Já vi cada coisa linda! E os meninos estão dispostos a pagar por qualquer escolha que fizermos.

Fabiana, Jéssica, Paloma e Cláudia fizeram questão de nos oferecer alguns serviços. Dentre eles, uma empresa de filmagem – que também vão oferecer um telão personalizado. Já começamos a primeira gravação do *save the date*, mas vão ser cinco ensaios ao todo, até o dia do casamento. Elas também estão pagando por uma equipe de estética, que ficará responsável pelo meu cabelo, maquiagem, depilação, unhas e... tudo!

Sério, no fim, estamos pagando basicamente pelo serviço de buffet. O que de longe é o mais caro, pois escolhemos a melhor empresa da cidade, com tantas opções de comes e bebes incluídas que nenhum convidado vai conseguir por defeito. Tem também a lua de mel. Mas isso terá de ser reavaliado depois daquele belo dia.

Acho que nem preciso dizer que aquele foi o melhor ano da minha vida. Não preciso dizer que me sentia a mulher mais realizada do mundo. Nem que meu amor pelo Caleb só fazia crescer e se tornar mais forte, sólido. Também não preciso deixar ainda mais claro que meu maior desejo é tê-lo para sempre.

Assim que me virei para beijá-lo, dei de cara com a cama vazia. Grunhi instintivamente. *Droga!* Queria dar bom-dia ao meu príncipe, afinal, aquele dia não era qualquer um. Merecia uma comemoração à altura. Eu já estava com tudo planejado, só tinha um problema: não fazia ideia dos planos dele. O pior de tudo era a certeza de que Caleb tinha um. E um bom. Talvez melhor do que o meu. Mas bem... Ainda tinha a surpresa. Uma ótima carta na minha manga.

Graças aos céus tudo tinha dado certo. Penei muito para conseguir fazer aquilo exatamente naquela data. Foi mais difícil do que imaginei. Só faltava pegar a surpresa do Caleb e colocá-la no lugar correto. Só esperava que ele não ficasse chateado. Sei lá... A dúvida não me deixava por nada, muitas vezes me perguntei se estava fazendo a coisa certa. Concluía o raciocínio sempre convicta de que ele iria amar. Bom, era só isso o que eu queria: meu lindo príncipe feliz e satisfeito.

Procurei pelo Caleb no banheiro e na cozinha. Nada. Poxa, será que tinha esquecido? Difícil acreditar! Ele sempre contava cada segundo que passávamos juntos, como poderia se esquecer do nosso aniversário?

Segurei Don no colo e lhe acariciei a cabecinha.

– Cadê seu pai, Don? – Contra toda a lógica, esperei por uma resposta. Don e Lulu já faziam parte da minha família, aprendi a amá-los como pensei que jamais amaria um animal. Adotei-os como mãe na velocidade da luz.

Pelo silêncio reinante que fazia, logo supus que o Caleb precisou sair mais cedo. Devia ter algum trabalho importante no estúdio. Minhas dúvidas viraram certezas quando, depois de me arrumar para ir ao trabalho, encontrei na sala um enorme buquê de rosas vermelhas, acompanhado

por um urso de pelúcia quase do meu tamanho.

Soltei um grito fino de susto e empolgação. Rapidamente, comecei a rir de mim mesma. Abracei o ursão, já escolhendo um nome para ele: Joe. Caleb sabe que amo pelúcias – e que também não sou capaz de me livrar de todos os ursinhos e bonecas que ganhei desde criança –, por isso havia instalado um monte de prateleiras no lugar onde chama de “reduto da Amande”. Trata-se de um quarto que montou só para mim; é lá onde estão meus livros e uma poltrona tão confortável que, em algumas noites, ele precisava me tirar de lá, carregando-me direto para cama.

Eu gostava do meu reduto. Era o melhor lugar para se pensar e arquitetar planos. Mais da metade das coisas do casamento foi pensada lá. Também utilizava aquele cantinho quando Caleb e eu discutíamos. Pois é, não pense que tudo são flores – mesmo que nenhuma dessas briguinhas tivesse sido séria e não conseguíssemos passar muito tempo brigados –, afinal, todo casal discute. Desconfie seriamente dos que não o fazem.

Entre as rosas vermelhas – cheirosíssimas, por sinal – encontrei um bilhete do Caleb:

“Te amei muito há um ano, te amo mais ainda hoje e amanhã estou pronto para morrer de amor.”

“Ownnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnn”, pensei, deixando meus olhos marejarem bem rapidinho. Carreguei o Joe para o quarto e o deposei em cima da cama, sorrindo como uma boba. As rosas foram diretamente para um vaso bem bonito, o qual deixei em cima da mesa de jantar. O cheiro das pétalas logo incensou o ambiente. Uma delícia!

Caleb sempre me surpreendia, mas aquele era o dia da caça. Era a minha vez de surpreendê-lo, de um jeito que até agora sei que não fui capaz. Senti-me nas nuvens praticamente o dia inteiro. Caleb não deu as caras, e achei que fosse parte de sua estratégia para alguma surpresa. Só esperava que a sua não fosse maior do que a minha, visto que estava mais feliz por poder surpreendê-lo do que por saber que seria surpreendida.

Eram quase seis horas da noite quando ele finalmente me ligou:

– Parabéns para nós, amor!

– Parabéns, príncipe! – Ele estava super animado. Com certeza estava aprontando alguma.

– Vai chegar cedo em casa hoje?

– Pretendo. E você?

– Já estou em casa, na verdade.

– O jantar é por sua conta? – perguntei.

– Totalmente minha, mas não vai ser aqui. Chega cedo hoje, princesa? Estou ansioso.

Ri de leve. Caleb estava com a voz de menino empolgado que sempre fazia quando estava prestes a por em ação alguma boa ideia.

– Pra quê esperar? Estou chegando.

– Espero que esteja preparada – sussurrou, e sua voz ganhou um timbre diferente. Eu conhecia aquele. Era uma voz rouca, safada e maliciosa. Ai, meu Deus...

– Sempre estou pronta pra você.

Sério, depois dessa quem mais saiu voando do trabalho fui eu. Nem quis saber de mais nada: pedi à Lara para que deixasse tudo em ordem e fui embora sem pensar duas vezes. No caminho, passei no local onde a surpresa do Caleb me esperava. Última hora total, mas enfim, deu certo. Acabei me demorando mais do que o normal, por isso fui chegar a nossa casa apenas às sete e meia.

Percebi que estava tão eufórica quanto o Caleb. Minhas mãos começaram a tremer feito

batedeira elétrica, entretanto, quando o vi sentado lindamente no nosso sofá, vestindo trajes elegantíssimos, pulei em cima dele até torrar a angústia que sentia. Transformei-a em desejo e quase fizemos amor ali mesmo. Só não aconteceu porque ele se desvencilhou e fechou o zíper da calça social que vestia. O mais engraçado é que não trocamos uma palavra sequer. Têm gestos que dizem mais do que qualquer palavra que possa existir.

– Está indo com muita sede ao pote, senhorita Amande.

Franzi a testa.

– Ah, não, senhorita de novo?

Ele sorriu torto.

– Em breve será senhora.

– É... Senhora Amande Duarte. Gostei!

Caleb me beijou mansamente. Lembrei-me de que iríamos dar entrada na papelada do casamento na semana posterior. Já havíamos escolhido o cartório.

– Sabe... Por falar nisso, andei pensando bastante e... Vou colocar seu nome no meu também.

Abri a boca ao máximo. Ele não podia estar falando sério, podia? Perdi até a fala. Como assim? Caleb Martins? Mentira, né?

Percebendo que eu estava incapaz de tecer qualquer comentário, Caleb se explicou:

– Agora a Lei permite que o homem coloque o nome da mulher... Depois de toda a discussão das questões machistas e o blábláblá que eu concordo totalmente. Afinal, por que só a esposa pode colocar o sobrenome do marido?

– Sei lá... Por que é estranho? Não conheço ninguém que tenha feito.

– Se não quiser que eu coloque tudo bem, princesa.

– Não, não é isso... Só acho que não precisa fazer apenas para me agradar.

Ele sorriu e alisou meus cabelos, que agora estavam um pouco maiores. Mais ou menos na altura dos ombros.

– A ideia de te ter até no meu nome me agrada muito, Amande.

Juro que só consegui achar que Caleb estava exagerando.

– Tem certeza, príncipe? – sussurrei a pergunta, ainda passada. – Não acha demais?

– Demais? O que é um mísero nome num documento quando tenho você tatuada na minha alma? – Seus olhos, naquele instante, foi capaz de confirmar o que dizia: eu estava mesmo tatuada dentro dele. Podia ver meu reflexo dentro de suas duas piscinas, mas a impressão que tive foi que o reflexo era eu, não a imagem dentro de seus olhos.

Balancei a cabeça, concordando. Ainda não podia acreditar muito naquilo. Soltei um suspiro alto. *Droga!* O maldito já estava me surpreendendo de novo!

– Agora vá se vestir.

Pus um vestido bem elegante e sapatos de salto alto. Caleb não falou para onde íamos, mas, pelos seus trajes, era um lugar caro. Sequei os cabelos e fiz uma maquiagem benfeita. Peguei a caixinha que fazia parte de sua surpresa. O momento estava se aproximando, e eu só conseguia ficar ainda mais nervosa.

Ele me esperou pacientemente na sala; não me apressou nenhuma vez, como às vezes fazia. Abriu a boca quando me aproximei, soltando um assobio. Fez meu corpo girar em volta de si mesmo e me agarrou pela cintura no fim. Encostou sua boca ao meu ouvido.

– Gostosa...

Minha pele se arrepiou de imediato, porém decidi me afastar. A hora era aquela.

– Faltou te entregar o meu presente... – murmurei, oferecendo-lhe a caixinha quadrada com fitas vermelha.

Caleb sacudiu o embrulho e fez uma careta quando escutou o ruído. Não dava para identificar. Nem em sonhos ele adivinharia o que era. Sem dizer nada, começou a desfazer os laços das fitas.

– Espere! – falei, antes que chegasse a abrir a caixa. – Vamos descendo, assim não perdemos tempo.

– Hum... Certo.

Abri a porta e chamei o elevador. Caleb ainda estava tentando desfazer o último laço, que sem querer se transformara em um nó meio cego. Assim que o elevador chegou e entramos, apertei o botão da garagem. Ele finalmente conseguiu abrir a caixa; um monte de Sonho de Valsa saltou para fora.

– Oba! – ele riu, com os olhos brilhando por causa do chocolate. Caleb adorava Sonho de Valsa, era viciado.

– Procure o presente, está aí dentro em algum lugar! – avisei antes que achasse que meu presente era só aquilo.

Caleb revirou a caixinha. Foi difícil encontrar, mas enfim segurou o presente em mãos. Era uma chave. Fez uma careta tão engraçada enquanto a encarava que comecei a rir, misturando divertimento e nervosismo. Meu coração batia muito, muito forte.

“Meu Deus, permita que ele não me mate depois dessa!”

Chegamos à garagem. Caleb ainda observava a chave, que não era qualquer uma. Parecia a chave de um carro. E era. Ele demorou a descobrir isso; pela sua expressão, acho que não estava conseguindo raciocinar direito.

– Amande, você me deu um carro?

Puxei suas mãos e fomos caminhando até nossas vagas. Nada respondi.

– Eu... Eu... Conheço essas chaves – ele ainda a analisava entre os dedos.

– Claro que conhece. Eu não te dei um carro, Caleb. Na verdade ela é uma mulher.

Ele parou. Sério, estacou completamente. Olhou mais uma vez para a chave e depois para mim. Depois, voltou a encarar a chave, sem deixar sua careta ir embora. Puxei-o mais uma vez, pois estávamos quase chegando onde eu queria.

Caleb se deixou levar, mas sussurrou no meio do caminho:

– Cha... Charlotte?

Não respondi. Assim que chegamos diante do veículo prateado e reluzente, apontei. Sorri e esperei, fingindo tranquilidade.

Caleb estava tão surpreso que seu rosto não apenas fazia careta como também estava completamente vermelho. Tipo, mesmo. Tinha até uma veia pulsante no meio da sua testa.

Céus... Demorou anos de sofrimento para que eu descobrisse se ele tinha gostado ou não. Simplesmente não soube o que falar. Já estava envergonhadíssima quando, do nada, uma lágrima escorreu por seus olhos incríveis. Aquilo me assustou.

– Charlotte... – Caleb se aproximou dela e começou a alisá-la como se aquele automóvel fosse uma pessoa. Continuou chorando freneticamente.

– Eu... Achei que... Bom, sei que sentia saudades dela, mas também tinha vergonha pelo modo como a consegui. Agora você não precisa sentir remorso, príncipe. Charlotte é sua de novo.

Ele me encarou, balançando a cabeça. Parecia não acreditar naquilo.

– Amande... Como? Como... Como conseguiu comprar uma BMW? Aliás, como conseguiu recomprar a Charlotte?

– Ora... Revirei seus documentos e achei o comprador. Depois, foi só convencê-lo. Você vendeu a Charlotte tão barato que nem precisei dar um lance muito grande por ela. O mais difícil foi fazer o cara vender. Precisei dar meu carro de entrada, fizemos a troca hoje. Demorou porque exige que fosse a um lava-jato, por isso está tão brilhante... Enfim, estou oficialmente sem carro. Mas bem, eu ficaria satisfeita em pegar o Black Cat emprestado.

– Amande... – Caleb se aproximou. Estava perturbado demais. Deu até medo, sério. – Amande... Você... Você é uma filha de uma mãe!

– Gostou, amor? – murmurei.

– Esse carro... Amande, esse carro é muito importante pra mim – novas lágrimas ressurgiram, e eu as enxuguei com beijos. Caleb me tomou pela cintura.

– Sei disso, amor. Você passou semanas meio deprê por causa dela. Eu percebi.

– Amande... Como vai pagar por ela? Não posso aceitar...

– Já está paga. Usei o dinheiro da nossa lua de mel na Europa. Desculpe, amor. A Europa pode esperar um pouco mais.

Ele se desvencilhou de mim, abrindo bem os olhos.

– Mas você queria tanto essa viagem! Não acredito, Amande. Não acredito que fez isso...

– Olha... A Charlotte faz parte de tudo o que estamos construindo, amor. Também gosto dela e senti sua falta. Agora podemos tê-la sem remorsos, sem culpa.

Caleb me abraçou fortemente. Chegou até a estalar alguns ossos da minha coluna, mas não reclamei.

– Eu te amo... Você é tão... Puts, Amande... Não cansa de me surpreender?

– Você que me surpreende, lindo príncipe. Isso não é nada comparado ao que faz por mim todos os dias... Só queria que soubesse o quanto sou grata.

Caleb me beijou loucamente. Foi um beijo tão demorado e apaixonante que, quando acabou, percebemos que estávamos jogados no capô da Charlotte.

– Preciso te mostrar uma coisa, Amande. Vem comigo...

Voltamos ao apartamento. Não fazia ideia do que o Caleb ia me mostrar, mas o segui em silêncio através da nossa sala. Passamos pelo corredor e entramos em seu escritório. Ele logo abriu a última gaveta de um armário, chamando-me para perto. Ajoelhamos na frente dela.

O que vi me deixou espantada. Havia uma boa quantia de dinheiro vivo ali.

– Está fazendo poupança embaixo do colchão, amor? – perguntei, rindo um pouco. Não sabia que o Caleb estava juntando dinheiro em casa.

Ele não riu com minha piadinha infame. Sinceramente, parecia perturbado enquanto encarava aquela grana.

– Amande... Este... – suspirou. – Este é o valor que... Olha, não fique brava. Não hoje, por favor.

– O que foi, Caleb? – Segurei seu braço. Ele tremia um pouquinho.

– Esse foi o dinheiro que ganhei na sua despedida, Amande.

Ai. Meu. Deus.

Sentei-me no chão de vez. Meus joelhos não suportaram mais o meu peso. Estava

completamente estarrecida.

– Qua... Quanto? – minha voz vacilou.

– Não é o bastante para o tour na Europa, mas... Podemos escolher um país. França, Inglaterra... Você decide. Eu realmente não soube o que fazer com esse dinheiro durante todo esse tempo. Fiquei com medo de te mostrar, principalmente depois que você viu meu orçamento. Achei que ficaria arrasada se visse essa quantia... Resolvi descontar o cheque e guardar o dinheiro para alguma urgência.

– Caleb, eu... Não sei o que pensar... – estava plantada no chão, com as mãos na cabeça e a calcinha aparecendo, afinal, usava um vestido não tão recatado assim.

Ele fechou a gaveta, escondendo o dinheiro complicado que tinha recebido para transar comigo. Patético!

– Ótimo. Pense depois, mas pense com carinho. Esse dinheiro é seu, Amande.

– Na verdade ele é seu.

– Não... Não é. Pare com isso, por favor, não quero esse dinheiro.

Inspirei profundamente. Meu pulmão se inflou até o máximo que podia. Fui soltando devagar, enquanto dizia:

– Você estava me levando a um jantar, lembra? – Tentei melhorar o clima.

– Claro que me lembro. – Caleb me ajudou a ficar de pé. – Lembro-me também de que o nosso percurso terá um pequeno desvio de rota.

– Desvio?

Deu-me um beijo estalado.

– Você vai saber. Prepare-se.

E eu soube mesmo. Depois que jantamos num lugar chique, regado a champagne original e aqueles pratos de gente rica – onde cada mordida valia uma fortuna –, Caleb estacionou a Charlotte num mirante desconhecido.

Pela primeira vez, fizemos amor dentro dela. A experiência foi... Como posso dizer?

Surpreendente.

39º Capítulo

1 ano e 15 dias depois...

Estava no meu estúdio, mais precisamente na sala para tomadas individuais. Testava uma câmera nova e importada, que havia chegado pela manhã depois de quase dois meses de espera. Bom, valeu a pena cada segundo que esperei. Sabia que ela já era o meu mais novo xodó, podia sentir a cada clique.

Alguém bateu na porta timidamente, porém conseguiu me assustar. Estava muito entretido. Avisei para que entrasse; era o Kaio, dizendo que a Lara tinha acabado de chegar. Pedi para mandá-la entrar e fiz um esforço absurdo para largar a máquina. Uma belezura! Estava doido para inaugurá-la. Havia dois books marcados para mais tarde, faria questão de utilizá-la. As fotos ficariam show de bola.

– Caleb? Me chamou?

– Oi, Lara! – cumprimentei-a com um beijinho no rosto. – Preciso falar contigo, senta aqui um pouquinho. É seu horário de almoço, não é?

Sentamos no pequeno sofá preto que eu usava de apoio para as tomadas.

– Sim... – ela sorriu de leve, mas percebi que estava um pouco desconcertada. Acho que ela sabia que o Fernando tinha me dito tudo o que estava acontecendo entre eles.

E disse mesmo. Ele sempre me contava as coisas que o perturbava, assim como eu fazia o mesmo. Nossa amizade havia crescido bastante. Digamos que passamos para o estágio de confidentes fiéis.

– Você está bem?

– Uhum... – balançou a cabeça e desviou os olhos, prestando atenção nas câmeras apontadas para nós. – E você?

– Ótimo!

– Tudo certo com o casamento? Ah, que pergunta a minha, Amande já me conta todos os detalhes sobre o casamento...

– Estamos na correria, mas vai dar tudo certo. – Sorri torto.

Fiquei a observando, sem saber direito por onde começar. Tinha muito a dizer – mesmo que minha vontade real fosse sacudi-la até que compreendesse a própria situação –, mas nenhuma palavra parecia estar adequada. Precisava ser direto e ao mesmo tempo cauteloso. Lara era tão sensível! Qualquer coisinha podia acabar sobrando para o Fernando. Aí ele me mataria depois.

Aproveitei que ele estava fazendo serviço no banco para ter aquela conversa com a Lara. Era rara uma oportunidade para conversarmos a sós.

– Tenho uma coisa para te mostrar – decidi ser direto.

No fundo da sala havia um quadro enorme que mandei emoldurar. Tinha chegado naquela manhã também, mas veio de um lugar especializado em molduras. Mandei o arquivo da foto que estava nele para a gráfica, impressão 80cm x 65cm.

Peguei-o sem dificuldade, percebendo que o material da moldura era leve. Retirei o papel amadeirado que o envolvia e logo mostrei à Lara. Sua reação foi composta por olhos amendoados

mais abertos do que o normal, pela boca pequena em formato de "o" e pela velha coloração apimentada que sua pele fazia quando estava prestes a morrer de tanta vergonha.

Não contive o ímpeto de rir ao observá-la.

– Uma beleza, não? – Voltei a me sentar, carregando o quadro comigo. O resultado havia ficado excelente.

No retrato, a imagem da Lara sentada com as pernas grossas apoiadas naquele mesmo sofá escuro. Usava um vestido preto decotado, que valorizava suas curvas largas. Os cabelos soltos para frente e os olhos bem maquiados lhe atribuíam um clima selvagem. Muito sexy.

– Ai, que vergonha, Caleb! Nem me lembrava mais dessa foto... – ela parecia indecisa; não sabia se olhava para o quadro ou se admirava algum ponto interessante da parede branca da sala. Seu rosto só fazia ficar ainda mais vermelho.

– Eu me lembro bem, pois adorei te fotografar naquele dia. Toma, é seu! – Entreguei-lhe o quadro. Ela segurou e se viu mais uma vez. Depois, tornou a desviar os olhos.

– Me... Meu?

– Sim.

– O... Onde vou por... isso?

– Ué, sei lá. Na sala, na parede do seu quarto... São muitas opções!

Ela me encarou como se eu tivesse acabado de dizer uma grande baboseira. Foi então que percebi que seus problemas eram mais sérios do que imaginei. Lara estava doente. Sim, aquilo só podia ser doença. Mas a cura estava dentro dela mesma, bastava apenas que se olhasse melhor. Por isso a ideia do quadro.

– Obrigada... – murmurou baixinho. Solto um longo suspiro e pegou o papel para embrulhar novamente o quadro. Senti que me agradeceu apenas por educação.

– Gostou? – instiguei. Posso ser bem chato e cara de pau às vezes.

– Seu trabalho sempre fica bom.

– A modelo ajuda muito. Juro que não usei nem um pouquinho de *photoshop* em você. Sua pele é perfeita, olha isso. – Impedi que embrulhasse o quadro e aponte para seu rosto na foto.

Ela me encarou de um jeito esquisito.

– Eu estava maquiada.

Prendi os lábios. Nossa, seu problema era mesmo muito sério. Fiquei com receio de estar piorando a situação, mas não desisti. Também sou teimoso, ok?

– Todos os dias eu fotografo gente maquiada, inclusive modelos, e mesmo assim preciso usar *photoshop*. Quem te maquiou não teve trabalho algum, estou te vendo de perto agora e não vejo uma imperfeição sequer. Com todo respeito, claro... Você é linda, Lara.

Ela se levantou depressa e depositou o quadro em cima do sofá. Andou até a parede e se apoiou em uma cadeira de perna alta. Permaneceu de costas para mim.

– Olha... O que quer que o Fernando tenha te dito... – murmurou baixinho, mas parou. Sua voz infantil soou ainda mais fina.

– Sabe o que ele me disse? – perguntei. Ela balançou a cabeça negativamente, ainda de costas. Nem pensei direito nas palavras certas, acho que acabei sendo duro demais: – Que seu ciúme e insegurança são maiores do que o amor que sente por ele.

Ouvi um soluço baixo, mas resolvi não parar até que tivesse dito tudo.

– Que você não acredita no amor que ele sente. Que não o valoriza. Que prefere se preocupar

com o que os outros estão pensando do que em fazer o relacionamento dar certo – tomei fôlego e concluí: – Tudo isso porque acha que ele é bonito demais para você.

Ela já soltava milhares de soluços e apoiava o rosto nas mãos. Não tive pena, sinceramente.

– Acha isso justo, Lara?

– Eu o amo, Caleb! - sussurrou como forma de defesa.

– Você sequer se ama, Lara. Como pode amar alguém? – abri o questionamento, tendo consciência de que estava mesmo sendo muito duro. Não devia estar me metendo tanto naquilo. Apesar de estar convivendo com ela mais do que o comum, ainda não sentia que tinha intimidade o bastante para lhe jogar verdades no meio da cara.

– Como me amar? Por favor, me diga... Depois de ter sofrido anos na escola, sendo chamada de gorda, bolinha, elefante, hipopótamo, baleia e todos os animais redondos do planeta... Diz pra mim, como me amar? – Lara se virou, e o que vi me assustou. Seu rosto estava todo contorcido, traduzindo o mais puro sofrimento. A voz continuava chorosa. – Depois de passar a minha adolescência sem que nenhum rapaz olhasse para mim... Então eu cresci e tudo que tive foram relacionamentos ruins, homens que me mandavam emagrecer ou que me deixaram porque eu só fazia engordar ainda mais... Caras que só me queriam por uma noite, um consolo para esquecer as mulheres magras das quais estavam a fim... – Resfolegou. – Como me amar se a minha mãe e a minha irmã dizem que estou mais gorda toda vez que olham para mim? Se todas as minhas amigas são lindas e sou a única que usa manequim com um cinco na frente? Se por mais que eu faça dieta e emagreça, volto a engordar tudo outra vez? – Começou a balançar a cabeça freneticamente. – Quando você souber pelo que passei, Caleb... Quando souber pelo que passo... Aí sim pode me dizer como faço para me amar.

Lara caminhou até a porta, mas me levantei e a impedi de ir embora. Abracei-a fortemente. Ela se deixou levar; prendeu os braços no meu pescoço e chorou por muito tempo. Apenas alisei seu cabelo comprido e liso, sentindo meu peito afundar. Aquele tipo de coisa não devia acontecer com ninguém. Principalmente por causa de algo tão idiota quanto o peso.

– Lara... Fernando não sabe mais o que fazer. Ele me contou que a ideia de morarem juntos não deu certo...

– Meus pais são meio caretas. Não quero gerar intriga lá em casa. – Ela foi se afastando e enxugando as lágrimas. Parecia um pouco mais calma, mas seus lábios ainda tremiam.

– Entendo. Mas agora ele acha que vai te perder a qualquer momento. É isso o que quer?

– Não... Claro que não! Fernando é tudo o que tenho de melhor! – voltou a chorar copiosamente, soluçando. Seu desespero ficou ainda mais evidente. – Não posso perdê-lo! Não posso... Não sei o que seria de mim sem ele!

Agora sim morri de dó. Depois do que Lara disse percebi que era fácil demais julgá-la. Conseguia imaginar o seu sofrimento, porém sabia que imaginar também era muito fácil. Só compreende a intensidade de uma dor quem já passou por ela.

– Olha, Lara... Quando comecei com a Amande eu passei muito tempo achando que ela merecia alguém melhor, mais digno. Fiquei muito inseguro por bastante tempo, mas em nenhum momento deixei de tentar ser uma pessoa melhor. Esse estúdio aqui – ergui os braços ao nosso redor - foi uma grande tentativa de ser alguém para ela. Todos os dias eu tento ser o meu melhor porque eu a amo e quero que fique comigo.

Lara ficou quieta, atenta às minhas palavras. No fim, aquiesceu de leve, concordando comigo.

– Se o ama de verdade, é isso o que deve fazer – defini. Ela continuou balançando a cabeça.

– Você tem toda razão... – choramingou. – Toda... Toda razão.

– Não deixe que as pessoas que te julgaram, te humilharam ou te usaram... Não deixe que elas tirem de você alguém que te respeita e te ama do jeito que você é.

Lara tornou a me abraçar, afundando seu rostinho redondo na altura do meu peito.

– Não estou acostumada a ser amada incondicionalmente, Caleb... – murmurou entre soluços.

– Mas se acostume, pois é isso o que está acontecendo. Aceite que ele te ama... Acima de tudo, comece a se aceitar. Por mais que tenham falado de você, olhe-se no espelho. O que você vê? Será possível que não vê o que eu estou vendo agora? – desvencilhei-me um pouco só para observá-la. Lara parecia uma bonequinha, não minto quando digo que é linda.

– Vou tentar enxergar alguém melhor quando encarar o espelho – balbuciou, ainda muito emocionada.

– Isso! – Sorri.

– E se não achar nada bom, vou buscar o melhor de mim.

– Exatamente, Lara!

Levei um baita susto quando praticamente se atirou em mim, dando-me um abraço ainda mais forte do que o anterior.

– Obrigada, Caleb! Muito obrigada mesmo... – Então Lara se afastou completamente e sorriu. Sua expressão havia se transformado da dor para a esperança.

Ótimo. Um ponto para mim. Só que... Ainda faltava a última coisa que eu precisava dizer antes que pudesse deixá-la em paz.

– Não sei se você vai ficar chateada comigo, mas... tomei a liberdade de enviar suas fotos para uma das agência de modelos que fechou parceria comigo.

– Minhas fotos? Pra quê? – Fez uma careta.

– Eles estão cobrindo o lançamento de uma grife de roupas *pluz size*. Estão precisando de três modelos, mas só conseguiram duas que possuíam as características ideais. Como as sessões vão rolar aos sábados, achei que estivesse livre... Foi por isso que mandei.

Lara não disse nada. Ficou tão pasma que apenas me observou como se eu fosse uma aberração.

– Ontem eles me ligaram – continuei. – Amaram o seu book e, como foi recomendação minha, querem fechar logo contigo.

– Co... Comigo?

– Sim... Marquei uma reunião com eles neste sábado, assim podem te conhecer melhor e você descobre mais detalhes do trabalho. Pela minha experiência, sei que a grana é boa.

Lara estava tão branca que achei que fosse desmaiar. Entretanto, em vez disso, começou a gargalhar de um jeito meio doentio.

– Eu? Modelo? – berrou. – Só pode ser brincadeira!

– Claro que não! Eles amaram você.

Como se tivesse desligado um interruptor, Lara parou de rir instantaneamente e ficou séria. Logo em seguida, começou a chorar.

– Por que está fazendo tudo isso por mim, Caleb?

– Estou fazendo por você, pelo meu melhor amigo, pela sua melhor amiga, que também te ama, e por mim, que quero te ver sempre alegre e fazendo o Fernando feliz.

Ela chorou e chorou. Quando pensei que ia se recuperar, iniciou nova crise de choro. Por fim, depois que eu disse que lhe ensinaria todos os truques de manequim dos quais precisaria para o trabalho, agradeceu mais uma vez e decidiu que viria no sábado.

E que faria isso pelo Fernando.

40º Capítulo

1 ano, 2 meses e 26 dias depois...

– Eu não acredito que vocês estão fazendo isso comigo! – berrei, entrando em desespero de verdade. Sério, aquilo já era demais. Eu tinha limites rígidos, e as pessoas que mais sabiam disso pareciam ignorar.

Tudo bem que as minhas amigas queriam comemorar a minha segunda despedida de solteira, como se a primeira não tivesse sido o bastante. Tudo bem que eu tenha concordado com uma noite em um barzinho qualquer, só para bebermos um pouco e, quem sabe, eu pudesse pagar prendas se não descobrisse para quê serviam os instrumentos eróticos com os quais me presenteariam. Era essa a minha ideia. Poxa vida, não dava para sermos um grupo de amigas normais?

Entretanto, quando Jéssica me colocou em seu carro e me mandou pôr uma venda no rosto, para que eu não descobrisse aonde iríamos, fiquei absolutamente desconfiada. Ainda mais porque demoramos quase duas horas para chegar. Paloma, Fabiana e Cláudia também estavam conosco. A gritaria no carro foi enorme, o som que fazia a Britney Spears gemer estava no último volume, e eu meio que tinha perdido a noção do tempo e do espaço. Mas, quando senti o cheirinho de maresia... Pirei. Sério. Não... Sério! Não dava para crer!

Era difícil aceitar a ideia de estar ali, na frente de um muro coberto por plantas e flores amarelas, além de um imenso portão de madeira. Atrás de nós, o mar parecia calmo, inerte. Não passava de um tapete azul-escuro que, daquela vez, não conseguiu me tranquilizar. O clima em si estava agradável, mas o clima que eu fiz questão de criar sobre nossas cabeças não podia ficar mais carregado do que aquilo.

Tudo piorou quando vi a Júlia chegando com a Lara no mesmo carro. Meu Deus... Até a Júlia estava no meio? E o Ricardo? E o Caleb? Todas haviam perdido o juízo?

– Já sabem as regras, não é, meninas? – Jéssica gritou, e seu grito foi acompanhado por uma verdadeira salva de palmas e prolongados assobios.

“Eu mereço!”

– Ei, eu não sei as regras! – Júlia estava animada como sempre. Encarei-a com desaprovação, balançando a cabeça negativamente. Até tu, Brutus?

– Só há uma regra, Ju: não tem regras! Podemos fazer o que quisermos com os garotos! Uhul! – Fabiana fez o favor de dizer o indizível. O inacreditável.

Céus... Só tenho amiga louca! Que coisa mais sem-noção! O que eu ia fazer ali, no lugar onde tudo me lembrava o Caleb? Que tipo de novas lembranças teria? Eu não queria perder nenhum detalhe do que já tinha vivido naquela casa. O único local mais perto que eu queria frequentar era a praia, mas só dali a uma semana, quando eu chegasse lindamente em um vestido branco.

Não... Elas foram longe demais.

– Me recuso! – falei em alto e bom som. – Meninas, eu me recuso!

– Deixa disso, Amande! Essa vai ser a segunda despedida de solteira mais memorável de todas! – Jéssica berrou a sua frase de praxe.

– Fortes emoções: aí vamos nós! – completou Cláudia. Meu Deus... Ela achava o quê? Que só

porque estava numa fase complicada com o Renato podia dormir com um garoto de programa numa experiência estilo “viva la vida louca?”

– Não vou entrar. Não vou! – Cruzei os braços e fiquei batendo o pé direito no chão. Birra total. Estava confusa e muito decepcionada. Não devíamos fazer aquilo. Não mesmo!

Não faria sentido passar o fim de semana sendo bem cuidada por um garoto de programa. Eu não preciso de um cara que me faça ter fortes emoções. Meu noivo já faz isso por mim, obrigada! E desta vez falo muito sério! Aliás, se eu tivesse emoções mais fortes do que as que o Caleb me proporciona com certeza morreria de ataque cardíaco. Daí não teria casamento. De novo.

– Não exagera, Amande. Vamos lá, vai ser divertido! Da outra vez foi! – Até a Paloma estava condizente com aquele absurdo? Mentira!

Encarei-a de um jeito sério, visivelmente decepcionada. Paloma apenas riu e piscou um olho. Jéssica começou a me puxar pelos braços, mesmo que sob meus protestos. Fui arrastada como se fosse uma louca na direção dos portões, cheguei até a me debater um pouquinho, mas Cláudia apareceu para ajudar a Jéssica.

– Da outra vez eu nem me casei!

– Isso não vai acontecer de novo, Amande – disse Fabiana, mas sorria como se eu fosse uma idiota. Não discordei com ela. Eu era mesmo uma idiota. Idiota por ter aceitado chegar até ali!

– Sem drama, Amande! – Lara parou na minha frente e fez uma careta. – Confie em nós, está bem?

– Eu não quero! – gritei. Sério, estava quase chorando. – Não posso!

As meninas se entreolharam por alguns instantes, percebendo que eu não estava brincando.

– Ei, cunhada, relaxa, está bem? – Ju segurou os meus ombros, sorrindo calmamente. – Confie em nós. Você vai se surpreender, prometo.

Uma lágrima chegou a escorrer, fazendo-me perceber que estava exagerando. Soltei meus braços – que ainda estavam sendo segurados pela Jéssica e pela Cláudia –, enxuguei o rosto e ergui a cabeça. Suspirei fundo, encarando cada uma das minhas amigas. Por um momento quis que o Caleb estivesse ali, olhando nos meus olhos e dizendo que tudo ia ficar bem. Mas ele não estava. Só tinha um bando de doida me mandando confiar nelas.

– Tudo bem, mas... – dei-me por vencida, como sempre fazia quando tinha cinco contra uma. Naquele caso, seis. – Não vou escolher ninguém, se virem. Isso é inaceitável para mim, minha escolha já foi feita há algum tempo.

– Como quiser. Vamos te respeitar, Amande – Paloma logo informou.

Respirei aliviada.

– É isso aí! Parou de drama? Podemos entrar? – Jéssica estava a cinco centímetros de mim, mas falou como se eu estivesse lá na esquina.

Soltei outro suspiro longo. Meu coração estava comprimido, amuado. Uma dorzinha aguda fazia a vontade de chorar permanecer intacta. Fiz um sinal com a cabeça, concordando com aquela palhaçada.

– Certo. Vamos.

Os portões foram abertos, mostrando o cenário já conhecido por nós. A sensação de estar entrando na casa do *Big Brother* era a mesma. Júlia, que ainda não conhecia o lugar, ficou encantada com cada detalhe: o imenso e bem cuidado jardim, a piscina com iluminação cor-de-rosa, o estande culinário na área da garagem... Ela soltou inúmeros elogios, que também foram compartilhados pelas

meninas.

Permaneci no mais completo silêncio, enquanto cruzávamos o jardim. Alguns rapazes se colocaram em fila, lado a lado, para nos cumprimentar, mas ignorei todos eles. Sequer os vi, diferentemente das meninas, que começaram a rir e cochichar. Eu encarava o chão e caminhava lentamente, tocada pela vergonha e pela vontade de dar meia volta e ir embora. Aquele lugar não significava nada sem o Caleb. Sem nós dois.

Lara segurou a minha mão e me guiou até uma mesa de jantar, divinamente posta, que havia sido montada perto da piscina. Acho que eu estava meio desnorteada e ela deve ter percebido minha incapacidade de chegar a algum lugar sozinha.

Tudo estava exatamente do mesmo jeito de como me lembrava. Até os guardanapos de linho pareciam os mesmos. As taças, os pratos... Tudo era igual. Menos eu. Não... Eu era muito diferente da Amande de um ano atrás.

Eu era melhor.

– Senhoritas! Como devem saber, meu nome é Marlos e... é um prazer imenso revê-las! – a voz do Marlos me fez erguer a cabeça. Senti uma alegria tão grande ao vê-lo de novo que gritei junto com as garotas. Marlos estava exatamente como da última vez: lindo, charmoso, com um sorriso fácil estampado no rosto. Trajava um terno elegantíssimo. – Senhorita Amande, querida... – ele me fitou, sorrindo amplamente. Devolvi-lhe o sorriso. – Soubemos de tudo o que aconteceu e posso dizer que estamos mais do que surpresos... Estamos muito felizes por você e pelo Caleb.

– Obrigada, Marlos! – não podia deixar de agradecê-lo. Marlos fazia parte daquela história.

– Será uma honra servi-las novamente. Espero que se divirtam bastante, preparamos um fim de semana ainda mais inesquecível, especialmente para vocês!

Todas as garotas berraram em uníssono. Olhei para a Ju; ela estava realmente muito animada. Era bom tê-la conosco. Apesar dos pesares, sua presença ia ser um conforto. Era como se um pedacinho do Caleb estivesse presente, mesmo sabendo que grande parte dele se mantinha enraizada dentro de mim.

– Vamos lhes servir um maravilhoso jantar! – continuou Marlos, gesticulando de modo teatral. – Sr. Amoretto caprichou hoje, espero que gostem de tudo. Os rapazes irão lhes servir dos drinks que desejarem, basta apenas que escolham no cardápio. – Peguei o cardápio pequeno e sofisticado, disposta a beber qualquer coisa que não contivesse álcool. – Bom apetite!

Meu coração congelou e mirei o prato. Não consegui ler mais nenhuma palavra daquele maldito cardápio de bebidas. Decidi que pediria uma água e pronto. Esperava alguém vir me servir, e eu sinceramente não queria olhar a cara do sujeito.

– Nem acredito que estamos aqui de novo! – gritou Jéssica, transpirando animação e malícia. Como sempre...

– Espero que da próxima vez a noiva não seja a Amande! – comentou Fabiana, e todo mundo riu. Claudia acabou gargalhando, fazendo as risadas se intensificarem.

Olhei para Fabiana, fiz uma careta enorme e mostrei a língua. Ela mandou um beijinho.

Um garçom lhe serviu de um prato, o que acabou me chamando a atenção. No impulso, reparei no sujeito. Fiquei assustada quando percebi que era o Edu que a estava servindo. Arregalei os olhos, observando o exato momento em que Fabiana agradeceu timidamente.

– Espero que seja o meu, não é? – disse Lara, contorcendo os lábios.

– É, espero mesmo que seja o nosso, amor. – A voz do Fernando me fez levar um susto. Ele

estava vestido com um terno super elegante, servindo a Lara com muita perfeição. Como assim? O que o Fernando estava fazendo ali? Por quê?

Não entendi nada! Ele não tinha largado a vida de garoto de programa? Não estava trabalhando no estúdio do Caleb?

Fechei os olhos com força, achando que estava vendo miragens. Assim que os reabri, vi Fernando sussurrando alguma coisa no ouvido da Lara. Eles riram logo em seguida e deram um selinho.

Meu coração já batia tão acelerado que eu mal conseguia respirar. Sentia-me perdida, fora da realidade. Meu cérebro simplesmente deu um nó.

– O que... – virei-me na direção da Júlia, que estava bem ao meu lado. Ricardo a servia de uma maneira meio desajeitada, mas eles riam pra caramba disso.

Fiquei pasma. Por um segundo achei que estivesse sonhando, sei lá. Um sonho bem real e louco, mas, ainda assim, somente um sonho. Ricardo definitivamente nunca havia sido um garoto de programa. O que fazia ali, afinal? Aquela noite não era para ser apenas entre garotas?

Do nada, um prato foi colocado bem na minha frente, assustando-me ainda mais. Um vulto se remexeu atrás de mim. Estava perto, muito perto. Não ousei olhar. Não consegui nem me mexer. Estava congelada no tempo.

Foi então que lábios macios se encostaram ao meu ouvido.

– O que vai querer beber, senhorita Amande?

Cada centímetro do meu corpo se arrepiou, meu estômago se contorceu e minha calcinha sentiu todo o impacto. Efeito imediato da sua voz e do seu cheiro que, como uma rajada de flechas, acertou em cheio o ponto mais obscuro do meu coração. Jamais enjoaria daquele cheiro de homem gostoso. Do *meu* homem gostoso.

Ergui o rosto na hora, buscando o dono daquele timbre perfeito, capaz de quase me fazer gozar apenas ao ouvi-lo. Olhos azuis maravilhosos me encaravam com ternura e malícia, tudo ao mesmo tempo. Vi amor e carinho dentro deles. Vi amizade e tudo o que eu sabia que existia naquelas duas piscinas de águas límpidas. Soltei um longo suspiro, buscando todo o fôlego necessário para dar mais um mergulho, mesmo sabendo que não adiantaria: ele me tiraria o fôlego na velocidade da luz.

E então eu morreria afogada nas profundezas do seu olhar.

– Me surpreenda – murmurei vacilante.

A verdade verdadeira era que ele já tinha me surpreendido. Maldito!

Caleb sorriu torto, fazendo-me prender a respiração. Era inevitável me apaixonar repetidas vezes. Eu o fazia com frequência; inventei até um verbo novo, reapaixonar. Era isso o que eu estava, reapaixonada pelo meu lindo príncipe.

Não consegui me segurar, precisei levantar da cadeira e lhe dar um forte abraço. Caleb me envolveu deliciosamente, oferecendo-me conforto entre seus braços quentes e aconchegantes. O meu lar era exatamente ali.

– Obrigada, meu amor... – murmurei em seu ouvido. – Estava tão nervosa com tudo!

– Acha que eu te deixaria vir sozinha? Nem pensar, Amande.

– Nem sei o que achei... Só sei que fiquei desesperada.

Ele riu um pouquinho e me abraçou com ainda mais força. Percebi que estava usando um terno que tinha o tecido ótimo de pegar. Passei minhas mãos pelos seus ombros.

– Relaxa, senhorita Amande. Divirta-se!

– Hum... Você sabe, tenho outras concepções de diversão. – Rimos, lembrando as palavras que eu havia dito na primeira despedida de solteira.

Caleb se afastou um pouquinho e me observou de perto. Seus dedos brincaram com os meus lábios.

– Diga-me quais são suas concepções e iremos nos divertir... É para isso que estou aqui – respondeu sorrindo. – Foi mais ou menos isso que falei... Não foi?

Balancei a cabeça, concordando. Não consegui dizer nada de tão emocionada que estava. Um sentimento maravilhoso de nostalgia tomou conta de mim. Agora sim podia ficar livre para sentir saudade, para lembrar e ter o prazer de viver tudo de novo. Com o Caleb, as coisas voltaram a ganhar sentido.

– E você me disse que só queria sentar e tomar alguma coisa – prosseguiu, estalando os lábios. – Uma chata! Eu já quase não podia me conter de tanto desejo.

Ri um pouco, mas fiquei envergonhada. Aquela Amande era patética! Sinceramente, morria de pena dela. Mal dava para acreditar que o Caleb tinha conseguido se apaixonar por mim daquele modo! Não fazia ideia do que viu em alguém tão sem sal, mas agradecia por ter enxergado uma pessoa que merecia o seu amor. Ele era tudo de que eu precisava para ser feliz.

– Quer que eu diga minhas novas concepções de diversão? – perguntei insinuante, prendendo os lábios e contracenando a expressão mais sexy que conseguia fazer. Ele entendeu na hora a minha mudança de humor, e isso fez com que me observasse de um jeito que tirava o meu fôlego. *Perfeito!*

– Adorarei saber suas novas concepções, sua safadinha... Mas, depois do jantar. Todo mundo está olhando pra gente.

Virei-me na direção da mesa e constatei o que ele disse. De fato, as garotas bem que tentavam disfarçar, mas comiam em silêncio e se entreolhavam de maneira cúmplice. Claro que estavam tentando nos escutar. Eu as conhecia muito bem. Em situações normais, estariam berrando e discutindo sobre algum assunto nada a ver.

Caleb me guiou de volta para mesa, arrastando a cadeira para que eu me sentasse elegantemente, igual àqueles filmes antigos. Senti-me não uma princesa, mais uma rainha. Ele se inclinou e sussurrou no meu ouvido novamente, utilizando-se da sua voz rouca maravilhosa:

– Seu desejo é uma ordem, senhorita Amande – e se afastou calmamente, seguindo na direção do estande.

Olhei para as garotas com um olhar feroz:

– Vocês são fogo! Me enganaram direitinho! De quem foi a ideia? – Todas riram.

– De início, foi minha – Jéssica se adiantou.

– Mas sua ideia não era bem essa, certo? – Paloma alfinetou, sorrindo ironicamente.

– Certo, não nego! A ideia de formarmos os casais foi do Caleb.

– Ele não aceitou a ideia da Jéssica de voltarmos aqui como se nada tivesse acontecido – disse Lara. Fernando surgiu com um *drink* em mãos e acariciou seus cabelos. Lara estava incrivelmente mais bonita. Depois que aceitou alguns trabalhos numa agência de modelos parceira do Caleb, seus olhos brilhavam com mais intensidade. Os cabelos andavam sempre perfeitos, até seu perfume era mais evidente. Acho também que tinha emagrecido alguns quilos. É... Analisando melhor, ela realmente emagreceu!

– Ainda bem! – Sorri, observando o Caleb de longe. Ele preparava alguma bebida dentro do

estande. Sr. Amoretto lhe dizia algo divertido enquanto dava batidinhas em seus ombros. *Lindo!*

Percebi que Marcelo, João, Edu e Henrique estavam por ali, servindo às garotas na mesma ordenação de casais da outra vez. Cláudia sorriu um pouco quando Henrique lhe serviu de uma bebida colorida. Assim que ele se afastou, não perdi a chance de perguntar baixinho:

– E o Renato, Claudinha?

Ela piscou os olhos muitas vezes antes de responder:

– Não quis vir – pareceu meio abatida. Pudera, seu casamento estava passando por uma verdadeira prova de fogo, principalmente depois que o Renato negou de pé junto que havia mulheres nas reuniões de quinta-feira com os amigos. Cláudia ficou possessa, pois tinha certeza absoluta do que viu. Ela meio que perdeu a confiança nele. E, bem, quando se perde a confiança... Perde-se tudo.

Caleb depositou um copo fino e comprido na minha frente. O líquido era azul-claro. Nem perguntei o que era, pois sabia que iria gostar. Ele sempre me surpreende mesmo...

Percebi que o clima havia ficado meio pesado na mesa, depois da minha pergunta. Cláudia passou longos segundos olhando para o horizonte, muito reflexiva.

– Vamos fazer um brinde? – Jéssica tratou de desviar o assunto. Concordamos prontamente, erguendo nossas bebidas para o alto. Os copos tilintaram um no outro.

– Aos noivos! – gritou Paloma. – Que sejam muito felizes!

– E à nossa despedida de solteira! Que seja inesquecível... De novo! – completou Jéssica, empolgadíssima.

Todas gritaram, até eu. Afinal, seria uma louca se discordasse. Aquela segunda despedida seria inesquecível. Eu mesma faria questão de torná-la especial.

Os garotos se juntaram a nós no brinde. Percebi que também estavam bebendo, e só mais tarde descobri que ninguém estava ali a trabalho. Marlos havia cedido a mansão como presente de casamento, deixando-nos usufruir o que quiséssemos durante todo o fim de semana. Sr. Amoretto fez questão de cozinhar para nós de graça, não estava cobrando absolutamente nada por aqueles pratos maravilhosos. Todos os garotos estavam presentes porque queriam. Enfim, claro que tudo foi mais espontâneo e divertido do que antes! Na verdade acho que nunca ri tanto!

Depois do jantar, ficamos bebendo e dançando na pista de dança que foi montada na velocidade da luz. Marcelo e Henrique apresentaram um verdadeiro espetáculo com as garrafas. Depois, obrigamos o Edu e o Caleb a fazerem uma apresentação de pirofagia. Foi incrível! Fazia um ano que Caleb não mexia com bastões, por isso seus movimentos foram mais comedidos do que os do Edu, mas, mesmo assim, achei fantástico.

Teve um momento em que desligaram o som e Marlos apareceu do nada, pedindo para que eu fizesse a escolha dos casais. Foi um momento muito divertido, até porque àquela altura do campeonato a maioria de nós já estava de pileque. Claro que escolhi os casais tal qual da outra vez, acrescentando a Júlia e o Ricardo. A diferença fundamental foi ter praticamente me atirado no Caleb logo de cara, dizendo que ficaria com ele. Ainda falei em alto e bom som que, da outra vez, era aquilo mesmo que eu estava a fim de fazer: atirar-me nos braços dele sem dó nem piedade.

João e Jéssica nem se deram o trabalho de esconder a química que rolava entre os dois; começaram a se beijar num cantinho escuro do jardim e, depois de quase se engolirem, partiram para um dos quartos. Pensei que a Paloma ia ficar depressiva depois daquilo, mas ela meio que decidiu não ficar mal pela Jéssica nunca mais. Ela mesma havia me dito aquilo em um dia qualquer.

Claro que era apenas da boca para fora, prova disso foi o fato de ter simplesmente se atirado

nos braços do Marcelo. Ninguém entendeu nada – muito menos eu, que não sei de nada sobre homossexualidade –, mas eles ficaram se beijando num sofá, depositado perto da piscina, durante muito tempo. Vai saber!

Pelo menos sei que a Paloma foi dormir sozinha, vi o momento em que se despediu de todos e Marcelo ficou. Fabiana foi se despedindo junto com a Paloma, fingindo que não estava a fim de carregar o Edu consigo. A química deles era óbvia; passaram a noite inteira jogando charminho um para o outro. Por fim, quando Marcelo avisou que ia se recolher, Edu foi junto. Mas Caleb e eu vimos quando ele tomou outra direção e entrou na casa. Rimos de um jeito cúmplice, sem fazer alardes.

Cláudia e Henrique conversaram pouco. Ela estava absolutamente envergonhada e meio quieta. Foi dormir com uma breve despedida, nem chegou a falar muita coisa. Muito incomum se tratando dela. Fiquei triste pela má fase da minha amiga, mas tinha certeza de que as coisas se resolveriam. Para o bem ou para o mal. Ou, sei lá, para o certo. Nem sempre o que é certo nos traz alegria.

Três casais ficaram conversando até quase amanhecer: Júlia e Ricardo, Caleb e eu, Fernando e Lara. Eram quatro horas da manhã quando resolvemos ir dormir. Caleb deixou que todo mundo subisse para os quartos e me carregou até o sofá de couro da ampla sala. Lembrava-me bem dali, e sabia perfeitamente o que ele ia fazer.

Sem nada falar, retirou meus sapatos e, encarando-me fixamente, iniciou uma massagem deliciosa nos meus pés. Perdi a fala. Apenas me deixei levar pelos seus movimentos perfeitos, embalada pelos seus dedos me tocando, me excitando, arrancando-me qualquer coisa que estivesse prendendo os meus instintos.

Tinha consciência do meu corpo se entregando a ele aos pouquinhos. Era estupidamente delicioso.

– Você dormiu naquela noite... – ele murmurou depois de longos minutos de relaxamento, fazendo seu hálito quente arrepiar minhas pernas. Só então percebi que Caleb estava com a barba por fazer, pois começou a alisá-la em mim. *Safado!* Fazia aquilo de propósito!

– Desista, não vou dormir – falei de um jeito divertido, provocando risadas.

– Vou precisar te convencer a ficar comigo?

Fingi que estava pensando no caso.

– Hum... Convença-me.

– Senhorita Amande... – ele começou, sem parar de esfregar sua barba em mim. Sua voz já estava meio rouca, do jeito que ficava quando ele estava pirando de desejo. – Nada passará por aqueles portões... Ninguém vai te punir ou julgar... – Deu um beijo demorado e úmido na minha panturrilha esquerda. Ergueu suas duas piscinas e prosseguiu: – Você pode ser livre... Pode ser você... Sem regras, sem culpa...

Eu já estava tão excitada que não precisava de forma alguma ser convencida. Mas continuaria jogando.

– Você está enferrujado, amor... – informei. Ele riu, fazendo mais hálito quente brincar com a minha pele. Céus... Minha calcinha já devia estar ensopada.

– Estou tentando me lembrar das palavras... De qualquer forma, você me deu um fora mesmo.

– Foi bem dado, seu safado. Ficava me olhando como se fosse me comer.

– Exatamente, princesa. Era isso o que eu queria fazer enquanto você falava, falava e falava... – murmurou, estendendo a massagem até as minhas coxas. Soltei um gemidinho fraco.

– Me comer?

– Uhum. Bem gostoso.

– Cretino! – Sentei-me rápido, afastando as minhas pernas. Só estava fazendo doce, claro. Sempre tem que ter um docinho para apimentar as coisas. Por falar em doce... – Mas você sabe que, enquanto eu falava, falava e falava, na verdade só estava precisando de duas coisinhas. – Fiz um "v" com os dedos.

Caleb franziu a testa e esperou que eu respondesse. Só que eu também esperei ele responder. Com um movimento rápido, voltou a puxar as minhas pernas até que eu me deitasse completamente no sofá. Logo em seguida, voou para cima de mim, depositando seu corpo sobre o meu.

– Quais coisinhas, princesa? – sussurrou, olhando-me intensamente.

"Ar, cadê você?"

– Tem certeza de que não se lembra das duas coisinhas?

– Hum... – ele parou e refletiu. Por fim, balançou a cabeça. Quando pensei que ia desistir, entreabriu os lábios e sorriu. Finalmente recordou. – Ah, sua safada...

– Já sabe agora?

– Sei... – Caleb se esgueirou e foi distribuindo beijos excitantes no meu rosto. – Você disse: "não vai haver nada, Caleb, acredite"... Claro que não acreditei, mas gostei do fim da frase: "só preciso de você e de leite condensado".

Abri minhas pernas ao redor da sua cintura. Estava de saia, mas quem liga? Queria senti-lo. Puxei seu pescoço e o beijei de modo selvagem, envolvendo nossas línguas e lábios numa dança erótica.

Foi Caleb quem findou o beijo. Tentei protestar e puxá-lo de volta, mas ele sorriu e proferiu com firmeza:

– Suba. Vou providenciar as duas coisas das quais precisa. – Isso soou como uma deliciosa ordem. Seus lábios se moveram de um jeito tão magistral que fui incapaz de questionar.

Abri a boca, percebendo meu rosto contracenar uma careta muito safada. Nem parecia eu. Mas era. Já tinha aceitado a minha mudança há algum tempo. Amande não era mais uma mulher que detestava tudo relacionado a sexo. Amande agora é uma louca desvairada que se excita facilmente e não admite ficar sem ter um bom orgasmo. Portanto, sequer pestanejei; praticamente empurrei o Caleb e subi as escadas correndo, pulando os degraus.

Leite condensado com Caleb? De novo? Senhor, não me livre deste pecado. Amém!

Ri de mim mesma enquanto atravessava a porta do quarto maior – o mesmo com o qual havia ficado antes – e jogava meus sapatos para longe. Atirei-me na cama sem saber o que fazer. Só me restava esperar pelas duas coisas que o meu corpo pedia aos berros.

Caleb demorou mais do que o normal. Eu estava tão eufórica que acabei tirando a minha saia e a blusa, ficando apenas de calcinha e sutiã. Pra quê perder tempo tirando a roupa, né?

Quando ele enfim apareceu, com um tubo de calda de leite condensado em mãos, quase soltei um grito de alegria. Caleb fechou a porta e a trancou, sem deixar seu belo sorriso torto morrer. *Delícia!* A visão que eu tinha só seria ainda mais perfeita se ele estivesse completamente despido. Mas isso era um problema de fácil solução...

– Isto serve? – Caleb agitou o conteúdo do tubo.

– Ô, se serve... – murmurei, e ele riu um pouco. Arrastei-me pela cama e caminhei vagarosamente até ele. Caleb me olhou dos pés a cabeça, porém nada comentou sobre a minha

parcial nudez.

– Digo logo que o meu maior desejo é estar aqui contigo.

– Comigo? – murmurei, chegando bem perto do seu rosto. Alguém devia prendê-lo por ser tão lindo. Talvez eu o prendesse, mas seria na minha cama. Nunca mais o deixaria sair de lá.

– Contigo... – Meu Deus, Caleb, pare de sussurrar com essa voz rouca!

Ele me entregou a calda, mas eu me recusei a pegá-la. Estava fora de mim, todavia, ao mesmo tempo, sabia que estava sendo eu. Sei que é difícil compreender, nem tento mais.

– Segure-a bem firme, lindo príncipe... – sussurrei de um jeito meio louco, começando a tirar o seu terno bem devagar. Caleb sorriu maliciosamente e suspirou. Permaneceu quietinho enquanto eu tentava livrá-lo de cada peça.

Depois de ter sacudido o terno na direção de algum canto desconhecido e desimportante, comecei a sabotar sua camisa. Foi um processo lento e doloroso, visto que seus olhos não saíram de mim nem por um segundo. Seu peitoral delicioso foi surgindo aos poucos, depois veio o abdome. Como eu amava cada pedacinho dele!

Sua pele branca contrastava com a cor das minhas mãos, que era vários tons mais escura. Não o larguei por nada. Adorava sentir aquela pele firme, quente e macia entre os meus dedos. A sensação era sem igual. Beije seu pescoço suavemente logo após retirar sua camisa por completo. Fui descendo devagar pelos seus ombros e segui pelo peitoral. Caleb permaneceu quieto e calado, encarando-me.

Desci minhas mãos até o cinto que prendia sua fina calça social. Sabia que ele estava excitado, mas confirmei depois que senti um volume magnífico tentando escapar sem sucesso. Alisei por ali durante alguns segundos. Caleb prendeu os lábios, mas logo voltou a enrijecer a expressão.

Abri o cinto sem pressa e desabotoei a calça, descendo o zíper. Abri espaço para colocar uma mão por dentro. Caleb soltou um rosnado baixo, lindo de ser ouvido. Cheguei até a sorrir um pouco. Sua ereção estava quente e muito firme, toda lambuzada com seu líquido natural. *Delícia!*

Fui me ajoelhando na medida em que descia sua calça. Queria deixá-lo do jeito que veio ao mundo, pois a forma que usaram para criá-lo certamente havia sido jogada fora. Eu tinha a oportunidade única de admirar os resultados de um trabalho perfeito. Meus joelhos tocaram o chão e terminei de livrá-lo da calça, que veio junto com a cueca. Retirei seus sapatos e as meias antes, facilitando o processo.

Olhei para cima. Céus... A visão do paraíso. Caleb devia ser eleito a sétima maravilha do mundo moderno. Nem a estátua da liberdade era tão bem esculpida. A muralha da China podia ser vista do espaço, mas aquele homem não podia ser visto sem que alguém deixasse de desejá-lo para sempre.

– Gostando da visão, Amande? – perguntou lindamente, sorrindo torto. Impressão minha ou ele corou de vergonha? Não tive certeza.

Tampouco respondi. Comecei a lhe apalpar as pernas, segurando-as com firmeza. Alisei cada músculo definido e, num gesto mais ousado, segurei-lhe a bundinha linda. Dei alguns tapas ali, fazendo Caleb rir um pouquinho.

Fui me levantando devagar, pegando cada parte do seu corpo que as minhas mãos encontravam pelo caminho. No fim, beije sua boca mais uma vez, fazendo nossas peles se encostarem. Senti sua ereção pulsante na minha barriga, implorando por atenção. Puxei-lhe os cabelos e praticamente o arrastei até a cama. Fiz com que se deitasse de uma vez por todas.

– Hoje, você vai ser o meu homem – falei e sorri. Ele também sorriu, mas foi de um jeito bobo. Seus olhos brilharam ainda mais.

– Só hoje?

– De modo algum. Mas hoje estou fazendo o que eu devia ter feito naquele dia. Posso?

– Deve, princesa. Eu sou seu. Sou todo seu até o domingo... Ou melhor, até que a morte nos separe.

Fiquei emocionada com as suas palavras. Mesmo sendo repleta de safadezas e promessas eróticas, a ideia de tê-lo para sempre era um conforto não apenas para o meu corpo, mas para a minha alma. Eu o amava tanto que doía. Senti aquela dor apertar o meu coração, porém, por mais que doesse, só desejava sentir ainda mais.

– Ótimo. Agora cale a boquinha linda e derrame leite condensado bem aqui – murmurei, encostando o dedo indicador no meio do seu peitoral. Caleb prendeu os lábios e fez o que eu pedi. O líquido viscoso foi escorrendo aos poucos e, antes que chegasse ao seu abdome, esgueirei-me por cima dele e comecei a sugá-lo.

Meus lábios dançaram ao longo da sua pele, bebendo o leite com vontade. Céus... Ninguém jamais poderia inventar algo tão saboroso quanto leite condensado com Caleb. Sério. Comecei a beijá-lo com selvageria, cheguei até a mordê-lo, deixando as marcas dos meus dentes na sua pele. Ele não reclamou, muito pelo contrário, parecia cada vez mais excitado. Às vezes soltava gemidos baixos e se contorcia um pouquinho, o bastante para que meu juízo se esvaísse.

Depois de torturá-lo por longos minutos, já o havia mandado lambuzar inúmeros pontos do seu corpo, mas faltava um. Aquele eu daria um trato especial.

– Agora eu quero aqui – segurei sua ereção. Sacudi-a um pouco, fazendo com que balançasse para cima e para baixo. Estava bem depiladinha, dura como pedra e pronta para me receber. *Socorro!*

Caleb prendeu os lábios e, resfolegando muito alto, jorrou a calda em si mesmo. O líquido gelado escorreu pelas minhas mãos. Meu homem lindo e gostoso soltou mais um gemido, cerrando os olhos com força. Quando me encaixei entre as suas pernas e envolvi toda a sua extensão com a minha boca, sentindo o sabor do leite misturado com o gosto maravilhoso do seu prazer, ele não conseguiu mais permanecer quietinho e obediente. Caleb começou a se contorcer, soltando espasmos que fazia seu corpo pular. Entrelaçou seus dedos no meu cabelo e controlou a velocidade com que minha boca invadia e largava seu sexo.

Suguei tudo com vontade, quase sem poder respirar, mas com um tesão muito grande por vê-lo vulnerável, dominado pelos meus lábios. Enlouquecido. Parei uma vez, afastando minha boca completamente.

– Coloque mais – mandei. Mandei mesmo, foi uma ordem. Ele me obedeceu, mas quase não esperou que o líquido escorresse; voltou a puxar meus cabelos para me fazer retornar os movimentos.

– Vou gozar na sua boca, Amande – rosnou bravamente. – Era o que eu devia ter feito...

Acelerei ainda mais o movimento. Minha cabeça se movimentava tão rápido que mal dava para pensar, só sei que, do nada, Caleb parou e gritou alto. Um segundo depois o líquido quente do seu prazer se misturou ao leite, e eu tratei de engolir aquilo tudo antes que perdesse a coragem de fazê-lo. Uma coisa de louco!

Terminei de bebê-lo devagar, sentindo seu corpo ficar mais calmo. Parei assim que percebi que não havia mais resquícios nem do doce e nem do seu sêmen. Só então o encarei.

Caleb me olhava tão severamente que, por um instante, tive medo do que podia fazer comigo. Um medo totalmente infundado, eu sei, mas me deixou ainda mais excitada. Ele parecia uma cobra peçonhenta prestes a dar o bote. No próximo instante, descobri que era isso mesmo que ele pretendia. Com um movimento rápido, Caleb se levantou e me empurrou contra a cama. Prendeu seu corpo no meu e me beijou com urgência.

Suas mãos puxaram o sutiã e, vendo que ele não cederia tão fácil, fez meu corpo se erguer um pouco. Ele arrancou o fecho com tudo e deixou meus seios livres em um piscar de olhos.

Entregou-me o tubo da calda, que estava ao nosso lado na cama.

– Aqui! – mandou, apontando para a ponta dos meus seios. Só que ele apontou com a língua, encostando-a um pouco. Eu que não era louca de desobedecer!

Mal me inundei com o doce e ele já estava me sugando feito um louco. O desejo que eu sentia havia alcançado um limite tão grande que achei que fosse gozar daquele modo. Tudo piorou quando seus dedos ligeiros foram abrindo espaço até a minha calcinha. Caleb nem hesitou ao arrancá-la de mim, fazendo o tecido rugir e, finalmente, ceder. Ali jaz uma calcinha da *Demillus*.

Os mesmos dedos afoitos chacoalharam meu sexo com suavidade calculada. Contorci-me por inteira e gemi alto. Eu não ia demorar nada. Sério, nadinha mesmo, meu êxtase estava na porta.

– Peça o que me pediu naquela noite – Caleb rosnou sem tirar os lábios dos meus seios. Depois, saiu distribuindo mordidas que não foram tão suaves assim, mas não chegaram a causar dor insuportável. Era uma dorzinha gostosa e excitante.

Tentei pensar sobre o que ele estava falando, mas meu raciocínio parecia estar tão longe quanto a minha capacidade de não gozar enquanto ele fazia movimentos incríveis no ponto mais sensível do meu corpo.

– Peça! – grunhiu mais uma vez, fazendo-me despertar. Minha nossa, que tesão dos infernos!

– Não me... Não me trate como... – falei entre gemidos. – Uma boneca de... Ai, Caleb, eu vou gozar!

Rapidamente, ele afastou os dedos de mim. E então o meu desejo tirou as mãos da maçaneta que abria a porta do orgasmo. Céus! Foi doloroso! Gemi como protesto.

Caleb roubou o tubo de leite condensado das minhas mãos e inundou meu sexo com uma quantidade generosa do conteúdo. Abriu minhas pernas e as empurrou para cima, e eu realmente não soube dizer quando havia me tornado tão flexível. Fiquei vulnerável, exposta e ardendo de desejo, quase morrendo para ser invadida. Podia começar a implorar, mas escolhi por completar a frase:

– Não me trate como uma boneca de porcelana!

Caleb me encarou enquanto se curvava e deixava seu rosto a centímetros do meu sexo.

– E o quê mais?

– Hum... Quero que faça todas as posições possíveis comigo! – gritei entre gemidos. A angústia da antecipação me matava. Por que ele não começava a me sugar logo?

– Ótimo, senhorita Amande. Boa menina. Seu desejo é uma ordem – sussurrou, e desta vez seu hálito estimulou o meu ponto G. Gemi e me contorci, expressando o quanto eu não desejava que ele se demorasse.

Caleb pareceu ter escutado os meus apelos; deixou sua boca trabalhar em mim da maneira sem-noção como sempre fazia. Era incrível como ele conhecia o meu corpo, sabia do que eu precisava, conhecia o ritmo certo, ideal. Gozei tão rápido e tão intensamente que foi até vergonhoso.

Ele segurou as minhas pernas com firmeza, não permitindo que saísse da posição. Sugou-me

até muito depois do meu clímax. Sinceramente, já estava quase gozando de novo.

– Eu quero te foder, senhorita Amande, mas precisamos nos lavar.

Aquiesci e puxei seus cabelos com força. Ele veio até mim e me beijou, levando-me para a beira da cama. Tentei me levantar e seguir rumo ao banheiro, mas minhas pernas bambearam um pouco. Caleb então me carregou em seus braços e só me soltou para conseguir abrir o box.

Eu mesma abri o chuveiro enquanto Caleb localizava o sabonete líquido para que nos livrássemos do leite condensado. Tratamos de nos lavar simultaneamente; ele me deixava limpa enquanto eu o deixava limpo. Posso dizer o quanto foi difícil esperar que estivéssemos completamente prontos para estar um no outro? Demorou uma eternidade.

Quase não acreditei quando, enfim, percebemos que havia chegado a hora. Notei que estávamos pensando a mesma coisa assim que ele me envolveu em seus braços e me imprensou na parede fria de azulejos.

– Nosso primeiro beijo... – ele murmurou baixinho, rouco. – Foi aqui.

Abri minhas pernas ao redor de sua cintura. Caleb tratou logo de me apoiar, agarrando meu traseiro com força.

– O melhor beijo do mundo – respondi. Beijamo-nos intensamente, tentando deixar nossas bocas trabalharem do modo mais parecido possível com a primeira vez. Até que conseguimos, mas é claro que cada um dos nossos beijos era único.

Sua nova ereção já estava se encostando ao meu sexo. Não deu para ignorar. Repetindo os meus gestos de outrora, balancei o quadril e tentei nos encaixar. Queria ser possuída ali mesmo e ponto final. Daquela vez, Caleb não me impediu. Gritei alto quando fui deliciosamente invadida, sentindo toda sua extensão dentro de mim.

Ele começou a me erguer e a me abaixar – ainda me segurando pela bunda –, controlando os movimentos da nossa entrega. Sua boca tornou a me envolver, e minhas mãos lhe assanharam os cabelos molhados.

O barulho ensurdecedor dos nossos sexos se chocando ecoava pelo banheiro; passamos longos minutos daquela forma até que o Caleb parou e nos desencaixou. Eu estava ofegante, buscando respirar, mas era difícil. Meus pulmões queimavam a cada tentativa. Fui carregada de volta para cama, onde meu lindo príncipe me atirou e fez com que eu ficasse de quatro.

Começou a alisar o meu traseiro, mas não parou por aí; seus dedos estimularam minhas duas aberturas calmamente. Enterrei meu rosto nos lençóis, entregue e pronta para qualquer coisa que estivesse planejando. Percebi que estava ajoelhado no colchão, tocando-me com suas mãos habilidosas.

Soltei um gemido quando ele me espalmou uma nádega. Foi rápido e de leve, mas me excitou bastante. Empinei-me ainda mais para ele, quase chorando de desejo. Morri de vez quando senti que estava esfregando sua ereção no meu sexo. *Alguém me ajude!*

A antecipação circulava pelas minhas veias, esperando... esperando... apenas esperando desesperadamente. O maldito me estimulava como forma de tortura, só pode! Novamente, quase implorei para que acelerasse as coisas.

A tortura acabou quando, em uma de suas investidas, Caleb me penetrou profundamente. Seu corpo másculo e experiente encontrou o ritmo certo em questão de segundos. Cada estocada que eu recebia fazia meu corpo estremecer e ceder, escancarando as portas do prazer absoluto.

Depois de um bom tempo, ele se curvou na minha direção e abraçou a minha cintura, deixando

meu corpo sentir o seu enquanto me possuía. Céus... Céus! Sem comentários!

Quando pensei seriamente que fosse gozar, ele se afastou de mim.

– Por favor... – implorei, mas Caleb nada respondeu. Mantinha os olhos concentrados, espertos e hipnóticos. Percebi isso quando me virou super depressa e deitou seu corpo perfeito na cama, puxando-me para ele. Estava pronta para cavalgá-lo, mas, no último instante, Caleb me girou de modo que fiquei de costas para ele.

Com suavidade, sinalizou para que eu apoiasse minhas mãos em seu peito e, curvando-se, usou as mãos para fazer sua ereção me penetrar novamente. Logo em seguida, segurou minha cintura com jeito e começou a remexer seu quadril, movimentando-se de um modo tão espetacular dentro de mim que só pude gritar como uma louca.

Não demorei muito a entrar no segundo clímax. Caleb mal esperou eu terminar e me segurou com força, fazendo-me deitar de lado. Continuou me invadindo depressa, permitindo que as minhas vontades retornassem sem nem terem chegado a ir embora. Seu corpo ficava cada vez mais quente de encontro ao meu.

Ele abriu as minhas pernas ao máximo, erguendo-as por cima da sua. Seu ritmo se tornou quase insuportável alguns segundos antes de ele me abraçar forte e começar a gemer no meu ouvido. Senti o seu corpo me preenchendo quase em câmera lenta. Acho que havia ficado desnorteada depois daquilo.

Estávamos resfolegantes e arrasados, mas não ousamos nos distanciar nem um centímetro.

- Minha – ele murmurou simplesmente.

- Sua...

- Para sempre.

- Na saúde e na doença... – falei, buscando fôlego para rir.

- Na riqueza e na pobreza – completou, distribuindo beijinhos no meu pescoço.

- Na alegria e na tristeza...

- Até que a morte nos separe.

E que assim seja.

Naquele instante, percebi que o Caleb já era o meu marido. Não precisávamos de documentos, alianças ou de vestido branco.

Nossa fortaleza já estava erguida. Nosso vínculo eterno já havia se edificado.

41º Capítulo

1 ano, 2 meses e 27 dias...

Acordei com a Amande se remexendo em meus braços. Era tão difícil ela ter sono inquieto – como o meu – que logo me pus em alerta. Contudo, quando decidi verificar se estava bem, percebi que já tinha acordado. Por um momento pensei que estivéssemos na nossa casa, até que vi as cortinas da sacada abertas, balançando suavemente por causa da brisa marítima. Podia-se escutar o ruído característico das ondas do mar morrendo na areia.

– Bom dia, princesa – puxei a Amande, percebendo que ela estava com a pele meio pegajosa. Bom, a minha também estava. Sequer havíamos nos lavado, deixamos nossos corpos com resquícios do suor de prazer e exalando um cheiro forte de sexo. Nem vou me dar ao trabalho de dizer que não gosto; a verdade é que sou fascinado por tudo isso. Devo ser mesmo um safado, como a Amande diz.

– Bom dia, lindo príncipe! Dormiu bem? Deve ser tarde...

– Dormi sim, linda. Está ouvindo isso?

– O mar? Há algum tempo. Estava esperando você acordar para que pudéssemos observar a sacada.

– É uma ótima ideia – levantei-me devagar, ainda meio sonolento. Estava completamente nu, e Amande também. Ela se levantou, mas se enrolou no lençol branco e comprido.

Assim que chegamos até as cortinas, paramos. Amande envolveu o lençol em mim, abraçando-me pela cintura. Meu braço logo encontrou os seus ombros. Sabíamos o que estávamos fazendo; recordando, revivendo cada momento do fim de semana em que nos conhecemos. Soltei um longo suspiro. O sol já havia nascido há muito tempo, de modo que não visualizamos a mesma mistura de cores que a aurora havia desenhado naquele dia. Entretanto, a paisagem continuava linda; o céu estava completamente azul e sem nuvens, o mar foi pintado de um azul bem mais escuro que o céu e as espumas branquinhas das ondas brilhavam por causa do sol forte.

Amande me apertou de um jeito ainda mais intenso. Acho que esperava a minha deixa. Só que eu já sabia o que fazer, estava decidido. Seria melhor do que falar algo que não cabia mais na situação.

Soltei-a devagar e peguei uma máquina fotográfica que estava em cima de um dos criados-mudo. Ela riu quando percebeu o que eu estava fazendo.

– Sei que você acha que as lembranças são melhores do que uma fotografia... – falei, fazendo alguns ajustes na câmera. – Mas eu quero ter as duas.

Amande continuou sorrindo por alguns segundos, porém, como se adivinhasse os meus pensamentos, deixou o lençol que lhe envolvia cair no chão. Ficou deliciosamente nua para mim, incluindo muitas doses de malícia em seu belo sorriso. Depois, virou-se na direção da sacada e deu alguns passos a frente. Ficou meio distante da barra de proteção, afinal, não queria ser vista.

Eu meio que fiquei com medo de que aquilo acontecesse, mas estava tão excitado com a ideia que me concentrei apenas em ser breve. Devo ter tirado umas mil fotos num espaço de, no máximo, três minutos. Amande fazia poses sensuais aleatórias, parecia muito à vontade e espontânea. Estava cada vez melhor naquilo.

Ela saiu correndo de volta para o quarto quando ouviu vozes provenientes da área externa. Praticamente se atirou em mim e, como eu tinha meio que levado um susto, acabamos caindo para trás no chão frio. Gargalhámos por muito tempo, até que decidimos colocar o lençol abaixo de nós. Ela tratou de se deitar no meu peito e entrelaçar as pernas nas minhas. Daquela forma, pudemos olhar o céu juntos.

– Nunca vou precisar me esquecer de qualquer noite nossa – murmurou suavemente, e senti que aquilo era uma coisa que ela sentia necessidade de dizer, como que para anular o que havia dito antes. – Jamais vou precisar me esquecer de você. E nem quero.

– Eu sei, minha princesa. Eu sei... – Beijeí seus lábios com muita tranquilidade, enquanto alisava a lateral do seu rosto.

Depois que o pessoal começou a fazer muito barulho lá embaixo, resolvemos tomar um banho rápido e colocarmos nossas roupas. Já era hora do almoço, portanto decidimos comer todos juntos. Colocamos a comida na mesa e cada um se serviu, mas eu fiz questão de servir à Amande. Minha vida foi feita para servi-la, e era assim que eu me sentia feliz.

O almoço foi um momento bastante descontraído. Não consegui identificar uma só pessoa que estivesse desanimada; até mesmo a Cláudia, que na noite anterior parecia estar triste, acordou bem-humorada e riu inúmeras vezes do seu jeito incomum.

Era de se esperar o que faríamos depois; claro que fomos pegar as barras de ferro no galpão, preparando-nos para uma boa partida de polo-aquático. Caímos na piscina, e por um momento achei que estávamos em um manicômio. A gritaria era tanta que às vezes eu mergulhava só para me livrar daquela loucura. Obviamente, os homens ganharam de novo. Só que, confesso, foi mais complicado vencê-las daquela vez. O fato de estarem presentes mais homens apaixonados do que antes foi muito decisivo.

O ponto mais esquisito do jogo ficou por conta da Cláudia e do Henrique. Senti que rolou o maior clima quando ela tentou tirar a bola das mãos dele. Estava olhando para os dois quando o Henrique jogou a bola para o Marcelo, do outro lado da piscina – e consequentemente desviando a atenção de todo mundo –, mas continuaram se encarando de perto. Foi Cláudia quem acabou desviando os olhos e se afastando, visivelmente envergonhada. Vi quando o Henrique balançou a cabeça e passou as mãos pelos cabelos molhados.

Eita! Seria o destino tecendo suas teias imprevisíveis? Não fazia ideia. Sinceramente, já não duvidava de mais nada. Fabiana e Edu ainda estavam fingindo que não haviam passado a noite juntos. Aquele caso era mais esquisito ainda, pois sabia bem que o Edu não deixara de ser um garoto de programa. Eu estava meio receoso pela Fabiana, não queria que criasse muitas expectativas; conheço o meu colega e sei que não é flor que se cheire. Ele gosta de sexo e pronto. A vida dele é essa. Não que eu o esteja julgando, pois minha vida foi igual à dele por muitos anos. Também não posso dizer que ele jamais mudará. Como disse antes, não duvido de mais nada, mas isso não me impede de temer pelas pessoas.

O casal mais descomplicado do recinto com certeza era o João e a Jéssica. Eles sabiam o que queriam um do outro e estavam ótimos daquele jeito. Melhor assim. Paloma ainda vivia o seu momento heterossexual com o Marcelo. Às vezes se beijavam timidamente, mas era algo do tipo adolescente no colegial. Ou isso ou o fato de sabermos que ela é lésbica acabava nos fazendo supor que aquilo não era nada sério.

Bom, o fato é que, depois do polo-aquático, o pôquer venceu por unanimidade. Eu bem já

desconfiava que aquilo aconteceria. Só esperava chegar a hora para convidar a Amande para dar uma volta na praia. E foi o que acabou acontecendo; seguimos de mãos dadas, observando o lugar onde nos casaríamos dali a uma semana.

Amande às vezes parava, olhava para mim e sorria. Fez isso tantas vezes que me senti meio envergonhado. Sei lá o que estava pensando!

– É tudo tão mágico... – falou depois que se afastou e abriu os braços, deixando o sol dourar ainda mais a sua pele. – Não sei se estou feliz por estar revivendo cada coisinha, se é porque nos casaremos semana que vem ou se é por saber o que vai acontecer depois do nosso passeio na praia...

Sorri torto. Havia *mesmo* criado um monstro. Um monstro fodidamente sexy e gostoso. Um monstro insaciável. Como eu.

– Minha felicidade acaba de aumentar – falei e a puxei pela cintura, prendendo nossos corpos. – Quer, de coração, fazer algo a respeito? – murmurei de um jeito meio rouco.

Amande me encarou fixamente e entreabriu os lábios. Deixei meus dedos brincarem com eles. Acaricieei seu sinalzinho lindo e apenas esperei.

– O que vai fazer comigo? – emitiu a voz mais dengosa de todos os tempos.

“Ah, Amande... Você sabe bem o que eu vou fazer contigo”, pensei, começando a controlar uma ereção. Era impressionante o modo como aquela mulher me excitava.

– Tudo o que quiser e sentir, mas nada daquilo que pensar.

Encaramo-nos por eternos segundos, até que, do nada, começamos a rir de nós mesmos. Amande chegou a chorar de tanto rir, segurando a própria barriga. Nem eu soube explicar por que sentimos tanta graça daquilo.

– Você já tinha tudo em mente, não? – ela falou assim que se recuperou da crise de riso. – A sala de massagem, todo o momento erótico e propício... Caleb, aquilo foi golpe baixo! Uma verdadeira armadilha!

– Só queria fazer você relaxar, juro. – Amande pareceu ter acreditado, mas não ficou nada satisfeita quando concluí: – O resto seria apenas lucro.

Ela me deu um tapinha no braço e se afastou depressa. Logo em seguida, riu alto e saiu correndo. Corri atrás dela, até que paramos na frente do portão da mansão. Entramos juntos: de mãos dadas, calados e tentando não chamar a atenção de ninguém. O pessoal ainda jogava pôquer com muita concentração quando conseguimos nos perder no corredor localizado na lateral da casa. Rimos bastante depois que atravessamos a sala de massagens e nos trancamos na última saleta.

Parecíamos dois adolescentes fugindo dos pais.

– Você não estava tão des preocupada assim da outra vez – ajudei Amande a tirar sua saída de banho e a se sentar na enorme mesa de massagens. Curvei-me até que nossos narizes quase se encostaram. – Preciso dizer que só vou fazer uma simples massagem em você?

– Se você só fizer uma simples massagem vou ficar decepcionada... – disse na maior cara de pau.

Um monstro terrível e cruel!

Deixei meus lábios trabalharem brevemente nos seus. Fui os afastando, guiando-os lentamente até o seu ouvido.

– Não me provoque, senhorita Amande. Deite-se.

A primeira coisa que fiz foi ligar o aparelho de som. O CD da Enya ainda circulava por ali, e me perguntei se aquela sala já havia sido utilizada outra vez. Mas era claro que sim, entretanto quis

alimentar a ideia de termos sido os únicos a dividir uma experiência marcante naquele lugar.

Não encontrei o óleo afrodisíaco com cheiro de frutas, mas achei um interessante, com o desenho de uma pimenta em chamas na embalagem. Perfeito. Aquilo ia esquentar, com certeza. Deixei-o separado para ser usado na hora certa e dei a volta ao redor da mesa. Parei atrás da cabeça da Amande.

– Feche os olhos, princesinha... – alertei, e ela obedeceu prontamente.

Meus movimentos foram bem calculados. Quis imitar cada gesto, cada toque. Comecei lentamente pelos seus cabelos, percebendo o quanto Amande ia relaxando. Não demorou quase nada para que eu me encontrasse totalmente absorto, envolvido nos movimentos como se meu cérebro estivesse vazio, sem preocupações ou qualquer pensamento que pudesse desviar o meu foco.

Adorei massagear o rosto do amor da minha vida, como em todas as vezes que o fiz. Ela é linda. Cada contorno da sua face me enchia de excitação, abria dentro de mim um misto de possibilidades. Sem pressa, estimulei cada detalhe.

Deixei os meus dedos descerem pelo seu pescoço e braços; comecei pelo direito e depois parti para o esquerdo, demorando-me bastante em suas mãos macias. Amande se arrepiou um bocado durante todo o processo, mas cada um deles só me fazia ter mais estímulo para tocar o seu corpo.

– Vire-se de costas – pedi, lembrando-me que da outra vez Amande quase não se virava. Naquela época ela estava morrendo de vergonha, por isso foi perfeito observá-la enquanto se virava calmamente, sem estresse. Sem neuras.

Comecei estimulando a sua nuca. Minha mulher deliciosa andava atarefada por causa do casamento e muito estressada para deixar as coisas na loja prontas para a sua ausência em nossa lua de mel. Sendo assim, havia alguns pontos de tensão – eu os retirava o tempo todo, mas os malditos sempre reapareciam –, nos quais trabalhei com avidez. Fui descendo pela sua coluna e parei no laço que prendia seu biquíni.

Sorri torto.

– Posso? – perguntei baixinho.

Amande riu de leve.

– Não me pergunte nada! – respondeu. *Gostosa!*

Lembrei-me de que o meu maior desejo, naquele instante, havia sido arrancar cada uma de suas peças e lhe foder por trás ali mesmo. Prendi os lábios e observei o corpo curvilíneo da Amande desenhando super bem a mesa de massagem. Minha ereção deu sinal de vida no mesmo instante.

Retirei o laço de seu biquíni, deixando as tiras caírem de lado. Pressionei meus dedos na sua pele, fazendo um movimento curto e ritmado. Inspirei fundo e parei. A bunda dela estava me chamando. Eu mal conseguia ouvir a Enya de tão alto que aquela bunda arrebitada gritava por mim.

Resolvi pegar o óleo, despejando uma boa quantidade na Amande; desde a sua coluna, passando pela maldita bunda até chegar aos pés. Ela ficou toda lambuzada, pois o líquido era bem espesso e grudento.

Trabalhei primeiro em seus pés, espalhando o óleo. Sentimos o líquido se esquentar consideravelmente.

– Meus pés estão queimando... – Amande avisou baixinho, a voz tão fraquinha que quase me deu dó.

– Está ruim?

– Não... Na verdade está bom demais...

– Então, relaxe.

Fui subindo os meus dedos na direção das suas pernas. Confesso que não tive muita paciência, acabei apertando suas coxas com força e desejo evidente. Suas nádegas se mexeram de um jeito lindo. Continuei o movimento – desta vez com mais velocidade –, fazendo com que batessem forte uma na outra. Amande gemeu.

Fiz um esforço absurdo para retornar a lhe estimular a coluna. Minha ereção já estava tão firme que precisei desabotoar a bermuda que estava vestindo. Ela só não doía mais do que o meu estômago, que sentia o efeito real das malditas borboletas.

Depois que deixei passar um tempo razoável para que Amande não pusesse defeito na minha massagem – alegando que havia sido rápida demais –, simplesmente enfiei uma mão por dentro da parte de baixo do seu biquíni. Amande se contorceu e gritou, porém abriu um pouco as pernas.

– Preciso fazer uma pergunta – rosnei feito bicho.

– Faça logo... – Amande gemeu baixinho, mas logo em seguida gritou alto. Eu havia chacoalhado a sua segunda abertura, a que era intocável.

Dane-se. Queria aquela mesmo.

Na verdade eu sempre a quis, mas respeitava a decisão da Amande de não fazer sexo anal. Passei um ano apenas lhe estimulando, incitando-a a se permitir. Fui trabalhando a ideia aos poucos e sem pressa. Quase fizemos algumas vezes, porém ela desistia sempre na hora H. Sendo assim, meu desespero para possuí-la daquele modo era palpável.

– O que você quer? – tinha consciência de que a minha voz estava muito esquisita. Culpa do desejo absurdo que sentia e que não me libertava nunca. Eu era eterno escravo dele.

– Me surpreenda...

“Vou te surpreender mesmo, Amande... Você não perde por esperar.”

Fui tirando a parte de baixo de seu biquíni com uma lentidão dolorosa. Amande se ergueu um pouquinho, ajudando-me a despi-la completamente. A visão privilegiada que tive quase me fez perder o juízo.

Resfoleguei alto, abrindo as minhas mãos espalmadas para lhe estimular o traseiro. Fiz movimentos circulares e aleatórios; mexi tanto na bunda dela que ficou meio avermelhada, com as marcas das minhas mãos. Amande se contorcia e gemia baixinho, deixando-me ainda mais louco. Impossível resistir. Podia sentir meus olhos se esquentarem tanto quanto o óleo.

Foi então que me lembrei dele e o peguei com decisão, jorrando uma boa quantidade bem ali. Fui espalhando o produto até fazê-lo esquentar bastante. Na medida em que as minhas mãos iam ficando cada vez mais quentes, Amande gemia ainda mais alto.

Decidi estimulá-la, deixando meu dedo escorregar para a minha tão desejada abertura. Ela se contorceu e tentou se afastar, mas não deixei. Prendi as suas pernas com os meus braços e continuei movimentando os meus dedos lentamente. Amande gemeu alto mais uma vez e se deu por vencida, começando a rebolar um pouco. Acho que quase morri do coração.

Simplesmente não dava para ser mais lento do que aquilo. Minha própria demora começava a irritar, pois meu desejo tinha pressa. A urgência da necessidade que eu sentia em estar dentro da Amande me angustiava.

Sendo assim, terminei de retirar a minha bermuda. Tirei também a sunga branca que usava por baixo. Busquei um espaço para me apoiar na mesa e, rapidamente, comecei a alisar o meu sexo firme na Amande.

Ela tentou usar as mãos para me afastar, porém inclinei meu corpo até que meu peito grudou na sua coluna. Permanecemos alguns segundos daquele modo; eu podia sentir sua respiração ofegante fazer seu tronco subir e descer super depressa.

– Relaxa, princesa... – murmurei roucamente no seu ouvido, afastando-lhe os cabelos para o lado. Movimentando-me lentamente, tentei nos encaixar. Não consegui.

Amande gritou.

– Não, Caleb! – Mas logo em seguida se curvou um pouco, arrebitando sua linda bunda. Seu erro foi ter se oferecido daquele jeito.

– Só vou parar se doer muito – avisei. Devo ter soado meio sério demais, mas Amande apenas aquiesceu. Distribui beijos molhados no seu pescoço e lhe mordi a orelha.

Precisei da ajuda de uma mão para lhe invadir devagarzinho. O óleo estava absurdamente quente, deixando-me ainda mais excitado. Também foi mil vezes mais fácil penetrá-la com tanto lubrificante para ajudar. Amande permaneceu calada quando simplesmente a invadi por completo.

Tive medo de estar sendo muito invasivo. Queria que ela se sentisse à vontade. Meu objetivo nunca foi machucá-la, muito menos deixar que meus desejos a ferissem.

– E então? – sussurrei aquela pergunta calmamente, mesmo que a calma estivesse em outro país.

– Não... Sei... – teve dificuldades para falar. – Pensei que fosse pior... Eu acho.

Fui retrocedendo bem devagar. Amande estava tão apertada e quente – claro, com a ajuda adicional do óleo –, que precisei buscar todo o meu autocontrole para não entrar no clímax.

Tornei a preenche-la um pouco mais rápido. Ela soltou mais um gemido.

Eu sinceramente não ia demorar quase nada. Já era fato consumado. Parecia um virgenzinho com ejaculação precoce, mas estar realizando uma espécie de fantasia com a Amande me trouxe tanta excitação que nem meus anos de experiência puderam suportar ou explicar.

Foi por isso que me afastei, virei-a de lado e fiz suas pernas se abrirem. Encaixei-me atrás dela, agradecendo por aquela mesa ser espaçosa o bastante. Continuei a penetrando lentamente, chocando nossos corpos de leve enquanto Amande se contorcia, rebojava e gritava. Às vezes eu achava que estava sentindo dor, mas espasmos intensos não deixavam de fazer seu corpo estremecer o tempo todo.

Acelerei um pouco o movimento e guiei meus dedos na direção do seu sexo, pronto para estimulá-la até que gozasse. Amande gemeu ainda mais alto assim que comecei a fazer movimentos circulares e bem mais rápidos do que aquele que estava ocorrendo atrás.

Eu estava praticamente gozando quando a maldita se contorceu e gritou meu nome repetidas vezes, fazendo seu ventre pular numa dança erótica. Obviamente, entrei no clímax naquele exato momento, sussurrando seu nome como se precisasse dele para viver. Cheguei a acelerar um pouco mais o movimento enquanto a inundava intensamente.

Quase não consegui recuperar o fôlego.

– Você está bem? – perguntei muito baixo, desencaixando-nos. Não queria que ficasse machucada depois, mesmo sabendo que seria meio inevitável. Aquela parte sugestiva doeria por algum tempo até se acostumar.

Amande balançou a cabeça afirmativamente, virando o rosto para me beijar.

– Você é incrível, príncipe.

– Você que é incrível.

– Falo sério... Da última vez que viemos aqui você desatou muitas algemas que me prendiam. Hoje, um ano depois, conseguiu me livrar de mais uma. E foi tão natural, tão... Foi bom.

Beijei sua boca como resposta. Eu não sabia o que dizer. Estava emocionado por ter conseguido o que queria, porém minha maior emoção foi perceber o quanto Amande confiava em mim. Sentia-me profundamente responsável pelo bem-estar dela. Isso me assustava, excitava e admirava.

Seguimos de volta para a área externa na maior cara de pau do mundo. Tomamos uma chuveirada no banheiro da sauna e nos enxugamos com as toalhas limpas que pegamos no armário da sala de massagens. *Lavou, tá novo!*

A galera toda estava reunida na sala: haviam instalado o karaokê. Jéssica já estava cantando um de seus axés, enquanto todo mundo dançava descontraidamente. Cascos e mais cascos de cerveja jaziam no canto, e então percebemos que havíamos perdido grande parte da festa.

Quem liga? Valeu a pena cada instante que perdemos na sala de massagens.

Aos poucos e meio timidamente – pelo menos a Amande ficou corada por um bom tempo, pois todo mundo meio que sabia que havíamos fugido com intuitos obscenos –, acabamos nos integrando ao grupo. Posso dizer que o meu mundo inteiro parou quando Amande começou a cantar “Como eu quero”.

Ela ergueu os braços e me chamou para dançar, encarando-me significativamente. Claro que fui. Pensei que não poderia ser mais feliz do que aquilo, enquanto a ouvia de perto:

“Uh, eu quero você, como eu quero...”

E eu queria tanto! Faltava apenas uma semana...

42º Capítulo

1 ano, 3 meses e 3 dias depois...

Aquela era de longe a viagem mais longa da minha vida. O caminho do hotel até o pedacinho de litoral mais especial do mundo não durava mais do que quinze minutos, porém, depois que se passaram vinte segundos, eu já não me aguentava de tanta expectativa. Encarava uma parte do couro acinzentado que compunha os bancos da limusine, entretanto não era para ele que eu estava olhando. Não era capaz de ver um palmo à minha frente, qualquer que fosse o lugar onde meus olhos se direcionavam.

Papai segurava as minhas mãos com firmeza. Ele estava nervoso, sei disso. Não ria, não expressava nada além de pura preocupação. Não sei se temia que eu fugisse de novo, ou se ainda não tinha superado o fato de eu estar prestes a me casar novamente, e com um ex-garoto de programa. Pode parecer esquisito para muita gente, mas não me via casando com um ex-garoto de programa; para mim, estava casando com o Caleb, o meu lindo príncipe, o amor da minha vida. O meu herói, minha fortaleza, meu ponto forte e fraco... Era com alguém que havia cruzado o meu caminho por acaso, mas certamente não era por acaso que estaria me esperando no altar. Quem acredita em acaso está desmerecendo o belo trabalho da natureza. Ela se esforça muito para fazer as coisas acontecerem, fique ciente disso.

Eu vou ser julgada a minha vida inteira por causa do que fiz. Tenho consciência de que vou ser mal interpretada, taxada de mil coisas que, sinceramente, não mudarão em nada as minhas decisões. Pouco me importa se passei nove anos para decidir me casar com um rapaz – para acabar nem casando – e apenas um ano e três meses com outro. Podem me julgar à vontade, pois no fim, quem escolheu a verdadeira felicidade, quem vai colher cada fruto dessa escolha, sou eu. Aos poucos as pessoas vão entender – se não entenderem, paciência – que não troquei o certo pelo duvidoso. Troquei o duvidoso pelo certo.

– Você está bem? – perguntou papai, fazendo nossas mãos entrelaçadas rasparem no tecido do meu vestido.

Modéstia à parte, havia ficado muito bem nele. O modelo tinha alça única e o decote era reto. Justo até a cintura, modelava o corpo com faixas que se cruzavam num acabamento espetacular. Depois, perdia-se num tecido leve e esvoaçante, com muitas camadas. Ia um pouco mais além do chão, só o bastante para não ficar óbvio que eu estava descalça. Uma pena, pois tinha comprado uma tornozeleira de prata, composta por uma corrente com desenhos de flores que se prendia em um dedo do pé. Lindíssima!

– Estou ótima, papai – respondi com convicção, sorrindo para ele. – Melhor impossível!

Ele sorriu de volta, finalmente deixando suas rugas de nervosismo ir embora. Papai estava lindíssimo; todo barbeado, o que era raro, trajando um terno marrom-claro, meio bege eu diria, com camisa branca e gravata azul-bebê. Os cabelos castanhos estavam todo para trás, fixos por uma boa quantidade de gel.

Meu coração foi batendo mais forte a cada instante que se passava e chegávamos mais perto. Quando avistei os enormes toldos, decorados com faixas brancas e arranjos de flores amarelas e

alaranjadas, quase tive uma parada cardíaca. Senti todo o sangue se esvair do meu rosto; uma pulsação esquisita tomou conta do meu cérebro, fazendo tudo se remexer e ficar em câmera lenta.

Através do vidro fumê da limusine, vi os convidados olhando na nossa direção e começando a se organizar nas cadeiras enfileiradas debaixo do único toldo retangular – os outros dois eram circulares. Não fazia ideia de como ficaria o resultado final da decoração proposta pela Lara e pelo Fernando, pois é diferente organizar tudo num pedaço de papel e depois ver ao vivo e a cores. Achei tudo tão impressionante que desviei os olhos, sentindo-os marejarem num instante.

Respirei fundo, buscando calma. Ia ser desconcertante começar a chorar logo de cara; minha maquiagem, apesar de leve e bem natural, estava belíssima. Não queria me casar correndo o risco de estragá-las. Também não queria aparecer no vídeo chorando como uma louca. Sendo assim, busquei um sorriso amplo que só a mais completa felicidade consegue permitir que alguém encontre.

Paramos bem em frente à mansão onde tudo começou. Os portões estavam devidamente fechados. Marlos me garantiu que cancelaria o evento daquele fim de semana em respeito ao nosso casamento. Na verdade ele também havia sido convidado, devia estar por ali em algum lugar, aguardando a cerimônia ter princípio.

Ainda não conseguia olhar para tudo o que me aguardava, por isso mantive os olhos fixos no muro alto da mansão. Céus... Eu ia me casar. E era tudo tão diferente! Minha experiência anterior, em que me vi desesperada e sem saídas, sufocada ao nível extremo, parecia uma caricatura grotesca de um passado que não me pertencia. Aquela era a minha nova realidade: feliz, emocionada, decidida.

A certeza no que estava fazendo permitiu, finalmente, que eu perdoasse a mim mesma por tudo o que havia feito outrora. Por incrível que pareça, só consegui obter a minha própria misericórdia ali. Minha consciência perdoou o meu coração. Um segundo depois, senti-me tão leve que achei que pudesse voar.

Comecei a gargalhar, do nada.

Papai apertou minhas mãos e sorriu, observando-me agir como uma imbecil.

– Ai, ai... – fiz um esforço absurdo para reunir os últimos resquícios de juízo. – Estou muito feliz, papai – justifiquei-me.

– Estou vendo, filha... Fico feliz também.

– E então, vamos?

– Daqui a pouquinho... Pediram para que esperássemos o momento certo.

Soltei um longo suspiro. Eternos segundos se passaram, até que papai voltou a falar:

– Caleb vai entrar daqui a pouco com a dona Lourdinha. Sua mãe e o Sr. Duarte, bem como os padrinhos, já estão no altar – ele narrou o que acontecia na praia, sabendo que eu ainda estava incapaz de olhar para lá. – Você é a próxima... Vá se arrumando, vamos sair e entrar direto. Pegue o buquê...

Ajustei meus cachos soltos, feitos com baby liss. Não havia nada de rebuscado no penteado, aliás, nem havia penteado. Eu não quis. Meus cabelos estavam soltos e com cachos grandes, sendo adornados por uma guirlanda de flores brancas. Um curto véu saía dela, perdendo-se até o fim da minha coluna.

Papai abriu a porta da limusine e saiu, oferecendo-me uma mão para que eu saísse também. Só então ouvi o barulho das ondas, mesclado com acordes de violão. Havíamos contratado uma espécie de banda que tocava qualquer ritmo, porém, para o momento da cerimônia, havíamos contratado a prima da Cláudia, que tocava violão e cantava divinamente. Sua voz melodiosa encantou a mim e ao

Caleb, de modo que não conseguimos imaginar outra pessoa para embalar nosso tão sonhado momento.

Tomei fôlego e aprumei o véu. Segurei o buquê com firmeza – um arranjo com rosas amarelas e laranjas divinamente justapostas – e sai lentamente. Foi bem mais fácil me locomover sem estar preocupada com os saltos. Casar descalça é tudo o que há na face da Terra!

Assim que me ergui, aprumei o vestido e senti a brisa marítima aplacando o calor que o sol forte fazia. Imediatamente, senti vontade de chorar.

Inspirei todo o ar que foi possível e encarei o caminho que percorreria até o altar.

Meu Deus... Nunca vi cenário tão lindo.

O enorme toldo estava posicionado logo após a calçada. Nas duas laterais, os convidados me olhavam, sentados em cadeiras cobertas por um tecido branco com faixas amarelas, que terminavam em arranjos de flores na parte de trás. *Perfeito!*

No centro, um caminho de flores vermelhas, amarelas e laranjas havia sido demarcado por cima da areia branca e fininha. Entre as cadeiras, faixas brancas de tecido fino esvoaçavam, dando um efeito espetacular ao clima praieiro. *Sensacional!*

O altar estava adiante, composto por uma espécie de palco, que nada mais era do que uma armação bem interessante de madeira. Ali havia arranjos imensos em cima de vasos maiores ainda, de vidro transparente. O juiz de paz eclesiástico se encontrava logo atrás de uma mesa comprida retangular, devidamente decorada. O mar era o pano de fundo mais perfeito de todos. Aquela imensidão azul parecia fazer parte da decoração; uma parcela esplêndida, presenteada pela natureza. Aceitei o presente e agradei baixinho.

Ao lado esquerdo da mesa, mamãe esperava – e chorava – com o braço entrelaçado ao do Sr. Duarte, que também parecia emocionado. Não tive certeza, mas achei que a Lara e o Fernando estivessem por perto também. Já ao lado direito, Júlia e Ricardo esperavam com sorrisos nos lábios. Dona Lourdinha, tão manteiga derretida quanto a mamãe, segurava firmemente a mão do Caleb.

Depois... Não vi mais nada.

Nadinha mesmo. Minha vida se resumiu a um olhar tão azul quanto o mar adiante. Nada mais era digno de atenção.

Entreabri os lábios, mas os cerrei prontamente. Tinha certa consciência de que a equipe de fotografia e filmagem estava ligada em meus movimentos, mas sequer consegui localizá-la. Envolvi meu braço direito no esquerdo do meu pai. Foi ele quem começou a dar os primeiros passos na direção do altar. Só me dei o trabalho de segui-lo lentamente – sentindo a areia brincar com meus pés –, ainda encarando os três oceanos adiante. Sim, os três... Faça as contas.

A música, escolhida pelo Caleb – combinamos que ele escolheria a de entrada e eu, a de saída – começou a ser cantada divinamente pela voz mais suave que já ouvi.

“Quando te vi passar fiquei paralisado

Tremi até o chão como um terremoto no Japão

Um vento, um tufão

Uma batedeira sem botão

Foi assim, viu? Me vi na sua mão”

Ai... Meu... Deus... Socorro!

Tornei a prender os lábios novamente. Meus olhos já estavam cheios de lágrimas enquanto ficava cada vez mais perto. Centímetro por centímetro fui caminhando rumo ao meu destino; um

destino traçado pelos anjos mais apaixonados e loucos, pelos mais inconsequentes e insensatos. Pelos mais felizes de todos os seres fantásticos que, agora tinha certeza, existiam. Qualquer coisa podia existir... Tudo era possível, afinal, de todos os lugares do mundo, esperando qualquer pessoa do Planeta, ele estava ali, na minha frente, esperando-me.

*“Perdi a hora de voltar para o trabalho
Voltei pra casa e disse adeus a tudo que eu conquistei
Mil coisas eu deixei
Só pra te falar
Largo tudo se a gente se casar domingo
Na praia, no sol, no mar...
Ou num navio a navegar
Num avião a decolar
Indo sem data pra voltar
Quem vai sorrir?
Quem vai chorar?
Ave Maria, sei que há
Uma história pra sonhar
Pra sonhar...”*

Já estava na metade do caminho. Um dos oceanos que eu encarava permanecia intacto, tranquilo. Não pude dizer o mesmo dos outros dois. Acho que eles perceberam que tanta água não podia caber em um lugar só, por isso se permitiram transbordar. Caleb deixou seus lábios abrirem um pouco; sua expressão quase dolorida me fez achar que não estaria viva para encontrá-lo.

Podia ouvir sua voz ao longe, dizendo-me tudo, absolutamente tudo o que já tinha me dito. Todas as juras de amor, todas as declarações... Seu sorriso foi visualizado por todas as perspectivas possíveis. Flashes da nossa trajetória iam e vinham, comprimiam o meu cérebro e tiravam todo o fôlego que me restava. A primeira dança, a escolha, a massagem nos pés... A sala de massagens, o desafio do karaokê, a conversa no sofá, o leite condensado... Nossa primeira noite, a triste despedida, o e-mail, o reencontro, o almoço... A voltinha na praça, seu apartamento, a dança enquanto preparávamos o jantar... Todas as nossas noites de amor vieram à tona, deixando-me excitada instantaneamente.

Engoli o choro enquanto me lembrava de suas palavras na tomada de fotografia no hotel, ele abrindo a porta sem acreditar que eu tinha largado tudo... A viagem para o campo, o dia da minha mudança, a inauguração do estúdio, o reencontro com seus pais... O momento sufocante quando pensamos que conseguiriam nos separar...

Não conseguiram. Ninguém jamais conseguiria.

“O que era sonho se tornou realidade

De pouco em pouco a gente foi erguendo o nosso próprio trem

Nossa Jerusalém

Nosso mundo, nosso carrossel

Vai e vem vai

E não para nunca mais”

Lembrei-me das muitas dificuldades que ultrapassamos com coragem, em nome do nosso amor. Foi difícil... Foi muito difícil! Acho que o Caleb se recordou de cada uma delas, pois mais lágrimas fizeram seu rosto se contorcer lindamente, e então ele já chorava como uma criança.

Não consegui me segurar por mais nem um segundo: minhas próprias lágrimas escorreram sem pausas. Meus planos de não chorar foram para o beleléu. Naquele instante, em que Caleb ficava terrivelmente próximo a mim, mais uma certeza se juntou às demais: cada luta que travamos valeu a pena.

“De tanto não parar a gente chegou lá

Do outro lado da montanha onde tudo começou

Quando sua voz falou

Pra onde você quiser eu vou

Largo tudo se a gente se casar domingo...”

Papai finalmente largou o meu braço. Guiou a minha mão direita até entregá-la ao Caleb. Sua mão sempre macia se encostou a minha; os oceanos ainda transbordavam de amor enquanto me olhavam fixamente. Ele então se inclinou e beijou a minha testa sem pressa. Absorvi cada dose de carinho que aquele gesto singelo me ofereceu.

Logo em seguida, Caleb deixou seu rosto perfeito muito próximo ao meu. Seus lábios contracenaram uma frase que não necessitou de voz: eu te amo. Entre lágrimas, respondi a mesma coisa.

Desviei os meus olhos dos seus pela primeira vez, só então reparando o quanto estava bem vestido. O terno era cinza-claro, de um tecido que parecia leve, mas bem cortado. Elegantíssimo. A camisa por baixo era branca, envolta por um colete da mesma cor do terno e por uma gravata meio azulada, da cor de seus olhos. No bolso do terno, um único botão de rosa alaranjada, combinando com meu buquê e com toda a decoração. Seus cabelos negros estavam mais curtinhos, dando-lhe um ar maduro. *Lindo! Maravilhoso!*

A música perfeita – mataria o Caleb depois por causa dela – terminou lentamente, dando lugar apenas aos ruídos do mar. Viramo-nos de frente para ele e esperamos o Pe. Joaquim, que também era juiz de paz eclesiástico, iniciar a cerimônia. Respirei fundo e me acalmei um pouco. Pelo menos parei de chorar.

– Estamos aqui reunidos, em nome de Deus e do amor, para celebrarmos a união entre Amande Cristina Soares Martins e Caleb Duarte Filho.

Olhei de soslaio para o Caleb e constatei que ele já estava me olhando. Sorri de leve. Ele sorriu torto.

Céus...

O padre começou a ler alguns trechos da Palavra, que foram ouvidos com concentração e respeito. Entretanto, não consegui conter as minhas lágrimas depois da leitura do Coríntios:

– “Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como metal que soa ou como o sino que tine. E ainda que tivesse o dom da profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fê, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria. E ainda que distribuisse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria. O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece. Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal; não se regozija com a injustiça, mas se regozija com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.”

Olhei para o Caleb novamente. Ele fez o mesmo, tornando a sussurrar que me amava. Mal consegui respondê-lo de tanto que já estava chorando. Ao menos ele parecia mais calmo, embora seu rosto ainda estivesse meio avermelhado.

Respondeu um sim com firmeza quando o padre lhe perguntou se era por livre e espontânea vontade que estava ali. Meu sim foi quase um grito, provocando risadas na plateia.

Na hora de trocarmos as alianças foi engraçado. Tudo porque combinamos que usaríamos a mesma aliança de noivado, só trocaríamos de mão. Eu amava aquela aliança e não estava nem um pouco a fim de me ver livre dela. Caleb concordou comigo. Sendo assim, ele foi o primeiro a retirar o meu anel da mão direita. Pegou minha mão esquerda e foi repetindo o que o padre lhe dizia:

– Eu, Caleb Duarte filho, recebo-te, Amande Cristina Soares Martins, por minha esposa... – Ele parou um pouco e retomou o fôlego. Seus lindos olhos marejaram consideravelmente. – Prometendo ser fiel, amando-te e respeitando-te na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, por todos os dias da nossa vida. – Ergueu a minha mão e beijou a aliança demoradamente. Tomei a liberdade de enxugar, utilizando meus dedos, uma única lágrima que lhe escapou durante o processo.

A minha vez foi absurdamente patética. Minha voz estava tão esganiçada que quase desisti de fazer os votos. Fiquei me amaldiçoando mentalmente enquanto falava com os lábios trêmulos, vacilantes pela emoção:

– Eu, Amande Cristina Soares Martins, recebo-te, Caleb Duarte Filho... – Resfoleguei. – Por meu esposo... Prometendo ser fiel, amando-te e respeitando-te na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, por todos os dias da nossa vida.

Tudo ficou muito quieto quando terminei de pôr a aliança no dedo do Caleb. Repeti seu gesto de beijar a aliança; foi lindo observar seu sorriso torto emocionado enquanto o fazia. Por alguns instantes, só existiam o mar, Caleb e eu.

Enfim, o padre nos declarou marido e mulher, dizendo-nos que o que Deus uniu o homem jamais poderia separar. Acreditei piamente nessas palavras, buscando conforto nelas. Seriam meu porto seguro.

Nem consegui raciocinar direito quando Caleb me tomou pela cintura e me beijou ternamente. Seus lábios nos meus provocaram lágrimas em nós dois. Envolvi os braços no seu pescoço e me deixei levar completamente. A plateia se levantou e aplaudiu bastante, só então percebi que não estávamos sós no mundo. Ouvi assovios e gritos: “lindos!”, “perfeitos!”. Caleb e eu nem sabíamos

direito se ríamos ou chorávamos.

Fomos convidados, juntamente com os padrinhos – que também eram nossas testemunhas – a assinar os documentos. A música final foi iniciada, e meu coração quase saltou pela garganta. Caleb me beijou de novo quando os primeiros acordes começaram a tocar. Aquela música fui eu quem havia escolhido, sabendo que significava muito para nós.

“Eu sou o brilho dos teus olhos ao me olhar

Sou teu sorriso ao ganhar um beijo meu

Eu sou teu corpo inteiro a se arrepiar

Quando em meus braços você se acolheu...”

Mal consegui assinar o maldito documento de tanto que as minhas mãos tremiam. Tinha consciência das mãos do Caleb envolvendo a minha cintura, encarando junto comigo o papel que transformava nosso amor em verdade perante a Lei dos homens.

“Eu sou o teu segredo mais oculto

Teu desejo mais profundo, teu querer

Tua fome de prazer sem disfarçar

Sou a fonte de alegria, sou o teu sonhar...

Depois de assinados os papéis, os convidados vieram em pequenos grupos para nos parabenizar e tirar fotos conosco. A equipe de fotografia e o cerimonial organizaram tudo de modo que o processo se tornou o mais rápido possível. Sabia que tiraria fotos e mais fotos com o Caleb, mas foi legal o fato de terem liberado os convidados primeiro, assim curtiriam a festa enquanto nos encontrássemos ocupados.

Cada momento foi embalado por aquela canção já enraizada em nós. Caleb não falou mais nada, ficava me olhando o tempo todo como se eu fosse um baú cheio de diamantes. Quando começamos a fazer as fotos só nós dois, ele me puxou por trás pela cintura e murmurou no meu ouvido:

– Minha esposa.

Sua voz rouca sussurrada foi capaz de arrepiar cada pedaço do meu corpo. Caleb não disse mais nada. Não precisou. Eu já havia entendido o recado.

“Sou teu ego, tua alma

Sou teu céu, teu inferno, tua calma

Eu sou teu tudo, sou teu nada

Sou apenas a tua amada

Eu sou teu mundo, sou teu poder

Sou tua vida

Sou meu eu em você.”

43º Capítulo - Por Lara

Sempre choro em casamentos. Não adianta, é mais forte do que eu. Tento engolir as lágrimas e ficar pelo menos com aquela cara de tapada – característica de quem está louca para chorar, mas é fina demais para tal –, só que não consigo! Fernando teve que me emprestar o lenço que estava no bolso do seu terno alugado, acabei o deixando ensopado de lágrimas. Chorei tanto que devo ter saído mais inchada do que já sou em todas as fotos. Mas tudo bem, pelo menos estava me sentindo ótima com aquele vestido.

Por quê?

Porque emagreci sete quilos. Palmas para mim! E olha que nem precisei deixar de comer nada. Entrei nas aulas de step na academia que tem na esquina da minha casa e... só! Detesto qualquer tipo de exercício – e nem sei até quando vou durar no step –, mas estou gostando. Pelo menos é uma boa distração; cansei de chegar do trabalho e ficar remoendo o que o Fernando está fazendo na faculdade. Vá por mim, é horrível imaginar que a maioria das garotas que passam por ele meio que piram. O step tem me ajudado pra caramba, sem contar que o professor tem uma bundinha bem redondinha. Não que eu precise admirar uma bunda que não a do Fernando – a dele já é delícia o bastante –, mas pelo menos tenho um assunto em comum com as outras alunas.

Falar da bunda do professor pode ser um bom incentivo a querer praticar um exercício. Portanto, se deseja muito deixar de ser uma pessoa sedentária, matricule-se numa academia em que os professores tenham bundas maravilhosas.

Mas deixemos as bundas de lado... E voltemos ao casamento da Amande e do Caleb. Assim que a cerimônia belíssima acabou, todos os convidados seguiram para os toldos circulares; neles, seriam servidos os comes e bebes. A banda contratada já tinha iniciado o seu trabalho. Por falar em trabalho, fiquei muito orgulhosa com a decoração. Tudo estava simplesmente perfeito! Não tinha como colocar defeito nas mesas redondas todas revestidas com faixas brancas, amarelas e laranjas. Os arranjos de mesa ficaram incríveis, sendo apoiados por vasos de vidro, e, ao lado, pequenos recipientes também de vidro – mas com água – faziam flutuar velas aromáticas, que seriam acesas quando escurecesse.

Os garçons começaram a servir magistralmente. Eu estava tão feliz pela minha amiga que me dei o direito de não sentir dó de comer tudo o que me serviam, sequer perguntei o que era. Também não me senti mal por estar bebendo cerveja. Fala sério, o sol brilhando daquele jeito pedia algo bem gelado e esperto.

Mal cheguei a sentar em uma mesa – cumprimentei muita gente pelo caminho, inclusive o garçom, claro – e o cerimonial nos chamou para tirar mais fotos com os noivos. Fernando estava gato pra caramba dentro de um terno azul-escuro. Achamos que o preto ficaria feio em um padrinho de casamento, principalmente numa cerimônia à tarde. Por isso que ele e o Ricardo, marido da Júlia, decidiram pelo azul-escuro.

Quanto à mim e a Ju, foi meio difícil. Fomos juntas ao shopping escolher os modelos dos nossos vestidos. Queríamos muito combinar com as cores do casamento: amarelo e laranja. Mas, como vestir algo laranja sem ficar parecendo com uma? Laranja, quero dizer... A fruta. Tentei

explicar isso à irmã do Caleb, mas ela é magra – modelo, linda, gostosa, parece a Megan Fox – e eu sou só uma gordinha que tirou fotos para uma coleção de roupas *plus size*. Grande merda!

Depois de rodopiarmos o shopping inteiro, nossa sorte foi eu ter me amigado com um vestido amarelo. Ele era bonito; na altura do joelho, sem estampas e com alças grossas. O decote era em “v”, mas muito discreto. Na lateral, partindo da alça direita, saía um emaranhado de flores amarelas bordadas, que desciam até a barra. Gostei do modelo e, milagrosamente, coube nele como uma luva!

Decidimos bem depressa que eu seria a madrinha amarela, enquanto ela seria a laranja. Nem ligaríamos se ficassemos parecendo um par de jarros. Achar algo laranja para a Júlia foi fácil, ela até escolheu. Desculpa aí, mas não estou acostumada a chegar numa loja e escolher o que vestir. São as roupas que me escolhem, e pode ter certeza de que a grande maioria me rejeita bem feio.

Ver a felicidade nos olhos da Amande e do Caleb me deixava emocionada constantemente. Eles se olhavam como se soubessem exatamente o que cada um estava pensando. O modo como se moviam era impressionante; havia uma sintonia, um equilíbrio que, após o casamento, ficou muito mais evidente.

Depois de tirarmos muitas fotos com eles, uma parte da equipe de fotografia chamou apenas Fernando e eu para posarmos. Eu estava querendo continuar a beber a cerveja, mas sentia que as fotos estavam ficando lindas, por isso fiz questão de encolher a barriga até ficar sem fôlego e sorrir amplamente.

O único problema era que o Fernando estava muito calado. Quase não tinha falado nada desde que chegamos. Na verdade não era algo recente, só que não quero pensar muito nisso...

Tá, é inevitável! Como não pensar? Meu namorado estava quieto demais, calado demais há mais de duas semanas. Quase não soltava suas piadinhas de sempre, nem engrenava um assunto que rendesse... Também não transamos nesse período. Achei que fosse cansaço – sei que trabalhar e estudar não é fácil –, mas pensei que no casamento ele estaria mais animado do que aquilo. Era brochante!

Sua cara de bocó me fazia ter vontade de socá-lo. Só não o fazia porque ele continuava lindo. E também porque eu estava desconfiada. Sim... Não tinha como não desconfiar. Fernando entrou na faculdade a pouco mais de um mês. Daí do nada se modifica... O que uma namorada pode sugerir diante disso?

Não sou idiota.

Por mais que eu tenha tentado mudar por ele – já não tínhamos as mesmas discussões, pois simplesmente tratei de engolir meu ciúme em seco –, faltava muito para eu ser uma juvenzinha gostosa de faculdade. Era velha e gorda demais para encenar esse papel. Mas... Como disse antes, não quero pensar nisso. Dói. Dói tanto que, quando a bomba explodir, sei que ficarei infeliz por muito tempo.

Sinceramente, não sei o que vou fazer sem o Fernando. Ele tem se mostrado não apenas um bom companheiro, mas um amigo genial, um amante perfeito... Um homem de verdade, sabe? Uma figura que me traz conforto, que mexe comigo, que me faz querer ser alguém melhor. Temos saído bastante... Nossos passeios são os melhores! Conversamos em qualquer lugar do mundo, sob quaisquer circunstâncias. Falamos tanta besteira um para o outro... Inclusive, temos nossa própria maneira de se comunicar pelo telefone. Éramos mais um casal da turma do “desliga você”, e isso hoje em dia é raro.

Pelo menos é o que eu acho. Não sei o que se passa na cabeça dele... E essa incerteza me

corrói. Sinto que estou perdendo... Estou deixando alguém vencer. Não sei quem, mas é o que sinto. E isso me deixa em um estado puro de desespero.

Depois daquele casamento, tudo o que eu mais queria era me casar também. Queria aquela troca de olhares cúmplices da Amande e do Caleb. Aquele amor que ultrapassa barreiras, a confidencialidade, o respeito, carinho... Eu quero isso para minha vida. Quero um amor. E quando falo de amor, não consigo pensar em outra pessoa sem ser no Fernando. Simplesmente não consigo. Ele é o meu amor, e eu não quero que nada nem ninguém o tirem de mim.

A sessão de fotos teve fim e me afastei um pouco, voltando para os toldos circulares, onde já tinha gente dançando animadamente. Sentei-me em uma mesa com as garotas. Fernando me acompanhou e sentou ao meu lado, ainda muito quieto. Estava me irritando, mas preferia ficar na minha a dar piti e ser taxada como louca.

Jéssica virou uma taça de vinho e riu de alguma coisa que o João lhe falava no ouvido. Fabiana conversava com a Paloma e fingia não estar paquerando o Edu, que estava de pé do outro lado do toldo, conversando com o Marcelo e o Henrique. Sendo assim, só me restou puxar papo com a Claudinha. O que não era uma boa ideia, pois a coitada veio sozinha com sua filha Gabriela, que àquela altura brincava de fazer castelos de areia com duas priminhas da Amande.

Não podia falar com ela sobre o casamento. Nem perguntar do Renato. Sequer procurar saber o que significava o fato do Henrique estar dando belas olhadas nela de vez em quando. Falar sobre o clima é a coisa mais inútil do mundo. Também não podia falar de mim, pois começaria a narrar o quanto Fernando estava esquisito, e então ele ouviria tudo. A bunda do meu professor de step também não era algo sobre o que falar.

– O bolo ficou lindo, não foi? – comentei por fim, chamando a atenção dela. Cláudia meio que pulou de susto.

– Ah... Sim, está lindo mesmo...

Olhamos juntas para a grande mesa de doces e tortas. No centro, o bolo quadrado de três camadas. Era todo branco e tinha umas conchinhas e estrelas-do-mar pintadas de amarelo e laranja. Também havia uma espécie de farinha por cima que, naquele caso, estava parecendo areia da praia. No topo, bonequinhos de mãos dadas seguravam plaquinhas. Na placa do noivo havia escrito “o que você quer?”. Na da noiva, “me surpreenda”. Era coisa daqueles dois loucos. Sei lá, só sei que ficou bonito.

Cláudia soltou um longo suspiro. Puts... Era de cortar o coração vê-la daquele jeito. Não conseguia ver nenhuma amiga minha assim.

– Você está bem? – resolvi perguntar. Depois me liguei que havia sido idiota em fazer uma pergunta com resposta tão óbvia. Claro que não estava bem. Cláudia era falante, divertida, animadíssima. Aquele projeto de mulher amuada não era ela.

Claudinha me olhou e balançou a cabeça, negando.

– Quer conversar em algum lugar?

– Não... Deixa quieto, Larinha.

– Deixa quieto uma pinoia! Vamos... – Levantei rapidamente e me virei para o Fernando. Ele encarava o horizonte. Estava distante dali... Distante de mim.

Ia dizer que voltava logo, mas algo dentro de mim entendeu que ele pouco se importava com a minha ausência. A ideia me deu vontade de chorar, mas eu devia ajudar uma amiga que estava em pior situação. Meu problema seria resolvido depois. Ou não... Talvez aquilo ali não tivesse solução.

Puxei Cláudia para o toldo retangular, além de todas as cadeiras, quase perto da calçada. Apoiamos nossos corpos na lateral de um carro, que provavelmente pertencia a algum convidado.

– O que tá rolando, Claudinha? – resolvi questionar, visto que ela ainda se mantinha aérea. Murmurava uma música do Djavan que a banda tocava perfeitamente.

– Tô fodida. Só isso.

Ela não riu, portanto levei aquilo bem a sério.

– Por quê? – tive até medo de perguntar.

– Minha vida desandou. Pensei que estava em uma situação estável, mas me enganei.

– Isso tem a ver com o Henrique?

Cláudia me encarou como se eu fosse doida.

– Henrique não tem nada a ver com isso, Lara.

– Renato?

Ela não respondeu. Desviou os olhos e ficou observando o mar à nossa frente.

– Vocês se separaram, não foi? Digo... de vez? – murmurei, sabendo que o assunto era delicadíssimo. Cláudia estava nos enrolando com relação ao Renato. Só dizia que estavam numa fase ruim e pronto.

– Há três semanas... – Cláudia mal terminou de falar e, de repente, já me abraçava aos prantos. Devolvi-lhe o abraço prontamente, morrendo de pena. Só de pensar que muito em breve também estaria sofrendo por um rompimento... Não, não posso pensar nisso. Até porque não era igual. Eu só tinha um ano de namoro. Claudinha tinha uns dez de casamento.

Claro que a sua dor era bem maior.

– Mandeí Renato ir embora... Não dava mais, Lara! Não dava... – choramingou em meus braços, enquanto eu tentava afagar seu cabelo sem desmanchar os cachos. – Ele mentia para mim... Mentia feio! Não confio mais nele.

– Amiga... Calma. Talvez vocês possam...

– Não. Não posso perdoar traição. Não consigo e nem quero. Isso não se faz, é nojento!

– E a Gabriela? – lembrei. Cláudia se desvencilhou devagar, mas continuou chorando. Procurou algo pela praia e encontrou; sua filhinha ainda brincava de areia do outro lado do toldo maior. Uma mocinha de sete anos.

– Eu amo a minha filha, Lara... Mas não vou ficar com alguém sem confiar. Não vai ser bom pra ela desse jeito.

– Entendo, amiga... Entendo perfeitamente. Você está certa. Não adianta prosseguir sem confiança – falei, só que as palavras pareciam estar direcionadas a nós duas. Acabei ficando mais triste do que já estava.

Cláudia soltou um longo suspiro e retirou uma caixa de lençinhos de dentro de uma bolsa diminuta. Ofereceu-me um, e só então percebi que também me debulhava em lágrimas. Aceitei e agradei. Ficamos feito duas idiotas enxugando lágrimas que demoraram séculos para secar.

– Agora é bola pra frente... – disse Cláudia por fim, forçando um sorriso. Acabei fazendo o mesmo.

É... bola pra frente, Lara. Não deu pra você dessa vez, mas não perca a fé. Nem tudo que reluz é ouro. O amor pode ser tão passageiro quanto uma brisa de verão. Ou talvez algumas pessoas não tenham nascido para o amor.

Observei a Amande e o Caleb, que tiravam fotos maravilhosas na beira da praia. Estavam

felizes, sorridentes, apaixonados... Combinavam com a música que tocava:

“Vem me fazer feliz porque eu te amo...”

Você desagua em mim e eu oceano...”

É, talvez o amor de verdade fosse para poucos. Ainda bem, pois se algo tão bom servisse para todo mundo, certamente perderia a graça. Tudo o que é comum perde a importância.

“Esqueço que amar é quase uma dor...”

Quase? Tá brincando, Djavan... Isso dói pra cacete.

– Eu beijei o Henrique.

Se o carro não tivesse atrás de mim eu teria caído no chão numa boa. Minhas pernas falharam depois da confissão da Cláudia, de modo que precisei buscar equilíbrio.

– Como? Quando? Onde? – berrei, recuperando-me. Meus olhos deviam estar do tamanho de dois ovos de avestruz.

– Sábado passado... Na despedida da Amande. – Ela nem se dignou a olhar para mim. Fitou a calçada e assim ficou.

– Conta essa história direito, Claudinha! Não acredito nisso!

– Nem eu.

– Conta, mulher de Deus! Vocês transaram? – gritei sem querer. Tapei minha boca com as duas mãos e olhamos ao redor. Não havia ninguém por perto.

– Fala baixo, sua doida! – Claudia finalmente saiu da posição de vítima e me encarou com severidade. – Foi na hora do karaokê. Fui ao banheiro lá em cima... Quando saí o Henrique estava lá. Veio com o papo de que queria conversar comigo.

– E... Puta merda! Não acredito que você transou com ele! – Gargalhei. – Puts!

– Não transei com ele, Lara, tá maluca? Foi só um beijo, que nem devia ter acontecido.

– Sobre o quê conversaram?

– O que acha? Claro que não falamos merda alguma!

Credo!

– Foi assim, pei-pum? “Precisamos conversar”, daí vocês se beijaram como animais?

– Mais ou menos isso. Teve uma encarada antes.

Comecei a rir sem pausas, mas Cláudia ainda estava séria. Aquilo a assustava, e eu não devia estar rindo, mas... Era inacreditável! Simplesmente isso. Jamais imaginaria uma coisa daquelas.

– E depois do beijo?

– Nada. Saí correndo como se fosse B.V. e tivesse acabado de dar meu primeiro beijo.

Gargalhei.

– Incrível!

– Não ria, Larinha! Não tem graça! – Cláudia me empurrou de leve, mas acabou rindo um pouco também.

– Foi um beijo tipo selinho? Ou foi um beijão bem grandão? – a curiosidade falava mais alto. O meu lema é: detalhes sempre!

– Pra quê quer saber?

– Affê, amiga, desembucha!

Cláudia prendeu os lábios e fez uma careta.

– Um beijo do tamanho do mundo...

Soltei nova gargalhada.

– A gente saiu se imprensando nas paredes... Coisa de novela. Ele abriu a porta do meu quarto e me jogou na cama... Chegou até a tirar a camisa.

Levei uma mão à boca.

– Meu Deus! – parei de rir imediatamente. A coisa foi séria!

– E então saí correndo.

Perdi a fala. Fiquei abismada, olhando para a Cláudia com olhos esbugalhados. Ela me também me observava, mas seus olhos verdes não mostraram surpresa. Apenas desespero.

– E agora? – sussurrei.

– E agora nada. Acabou aí.

– Ele ainda está na sua. Não finja que não está acontecendo nada. O cara fica te olhando o tempo todo!

– Problema dele... Não posso fazer nada.

– Não está nem um pouco a fim?

– Lara... Acabei de me separar. Não estou nem um pouco a fim de ter nada com ninguém. Não quero saber de homem nem tão cedo!

– Então por que o beijou?

– Porque no momento eu quis! Olha, vamos voltar pra festa. Fernando está te procurando.

Olhei ao redor. Fernando estava mesmo nos observando de longe, perto do altar. Ainda mantinha a expressão séria, impassível. Sua indiferença me fez suspirar alto.

– Pode ir, vou ficar aqui.

Cláudia deu de ombros e foi caminhando na direção da nossa mesa. Passou por vários convidados, inclusive pelo Henrique. Ele se afastou um pouco do Marcelo e segurou as mãos dela antes que passasse direto. Vi quando minha amiga parou e sorriu um pouco, totalmente envergonhada. Iniciaram uma conversa.

Balancei a cabeça negativamente. Que vida louca!

– O que você tem? – Levei um susto quando o Fernando se materializou bem na minha frente.

Ai, como estava lindo! O charme em pessoa. Os cabelos longos pareciam destoantes diante do terno, mas na verdade se completaram de uma forma divina. Era como se fosse a cereja do bolo. Seus olhos estavam totalmente cor-de-mel por causa do sol... Uma coisa linda, de tirar o fôlego. Mas não era só isso. Por trás daquele homem lindo existia o meu melhor amigo. Existia uma pessoa mais do que especial.

Suspirei, tomando coragem para ser enxotada. Contudo, a verdade é que nunca teria coragem o bastante. Eu o amo. Muito. Daria qualquer coisa para não perdê-lo. Faria qualquer coisa. Qualquer coisa...

– Nada – respondi debilmente.

– Cláudia está bem? – sua pergunta me deixou irritada. Por que não perguntou se *eu* estava bem? Cláudia era mais importante?

– Vai ficar.

Simplesmente saí andando na direção dos toldos, deixando-o para trás. Fernando não me seguiu. Só isso foi o bastante para que o meu mundo desmoronasse. Acabei passando direto por todo mundo e seguindo pela praia.

Só queria ficar o mais longe possível.

Percorri longos metros, com lágrimas nos olhos, até perceber o quanto estava sendo idiota. Se

eu não queria perdê-lo, por que raios estava me afastando? Por que não tentava conversar? Resolver a situação da melhor forma possível?

Eu estava me fazendo de vítima de novo. Lara, a gordinha coitadinha. Já dava o caso por encerrado como se fosse algo natural ser rejeitada. Como se não merecesse uma explicação. Mas eu mereço. Afinal, Fernando estava comigo. Era o *meu* namorado. Quase um ano de namoro.

O ano mais feliz da minha vida.

Parei de repente e me virei para trás, pronta para encará-lo de frente. E não é que acabei o encarando mesmo? Fernando estava bem atrás de mim, de modo que meu rosto bateu com força na altura do seu peito. Vou te dizer... doeu.

– Ai! – Fernando me afastou um pouco e se curvou para me olhar de perto. Segurou meu rosto entre suas mãos grandes.

– O que você tem, Lara? Por que saiu correndo?

– Não tenho nada, Fernando, mas quero saber o que *você* tem! Por que está agindo assim? Não consigo entender! Se quer acabar nosso namoro, por que não acaba logo?

Ele piscou os olhos umas trezentas vezes e fez uma cara de quem comeu e não gostou. Confesso que me irritou muito.

Fernando ficou tanto tempo calado que simplesmente explodi.

– Por que está me ignorando tanto? Parece distante, em outro Planeta... Fica viajando na maionese e não me dá atenção. Saí da mesa e você nem notou! Fernando... Se não me quer mais, diga logo, por fa...

Ele balançou a cabeça e grudou seus lábios nos meus com força exagerada. Sua língua invadiu a minha boca como um furacão, arrancando qualquer pensamento ruim da minha cabeça. Nem tive tempo de raciocinar direito; o beijo acabou muito depressa.

Fernando ainda mantinha suas mãos nas laterais do meu rosto.

– Cala a boca, Lara. Eu te quero tanto que vou morrer se não te ter hoje.

Meus olhos ficaram instantaneamente marejados. Fernando dizia a verdade. Podia reconhecê-la dentro do seu olhar, pois havia aprendido a identificar tudo o que sentia através deles.

– O que está acontecendo contigo, meu amor? – murmurei a pergunta, começando a chorar. Puxei uma mexa do seu cabelo, fazendo seu rosto ficar mais próximo do meu. – Faz... Sei lá... duas semanas que me evita!

Fernando se curvou para trás, distanciando-se. Do nada, começou a folgar a gravata e a abrir os botões da camisa.

– O que...

– Você vai ver. Preste atenção.

Ele foi, aos poucos, deixando seu peitoral definido à mostra. Suas tatuagens ressurgiram, uma a uma, até que terminou de abrir todos os botões. Puxou a lateral esquerda da camisa para o lado, exibindo-se. Fiquei olhando sem entender.

O que ele queria com aquilo?

– Preste atenção... Você conhece todas.

Observei seu corpo, chegando mais perto. Foi então que eu vi. Havia uma tatuagem a mais. Logo abaixo da rosa que eu amava, bem em cima de onde achei estar seu coração, havia um desenho surreal de um olho. Ele era lindo, todo trabalhado e rico em detalhes. Porém o que mais chamou a minha atenção foi o que tinha escrito dentro dele, bem na íris.

Era o meu nome.

– O... Como... teve coragem de... é o meu nome aí... – balbuciei pateticamente, achando que um buraco se abriria na areia e eu cairia com tudo. Acho que a gravidade decidiu funcionar de vez pra mim. Fernando precisou me segurar para que eu não caísse.

– Essa tatuagem significa que eu só tenho olhos para você. Ouviu bem, Lara? Eu te amo. Nunca mais pense besteiras sobre mim.

– De... Desculpa... Mas é que... Vo-você estava...

– Fiz essa tatuagem como prova do meu amor por você. – Seus olhos prendiam os meus como correntes grossas. Era impossível escapar. Ainda estava pasma, meu coração batia tão rápido que podia senti-lo vibrando dentro de mim. – Precisava de que você tivesse certeza do que sinto, Lara. Sem dúvidas. Queria que você me respondesse sem medo.

Não entendi direito o que ele queria, mas aquiesci. Ainda não acreditava naquilo tudo. Fernando tinha me marcado para sempre em seu peito? É isso mesmo, produção? Eu, a gordinha coitadinha, estava marcada no coração daquele homem lindo, maravilhoso, perfeito?

Comecei a chorar, soluçando e sacudindo os ombros. Fernando alisou o meu queixo e enfiou uma mão no bolso da calça. Retirou um objeto e me entregou; fiquei surpresa quando vi que tinha o formato de um botão de rosa. O tecido era bom de pegar. Parecia camurça. A cor também era interessante: vermelho vivo.

– Abra... – ele murmurou baixinho.

Utilizei as duas mãos para separar o botão de rosa em duas partes. Dentro dele, um anel prateado com uma pedrinha linda em formato de coração. Uma peça muito singela e meiga. Devia ter sido cara.

– Lara... – Fernando parou e fechou os olhos. Reabriu-os e concluiu: – Casa comigo?

44º Capítulo – Por Jéssica

– Claro que sim! – respondi com animação. João gargalhou, deixando seus dentes brancos e enfileirados à mostra. O contorno de seus lábios grossos fez meu corpo se esquentar na mesma hora. Foi rapidão! Impossível não pensar em como ele era bom com aquela boca. – E você?

– Com certeza. É uma experiência e tanto... – sorriu maliciosamente. Ah, meu negão, você é mesmo de tirar o chapéu... Tô sempre fácil pra você! Ainda mais me olhando desse jeito depois de confirmar que já transou na beira da praia. Eu quero!

João vai me matar de tanto orgasmo algum dia. Sua pegada é intensa... quente. Dou o melhor de mim quando transamos, busco ser tão genial quanto ele. Qual é? Não admito ficar por baixo. Sou uma profissional. Sei que ele também é, mas enfim... Cada um faz a sua parte. A minha deixa que eu faço!

É bom demais estar com alguém que sabe fazer. Morro de tanto tesão! Noventa por cento dos meus clientes são um saco. Odeio sexo monótono. Não há nada mais chato do que ficar gemendo para o nada, sem sentir uma cosquinha sequer. Mas o João... Meu pai eterno, João é uma COISA!

Adoro!

Olhei para o lado direito da praia, verificando se havia possibilidade de acontecer uma nova experiência sexual por perto. A alguns metros, quando a areia da praia tinha fim, havia uma área coberta por uma vegetação vasta, bem como por enormes coqueiros, que balançavam com a brisa marítima. Perfeito. Seria ali mesmo. Aquele deus do ébano topa tudo; somos iguais. Não existe hora e nem lugar para transar. Nossa química é explosiva, fatal, portanto permitia a flexibilidade.

Estava prestes a lhe fazer uma proposta mais do que indecente quando, vinda de lugar algum, uma mão apareceu bem na minha fuça. Um anel prateado com uma pedrinha brilhante em forma de coração chamou a minha atenção. Por um segundo, esqueci-me completamente do sexo.

– Não é lindo? – ouvi a Lara berrar de um jeito mais empolgado impossível. Eu não a observei porque fiquei namorando o anel. Quase larguei tudo para ter um relacionamento sério com ele.

– Perfeito! – gritei. – Não vai me dizer que... – Finalmente a encarei. Lara estava com o rosto todo vermelho e os olhos inchados.

– Ele fez o pedido! Eu disse sim! Vamos nos casar! – gritou, dando pulinhos. Levantei-me e a abracei. Ficamos pulando juntas, soltando gritos de mulherzinha.

Para que eu risse como uma louca não precisava nem de motivos. Imagina só quando eu tinha um forte? Encontrei o Fernando ao nosso lado, sorrindo de orelha a orelha enquanto observava nossa cena. Acabei o abraçando também, aproveitando a deixa para puxar seu cabelo para trás. Sempre quis fazer aquilo, era um desejo enrustido. Eu não podia morrer sem tê-lo realizado.

Agora falando sério: eu sou demais, minha gente! Um ano se passou e a despedida que eu – euzinha, euzoca, eu, eeeeu – organizei ainda gerava frutos. Devia ser considerada uma santa miraculosa. Faço milagres impossíveis; não é qualquer um que consegue arrancar a neurose da Amande e desencalhar a Lara em uma só tacada.

A reza tem que ser braba, não é brinquedo não!

Sem contar que eu tinha arranjado ótimas transas para a Fabiana. A garota estava feliz da vida por ter se reencontrado com o Edu. Agora que ele parecia fazer parte do nosso mais novo círculo de

amizades... Sei não, viu? Tudo pode acontecer! Se fosse ela não desperdiçava o bofe nem a pau. O cara é uma figura divina.

Já a Paloma... Ah, a Paloma deixa pra lá. Ela andava me evitando mais do que o normal; sei muito bem quais são os seus motivos, embora finja que não. Sinto muito, porém não estou a fim de ajudá-la nessa história. Não vou deixar de ser sua amiga só porque inventou de gostar de mim. Paloma precisa superar.

E pelo visto estava conseguindo...

Percebi isso quando Lara foi correndo até ela – que conversava intimamente com o Marcelo perto da mesa de doces. Assim que Larinha mostrou o anel, Paloma a abraçou fortemente e sorriu de um jeito lindo que só ela faz. Os olhos puxados ficaram fininhos e duas barrocas apareceram nas bochechas.

Aos poucos, a festa inteira foi tomando consciência daquele inusitado noivado. Choveram felicitações à Lara e ao Fernando. Amande e Caleb finalmente se viram livres das fotografias e começaram a curtir a festa. A felicidade estampada em seus rostos foi ampliada drasticamente depois que souberam da novidade. Caleb chamou os rapazes e, juntos, começaram a beber uma garrafa de whisky doze anos.

Marcelo e Paloma ainda conversavam. Fiquei os observando enquanto bebia o delicioso vinho branco que estava sendo servido. Acho que o garçom estava me paquerando, pois minha taça jamais chegou a ficar vazia. Lara e Amande começaram a falar sobre casamentos – um assunto que eu tanto amava quanto detestava. Quero dizer, eu adoro festas. Só não gosto da ideia de casar. Mas cada um é cada um, não tenho culpa se tem gente que prefere dar pra uma pessoa só pelo resto da vida!

Claudinha andava para lá e para cá, atendendo às necessidades da Gabriela. Henrique ainda a observava. Coitado. Se eu fosse ele saía dessa. Sei bem que a Cláudia ama o Renato, por mais brigados que estivessem.

– Ficou caladinha, gata – João murmurou no meu ouvido depois que se lembrou de que eu ainda existia. Havia engrenado numa conversa com os rapazes sobre sei lá o quê.

– É... É estranho, viu? – comentei, ainda olhando a Paloma e o Marcelo.

– O quê?

– Nada não.

Dei mais um gole no meu vinho. Gente, o mundo começava a girar um pouquinho, mas a sensação era gostosa. Adorava ficar daquele jeito meio alegrinha pela bebida. Sentia-me muito mais leve.

A banda começou a tocar músicas dançantes e, claro, não pude perder a oportunidade. Lara e Amande toparam dançar – Amande dançando? Pasmes, isso agora acontece! – e passamos horas bebendo, cantando e nos divertindo como nunca. Ambas estavam tão felizes que acabaram ficando loucas como eu. Muitos convidados também dançavam e curtiam, fazendo do clima algo que beirava o fantástico.

Quando estava curvando o meu corpo para contracenar um passo estilo “É o Tchan!”, vi o exato momento em que o Marcelo puxou a Paloma e a beijou. Fiquei parada, só observando. Devo ter feito uma cara não muito bonita, pois a Amande se juntou a mim e ficou observando também.

– Que esquisito! – comentei, pegando uma taça nova na bandeja de um garçom que servia quem estava dançando. – Ela não era lésbica?

– É... Vai saber. Pelo visto encontrou alguém especial, que a mereça.

Encarei a Amande. Ela sorriu de um jeito meio irônico. Por um momento achei que soubesse que a Paloma gostava de mim. Bom... Falei certo: gostava. Acho que ficou no passado. Aquele beijo de desentupidor de pia não negava.

– Abra suas asaaaas, solte suas feraas... – Fabiana se aproximou cantando. Agarrou-nos cada uma em um braço e fez uma dancinha perturbada. Acho que já estava bêbada. – Caia na gandaia! Entre nessa festaaaaa... Me leve com vocêêêê...

Fala sério. Livrei-me daquilo tudo na primeira oportunidade que apareceu. Sem saber o que fazer – mas sabendo que algo devia ser feito – caminhei até onde Marcelo e Paloma se beijavam. Eles notaram minha aproximação e se afastaram devagar. Paloma sorria, mas parou quando viu quem se aproximava.

– O que está acontecendo? – perguntei alto demais. Minha voz saiu meio trôpega. Ah, não acredito! O vinho finalmente tinha me pegado sem que eu percebesse.

– O quê? – Paloma fechou a cara. Marcelo ficou me olhando tranquilamente.

– Você sabia que ela é lésbica? – perguntei a ele. Vai que o cara nem tinha ideia de que a Paloma não gostava da testosterona.

– Hum... – Marcelo pensou um pouco. Ia responder alguma coisa, mas a Paloma interferiu.

– Deixe de ser ridícula, Jéssica.

– Eu? Ridícula? Olha pra você.

Ela prendeu os lábios e, imediatamente, lágrimas se formaram em seus olhinhos.

– Jéssica, relaxa, está bem? – Marcelo segurou meu braço, mas me soltei, ainda encarando a Paloma.

– Da fruta que você gosta ela come até o caroço! – Tá, falei alto demais. Falei tão alto que Amande apareceu do nada e me puxou pelo braço. Antes que meu corpo se permitisse ser deixado levar, Paloma disse:

– Não há nenhuma lei que me proíba de ficar com quem eu quero.

Meu cérebro gritou bem alto: você não quer ficar com ele!

Amande disfarçou, fingindo que estava me levando para tomar um ar, pois eu tinha exagerado na bebida. Sentamos na segunda fileira das cadeiras do toldo maior, o que tinha o altar.

– O que deu em você, Jéssica, tá maluca? – Amande sempre aparecia para fazer a reconciliação, não importando se vestia pijamas ou um vestido de noiva. Era sua função primordial no nosso grupinho.

E eu sempre me sentia uma idiota com os seus sermões.

– Bah, deixa quieto. Quem sou eu pra entender o fato de uma lésbica estar ficando com um homem. Eu, hein? Olha, Amande, nossa amiga está ficando doida.

– Você não tem nada a ver com as decisões dela.

– Exatamente. Já entendi, fique tranquila – levantei-me da cadeira. – Vamos, não quero perder um segundo da sua festa, amiga! Está tudo muito lindo!

Ela sorriu e me acompanhou de volta para os toldos circulares. Desisti de dançar. Sentei-me na cadeira ao lado do João e arranjei outra taça de vinho em dois tempos. Só então percebi que estava escurecendo.

Depois de longos minutos sendo ignorada, senti uma coisa remexendo o meu vestido vermelho. Olhei para baixo e encontrei a Gabriela.

– Tia Jess, cadê a mamãe?

– Sua mãe... – Olhei ao redor, tentando localizá-la. Encontrei-a conversando com o Henrique perto de onde a Paloma estava beijando... Enfim, por ali. – Eu te levo lá, Gabi.

Segurei sua mãozinha infantil e fomos andando até a Cláudia. Minha amiga ficou super envergonhada quando viu a filha. Parecia que estava fazendo algo de muito errado, do tipo cometendo um assassinato brutal. Nem sei se achei engraçado ou senti pena. Era um pouco dos dois.

Ela segurou a Gabi no colo e deu alguns passos para trás, mas o Henrique se aproximou e brincou com o queixo pequeno da criança.

– Ei, sabia que você é linda que nem a sua mãe?

Gabriela ficou super tímida, mas sorriu. Cláudia quase teve um piripaque; sua cara de mosca morta só fazia piorar. A minha pena ia diminuindo e dando lugar à graça.

– Quem é esse, mamãe? – perguntou a menina com sua voz infantil. Tão lindinha!

– É... É...

– Meu nome é Henrique. O seu é Gabriela, não é?

Ela balançou a cabeça afirmativamente, encarando o Henrique com curiosidade.

– Quantos anos você tem, Gabi? Posso te chamar de Gabi? – Henrique estava mesmo insistindo com aquilo. Fiquei apenas ali, observando na maior cara de pau para ver até onde ele iria.

Adoro ver o circo pegar fogo!

– Sete. E você?

– Eu? – Ele soltou uma risadinha bem fofa. Que anjinho mais lindo, viu? Pegava fácil! – Vinte e nove.

– É um montão de idade! – Gabriela abriu os braços e riu. Henrique a acompanhou. Até eu ri, mas a Cláudia olhava para mim como se pedisse socorro. Mas o que eu podia fazer? Foi ela quem começou a dar mole pro bofe, agora aguente!

– Você gosta de conchas? Colhi um monte, mas enterrei num lugar secreto! Quer ver? – Acho que a Gabriela gostou dele.

– Não, filha, não... – Cláudia foi se afastando devagar, carregando-a junto.

– Adoraria ver as conchas! – Henrique insistiu.

Meu pai celeste! Segurei uma gargalhada.

– Deixa, mamãe, deixa! Está pertinho! Logo ali!

Henrique encarava a Cláudia como se implorasse. Impossível resistir, o cara era muito bonitinho, gente! Aliás, aqueles homens que entraram nas nossas vidas eram uns espetáculos! Mas não podia ser pra menos, né? Eles são os melhores no que fazem. Ou no que faziam...

– Ela vai deixar sim, Gabi! – dei uma de intrometida e peguei a Gabriela no braço. Não demorei nem um segundo para entregá-la ao Henrique. A garotinha foi numa boa e já começou a falar um monte de curiosidades sobre conchas que tinha assistido no *Disney Channel*. Henrique a levou para onde seu dedinho pequeno apontava.

Cláudia me olhou como se fosse me matar. Juro que temi pela minha própria vida.

– Você pirou de vez, Jéssica! Eu mal conheço o cara, como pode entregar a minha filha assim pra ele?

– Relaxa aí, amiga. Você sabe muito bem que o Henrique é um cara legal. O que tem de mais?

Cláudia me puxou pelo braço e foi seguindo para fora do toldo. Fiquei assustada quando percebi que já tinha escurecido. Como o tempo passava rápido!

– Ele está fazendo de propósito! – ela falou confidencialmente. – Não vê que o Henrique só

quer me comer?

– Sei não, hein? Se ele só quisesse te comer não faria questão de ser agradável com a sua filha.

Joguei meus cabelos para um lado e abaixei mais a barra do meu vestido. Ele era todo justinho e curto; precisava ter cuidado para não me exhibir demais, embora soubesse, no fundo, que era impossível não chamar atenção com ele. Mas meu bem, eu sou assim. Adoro aparecer!

Acho que Cláudia se irritou comigo, pois foi embora e me deixou bem ali, plantada como um dos coqueiros adiante. Affe! O que eu fiz de mais? Parece que todo mundo resolveu ficar contra mim.

O mesmo garçom que estava me servindo na mesa se aproximou e me ofereceu uma taça de vinho. Ahá, ele estava mesmo me paquerando! Não disse? Que ótimo! Sua presença foi providencial, pois tudo o que eu mais queria se resumia a uma taça de vinho e, quem sabe, uma longa noite de sexo com o João.

Procurei por ele com o olhar, mas não achei. Ele não estava mais na nossa mesa.

– Hunft...

Cruzei os braços e fiquei ali, bebericando sem perder a pose. O clima estava começando a esfriar muito. Tinha me esquecido de trazer um casaco, precisava beber mais se não quisesse passar frio. O mar estava escuro e muito calmo, totalmente diferente de mim. Sou colorida – devo ser pintada de alguma tinta berrante, tipo verde-limão – e agitada.

A banda terminou de tocar do nada. A prima da Cláudia tomou lugar no palco e começou a cantar músicas melodramáticas com seu violão. Casaizinhos apaixonados apareceram por todo lugar, iniciando danças tão lentas quanto um idoso de noventa e oito anos.

Medíocre!

O garçom veio pelo menos umas três vezes só para encher a minha taça. Na última ele encheu duas vezes seguidas, pois acabei virando tudo em menos de cinco segundos. Ele riu, mas não reclamou. E que não reclamasse mesmo, pois eu estava curtindo a minha solidão em paz.

Epa! Espera aí! Solidão? Nada disso, meu bem, solidão é algo que não me alcança de modo algum!

Procurei o João com o olhar de novo, mas nada dele.

– Cadê o infeliz? – perguntei a mim mesma, decidida a procurá-lo. Entretanto, antes que desse o primeiro passo, tropecei no chão com tudo. Acho que ninguém viu, pois me levantei e tirei a areia das mãos sem que ninguém tivesse começado a rir.

Ainda bem.

O mundo estava girando mais rápido do que o normal. Tentei dar alguns passos, mas quase caí de novo. Ai, ai, acho que exagerei.

Sem querer, olhei na direção do último lugar onde tinha visto o Marcelo e a Paloma. Ele estava se afastando devagar e dando “tchauzinho” com a mão. Ela fez o mesmo gesto e sorriu. Depois, virou o rosto para mim. Parou de sorrir imediatamente.

Gente... Não sei o que me deu! Não sei mesmo. Alguma coisa muito louca aconteceu com o meu pouco juízo e, quando menos percebi, já estava correndo para os coqueiros feito um ladrão que foge da polícia. Corri muito, agradecendo por estar usando uma sandália de tiras muito resistentes.

Parei entre dois coqueiros, ofegante. Fiquei um tempão tentando respirar e, quando finalmente consegui, comecei a rir de mim mesma. Que massa! Eu estava completamente piradona, lelê da cuca. Uhul!

Abri os braços e dei uma volta em torno de mim mesma. Quase caí, mas alguma coisa me

segurou. Era a Paloma.

– Você está bêbada – sua expressão era impassível.

– Você diz que é lésbica, fica com um cara e eu que sou a bêbada? – gargalhei.

Paloma fez uma careta bem feia. Ri mais ainda. Coitadinha. Pensa que caio na dela. Sei perfeitamente o que tentou fazer: causar ciúmes em mim. Mas isso não funciona, meu bem. Não mesmo. Sou um ser livre, feito para voar. Não tenho raízes. Também não tenho por que me prender a alguém ou a alguma coisa.

– Eu quis ficar com ele, e daí, Jéssica? Gosto dele!

Parei de rir tão rápido quanto você possa dizer quanto é um mais um. Tá brincando? Gosta dele? Não me faça rir, né? Que piada boa!

Forcei-me a gargalhar daquela piada, mas não consegui. Uma merda. Apenas a encarei seriamente. Paloma estava muito bonita, trajando um vestidinho lilás esvoaçante. Os cabelos negros e soltos estavam mais naturais possíveis. A boca pequena parecia desenhada pelos deuses e, gente... Deu vontade. Deu até tesão, juro.

Aquele meu lado que gostava de ficar com mulheres se revirou no meu estômago. Um alerta piscou e então era questão de honra. Não passo vontade, sinto muito. Não fazer o que eu quero é a pior coisa do mundo para mim. Eu faço exatamente o que quero, fodam-se as consequências.

Foi por isso que arrastei a Paloma até imprensa-la em um coqueiro. Ela me olhou assustada, mas se deixou levar como se eu tivesse todo o controle sobre o seu corpo. Ui... Adoro controlar!

Fiz a expressão mais sensual que consegui. Vi seus lábios tremerem e os olhinhos piscarem muitas vezes, mas em nenhum momento ela recuou. Era isso o que eu esperava. Paloma precisava entender que não seria tão fácil assim me esquecer. Eu sou inesquecível, dá licença?

Sei que ela ia falar alguma coisa estúpida – como sempre fazia –, mas a calei antes que se pronunciasse.

Calei a sua boca com a minha.

45º Capítulo

1 ano, 3 meses e 3 dias...

Não via a hora de estar sozinho com a Amande, porém confesso que a festa estava tão boa que uma parte de mim não queria que acabasse tão cedo. Os rapazes e eu já estávamos terminando de derrubar a segunda garrafa de whisky. Fernando estava tão empolgado quanto eu; o noivado com a Lara era algo sobre o que conversávamos há algum tempo. Sempre lhe incentivei, e quando sugeri que fizesse no dia do meu casamento, ele finalmente resolveu correr atrás do que tanto almejava.

A ideia da tatuagem foi dele. Com aquela parte eu não concordava – tatuagem é algo sério e definitivo demais –, porém acabei compreendendo que o Fernando tinha boas motivações para fazê-la. Entendi isso quando ele me perguntou se eu me arrependeria de tatuar o nome da Amande em mim.

Sendo assim, acabei apoiando sua decisão. Graças aos céus tudo havia dado certo. Meu amigo estava noivo e eu tinha acabado de me casar. Claro que a comemoração precisava corresponder à felicidade latente em nosso peito. Nunca imaginávamos que algo assim chegaria a acontecer, portanto nos sentimos os homens mais abençoados do Universo.

Bebemos tanto que não vimos as horas passarem. Os convidados começaram a ir embora quando a noite fez o clima esfriar consideravelmente. Quando Amande me informou que já eram quase dez da noite, deixamos a praia sob aplausos acalorados dos últimos convidados. O cerimonial recolheria tudo à meia-noite, portanto ainda tinha mais duas horas de festa para acontecer.

Entramos na limusine que nos levaria ao nosso destino. O motorista já nos aguardava. Não vimos sentido em colocar latinhas amarradas no pára-choque, mas o aviso de “recém-casados” estava rabiscado no vidro de trás, junto com um coração flechado. Clichê, mas muito bacana. É bom ser clichê às vezes.

Puxei Amande para mais perto de mim assim que entramos. A janela fechada oferecia privacidade por causa do vidro fumê. Até a janela que dividia a parte de trás e a cabine do motorista se encontrava fechada. Nem o motorista nem ninguém veriam o que acontecesse ali dentro. E é claro que eu estava disposto a fazer muitas coisas, mesmo tendo a eternidade diante de mim.

Mas o que significa a eternidade se não aproveitarmos cada pequena chance que a vida nos dá?

O feliz para sempre é feito de muitos segundos reunidos. Não é um bloco concreto em que apenas se deixa o tempo passar; o feliz para sempre se constitui por pequenas atitudes e simples momentos, cabe somente a nós aproveitá-los. Fazer por onde merecê-lo.

Foi por este motivo que fiz Amande sentar de frente em meu colo. Ergui o tecido do seu vestido de noiva até a cintura, deixando-a mais exposta para mim. Ela me olhou sob a meia iluminação do carro; todas as luzes estavam desligadas, mas os postes pelos quais passávamos oferecia alguns flashes de luz, fazendo com que pudéssemos nos observar tranquilamente.

Aqueles dois lagos negros me observaram ternamente. Era difícil definir o que eles diziam; uma parte, a mais safadinha, implorava para que eu os fizesse meus e a outra, a romântica incorrigível, gritava que me amava. Meu coração se acalmou quando compreendi que aqueles olhos me pertenceriam para sempre. O alívio que preencheu a minha alma foi tanto que, mesmo me sentindo embriagado, fiquei com os olhos marejados de emoção.

– Meu marido... – ela murmurou baixinho, deixando seu olhar ainda mais próximo ao meu. Nossos narizes se grudaram, e eu me senti meio vesgo por estar olhando a minha princesa tão de perto.

– Minha esposa... Só minha. Para sempre.

– Para sempre... – Amande balbuciou entre os meus lábios, fazendo as palavras se embaralharem um pouco. Beijou-me com tanta intensidade que agradei, mais uma vez, pelo posto de homem mais feliz do mundo.

Apertei suas pernas grossas, fazendo nossos corpos se juntarem ainda mais do que aquilo.

– Não vamos fazer isso aqui, vamos? – ela perguntou docemente, guiando seus lábios maravilhosos na direção do meu pescoço, instigando-me. – Estou meio bêbada.

– Eu também – admiti, e rimos juntos. O mundo meio que girava, mas com certeza daria conta do recado. Minha ereção já se encontrava pronta para ela há desde que se sentou em mim.

– Aliás, marido... Para onde estamos indo? Você não me contou.

– Não se preocupe. Estamos indo a um lugar muito especial... É onde quero muito estar. Espero que goste...

– Se você quer estar lá... É lá mesmo que quero estar.

Amande sorriu lindamente. Beije-i-a mais uma vez, ainda indeciso. Meu corpo estava topando tudo, inclusive uma experiência naquela limusine, mas a minha cabeça meio chapada estava em dúvidas. Algum mecanismo do meu corpo dizia que era arriscado e loucura demais.

Como se ouvisse os meus pensamentos, Amande começou a se contorcer um pouco em cima de mim. Balançou seu quadril de leve, provocando ainda mais a minha ereção. Sua calcinha se esfregou várias vezes na minha calça. Maldita!

Nossa lua de mel havia começado há uma semana, na despedida de solteira. Desde então não tinha um dia em que não nos amássemos como loucos. Nosso apetite estava em alta, nunca vi Amande tão disposta. Contudo, nossa lua de mel de verdade seria iniciada naquela noite. Não sabia se Amande iria gostar da minha ideia para a primeira noite, mas não consegui pensar em uma parte do mundo que fosse mais especial do que a que escolhi.

No dia seguinte acordaríamos cedo e seguiríamos ao aeroporto. Nossa viagem duraria duas semanas – o máximo que conseguiríamos nos afastar, pois meu estúdio e a loja dela estavam uma loucura. Não conseguimos grana suficiente para fazer a viagem à Europa. Amande se recusou a aceitar o dinheiro que eu havia ganhado em sua despedida de solteira, alegando que, se aceitasse, seria como se ela tivesse vendido o corpo. Mas se eu aceitasse seria como se tivesse vendido o meu, e isso é uma coisa inadmissível para mim. Sendo assim, doamos toda a quantia a uma creche muito pobre.

Foi o melhor a ser feito.

O dinheiro da indenização dos processos que ganhamos também havia ajudado a quitar a Charlotte – soube depois que a Amande utilizou uma parte, mas nem foi tanto assim. Guardamos uma quantia para quitar algumas dívidas do casamento e um pedaço generoso serviu para reformarmos a loja dela. Sua clientela só fazia aumentar, e ela precisava de espaço. Decidimos que aquilo era mais importante do que uma viagem à Europa, afinal, com sua loja mais espaçosa, ela podia vender mais produtos e, conseqüentemente, ganhar mais dinheiro. E então poderíamos fazer a viagem em outra época.

Mas é claro que a nossa lua de mel não podia passar em branco, por isso seguiríamos para o

Rio de Janeiro, mais precisamente para Angra dos Reis. Amande não fazia ideia disso, pois avisei que queria surpreendê-la com a escolha. Pensei em irmos à Fernando de Noronha, mas me lembrei de que era para lá que ela iria com o... o outro cara que ela ia se casar. Quase dei esse vacilo.

Bom, o fato é que em Angra tem uma lancha nos esperando. Mas não é uma lancha qualquer; ela é enorme e tem cabine interna com sala, cozinha e uma suíte toda equipada. Aluguei-a por uma semana. Vamos ficar atracados em algum lugar perdido perto de uma das ilhas. Como não faço ideia de como se guia uma lancha – e não queria arriscar nossas vidas em uma viagem louca estilo “O Náufrago” –, um profissional irá nos acompanhar até o nosso porto e depois nos deixará, partindo numa embarcação menor. Haverá horários definidos para ele nos encontrar e guiar a lancha; vários passeios serão realizados para locais de mergulho e alguns restaurantes localizados nas ilhas. Também conheceríamos a vida noturna da região. Fui pesquisando e analisando tudo o que se podia ser feito em caso de emergência, mas, pelo que concluí, estaremos seguros. Afastados do mundo.

Será que dará certo? Não fazia ideia.

Essa brincadeira não custa barato, mas não se compara ao tour na Europa. Depois de Angra, preferi algo mais calmo. Não fazia ideia de onde ir, mas quis que fôssemos a algum lugar mais interiorano. Foi então que Minas Gerais veio na minha cabeça. Queria um lugar tranquilo e histórico, com montanhas e vales. Pensei logo em Ouro Preto. Sendo assim, nossa última semana vai ser dividida entre Ouro Preto, São João Del Rey e Tiradentes. Só espero que a Amande goste. Eu particularmente estava muito animado.

Amande começou a abrir o cinto da minha calça sem deixar de me beijar. Já estava tão excitado que não pensava mais se estávamos cometendo uma loucura ou não. Queria-a com urgência, naquele momento, trajando o belo vestido de noiva. Minhas mãos seguiram até a sua calcinha; alisei o que existia por ali, percebendo que uma parte do tecido estava molhada. Sem paciência – e aproveitando que o tecido era fininho – puxei-a com força.

Amande se contorceu e gemeu:

– Você não vai querer rasgar essa calcinha...

Encarei-a fixamente. No início fiquei sem entender, mas depois que decidi guiar minhas mãos pela parte de trás de sua calcinha, descobri por que a Amande havia dito aquilo: a maldita estava usando a calcinha sexy com o véu delicioso atrás.

Doses generosas de desejo fizeram meu corpo se esquentar na hora. Fiquei absolutamente fora de mim, sendo movido apenas pela luxúria. Acho que o álcool me ajudou a agir como um louco: empurrei a Amande para o banco comprido da limusine e a forcei a abrir as pernas. Mil camadas do tecido do seu vestido ficaram franzidas, todas levantadas.

A calcinha que eu tanto amava – e que fazia mais de um ano que Amande não vestia – estava exposta para mim. Consegui ver a parte mais escura, a que estava molhada. Coloquei meus dedos ali e balancei. Amande gemeu.

– Você é tão gostosa... Sempre pronta para mim.

Ela nada respondeu, continuou gemendo baixinho enquanto eu a incitava.

– Vou te foder todinha aqui mesmo, Amande. É isso o que eu sei que você quer.

Sem esperar respostas, terminei de abrir a minha calça. Deixei-me exposto rapidamente, meu sexo implorando para estar dentro dela. Afastei sua calcinha para o lado e esfreguei meu polegar em seu sexo, que estava quente, ensopado e bem depilado. Uma delícia só minha. Levei meu dedo à boca e suguei aquele manjar com vontade.

Amande respirava alto, mas só assistia. Abriu bem seus olhos grandes quando, voltando a afastar sua calcinha, fui a penetrando lentamente. Senti seu corpo ceder, envolver-me do modo perfeito como sempre fazia.

– Você é minha – murmurei assim que toda minha extensão encontrou espaço dentro dela. Amande se contorceu e fez uma careta meio sofrida. Meu tesão só aumentou.

Comecei a investir contra ela devagar, porém fazendo o choque dos nossos corpos ser bem intenso. Levei minhas mãos para a sua bunda deliciosa, que naquela posição meio que saía para fora do banco. Puxei o maldito véu.

– Não é? – busquei confirmação. Meu rosto estava transformado pelo desejo, podia sentir.

– Sim... Toda sua.

– Exatamente – rosnei, acelerando o ritmo da nossa entrega. A respiração da Amande acelerou drasticamente, bem como a minha. Ela se contorcia bastante, recebendo cada choque com vontade. Deixei o ritmo tão acelerado que nem sei como consegui. Mais uma vantagem do álcool.

Comecei a suar bastante dentro do terno, por isso o tirei, mas sem desacelerar. Amande tentava não gritar para não chamar a atenção do motorista, e isso parecia lhe causar dor insuportável. Desafoguei a gravata e tirei o colete. O calor só fazia aumentar.

Ela estava quase gozando: pude sentir porque seu sexo foi me expulsando lentamente, apertando-me até quase me deixar louco. Afastei minha ereção super rápido, disposto a desafiá-la. Amande se contorceu e protestou, mas apenas a observei, sabendo que minha expressão era quase selvagem.

Fechei suas pernas com força e retirei sua calcinha. Foi complicado removê-la – estávamos com tanta vontade que a urgência nos atrapalhou –, mas depois que saiu, coloquei-a no bolso da minha calça.

– Você vai vesti-la de novo ainda hoje, não se preocupe – alertei.

Amande soltou um gemidinho e ergueu as pernas, entrelaçando-as na minha cintura. Fui jogado para cima dela com esse movimento. Sorri torto.

– Quero você em mim – falou com a voz entrecortada pela respiração ofegante.

Curvando-me para trás, tornei a sentar no banco, mas trazendo a Amande comigo. Foi um ato louco, nem sei como conseguimos, mas não demorou muito para a maldita estar cavalgando em mim. Apertei-lhe a cintura – segurando o tecido do vestido – e impulsionei aquele movimento fantástico. Amande soltou um espasmo comprido e cerrou os olhos, curvando o corpo para trás. Ela estava me apertando de novo...

– Goza pra mim, princesa... – rosnei baixinho. Observei seu corpo convulsionar algumas vezes antes de ela finalmente me encarar e gritar meu nome. Ops, foi alto. Calei sua boca com a minha de imediato, impedindo-a de gemer. Amande gozou maravilhosamente.

Cheguei muito perto do clímax, mas alguma coisa o fez voltar. Acho que era o efeito do álcool. Bom, não importa. Quem estava com pressa?

Fiz a Amande se levantar um pouco e, dando um jeito de agarrar todo o seu vestido, fiz com que voltasse a se sentar em mim, só que de costas. Ela gemeu, mas se deixou levar tranquilamente, apoiando os pés no chão do veículo para tomar impulso. Começou a pular em cima de mim, enquanto eu tinha uma vista privilegiada da sua bunda se chocando contra a minha pele.

Fechei os olhos e apoiei a minha cabeça no encosto do banco de couro. Abri a minha boca, tentando buscar fôlego. O ar ali dentro ficava cada vez mais quente e difícil de ser respirado, embora

o ar-condicionado estivesse ligado. O calor dos nossos corpos o impedia de trabalhar como devia.

Depois de um tempo sem que conseguisse respirar direito, segurei Amande com força e a fiz parar. Movimentei meu quadril com velocidade, aumentando o ritmo da investida. Ela estava ainda mais escorregadia e receptiva devido ao recém-orgasmo, por isso meu sexo deslizava com perfeição.

Uma curva mais acentuada fez a limusine virar com tudo para a esquerda. Amande caiu para a direita, soltando um gemido assustado. Ela apoiou as mãos no banco para se proteger e terminou ficando de quatro, com sua bunda bem na minha cara. Sequer deixei que se mexesse; ajoelhei-me e comecei a estocá-la daquele modo mesmo. Puxava seu corpo com força na direção do meu sexo.

O êxtase apareceu para mim, mas me deu adeus sem sequer atravessar a porta. Isso aconteceu pelo menos umas quatrocentas vezes. Estava louco para gozar, mas aproveitei a minha incapacidade para continuar com a entrega.

O carro voltou a fazer uma curva, só que desta vez para o outro lado. Acabei caindo para trás com tudo, minhas costas meio que atingiram a porta lateral, mas se doeu, não senti. No último instante consegui puxar a Amande comigo, sem permitir que nos desencaixássemos. Fiquei mais tonto ainda com aquela confusão de movimentos, porém Amande – agora por cima e de costas – continuou investindo em mim.

Seus pés meio sujos de areia da praia estavam melecando o banco de couro da limusine, mas e daí? Ninguém estava se importando.

Depois de um tempo sem que eu ainda não conseguisse gozar, o carro fez nova curva, uma bem comprida. Amande nos desencaixou e se segurou mais para frente; daquela vez não foi pega desprevenida. Entretanto, decidi modificar a nossa posição. Ergui-me e fiz com que voltasse a ficar de quatro, só que apoiando suas mãos no encosto. Encaixei o meu corpo por trás dela, curvando-me completamente enquanto apoiava meus joelhos no banco.

Soquei-a com ferocidade. Depositei meu queixo no seu pescoço; através do vidro, assistimos a estrada ficar para trás muito depressa. Estava tudo escuro e não havia movimentação de veículos, portanto não tive a sensação de estar sendo observado – até porque, mesmo se houvesse tráfego, não seríamos vistos.

Levei os meus dedos ao ponto mais sensível da Amande. Ela já gemia baixinho, mas a frequência desses loucos gemidos aumentou com o meu estímulo. Em menos de dois minutos ela começou a apertar a minha ereção de novo. Foi a gota d'água.

Meu êxtase chegou com força total, como se estivesse se acumulando de propósito durante todo aquele tempo. Sendo assim, gozei como se gozasse umas cinco ou seis vezes ao mesmo tempo.

– Amande! – rosnei alto, e ela respondeu se contorcendo inteira. Encontrou sua própria liberação dois segundos mais tarde. Gemeu meu nome baixinho e deixou seu corpo tombar para trás.

Outra curva nos fez desencaixar; caí meio sem jeito, parcialmente deitado no banco. Minha respiração ofegante foi a única coisa que consegui ouvir por um bom tempo.

– Eu acho que estou melecando o vestido... – Amande também tentava recuperar o fôlego, mas estava sentada no banco. Seu vestido amarrotado já se encontrava na posição original.

– A gente dá um jeito.

– Cadê a minha calcinha?

– Você não vai tê-la agora. Vem cá... – Tornei a puxá-la para mim, permitindo que o seu peso fosse colocado inteiramente sobre o meu corpo.

– Por que somos tão loucos? – ela perguntou depois de um tempo. Eu estava quase dormindo.

O álcool meio que tinha saído em forma de suor, porém ainda estava meio tonto. E arrasado. Amande acabou comigo.

– Porque nos amamos.

Senti seus lábios encontrarem os meus num beijo acolhedor.

– Ok, Caleb Martins, para onde você está me levando, afinal?

– Verás em breve, Amande Duarte.

A viagem permitiu que a gente esfriasse aos pouquinhos. Quando a limusine nos deixou na garagem do nosso apartamento, já havíamos nos recuperado. Amande olhou sem entender quando percebeu que estávamos em casa. Pegamos o elevador em silêncio. Devia passar da meia-noite, por isso não fomos incomodados por nenhum vizinho no elevador.

Amande permaneceu calada até chegarmos ao hall de entrada do nosso andar. Acho que ficou decepcionada. Por um instante me puni mentalmente por não ter escolhido um lugar diferente, mas... Era questão de honra, para mim, estar ali.

Destranquei a porta e entrei, deixando Amande do lado de fora. Impedi que entrasse.

– Princesa... Desculpe não te levar a um lugar melhor, mas queria te ver vestida de noiva rente à essa porta de novo.

Amande sorriu de um jeito lindo.

– Da última vez que te vi assim prometi a mim mesmo que essa cena voltaria a acontecer. Você estaria vestida de noiva e... – Puxei-a com leveza, fazendo-a entrar. Fechei a porta atrás de nós. –... O noivo de verdade seria eu.

Amande ainda sorria. Dei-lhe um selinho estalado e a peguei no colo como uma criança. Ela soltou um gritinho que nos fez gargalhar.

– Prometi que o nosso próximo “enfim, sós...” seria do jeito que deve ser. Tendo você como a minha esposa.

– Você é mesmo um príncipe, meu lindo.

Saí carregando a Amande pelo corredor. Ela fez questão de entrelaçar seus braços no meu pescoço, exatamente como havia feito anteriormente. A sensação de nostalgia foi tão grande que não segurei a minha vontade de chorar. Acabei soltando um soluço sem querer, chamando a atenção dela. Seus lábios sugaram as minhas lágrimas, tal qual da outra vez.

Joguei-a em nossa cama, já depositando o meu corpo sobre o seu. Encarei-a fixamente. Amande tinha a expressão tão leve e serena que achei que ela fosse capaz de sair voando.

– Nem sei o que dizer... – admiti. Estava muito emocionado, e mil coisas se passavam pela minha mente. Nenhum pensamento vinha ordenado.

– Acho que um “eu te amo” resume tudo – ela falou docemente.

– É muito pouco...

– Não inventaram nada melhor.

– Na verdade inventaram algo muito bom... – respondi fazendo cara de safado. Amande riu.

– Ah, é? O quê?

– Vou te mostrar já já.

– Vai me responder fazendo amor? Eu gosto de palavras também.

Fiquei sério de repente.

– Não vamos fazer amor.

– Não? – Amande me olhou como se eu fosse louco. Franziu bastante a própria testa.

– Não. A partir de hoje, minha esposa, vamos fazer bebê.

Ela gargalhou alto.

– Caleb, a gente se casou hoje!

Permaneci muito sério.

– Por isso mesmo.

– Está com tanta pressa assim?

– Ah, princesa... Não paro de pensar na nossa princesinha – confessei. Amande mal sabia que eu já tinha comprado um par de sapatos de crochê cor-de-rosa. Devo ser louco mesmo...

Amande fez uma careta.

– Vai ser um príncipe. Com olhos azuis iguais aos seus.

– Não... Vai ser uma princesa, eu sinto isso. Bem aqui. – Ergui uma mão para tocar o lado esquerdo do meu peito. – E vai ter olhos escuros como os seus.

Amande me encarou por um longo tempo. Sabia o que estava fazendo: calculando todas as possibilidades. Conhecia muito bem sua expressão de mulher estrategista. Meu coração batia forte, e meu cérebro repetia sem parar: diz que sim, minha linda... Diz que sim, por favor!

Do nada, sua expressão se modificou.

– E se for um menino? – Agora ela estava preocupadíssima.

– Vou amá-lo de qualquer modo, Amande Duarte. Deixe de ser boba.

Ela fez biquinho.

– Eu quero um menino com olhos azuis! Vamos, você tem que ir com força para que o gene dos seus olhos me alcance!

Amande me beijou com selvageria, mas nosso beijo acabou se transformando numa gargalhada. Rimos muito do que ela disse. Demorou um bocado para recuperarmos a seriedade.

– Posso parar de tomar o anticoncepcional?

Aquiesci e sorri torto.

– Então... Vamos começar a fazer bebê?

– Você tomou o remédio hoje, não?

– Tomei... Mas a gente finge que não e faz bebê assim mesmo.

Beijei sua boca de leve.

– Boa ideia.

46º Capítulo – Por Fernando

1 ano, 7 meses e 11 dias depois...

Acredito que nunca vou deixar de ser quem eu sou. Não faço o estilo de gente que fica se convertendo, tipo virando evangélico sem mais nem menos ou deixando de curtir as coisas que sempre curtiu – sempre achei isso um saco. Jamais vou abandonar o rock'n roll. Está circulando nas minhas veias, junto com o meu sangue. Abandonei as drogas porque foi um lapso na minha vida; aquele drogadão perturbado estava longe de ser eu. Sabia que podia ser mais do que aquilo. Não costumo permanecer no erro, tive consciência de que estava seguindo um caminho errado e busquei coragem para fazer as coisas mudarem. Puts... O fato é que todos devem acreditar quando digo que terei eternamente o espírito de adolescente revoltado.

Nunca parei para pensar que crescer é tão difícil, mesmo que todos os dias isso fique mais evidente. Minha vida sempre foi fácil e descomplicada; nasci em uma família boa, sempre tive bons estudos – apesar de nunca ter me interessado por eles –, fiz boas viagens e meus pais me deram tudo o que quis, embora minhas necessidades se resumissem a um skate, um *ipod* – para sempre ouvir meus rocks – e uma graninha para fazer minhas tattoos. Meus pais nunca concordaram com elas, mas fizemos um acordo: ou tattoos ou piercings. Minha mãe disse que me mataria se eu andasse por aí cheio de piercing e que preferia um filho todo preto de tanta tatuagem a um com brincos pendurados.

Certo, estou viajando na maionese geral, mas é impossível não pensar na doideira que é a minha vida. Ou que foi. Sei lá, ainda acho que a doideira não teve fim. O que estava me acontecendo era muito louco, mas não tanto quanto o que passou. As drogas, a reabilitação, o envolvimento com a prostituição... Mesmo que tenham durado pouco tempo – ainda bem! –, com certeza renderam boas experiências. E, querendo ou não, bons frutos. Nada me tira a ideia de que meu destino estava direcionado a um dia de trabalho numa casa de praia, vendendo o meu corpo e, sem saber, deixando meu coração ser roubado até que ficou nas mãos de uma mulher.

Ela estava se aproximando devagar, e a sensação que eu tive foi de que o próprio ar que respiro ia embora a cada passo que dava ao meu encontro. Linda como sempre, puta merda! Era difícil me segurar ali em cima, pensei que seria mais descomplicado. Juro que deu muita vontade de chorar. Sei que ela devia estar se julgando naquele exato momento – sua carinha misturava emoção e desespero –, colocando defeito em tudo, mas eu realmente não conseguia ver nada de errado. A perfeição, na minha mente, se resumia a ela. Não importa o que a louca acha, eu a amo. Amo aquela mulher e todas as suas neuroses. Amo suas curvas, fico louco com cada detalhe que a pertence. Amo o jeito que ri, adoro quando começa a falar sobre seus papos cabeça. Gosto do seu cheiro, do modo como me toca, da sua capacidade de sempre me tirar do sério. De sempre mexer comigo.

Táí uma coisa que me mudou, mas que não me fez deixar de ser eu. Os acontecimentos da vida servem para nos somar, certo? O verdadeiro amor chegou para adicionar vida aos meus dias, e já não consigo imaginar como foi viver sem ter algo tão quente vibrando no meu peito. Aquilo está na minha alma como as minhas tatuagens estão na minha pele. Caramba... Eu só espero que dure tanto quanto.

Ao som da marcha nupcial – mais clichê impossível! – Lara finalmente se aproximou de mim. A partir do momento em que percebeu – como eu, acho que tinha viajado na maionese o percurso

inteiro –, seus olhos se arregalaram drasticamente. Vi seu desejo de gritar alto ser controlado, mas eu apenas sorri. O sogrão me deu um tapinha cúmplice nas costas. Curvei-me na direção dela, dei-lhe um beijo na testa e segurei sua mão, pronto para provar o sabor do que é ser um homem de verdade. Um cara responsável por uma vida – um alguém que depende de você, do seu bem-estar, do seu comportamento – e eu queria ser uma pessoa melhor. Por ela.

Como diz a música, "logo eu, que sempre achei legal ser tão errado...". Agora eu só queria ser certo.

Não foi conversão de personalidade. Foi amadurecimento.

– Bebê... Por que você cortou seu cabelo? – Lara murmurou bem baixinho, parecendo aflita. Olhei para ela de um jeito divertido. Caralho, como estava linda! Nunca vi noiva mais deslumbrante... Talvez achasse aquilo tudo porque era a *minha* noiva, mas a sensação de que Lara era a mais bela de todas não me saiu da cabeça.

O padre começou a falar um monte de coisa. Mano... Nunca fui religioso, mas fiz todas as aulas para noivos com dedicação. Até achei bacana aquela história de benção de Deus. Preciso evoluir muito para começar a crer em Sua existência, mas gosto da ideia de ter alguém olhando por nós. Não posso ser ingrato e fingir que não compreendi que o que aconteceu na minha vida foi uma obra maior, longe de pertencer ao acaso. Se foi Ele quem fez aquilo, então tem o meu respeito e minha eterna gratidão.

– Não acredito que fez isso... Por quê? – Lara insistiu, sussurrando. Seus cabelos estavam presos num penteado muito elegante. Um véu enorme saía deles. Cara, eu não entendo nada de vestidos de noiva, mas a minha futura esposa havia escolhido um modelo show de bola. Uma gata!

– Está na hora de crescer, Dalila... – murmurei, fazendo menção a história de Sansão e Dalila. Lara que tinha me contado, e na ocasião eu lhe disse que um homem apaixonado seria capaz de perder tudo por uma mulher.

Acho que ela não acreditou que os cabelos estavam incluídos nessa lista. Porém, diferente do Sansão, eu não havia perdido meus poderes depois de cortar o cabelo. Muito pelo contrário, sentia-me ainda mais forte e determinado.

Mas pô, já disse que não estou me convertendo; não quero ser um cara casado que para de malhar, fica careca e cria um barrigão de chope. Eu quero ser um marido sério e responsável, mas caretão... Ah, velho, isso nem morto! Quero andar de skate com os meus filhos ainda.

Lara sorriu do mesmo jeito que me deixou apaixonado. Eu já sabia, mas naquele instante tive certeza de que aquele sorriso era o meu paraíso particular, meu maior tesouro. Realmente não fazia ideia de que um simples sorriso pudesse significar tudo para mim algum dia.

Ela virou na direção do padre, lembrando-nos de que devíamos prestar atenção na cerimônia. Cara, juro que não entendi nada. Minha mente ficou tão viajada quanto quando eu usava êxtase. Tudo passou em câmera lenta – sabia que na igreja estavam prestes todos os nossos parentes, era gente pra caralho –, mas de uma hora para outra só havia Lara e eu.

A minha baixinha bem que tentou segurar a emoção na hora dos votos e da troca de alianças, mas começou a chorar como uma menininha mimada – é errado amá-la até quando chora? –, quase não terminando de repetir o que o padre dizia. Na minha vez foi mais tranquilo. Exceto que a minha voz saiu mais esquisita do que o meu novo corte de cabelo, entretanto pelo menos consegui prometer fidelidade e amor até o fim dos meus dias. Foi fácil prometer aquilo. Se eu não tivesse ideia da eternidade jamais teria tatuado o nome da minha agora esposa no peito.

Sei que parece uma doideira da porra casar aos vinte e cinco. O único amigo que não me chamou de louco foi o Caleb, e certamente porque ele ficou tão louco quanto eu. Mas velho, pra quê ficar curtindo com as minas por aí afora se encontrei a mina certa mais cedo do que esperei? O povo parece que é besta...

Beijei a boquinha linda da Lara quando o padre nos declarou marido e mulher. Meu coração começou a bater como um boxeador quando a ficha finalmente caiu. É isso aí... Eu sou um cara casado.

Ela segurou o meu cabelo novo durante o beijo. Puts, eu ia demorar a me acostumar com ele. Tudo bem que não ficou muito curto; estava na altura da minha nuca e completamente liso – todas as ondulações foram embora. Fiquei puto porque o idiota do cabeleireiro deixou franjas que não conseguiam se prender atrás da minha orelha. Aquela merda ficava no meu olho o tempo todo.

Enquanto a igreja nos aplaudia, Lara se afastou e disse suavemente:

– Você ficou tão... diferente.

– Isso é uma boa ou uma má notícia?

– É estranho te ver assim, mas... Percebi que você é lindo demais de qualquer forma. Aliás, acho até que consegui ficar mais lindo.

– Ainda bem que continuo lindo... Se não tivesse gostado eu teria que roubar a peruca de alguém.

Ela gargalhou, provocando o ruído mais gostoso que os meus ouvidos já puderam escutar.

Assinamos os documentos no altar. Claro que a Amande e o Caleb foram uma de nossas testemunhas. Os dois testemunharam cada segundo daquela louca história. Às vezes nem eu acreditava naquilo, parecia mentira. Só acreditava porque era eu quem estava contando.

Meus pais fizeram questão de bancar uma festa muito fodona. Lara ficou meio sem jeito por causa disso, mas eu lhe expliquei que eles podiam torrar grana – a coroa era médica e o coroa... também! – e que aquele avanço na minha vida significava muito para eles.

Eu estava feliz por lhes trazer orgulho depois de causar tanta decepção. Eles não têm certeza sobre a prostituição – que acabou virando apenas boato na família –, mas o lance com as drogas foi mesmo terrível. Um pesadelo que, com a ajuda da Lara, quero deixar no esquecimento.

Impressionante como todo mundo me parabenizou balançando o meu cabelo. Parecia um templo sagrado onde todo mundo precisava tocar para poder obter a salvação. Sempre tive um ciúme do cacete do meu cabelo, mas o corte exigiu que eu me desprendesse de tal forma que nem me importei. Só era chato ter que ficar colocando para trás, mas valeu a pena a economia no shampoo e nos mil produtos que vou ter que dar a Lara.

Além disso, eu definitivamente me transformei em um ser que não sente mais calor. Depois de tanto tempo a gente acostuma a conviver com os pelinhos da nuca sempre molhados no verão. Também vou ter que dar fim à minha coleção de elásticos, o que nem é tanta coisa assim, pois elásticos ganham vida própria e fogem para as montanhas quando não estamos olhando. Única explicação para que eles desapareçam do nada. Acho que estão se reunindo em alguma caverna no oriente, preparando uma invasão maciça. Só pode!

A festa aconteceu num salão enorme e podre de chique. Só consegui aproveitá-la depois de tirar todas as fotos, ter dançado a valsa e de passar por todas as frescurinhas que um bom casamento exige.

Sentei à mesa com a turma: Caleb, Edu, Marcelo, Henrique e o João, que já fazia um tempo que

estavam enchendo a cara. As garotas estavam empolgadas dançando na pista, e lá permaneceram.

– Quem diria, hein, cara? Apostei totalmente errado, pensei que nem pegaria a Lara! – Edu falou daquele seu jeito sarcástico de sempre.

Todo mundo riu.

– Eu devia ter feito uma aposta bem maior! – brincou o Henrique.

– Ainda não acredito que essa aposta existiu... – disse o Caleb.

– Nem eu – respondi tomando um gole generoso do whisky que me serviram. – Parece que não têm o que fazer. Ei... Vamos fazer uma aposta, Caleb?

– Qual?

– Aposto que o Edu vai se dar muito mal nesse lance com a Fabiana.

Todos da mesa olharam para ele. O sujeito ficou vermelho, parecia que estavam lhe queimando a bunda. Os caras racharam de rir.

– Que lance? – teve a cara de pau de perguntar.

– Todo mundo sabe que vocês vivem transando por aí, cara, não precisa esconder – Marcelo gargalhou.

Depois de tanto tempo, Edu ainda ficava naquele chove não molha com a Fabi. Ela parecia nem se estressar com aquilo; era como se o Edu fosse apenas uma espécie de diversão. Mas o modo como o cara olhava para ela nunca me enganou.

– Eu saio transando com todo mundo, Japa – justificou-se e bebeu mais um gole do whisky. Passou as mãos no cabelo logo em seguida.

– Mas ela é a garota, não? – Caleb perguntou, encarando-o com ar divertido.

– Claro que é, olha a cara dele! – apontou Henrique, e todo mundo riu. Edu continuou sério.

– A gente só sai.

– Só transa? – quis saber o João, instigando.

– Só.

– Mano, se você machucar a Fabi eu vou ficar puto contigo – Caleb alertou, ficando sério de repente.

– É, cara, nada a ver brincar com a mina – falei. Fabiana era legal e uma das melhores amigas da Lara e da Amande. Acho que era dever meu e do Caleb falar aquilo para o Edu.

– Ela é madura, sabe o que está acontecendo entre nós... – ele se defendeu, mas ficou observando o horizonte. Seu semblante confuso e sério demais fez todo mundo rir da cara dele.

– Tá apaixonado! – concluiu o Marcelo.

– Quem diria, hein? – repeti suas palavras. – Edu, o gostosão pegador, caidinho pela Fabi.

– Ah, não sejam idiotas. Por que decidiram me encher o saco? Tirem onda com a cara do Henrique, que está amando loucamente a Cláudia.

Todo mundo olhou para o Henrique na mesma hora. Ele fez uma careta.

– Se ela ao menos me quisesse ia ser ótimo – confessou em tom de desabafo.

– É sério, mano? Você está na dela? – perguntei, surpreso. Os rapazes pareceram ter se surpreendido tanto quanto eu. Até o Edu, que tinha soltado a proposta, não sabia que ele admitiria.

– Sei lá, é estranho. Ela está se divorciando oficialmente, mas estamos no zero a zero.

– Mas você gosta mesmo dela? – perguntou o Caleb.

– Tô dizendo... – riu o Edu. Confirmei pela milésima vez que ele gostava de tirar onda com os outros, mas não aguentava estar na berlinda.

– Ele fica ligando pra ela e tudo – disse o Marcelo, sorrindo com malícia. – Eu vejo no restaurante.

– Gosto da Cláudia, mas ela não quer ninguém. Não sei se vou esperar sua boa vontade. Enquanto isso, vou vivendo numa boa... Se não der não deu, é simples.

– É foda! – murmurei.

Um garçom passou, renovando nossos copos de whisky, por isso permanecemos calados. Eu só conseguia pensar no destino e em como ele trabalhou naquele fim de semana. Inacreditável! Tipo, acho que os planetas estavam alinhados ou algo assim.

– E a parada com a Paloma, Marcelo? – João voltou ao assunto.

– Nada. A gente só ficou.

– Rola mais nada? – questionou o Edu.

– Não...

– Ele tá namorando agora – Henrique jogou logo a real.

– Sério?

– É. Como viram, nem todo mundo vai terminar com todo mundo – disse, provocando risadas.

Não sei o que deu em nós, mas foi unânime: olhamos para o João ao mesmo tempo. Ele ergueu as duas mãos.

– Nem olhem para mim, o lance com a Jess é meramente sexual.

– Relaxa aí, mano, disso ninguém duvida – aponteí para o salão, onde as garotas dançavam. Jéssica estava absolutamente pirada, descendo até o chão sem tomar cuidado para não expor suas pernas por debaixo do vestido extra-curto.

Começamos a rir, observando-a.

– Mas que ela é gostosa é... – comentou o Edu, e todos concordaram.

Ficamos bebendo e observando nossas mulheres dançarem. Depois de três minutos, Lara pegou o microfone e chamou todas as moças solteiras da festa, pois ela jogaria o buquê.

Foi um alvoroço. Só faltava voar pena pelos ares, pois as mulheres se transformaram. Rimos delas pela maior parte do tempo, acho que a única mais civilizada foi a Amande, que saiu de fininho e ficou obrigando a Cláudia a participar também.

– Essa eu quero ver! – berrou o Edu.

– Imagina se a Jéssica pega? – disse o Marcelo, e rimos ainda mais.

Quando a Lara finalmente jogou o buquê e um monte de mulher voou para cima dele, gargalhamos muito. Vestidos e cabelos se misturaram no salão, isso sem contar os gritos que soltaram. A poeira demorou a baixar, até que pudemos ver a sorteada: Cláudia estava segurando o buquê com a cara de quem segurava uma fralda geriátrica cheia de bosta.

Gargalhamos alto e zoamos o Henrique. Até me levantei para lhe sacudir os cabelos. Ele riu daquilo tudo, mas seu desconcerto ficou evidente. Claro que isso só nos fez zoá-lo ainda mais.

É sério, pô, que merda era aquela que estava acontecendo conosco? Vade retro!

47º Capítulo – Por Lara

1 ano, 7 meses e 11 dias depois...

Amor-próprio. Talvez o tipo de amor mais difícil de conquistar. Tem gente que passa a vida inteira sem ele – uma pena, mas acontece – e há quem o possua tanto que acaba se tornando uma pessoa orgulhosa demais – o que acaba sendo tão triste quanto se não tivesse. O equilíbrio precisa existir, afinal, a diferença entre o remédio e o veneno é apenas a quantidade.

Pode parecer filosofia de gordinha que não tem a capacidade de emagrecer, mas não há nada mais gostoso do que se aceitar do jeito que é. Aliás, para quem acha que sou uma fracassada, por não vestir manequim trinta e oito, só tenho a dizer que é muito mais difícil se aceitar do que emagrecer. É por isso que tem tanta gente magra insatisfeita. É por isso que existem doenças como a anorexia e a bulimia.

Hoje eu me sinto uma vencedora. E não foi porque acabei de me casar – isso só é uma consequência da mágica que aconteceu comigo. Sou uma vencedora porque, antes mesmo de vencer a balança, consegui derrotar o espelho. Impressionante como, depois disso, a balança deixou de ser a minha inimiga mortal para se transformar no que realmente é: um simples objeto que mede o peso.

É meio esquisito se eu disser que tudo que achava estar contra mim se virou ao meu favor? Fiz as pazes com o mundo, e me senti uma idiota quando percebi que não era ele quem estava de mal comigo – a implicante, desde o começo, sempre fui eu. Que vergonha de mim por ter demorado tanto a entender que valho a pena! Mereço tudo de bom porque busco fazer por onde; trato as pessoas bem, procuro ser justa, sei ser boa amiga, filha, namorada... Além do mais eu sou linda do jeito que sou. Se todos fossem iguais o mundo ia ser uma grande porcaria; meu maior problema foi não ter aceitado que existem várias belezas, e que todas elas devem ser valorizadas.

Aprendi que eu realmente mereço o que a vida me deu, pois se não merecesse ela jamais teria me dado. Mereço um marido lindo, que me ama muito, é sexy, sarado e tão fofo que me dá vontade de apertar as minhas próprias bochechas – que são redondinhas, mas é isso que as faz serem belas.

A vida só começa a fazer sentido quando nos colocamos como protagonistas. Chega de ser a gordinha coadjuvante, que assiste a todo mundo ser feliz, sonha acordada com um mundo que não existe e espera as coisas caírem do céu enquanto se martiriza por não caber numa maldita calça jeans.

Eu realmente me sentia uma protagonista mais diva impossível daquele modo; de pé em cima da cama, tendo o meu marido lindo me tocando com lentidão. Ele estava sentado na cama, agarrado a uma perna minha – que era grossa mesmo, e daí? Pernas grossas são o que há, não importa se as calças se estragam nos fundilhos... – massageando-a e a beijando enquanto me tirava a meia branca, bem sensual. Meu vestido de noiva havia sido retirado na sala do enorme quarto de hotel. Portanto, eu só vestia uma lingerie branca com direito a corpete e cinta-liga. Muito sexy. Eu me sentia irresistível, de verdade. A musa da novela das oito.

Acho que consegui causar o efeito que queria, pois o Fernando parecia arder de tanto desejo. Seus olhos clarinhos se ergueram e me observaram seriamente, indicando que eu não podia estar mais excitante do que aquilo. Sorri, sentindo-me a mulher mais linda e realizada do mundo. E aí de

quem duvidasse disso.

Já havia arrancado o fraque elegante do meu marido – era todo preto com a gravata e demais detalhes prateados –, portanto ele usava apenas a calça. Seus braços fortes e tatuados seguravam a minha pele como se implorasse por ela. E eu cederia, pois tudo o que é meu agora o pertenciam. A sensação de não estar só no mundo era tudo do que mais precisava; depois que o nós passou a existir, já não pensava mais por mim, era como se Fernando fosse uma extensão do meu próprio corpo.

Ergui os meus braços e puxei a tiara que prendia o véu ao meu cabelo. Joguei-a fora da cama, livrando-me de um peso enorme que fazia meu cérebro meio que pender para trás. Devagar, fui soltando e jogando grampo por grampo – nunca mais os acharia de novo –, que prendia os meus cabelos em um penteado. Os fios estavam duros por causa do laquê, mas cederam fácil quando usei os dedos, empurrando-os para frente. Sentia-me ainda mais sensual com os cabelos soltos. Sabia que era assim que o Fê gostava.

Ele acompanhou os meus movimentos com os seus olhos verde-mel. Prendeu o lábio inferior e suspirou alto, voltando a retirar a meia. Puxou a minha outra perna e reiniciou o movimento – pode ter certeza de que o ato de tirar uma simples meia pode chegar a ser mais excitante do que se fosse uma peça mais íntima –, deixando aquelas mãos suaves me tocarem como se me exigissem. Agarrei-lhe os cabelos estranhamente curtos. Precisava de tempo para me acostumar com eles, mas o faria sem pressa. Tinha muito tempo livre para tal.

Um rastro de excitação tomava conta do meu corpo, partindo de onde Fernando me tocava. Olhei para o teto e fechei os olhos, sentindo uma onda quente de prazer fazer todos os meus sentidos se aflorarem e estarem entregues ao momento.

Devagar, meu marido se ajoelhou diante de mim e segurou as laterais da minha calcinha. Seu rosto muito perto daquele lugar tão... sensível provocou ainda mais as minhas vontades. Era bom demais fazer aquilo depois que adquiri o amor-próprio. Não me sentia mais uma idiota por estar daquele modo; eu era uma mulher atraente e decidida a proporcionar prazer ao homem que amo. Ele respondia tão depressa que não havia espaços para dúvidas. Não havia vergonha ou qualquer coisa que me fizesse recuar. Éramos um.

A noite inteira nos pertenciam. Ou melhor, todas as noites, a partir daquela, iria nos pertencer. Começando por aquele mês; conseguimos tirar férias juntos – eu amo a Amande e o Caleb –, portanto viajaríamos à Foz do Iguaçu, Gramado e, depois, visitaríamos uns parentes do Fernando em Brasília. Um tour bem bacana pelo país; estava mais do que empolgada com aquela lua-de-mel.

No fim, ainda teremos uma semana inteira de folga para terminarmos de organizar a nossa casa. Compramos uma! Tá, parece fácil falar assim: “comprei uma casa”. Meu mundo está longe de ser o da Barbie – embora meu Ken fosse bem mais gato, chupa oxigenada dos infernos! –, precisamos financiar o imóvel em um monte de vezes. Vai ser osso pagar tudo, mas com jeitinho conseguiremos, até porque somos só nós dois. Também ganhamos muitos presentes dos amigos e parentes, facilitando e muito a nossa nova fase. Ter a nossa própria casa é um sonho que se realiza. Sei que com persistência e paciência tudo entrará nos eixos.

Fernando foi tirando a minha calcinha tão devagar quanto havia tirado as meias. Quer dizer, ele começou devagar, mas mal chegou à metade das minhas coxas, passou a arrancá-la de mim. Ouvi as costuras estalarem e morri de pena, pois a lingerie era mais cara do que ele pensava. Permaneci calada; é melhor estragar uma calcinha do que o clima.

Soltei um gemido sexy quando saí completamente dela, e senti seus beijos me invadirem bem

no lugarzinho que eu queria. Fernando adorava me ouvir gemer, ele mesmo havia me dito. Deve ser por este motivo que ele começou a me apalpar e beijar feito um louco. Fiquei louca da Silva também.

Usava apenas o corpete maravilhoso – recomendação das meninas, mais precisamente da Jéssica. Meu marido lindo fez que ia tirá-lo, mas desistiu no meio do caminho, deixando as mãos escaparem do zíper que se localizava entre os meus seios. Puxou-me com força e me fez deitar na cama meio sem jeito. Adorava quando ele ficava selvagem de uma hora para outra!

Seus lábios grudaram nos meus enquanto mãos grandes me obrigavam a abrir as pernas até o máximo. Antes eu ficaria envergonhadíssima com tanta exposição, mas vergonha não me pertence mais! Uma protagonista que se preza jamais tem vergonha do próprio marido.

Gemi quando seus dedos alisaram toda a extensão da minha vagina bem depilada – agora que sou uma mulher casada, era assim que a danadinha ia ficar. Fernando quase nunca me deixava ver um pelo seu, acho que é resquício da sua vida de garoto de programa. Nem reclamo – também nem pergunto os seus motivos –, e faço questão de lhe devolver o favor. Ter meu bebê sempre pronto me excita pra burro, nada mais justo do que estar sempre pronta para ele também.

Soltei um grito fino quando Fernando se inclinou para iniciar mais uma de suas incríveis sessões de sexo oral. Que lábios deliciosos e habilidosos! Perguntei-me se me acostumaria com aquela perfeição que me faz ter um orgasmo em menos de três minutinhos. Daquela vez ele caprichou tanto que acho que nem chegou a completar isso tudo; gozei rápida e intensamente. Não tive tempo nem para respirar, pois o safado continuou me sugando com emergência. O tesão era tão grande que chegava a provocar dor física; tentei me afastar, mas ele não deixou.

Fernando passou seus braços por debaixo das minhas coxas e praticamente se afundou em mim. Puxei seus cabelos com vontade; mania que jamais largaria. Há um tempo eu estaria insegura sobre o meu cheiro, meu gosto e tudo que pudesse impedir o Fê de me sugar daquele jeito, porém me encontrava tão relaxada que foi natural atingir o segundo orgasmo. Já disse que amo meu marido, não disse?

Ele finalmente me largou e se ajoelhou na cama, ainda me olhando de um jeito sexy. Eu estava resfolegante, mas minha respiração foi capaz de piorar ainda mais quando meu marido começou a se livrar da calça que vestia. Uma cueca boxer cinza ficou à mostra, e tive vontade de chorar por ter me casado com um homem que ficava tão perfeitamente gato vestindo uma peça daquelas. Alguém, por favor, dê um beijo bem grande em quem inventou a cueca boxer?!

O conjunto da obra só ficou melhor quando encarei o volume enorme por dentro da cueca, o qual fiz questão de deixar logo exposto. Empurrei o Fernando para o outro lado da cama, e ele se deixou cair. Beijeí sua boca de leve. Senti o meu gosto em seus lábios: era estranho, mas excitante. Pelo menos comprovei que não estava fedida, ponto para mim!

Sinto muito quem tem paciência, mas perdi a minha depois que beijeí o biquinho durinho do seu peito esquerdo, perto de onde havia o meu nome tatuado dentro de um olho. Fui dali para baixo super rápido. Comecei a sugá-lo do jeito que aprendi assistindo a um monte de vídeo pornô – toda mulher precisa realizar suas pesquisas –, deliciando-me com seu sabor em minha boca. Ai, ai... pouca coisa consegue ser mais gostosa do que isso. Aliás, como boa entendedora de qualquer coisa que aguce o paladar – não sou gorda em vão –, posso dizer com toda certeza que isso é melhor do que... tudo.

Provei do meu marido loucamente, deixando-o mais louco ainda. Quando começou a protestar, alegando um orgasmo, chupei-o com ainda mais ferocidade. Fernando deixou seu corpo se

contorcer e gemeu muito alto o meu nome. Tem motivo de orgulho melhor do que esse? Ser o motivo do orgasmo de alguém que você ama tanto?

A felicidade quase não coube em mim, por isso soltei um grito e me atirei em cima dele. Fernando riu e começou a nos enrolar pela cama. Foi um empurra-empurra, estica e puxa tão grande que caímos no chão, levando todos os edredons e lençóis conosco. Rimos pra caramba até que ele sussurrou no meu ouvido:

- Te amo, minha pequena.
- Eu também te amo, meu bebê.

Ele sorriu e se inclinou. Percebi que já estava firme novamente, pronto para outra. Como ele conseguia realizar aquele grande feitiço eu não queria saber, pois não iria gostar da resposta. Só sei que eu sabia aproveitar sua grande fome sexual. E aproveitava mesmo.

Usando uma mão para ajudar, fiz com que me penetrasse profundamente. Soltei um gemido. Finalmente ia tirar todos os atrasos acumulados ao longo da minha vida de coadjuvante. Como toda protagonista, meus dias de glória estavam apenas começando.

- Vamos ser muito felizes, sabia? – falei baixinho no ouvido do Fê.

Ele começou a se locomover devagar dentro de mim. Gostoso demais!

- Sabia...
- Como sabia? – falei com a voz entrecortada pelo tesão.
- Nós nos amamos... e temos um sexo incrível – respondeu.

Rimos disso, mas logo paramos. Nossa concentração ficou voltada em fazer daquele sexo o mais incrível de todos. Porém, o mais incrível sempre será o fato de eu ter me permitido aquilo.

Sem abrir a boca ninguém consegue provar o sabor de nada.

48º Capítulo – Por Jéssica

2 anos depois...

– Na sua casa ou na minha? – João Pedro murmurou entre os meus lábios pintados de vermelho. O cara devia estar com a boca toda escarlate, mas quem liga? Já estava louca para que a próxima etapa chegasse logo. Ainda bem que ele perguntou onde seria, caso contrário transariamos ali mesmo, na mesa do meu bar favorito.

Humm, a ideia era até interessante! Pena que não seria bem vista pelos clientes, mas não ser bem vista é algo com o qual me acostumei há muitos anos. Eu realmente não me importo com uma coisa tão idiota chamada reputação. Não há nada que defina melhor a hipocrisia do ser humano, pois qualquer besteirinha é capaz de enaltece-la ou jogar na lama, como se um simples erro pudesse acabar com todo um caráter. Isso mesmo, a reputação nada mais é do que aquilo que as pessoas acham de você, sem importar o que você realmente é – aliás, quem quer saber a verdade, não é mesmo?

As pessoas deixam de fazer o que querem por causa da opinião dos outros; deixam de rir, de chorar, de realizar sonhos, de ser feliz... Tudo para agradar. Não me parece nada justo, portanto não me dou o trabalho de sair agradando ninguém. Faço o que eu gosto e o que quero, e tenho certeza de que todo mundo queria fazer igual. Podem me invejar por ser assim.

Não posso dizer que é fácil – você precisa ser forte para encarar as consequências de frente –, mas nada na minha vida é fácil mesmo! Sou taxada de louca, pirada, perturbada, vadia, puta, inconsequente, maníaca... E por aí vai. Tanto faz. No fim, a vida mais empolgante é a minha.

– Vamos ao meu apê – sussurrei sem parar de beijá-lo. Que beijo era aquele? Minha filha... Estava louquinha para provar daqueles lábios, só que em outro lugar. Se na boca já estava bom daquele jeito...

Infelizmente tivemos que encerrar o nosso amasso em público – alguns clientes já nos olhavam como voyeurs. Fomos à minha casa em carros separados; João tinha dado fim à lata velha dele e agora andava pela cidade num Tucson muito lindo. Uma evolução e tanto!

Como meu apartamento era bem pertinho, vinte minutos depois já subíamos pelo elevador espelhado. Não nego que fiz questão de comprar um apartamento num prédio de luxo. Adoro lugares chiques, e meu dinheiro pode pagar para morar como uma rainha, então por que não fazê-lo? Moro sozinha – óbvio, quem quereria morar comigo? – e me sinto uma *popstar* quando entro no meu castelo. Tem tudo do bom e do melhor; equipamentos, móveis, artigos decorativos e eletrodomésticos de última geração. É o que há de mais moderno no mercado reunido em um só lugar!

João Pedro começou a me beijar ainda na sala. Nem esperou que eu lhe servisse um pouco de conhaque no bar, tomou-me pela cintura e me fez sentar em cima de uma mesinha de perna alta. Cruzei minhas pernas no seu quadril. Como estava de vestido curto, ele acabou subindo com o movimento, deixando minha calcinha preta da *playboy* aparecendo.

– Sempre te achei muito gostosa... – ele falou baixinho no meu ouvido, enquanto tentava encontrar o zíper que prendia o meu vestido atrás. Minha pele sofreu uma sessão de arrepios que fez o coelhinho da *playboy* estampado na frente da calcinha tomar um banho. Ai, que tesão!

Mãos firmes começaram a me deixar despida. Fiquei concentrada em apalpar seu corpo másculo por debaixo da camisa e lhe beijar o pescoço. Que cheiro bom ele tinha! Gente do céu, adoro homem cheiroso! Não tem nada mais excitante que um cara sarado e perfumado; para mim, só faltava o João ser bem dotado para ser perfeito. Mas isso eu descobriria logo logo.

Ele conseguiu tirar o vestido por cima dos meus braços. Estava usando um modelo tomara-que-caia, por isso estava sem sutiã. Meus seios grandes – viva o silicone! – pularam para frente; já estavam durinhos e ficaram ainda mais quando o ex-noivo da minha melhor amiga começou a sugá-los.

Eita, *perai*... *Pera, pera*!! Ex-noivo da minha melhor amiga? Eu devia mesmo estar fazendo aquilo? Affe! Odeio quando a dúvida aparece na minha cabeça. Detesto ter que discernir o certo e o errado, não tem nada que me deixe mais irritada.

Afastei a boca deliciosa do João dos meus seios. Ele me olhou sem entender – seus olhos castanho-claros eram lindos. Era estranho o fato de conhecê-lo a minha vida inteira, sua imagem sempre atrelada à Amande. Impossível não associá-lo a ela. Ai, gente, se ela ficar chateada comigo? Ferrou! Não queria criar mais motivos de decepção.

João Pedro não percebeu a dúvida que pairava a minha mente; começou a tirar os sapatos, as meias e, logo em seguida, sua calça. Acho que não queria perder mais tempo, pois até a cueca sumiu com o movimento. Ficou completamente exposto para mim, exibindo um corpo atlético com direito a coxas malhadas, abdome definido e um pênis muito bonitinho – não era tão grande a nível de estrago, mas dava pro gasto.

Ótimo; eu estava só de calcinha, ele nu da Silva e minha cabeça em dúvida. Era só o que me faltava!

João olhou para mim de um jeito extremamente sensual. Seu olhar firme indicava certeza no que estava fazendo, além de uma safadeza explícita e uma carinha de menino mau que só podia significar que sabia muito bem o que fazer. Ah...

Sinto muitíssimo, mas eu nunca passo vontade. E a minha vontade real era de dar. Dar muito para aquele homão na minha frente. E foda-se o resto. Ex é ex, ok? Amande estava feliz com o Caleb. Não é como se eu estivesse traindo a minha própria amiga. É isso aí, não estou traindo ninguém!

Sorri.

– Meu amor, gostoso é você! Que delícia, hein? – falei de uma vez e desci da mesa. Beijeilhe a boca com um pouco mais de calma, deixando minhas mãos trabalharem no seu pau durinho pra mim. Ai, como eu adoro! É um vício delicioso de ser mantido.

João Pedro segurou a minha bunda – tem um pouquinho de silicone aí também, mas é bem pouco mesmo, juro! – e acompanhou com os dedos o percurso do meu fio-dental. Depois puxou minhas nádegas, afastando-as. Acho que perdi a capacidade de respirar com o seu movimento preciso.

Fui beijando o seu pescoço, descendo pelos ombros. Usei a mão livre para lhe apertar os cabelos castanhos acima da nuca. Ele me afastou um pouco de repente, curvando-se para retirar a minha calcinha. Assim que ela chegou até os joelhos, escorreu para o chão super depressa. Levantei meus pés para sair dela totalmente.

João Pedro me olhou da cabeça aos pés, passando suas mãos pelos pontos mais eróticos que encontrava. Parou bem na minha... – ui, ali mesmo –, começando a me estimular. Eu já estava tão molhada que seu dedo escorregou. Claro que gemi alto. O som que emiti meio que despertou o João,

ou sei lá o que aconteceu, pois ele me agarrou com força e me atirou no sofá vermelho e super confortável da minha sala.

Pensei que começaríamos pelo sexo oral, mas João, assim que se prostrou em cima de mim, abriu um pacotinho de preservativo com os dentes – quando foi que ele pegou aquilo que eu nem vi? – e se protegeu em dois segundos. Logo em seguida, simplesmente me penetrou sem pedir licença. Gritei loucamente quando seu pênis ficou todo dentro de mim. Ai, que delícia! Muito bom mesmo!

Ele já começou rápido. Sua pressa e urgência me deixaram maluca, pois cada estocada veio repleta de um prazer absurdo. Seu movimento era leve e intenso ao mesmo tempo, fazendo da entrega algo tão natural e simples que até me surpreendeu. Minha mente girou com facilidade, e meu corpo respondeu muito depressa; o primeiro orgasmo chegou em menos de cinco minutos. Gozei muito gostoso!

João se assustou com a rapidez e facilidade com que eu atingi o êxtase. Sua empolgação só fez se intensificar, de modo que ele se sentou no sofá e me puxou por cima, obrigando-me a investir contra ele. Apoiei meus pés no sofá e me ergui, começando a pular com velocidade. Suas mãos apertaram a minha cintura enquanto sua boca buscava os meus seios. Uma maravilha!

Nossa noite foi bem longa, principalmente depois que seguimos para o meu quarto. João Pedro é incrível e muito habilidoso; alguma coisa me dizia que ele não era daquele jeito quando estava com a Amande. Até porque ela nos confessou que nunca havia tido um orgasmo com ele – para quem gozou quatro vezes feito eu, só a ideia parece muito absurda. Aliás, toda a ideia de nunca gozar é absurda. Só acreditei naquilo porque não duvido de nada vindo da Amande. Depois eu que sou a doida!

Mas bem, cada um é cada um. Talvez o jogo de cintura do João tenha vindo no pacote “olhe pra mim agora! Sou gato e sei te pegar de jeito”. Se bem que, conhecendo a Amande como a conheço, tenho certeza de que a grande parte da culpa foi dela. Afinal, cada mulher é responsável pelo seu próprio prazer. Cabe a ela lutar por ele. Não que eu esteja protegendo o João, pois ele devia ter percebido que ela fingia orgasmo. Também cabe ao homem perceber esse tipo de coisa.

Seja como for – e ainda bem que para mim foi super prazeroso –, caímos exaustos quando nossos corpos pediram uma pausa. Quero dizer, para mim era uma pausa, não sei para o João. Acho que ele deu por encerrado, pois mal a sua respiração voltou ao normal, já estava de pé. Nós havíamos trazido nossas roupas para o quarto, por isso começou a vestir sua cueca. Não fazia uma cara tão boa assim.

Acho que era fome.

– Quer tomar alguma coisa? Tenho o que você quiser e...

– Não, obrigado – continuou se vestindo. A calça jeans meio que se enroscou, oferecendo-lhe alguma dificuldade.

– Está com fome? Tem comida na...

– Estou bem, Jéssica, relaxa. Só preciso acordar cedo amanhã. Tenho que ir.

Poxa! Então era assim? João Pedro queria fazer como os meus clientes; vem, come e vai embora? Estou mais do que acostumada com isso, mas pensei que pudéssemos passar algum tempo juntos. Sei lá... A gente se conhece há tanto tempo. Por que não conversar um pouco?

Levantei-me devagar e caminhei até o meu closet. Peguei uma camisola longa de seda preta e a vesti. Quando retornei ao quarto João já calçava os sapatos.

– Não quer mesmo beber alguma coisa? – insisti. Minha voz saiu mais melosa do que

calculei.

João soltou um longo suspiro e me encarou com seriedade. Passou alguns segundos eternos olhando para mim como se eu fosse um erro. Também estava acostumada com aquele tipo de olhar. Recebo-o com mais frequência do que gostaria.

– Desculpa, Jéssica, mas isso aqui não pode se repetir.

Apertei os lábios e continuei o observando. Apoiei minhas mãos na cintura. É fácil demais dizer que não se pode fazer uma coisa depois que já estava feito. Na verdade é uma espécie de covardia, uma atitude que serve como desculpa para gente de mente pequena. Naquele instante, quem quis que ele fosse embora de uma vez fui eu.

– Sem problemas... – murmurei, embora estivesse desejando apertar sua garganta até que parasse de respirar. Pensamento muito psicopata, triste e doloroso, que me fez ter vontade de chorar.

Engoli um nó na minha garganta, como sempre faço.

João Pedro se levantou. Olhou para todos os lados, menos para mim. Estava envergonhado e arrependido, fazendo-me ficar do mesmo modo. Argh! Odeio me arrepender. Não combina comigo.

Homens são foda, viu? O cara não parecia nada arrependido enquanto me fodia de todas as maneiras possíveis, e agora estava ali com aquela cara de retardado, lembrando-me demais o antigo João. Aquele idiotinha que nada mais era do que um capacho da minha amiga.

– Eu não sou assim, Jéssica. Desculpa, de verdade. Não queria te usar.

Sorri.

– Mas usou.

Seu rosto ficou todo vermelho. Fala sério, hein? Mas ok... A culpa foi minha. Devia ter impedido tudo aquilo. Ai, que ódio daquele infeliz por me trazer arrependimento!

– O que queria com isso, João? Espera, deixa-me dizer... Queria atingir a Amande de alguma forma. Estou enganada?

Ele permaneceu calado. Balançou a cabeça de leve e mostrou um meio sorriso triste. Desta vez tive verdadeira pena. Coitado!

– Não quero nada que tenha a ver com ela, acredite. É por isso que estou indo embora e não quero que o que fizemos hoje se repita.

– Certo, eu te levo até a porta.

Que opção eu tinha? Só queria que aquele idiota saísse da minha casa.

Caminhamos silenciosamente até a saída. João fazia uma expressão tão sofrida que minha raiva acabou indo embora. Por mais ódio que estivesse sentindo, sei que não era maior do que a vergonha e o arrependimento dele. Precisava ser mais compreensiva, afinal, o cara foi abandonado no altar. Ninguém fica normal depois de um trauma desses. Além de tudo, dar para um a mais ou um a menos não faria diferença para mim.

Abri a porta e tentei sorrir. João me abraçou meio sem jeito.

– Fique bem... – murmurei, sendo sincera. Realmente queria que ficasse bem e esquecesse todas as merdas que lhe aconteceram.

– Vou tentar.

– João... – afastamo-nos. – Você ainda sofre, não é?

Ele não respondeu, apenas deu de ombros.

– Esqueça tudo o que te disse, Jéssica. Não estava sendo eu durante toda essa noite. A verdade é que, por mais coisas que tenha conquistado na minha vida, não consigo esquecer toda a humilhação

pela qual passei. Sei que um dia isso vai ser esquecido... Estou esperando esse dia chegar.

– Você vai encontrar alguém especial, que terá o poder de te fazer esquecer toda essa droga.

João Pedro aquiesceu.

– Um dia... um dia.

– Boa sorte.

– Pra você também. Desculpa, Jéssica... Sério, me desculpa.

– Tudo bem, deixa quieto. Fizemos o que estávamos a fim no momento.

Ele sorriu de um jeito bem bonitinho e me deu um beijo doce nos lábios. Depois foi embora sem olhar para trás, e eu fechei a porta sem esperar que olhasse.

Apoiei o meu corpo na porta e soltei todo o ar dos meus pulmões. Merda! A noite não terminou como eu previra, e isso significava que ficaria de mau-humor e não conseguiria dormir nem a pau.

Fui até o bar, localizado na minha sala – confesso que era o lugar mais bacana do meu apartamento. Peguei um copo sofisticado e a garrafa de conhaque. Tomei a primeira dose. Estava me sentindo suja e muito suada, por isso fui ao sanitário e liguei a torneira da minha banheira de mármore.

Nada como dar uma relaxada; precisava estar nova em folha no dia seguinte, pois tinha alguns clientes marcados. Despejei óleos e sais de banho na água, separei algumas pomadas que uso todos os dias para não me sentir dolorida e fui me despindo lentamente, como se alguém estivesse ali me assistindo.

A água estava quente demais, porém não me importei. Enrolei meu cabelo para o alto e deixei meu corpo relaxar aos poucos, buscando uma posição perfeita para permanecer durante o máximo de tempo que a minha paciência permitisse. Soltei meu milésimo suspiro.

Era comum eu me sentir usada, mas ficava pior quando a minha intenção não era usar. Não estava trabalhando com o João, estava me entregando porque queria e pensei que fosse uma relação de troca mais intensa do que um mero programa. Não que depois eu quisesse ter algo com ele; apesar de ser só sexo, não precisava ser daquele modo tão... Sei lá, frio.

Passei as mãos pelo meu corpo, tentando em vão tirar todas as marcas que ele carrega. Nunca funcionava, mas eu jamais deixei de tentar. Odeio me sentir suja estando limpa. Odeio me arrepender. Pensando melhor, odeio tantas coisas que não sei como ainda estou de pé. É ódio demais para carregar em um só coração, durante tanto tempo...

Não. Chega de sentimentalismo. Eu sou uma mulher forte. Faço a minha vida do jeito que quero e sou feliz assim. Estou no comando do meu destino. Acordo arrependida, mas não durmo com vontade. Essa sou eu: alegre, animada, sempre alto-astral... Nada de tristeza! A dor passa longe!

Contra todos os meus pensamentos diários de autoajuda, meus olhos foram ficando cada vez mais marejados, até que tudo dentro do banheiro virou um borrão embaçado. Peguei uma toalhinha, que estava disposta no batente da banheira, e enxuguei os meus olhos. Respirei fundo umas dez vezes.

Na décima, meus olhos voltaram a marejar.

– Não... Não, por favor... – implorei para o nada.

Fechei os olhos e senti lágrimas quentes escorrerem. Droga! Não devia chorar... Não posso chorar...

Eu estava em casa – mais propriamente no meu quarto –, porém nenhum lugar era seguro

quando ele estava por perto. Mamãe havia saído para trabalhar logo cedo, e o meu colégio estava de recesso por causa de uma atividade extracurricular que o maldito não quis pagar para que eu participasse.

Ele sabia que eu estaria em casa naquele dia. Tentei ir à casa de alguma amiga ou vizinha, mas mamãe saiu deixando ordens para que ficasse e limpasse a sala, bem como preparasse o almoço e o jantar do infeliz. Não havia saídas: ela me bateria se descobrisse que não havia feito nada daquilo. Realmente preferia apanhar a noite inteira a ficar ali, mas o medo me fazia criar raízes profundas.

O monstro mal esperou a minha mãe sair e já me olhou daquele jeito estranho. Lambeu os próprios lábios, causando-me repulsa. Estava cansada. Sentia que meu coração não aguentaria mais a situação, porém, quando fechava os olhos e prometia que aquilo tudo um dia iria acabar, as forças me eram renovadas. E então sabia que era só uma questão de tempo. Enquanto isso, permaneceria bem longe da minha consciência, em um estado de felicidade só meu.

Fiquei pronta para encará-lo. Construí meu castelo interior e apenas esperei, sabendo que não demoraria muito.

Dito e feito.

O maldito invadiu o meu quarto, segurando um remedinho redondo, que me causava repulsa, e um copo de água.

– Tome.

Peguei o remédio, pois sabia que não tomá-lo seria pior. Não queria engravidar pela terceira vez e sangrar durante dias depois de tomar um chá intragável que ele me forçava a beber. Entornei todo o conteúdo. Meu coração batia tão forte e eu sentia um medo tão grande que, assim que lhe devolvi o copo, já tinha começado a chorar. Não... Eu não podia chorar.

– Não chore... – ele disse de um jeito suave, quase como se quisesse meu bem. Passou suas mãos peludas e bizarras pelo meu cabelo. – Vai ser pior se chorar, Jéssica, meu amor...

Engoli o choro, pois sabia que, quanto mais eu chorasse, mais ele...

– Não, por favor! – gritei alto, voltando ao meu banheiro.

Fechei os olhos com força e me obriguei a dar adeus àquelas lembranças que só ressurgiam nas horas erradas. Entretanto, não adiantou muito.

Havia acabado de chegar em casa. Estava comemorando o meu aniversário de dezessete anos numa lanchonete, onde todos os meus amigos e amigas estavam presentes. Fábio, um rapaz de quem eu estava a fim decidiu ficar comigo. Estava muito contente! Ele me chamou para ir à sua casa, quase vizinha a minha, e, para minha surpresa, seus pais não estavam lá.

Eu gostava muito dele. Fábio parecia gostar de mim também. Aquela foi a minha primeira vez, de verdade. Primeira vez que fiz amor porque quis, sem ser abusada. Cheguei a atingir o orgasmo uma vez, o que me deixou tão feliz que sequer me importei com a bronca que levaria por chegar tarde em casa.

Porém, assim que cruzei a sala, o monstro estava lá, mais acordado do que nunca. Meu sangue gelou quando chamou o meu nome baixinho.

– Cadê a mamãe? – perguntei ofegante. O medo já me consumia.

– Dormindo.

– Paulinho e Edgar? – perguntei pelos meus irmãos mais novos. Filhos dele com a minha mãe. Eu sempre os amei, mesmo tendo um pai tão odioso.

– Também. Venha aqui – mandou. Estava meio deitado no sofá, olhando-me daquele jeito nojento. Sua mão foi ao encontro do seu pênis, acariciando-o.

– Não... Por favor, não – supliquei. O meu desespero aumentou drasticamente porque eu não queria tirar de mim o sabor do amor que acabara de provar com tanta doçura. Não queria dar adeus ao carinho e pôr a violência em seu lugar.

– Venha agora, Jéssica – sua voz sussurrada de desejo me fez quase gritar. Mas sei que não adiantaria. Ninguém acreditava em mim.

Estava sozinha. O medo e eu.

– Por favor... – choraminguei. – Hoje é o meu aniversário... Por favor...

– Não chore, Jéssica... Venha já. – Ele abaixou a bermuda que vestia, deixando seu membro firme à mostra.

Minha visão escureceu e pensei que fosse desmaiar.

– Por favor...

– Vou te dar o seu presente de aniversário.

Balancei a cabeça, negando tudo a mim mesma. Na verdade a chacoalhei bastante. Meu corpo inteiro tremia, e nem a água agora morna da banheira conseguia fazer o efeito de relaxamento que eu buscava. Enchi o copo de conhaque e bebi tudo como se fosse refrigerante.

Resfoleguei quase sem ar e tossi, engasgada pela bebida e pelas lágrimas.

Não... Não posso chorar. Chorar é pior. Chorar não adianta.

Forcei um sorriso e me levantei da banheira. Liguei o pequeno som, disposto em cima de um armário. Amy Winehouse e sua inconfundível voz cantavam “Back to Black” em volume baixo. Amy e conhaque era a combinação certa para me fazer esquecer.

Entrei no box e liguei o chuveiro para tirar a espuma que havia se grudado no meu corpo.

O infeliz invadiu o meu quarto e apareceu no meu banheiro. Eu estava tomando banho tranquilamente. Tentei gritar, mas ele apertou suas mãos no meu rosto, impedindo-me até de respirar...

Gritei alto. Desliguei o chuveiro de imediato, saí do box às pressas e peguei o meu celular. Por Deus, precisava me distrair. Estava numa daquelas noites. Elas eram horríveis.

Procurei por algum número na minha agenda – a maioria pertencia a clientes. Pensei em ligar para o meu analista, mas desisti. Ninguém merece ser acordado por uma cliente àquela hora da madrugada.

Entrei na sessão de amigos. Pulei a Cláudia – a coitada ainda não estava bem –, a Fabiana – ela me julgaria demais pelo que fiz –, a Lara – muito empolgada com o casamento para o meu gosto – e parei na Paloma.

Sorri.

Paloma estava me ignorando desde o casamento da Amande. Não importa. Se ela me ignora significa que ainda sente algo por mim. Eu só ficaria preocupada quando voltasse a falar comigo

como se nada tivesse acontecido. Enfim, Paloma ainda me amava. Ou não?

Cliquei no seu nome e esperei a ligação ser completada. Ela atendeu no segundo toque:

– Jéssica?

Sua voz urgente e preocupada me trouxe arrependimento imediato. Não devia ter ligado para ela. Não era justo procurá-la.

Desliguei. Paloma retornou mil vezes – ignorei todas – até que decidi mandar uma mensagem.

“Desculpa, Lomita. Liguei errado. Não queria te acordar. Beijos, nos vemos quinta.”

Recebi sua resposta imediatamente.

“Ok. Você está bem?”

Meu Deus, ela ainda se preocupa comigo? Como pode algo assim?

“Estou ÓTIMA!! E você?”

“Bem... Vou lá.”

“Beijos!! J”

Soltei um suspiro imenso e decidi ligar para a Amande. Ao contrário da Paloma, ela demorou pacas a atender.

– Jess? O que houve? – voz sonolenta.

– Preciso te contar um babado! – ri de leve.

– Não pode ser pela manhã?

– Acho que não, amiga...

– Desembucha!

– Hum... – Não sabia como dizer aquilo, portanto fui logo ao ponto. – Acabei de transar com o seu ex-noivo.

Silêncio. Amande passou tanto tempo calada que pensei que havia desligado. Achei melhor me redimir de uma vez.

– Desculpa, amiga... Eu não queria te decepcionar. Estou arrependida, por isso que te liguei. Não queria que soubesse de outro modo.

Amande ficou um pouco em silêncio, mas finalmente decidiu quebrá-lo:

– Finalmente você se arrependeu de ter dormido com alguém.

Desta vez fui eu quem perdeu a fala. Ferrou! Amande estava puta da vida comigo. Que merda imensa!

– Olha, Jéssica... – prosseguiu. – Relaxa. Não quero saber. Você pode transar com quem quiser desde que não seja com o meu marido.

Ai. Poxa vida...

– Credo, Amande... Jamais faria isso! Desculpa... Por favor, me perdoa.

– Não há o que ser perdoado. Agora vá dormir. Amanhã você me conta melhor essa história.

– Tudo bem... Tudo bem. Boa noite! – tentei soar divertida.

– Boa noite. Beijo, amiga.

Ai... Ai! Eu tenho as melhores amigas do Universo!

– Beijo...

Desliguei o telefone e tomei mais uma dose de conhaque. Vencida, digitei o número do meu analista. Faria qualquer coisa para nunca mais dar asas às minhas lembranças novamente.

Podia até ligar pro Papa.

49º Capítulo – Por Cláudia

2 anos e 2 dias depois...

– Xuxi!

– É sushi, filha. Coma tudo... – murmurei pela milésima vez, sentindo-me cansada. Exausta, na verdade. Havia passado várias camadas de corretivo para ter coragem de sair de casa. Gabriela estava tão agitada que me arrependi de tê-la trazido. Mas enfim, eu nem devia estar naquele lugar. Foi a ideia mais estúpida de todos os tempos.

– Eu gosto de falar xuxi.

– Então tá bom, coma seu xuxi todinho.

– Mas é estranho!

– Quer que eu peça batata-frita?

– Não... Quero comer com pauzinhos.

– Coma a batata-frita usando os pauzinhos.

– Não pode, mamãe!

– Claro que pode.

– Pode não. Só pode comer com pauzinho se for comida japonesa.

– Então coma o sushi.

– É xuxi!

Affe, Maria!

Soltei um longo suspiro e sorri. Alisei os cachos da Gabi e indiquei que voltasse a comer. Ela demorou um século para equilibrar a comida no *hashi*. Quando finalmente conseguiu, soltou um grito e ficou tão empolgada que o sushi caiu no prato de novo. A carinha feia que fez me fez rir.

Não fazia ideia do que queria levando a Gabi para almoçar naquele restaurante. Tudo bem, não vou negar: precisava ver o Henrique. Só não sabia direito quais os motivos para a mudança. Acho que foi porque ele finalmente parou de me ligar. Ou seja, a situação era deprimente. Estava usando a minha filha como desculpa? Pelo amor de Deus, né?

A coitada nem gosta de sushi. Mas até que estava comendo...

Observei enquanto ela mastigava e fazia caretas. Engoliu bem rápido e tomou um gole do suco. Pensei que desistiria, mas pegou o *hashi* novamente e partiu para outra guerra. Crianças...

Certo, certo... Voltemos ao que eu estava fazendo ali. Não faço o tipo de mulher que corre atrás. Ok, não faço tipo algum de mulher, pois faz anos que não entro numa paquera – nem me lembro mais como é, sinceramente. As coisas mudaram bastante de uns tempos para cá. Estou enferrujada. Não sei me comportar. Morro de vergonha. Estou acostumada a ser uma mulher casada; aqueles longos nove meses de separação só me fizeram entender que não sirvo para a coisa.

Tudo ainda doía muito dentro de mim. As coisas com o Renato foram horríveis, nem sei como ainda estava de pé. Se não fossem as minhas amigas acho que teria desmoronado. Tentei ser forte pela Gabriela, e estava conseguindo. Ela passou um tempo meio tristonha porque o pai deixou de morar lá em casa, mas, depois de ter lhe explicado inúmeras vezes, pareceu aceitar a ideia. Melhorou quando o Renato alugou um apartamento grande com um quarto só para ela. Encheu-a de

brinquedos para tentar conquistá-la, mas graças a Deus não fez questão da guarda. Um alívio para mim, pois me deixar sem a minha filha seria a mesma coisa que me deixar sem oxigênio.

Renato tentou voltar para mim nos primeiros dois meses – os mais difíceis. Eu não quis. Depois de negar de todas as formas, confessou que me traiu algumas vezes. Inadmissível. Como prosseguir desse jeito? Fingindo que nada havia acontecido? Com um medo eterno de que aconteça de novo? Como voltar a confiar?

Sou uma mulher complicada e orgulhosa; por mais que o ame, não aceito ser a esposinha cega que mantém um casamento por aparências. Havia sido feliz por todos aqueles anos, mas minha felicidade era uma mentira. Depois que a confiança é quebrada não há como voltar atrás. Não tinha jeito. Sabia muito bem que nossa história havia terminado, só estava tentando digerir.

Ainda tento. Às vezes consigo, mas tem momentos em que quase me desespero. Criar uma filha praticamente sozinha é complicadíssimo, e olha que a Gabi já está bem grandinha. Acho que não é o trabalho o mais exaustivo, é a solidão. Depois de um dia longo é triste demais se deitar sozinha em uma cama tão grande, que outrora dividia com alguém. Aquela sensação de que errei feio na minha vida, de que fiz péssimas escolhas e agora me encontrava desempregada, bem mais velha, bem menos atraente e com muitas responsabilidades, incluindo uma vida. O sentimento de fracasso não me abandonava.

Estava vivendo de pensão, mas até quando? Precisava repaginar a minha vida – a faculdade de agronomia estava acabando, porém tranquei o último período –, mas tudo o que consegui fazer foi, depois de muito tempo sem quase sair de casa, colocar uma roupa melhorzinha e ir almoçar fora com a minha filha.

Não num lugar comum, mas no restaurante dele. Sabia que o Henrique estava por ali em algum canto; não havia sequer avisado que estaria ali, afinal, o cara desistiu de mim. Não o culpo. Conversávamos quase todos os dias por telefone. Nunca chegou a passar disso: uma amizade. Meio colorida, admito, pois nas poucas vezes que me permiti sair, nossas trocas de olhares disseram muito mais do que aquilo que acontecia. Neguei muitos beijos. Neguei tudo. Neguei até a mim mesma, fingindo que não me importava. Que queria que ficasse longe.

Tudo balela. Foi só parar de me ligar e a saudade me invadiu em cheio, deixando-me pior do que já estava. Com o Henrique, sentia que existia alguém que pensava em mim de um modo especial. Isso massageava o meu ego, porém não me deixava parar de ser injusta. Estava o impedindo de viver, de conhecer outras mulheres. O que provavelmente tinha acontecido.

– Já comeu, Gabi? – perguntei aos sussurros, disposta a sair dali imediatamente. Se Henrique estava com outra mulher, quem era eu para impedi-lo? Mal sabia o que queria da minha vida! Ele não merecia uma louca perturbada feito eu, ainda com uma filha pequena na bagagem.

– Falta um... Calma! – Gabi ainda tentava equilibrar a comida. Remexeu-se na cadeira e quase enfiou a cara no prato, tentando se concentrar. Sorri nervosamente.

Já tinha perdido a fome há muito tempo. Mastiguei quase sem notar e engoli quase sem mastigar. Só sei que o meu prato estava vazio e o dinheiro da conta já se encontrava em cima da mesa. Era só a Gabi terminar e tchau. Adeus, restaurante japonês. Adeus, Henrique.

Era o certo a ser feito.

Fixei meus olhos no além e os senti marejarem.

– Mãe, e a sobremesa? – olhei a Gabi, percebendo que já havia comido tudo e bebido o suco até o fim. Credo... Devia ter passado um tempão olhando para o nada.

- Precisamos ir, filha.
- Ah, mas eu quero sorvete!
- Gabriela... Vamos logo, eu... Compro um sorvete para você no parque. Tá?
- Oba! Vamos agora?
- Sim...

Levantei-me depressa e peguei a minha bolsa. Gabi pulou da cadeira e saiu correndo na direção da saída. Ela era tão danada que sei que seria capaz de sair sem mim.

- Gabriela, espere! – berrei. Foi o meu maior erro.

Acabei chamando a atenção do restaurante inteiro. Pelo menos as pessoas que estavam na área externa, sem ser nas alas individuais, olharam para a minha cara ao mesmo tempo. Gabriela parou de correr, mas se enroscou em um vaso com umas plantas esquisitas.

Tentei me aproximar dela, mas senti mãos quentes puxando o meu braço. Levei um susto tão grande que me virei às pressas. Claro que só podia ser ele. Minha sorte era uma piada. Pena que eu não conseguia sentir graça dela. Aliás, não conseguia mais sentir graça de nada. Transformei-me num pedacinho de dor, sofrimento e solidão. Uma mulher acabada.

- Claudinha? – Henrique murmurou, olhando-me com um sorriso amplo no rosto. Puta que pariu, como era lindo! Affe!

– Hen... Henrique... – minha voz saiu tão baixinha que nem acreditei que era a minha. Não sou considerada muito silenciosa.

- O que faz aqui? – sua expressão agora era só confusão. – Digo... Que bom te ver!

Ah, anjinho! Não faz essa carinha de menino perdido, que aí você me deixa mais perdidinha do que cebola em salada de frutas.

Sorri por educação. A verdade é que estava intimidada pela beleza dele: seus cachinhos dourados, os olhos verdinhos... E aquela boca? Quem criou aquele homem não teve piedade das mulheres.

- Só vim almoçar com a Gabri... – Olhei ao redor, procurando por ela. A doida ainda estava enroscada na planta. Falava consigo mesma, imersa numa brincadeira de faz-de-conta que só fazia sentido para ela. – Gabi!

Ela finalmente nos viu, abrindo um largo sorriso. Saiu em disparada na nossa direção.

- Tio Henrique! – gritou, atirando-se nele. O coitado a abraçou e puxou para si, segurando-a no colo.

– Gabizinha! Olha só como você cresceu! – o fofo deu um cheirinho na cabeça dela. Jesus, Maria, José...

- Vamos indo, filha? Foi bom te ver, Henrique. Até mais... – despedi-me na velocidade da luz, atropelando os protestos da Gabi.

Ela se agarrou ao pescoço dele. Essa é das minhas. Minha vontade era fazer exatamente a mesma coisa. Cheguei a desejar ser uma criança também.

- Tio Henrique, vamos ao parquinho? Mamãe vai me levar agora, prometeu que vai pagar um sorvete. Faço ela pagar um pra tu também. Sabia que lá tem balanço?

Ele rachou de rir e eu morri de vergonha. Senti cada pedacinho do meu corpo ficar vermelho e quente.

- Mesmo? Parece legal!
- É massa! Vamos com a gente, vamos? Mamãe... – virou-se para mim, com os olhinhos pidões

que eu já conhecia muito bem. – Deixa?

Quis afundar a minha cara no chão, mas o máximo que consegui foi gaguejar de um jeito indefinido. Henrique percebeu o meu desconcerto, pois ficou me olhando como se eu fosse uma humorista muito engraçada.

– Vamos lá, vai ser legal – falou por fim, e começou a andar na direção da saída sem largar a Gabriela. – Marta, segura as pontas aí, ok? – falou para uma funcionária que passava por nós. A mulher aquiesceu.

– Não, Henrique... Não...

– Relaxa, Claudinha.

Foi a coisa mais esquisita do mundo dirigir com o Henrique no banco do carona. Ele fez questão de ir conosco, alegando que depois daria um jeito de voltar. O parque a qual me referia ficava de frente ao nosso prédio, um pouco longe do restaurante. O que não justificava o fato de eu ter escolhido exatamente aquele para almoçar. Claro que o Henrique percebeu a minha falta de justificativa; inventei mil desculpas para deixar claro que estava naquele bairro só de passagem. Gaguejei pela maior parte do tempo, até a Gabi riu do meu novo jeito fãho de falar.

Pedi a morte quando chegamos ao parquinho e ele fez questão de pagar sorvetes para todos nós. Gabriela estranhamente se dava bem com o sujeito. Algo que nunca soube explicar, pois ela não era uma menina muito fácil com relação a amizades. Apesar de inteligente e bem empolgada, ficava meio tímida na frente de estranhos. Nunca falava nada. Diferente daquela criança que tomava sorvete e tecia milhões comentários sobre todas as coisas da vida. Henrique conversava com ela como se fosse uma adulta. Acho que Gabi gostava disso, sentia-se importante por ser levada a sério. Ou sei lá... Tenho certeza de que enlouqueceria antes de adivinhar o que estava acontecendo.

Depois de ter tomado o seu sorvete, lambuzado a boca e o vestidinho que usava – sobraria para mim depois ter que tirar aquela mancha de calda de chocolate –, Gabi saiu correndo na direção do parquinho, mal tendo tempo de me pedir permissão. Havia muitas crianças brincando, portanto ela não sentiu necessidade de chamar o Henrique para brincar. Ainda bem. O coitado já tinha aguentado demais por um dia.

– Desculpa, Henrique... Ela gosta mesmo de você... – falei assim que me vi sozinha com ele, sentada em um dos bancos.

– Eu gosto muito dela, Cláudia. É um prazer passar essa tarde aqui com vocês... – sorriu, mostrando duas covinhas nas bochechas. Tende piedade de mim, Senhor!

Observei-o descaradamente, até que percebi o quanto estava sendo atirada. Foi sem querer... Juro que foi. Como disse antes, sou péssima para paqueras. Além do mais, nem era a minha intenção paquerar. Só não consegui tirar os olhos dele. Somente.

– Então... Como você está? – perguntou-me tranquilamente.

Péssima. Horrrosa. Acabada. Arrasada. Eram tantas opções!

– Bem.

– Certeza? – sorriu um pouco e ergueu a mão na direção do meu rosto. Afastei-me depressa, deixando sua mão no ar. Ele a recolheu.

Uma bosta!

– Não sei, Henrique... Não me faça perguntas difíceis.

– Você parece bem cansada.

Balancei a cabeça, afirmando.

– Estou um caco... – torci os lábios.

Não nasci ontem. Quando um cara te diz que você parece cansada, na verdade quis dizer que você está feia até dar uma dor. Infelizmente aquele era o meu caso. Embora tenha passado mais de uma hora escolhendo uma roupa e mais um tanto para esconder as minhas olheiras, ainda me sentia um pedacinho de lixo ambulante.

– Precisa relaxar um pouco, Claudinha...

– E você, como está? – desviei o assunto.

– Estou bem, obrigado. O restaurante tem tomado a maior parte do meu tempo. Ando cansado também, mas é gratificante ver que estamos crescendo.

– Meus parabéns... Adoro aquele lugar.

Sorrimos um para o outro. Ainda me encontrava desconcertada, mas aquela angústia ia se esvaindo um pouco. Henrique era tão espontâneo que acabava me deixando relaxada.

– Obrigado. Quando te vi quase não acreditei... – olhou-me fixamente. Resfoleguei.

– Pois é... Gosto de comida japon...

– O que foi fazer lá, de verdade, Cláudia? – foi logo ao ponto. Seu sorriso deu lugar a uma expressão confusa. Aquela que eu adorava. A mesma que me deixava com vontade de lambê-lo, tipo como os cães em desenhos animados, que mostram uma língua imensa e lambem a cara do dono.

– Almoçar, oras! – Devo ter feito a minha mais bela cara de cínica.

– Atravessou a cidade inteira para ir lá... Sei.

Aquiesci com veemência.

Henrique ficou me observando até que, subitamente, apoiou seu braço no meu ombro, puxando-me para si em câmera lenta. Minha mente deu um grito de “HÃ?”, mas meu coração acelerou bastante e esperou pelo que viria. Henrique me encarou de muito perto.

– Algo me diz que você foi me procurar, Cláudia – murmurou. – Gostaria de ter certeza absoluta de que foi isso o que aconteceu.

– Na... Não, Henri... Eu só queri... Não, Henrique...

Patética.

– Por que fica mentindo, se tudo o que eu queria ouvir era você dizendo que sim?

Afastei-me completamente no banco, desvencilhando-me do seu braço. Nossas pernas, que haviam se encostado uma na outra, separaram-se. Henrique pareceu muito chateado, mas apenas ficou me observando.

– É loucura. Ignore, Henrique. Apenas ignore... Estou passando por uma fase difícil e...

– Sei bem disso. Essa fase já dura nove meses, ando contando. Até quando vai se martirizar por uma coisa que devia superar o mais rápido possível?

Senti vontade de chorar. Uma pressão horrível apertou a minha testa contra o cérebro, provocando-me dor. Enxaqueca. De novo. Ultimamente as crises pelas quais eu passava eram cada vez mais intensas. Não havia remédio que funcionasse.

– É muito fácil falar – proferi entre dentes. Já estava ficando com raiva. – As coisas são um tantinho mais difíceis do que pensa.

– Sabe o que não é fácil? – sorriu de um jeito triste. – Esperar por você.

Ótimo, a vontade de chorar aumentou bastante.

– Não te pedi para fazer isso em nenhum momento.

– E por que veio me procurar logo quando resolvi desistir? – agora Henrique parecia

realmente chateado.

Mas a culpa não era minha. Ele se interessou por mim porque quis. Já havia deixado claro que não queria saber de homem na minha vida nem tão cedo. Foi ele quem insistiu e acabou se machucando.

Levantei-me do banco, pronta para ir embora. Ia chamar a Gabriela quando o Henrique simplesmente me puxou pela cintura e fez o meu corpo rodopiar. O resultado foi definitivo: sua boca encontrou a minha com tanta vontade que meus lábios doeram por causa do choque.

Confesso que retribui aquele beijo roubado, mas por pouco tempo. A minha consciência tratou de reclamar da situação; eu não devia estar beijando um cara no meio de um parque, com a minha filha tão perto. Por mais que o meu coração estivesse ansioso por aquele sabor, acabei por ouvir a voz da sensatez. Envergonhada até demais, fiz com que nos afastássemos devagar. Henrique não insistiu, afrouxou seus braços no mesmo instante, permitindo que eu me locomovesse.

– Não estou sendo justa, Henrique – murmurei de um jeito encabulado.

Ele prendeu os lábios e franziu a testa. Olhou-me como se sentisse verdadeira dor.

– Então faça o favor de me deixar em paz, Cláudia. Ao contrário de você, eu quero viver a minha vida.

Estava pronta para rebater tal absurdo quando alguém o empurra lateralmente, fazendo-o quase cair no chão. Levei um susto medonho quando percebi que o Renato estava ali. Ele me encarou com olhos frios.

– É isso o que anda fazendo na frente da minha filha?

Por um segundo fiquei cega, surda e muda. Meu último instinto foi o maternal, olhei na direção do parquinho e visualizei a Gabriela brincando nos balanços, totalmente alheia ao que acontecia.

– Re... Renato?

– Quem é esse cara, Cláudia?

Henrique se recuperou do empurrão e se colocou na minha frente.

– O que quer?

– Sai daí, ô infeliz, estou falando com a minha mulher.

– Ex-mulher, seu otário – Henrique espalmou uma mão contra o peito do Renato, fazendo-o dar alguns passos para trás. Segurei seus ombros.

– Henrique, não...

– Foi por esse mané que você me trocou, Cláudia? – consegui ver seus olhos por trás do Henrique. Estava possesso. Puto da vida. Seu olhar se desviou e encarou o Henrique em tom de desafio.

Acabei ficando tão puta da vida quanto. Que ceninha ridícula era aquela?

– Me poupe, Renato. O que faz aqui?

– Hoje é sexta. Vim pegar a minha filha e o que encontro? Já está colocando um homem na nossa casa, Cláudia? O que a Gabriela acha disso?

– Pergunte o que ela acha de você e da sua rapariga! – falei mais alto do que o normal. Henrique desistiu de peitar o Renato e se virou na minha direção, puxando-me para si num meio abraço protetor.

– Calma, Claudinha... – murmurou no meu ouvido.

Renato ficou incapaz de falar, confirmando o que eu temia: ele estava mesmo com uma vagabunda qualquer. Eca! Senti tanto nojo que comecei a chorar na mesma hora. Abracei o Henrique

como apoio para não desabar no chão.

– Não quero saber de você com um cara perto da minha filha. Entendeu bem?

Soltei um gemido que reunia dor física e mental.

– Ela vai fazer o que quiser, a vida é dela – Henrique defendeu. – Suma daqui.

– Quem pensa que é, imbecil?

– Sou o namorado dela e você vai ter que engolir.

Como é que é? Hã? Perdi a capacidade da fala. Apenas encarei o perfil do Henrique, que por sua vez encarava o Renato com firmeza.

– Hunft... – Renato virou o rosto corado de raiva e cerrou os punhos. – Veremos quem vai engolir quem.

Foi andando na direção da Gabriela. Henrique me abraçou forte e tratei de enxugar as lágrimas – enxuguei-as na camisa dele, mas foi sem querer. Sabia que a Gabi viria se despedir de mim, portanto teria que estar inteira na velocidade da luz. Recolhi os cacos dentro do meu coração e me afastei.

– Mamãe, é pra eu ir com o papai? – ela veio correndo e gritando. Pulou em cima de mim, dando-me um abraço.

– É sim...

– Tchau!

– Tchau, filha – beijei sua bochecha pequenina. – Até domingo.

– Papai disse que ia me levar num parque bem grandão, maior do que esse!

– Que bom... Divirta-se – murmurei meio sem jeito e suspirei.

– Tchau, tio Henrique! – Gabriela fez questão de abraçar o Henrique bem forte e demoradamente. Renato tinha o rosto fervendo de raiva ao ver a cena.

– Tchau, Gabi.

Deu uma dor no fundo do meu coração quando vi a Gabriela se distanciando, saltitando empolgada com as mãos dadas com o pai. Entraram no carro dele e foram embora sem olhar para trás. Sabia que ele cuidaria dela; Renato sempre foi atencioso, apesar de tudo e antes de qualquer coisa, amava muito a filha. Só que o meu coração de mãe não suportava aquela ausência, mesmo acontecendo em apenas dois fins de semana por mês.

Henrique me abraçou com força, percebendo o meu sofrimento. Deixei seu corpo grande envolver o meu sem culpa. O carinho que sentia por mim era tão evidente que me deixou comovida. De verdade, qual cara seria capaz de enfrentar aquela situação de frente? Qualquer um sairia correndo na primeira oportunidade. Mas não o Henrique... Ele me defendeu e, mais do que isso, encarou tudo com firmeza e coragem, assumindo as responsabilidades sem que elas fossem dele.

Eu não estava procurando um homem. Mas, se estivesse, era com essas qualidades que eu desejaria: corajoso, decidido, que gostasse da minha filha, que fosse agradável e que soubesse amar. Encontrava tudo aquilo no Henrique.

O que merda eu estava esperando? Por Deus, nenhum raio cai duas vezes no mesmo lugar.

– Eu fui mesmo te procurar – confessei entre lágrimas, enterrando meu rosto no cantinho perfumado que ficava entre o seu peito e o pescoço.

Ele permaneceu calado, apenas preocupado em me abraçar.

– Minha situação é uma merda, como você viu...

– Cláudia...

– Por favor, me deixe falar tudo.

– Tudo bem.

– Não acho justo te colocar nessa. Nunca achei, e este é um dos motivos por eu nunca ter te dado espaço. Mas você insistiu e fez com que, neste tempo difícil, eu me sentisse desejada... De alguma forma sentia que existia alguém que se preocupava comigo. Gostava de conversar contigo pelo telefone... De saber mais da sua vida e esquecer um pouco da minha.

Henrique nos afastou um pouquinho, mas só o suficiente para segurar o meu rosto e me olhar de perto. Seus dedos tentaram enxugar algumas lágrimas.

– Quando parou de me ligar... Senti que tinha perdido alguém especial. Foi a primeira vez que percebi que não queria te perder. Ou pelo menos perder a sua amizade, seus conselhos... Você me fez rir quando eu só sabia o que era chorar.

Henrique também estava emocionado, sua expressão não negava. O sorriso que abriu depois da minha última frase fez meu coração se agitar bastante. Foi um grito silencioso que implorava para que eu não deixasse a chance passar.

– Sei que nos últimos meses fui injusta contigo, mas...

Ele abriu a boca para falar alguma coisa, mas o impedi colocando um dedo indicador nos seus lábios.

– Acabo de decidir que estou disposta a tentar. Não sei se vai dar certo, não sei o que haverá pela frente... Só sei que estou cansada de ser uma pessoa triste. Não combina comigo.

Ele sorriu.

– Ainda bem que percebeu isso.

– Sim. Percebi também que eu gosto de você.

Henrique continuou sorrindo. Calei o bico e apenas esperei, porém ele continuou me olhando. Parecia feliz, iluminado. Seus olhos verdes ganharam um brilho especial que me encheu de alegria. Acabei lhe devolvendo o sorriso.

– Não vai falar nada?

– Estava esperando você concluir... – ele me tomou pela cintura, grudando os nossos corpos.

– Já concluí.

– Ótimo – suas mãos agarraram a minha coluna de um jeito possessivo.

– Ótimo o quê?

– Não é novidade que eu sou louco por você, Claudinha. Gosto da Gabi também e estou disposto a fazer ambas felizes. Só preciso de uma oportunidade para demonstrar que o que sinto é sério.

Balancei a cabeça afirmativamente e levei meus braços até o seu pescoço, deixando claro que daria a tal oportunidade. Henrique fez nossos lábios se juntarem novamente. Desta vez, fiz questão de sentir o sabor do que sentíamos se misturando. Deixei-me levar, afinal, nunca é tarde para o amor. Toda árvore antiga e repleta de frutos já foi uma semente bem pequena, que só cresceu por causa da força de vontade e do tempo. Vontade eu tinha. O resto só o tempo poderá nos dizer.

50º Capítulo – Por Fabiana

2 anos e 3 dias depois...

– Jéssica, você é doida! – berrei ao telefone.

Era sábado e eu estava trancafiada no Tribunal, morrendo por uma praia enquanto a Jess me matava de inveja por estar tomando sol de frente à piscina, na cobertura do seu prédio. Podia ser até na varanda ou no meio da rua, eu só precisava daquele sol brilhante queimando a minha pele e de uma dose de caipirinha.

Mas não... Só ficava olhando para as imensas janelas e sonhando acordada. Pelo menos naquele dia sairia mais cedo, pena que não o bastante para aproveitar as horas de sol.

– Fiquei morrendo de medo que a Amande me odiasse depois dessa... Mas ela nem ligou, acredita? – disse Jéssica. Parecia incrivelmente séria, acho que enfim alguma coisa conseguiu fazê-la refletir sobre as merdas que fazia.

– Se fosse comigo não ia funcionar, Jéssica. Que vacilo! Ela e o João passaram nove anos juntos, daí você aparece do nada e dorme com o cara!

A louca ficou calada pela primeira vez na vida. Nunca vi Jéssica perder a fala, principalmente estando ao telefone, por isso fiquei preocupada até demais. Não tem jeito, é um mecanismo que só funciona com as suas amigas; a preocupação surge mesmo quando estamos zangadas com elas.

– Jess? – chamei com a voz bem mais amena, só para conferir se ainda estava na linha. Ouvi um longo suspiro.

– Eu vou mudar, Fabiana – disse baixinho, a voz carregada de algo similar a tristeza. O problema é que a Jéssica nunca diz nada baixinho, mesmo quando é um segredo de estado ou quando tece comentários sobre um carinha que está sendo paquerado em conjunto. Ela não é discreta ou introspectiva. Também sei muito bem que jamais se arrepende ou se envergonha do que faz.

Claro que fiquei ainda mais preocupada. Até larguei na mesa algumas papeladas de processos que estava revirando.

– Como assim mudar?

– Mudar. Cansei, falo sério. Estou indo longe demais... Arrisquei uma grande amizade fazendo o que fiz. Não quero perder as minhas amigas, que são tudo o que tenho de melhor na minha vida.

– Ah... Acho bom, Jess. Reveja algumas atitudes e se modifique... Olha, eu te amo muito, amiga, mas se fosse comigo ia ficar puta com você e talvez não quisesse te ver pintada de ouro tão cedo. Sou chata, sabe disso – peguei os papéis novamente, louca para atirá-los pela janela. – Amande não liga porque está vivendo uma fase de contos de fadas, mas pra mim que ainda sou uma gata borralheira... Ia ser muito tenso.

– Por falar nisso, ela já fez o exame?

– Não... Está enrolando porque não quer criar expectativas, mas hoje ela mal conseguiu se levantar da cama de tão enjoada. Claro que está grávida.

– Caleb já sabe disso?

– Nem sei, ela me ligou hoje dizendo que estava só em casa e precisava de ajuda. Como não pude sair daqui, ela deve ter ligado para as meninas.

- Poxa, e nem me ligou...
- Ah, Jéssica, dá um tempinho pra coitada digerir essa história.
- É, deixa quieto.

Meu telefone começou a apitar, de modo que precisei tirá-lo do ouvido para visualizar a tela. Cláudia estava me ligando. Meu Deus, todas as minhas amigas resolveram me ligar e eu trancafiada naquele Tribunal. Devíamos estar todas na praia, isso sim. Super topava uma reunião extra com elas. Podia até sugerir um encontro à noite, mas... eu já tinha um encontro naquela noite.

- Jéssica, depois a gente se fala, Claudinha está me ligando.
- Ok, beijos...
- Beijos, se cuide!

Desliguei rapidamente e atendi à Claudinha. Larguei os malditos papéis pela milésima vez. Juro que amo o que faço, porém há dias em que o que mais quero é sair correndo e gritando. Aquele era um desses.

– Fabi, você não sabe da maior! – Cláudia gritou, deixando-me surda de um ouvido. Logo em seguida, escutei a sua risada maníaca de novo. Até me arrepiei, admito. Fazia muito tempo que não ouvia a risada da minha amiga.

- Não me diga que ganhou na loteria! – Gargalhei também, contagiada pela sua animação.
- Bem melhor! Acabei de acordar e adivinha quem estava ao meu lado na cama?
- Se foi alguém que usa cuecas juro que vou ter um infarto!
- Ele usa cuecas... Se bem que, neste momento, não está usando nada! – a doida riu de novo, provocando-me uma quase crise de riso.

Demorei a me acalmar e perguntar:

- Foi o Renato?
- Que Renato, Fabi, se liga! Você tem direito a mais um chute! Vamos lá... Pense bem!
- Ai, meu Deus... – refleti um pouco, e depois uma lâmpada mágica acendeu na minha cabeça como nos gibis. – Ai, não, não, não acredito! Henrique?
- Acertou!

Quase amassei todos os papéis de uma só vez. Precisei me levantar e ir até a janela para tomar um ar. Meu coração acelerou tanto que parecia que fui eu quem tinha dormido com o cara.

– Mentira! – só depois de ter gritado foi que me lembrei de que não devia estar gritando. Diminuí o volume da minha voz. – E aí, como foi? Conte-me tudo!

- Estamos namorando!
- AAAH! – acabei gritando de novo. Dei até alguns pulinhos, parecia uma louca. – Devo estar sonhando, Claudinha! Não acredito!
- É sério. Então, preciso contar tudo a vocês. Reunião extra hoje, que tal?
- Acho ótimo... – por um momento havia me esquecido de que tinha compromisso, mas logo tratei de lembrar. – Eita! Não vai dar hoje!
- Ah, por quê?
- Hum... – fiquei em dúvidas se contava ou não, entretanto sabia que não podia ficar me escondendo. – Edu.

– Explicado! Quero só ver no que essa história vai dar, Fabiana. Já te falei que você está fazendo papel de consolo... Quase uma boneca inflável.

- Credo, não exagera. Além do mais, ele que é o meu consolo. Quase um vibrador elétrico, só

que muuuuuuito mais gostoso.

– Você é tão desapegada! Deus me livre!

– Sexo é sexo, queridinha! Sei que o Edu não quer nada além disso, não vou ficar me martirizando, certo?

– Pelo menos ele não te cobra nada. Isso é um avanço e tanto, não?

Permaneci muda por alguns instantes. A frase da Cláudia me atingiu em cheio, acredito que nunca tinha me sentindo tão mal com relação a minha atual situação. Ninguém sabia, mas eu estava mantendo um garoto de programa. Todas as minhas amigas pensavam que aqueles encontros eram casuais, mas... a verdade é que eu estava pagando pelo Edu, e não era barato.

Pensei em largá-lo muitas vezes, porém não consegui. Gostava da sua companhia, nosso sexo era maravilhoso e eu não estava com tempo para arranjar um namorado. Não queria um homem me enchendo o saco, ligando na hora do expediente e me perguntando quantos puns eu tinha soltado durante o dia. Gosto de liberdade e de independência. Gosto de ser livre.

Ok, também gosto do Edu. De um jeito especial.

Mas ele é um garoto de programa e jamais deixará de ser. Sei que é duro ficar alimentando uma paixão ridícula, isso não se faz. Só que é mais forte do que eu... Quando menos espero já estou ligando e marcando um horário. Ele sempre está disponível para mim, chegou até a desmarcar com outra cliente para ficar comigo. Tá, sei que estou tentando me contentar com migalhas.

Enfim... Minha vida amorosa é uma bosta.

– Pois é... – murmurei. Minha consciência apitava, reclamando que eu devia desmarcar com o Edu para ficar com as minhas amigas. Era o correto a ser feito.

– Acho que ele está acordando, preciso desligar. Beijo, amiga!

– De onde você está falando?

– Do banheiro! – Gargalhou, mas não a acompanhei. – Vou lá!

– Tá... Bom proveito – desliguei sem me dar o trabalho de fazer o certo.

De novo me comportei como uma estúpida. Precisava me livrar do Edu, e rápido. As coisas não podiam ficar daquele jeito. Só porque eu tinha dinheiro suficiente para pagá-lo não significava que devia manter a situação. É humilhante demais! Poxa vida, sou muito mais do que isso. Posso encontrar um cara bacana e viver uma espécie de relacionamento aberto, sei lá. Quero liberdade, mas pagar por ela é o mesmo que me enjaular.

Sendo bem sincera: não me sinto livre. O poder de parar com a palhaçada era totalmente meu, contudo estava me tornando uma escrava do desejo que sentia.

Cheguei a digitar o telefone dele – que eu sabia de cor –, e até esperei chamar algumas vezes antes de desligar e desistir. Ele me retornou quase na mesma hora. Sua voz de homem malicioso – e que sabe fazer tudo do bom e do melhor na cama – fez meu corpo vibrar. Aconteceu o inevitável: enrolei e, de novo, não consegui desmarcar. Ele ainda fez questão de soltar inúmeras insinuações, dizendo que estava com saudade, que não via a hora de me pegar de jeito... Disse até que me faria gozar até eu implorar para que parasse. Meu corpo ficou absolutamente entregue em apenas uma ligação, imagina ao vivo?

Devo acrescentar que cada segundo de sexo com o Edu valia cada centavo que eu pagava? Nunca tive tantos orgasmos quanto nos últimos dois anos. As melhores transas da minha vida aconteciam com ele. Neste meio tempo tentei me relacionar com outros homens, mas nenhum conseguiu chegar perto da “qualidade” do Edu. Havia me transformado numa mulher exigente, e

nenhum cara parecia atender às minhas exigências além dele.

Ainda estou tentando me justificar. Sei bem disso. Tenho plena consciência, sou inteligente o bastante para tal. Era o Edu quem me transformava numa verdadeira burralda. Até poderia rever a minha liberdade se ele decidisse ficar só comigo. Tá bom, admito: já revi mais de mil vezes e, se fosse para ficar com ele, queria dar adeus à minha liberdade sem culpa. É estranho descobrir que você só mudaria por alguém que jamais fará o mesmo por você.

O dia passou enquanto eu tentava me distrair como podia. Minha cabeça ficou aérea depois da ligação da Cláudia – suas palavras haviam me deixado reflexiva. Não que eu nunca tivesse refletido sobre isso, mas alguma coisa dentro de mim se cansou de fingir que tudo estava bem.

Anoiteceu e acabei me esquecendo da vida; saí do trabalho duas horas mais tarde do que devia sair. Perder a noção do tempo é uma meleca, ainda mais quando se tinha apenas duas horinhas para estar toda depilada, com a unha feita e o cabelo apresentável. Agora não tinha sequer dez minutos.

Liguei para o Edu, avisando-lhe que iria me atrasar. Pedi para que demorasse mais um pouco, entretanto ele já estava me esperando na frente da minha casa. Tinha estranhado o fato das luzes estarem desligadas e de ninguém ter aparecido depois que apertou a campainha algumas vezes.

Pensei em desmarcar. Ficou só no pensamento mesmo.

Assim que cheguei, abri a garagem com a chave eletrônica. Ele sabia que havia espaço para dois carros e que o seu era sempre bem-vindo, por isso acabou entrando e estacionando seu veículo ao lado do meu. Tentei parecer tranquila como em todos os nossos encontros. Ultimamente ficava cada vez mais difícil de me controlar; meu coração palpitava pra cacete e as minhas mãos tremiam de pavor. Claro que aquela porcaria tinha fim quando o Edu me beijava e me colocava na cama, mas a expectativa do reencontro – do momento exato em que seus olhos azuis cruzavam com os meus – era cruel. Uma pancada dentro de mim.

Saí do carro e fui caminhando igual a uma demente até a entrada. Tentava adiar ao máximo o momento da troca de olhares. Bem que ele podia fazer todo o serviço sem olhar para a minha cara. Impossível, eu sei. Edu fazia questão de transar olhando bem para mim, como se quisesse me invadir de todas as formas. E conseguia.

Retirei as chaves da minha bolsa, consciente de que ele estava bem atrás de mim. Suas mãos apertaram a minha cintura com força, mesmo assim não me virei. Tentei girar a droga da chave na maçaneta, levando muito mais tempo do que o normal, pois o Edu decidiu que seria ótimo começar a distribuir beijos quentes no meu pescoço. Seu corpo grudou nas minhas costas. Era grande, másculo e me provocava o tempo todo.

Abri a porta e entrei bem depressa, escapando de suas investidas. Edu não me deixou escapar, ainda segurando o meu corpo – e a minha vida inteira, por sinal – fez com que eu girasse. Não queria vê-lo, por isso fechei os olhos e fiquei sem saber o que fazer. Acho que acabou nem percebendo a confusão das minhas atitudes; imprensou o meu corpo em uma parede e me beijou boca sem pestanejar.

É... Ele é bom nisso. Ótimo.

Por um momento achei que nada poderia fazer além de beijá-lo. Demorou muito até que percebi estar no comando: as ordens sempre foram minhas. Assim como a minha vida, a minha alma e o meu corpo, incluindo o coração. Eu tinha o poder de fazer parar na hora que quisesse. Se aquilo estava me incomodando – não tanto, claro, com o Edu me beijando nada incomodava, mas você

entendeu o que quis dizer –, nada mais lógico do que fazer parar.

Desviei a minha boca e, sem querer, acabei o observando. As luzes estavam todas apagadas, por isso ele não passava de um vulto. Graças a Deus! Não precisaria encarar seus olhos enquanto pedia para que se retirasse da minha casa – e do meu mundo todo. Tomei fôlego e me afastei totalmente.

– Eduardo, me descul...

– Eduardo? Lá vem bronca – sua voz estava misturando desejo e divertimento. Meus nervos congelaram depois que a escutei. Precisava ser tão difícil assim, meu Deus?

– O quê? – murmurei idiotamente.

– Você só me chama de Eduardo quando precisa desmarcar comigo ou quando se atrasa muito... Ou quando não gosta de alguma coisa que fiz.

Ele estava certo. Era algo natural chamá-lo de Eduardo quando precisava falar sobre um assunto mais sério. Edu era uma pessoa divertida ao extremo, seu jeito às vezes me deixava em dúvidas se estava brincando ou não. Quando o chamava daquele modo ele se transformava, e então eu encontrava a certeza da qual estivesse precisando.

– Primeira opção... – sussurrei de um jeito quase inaudível. Tentei não me arrepender do que faria antes mesmo de fazer.

Edu se locomoveu no escuro e encontrou o interruptor. A ampla sala se fez presente. A minha casa era grande e tinha tudo o que sempre quis ter; parecia uma casinha de bonecas. Eu merecia cada móvel, cada artigo decorativo, pois batalhei muito para estar na confortável situação financeira em que me encontrava.

Fiquei olhando para os meus sofás maravilhosos. Depois observei a porta de vidro que dava para a piscina. Havia esquecido as cortinas abertas de novo. Sentia que Edu estava me encarando sem nada falar, porém não seria idiota o bastante para encará-lo de volta. Ignorei o aperto que quase fazia meu estômago virar pó e decidi acabar logo com aquilo. Tinha de ser rápido e preciso.

– Quero que vá embora – menti muito feio.

Senti-o se aproximar. Fechei os olhos na mesma hora.

– O que houve, Fabi? Algum problema?

Sim, Edu, tenho um problema chamado... olha só, que coincidência: Edu!

– Nenhum – sou uma péssima atriz. Meus lábios até tremeram quando a palavra passou pela minha boca. Sabia que precisava continuar o raciocínio para fazê-lo entender, mas ele sempre foi muito afobado; fez seu corpo imprensar o meu na parede de novo. Continuei de olhos fechados.

– Então relaxa, gatinha – disse baixinho, começando a beijar o meu pescoço. Suas mãos apertaram a minha cintura e foram descendo até o meu traseiro. Aquele corpo másculo se juntou ao meu tão rápido que acabei perdendo o meu juízo e, principalmente, a minha coragem.

– Preciso de um banho... – foi o que a imbecil aqui conseguiu dizer.

E todo aquele papo de manter o controle? Cadê o infeliz? Bem que tentei procurá-lo, mas era difícil com o Edu beijando o meu colo. Seu cheiro marcante com certeza tinha ocupado o lugar dele, expulsando-o para longe.

– Vou te dar um... – ele sussurrou de um jeito animalesco, avançando no meu vestido. Consegui tirá-lo por cima dos meus braços, deixando-me exposta. Nada pude fazer além de me concentrar em tirar a sua roupa também.

Escrava do desejo.

A minha autodefinição me fez parar. Dei vários passos para trás – trajando apenas calcinha, sutiã e sapato de saltos – e abri os olhos. Edu já estava sem camisa e tinha o zíper da calça jeans bem aberto. Não deu para evitar dar uma olhada naquele pedaço de mal caminho; a cueca branca aparecendo, mostrando sua excitação, o abdome definido e os pelos espetaculares que compunham seu peitoral, fazendo-o mais homem impossível. Os braços largos completavam a sua “saradice”, e claro que morri de vontade de pegá-los. Sabia que eram firmes.

Como se ser gostoso fosse pouco, observei seu rosto perfeito, másculo, com contornos maduros. Os cabelos loiros estavam meio espetados para cima. Cada detalhe foi vislumbrando por essa coitadinha aqui, mas nada conseguiu ser mais impactante do que seus olhos azuis me observando com desejo e sacanagem. Safado até dizer basta.

Que droga, eu estava tão na dele!

Dei alguns passos para trás, tentando evitar pular em cima do dito-cujo. Fiquei o encarando debilmente, como um animal indefeso que desiste de fugir do seu pior predador.

Olhos azuis mudaram de expressão assim que perceberam minha anormalidade.

– O que aconteceu, Fabiana? Você está muito estranha.

Balancei a cabeça, negando. Estava prestes a me atirar naquela boca. Só o movimento que fez ao falar me deixava à beira de um orgasmo.

Sem saídas, corri feito uma louca e abri a porta da varanda. Um vento frio fez meu corpo congelar, mas continuei correndo. Olhei para trás e vi que o Edu também tinha saído. Ok, eu estava fugindo de um cara dentro da minha própria casa como se ele fosse um bandido.

Sentindo-me idiota demais, decidi jogar longe os meus sapatos e pular na piscina. Assim eu pareceria menos louca no ponto de vista dele. Pelo menos faria sentido: corri para tomar banho. Pronto. Justificada. Ótima decisão.

Certo, pensei que era ótima até que senti a água congelante quase penetrar o meu corpo. Soltei um grito assim que emergi. Edu começou a rir de mim. Depois de dar uma olhada, reparei que ele se curvava para retirar os sapatos.

– Se eu fosse você não viria! – gritei quase desesperada.

– Não perco este banho com você por nada, Fabiana.

– Edu... Não, por favor.

Ele se ergueu e começou a arrancar a própria calça. Estava perdida.

– Quero que vá embora! – fechei os olhos e berrei. – Por favor, por favor, por favor!

Ouvi um barulho de mergulho.

Fodeu, fodeu, fodeu, fodeu, fodeu, fodeu, fodeu, fodeu, fodeu...

Fodeu de vez quando senti o Edu me puxando para si. Ele mesmo abriu as minhas pernas e se encaixou entre elas, apoiando o meu corpo no seu. Permaneci com os olhos fechados e com aquele desespero enraizado na alma.

– Por que está me evitando? – ele perguntou com os lábios quase nos meus. Foi então que percebi que estava nu. Uma coisa que eu conhecia muito bem estava cutucando a minha calcinha. Pedi para morrer.

– Não posso mais... – choraminguei. – Não posso, Edu. Por favor.

Ele não desgrudou de mim, mas pelo menos parou de me apalpar. Um ótimo avanço.

– O que você não pode? Não estou te entendendo...

– Não posso mais manter isso.

O idiota finalmente me largou. Aleluia! Pena que não consegui senti-lo se afastando; puxei-o de volta e o abracei. Comecei a chorar. Muito bonito para minha cara, né não?

– Conta pra mim o que está acontecendo... – ele disse suavemente, alisando meus cabelos molhados. – Posso te ajudar. Faço o possível, prometo.

– Queria que pudesse me ajudar, mas não pode! Não podemos mais nos ver, Edu.

– Fabiana... Se estiver com algum problema financeiro, eu...

– Não! Não é isso!

Ai, que revoltante! E humilhante também. Por que eu não podia me comportar como uma pessoa normal? Era só dispensá-lo e pronto. Ele estava apenas trabalhando – nossa relação sempre foi meramente profissional –, não podia me obrigar a nada. Eu que o obrigava a ficar na minha companhia.

A ideia me fez chorar ainda mais alto. Desesperador. Desconcertante. Por que, durante todo esse tempo, não tinha percebido que estava errando tão feio?

Será que mantinha a esperança de que o Edu mudasse por mim? Ele jamais iria mudar. Conheço-o muito bem, pois nós também conversamos bastante. Éramos amigos, mesmo que os negócios acontecessem à parte.

– Não vou saber o que tem de errado se não me contar... Fabiana... – ele passou a mão no meu rosto. – Olha pra mim.

Abri os olhos e morri por dentro. Não há nada mais encantador do que a visão daquele homem com água escorrendo dos cabelos assanhados.

Engoli o choro e busquei coragem.

– Não quero mais os seus serviços, Edu. Por favor, vá embora. Agora.

– Mas...

– Estou mandando! – gritei, soltando-me depressa.

Ele me olhou com uma expressão super confusa. Nunca a tinha visto.

– Só me diga o porquê – ele endureceu a voz e se afastou um pouco mais. – Por favor, Fabiana. Por todo esse tempo que passamos... Só me diga o que fiz de errado.

– Você foi perfeito, Eduardo. Você é... completamente perfeito.

Ele sorriu um sorriso de vaidade. Típico dele. O estranho foi ter parado de sorrir tão depressa.

– Você está namorando, Fabiana? É por isso?

– Não... Não é isso – arrependi-me na velocidade da luz de ter dito isso. Deveria ter mentido, assim o cara sairia logo dali.

Edu passou a língua pelos lábios e depois os prendeu. Parecia reflexivo. Não disse mais nada, apenas ficou me encarando. Continuei querendo morrer.

– Vá embora...

– Ainda não me deu um motivo.

Eu precisava ser mais firme. Decisiva. Estava quase conseguindo. Tinha parado até de chorar.

– Tem um envelope na mesa da sala de jantar. Pegue-o e vá embora.

– Tá bom, mas preciso do motivo.

– Não preciso e nem quero te dar um. Estou pagando caro para que saia daqui sem motivo.

Acho que exagerei. Devo tê-lo magoado, pois a cara que fez foi quase sofrida. Nunca vi o Edu tão desconcertado.

– Quando ficou assim, tão irritada comigo? O que eu te fiz, Fabiana?

Meu Deus, o que estava faltando para ele ir de uma vez? Só era necessário mais um piscar de olhos para que a minha coragem fosse embora e eu pulasse no pescoço dele. Estava frio ali, que raiva!

– Deixou que eu me apaixonasse por você! – gritei a pleno pulmões. – Satisfeito? Está satisfeito agora, Eduardo? VÁ EMBORA!

Virei as costas e fui saindo da piscina. Não escutei movimento na água, por isso presumi que o Edu havia paralisado. Subi alguns degraus e senti um frio absurdo quando saí. Minha pele se arrepiou de tanto frio, mas continuei caminhando decididamente na direção da porta de vidro.

– O que você quer, Fabiana? – Edu perguntou bem alto.

– Já disse, que vá embora! – fiz a besteira de olhar para trás. Ele ainda estava na piscina.

– O que você quer *de verdade*?

Estaquei. Edu começava a sair da piscina, parecendo um príncipe árabe saindo de um banho em seu harém. Uma coisa que me fez perder o fôlego.

– Quero mais do que isso – respondi, apontando para o seu corpo escultural e nu. – Quero mais, Eduardo. Você não pode me dar isso.

Ele balançou a cabeça, concordando comigo.

– Certo.

– Foi bom estar com você, mas preciso de um homem, não de um garoto de programa. Quis apenas me divertir contigo e passamos momentos muito bons... Não me arrependo de ter te mantido, só que minhas expectativas mudaram e você não acompanhou essa mudança.

– Fabiana... Eu não sou o Caleb ou o Fernando...

Aquelas palavras doeram em mim. Não devia ter dito aquilo. Foi seu maior erro, pois aquela droga que fazia meu coração bater por ele começou a se transformar em raiva. Ódio e amor são realmente sentimentos muito próximos um do outro.

– Não. Não é. Jamais será.

Ele resfolegou e fez uma careta de nojo que eu detestei. Ridículo.

– Você acha que eu não tenho sentimento algum, não é? Acha que pode me ofender o quanto quiser.

– Pelo amor de Deus, vista-se e vá embora.

– Certo. Tudo bem.

Edu pegou a cueca, a calça e começou a se vestir. Fiquei apenas o observando, despedindo-me internamente. Estava me sentindo arrasada, porém um certo alívio me ajudava a continuar de pé. Foi difícil, mas me liberei daquela escravidão. Estava livre.

Agora sim, totalmente livre.

Edu segurou os sapatos e se aproximou. Parou bem na minha frente. Precisava resistir uma última vez. Só mais uma...

– Pegue o seu dinheiro – falei, mas a minha voz vacilou. Merda!

– Enfie o dinheiro no seu... Não quero essa porra – rosnou com raiva e passou por mim, atravessando a sala a passos largos.

Sua grosseria me deixou assustada, mas bem que mereci. Havia sido uma estúpida mesmo. Como ele disse, estava agindo como se a única que possuísse sentimentos fosse eu.

Ele parou para pegar a camisa no chão da sala. Abriu a porta e finalmente olhou na minha direção. Tentei não chorar. Juro que tentei, mas aquele homem lindo demorou demais a partir.

– O que você quer, Eduardo? – questionei.

– Pensei que não se importasse com o que quero. Não me deixou falar nada, nem concluí o meu raciocínio, e foi logo me dando patadas. De verdade, o que eu quero não te importa e nem te interessa.

– Não é verdade. Pode não me interessar, mas eu me importo.

– Sabe o que eu queria, Fabiana? De verdade? Queria mais do que isso... Queria ser mais do que sou. E só você me faz entender a cada encontro que sou um filho da puta desprezível... Mesmo assim, não consigo deixar de viver assim. Não sei para onde ir, não conheço rumo algum para seguir além do que segui a minha vida inteira. Sou um perdido, um fodido, entendeu bem?

Devo ter começado a chorar no meio daquele desabafo. Ou foi logo no início? Nem sei dizer, só sei que precisei me apoiar no sofá para conseguir ouvir tudo.

– Você não é isso... Não, não é.

– Não sei em que espécie de ilusão você vive, Fabi, mas o que você sente não é por mim. Não há nada aqui que valha a pena.

– O cara que me faz rir... Que me faz bem, que me deixa louca, que me protege de um jeito que nunca consegui explicar... Que sabe o que gosto, que conversa comigo como nenhum outro... Esse cara não vale a pena? Se não valesse eu nem faria questão de pagar por ele.

– Se valesse ele não estaria cobrando para amar a pessoa que ama.

Meu queixo simplesmente caiu. Precisei sentar no sofá, mesmo estando molhada. Edu ainda estava rente à porta. Olhava-me com pesar e tristeza. Ergui uma mão, chamando-o para mim. Estava incapaz de falar qualquer coisa. Nenhuma palavra se formava na minha cabeça.

Edu olhou para todos os lados antes de se aproximar. Acho que pensou se devia fazê-lo, porém acabou ouvindo a voz que gritava entre nós dois. Conseguia ouvi-la perfeitamente, ela implorava para que déssemos uma chance um para o outro.

Assim que se aproximou, puxei sua mão com força. Seu corpo se deixou levar pelo meu toque, por isso ele praticamente caiu sentado no sofá. Em menos de um segundo, meu corpo já estava sentado sobre o seu. Olhei bem para os seus olhos. O modo como me olhava era diferente. Enfim pude ver algo mais neles, como se a máscara que o Edu usava comigo finalmente tivesse ido ao chão.

– É verdade? – murmurei.

Ele aquiesceu.

– Mesmo?

– Eu te amo há muito tempo, Fabiana. Que droga... Merda, não queria te fazer sofrer, mas não pude me... Não sabia o que fazer... Não sei o que fazer...

– Seja o meu mais, Edu. Por favor... Eu te ajudo em todo o restante, apenas seja só meu.

– Eu quero isso, mas não mereço você. Estou sendo sincero. Não mereço nada, não sei gostar de alguém.

O coitado parecia mesmo perdido, mas eu não me importava. O sentimento existia. O mais difícil aconteceu. O resto era fichinha.

– Amanhã a gente resolve as coisas que você não sabe fazer. Agora eu só quero que faça o que sabe fazer muito bem.

Ele entortou a boca num meio sorriso engraçado. Depois ficou sério.

– Não quero te machucar. Não me deixa te magoar, Fabiana...

– Fique tranquilo... Seja só meu e relaxe. Certo?

Sinceramente, depois de toda aquela confusão mental, só conseguia ouvir sinos tocando e pássaros sobrevoando. Estava tão tranquila que nem me dei o trabalho de pensar em todos os problemas que enfrentaríamos. Dane-se. Metade das minhas amigas passou por eles, experiência haveria de sobra.

– Por mim, está mais do que certo – disse, e me beijou como se fosse a primeira vez. Fizemos amor a noite inteira como se fosse a primeira vez. E, pela primeira vez, senti que estava viva de verdade.

51º Capítulo - Por Paloma

2 anos e 6 dias depois...

O que estou fazendo aqui?

Uma pergunta ótima para ser feita, visto que não tinha nada para falar com ela. Não algo que precisava ser dito em particular. Não em um bar que ela costumava frequentar para se embriagar até ficar mais oportunista do que já é. Eu não preciso desse tipo de coisa. Não mesmo. Minha vida está ótima exatamente desse jeito: sem tempo para nada além do trabalho. Tinha duas esculturas para terminar ainda, não devia estar perdendo meu tempo.

Minhas mãos picotavam um pedaço do guardanapo. Já tinha dezenas de bolinhas de papel espalhadas pela mesa, daqui a pouco alguém viria reclamar do meu gasto excessivo e inútil. Então eu seria humilhanantemente expulsa de um lugar onde não queria estar. Perfeito.

Ela estava atrasada. Dois minutos atrasada. Eu já devia ter ido embora.

– Vai querer alguma coisa, senhorita? – perguntou-me pela terceira vez um garçom com sorriso fácil. Era lindo, daqueles que ela com certeza levaria para cama. Isso se já não tivesse levado.

– Quer saber? Traz uma dose de tequila – falei no impulso.

– Com sal e limão?

– Pode ser...

Apoiei a cabeça nas mãos. Meu nervosismo tinha atingido um limite insuportável. Talvez uma tequila ajudasse, mas era provável demais que atrapalhasse. Um risco que eu não queria correr, mas, depois de menos de um minuto – pelo menos não pareceu ter passado tanto tempo assim –, havia um copinho de vidro e um pires contendo sal e rodela de limão.

Tomei um golinho e fiz uma careta, já arrependida.

– Ah, que máximo! – Claro que senti seu cheiro de perfume caro antes de ouvir a sua voz, mas a tequila meio que me deixou tonta por um segundo. Pensei que tinha sido uma ilusão ou algo assim. – Também vou querer uma! Mas você sabe que não se toma assim, né, Paloma?

Jéssica sentou na minha frente de um jeito espalhafatoso. Metade do bar olhava para ela. Alguns admiravam sua beleza, outros seu charme e a maioria gritante estava conferindo quem era a mulher que tinha berrado como uma doida no meio do estabelecimento.

Corei de vergonha, porém acredito que corei mais ainda pelo que vi. Jéssica não estava usando um vestidinho curto com decote acentuado. Coisa rara. Aliás, ela parecia até um ser humano normal com calças jeans comportadas e uma camisa de manga estilo baby look. Tinha um desenho do Mickey na frente. Mickey! Dá pra acreditar?

O pior de tudo foi quando tive certeza de que não havia nada mais no seu rosto além de um gloss labial transparente. Cara limpa. Absolutamente natural. Sem rímel excessivo, sombras escuras e batom vermelho. Sem aquele blush rosa que parecia que ela tinha levado um tapa.

Mesmo assim, seus olhos eram duas esmeraldas tão brilhantes quanto sempre foram. Meu coração acelerou tanto que achei que morreria ali mesmo, diante dela.

Uma morte estúpida e vergonhosa.

– Robério, traz uma pra mim também! – gritou de longe, acenando para o garçom bonito. Ele fez sinal de positivo e apareceu com uma tequila em um piscar de olhos.

Jéssica ergueu um copinho.

– À esta noite – brindou, fazendo nossos copos se chocarem. Bebeu todo o conteúdo e, com dedos experientes, beliscou um pouco do sal. Acabei fazendo o mesmo. Já estava na chuva, ficar seca não ia fazer sentido.

– Então... Lomita. Você deve estar se perguntando por que resolvi marcar com você aqui hoje.

– Na verdade estou me perguntando por que ainda estou aqui – rebati.

Ela me encarou fixamente, fazendo-me prender a respiração por tanto tempo que precisei resfolegar depois. Uma porcaria.

– Deixa de ser chata por uma noite, sim?

– Impossível, esta sou eu. Se não gosta, não tenho culpa.

Ok... Meu humor não estava dos mais agradáveis. Ainda mais quando quase não conseguia conter a vontade louca que estava sentindo de beijá-la ali mesmo, na frente de todo mundo. Um beijo lésbico em público. Era só o que faltava para minha vida mudar de "uma droga" para "agora fodeu".

– O que tenho para falar é sério, Paloma.

– Estou vendo, até escolheu um traje ideal estilo "conversa séria com a Paloma". Até que gostei, Jess. Melhor do que o "estou pronta para dar uma de perigete" que usa diariamente – gesticulei as aspas.

Jéssica desviou os olhos e permaneceu calada. Prendeu os lábios e deu de ombros. Uma reação esquisita até demais. Nunca a vi daquele modo em toda a minha vida. Ela parecia... triste.

– Não quis te ofender – sussurrei, praguejando internamente. – Desculpa.

– Amande me disse que você sabe o que sou – soltou a bomba sem sequer olhar para mim.

É isso aí. Tchau, “uma droga”. Oi, “agora fodeu”.

Já estava decidido: pegaria uma peixeira e enfiaria no coração da Amande. Ou talvez apertasse um travesseiro contra seu rosto enquanto dormia. As opções eram tantas. Coitado do Caleb, ficaria viúvo.

– Sei – rosnei, morrendo de raiva.

– Disse que faz tempo que você sabe.

– Uns dois anos.

Jéssica soltou um longo suspiro. Soprou bem na minha cara uma mistura de seu hálito fresco com tequila. Uma coisa de louco. Louco mesmo, juro. Podia sair dali numa camisa de força facinho.

Odeio, simplesmente odeio com todas as minhas forças, amar essa mulher.

– Robério, manda mais duas! – gritou de repente, voltando a sorrir. Sua mudança trágica de humor e o berro intenso me fizeram pular de susto.

Mal esperei o gostosão depositar o copinho na mesa, fui logo tomando de uma vez. Jéssica riu de um jeito divertido e me acompanhou.

– Adoro tequila! – comentou animadamente. Amy Winehouse começou a tocar no som do estabelecimento. – No, no, no... Adoro essa música.

– O que você não adora, afinal? – não consegui esconder uma careta.

– Não adoro o modo como fica me olhando.

Abaixei a cabeça imediatamente, mirando o punhado de sal em cima do pires. Senti meu corpo travar, sofrer uma paralisia esquisita.

– Fica me julgando o tempo todo com esses olhinhos puxados tão lindos – Jéssica continuou, colocando uma mão de unhas benfeitas por cima da minha.

– Já pedi desculpas. – Afastei a mão de imediato, guardando-a entre as minhas coxas.

O que ela queria fazendo aquilo? Tratar-me como uma demente?

– Eu queria, por um segundo, ver em seus olhos o amor que sente por mim – respondeu os meus pensamentos. – Robério, traz outra!

Pulei de susto duplamente. Soltei vários palavrões em silêncio. Mas... Como? Era o que eu queria saber.

Não ousei olhá-la nem por um instante; o sal fino e branquinho em cima do pires era bem menos constrangedor. O gato comeu a minha língua, e então uma luz foi acesa na minha mente: Amande. Amande tinha assinado seu atestado de óbito.

– Porra, eu mato a Amande. Que inferno! – soltei sem fazer esforço para conter minha decepção, raiva e tristeza.

– Ela não me disse nada sobre isso, Paloma. Não sou tão burra quanto pensa. Você gosta de mim desde o colegial.

Fechei os punhos, apertando-os com força. Devo ter quebrado uma unha, pois senti um estalido que veio acompanhado por uma dor fina.

– Que diferença faz? E daí, Jéssica? E daí? O problema é meu!

– Por que tem tanta raiva do que sente? Olhe pra mim. – Olhei. Seus olhos estavam selvagens, e a testa, franzida. – Por que me olha como se eu fosse um erro estúpido, uma decepção, uma maldição... Uma coisa ruim e cruel na sua vida?

Lágrimas embaçaram minha visão. Não. Merda, não podia chorar na sua frente. Seria vergonho demais!

– Porque é isso o que você é – sussurrei.

Sua expressão ficou horrorizada. Logo, aconteceu uma coisa que eu nunca imaginei estar viva para presenciar: Jéssica tinha os olhos tão marejados quanto os meus. Uma lágrima chegou a escorrer, mas ela logo a enxugou com as pontas dos dedos.

– Desculpa se te decepciono tanto – começou, falando de um jeito embargado estranhíssimo nela. O que veio a seguir foi uma chuva de desabafos que me fizeram cair no choro bem depressa: – Desculpa se fiz a minha vida do jeito que quis... Desculpa se prefiro fazer as coisas que me fazem feliz, desculpa se meu jeito maluco te incomoda... Desculpa por não ter te dado bola durante todos esses anos, mesmo sabendo o que você sentia... Desculpa por ter sido egoísta demais, desculpa se não quis me envolver contigo sabendo que te machucaria no fim...

Ergui as duas mãos para frente, sinalizando para que parasse. Entretanto, Jéssica estava disposta a me martirizar naquela noite.

– Desculpa se você, no fundo, quer ser alguém como eu... Sem regras, sem culpa ou medo... É isso o que sempre quis, mas nunca teve coragem de deixar as coisas acontecerem. Só te peço desculpas por tudo, Paloma, pois sei que a cada vez que grito, danço, caio na risada ou falo as minhas besteiras você se chateia por odiar tanto quem eu sou. E pior ainda, sabendo que esse ódio todo nada mais é do que o amor doente que teima em sentir e que...

– Pare! – gritei. – Simplesmente pare agora!

Enxuguei as lágrimas apressadamente nas mangas compridas da minha blusa preta de cashmere. Arrumei minha franja para trás e inspirei todo o ar que foi possível.

Avistei o garçom numa mesa próxima a nossa.

– Robério, traz a conta, por favor! – falei alto para ser ouvida.

– Não, Robério, pode trazer mais duas!

Ele assentiu e desapareceu. Claro que ouviria a Jéssica, não a mim.

Ela tinha pegado um guardanapo para enxugar as próprias lágrimas. Seus olhos verdes estavam mais brilhantes ainda, mas a expressão pesarosa em seu rosto me encheu de amargura. Um estado depressivo que prometia me afundar de vez na desgraça.

– O que pretende com isso? – perguntei de uma vez. Precisei engolir diversas vezes para tentar melhorar a sensação de nó na garganta. – Não quero mais falar contigo. Chega. Sequer quero a sua amizade.

Ela sorriu, mas de um jeito triste.

– Claro que não quer a minha amizade.

– Pare com isso... Por favor, não tem a menor graça.

– Sei que não, Lomita. Não tem graça mesmo. – Robério chegou com mais duas tequilas. Contra toda a lógica, brindamos mais uma vez e viramos o conteúdo. Sei que não devia estar fazendo uma cara muito boa. Meu rosto chegava a doer de tão contorcido. – Não achei engraçado descobrir que você já sabia tudo sobre mim durante tanto tempo e, mesmo assim, ainda não me esqueceu.

– Chega – falei e me levantei. Ela segurou o meu braço. Tornei a sentar, sentindo-me exausta. – Se eu não te esqueci é porque sou muito estúpida. Você não tem nada a me acrescentar. Sequer gosta de mim. Não temos nada em comum, nada! Eu odeio não ter razão para te amar, Jéssica. Eu queria uma, mas quando olho para você só vejo uma mulher linda que se estraga a cada programa que faz. Uma vadia que dá pra todo mundo. É isso o que vejo em você, e é por isso que não consigo te olhar de outra forma.

Aquela altura, Jéssica já havia voltado a chorar. Eu realmente não sei como consegui falar tantas coisas cruéis cara a cara. Acho que era a raiva misturada com a tequila, que a cada segundo fazia efeito.

Daquela vez quem se levantou foi ela. Pegou a bolsa e simplesmente correu na direção da saída. Através da parede de vidro, vi quando pegou a esquerda aos tropeços, com as mãos tampando o próprio rosto.

A vontade que eu tive foi de morrer. Vê-la daquele jeito me machucava, abria um buraco profundo dentro de mim. Saber que estava assim por minha causa era uma dor adicional a todo aquele misto que me amargurava. Sem pensar mais em porcaria alguma e praguejando baixinho, deixei uma nota em cima da mesa e saí do estabelecimento.

Peguei o mesmo rumo que vi a Jéssica tomar e corri o mais rápido que pude. Não demorei a localizá-la: estava apoiada em um poste, chorando feito uma criança. As pessoas passavam e olhavam para ela com pesar, mas não se intrometiam.

Assim que me aproximei, tomei-a pela cintura com mais força do que pretendia. Ela me encarou, assustada. Atitude completamente anti-Jéssica. Seus olhos me encararam de perto e, sem saber o que dizer, simplesmente beijei sua boca com todo o amor que guardava, trancado dentro de uma parte escondidinha no meu coração.

Nem sei dizer como as pessoas reagiram. Naquele momento, não liguei. Foda-se o mundo.

Jéssica sempre foi mais alta do que eu, porém naquele dia ela não usava saltos e eu sim. Deste modo, ficamos basicamente do mesmo tamanho. Suas mãos alisaram meus cabelos com carinho

enquanto as minhas seguravam seu rosto, guiando o movimento de nossos lábios.

Eu não queria que aquele instante acabasse. Nunca a havia beijado tão sóbria, e olha que havíamos bebido aquelas tequilas. Sua língua na minha era estupidamente excitante, fazendo toda a minha carência, toda a falta que ela me fazia, curvar-se diante do momento.

Quando nossas bocas enfim se afastaram, encaramo-nos por um longo tempo.

– Eu larguei a prostituição – Jéssica murmurou por fim.

Precisei me segurar no poste atrás dela para me manter de pé. Seu perfume tão perto não me deixava raciocinar direito.

– Quê?

– Hoje é o meu primeiro dia... Você sabe, livre. Estou dando uma repaginada.

Afastei-me dela, dando alguns passos para trás. A surpresa total me definia. Acho que meus olhos nunca estiveram tão abertos; é bem difícil eles abrirem, afinal.

– Vou voltar a estudar. Sabia que existe faculdade de estética? Vou fazer. Parece interessante e bem sério.

– Sim, mas... Por que a mudança? Por que decidiu largar tudo? Você nunca gostou de estudar.

Jéssica fitou o chão. Refletiu bastante antes de confessar:

– Porque quando eu me via sozinha... ou quando estava pronta para dormir... Só conseguia pensar se existia alguém no mundo inteiro que estivesse pensando em mim. Alguém que se importava comigo, que quisesse meu bem. Alguém que gostasse de mim como eu sou – voltou a me encarar. – Só conseguia pensar em você, Paloma. Você me ama como eu sou, e isso te irrita porque nunca fui alguém que valesse a pena amar.

Levei uma mão à boca, prendendo o choro e a respiração.

– Quando Amande me disse que você já sabia... Eu quase não acreditei. Não pude acreditar no quanto estava sendo egoísta logo com a única pessoa que se importa comigo de verdade. – Jéssica iniciou o próprio choro. – Todos esses anos... Sem que tenha me esquecido... Imagino o quanto deve... ter sofrido por minha... causa.

– Jess, não... – tentei falar, mas minha voz foi falhando até se transformar num miado e, no fim, sumir completamente.

– Não sei o que é isso que você sente, Lomita. Não conheço o amor. Nunca me deram o direito de saber o que é, a vida não me deixou descobrir. Mas agora tenho certeza de que quero sentir também. Preciso sentir essa coisa tão boa que me faz ter vontade de ser alguém melhor. Que me faz esquecer de todas as merdas que já me aconteceram.

Jéssica veio andando na minha direção. Foi um movimento lento, ela parecia bailar. Quase um desfile. Nunca estive tão linda.

Parou quando chegou bem perto. Ergueu uma mão e alisou o meu queixo.

– É assim que eu quero que me olhe – disse baixinho. Depois, sorriu do seu jeito de sempre, como se nada perturbador tivesse acabado de acontecer. – Ah... Quase ia me esquecendo!

Ela se inclinou e revirou a bolsa que carregava. Tirou de lá um botão de rosa. Um único botão de rosa vermelha.

– Ainda bem que ainda está inteira, ufa! – Entregou-me. Segurei a rosa com as mãos trêmulas. Meu cérebro já tinha ido pro beleléu e não foi por causa da tequila. Jéssica era mil vezes pior do que tequila. – Sei que gosta das coisas certas e cheias de frescuras. Então... Eu nunca fiz isso, acho brega e clichê, mas... aceita compartilhar essa nova fase comigo?

Um soluço me escapou pela garganta. Achei que aquela pergunta só podia ser respondida com um beijo. Um beijo trêmulo, repleto de lágrimas e um medo horroroso, mas ainda assim, o melhor beijo da minha vida.

Amande veria o sol nascer outra vez.

52º Capítulo

2 anos e 6 dias depois...

Existe coisa pior do que vomitar? Desconheço sensação mais desconfortável, e do jeito que eu estava parecia que ia colocar todas as minhas tripas para fora. Nada conseguia ficar no meu estômago há dias, por isso mal comia porcaria alguma. Não sei para quê inventei de tomar café na padaria naquela manhã. Devia ter enrolado o Caleb mais uma vez, como estava fazendo há quase duas semanas. Ficar com fome é bem melhor do que aquilo, sem dúvidas. A situação era ainda pior porque não consigo sentir o cheiro ou ver vômito, pois sinto vontade de vomitar. E então o ciclo não tem fim nunca!

Saí do banheiro da loja, o que era particular para as funcionárias. Era a quarta vez das últimas três horas que saía de lá; duas foram para fazer xixi – estava me transformando numa verdadeira maria mijona – e duas para vomitar. Lara estava me esperando do lado de fora, olhando-me como se eu fosse uma pulguinha que devia ser exterminada.

– O quê? – balbuciei, sentindo-me tonta. Precisei me segurar em um armário, mas disfarcei bem. Ela nem percebeu que eu não estava enxergando um palmo à minha frente.

– Você está grávida, Amande! Precisa consultar um médico e começar a fazer o pré-natal. Também precisa de descanso e de deixar de ser teimosa!

– Não quero descobrir que só tenho uma infecção estomacal, como aconteceu da última vez!

– É diferente agora, não conhece o próprio corpo? Você já está com cara de grávida. Quanto tempo faz que está atrasada?

– Vinte e um dias.

Lara sorriu como se tivesse acabado de comprovar alguma teoria que eu discordava. Um sorriso vencedor, que me fez entender o quanto estava agindo como uma imbecil.

– Mas já me atrasei antes e não foi nada! – tentei me justificar.

Aqueles longos sete meses de expectativa estavam acabando comigo. Minha menstruação atrasou duas vezes e tive uma infecção estomacal depois que me esbaldei de leite condensado e, no mesmo dia, fui a um rodízio de sushi. Tudo para criar expectativas no Caleb, deixá-lo achando que nosso bebê finalmente chegaria... e nada. Ele ficava visivelmente triste, embora tentasse esconder.

Meu maior medo era descobrir que não podia ter filhos ou algo assim. Fiz inúmeros exames e estava tudo certo comigo, mas a minha ginecologista avisou que eu havia tomado anticoncepcional durante algum tempo, e meu organismo precisava de um tempinho para estar pronto para engravidar.

Ok, mas quanto tempo, organismo? Estava demorando tanto!

Cada dia via a impaciência do Caleb aumentar. Conheço-o muito bem para perceber suas reações, seu humor; reconheço cada expressão facial, cada entrelinha por trás do que fala. Ele também tinha medo. Ficava calculando o meu período fértil e dava um jeito de proporcionar noites ainda mais especiais durante eles. Pode parecer loucura, mas eu não conseguia relaxar, mesmo que fizesse o possível. Parecia algo marcado na agenda, sei lá... Aquilo me irritava, mas sua boa intenção me fazia ficar na minha.

– Vou pegar a sua bolsa – Lara avisou, deixando-me apoiada no armário e com a respiração ofegante. Nem deu tempo de perguntar para quê, em menos de dois minutos ela retornou. – Tome. Agora vá.

Olhei-a sem entender, mas a careta feia que me ofereceu acabou me dando uma luz; ela queria que eu fizesse o maldito exame.

– Vim com o Caleb hoje, estou sem carro...

Sua careta feia só piorou.

– Amande, é óbvio que você não vai dirigindo com essa cara de azeda, eu jamais permitiria. Pegue um táxi.

– Ok, ok... Mas se der negativo?

– Vai logo, sua boba!

Foi aos trancos e barrancos que consegui chegar numa clínica. Lara me colocou no táxi – ela não estava podendo sair da loja porque receberíamos fornecedores a qualquer momento – e pediu para o mesmo motorista esperar que eu concluísse o exame para me trazer de volta. Estava tão enjoada que achei que vomitaria dentro do veículo, mas me controlei ao máximo, agradecendo o fato da clínica não estar longe.

Até que foi rápido; fiz o exame em dois minutinhos e fui liberada. O que mais demorou foi dar entrada nos documentos e nas informações do plano de saúde. A funcionária me avisou que o resultado sairia ainda naquele dia, e que poderia visualizá-lo através de um site na internet. Que chique! Ou melhor... Que pavor!

Céus... Estava tão desesperada que até me esqueci do enjoo no caminho de volta. Passei pela loja sem olhar para os lados e me trancafeiei na minha sala. Lara não demorou nem cinco minutos para vir me deixar ainda mais nervosa.

– E então, como foi?

– Nada, só foi...

– E o resultado?

– Sai no fim do dia. Até lá estarei morta.

Liguei o notebook, disposto em cima da minha mesa. Ia deixar a página do site da clínica aberta o dia inteiro, já era uma certeza. Se bem que... Nem sabia direito se queria ver o resultado. Era um misto de ansiedade e medo. Ao mesmo tempo em que queria saber, também não queria. Se desse negativo eu iria ficar muito decepcionada. Arrasada, na verdade. Ainda teria uma doença a tiracolo para cuidar, afinal, ninguém sai vomitando assim, do nada.

– Você está grávida, amiga, tenho certeza. Não se preocupe.

– Ai... – Curvei o meu corpo e deposei a cabeça em cima da mesa. – Queria ter tanta certeza assim!

– Relaxa! Se não for agora, será depois. Tudo tem seu tempo.

– Mas eu quero agora! – choraminguei feito uma menina mimada. Soltei um soluço proveniente da minha entranha e levei uma mão à boca. Foi por pouco que não vomitei em cima da mesa.

Saí correndo para o banheiro em disparada. O café já tinha ido embora há muito tempo, portanto vomitei água e umas coisinhas nojentas que fiz questão de ignorar. Meu Deus... Se aquela coisa esquisita dentro de mim for um bebê, o coitado tinha vindo com força total. Pudera, ele certamente havia sido feito com força total.

Ai, Caleb...

Nem deu tempo de me lembrar das noites *calientes* que tivemos, pois iniciei uma chuva de soluços horrorosos que indicavam vômito, mas nada conseguia sair. Não havia mais nada para ser expelido. Uma porcaria!

Caleb apareceu na minha sala na hora do almoço. Às vezes ele dava o ar da sua graça, e era sempre bem-vindo, mas daquela vez pedi para morrer. Assim que me olhou, mudou a expressão para uma bastante preocupada. De cortar o coração.

– Amande, você está verde! O que aconteceu?

– Não estou muito bem, príncipe... – não adiantaria mentir.

Ele se aproximou e se abaixou na frente da minha cadeira. Olhou-me nos olhos e conferiu a minha temperatura, levando uma mão para o meu pescoço e, logo em seguida, para a minha testa.

– Não tem febre. Está com alguma dor?

– Minha cabeça está explodindo.

– Vamos, vou te levar a um hospital – ergueu-se.

– Não, amor. Só quero ir pra casa. Por favor...

– Tudo bem, mas... Droga, não vou poder ficar por lá. Tenho uma tomada importante daqui a pouco... – balançou a cabeça e me olhou. – Dane-se, posso cancelar e...

“Ah, meu príncipe, sempre tão preocupado e dedicado!”

– Não, não precisa. Vou ficar bem, prometo. Tomo um remedinho e fico dormindo até você chegar.

Ainda bem que o Caleb acabou concordando.

É bem difícil fingir que você não está prestes a vomitar. Só que, mesmo assim, é melhor tentar não fazer careta e acalmar as entranhas do que levantar suspeitas e, depois, causar decepção. Não ia aguentar ver o brilhar nos olhos do Caleb de novo.

Um brilho em vão.

Tentei como pude permanecer de boca fechada enquanto seguíamos para casa. Fechei os olhos e me imaginei bem longe dali, em um mundo onde não existia qualquer tipo de vertigem. Precisei me agarrar ao Caleb quando subimos no elevador, mas fingi que era apenas um abraço. Acho que ele não desconfiou que a qualquer momento eu pudesse desmaiar. Meu corpo estava fraco, sem alimento, enjoado e tonto. Não sabia o que fazer, sinceramente. Não sei estar grávida. Ou sei lá o que era aquilo que acontecia comigo.

Busquei ignorar a parte que habitava o meu peito e dizia que eu estava gestante. Uma boa parcela do meu cérebro também falava que essa era a coisa mais lógica, porém o medo ainda existia e assombrava cada pensamento, fazendo-me manter as dúvidas para o meu próprio bem psicológico. Pelo menos aquela agonia ia acabar.

Caleb me levou até a cama, tirou os meus sapatos e a minha roupa, deixando-me apenas de calcinha. Deixei-me ser cuidada, até porque mal conseguia me movimentar direito de tão exausta e abatida. Meu príncipe deu um beijinho na minha testa e ficou me olhando com aqueles olhos penetrantes que já faziam parte fundamental da minha felicidade.

– Não posso te deixar aqui sozinha... Você parece bem pior. O que está acontecendo, Amande? O que está sentindo?

– Ah, amor... Acho que peguei uma virose – desviei os olhos, incapaz de mentir olhando para ele. Virose é sempre uma boa opção de desculpa. Tudo hoje em dia é virose.

– E que remédio eu vou te dar?

– Não sei...

– Ainda está com dor de cabeça?

– Uhum – aquilo não era mentira, meu cérebro estava prestes a explodir. De repente, um desconforto absoluto fez meu estômago se contorcer. Meu Deus, quase vomitei ali mesmo. – Vou... fazer xixi.

Levantei devagar, mas precisei correr. Quase não deu tempo de chegar ao vaso sanitário, quanto mais de fechar a porta. Não tenho sorte mesmo. Caleb me seguiu e fez o favor de segurar o meu cabelo enquanto eu colocava a água que tinha bebido no carro para fora. *Desgraça!*

Quando finalmente parei, sentei-me no chão. Ele também. Evitei o seu olhar, odiando-me por dentro. Aquele tempo todo tentando disfarçar não me serviu para nada.

Subitamente, aquilo foi demais para mim. Meus nervos ferviam... Estava cansada, enjoada, abalada, irritada, triste, nervosa... Tudo reunido. Não aguentava manter a situação, muito menos sozinha.

Não deu outra: comecei a chorar. Caleb me tomou pelos braços, deixando-me sentar em seu colo.

– Há quanto tempo está vomitando assim? – perguntou baixinho, sua voz carregada de alguma coisa que não consegui identificar. Acho que era expectativa, justamente o que eu não queria criar nele.

Sério, sou muito patética. Devia ter feito aquele exame assim que me atrasei, mas a minha covardia acabou piorando as coisas.

– Cerca de duas semanas... Nada fica no meu estômago – choraminguei, apoiando meu rosto no seu ombro. Molhei tudo ali de lágrimas. – Estou atrasada há alguns dias e não faço ideia se estou grávida ou não... Lara disse que sim, mas eu não sei, estou com medo e nervosa e fiz o exame hoje, só que vai demorar, mas eu não quero saber, porque não quero te decepcionar e... eu sou muito burra!

Nem sei como foi que o Caleb entendeu as coisas sem nexos que saíram da minha boca.

– Princesa... Eu... Eu... Nem sei o que dizer. Por que escondeu tudo isso de mim?

– Você quer tanto um bebê! E se eu nunca puder te dar um? E se essa droga for outra doença? E se for gravidez psicológica?

Caleb me abraçou muito forte. Segurou o meu rosto e me obrigou a observá-lo. Seus olhos estavam angustiados, preocupadíssimos. Mesmo assim, foram as únicas coisas que conseguiram me trazer um pouco de calma.

Suspirei fundo e engoli o choro.

– Não fazia ideia de que eu estava te deixando nesse estado – falou com pesar. – Sei que ando ansioso, princesa, mas também sei que a hora vai chegar. Você fez os exames, não? Viu que estava tudo certo... É apenas uma questão de tempo, meu bem. Não sabia que estava com tanto medo assim.

– Você também tem medo. Sei que tem. – Era ridícula a forma como eu estava falando e chorando ao mesmo tempo.

– A gente tem medo de tudo o que não conhece, Amande. Tenho medo porque não sei se vou ser um bom pai, mas é um receio natural, eu acho...

– Não tem medo de que eu nunca consiga te dar um bebê? – girei minhas mãos nos meus olhos, a fim de me fazer parar de chorar.

– Não – balançou a cabeça. – Se houvesse algum problema conosco, o que sei que não tem, a

adoção existe, sabia? – sorriu torto, trazendo esperança ao meu coração. Uma verdadeira vacina que fez escorrer calma através do meu corpo.

E a idiota aqui nem havia pensado em adoção; atitude que sempre apoiei e tenho vontade de fazer algum dia. Suspirei aliviada.

Um segundo depois, a angústia me invadiu novamente, pois o Caleb sem querer estava segurando a minha barriga. Viu só? Ele amplia demais as próprias expectativas!

– Eu não quero ver o resultado... Não quero – admiti. – Não vou conseguir, sou uma medrosa.

– Deixa que eu vou pegar.

– Não! Não, não... Não quero.

– Amande, alguém precisa vê-lo. Onde foi que fez o exame? Passo lá assim que sair do estúdio.

– Vai sair pela internet.

– Então deixa que eu vejo, tá bom? Sem estresse, amor... Se não for desta vez, fica para próxima. Agora vamos sair daqui, está quente e você continua verde. Vou pegar um balde, assim não precisa sair correndo quando ficar com vontade de vomitar.

– Ok.

Caleb me colocou na cama de novo, entretanto já não me encarava com preocupação. Estava me observando com o velho brilha-olhos nos olhos novamente. Ai, meu Deus... Foi difícil demais de suportar.

– Não me olha assim.

– Assim como? – sua voz saiu bem baixinha. Deu-me um selinho e sorriu torto de novo. Céus...

– Assim, Caleb. Com esperança.

– É ruim ter esperança?

– Se ela for morrer no fim, é.

Caleb soltou um longo suspiro e saiu do quarto sem nada dizer. Voltou com um balde e o depositou ao lado, no chão. Também buscou uma garrafa de água e algumas frutas cortadas, que deixamos sempre na geladeira. Tive que prometer que comeria.

Depois, meu príncipe lindo ficou me olhando de um jeito meio... malicioso? Franzi o cenho, sem entender sua reação repentina.

– Você fica linda só de calcinha, até mesmo estando verde feito um E.T.

Corei de vergonha. Peguei um lençol para me cobrir e o expulsei do quarto, avisando-lhe que ficaria bem. Ele se foi, mas antes fez questão de pegar o cartãozinho da clínica, onde eu havia anotado o endereço do site. Por um instante pensei que conseguiria fazê-lo esquecer de pegar, mas só fiz papel de idiota. Claro que o Caleb jamais se esqueceria de um detalhe tão importante.

Decidimos que eu não tomaria nenhum remédio, e que sairíamos juntos para o médico na manhã seguinte, sendo qual fosse a resposta do exame. Que agonia!

Passei a tarde inteira revirando na cama para lá e para cá. Estava faminta, por isso acabei comendo as frutas, mesmo achando que não seria capaz de deixá-las no estômago. Para a minha total surpresa, as benditas permaneceram lá, trazendo-me certo conforto. O enjoo foi melhorando com o passar do tempo e, assim que quase foi totalmente embora, consegui adormecer.

Claro que sonhei com um bebê. Ou melhor, tive um pesadelo. Aqueles sonhos perturbadores eram constantes, porém daquela vez foi muito real mesmo. Minha barriga estava enorme e eu estava deitada numa cama de hospital. Parece que ninguém conseguia tirar o bebê de mim, por isso ele

chorava dentro da minha barriga. Já tinham tentado parto normal e uma cesariana, nada adiantava. Ele não queria sair. Minha mãe tentava alisar o meu ventre, pedindo para o bebê se acalmar, mas ele só fazia chorar mais alto. A dor que eu sentia era tanta que só conseguia gritar.

Acordei suada e muito ofegante. Havia escurecido, e alguém tinha fechado as cortinas. Os lençóis estavam todos enrolados e os travesseiros, no chão. Devo ter me revirado bastante. A porta estava fechada, mas podia ouvir ruídos dentro do apartamento.

Caminhei até a porta e abri.

– Príncipe? Chegou?

– Cheguei, já vou aí!

– Vou tomar um banho!

– Tá!

Bom, ele não parecia triste. A voz soou bem natural. Será que... Ai, meu Deus. Como era difícil simplesmente ir lá perguntar. O resultado com certeza já havia saído, e ele com certeza havia conferido. Que droga de covardia! Nem enfrentar a ministra dos infernos havia sido tão complicado!

Tomei um banho quente e rápido. Vesti uma camisola bem fininha e confortável, de modo que fiquei me sentindo outra pessoa. O enjoo havia ido embora. Estava com um pouquinho de dor de cabeça, mas era besteira. Nada que compromettesse demais o meu bem-estar.

Deitei na cama e esperei pelo Caleb, mas ele estava demorando muito. Resolvi deixar a porta aberta para escutar o que estava fazendo; pelo ruído de panelas, achei que era o jantar. Tive certeza depois que um cheiro divino invadiu as minhas narinas. Pensei que enjoaria, mas não. Na verdade senti tanta vontade de comer aquele cheirinho gostoso que resolvi me levantar.

Cheguei à cozinha no exato momento em que o Caleb ligou o liquidificador, fazendo-me levar um pequeno susto. Um líquido vermelho esquisito começou a girar para todos os lados. O cheiro ainda me dava água na boca.

– O que está fazendo, príncipe?

Caleb também levou um susto, só que com a minha presença, mas logo sorriu. Meu marido estava perfeito, usando uma calça jeans e... mais nada.

– Um suco.

– Suco de quê?

– Beterraba com laranja.

Fiz uma careta. Nunca havia tomado suco de beterraba na minha vida. Aliás, nem sabia que em casa tinha beterraba.

– Isso é bom?

– Não sei, nunca tomei. Dizem que é bom e contém muitos nutrientes.

– Ah... – meu coração disparou totalmente. Será?

AI, MEU DEUS, SERÁ QUE...?

Permaneci calada. Sabia que devia perguntar sobre o resultado logo de uma vez, porém não consegui. Fiquei plantada, olhando o Caleb cortar alguns legumes. O cheiro ainda estava muito bom. Olhei para o fogão; era dali que vinha. Uma panela grande estava no fogo.

– O que é o jantar? – perguntei baixinho.

– Sopa.

– Hum, que delícia... Quero comer esse cheiro.

Caleb olhou para mim de um jeito "derretível" e sorriu. AAAI, MEU PAI!

Sério, ele nem precisou me dizer. Seus olhos falaram de maneira inteligível: você está grávida. É isso aí... Estou grávida. Gravidíssima.

Prendi os lábios e tentei não chorar, mas mesmo assim os meus olhos se encheram de lágrimas.

– Esse presentinho é seu – Caleb me chamou a atenção. Estava apontando para cima da bancada alta.

Uma caixa bem bonitinha me aguardava. Nem refleti direito e já fui puxando a fita cor-de-rosa que a embalava. Tirei a tampa, respirei fundo e peguei o objeto que estava dentro, revestido por plástico-bolha. Estourei umas quatro bolhinhas antes de livrá-lo. Respirei fundo de novo, pois sabia que me surpreenderia.

Claro que me surpreendeu. Na verdade me fascinou, essa é a palavra certa.

O presente era um porta-recado feito em biscuit, bem diferente. Nele, havia um pequeno castelo, onde estavam um rei, uma rainha e, brincando com umas flores bem pequeninas, uma criança, que usava uma coroa tão pequena que nem sei como a artista conseguiu criá-la.

Na haste onde se podia pendurar o recado, havia um cartãozinho. Soltei um soluço imenso quando li as poucas palavras:

Nosso castelo está completo, minha rainha.

Caleb veio me abraçando por trás, mas me virei depressa e o abracei com força. Toda a minha angústia foi dando lugar à alegria completa, e essa troca foi tão intensa que quase me fez desmaiar. Sentir o seu cheiro me trouxe ainda mais emoção. Era difícil assimilar as coisas: eu estava grávida. Carregava dentro de mim a semente daquele amor. Pode parecer uma besteira, mas a minha vida fez muito mais sentido depois que compreendi que, a partir dali, nosso um seria composto não mais por duas pessoas, e sim por três.

Como é possível amar alguém tão rapidamente? Amei o Caleb na velocidade da luz – como se o meu destino esperasse apenas por ele –, só que aquele novo amor que surgiu no meu peito veio mais depressa ainda. E já veio forte, intenso. Maciço.

Quando aquele abraço foi desfeito, senti que não era mais a mesma pessoa.

Caleb me olhou com um sorriso lindo nos lábios. Como estava bobinho! O desenho de seus olhos traduzia serenidade, alegria e... Sério, ele já estava com cara de pai. Ouso completar que nunca estive tão lindo.

Nada precisou ser dito por eternos segundos. Puxei seu rosto de encontro ao meu e nos beijamos suavemente. Fiz questão de sentir a sua língua navegando dentro da minha boca, deixando o meu corpo entregue com facilidade. Como sempre.

Fiz questão de intensificar o nosso beijo, até que estávamos nos atracando, apoiados na bancada. Minhas mãos seguiram pelas suas costas nuas e firmes, depois foram se perder dentro da calça, na parte de trás. Apertei-lhe o traseiro.

Meu marido lindo se afastou um pouquinho, separando os nossos lábios.

– O que a safadinha pensa que está fazendo? – fingiu estar zangado.

Sorri.

– Quer mesmo que eu diga?

Guiei as minhas mãos para a parte da frente da sua calça. Desta vez, apertei o seu sexo. Caleb riu de leve.

– Safada... Você precisa comer, está pálida. Não quero nem você e nem a minha filha com fome.

– Filha? Mas vai ser um menino! Já disse, um príncipezinho de olhos azuis!

– Aposto que vai ser uma menina. E vai ter os olhos escuros como você e os seus pais. Minha mãe também tem olhos castanhos.

– Mas o azul do seu pai é forte, veio em você e na sua irmã – fiz uma careta.

Ele sorriu um pouquinho e nos afastou só o bastante para depositar a mão no meu ventre. O meu corpo inteiro ficou quente, concentrado naquele pedacinho importante de mim.

– Não importa... – murmurou e se curvou um pouco para ficar cara a cara com a minha barriga. Ergui a minha camisola no impulso, deixando o caminho livre para ele. Caleb me deu um beijo bem demorado ali.

– É só uma sementinha... – falei baixinho, sabendo que já amava aquela semente e faria qualquer coisa por ela.

– Amanhã vamos vê-la. Já liguei para sua ginecologista, peguei o primeiro horário. Tudo bem?

– Uhum... – sacudi a cabeça, aquiescendo.

Caleb se ergueu novamente, mas não tirou a mão dali.

– Agora vamos comer, sua palidez está me deixando assustado.

O jantar foi diferente de todos os jantares que já tivemos; Lara me ligou perguntando sobre o resultado, e tratei de lhe contar a novidade. Foi uma alegria só. Ela me ajudou a ir ligando para as meninas, e acabamos todas juntas numa conferência – inclusive a Júlia. Coloquei no viva-voz, de modo que o Caleb também pôde participar.

Fui tomando a sopa deliciosa e o suco nutritivo – que incrivelmente era gostoso – enquanto conversávamos. Tive vontade de comer mais, só que não quis arriscar. O enjoo podia voltar a qualquer momento, eu que não seria louca de ficar atiçando.

Ligamos para os meus pais e, mais tarde, para os pais do Caleb. A felicidade foi devidamente compartilhada. Saber que tanta gente torcia por nós três foi uma sensação incrível. Senti-me acolhida, protegida e confiante. Eu não sabia de quase nada sobre gravidez – evitei ficar pesquisando sobre isso para não criar as malditas expectativas –, contudo sabia que a mamãe e a Dona Lourdinha, bem como a Cláudia, iriam me ajudar.

Foi com muita paciência que esperei o Caleb tomar um banho. Estava me sentindo alimentada, mas meu corpo tinha outro tipo de fome. Sabia que apenas ele era capaz de arrancá-la de mim, e do melhor jeito possível. Só de imaginar estava à beira da loucura... Sério, alguma coisa esquisita estava mexendo comigo. Parecia uma espécie de maníaca, ou um bicho no cio.

Estava tão desesperada que resolvi ir até o banheiro de uma vez. Já tinha tomado banho, mas quem liga? Só precisava do meu marido.

Caleb estava escovando os dentes de um jeito distraído, trajando uma cueca cinza estilo samba-canção. *Delícia!* Tentação até demais para uma pessoa só emitir. E eu recebia todo aquele impacto em cheio, sem dividir ou demorar. Precisávamos comemorar a ampliação da nossa família; eu sinceramente não aguentava mais fazer bebê, estava louca para voltar a fazer amor.

Abracei-o por trás com calma, mas minhas mãos não negaram as minhas intenções; fui logo as escorrendo pelo seu abdome firme até parar no seu sexo. Caleb lavou a boca e a escova de dente sem pressa, fazendo uma expressão divertida, porém maliciosa; pude vê-la através do espelho. Ele não disse nada, mas seu sexo foi crescendo em minhas mãos, deixando-me empolgada para continuar com o movimento.

Meu príncipe finalmente enxugou o rosto em uma toalha e se virou para me encarar. Jamais me

acostumaria com o poder que seus olhos têm sobre mim; é marcante, profundo e infindável. Eles compactuavam comigo; pediam coisas, imploravam, gritavam, sussurravam... Existiam muitas palavras dentro daqueles olhos, mas nenhuma encontrava necessidade de ser dita.

Caleb foi aproximando o seu rosto do meu até quase nos beijarmos. Segurou-me pela cintura e me puxou de uma só vez, fazendo-me erguer. Soltei um grito e me agarrei no pescoço dele; acabei em seus braços, tendo minhas pernas abertas ao redor da sua cintura. Ele ainda me encarava fixamente.

Levou-nos de volta para o quarto até que me depositou na cama, deixando seu corpo sobre o meu com um só movimento. Seus olhos não saíram dos meus por nada; já estava quase sem ar por ter prendido a respiração por tanto tempo. Precisei inspirar profundamente, senão era capaz de ter um troço.

Caleb beijou meus lábios devagarzinho, com os olhos abertos. Sei disso porque também não ousei fechar os meus. Uma onda azul estava prestes a me afogar, eu sabia muito bem disso, e gostava. Amava.

Senti os seus dedos levantando a camisola que eu vestia até a minha cintura. Os mesmos dedos me contornaram a calcinha lentamente. Acho que a coitada já estava ensopada. Bom, se não estava, com certeza depois daquela estaria. Ele fechou os olhos e me beijou com força, sem deixar de brincar com a calcinha. Céus... Já o queria em mim com urgência.

A minha mão boba logo foi atrás da fonte do meu maior desejo; enfiei-a por dentro da sua cueca e senti seu sexo quente e firme só para mim. *Maravilha!*

Caleb se afastou, ajoelhando-se na cama. Puxou a minha camisola, retirando-a por cima. Ele se curvou e praticamente atacou os meus seios, sugando-os do jeito mágico como sempre fazia. Sua boca linda me estimulando fez com que eu esquecesse todos os problemas da vida. Aliás, esqueci-me até da própria vida em si. Nada mais existia além de nós e daquela cama.

– Tem certeza de que está bem, princesa? – ele perguntou depois de quase me matar com uma sessão completa de beijos, lambidas, assopros e mordidinhas nos meus seios.

Sério, depois daquilo tudo ele ainda tinha a capacidade de me fazer essa pergunta?

– Melhor impossível! – sorri.

Ele sorriu torto, mas foi por um breve instante. Sua expressão logo se tornou ferina, e então minha calcinha voou para longe em um piscar de olhos. Caleb abriu as minhas pernas e parou. Ficou só me observando enquanto alisava a minha barriga.

E nada de suas mãos descerem. Maldito!

– Tudo bem, não tenho pressa – ironizei. Ele riu.

– A pressa é inimiga da perfeição.

– Vai ser perfeito de todo jeito, com pressa ou sem pressa.

– Como sabe?

– Você sempre é perfeito, príncipe.

Caleb desceu a sua mão lentamente, parando no ponto mais sensível do meu sexo. Gemi baixinho.

– Isso daqui é perfeito... – sussurrou, apertando-me entre os dedos.

Céus... Aquele desejo um dia ia me matar. Sério. Não estou brincando desta vez.

As coisas conseguiram ficar piores quando ele finalmente trocou os dedos pelos lábios. Sua língua trabalhando em mim abriu espaço para um orgasmo, mas ele só aconteceu de fato quando o maldito decidiu, depois de um minutinho, oferecer um de seus assopros fora de noção. Golpe baixo!

– Caleb! – gritei alto, puxando seus cabelos pretos. Meu corpo inteiro se contorceu, e a sensação de estar planando no ar invadiu os meus sentidos. Como era bom! Está para nascer algo tão gostoso quanto isso.

Meu marido lindo afastou seus lábios de mim e me observou atentamente.

– Pensei que não tivesse pressa – ri. – Acho que foi seu record.

– Você que me deixa assim... – comentei ainda resfolegante.

Ele se levantou e puxou as minhas pernas até a beirada da cama. Livrou-se da cueca, deixando seu corpo todo exposto para mim. A visão do paraíso. Fiquei o observando enquanto guiava seu sexo por toda a extensão do meu. Só faltava implorar para tê-lo logo, mas seria muito vergonhoso se o fizesse. Decidi que esperaria, mesmo sendo insuportavelmente difícil.

– Preciso fazer uma pergunta – o maldito murmurou baixinho, com a mesma voz rouca sussurrada que me fazia arrepiar desde o dedinho do pé até o último fio de cabelo. Ele ainda me estimulava devagar, disposto a me deixar maluca.

– Faça logo!

“E vá logo com isso, por tudo o que é mais sagrado!”

– O que você quer? – começou a me invadir, mas muito, muito pouco. Mal me encostou e simplesmente parou. *Argh!* Contorci o ventre a fim de puxá-lo para mim, só que não funcionou.

– Me surpreenda...

“E rápido!”

Caleb finalmente me invadiu, fazendo-me soltar um grito de puro prazer. Ele se curvou totalmente e deixou nossas testas encostadas uma na outra. Começou a se movimentar em um ritmo constante, nem rápido e nem devagar, apenas constante e maravilhoso. Acho que estive à beira do segundo orgasmo um monte de vezes, mas acabava me distraindo com os seus olhos, sempre fixos nos meus.

Depois de um tempo, ele tornou a se levantar e, mantendo o ritmo, começou a massagear os meus braços, escorrendo pelos seios e barriga. Suas mãos habilidosas eram reconhecíveis para mim; elas pareciam se modificar durante os movimentos precisos que exigia uma boa massagem, mas continuavam as mesmas de sempre. Difícil de explicar.

Caleb puxou uma perna minha para cima, obrigando-me a ficar meio de lado. Acelerou o ritmo drasticamente, por isso comecei a gemer um bocado. De novo, achei que ia gozar. Ele passou a massagear as minhas coxas de um jeito louco, estimulando a minha pele – como se ela precisasse de mais estímulo do que aquilo – até passar pela panturrilha e terminar em meus pés. *Delícia!*

Quando o meu marido lindo pegou a outra perna, estava em um estado tão absoluto de relaxamento que entrei em um clímax intenso. Gritei seu nome muito alto. Ele parou o movimento quando me ouviu, estacando completamente. Ficou apenas me observando com a maior cara de safado do mundo.

Pensei quealaria alguma coisa, sei lá. Passou tanto tempo olhando para mim que achei que havia se esquecido de que estávamos meio ocupados mais embaixo. Eu ia tecer algum comentário quando ele simplesmente girou o meu corpo; terminei de quatro, com a cara nos lençóis e os joelhos apoiados na beirada da cama. Caleb continuou o movimento, mas desta vez iniciou uma massagem perfeita na minha coluna. Sofri tantos arrepios que desisti de contar.

O ritmo dele se tornou tão rápido que eu não sabia se atingia o terceiro êxtase ou se dormia profundamente, por causa da massagem relaxante. Quando pensei que a dúvida me consumiria, Caleb

nos desencaixou e pulou entre os lençóis, levando-me consigo. Tornou a ficar por cima de mim, só que bem no meio da cama. Encaixou-nos de novo, reiniciando o movimento. Meu cérebro já tinha meio que dado um nó com tantos giros, mensagens, estímulos e tudo o que tenho direito.

Só depois de uns dois minutinhos foi que eu percebi por que ele havia mudado de posição; para atingir o próprio clímax. Ele quase nunca gozava sem me olhar, e a posição anterior não permitia que isso acontecesse.

– Amande... – sussurrou meu nome entre gemidinhos lindos. A cara que fez me comoveu tanto que quase comecei a chorar. Fiquei o encarando como uma boba.

Nervos à flor da pele. Precisava me acostumar com o meu novo estado emocional.

– Eu te amo tanto... – não havia frase melhor para ser dita, por isso fui a primeira a dizer.

– Eu também te amo... Amo você... – deu-me um selinho. – E a Sofia – desencanaixou-nos e se inclinou para beijar o meu ventre.

– Sofia? Caleb! Você já tem até um nome?

– Claro que sim, há muito tempo. Gosta?

– Hum... É bonitinho – sinceramente eu tinha gostado muito do nome. Ainda bem. – Mas... Se for menino? – perguntei, um pouco preocupada. Caleb estava levando aquele lance de menina muito a sério.

– Você escolhe.

– Sempre quis colocar Ian, desde que era adolescente. Acho bonito.

– Então, tudo bem. Gostei.

Caleb se deitou ao meu lado e fez nossos corpos ficarem em conchinha. Ouvi seu suspiro profundo.

– O que foi? – perguntei.

– Nada... É só que... Sei lá, nunca me senti tão estranho. Eu já amo a nossa semente.

“Aiiiiiiiiiiiiiiiiiiii, Caleb!”

– Sei como é, lindo príncipe... Eu também já a amo muito.

Afinal... Como não amar o fruto de nossos maiores desejos?

Como?

52º Capítulo

2 anos, 7 meses e 12 dias depois...

Era complicado definir quem estava de fato esperando um neném – devo ter algum problema sério –, às vezes não conseguia me libertar da sensação de estar com a barriga tão grande quanto a da Amande. E coloque grande nisso! Nosso bebê havia crescido demais, deixando a coitada com um aspecto redondo que eu, particularmente, achei a coisa mais linda do mundo. Claro que ela não concordava comigo, mas mulheres são loucas assim mesmo.

Bom, o fato é que jamais pensei que a Amande pudesse ser tão louca. Tudo bem que ela nunca foi totalmente normal – bem como eu, e é por isso que damos certo –, porém os últimos meses foram os mais sem sentido que vivi. Seus hormônios femininos em fúria estavam me enlouquecendo, pois nunca sabia se a Amande estava triste, feliz, com vontade de tomar sorvete de cupuaçu com catchup ou pronta para tirar as minhas roupas. Acredite, isso tudo pode acontecer em apenas um dia.

Loucuras à parte, é uma época maravilhosa. Toda a nossa vida foi abrindo caminhos para a chegada do bebê; começando pelo quarto de hóspedes, que se transformou em um lindo quarto de criança. Acho que exageramos, pois ficou tão bem equipado e planejado que a nossa filha nos chamará de loucos assim que aprender a falar. Ops, nosso bebê. Tenho que me controlar bastante para não me referir a ele no feminino. Amande me mata. Ou então fica gritando feito uma doida, e o estresse corre solto até que se acalme. Normalmente eu lhe dou uma barra de chocolate amargo como pedido de desculpas – ela nunca gostou de chocolate amargo, mas o nosso bebê aparentemente sim.

O problema maior é que a Amande decidiu que ninguém saberia o sexo dele. Eu concordei no momento em que sugeri, embora hoje estivesse arrependido. Sou um cara muito curioso, então essa dúvida é a morte para mim. Ela sabe da minha preferência, mas não entende que vou amar aquela criança sendo menino ou menina. Fiz questão de comprar produtos unissex – roupas, brinquedos, mamadeiras e absolutamente tudo de que iremos precisar estavam em cores amarela, verde ou laranja.

A minha mãe concorda com a Dona Isabel; ambas têm quase certeza de que é uma menina, por causa do formato do barrigão. Elas me disseram às escondidas – Amande está realmente neurótica com isso –, portanto fiquei tão feliz que cometi vários atos falhos, referindo-me ao nosso bebê em feminino e a deixando possessa.

Mas, apesar dessa “quase certeza”, a dúvida ainda existe. E a agonia também.

Outra questão que me tirou o juízo foi a Lulu e o Don. Meu coração pareceu diminuir de tamanho quando me lembrei de que talvez precisássemos nos ver livres deles. Não comentei nada com a Amande, na esperança de deixá-la esquecida desse detalhe – daria um jeito quando o bebê chegasse –, mas ela fez o favor de lembrar. Para a minha surpresa, também não queria abrir mão deles.

Buscamos informações e descobrimos que os nossos gatos podem sim conviver dentro da mesma casa com o nosso bebê, tendo em vista alguns cuidados, por exemplo, de nunca deixá-los entrar no quarto dele, além de mantê-los sempre vacinados e vermifugados – coisa que fazemos

desde sempre. Sendo assim, foi um alívio descobrir que ficaríamos todos juntos.

Ufa!

Estava tirando a última foto da Amande para um álbum especial que queria montar. Aquele seria apenas sobre a espera do bebê e tudo o que andamos aprontando durante ela. A minha linda esposa estava maravilhosa, vestindo um top pequeno e uma calça larga, tendo o barrigão à mostra. Sorria lindamente, com o seu novo nariz redondo. Cara de grávida total.

Aquela fotografia faria parte da montagem quinzenal de acompanhamento do tamanho de sua barriga. Quando todas estivessem juntas, ia ficar superinteressante observar a evolução. Nossa sementinha agora estava perfeitamente formada, só esperando a hora certa de dizer oi ao mundo.

Depois de dois alarmes falsos, cada segundo era uma angústia só. Não sei se achava legal a ideia da minha princesa maravilhosa ter tido a coragem de escolher o parto normal ou se achava loucura demais. Esperar as primeiras contrações era angustiante. Não conseguia deixar a Amande sozinha nem por um segundo, o que acabou me prejudicando bastante no trabalho. Nem liguei.

Ela já havia deixado de trabalhar desde o mês passado, pois estava muito pesada e o bebê parecia um malabarista. O coitado só se acalmava quando eu falava com ele. Reconhecia a minha voz e, magicamente, tranquilizava-se. Amande ria toda vez que acontecia, e eu ficava tão emocionado que mal podia respirar.

Amande saiu da varanda – local escolhido para tirar todas as fotografias do acompanhamento – e se sentou no sofá vagarosamente. Parou de sorrir assim que terminamos, iniciando uma série de caretas.

– Sabe, príncipe... Estava pensando... Nosso bebê vai ser tão mimado...

Sorri. Mimado era muito pouco para definir o que ele seria. Isso me deixava feliz, mas me preocupava também. Mimo demais não faz bem a ninguém, certo? Amande e eu éramos neuróticos, será que conseguiríamos conduzir a situação? Nossa mania de organização talvez pudesse prejudicar em vez de ajudar.

Havíamos conversado muito sobre como procederíamos com relação à educação da criança, mas sabemos que esse tipo de planejamento nunca é exato. Não queríamos ser pais chatos que não deixam seus filhos fazerem nada. Teríamos que praticar um pouco de desapego, quando este for necessário. Claro, a ideia toda parecia um absurdo, afinal, não conseguíamos desgrudar de uma barriga, imagina de um bebê?

– Acho que devemos ter outro filho logo – ela concluiu o raciocínio, fazendo nova careta. – Embora neste momento esteja pensando em nunca mais ficar grávida de novo.

Deixei meu sorriso morrer. Guardei a máquina em cima de uma mesa, localizada na nossa parede personalizada. Fiz questão de fazer outra por cima da antiga; aquela tinha não apenas fotos minhas, mas da Amande e de nós dois juntos, sobretudo em nosso casamento.

– Está sentindo muita dor? – aproximei-me e sentei ao seu lado. Alisei a sua barriga de leve.

Ela não me respondeu. Cerrou os olhos com força.

– Amande? – um segundo foi necessário para que eu entrasse em um estágio avançado de desespero.

– Estou bem... Não vai ser agora.

– Como sabe?

Amande tinha se tornado vidente e se esqueceu de me dizer?

– Da última vez... – respirou fundo e depois soltou todo o ar – que foi alarme falso... Senti

exatamente... isso.

– Mas é diferente, pode acontecer a qualquer momento. Vou pegar a chave do carro! – fui me erguendo do sofá.

– Não! – Amande segurou o meu braço, fazendo-me sentar antes de ter chegado a me levantar. – Relaxa, príncipe... Tá passando.

Olhei na direção da mesa de centro só para constatar que a bagagem da maternidade estava por lá. Havia colocado ali para ficar mais fácil quando o momento chegasse; não queria que o desespero me fizesse esquecê-la ou demorar demais para encontrá-la. Deste modo, seguiríamos o mais depressa possível rumo à maternidade, que não ficava tão longe. Em quinze ou vinte minutos, no máximo, estaríamos lá. Já tinha todos os telefones de emergência no meu celular e no dela. Enfim, dizer que estávamos prontos era pouco até demais.

– Então... A gente devia fazer outro bebê. Filho único é sempre muito mimado, sei disso por experiência – ela murmurou entre gemidos de dor. Eu estava tão desesperado que não sabia o que fazer. Não conseguia pensar em outra coisa além de como faria para pegar a bagagem, segurar a Amande, descer pelo elevador com as duas e dirigir com pressa e calma ao mesmo tempo.

Acho que devia ter me matriculado em um daqueles cursos para grávidas que a Amande fez. Quem precisava de exercícios de respiração era eu.

O fato de já termos combinado que teríamos outro filho dali a uns dois ou três anos só me fez ter certeza de que Amande estava tentando buscar algum papo para se desconcentrar. O que significava que sua dor estava longe de ser uma das comuns que costumava ter.

Levantei imediatamente e peguei a bagagem, que nada mais era do que uma bolsa infantil enorme – e pesada pra caramba – cheia de roupas e demais artigos, tanto para ela quanto para a criança.

– Fique aqui, vou descer a bolsa primeiro! – avisei ferozmente, indicando que a levaria de todo jeito e que não me importava se seria um alarme falso. Olhei-a tão intensamente que ela se calou e simplesmente aquiesceu.

Amande prendeu os lábios logo em seguida, segurando o topo do ventre. Quase morri. Procurei a chave do carro pela sala e pelo quarto, para só depois descobrir que estava no bolso da minha calça. Saí voando com a bolsa enquanto deixava a Amande perigosamente sozinha, contorcendo-se um pouco no sofá. Tinha piorado.

Teimosa do cacete!

Tive pequenas paradas cardíacas mescladas com ataques epiléticos enquanto descia pelo elevador de serviço – Deus me livre esperar o social ficar livre, era sábado e tinha gente recebendo visitas – e alcançava o carro. Tirei-o da vaga e o estacionei rente ao elevador. Ato louco, mas não faria Amande dar uma caminhada sem sentido estando naquele estado.

Foi rápido pegar o elevador para voltar, visto que ele ainda não tinha saído da garagem. Assim que entrei em casa novamente, achei que realmente fosse morrer. Amande estava gritando. Suor lhe escapava das pestanas.

Nas últimas vezes ela não estava daquele jeito, por isso tive certeza de que aquele era o nosso dia de sermos pais. Só consegui ligar para o hospital e para a obstetra quando consegui depositá-la dentro do veículo. Mesmo assim, a ligação foi tão patética que nem sei como conseguiram entender o que acontecia. As palavras saíam embaralhadas da minha boca.

O trânsito estava ótimo, e acabei correndo muito além do comum. Amande gemia alto e tentava

controlar a respiração, como foi ensinada. Entrei na área de emergência e, para o meu alívio, já tinha uma equipe esperando a nossa chegada. Ajudei a colocar a Amande numa cadeira de rodas. Quase tive um troço quando vi que ela estava manchada por um líquido que achei ser transparente.

Fui informado de que ela já estava em trabalho de parto e seguiria imediatamente para ter o bebê.

– Não vai ser hoje, não é, sua teimosa? – foi a última coisa que consegui sussurrar em seu ouvido antes que fosse embora. A coitada me respondeu com um grito. Eu gritei também, mas foi por dentro.

Nem sei dizer como consegui deixar o carro na área de estacionamento da maternidade. Também não faço ideia de como encontrei o telefone da Júlia para lhe avisar do acontecido. Pedi para que ligasse para todo mundo, pois mal podia focar a tela do meu celular.

Dei entrada nos documentos da Amande no maior nervosismo. Senti certo alívio quando fui avisado de que a obstetra estava de plantão naquele dia e já tinha se encaminhado para fazer o parto da Amande – por incrível que pareça, não havia entendido nada disso quando falei com ela pelo celular.

Nem pensei na possibilidade de assistir ao parto, pois se já estava desesperado só com a ideia de ter a minha mulher e a minha filha numa condição tão angustiante, imagina assistindo àquilo acontecer?

Fiquei andando de um lado para o outro, atravessando corredores e perguntando a um monte de enfermeira se a Amande estava bem. A maioria não fazia ideia de quem era a tal Amande, é claro. A maternidade era enorme. Uma enfermeira mais atenciosa me colocou numa sala de espera, localizada ao lado de uma sala maior, que recebia os bebês para o primeiro banho. Havia vários leitos, mais da metade ocupados por lindas criaturinhas recém-chegadas. Famílias e mais famílias olhavam através de uma parede de vidro. Pais tão desesperados quanto eu esvaziavam as garrafas de cafés dispostas numa mesinha, bem no canto.

Fiquei revirando os papéis para encontrar um modo de localizar onde o meu bebê ficaria. Uns três tiveram que chegar para que eu me desse conta de que o meu ainda não tinha nome, por isso havia sido identificado com o nome da Amande e o número 26. Eu realmente estava precisando me acalmar, pois pirava toda vez que alguma enfermeira mostrava uma criança às suas famílias.

Senti uma mão tocar os meus ombros e pulei de susto. Era a Júlia. Abracei-a tão forte que devo ter lhe causado algum problema crônico na coluna.

– Eu vou enlouquecer, Ju – murmurei quase chorando. – Preciso saber se elas estão bem.

– É uma menina mesmo? Alguém já veio dizer alguma coisa?

– Não... Não sei, não sei de nada. Esqueci até do meu nome!

Júlia apenas sorriu. Que maldita!

– Calma, Lebinho, vai ficar tudo bem, ok? Vou ver se consigo alguma informação. Fica aqui.

Ela saiu calmamente da sala de espera. Perguntei-me pela milésima vez se não estava exagerando. Sei lá, eu ia ser pai! Pai! Há quase três anos isso era um fato impossível de acontecer. Na minha vida inteira nunca imaginei que pudesse ser um homem normal, com esposa e filhos. Um cara correto, com um emprego digno e um futuro inteiro pela frente.

Pois é... Como disse a minha mãe, sempre muito religiosa, um dia: Deus não estava demorando a me dar uma oportunidade. Estava caprichando.

E que capricho, hein? Aprendi a amar cada detalhe da minha vida, a respeitar a minha

trajetória e a compreender que eu sou um testemunho de que o amor existe. Bem como acontece com os heróis, minha história veio para servir de lição. Hoje, tenho certeza de que tudo o que me aconteceu pode inspirar as pessoas, mostrando-as que podemos ser muito mais do que somos. Que as coincidências não existem e somos muito burros por desconfiar disso, por deixarmos a nossa fé fraquejar. O mundo conspira ao nosso favor, basta que façamos as escolhas certas. Essas escolhas podem ser absolutamente loucas. Podem não ser justas. Podem trazer mil consequências desfavoráveis e se tornarem muito difíceis de suportar. Não tenho dúvidas de que o amor me escolheu, mas, antes de tudo, eu sei que escolhi o amor.

Escolhi mudar a minha vida por ele.

Mais uma criança chegou enquanto eu olhava pela parede de vidro. Esperei ansioso. Uma enfermeira a colocou numa balança apropriada e anotou o seu peso. O bebê chorava, mas dali eu não podia escutar. Era uma menina. Constatei assim que a funcionária inclinou-a para lavá-la. Estava toda sujinha, tinha acabado de nascer. Dã. Óbvio, Caleb.

Não foi fácil passar pelo que passei. Não mesmo... Seria muito mais fácil se eu soubesse que tantas alegrias iriam acontecer. É só uma questão de fé, que na época não tive. Apenas por isso que foi tão difícil. Se eu tivesse cultivado um pouquinho de fé, teria certeza de que aquilo que era meu estava guardado.

Eu já estava chorando. Não apenas por pensar em tudo o que passei, mas por saber que aquele bebê, que agora estava sendo vestido com tanto cuidado, era o meu. Conhecia aquela roupinha, pois tinha entregado a bolsa do bebê a uma enfermeira e lhe mostrado onde estava tudo.

Gesticulei para a funcionária quando ela se virou na direção dos leitos. Assim que chegou bem perto, com a minha filha nos braços, apontou para uma pulseirinha, que indicava “Amande 26”. Balancei a cabeça, confirmando. E chorando ainda mais forte.

– Sofia... – murmurei, admirando a coisa mais linda que eu podia ter feito naquele mundo. Admirando a minha escolha, o meu maior desejo. O fruto do melhor que tenho em mim.

Ela tinha parado de chorar e estava tranquila, com os olhinhos fechados e a carinha toda encolhida. Todo neném tem cara de joelho assim que nasce, e a Sofia não podia ser diferente. Coloquei a mão no vidro, louco para segurá-la em meus braços. Nem me importei de estar soluçando como um retardado.

Senti alguém se aproximando. Olhei no impulso: eram os meus pais. Mamãe se abraçou comigo e ficou observando o meu mais recente amor eterno.

– É uma menina – falei bem rouco. – Sofia.

– Ela é linda! Olha, é cabeludinha! – mamãe estava muito emocionada. – Você também nasceu assim, cheio de cabelo.

– E bem preto, desse mesmo jeito – disse papai. Ele estava mais tranquilo, porém sorria de um modo animado.

A enfermeira precisou se afastar, mas deixou a Sofia em um dos leitos especiais.

Júlia apareceu dois minutos depois, avisando que a Amande passava bem e estava sendo acomodada em um dos quartos para a sua recuperação. O parto havia sido relativamente rápido e sem nenhuma complicação.

Acho que nunca me senti tão aliviado.

Não consegui desviar os olhos do vidro. Quase não cumprimentei ninguém direito: os pais da Amande haviam chegado, bem como a Paloma, a Jéssica e a Cláudia. Fabiana estava trabalhando, e

Lara participava de mais uma tomada de estúdio para uma grife. Ela tinha gostado de ser freelancer como modelo aos fins de semana. Fernando acabou aparecendo sozinho depois.

Sofia dormia calmamente, mas a calma parecia se esvair do meu corpo, dando lugar à impaciência. Piorou quando a enfermeira precisou tirá-la de lá, e fui informado depois que era para ser amamentada. Amande já estava no quarto, mas uma funcionária nos recomendou que não entrássemos todos juntos, pois era muita gente.

Acabei escolhendo a Dona Isabel, a minha mãe e a Júlia para entrarem comigo primeiro. Nada como ter todas as mulheres da minha vida em um único ambiente.

De verdade, nem sei como descrever o que foi ver a Amande deitada na cama, tendo a Sofia nos braços. Sua expressão de mãe era tão suave que devo ter me apaixonado de novo, pela milésima vez. Achei que já tinha alcançado o limite do amor, mas me surpreendi quando fui me aproximando aos poucos. Sorrindo e chorando.

Beijei os lábios da Amande. Estavam um pouco pálidos, mas achei ser algo normal. Seus olhos escuros me falaram tudo do que eu precisava ouvir, embora meus ouvidos não tivessem escutado porcaria alguma. Olhamos juntos na direção da Sofia.

– Nossa princesinha... – Amande sussurrou, e caiu no choro.

Isabel se aproximou e lhe beijou a testa, tecendo mil elogios à filha e à neta. Mamãe segurou a minha mão e não mais a largou; como sempre, estava chorando. Ju ficou nos olhando com aquela cara de “graças a mim” que eu achava hilária.

Eu amo as mulheres da minha vida. Sou um homem realizado.

Com muito medo, segurei os dedinhos da Sofia. Eram tão pequeninos! Sua pele era branca, mas não tanto quanto a minha. Será que, mais tarde, teria a coloração dourada da Amande? Tive quase certeza de que sim.

Sua mãozinha se apertou ao redor do meu dedo indicador. Quase vomitei o meu coração em cima da coitadinha. Ela estava tão empolgada sugando o bico do peito da Amande! Sorri, observando o quanto era gulosa. Alguns bebês têm dificuldade para amamentar no início, mas Sofia parecia ter nascido para tal.

– Oi, papai... – falei baixinho.

A reação dela a minha voz nos deixou calados por segundos eternos. Sofia simplesmente abriu os olhos pela primeira vez, mostrando um par de luzes azuis fortes e redondas. Meu cérebro congelou.

Amande foi a primeira a se recuperar da morte súbita:

– Ai. Meu. Deus.

Fim

Gostou do livro? Detestou? Tem algo a dizer?

Vou adorar receber seu comentário!

Facebook Despedida de Solteira: <https://www.facebook.com/pages/Despedida-de-Solteira-Mila-Wander/184148235066652?ref=hl>

Skoob Despedida de Solteira: <http://www.skoob.com.br/livro/317946-despedida-de-solteira>

Sobre a autora:

Mila Wander nasceu e mora em Recife. É pedagoga, brinquedista, maquiadora profissional e escritora. “Meu Conselheiro de Luz” foi sua primeira obra concluída e publicada em 2012. É organizadora da coletânea “Em Contos de Amor”, que será publicada em 2013, contando com a participação de quinze autores nacionais. Despedida de Solteira é o seu romance de estréia na literatura erótica.

CONTATO: camilavnw@gmail.com

Copyright© – Todos os direitos reservados. Qualquer cópia parcial ou total é proibida.